



Elizabeth Kostova

O Historiador

A você, leitor sagaz, confio a minha história...

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

"Recheado com uma rica narrativa recendendo a incenso... história, cultura e diário de viagens... um mistério inteligente e bibliófilo"

Time

"Uma mistura magistral de erudição, história, antropologia, folclore e superstição... um sucesso... impossível de largar."

Denver Post

"O romance mais esperado da temporada."

Entertainment Weekly

"Locações exóticas, enredo eletrizante, um legado familiar e sede de sangue; é difícil imaginar que os leitores não se deixem morder."

PublishersWeekly (crítica recomendada)

"A pesquisa ambiciosa e a narrativa vivaz fascinarão aqueles em busca de uma boa história, contada com maestria, impossível de esquecer."

Chicago Tribune

"Kostova pode ter superado Stoker, ou quem sabe até Hollywood... Antes de o sol se pôr agarre este livro e beba um grande gole."

USA Today

Elizabeth Kostova

O Historiador

Tradução de
M. L. N. SILVEIRA

Círculo de Leitores

Título original: THE HISTORIAN

Capa: © TWBG — Duncan Spilling

As citações de Drácula, de Bram Stoker foram extraídas da edição de 1972 da Editorial Minerva, com tradução de Mário Gonçalves.

ISBN 972-42-3530-0

Copyright 2005 by Elizabeth Kostova Esta edição é publicada com o acordo de Little, Brown and Company (Inc.), Nova Iorque Impresso e encadernado para Círculo de

Leitores

por Tilgráfica, SÁ

Rua da Amarela Ferreiros, Braga
no mês de Outubro de 2005

Número de edição: 6514

Depósito legal número 232 979/05

Para o meu pai, que primeiro me contou algumas destas histórias



A Europa da
Guerra Fria

0 100 200 300
Quilômetros

Nunca tive a intenção de passar para o papel a história que se segue. Recentemente, contudo, um inesperado conjunto de circunstâncias forçou-me a relembrear os episódios mais perturbadores da minha vida e das vidas das pessoas que mais amei. Esta é a história de como, aos dezesseis anos, parti em busca do meu pai e do seu passado, e de como ele próprio partiu em busca do seu amado mentor e da história desse mentor, e de como todos nós nos encontramos numa das mais sombrias encruzilhadas da história. É a história de quem sobreviveu a essa busca e de quem não sobreviveu, e porquê. Como historiadora que sou, aprendi que, na realidade, nem todos os que se voltam para a história do passado conseguem sobreviver-lhe. E não é só voltarmos-nos para trás que nos põe em perigo; às vezes, a própria história estende inexoravelmente para nós a sua garra tenebrosa, procurando alcançar-nos.

Nos trinta e seis anos que se seguiram à revelação desses acontecimentos, a minha vida decorreu de maneira relativamente tranquila. Dediquei o meu tempo a trabalhos académicos e a viagens de rotina, aos meus alunos e aos meus amigos, a escrever livros de natureza histórica e sobretudo impessoal, e aos assuntos da universidade na qual acabei por procurar abrigo. Ao fazer esta revisão do passado, foi uma sorte ter tido acesso à maioria dos documentos pessoais em questão, pois já estavam na minha posse há muitos anos. Quando julguei necessário, liguei-os para formar uma narrativa contínua, que de vez em quando tive de completar com as minhas próprias reminiscências. Embora tenha apresentado as primeiras histórias que o meu pai me contou da maneira como foram narradas de viva voz, também me apoiei profusamente nas suas cartas, algumas das quais repetiam essas narrativas orais.

Além de reproduzir essas fontes quase na totalidade, aventurei-me por todos os caminhos possíveis de recolha e pesquisa, revisitando por vezes um lugar para refrescar passagens mais adormecidas da minha memória. Um dos maiores prazeres deste empreendimento foram as entrevistas em alguns casos, a correspondência com os poucos estudiosos ainda vivos que estiveram envolvidos nos fatos aqui relatados. As suas memórias acrescentaram um complemento inestimável às minhas outras fontes. O meu texto também beneficiou com as contribuições de jovens especialistas de diversas áreas.

Houve um recurso final de que lancei mão quando necessário a imaginação. Fi-lo com rigoroso cuidado, imaginando para o meu leitor apenas o que já sei ser muito provável e, assim mesmo, apenas quando uma especulação razoável ajudar a inserir esses documentos no seu devido contexto. Nas ocasiões em que não fui capaz de explicar acontecimentos ou motivos, deixei-os sem explicação, respeitando as suas realidades ocultas. A história mais distante dentro desta história foi pesquisada com o mesmo cuidado que usaria para qualquer texto académico. Ao leitor moderno, vão parecer dolorosamente familiares

vislumbres de conflitos religiosos e territoriais entre um Oriente islâmico e um Ocidente judaico-cristão.

Ser-me-ia difícil agradecer de modo adequado a todos aqueles que me ajudaram neste projeto, mas gostaria de citar pelo menos alguns. A minha profunda gratidão aos que se seguem, entre muitos outros: doutor Radu Georgescu do Museu Arqueológico da Universidade de Bucareste, doutora Ivanka Lazarova da Academia Búlgara de Ciências, doutor Petar Stoichev da Universidade de Michigan, a incansável equipa da Biblioteca Britânica, os bibliotecários do Museu Literário e Biblioteca Rutherford de Filadélfia, o padre Vasil do Mosteiro Zographou no monte Athos e o doutor Turgut Bora da Universidade de Istambul.

A minha maior esperança ao tornar pública esta história é que seja possível encontrar pelo menos um leitor que a compreenda pelo que de fato é: um *m de coeur*. A si, leitor sensível, confio a minha história.

Oxford, Inglaterra
15 de Janeiro, 2005

Parte I



Compreender-se-á claramente, pela leitura destes apontamentos, a razão por que foram colocados na ordem que apresentam. E eliminaram-se as coisas desnecessárias, de modo a que surgisse como fato verdadeiro uma história quase em completo desacordo com as crenças habituais.

Não há nenhuns pormenores em que a memória corresse perigo de se enganar, pois tudo foi anotado dia a dia e por aqueles que o podiam testemunhar.

Bram Stoker, DRÁCULA, 1897

Em 1972 eu tinha dezesseis anos demasiado jovem, dizia o meu pai, para viajar com ele nas suas missões diplomáticas. Ele preferia saber que eu estava sentada a seguir atentamente as aulas na Escola Internacional de Amsterdã; naquela época, a sede da fundação do meu pai era em Amsterdã, onde eu morava há já tanto tempo que quase esquecera a nossa vida anterior nos Estados Unidos. Hoje, acho estranho ter sido tão obediente na minha adolescência, enquanto a minha geração experimentava drogas e protestava contra a guerra imperialista no Vietnã, mas fui criada num ambiente tão resguardado que fez a minha vida adulta e académica parecer decididamente aventureira. Para começar, era órfã de mãe, e os cuidados que o meu pai tinha comigo foram aumentados por uma dupla noção de responsabilidade, de modo que ele me protegia mais do que se as circunstâncias fossem outras. A minha mãe morreu quando eu era bebê, antes de o meu pai fundar o Centro para a Paz e a Democracia. O meu pai nunca falava dela; esquivava-se discretamente sempre que eu fazia perguntas; muito cedo compreendi que era demasiado doloroso para ele tocar nesse assunto. Em contrapartida, cuidava muito bem de mim com a ajuda de diversas preceptoras e governantas que contratou com esse fim o dinheiro não era obstáculo quando se tratava da minha educação, apesar de vivermos com simplicidade no dia-a-dia.

A última dessas governantas foi Mrs. Clay, que tomava conta da nossa casa holandesa do século dezessete perto do *Raamgracht*, um canal no centro histórico da cidade. Mrs. Clay abria-me a porta todos os dias quando eu chegava da escola e era uma espécie de parente quando o meu pai viajava, o que acontecia com frequência. Era inglesa, mais velha do que a minha mãe teria sido, hábil com um espanador de pó e desajeitada com adolescentes; às vezes, olhando para o rosto dela durante o jantar e vendo a sua expressão de pena exagerada e os dentes demasiado compridos, tinha a impressão de que ela pensava na minha mãe e detestava-a por causa disso. Quando o meu pai estava fora, a linda casa ecoava como se estivesse vazia. Não havia ninguém para me ajudar com os problemas de álgebra, ninguém para admirar o meu casaco ou pedir-me um abraço, nem para se admirar de como eu estava a ficar alta. Quando o meu pai voltava de algum daqueles lugares cujos nomes estavam escritos no mapa da Europa que fora pendurado na parede da nossa sala de jantar, cheirava a outros tempos e lugares, um cheiro pungente e cansado. Passávamos as férias em Paris ou Roma, a visitar e a estudar diligentemente tudo o que o meu pai achava que eu deveria ver, mas eu suspirava por aqueles outros lugares para onde ele desaparecia, aqueles estranhos lugares antigos onde eu nunca estivera.

Quando ele partia, eu ia e voltava da escola, atirando os meus livros com estrépito para cima da mesa polida da entrada. Nem Mrs. Clay nem o meu pai me deixavam sair à noite exceto para um cinema de vez em quando, para ver um filme cuidadosamente aprovado, com amigos aprovados com igual cuidado, e para meu espanto, agora que recorro esse

tempo nunca trocei dessas regras. Talvez a razão principal tenha sido o fato de eu preferir a solidão; era o elemento em que fora criada e no qual me sentia à vontade. Sobressaía nos estudos mas não na vida social. As raparigas da minha idade apavoravam-me, especialmente as sofisticadas do nosso meio diplomático, que falavam com desenvoltura e fumavam sem parar, perto delas, achava sempre que o meu vestido era comprido de mais, ou curto demais, ou que deveria ter vestido algo totalmente diferente. Os rapazes desorientavam-me, embora sonhasse vagamente com homens. Na verdade, ficava mais feliz sozinha na biblioteca do meu pai, uma bela e ampla divisão no rés-do-chão da nossa casa.

É possível que a biblioteca do meu pai tivesse sido anteriormente uma sala de estar, mas ele sentava-se apenas para ler e considerava uma ampla biblioteca mais importante do que uma ampla sala de estar. Há muito tempo que ele me dera livre acesso a sua coleção de livros. Durante as suas ausências, eu passava horas a fazer os trabalhos de casa na mesa de mogno ou a passar os olhos pelas estantes que cobriam todas as paredes. Compreendi mais tarde que o meu pai esquecera em parte o que se encontrava nas prateleiras superiores ou o mais provável presumira que eu jamais conseguiria alcançá-las; e, certa noite, não só trouxe para baixo uma tradução do *Kama Sutra*, como também um livro muito mais antigo e um envelope cheio de papéis amarelados.

Até hoje não sei dizer o que me fez tirá-los de lá. Mas a figura no centro da capa do livro, o cheiro a antigo que o volume exalou e a descoberta de que os papéis eram cartas pessoais, tudo atraiu fortemente a minha atenção. Sabia que não devia examinar os papéis particulares do meu pai, ou de quem quer que fosse, e também receava que Mrs Clay pudesse aparecer de repente para limpar o pó a mesa já limpíssima — deve ter sido isto o que me fez olhar por cima do ombro para a porta. No entanto, não consegui deixar de ler o primeiro parágrafo da carta que se encontrava no cimo da pilha, segurando-a por alguns minutos enquanto estava parada junto às estantes.

*12 de Dezembro, 1930 Trinity College, Oxford
Meu caro e desventurado sucessor:*

É com pesar que o imagino, quem quer que seja, a ler o relato que me sinto na obrigação de registrar nesta carta. O pesar é em parte por mim próprio porque estarei no mínimo em dificuldades, talvez morto, ou pior, se esta carta estiver nas suas mãos. Mas o pesar é também por si, meu amigo ainda desconhecido, porque só por alguém que precise de uma informação tão odiosa esta carta será lida um dia. Se não é o meu sucessor em qualquer outro sentido, será em breve meu herdeiro e lamento ter de legar a outro ser humano a minha talvez inacreditável experiência pessoal com o mal. Por que motivo fui eu a herdá-la, não sei, mas espero acabar por descobrir talvez enquanto lhe escrevo ou talvez no decorrer de acontecimentos futuros.

Nesse ponto, o meu sentimento de culpa e algo mais, também — fez-me voltar a colocar apressadamente a carta no seu envelope, mas pensei nela o dia inteiro e ainda no

dia seguinte. Quando o meu pai voltou da sua última viagem, procurei uma oportunidade para lhe perguntar sobre as cartas e sobre o estranho livro. Esperei por uma ocasião em que ele estivesse disponível, em que ficássemos sozinhos, mas ele esteve muito ocupado naqueles dias e alguma coisa relacionada com o que tinha encontrado fazia com que eu hesitasse em aproximar-me dele. Finalmente, pedi-lhe que me levasse na sua próxima viagem. Era a primeira vez que eu lhe escondia alguma coisa e a primeira vez que insistia em fazer alguma coisa.

Relutantemente, o meu pai concordou. Conversou com os meus professores e com Mrs. Clay, lembrou-me de que eu teria tempo suficiente para os trabalhos de casa enquanto ele estivesse nas suas reuniões. Não me surpreendi; os filhos dos diplomatas estão habituados a esperar. Fiz a minha mala azul-marinho, levando os meus livros escolares e demasiados pares de meias pelo joelho. Em vez de sair para a escola naquela manhã, parti com o meu pai, andando ao lado dele, calada e alegre, rumo à estação. Um comboio levou-nos até Viena; o meu pai detestava aviões, que alegava tirarem à viagem a sensação de viajar. Lá, passamos uma curta noite num hotel. Noutro comboio, atravessamos os Alpes para além de todas as elevações azuis e brancas do nosso mapa de casa. À saída de uma empoeirada estação amarela, o meu pai arrancou no nosso carro alugado e eu sustive a respiração até nos depararmos com os portões de uma cidade que ele me descrevera tantas vezes que já a via em sonhos.

O Outono chega cedo no sopé dos Alpes Eslovenos. Antes mesmo de Setembro, as colheitas abundantes são seguidas de uma chuvada repentina e intensa que dura muitos dias e faz cair as folhas das árvores nas ruas das aldeias.

Hoje, aos cinquenta anos de idade, dou por mim deambulando de tempos a tempos por essas paragens, revivendo a minha primeira visão do campo esloveno. É uma terra antiga. A cada Outono amadurece um pouco mais, *aeternum*, e cada um deles começa com as mesmas três cores: uma paisagem verde, duas ou três folhas amarelas caindo numa tarde cinzenta. Imagino que os Romanos que deixaram ali as suas muralhas e as suas arenas colossais no litoral, para oeste — tenham visto o mesmo outono e sentido o mesmo arrepio. Quando o carro do meu pai passou pelos portões da mais antiga das cidades julianas, dei um abraço a mim mesma. Pela primeira vez, fui acometida pela excitação do viajante que olha de frente o rosto subtil da história.

Por ser essa a cidade onde a minha história começa, vou chamar-lhe Emona, o seu nome romano, para a proteger um pouco do tipo de turistas que andam atrás de desgraças com um guia na mão. Emona foi construída sobre pilares da Idade do Bronze, ao longo de um rio hoje ladeado por arquitetura *art-nouveau*. Durante os dois dias seguintes iríamos passear, passando pela mansão do presidente da Câmara, por residências do século dezessete adornadas *comfleurs-de-lys* prateadas e pela sólida parede dourada do edifício de um grande mercado, cujos degraus começavam junto a velhas portas fortemente trancadas e desciam até a superfície da água. Durante séculos, cargas de mercadorias

transportadas pelo rio tinham sido levadas para aquele lugar para alimentar a cidade e, onde outrora cabanas primitivas haviam proliferado nas margens, cresciam agora sicómoros os plátanos europeus, formando uma imensa cintura acima dos paredões do rio, e soltavam pedaços encaracolados das suas cascas na corrente.

Perto do mercado, a praça principal da cidade abria-se sob o céu pesado. Emona, como as suas irmãs do Sul, exibia florões de um passado camaleónico: *art déco* vienense no alto, na silhueta dos prédios contra o céu; grandes igrejas vermelhas da Renascença dos seus católicos de língua eslovena; capelas medievais escuras com grossos contrafortes e formas típicas das Ilhas Britânicas. (São Patrício mandou missionários para esta região, fechando círculo do novo credo ao voltar às suas origens mediterrânicas, de modo que a cidade se orgulha de ter uma das mais antigas histórias cristãs da Europa.) Aqui e ali, um elemento otomano salientava-se num batente de porta ou na moldura pontiaguda de uma janela. Perto do mercado, os sinos de uma pequena igreja austríaca chamavam para a missa vespertina. Homens e mulheres vestidos com idênticos casacos azuis de algodão caminhavam de regresso para casa no fim de mais um dia de trabalho socialista, segurando guarda-chuvas sobre os seus embrulhos. Ao aproximarmo-nos do centro de Emona no nosso carro, atravessamos uma linda ponte antiga, guardada em cada extremidade por dragões de bronze esverdeados.

— Lá está o castelo — disse o meu pai, abrandando a marcha na orla da praça e apontando para cima através de um véu de chuva. — Já sei que vais querer vê-lo.

Queria mesmo. Estiquei-me e estendi o pescoço até vislumbrar o castelo por entre os galhos encharcados de uma árvore torres castanhas carcomidas numa elevação íngreme no centro da cidade.

— Século catorze — disse o meu pai, pensativo. — Ou será treze? Não sou muito bom com estas ruínas medievais, pelo menos ao ponto de acertar no século exato. Mas as havemos de ver no guia.

— Podemos ir até lá e explorá-lo?

— Vamos saber depois das minhas reuniões de amanhã. Aquelas torres não devem aguentar sequer o peso de um passarinho, mas nunca se sabe.

Estacionou o carro perto da Câmara Municipal e ajudou-me a sair do banco do passageiro, galante, a mão ossuda dentro da luva de couro.

— É um pouco cedo para nos registarmos no hotel. Queres tomar um chá quente? Ou podemos lanchar naquela *gastronomia*. Está a chover com mais intensidade — acrescentou, indeciso, olhando para o meu casaco e a minha saia de lã. Peguei rapidamente no impermeável com capuz que ele me trouxera de Inglaterra no ano anterior. A viagem de comboio de Viena demorara quase um dia e eu já estava outra vez com fome, apesar do nosso almoço no vagão-restaurante.

Mas não foi a *gastronomia*, com as suas luzes vermelhas e azuis a brilhar debilmente através da janela encardida, as criadas de mesa com sandálias azul-marinho de plataforma

e a indiscutível e carrancuda imagem do Camarada Tito, que nos atraiu. Abrindo caminho entre os transeuntes molhados da chuva, o meu pai começou a andar em frente.

— Vamos!

Segui-o a correr, com as abas do capuz a baterem-me no rosto, quase a taparem-me a vista. Ele tinha avistado a entrada de uma casa de chá *art-nouveau*, uma grande janela decorada com desenhos de arabescos e cegonhas a voar entre eles, portas de bronze esverdeadas com a forma de centenas de caules de lírios. As portas fecharam-se pesadamente atrás de nós e a chuva transformou-se em névoa, vapor na janela, vista através dos pássaros prateados como uma mancha de água.

— É incrível isto ter sobrevivido nestes últimos trinta anos — disse o meu pai, enquanto tirava o seu impermeável London Fog. — O socialismo nem sempre é tão benevolente com os seus tesouros.

Numa mesa perto da janela, tomamos chá com limão, escaldante nas chávenas grossas, comemos sardinhas em pão branco com manteiga e até umas fatias de torta.

— É melhor pararmos por aqui — disse o meu pai.

Ultimamente, eu passara a não gostar daquela forma que ele tinha de soprar o chá uma e outra vez para o arrefecer, e também a recear o inevitável momento em que ele dizia que deveríamos parar de comer, parar de fazer qualquer coisa agradável e nos pouparmos para o jantar. Olhando para ele, bem vestido com o seu casaco de *tweed* e camisola de gola alta, senti que negara a si próprio qualquer aventura na vida com exceção da diplomacia, que o consumia inteiramente. Teria sido mais feliz se vivesse um pouco a vida, pensei, para ele, tudo era demasiado sério.

Mas fiquei calada, porque sabia que ele detestava as minhas críticas e porque tinha uma coisa para lhe perguntar. Tinha de o deixar acabar primeiro o seu chá, e assim recostei-me na cadeira, mas apenas o suficiente para que o meu pai não me pedisse para, por favor, me sentar com as costas direitas. Pela janela salpicada de prata via uma cidade molhada, melancólica no final da tarde, e pessoas passando apressadas sob uma chuva que caía horizontalmente. A casa de chá, que deveria estar cheia de senhoras com vestidos compridos de gaze cor de marfim ou de cavalheiros com barbas pontiagudas e casacos com golas de veludo, estava vazia.

Não me tinha apercebido de como a viagem de carro me cansou o meu pai pousou a sua chávena e apontou para o castelo, que mal se distinguia através da chuva. Foi daquela direção que viemos, do outro lado daquela colina.

— Vamos poder ver os Alpes lá do alto.

Lembrei-me das montanhas de encostas nevadas e senti que elas respiravam por cima daquela cidade. Estávamos agora juntos e sozinhos do lado oposto delas. Hesitei, respire fundo.

— Pode contar-me uma história?

As histórias eram um dos mimos que o meu pai sempre proporcionara à sua filha sem

mãe; algumas tirava-as da sua agradável infância em Boston e outras das suas viagens exóticas. Outras ainda, inventava-as para mim no momento, mas nos últimos tempos eu cansara-me destas, achando-as menos surpreendentes do que em tempos pensara.

— Uma história sobre os Alpes? — perguntou o meu pai.

— Não — e senti uma inexplicável onda de medo. — Encontrei uma coisa sobre a qual gostaria de lhe fazer uma pergunta.

Ele virou-se e olhou para mim com brandura, as sobrancelhas grisalhas arqueando-se por cima dos olhos cinzentos.

— Foi na sua biblioteca — disse eu. — Desculpe, mas.. eu estava a bisbilhotar e encontrei uns papéis e um livro. Não olhei... muito.. para os papéis. Pensei que...

— Um livro? — o tom era ainda brando, ele olhava para o fundo da sua chávena de chá a procura de uma última gota, parecia não estar a prestar muita atenção.

— Pareciam... o livro era muito velho, com a imagem de um dragão no centro.

Ele inclinou-se para a frente, ficou muito quieto e depois estremeceu visivelmente. Aquele estranho gesto pôs-me imediatamente alerta. Se houvesse uma história, seria diferente de todas as outras que ele me contara. Lançou-me um olhar de relance por baixo das sobrancelhas e espantei-me ao ver como parecia abatido e triste.

— Ficou zangado? — agora, era eu que olhava para o fundo da minha chávena.

— Não, querida — suspirou profundamente, desgostoso. A pequena criadinha loira encheu-nos de novo as chávenas, mas ele ainda demorou bastante para começar a falar.

— Como sabes — disse o meu pai —, antes do teu nascimento, eu dava aulas numa universidade americana. Antes disso, estudei durante muitos anos para ser professor. A princípio, achava que iria estudar literatura. Então, descobri que gostava mais das histórias verdadeiras do que das imaginárias. Todas as histórias literárias que lia me levavam a uma espécie de... exploração... da História. E assim acabei por me render a ela. E fico muito satisfeito por também te interessares por História.

"Numa noite de Primavera, quando eu ainda era estudante de pós-graduação, estava no meu compartimento de estudos na biblioteca da universidade, sentado sozinho, já muito tarde, entre fileiras e fileiras de livros. Ao levantar os olhos do meu trabalho, notei que alguém havia deixado um livro cuja lombada nunca vira no meio dos meus livros, que ficavam numa prateleira acima da minha escrivaninha. A lombada desse livro mostrava um pequeno dragão de desenho elegante, verde sobre um fundo de couro claro.

Não me lembrava de ter visto aquele livro ali ou em qualquer outro lugar, por isso peguei nele e folheei-o sem pensar muito. A encadernação era de couro macio, esmaecido, e as páginas pareciam muito antigas. Abriu-se com facilidade, justamente no meio. Ocupando essas duas páginas centrais, vi uma xilogravura com a imagem de um dragão de asas abertas e uma comprida cauda enrolada, uma fera à solta, enraivecida, as garras à mostra. Das garras do dragão pendia um estandarte no qual havia uma única palavra escrita em caracteres góticos: DRÁKULA.

Reconheci logo a palavra e pensei no romance de Bram Stoker, que ainda não tinha lido, e nessas noites da minha infância, no cinema do bairro, com Bela Lugos contemplando o alvo pescoço de alguma estrela de cinema de então. Mas a grafia da palavra era estranha e o livro visivelmente muito antigo. Além disso, eu era um acadêmico, profundamente interessado na História europeia e, depois de olhar para aquilo por alguns segundos, lembrei-me de algo que lera. O nome derivava da raiz latina significando dragão ou demônio, o título honorífico de Vlad Tepes — o Empalador — da Valáquia, um senhor feudal da região dos Cárpatos que torturava os seus súbditos e prisioneiros de guerra de formas incrivelmente cruéis. Eu estava a estudar o comércio na Amsterdã do século dezessete, portanto não havia razão para um livro sobre aquele assunto estar metido entre os meus, e concluí que fora deixado ali por acaso, talvez por alguém que estivesse a trabalhar sobre a história da Europa Central ou sobre símbolos feudais.

Folheei o resto das páginas quando se lida com livros o dia inteiro, cada livro novo que aparece é um amigo e uma tentação. Para minha surpresa, o resto do livro todas aquelas belas páginas antigas, cor de marfim estava totalmente em branco. Não havia sequer uma página com o título, muito menos informações sobre onde e quando o livro fora impresso, mapas, páginas de guarda ou outras ilustrações. Não tinha o carimbo da biblioteca da universidade, nem qualquer ficha, selo ou etiqueta.

Depois de contemplar o livro por mais alguns minutos, pousei-o na minha escrivaninha e desci para examinar o ficheiro no rés-do-chão. Havia de fato uma ficha temática para "Vlad III ("Tepes") da Valáquia, 1431-1476 *Vetambém* Valáquia, Transilvânia, e Drácula". Pensei que devia começar por procurar um mapa; depressa descobri que a Valáquia e a Transilvânia eram duas antigas regiões situadas onde hoje fica a Romênia. A Transilvânia parecia muito mais montanhosa, com a Valáquia a limitá-la a sudoeste. Nas estantes, encontrei o que parecia ser a única fonte da biblioteca sobre o assunto, uma estranha tradução de 1890 para o Inglês de uns folhetos sobre "Drakula". Os folhetos originais tinham sido impressos em Nuremberg nas décadas de 1470 e 1480, alguns anos antes da morte de Vlad. A referência a Nuremberg deu-me um calafrio; poucos anos antes, acompanhara atentamente os julgamentos dos líderes nazis ali realizados. Tinha menos um ano que a idade mínima exigida para entrar na guerra quando esta acabou e interessei-me pelas suas consequências com todo o fervor dos excluídos. O volume de folhetos tinha um frontispício, uma xilogravura tosca do busto de um homem, um homem de pescoço taurino e olhos negros e fundos, bigode comprido e um chapéu enfeitado com uma pluma. A imagem era surpreendentemente vívida, tendo em conta o método primitivo de impressão.

Sabia que devia prosseguir o meu trabalho, mas não pude deixar de ler o começo de um dos folhetos. Tratava-se de uma lista dos crimes de Drácula contra o seu próprio povo e contra alguns outros grupos também. Sou ainda capaz de repetir de cor o que dizia essa lista, mas prefiro não o fazer era extremamente perturbador. Fechei o pequeno volume com um gesto brusco e voltei para o meu local de estudo. O século dezessete ocupou-me a atenção até quase à meia-noite. Deixei o estranho livro fechado em cima da escrivaninha, na esperança de que o seu dono o encontrasse ali no dia seguinte, e fui para casa dormir.

Na manhã seguinte, tinha uma reunião. Estava cansado da longa noite anterior mas, no fim das aulas, bebi duas chávenas de café e voltei à minha pesquisa. O livro antigo ainda lá estava, agora aberto e exibindo o turbulento dragão. Depois da minha curta noite de sono e do café que me serviu de almoço, aquilo deu-me a volta à cabeça, como se dizia nos romances antigos. Olhei de novo para o livro, com mais cuidado. A imagem central era sem dúvida uma xilogravura, talvez um desenho medieval, um excelente trabalho do gênero. Achei que o livro devia ser valioso do ponto de vista financeiro, ou talvez tivesse valor pessoal para algum estudioso, já que era óbvio que não se tratava de um livro da biblioteca.

Entretanto, no estado de espírito em que me encontrava, não gostei de o ver ali. Fechei o livro com uma certa impaciência e sentei-me para escrever sobre guildas de comerciantes até ao final da tarde. Ao sair da biblioteca, parei no balcão da entrada e entreguei o livro, explicando o que acontecera. O bibliotecário prometeu colocá-lo no armário dos achados e perdidos.

As oito horas da manhã seguinte, quando entrei no meu compartimento para trabalhar um pouco mais no meu tema, lá estava o livro outra vez em cima da escrivaninha, aberto e

exibindo a sua única e terrível ilustração. Desta vez, aborreci-me e achei que o bibliotecário me entendera mal. Coloquei rapidamente o livro numa das minhas prateleiras e passei o dia inteiro sem me permitir olhar para ele. No fim do dia, tinha um encontro com o meu orientador e, ao recolher os meus papéis para os examinarmos juntos, peguei no livro misterioso e acrescentei-o à pilha. Foi um impulso; não pretendia ficar com ele, mas o professor Rossi gostava de mistérios históricos e imaginei que pudesse diverti-lo. Além disso, talvez ele conseguisse identificá-lo, com os seus vastos conhecimentos sobre a história da Europa.

Eu tinha o hábito de me encontrar com Rossi no fim da sua aula da tarde e gostava de me esgueirar para dentro da sala antes que ele acabasse, para o ver em acção. Naquele semestre, estava a dar um curso sobre o Mediterrâneo antigo e eu acompanhara o final de várias das suas palestras, todas brilhantes e teatrais, imbuídas do seu grande talento para a oratória. Desta vez, sentei-me discretamente numa cadeira do fundo a tempo de o ouvir concluir uma discussão sobre o restauro do palácio minóico de Creta por *Sir Arthur Evans*. A sala, um enorme auditório que comportava quinhentos alunos, estava mergulhada na penumbra. O silêncio era digno de uma catedral. Ninguém se mexia, todos os olhares estavam fixos na sua elegante figura.

Rossi estava sozinho no palco iluminado. Às vezes, andava de um lado para o outro, explanando idéias em voz alta como se estivesse a ruminar para si mesmo na privacidade do seu gabinete. De vez em quando, parava repentinamente, fixando os seus alunos com um olhar intenso, um gesto eloquente, uma declaração surpreendente. Ignorava o estrado, desdenhava os microfones e nunca usava anotações, embora uma vez por outra mostrasse *slides*, dando pancadinhas secas com um ponteiro na tela imensa para reforçar a sua argumentação. Em certas ocasiões, ficava tão entusiasmado que levantava os dois braços e atravessava metade do palco a correr. Contava-se que certa vez chegara a cair da frente do palco num arroubo sobre o florescimento da democracia grega e voltara a subir sem perder o fio à meada. Nunca me atrevi a perguntar-lhe se isso era verdade.

Naquele dia, estava pensativo, caminhando de lá para cá com as mãos atrás das costas.

— *Sir Arthur Evans*, façam o favor de se lembrar, restaurou o palácio do rei *Minos* em *Cnossos* em parte de acordo com o que lá encontrou e em parte de acordo com a sua própria imaginação, com a sua visão de como teria sido a civilização minóica.

Olhou fixamente para a abóbada acima de nós.

— Os registos eram escassos e ele estava a lidar principalmente com mistérios. Em vez de se colar a uma exatidão limitativa, usou a imaginação para criar um estilo de palácio de uma veracidade emocionante e falsa. Estaria errado ao agir assim?

E fez uma pausa, olhando com um ar quase melancólico para o mar de cabeças despenteadas, poupas, cortes à escovinha, casacos deliberadamente surrados e jovens e graves rostos masculinos (lembra-te que na época só os rapazes iam para uma universidade como aquela, ao passo que tu, querida filha, provavelmente vais poder matricular-te onde

quiseres). Quinhentos pares de olhos estavam voltados para ele.

— Vou deixá-los refletir sobre esta questão.

Rossi sorriu, virou-se abruptamente e afastou-se da ribalta.

Todos respiraram fundo; os alunos começaram a conversar e a rir, a reunir os seus pertences. Rossi costumava ir sentar-se na beira do palco depois da palestra, e alguns dos seus discípulos mais ávidos acorriam para lhe fazerem perguntas a que ele respondia com seriedade e bom humor até o último aluno ir embora, e então eu aproximava-me para o cumprimentar.

— Paul, meu amigo! Vamos subir e falar holandês! — deu-me uma pancadinha afectuosa no ombro e saímos juntos.

O gabinete de Rossi divertia-me sempre porque contrariava o padrão do gabinete do professor lunático: os livros alinhavam-se em ordem nas prateleiras, uma pequena cafeteira muito moderna junto à janela satisfazia-lhe o vício do café, plantas que nunca ficavam sem água enfeitavam a secretária e ele próprio estava sempre vestido com esmero, com as suas calças de *tweed* e camisa e gravata impecáveis. O seu rosto tinha traços nitidamente ingleses, bem marcados, e olhos intensamente azuis; contou-me certa vez que do seu pai, um imigrante toscano que fora para o Sussex, herdara apenas o amor pela boa comida.

Olhar para o rosto de Rossi era vislumbrar um mundo tão definido e ordenado como o render da guarda no palácio de Buckingham.

A sua cabeça era outra coisa completamente diferente. Mesmo depois de quarenta anos de rigoroso autodidatismo, fervia com os vestígios do passado, fervilhava com o que não fora explicado. A sua produção enciclopédica há muito que lhe granjeara louvores num mundo editorial muito mais amplo do que a imprensa académica. Assim que terminava um trabalho, voltava-se para outro, muitas vezes mudando abruptamente de direção. Como resultado, era procurado por alunos de inúmeras disciplinas, e fui considerado uma pessoa de sorte por ter conseguido que orientasse a minha tese. Era também o amigo mais amável e caloroso que já tivera.

— Muito bem — disse ele, ligando a cafeteira e fazendo sinal para que eu me sentasse, — como vai a obra?

Coloquei-o a par de várias semanas de trabalho e tivemos uma rápida discussão sobre o comércio entre Utreque e Amsterdã no início do século dezessete. Serviu o seu excelente café em chávenas de porcelana e ambos nos recostamos nas nossas cadeiras, ele atrás da sua grande secretária. O aposento estava banhado pela agradável luminosidade que ainda persistia àquela hora, cada dia mais tarde, agora que a Primavera se instalara. Então lembrei-me do meu livro antigo.

— Trouxe-lhe uma curiosidade, Ross. Alguém deixou por engano uma coisa bastante mórbida no meu canto de estudos na biblioteca há dois dias e resolvi trazer-lha para dar uma olhadela.

— Deixe-me ver. — Pousou a delicada chávena e estendeu a mão para pegar no meu

livro. — Boa encadernação. Este couro pode ser até algum tipo de velino pesado. E tem uma estampa em relevo na lombada. — Algo na lombada do livro tornou-lhe sombrio o olhar habitualmente claro.

— Abra-o — sugeri.

Não compreendia o motivo da súbita palpação do meu coração enquanto esperava que ele repetisse a minha experiência de encontrar o livro quase todo em branco. Este abriu-se nas suas mãos treinadas exatamente no centro. De onde eu estava, não via o que ele estava a ver atrás da secretária, mas via-o ver. O rosto ficou de repente sério com uma expressão imóvel, que eu desconhecia. Folheou o livro para a frente e para trás, como eu fizera, mas a seriedade não se transformou em surpresa.

— Sim, vazio. — Pousou-o aberto sobre a secretária. — Todo em branco.

— Não é esquisito? — O meu café estava a ficar frio na chávena que eu segurava.

— É muito antigo. Mas não está em branco apenas por estar inacabado. Está apenas ostensivamente em branco para dar destaque à gravura do centro.

— Pois é, como se a criatura no meio tivesse devorado tudo à sua volta. — Comecei a frase num tom frívolo, mas acabei-a devagar, pausado.

Rossi não conseguia tirar os olhos da imagem central aberta diante dele. Por fim, fechou o livro com firmeza e mexeu o café sem o beber.

— Onde é que arranjou isto?

— Bem, como lhe disse, alguém o deixou sem querer na minha mesa na biblioteca há dois dias. Acho que devia ter levado o livro imediatamente para a seção de Livros Raros mas, para ser sincero, acredito que pertença a alguém, por isso não o levei.

— Ah, e é verdade — disse Rossi, encarando-me, — pertence mesmo a alguém.

— Quer dizer que sabe de quem é?

— Sei. É seu.

— Não, não é isso, eu só o encontrei na minha... — A expressão do seu rosto fez-me parar. Parecia dez anos mais velho, talvez por algum efeito especial da luz crepuscular na janela. — O que quer dizer, como pode ser meu?

Rossi levantou-se lentamente e dirigiu-se a um canto do gabinete atrás da secretária, subindo dois degraus da escadinha de biblioteca para tirar um pequeno volume escuro. Ficou parado a olhar para ele um instante, como se hesitasse em dar-mo. Então, entregou-me o livro.

— O que acha disto?

O livro era pequeno, revestido de um veludo castanho de aspecto antigo, semelhante a um missal ou Livro de Horas, sem nada na lombada ou na capa que lhe conferisse alguma identidade. Possuía um fecho cor de bronze que se deslocava com uma leve pressão. O livro abriu-se ao meio por si só. Ali, espalhado no centro, estava o meu e digoo meu dragão, dessa vez derramando-se para além das margens das páginas, garras de fora, o bico selvagem aberto mostrando as presas, e com a mesma palavra, na mesma escrita gótica, no

mesmo estandarte.

— É claro — dizia Rossi — que tive tempo e mandei identificar isso. É um desenho originário da Europa Central, impresso por volta de 1512, portanto o texto poderia muito bem ter sido composto com tipos móveis, se na verdade tivesse algum texto.

Folheei lentamente as folhas delicadas. Sem títulos nas primeiras páginas, isso já eu sabia.

— Que estranha coincidência.

— Tem manchas de água salgada atrás, talvez por causa de alguma travessia do mar Negro. Nem o *Smithsonian* foi capaz de me dizer o que aconteceu durante as suas viagens. Porque, sabe, eu dei-me ao trabalho de o submeter a uma análise química. Custou-me trezentos dólares saber que esse livro, num determinado momento, esteve num local intensamente impregnado de pó de pedra, provavelmente antes de 1700. Também fui até Istambul para tentar aprender mais sobre as suas origens Mas o mais estranho de tudo foi a maneira como adquiri esse livro.

Estendeu a mão e apressei-me a devolver-lhe o livro, antigo e frágil como era.

— Onde o comprou?

Encontrei-o na minha escrivaninha quando era estudante universitário.

Senti um calafrio, mas disfarcei-o.

— Na sua escrivaninha?

— No meu compartimento de estudos na biblioteca. Também tínhamos isso. O costume remonta aos mosteiros do século dezessete.

— Onde é que.. de onde é que ele veio? Recebeu-o de presente?

— Talvez. — Rossi sorriu de modo estranho. Parecia esforçar-se por controlar uma emoção difícil — Quer mais café?

— Sim, acho que quero — disse eu, com a garganta seca.

— As minhas tentativas para encontrar o dono fracassaram, e a biblioteca não conseguiu identificá-lo. Mesmo a Biblioteca do Museu Britânico nunca tinha visto nenhum igual e ofereceu-me uma soma considerável por ele.

— Mas não quis vendê-lo.

— Não. Gosto de enigmas, como sabe. Qualquer acadêmico que se preza gosta. É a recompensa do ofício, olhar a História nos olhos e dizer: "Sei quem és. A mim não me enganas."

— Então, de que se trata? Acha que este exemplar maior foi feito pelo mesmo impressor ao mesmo tempo?

Ele tamborilou os dedos no peitoril da janela.

— Não tenho pensado muito no assunto nestes últimos anos, para dizer a verdade. Ou procurei não pensar, embora de certa forma. sinta a presença dele ali, atrás do meu ombro. — E fez um gesto para a fenda escura e vazia entre os outros livros. — Aquela prateleira de cima é a minha fila de fracassos. E das coisas em que prefiro não pensar.

— Bem, talvez agora que eu trouxe um companheiro para ele, consiga encaixar melhor as peças. É impossível os livros não estarem relacionados um com o outro.

— É impossível não estarem relacionados — repetiu ele, um eco vazio de senado, mesmo vindo através do ruído do café fresco a passar na cafeteira.

A impaciência e uma ligeira sensação febril que eu sentia com frequência naqueles dias, por causa da falta de sono e do cansaço mental, fizeram-me pressioná-lo.

— E a sua pesquisa? Para além da análise química Disse que tentou descobrir mais coisas...

— Tentei descobrir mais coisas. — Sentou-se de novo e pousou as duas mãos, pequenas e práticas, de cada lado da chávena de café. — Acho que lhe devo mais do que uma história — disse em voz baixa. — Talvez uma espécie de pedido de desculpas vai ver porquê, apesar de nunca ter desejado conscientemente deixar um legado como este a nenhum dos meus alunos. Ou à maior parte deles, admito. — E sorriu de modo afetuosos. — Mas triste, pareceu-me. Decerto já ouviu falar de Vlad Tepes o Empalador?

— Sim, Drácula. Um senhor feudal da região dos Cárpatos, também conhecido com Bela Lugosi.

— O próprio. Ou um deles. Eram uma família antiga antes de o seu membro mais desagradável assumir o poder. Tentou saber mais sobre ele na biblioteca? Sim? Mas sinal Quando o meu livro apareceu de modo tão estranho, pesquisei a palavra nessa tarde o nome, bem como Transilvânia, Valáquia e os Cárpatos. Uma obsessão instantânea.

Perguntei a mim próprio se aquilo seria um cumprimento velado. Rossi gostava de ver os seus alunos trabalhar intensamente. — mas deixei passar, receando interromper a sua história com comentários irrelevantes.

— Pois é, os Cárpatos. Foi sempre um lugar mítico para os historiadores. Um dos alunos de Occam viajou por lá de burro, suponho e produziu, a partir das suas experiências, uma coisa engraçada chamada *Filosofia do Assombroso*. É claro que a história original do Drácula foi baralhada muitas vezes e não é fácil de ser investigada. Temos o príncipe da Valáquia, um soberano do século quinze, detestado ao mesmo tempo pelo Império Otomano e pelo seu próprio povo. Um dos piores tiranos da Europa medieval, sem dúvida. Calcula-se que tenha assassinado pelo menos vinte mil dos seus concidadãos da Valáquia e da Transilvânia, ao longo do tempo. Drácula significa filho de Dracul filho do dragão, mais ou menos. O pai dele foi introduzido na Ordem do Dragão por Sigismundo, imperador do Sacro Império Romano — a Ordem era uma organização para a defesa do império contra os Turcos Otomanos. Na realidade, há provas de que o pai de Drácula o entregou aos Turcos como refém, quando ele era criança, numa querela política, e que Drácula ganhou parte do seu gosto pela crueldade observando os métodos de tortura dos Otomanos. — Rossi abanou a cabeça. — Seja como for, Vlad foi morto numa batalha contra os Turcos, ou, quem sabe, talvez acidentalmente pelos seus próprios soldados, e enterrado num mosteiro situado numa ilha no lago Snagov, agora na posse da nossa amiga socialista Romênia. A su:

memória transformou-se em lenda, transmitida por gerações de camponeses supersticiosos. No final do século dezenove, um escritor perturbado e melodramático, Abraham Stoker apropriou-se do nome de Drácula para uma criatura inventada por ele, um vampiro. Vlad Tepes era de uma crueldade terrível, mas não era um vampiro, evidentemente. E não se encontra qualquer referência a Vlad no livro de Stoker, embora ele tenha reunido elementos da tradição oral popular sobre as lendas dos vampiros — e sobre a Transilvânia também, sem nunca lá ter estado, apesar de Vlad Drácula ter governado a Valnia, que faz fronteira com a Transilvânia. No século vinte, Hollywood tomou conta do assunto e o mito perdura, ressuscitado. E é nesse ponto que a minha irreverência pára, aliás.

Rossi pôs a chávena de lado e juntou as mãos. Por um instante, tive a impressão de que não conseguiria continuar.

— Posso ser irreverente quanto à lenda, que foi comercializada de uma forma monstruosa, mas não quanto ao que aconteceu com a minha pesquisa. Na verdade, fui incapaz de a publicar, em parte por causa da presença daquela lenda. Achei que o tema da pesquisa não seria levado a sério. Mas havia ainda outro motivo.

Aquilo deixou-me sem reação. Rossi nunca deixava nada por publicar; era parte da sua produtividade, da sua pródiga genialidade. Recomendava enfaticamente aos seus alunos que fizessem o mesmo, que não desperdiçassem nada.

— O que encontrei em Istambul era demasiado grave para não ser levado a sério. Talvez tenha feito mal quando decidi guardar essa informação, que é como posso honestamente classificá-la, para mim mesmo, mas cada um de nós tem as suas próprias superstições. Acontece que a minha é a do historiador. Fiquei com medo.

Olhei para ele espantado e ele suspirou, como se tivesse relutância em prosseguir.

— Veja bem, Vlad Drácula fora sempre estudado nos grandes arquivos da Europa Central e Oriental ou, em última instância, na sua região natal. Mas começou a sua carreira como matador de turcos e descobri que ninguém investigara nunca o mundo otomano à procura de material sobre a lenda do Drácula. Foi o que me levou até Istambul, num deriva secreta da minha pesquisa sobre as antigas economias gregas. Ah, mas, por vingança, publiquei todo o meu material sobre a Grécia.

Calou-se um momento, voltando o olhar para a janela.

— E imagino que deveria contar-lhe a si, diretamente, o que descobri na coleção de Istambul e que depois procurei afastar do meu espírito. Afinal, você herdou um desses lindos livros — e pousou gravemente a mão nos dois livros empilhados. — Se não for eu a contar-lhe tudo, é provável que refaça o meu percurso, talvez correndo mais riscos. — Sorriu sem alegria por cima da mesa. — No mínimo, posso poupar-lhe um bocado de trabalho de redação de relatórios de bolsa de estudos.

A risadinha seca ficou-me entalada na garganta. Onde raio queria ele chegar? Teria enlouquecido, Deus do céu? Ocorreu-me que talvez eu não tivesse levado em conta um certo sentido de humor peculiar do meu mentor. Talvez se tratasse de uma brincadeira

sofisticada — ele possuía dois exemplares do assustador livro antigo na sua biblioteca pessoal e deixara um na minha mesa, sabendo que eu lho levaria, o que eu fizera, como um tolo. Entretanto, à luz familiar do candeeiro da sua mesa, pareceu-me subitamente grisalho, com a barba crescida do fim do dia e sombras escuras em torno dos olhos, que lhes tiravam a cor e o humor. Inclinei-me para a frente.

— O que está a tentar dizer-me?

— Drácula — fez uma pausa. — Drácula... Vlad Tepes... ainda está vivo.

— Meu Deus — disse o meu pai subitamente, olhando para o relógio. — Por que não me avisaste? São quase sete horas.

Enfie as minhas mãos geladas dentro do casaco azul-marinho.

— Não sabia respondi. Mas não pare de contar a história, por favor. Agora não.

O rosto do meu pai pareceu-me irreal por um momento; nunca considerara antes a possibilidade de ele ser — não sabia como definir aquilo mentalmente desequilibrado? Teria perdido o equilíbrio por alguns minutos ao contar a sua história?

— Já é tarde para uma história tão comprida.

O meu pai levantou a chávena e colocou-a de novo no pires. Reparei que as suas mãos tremiam.

— Por favor, continue — pedi. Ele ignorou-me.

— De qualquer modo, não sei se te assustei ou se apenas te aborreci. Provavelmente, querias só uma boa e simples história de dragões.

— Essa história tinha um dragão — repliquei. Também eu queria acreditar que ele inventara a história. — Dois dragões. Pelo menos, vai contar-me mais amanhã?

Esfregou os braços, como se quisesse aquecer-se, e vi que por enquanto não estava disposto a continuar a falar sobre o assunto. O seu rosto estava sombrio, fechado.

— Vamos jantar. Podemos deixar primeiro a nossa bagagem no Hotel Turist.

— Está bem — disse eu.

Além do mais, vão expulsar-nos daqui a qualquer momento, se não nos formos embora.

De onde estava, via a criadinha de cabelos claros debruçada no bar; aparentemente, tanto se lhe dava que ficássemos ou não. O meu pai pegou na carteira, alisou uma daquelas enormes notas desbotadas, que representavam sempre a imagem de um mineiro ou de um trabalhador rural sorrindo heroicamente no verso, e colocou-a na bandeja de estanho. Contornámos as cadeiras e as mesas de ferro forjado e saímos pela porta embaciada.

A noite caíra de fato, uma daquelas noites frias, enevoadas e úmida do Leste europeu, e a rua estava quase deserta.

— Cobre a cabeça — disse o meu pai, como sempre fazia. Antes de entrarmos no

caminho sob os sicómoros encharcados de chuva, parou de repente e fez-me parar com uma mão estendida, protegendo-me como se um carro tivesse passado por nós a grande velocidade. Mas não havia carro nenhum, e a rua gotejava, quieta e rústica sob as luzes amareladas. O meu pai olhou rapidamente para a direita e para a esquerda. Não me pareceu ter visto ninguém, embora o meu amplo capuz me bloqueasse em parte a visão. Ele ficou parado a ouvir, o rosto inclinado, o corpo imóvel.

Então, soltou o ar com força e seguimos caminho, conversando sobre o que iríamos pedir para jantar no Tunist, quando lá chegássemos.

Não haveria mais conversas sobre o Drácula naquele dia. Depressa me apercebi do padrão do medo do meu pai: só podia contar-me aquela história em fragmentos curtos, fragmentando-a, não para procurar efeitos dramáticos, mas para preservar qualquer coisa: a sua força? A sua sanidade?

De regresso a casa, em Amsterdã, o meu pai manteve-se estranhamente calado e ocupado, e eu esperei inquieta por uma oportunidade para lhe perguntar mais sobre o professor Rossi. Mrs. Clay jantava conosco todas as noites na sala de jantar revestida de lambris escuros, servindo-nos das travessas no aparador mas sentando-se à mesa como um membro da família, e o instinto dizia-me que ele não desejava continuar a sua história na presença dela. Se eu o procurava na biblioteca, ele fazia-me perguntas breves sobre o meu dia, ou pedia para ver os meus trabalhos de casa. Examinei as prateleiras da biblioteca às escondidas, logo depois de regressarmos de Emona, mas o livro e os papéis já tinham desaparecido do seu lugar lá no alto; não tinha qualquer idéia de onde ele os poderia ter colocado. Nas noites de folga de Mrs. Clay, sugeria que fôssemos ao cinema ou levava-me à loja barulhenta do outro lado do canal para um café e bolos. Eu poderia afirmar que ele estava a esquivar-se de mim, se não fosse pelas vezes em que, quando me sentava perto dele para ler, na expectativa de uma abertura para fazer perguntas, ele estendia a mão e me acariciava o cabelo com uma tristeza abstracta no rosto. Nesses momentos, era eu que não conseguia trazer à baila a história.

Quando o meu pai foi para o Sul outra vez, levou-me com ele. Teria apenas uma reunião lá, e uma reunião informal, quase não valia a pena fazer uma viagem tão longa, mas ele queria que eu visse a paisagem. Dessa vez, fomos de comboio muito para lá de Emona e depois apanhámos um autocarro para o nosso destino. O meu pai preferia os transportes locais sempre que podia utilizá-los; hoje, quando viajo, penso nele e prefiro sempre o metro ao carro alugado.

— Vais ver, Ragusa não é uma cidade para carros — disse ele, enquanto segurávamos a barra de metal atrás do banco do motorista do autocarro. — Procura sempre um lugar na frente do autocarro, é menos provável que enjoes.

Agarrei-me com força à barra de ferro até os nós dos meus dedos ficarem brancos; parecia que estávamos a voar entre os altos amontoados de rochas de um cinzento pálido que faziam as vezes de montanhas naquela nova região.

— Deus do céu — disse o meu pai depois de um salto horrível numa curva fechada. Os outros passageiros davam a impressão de estarem completamente à vontade. Num dos bancos do outro lado, uma senhora idosa vestida de preto fazia croché, o rosto emoldurado pela franja do xaile, que dançava com o sacolejar do autocarro.

— Olha com atenção — disse o meu pai. — Vais ver uma das melhores paisagens desta costa.

Eu olhava diligentemente pela janela, desejando que ele não achasse necessário dar-me tantas instruções, mas sem deixar escapar nada das montanhas de rochas empilhadas e das aldeias de pedra que as coroavam. Pouco antes do pôr do Sol, fui recompensada com a visão de uma mulher parada, à beira da estrada, talvez à espera de um autocarro que fosse

para a direção oposta. Era alta, vestia saias compridas e pesadas, um corpete justo, e trazia na cabeça um fabuloso toucado que lembrava uma borboleta de organdi. Estava sozinha no meio das rochas, banhada pelo sol do fim da tarde, uma cesta no chão a seu lado. Teria pensado que se tratava de uma estátua se ela não tivesse virado a cabeça magnífica quando passámos. O rosto era oval, pálido, demasiado distante para lhe distinguir a expressão. Quando a descrevi ao meu pai, ele disse-me que a mulher devia estar a usar o traje típico daquela parte da Dalmácia.

— Um toucado grande, com uma asa de cada lado? Já vi retratos deles. Pode dizer-se que é uma espécie de fantasma; provavelmente vive numa aldeia muito pequena. Suponho que a maioria dos jovens daqui usa agora *jeans*.

Mantive o rosto colado à janela. Não apareceram mais fantasmas, mas não perdi uma única cena do milagre que surgiu: Ragusa, lá em baixo ao longe, uma cidade de marfim com um mar de ouro fundido, batido pelo sol, quebrando-se em torno dos seus paredões, telhados mais rubros que o céu do entardecer dentro de extraordinárias muralhas medievais. A cidade estava construída numa grande península arredondada e os seus muros pareciam impenetráveis às tormentas marítimas ou às invasões, um gigante entrando mar adentro na costa do Adriático. Ao mesmo tempo, vista de muito alto na estrada, tinha a aparência de uma miniatura, como algo esculpido à mão e colocado fora de escala na base das montanhas.

A rua principal de Ragusa, quando lá chegámos umas duas horas depois, era pavimentada de mármore, intensamente polido por séculos de solas de sapatos, reflectindo salpicos de luz das lojas e dos palácios circundantes, de modo que reluzia como a superfície de um grande canal. Na extremidade da rua que dava para o porto, sãos e salvos no velho coração da cidade, deixámo-nos cair nas cadeiras de um café e eu virei o rosto na direção do vento, que cheirava a maresia e — estranho para mim naquela estação do ano — a laranjas maduras. O mar e o céu estavam quase escuros. Barcos de pesca dançavam numa faixa de água mais agitada na parte mais distante do porto; o vento trazia-me sons do mar, perfumes do mar e uma nova serenidade.

— Ah, o Sul — disse o meu pai com ar satisfeito, levantando um copo de uísque e um prato de sardinhas à maneira de um brinde. — Imagina que punhas o teu barco na água exatamente aqui e tinhas uma noite de céu claro para viajar. Poderias orientar-te pelas estrelas e seguir daqui diretamente para Veneza, ou para a costa da Albânia, ou para o mar Egeu.

— Quanto tempo levaria para ir à vela até Veneza? — mexi o meu chá e a brisa levou o seu leve vapor para o mar.

— Ah, uma semana ou mais, suponho, num navio medieval. — Sorriu-me, descontraido naquele momento. — Marco Polo nasceu nesta costa, e os Venezianos invadiam-na frequentemente. Na verdade, pode dizer-se que estamos sentados numa espécie de pórtico de entrada para o mundo.

— Quando é que esteve aqui antes? — Eu estava apenas a começar a acreditar na vida anterior do meu pai, na sua existência anterior a mim.

— Estive aqui diversas vezes. Talvez umas quatro ou cinco. A primeira foi há muitos anos, quando ainda era estudante. O meu orientador recomendou-me que visitasse Ragusa ao sair de Itália, só para ver esta maravilha, enquanto estava a estudar. Já te contei que estudei Italiano em Florença durante um verão.

— Está a referir-se ao professor Rossi.

— Sim — o meu pai lançou-me um olhar penetrante e depois voltou a sua atenção para o copo de uísque.

Fez-se um breve silêncio, preenchido pelo ruído do toldo do café, que ondulava acima de nós com aquela brisa morna fora de estação. Do interior do bar e do restaurante vinha o bulício confuso de vozes de turistas, de louça a ser colocada nas mesas, de música de saxofone e piano. De mais longe, chegava o rumorejar do mar nos cascos dos barcos, no escuro do porto. Por fim, o meu pai falou.

— Devia contar-te um pouco mais sobre ele.

Ainda não olhara para mim, mas percebi que a sua voz falhara levemente.

— Eu gostaria muito — disse, cautelosa.

Ele bebericou o seu uísque. A lona do toldo batia como uma vela de barco sobre as nossas cabeças.

— Tu és teimosa quando se trata de histórias, hein?

O pai é que é teimoso, quis eu dizer, mas fechei a boca; pois a minha vontade de ouvir a história era maior do que a de discutir com ele. O meu pai suspirou.

— Está bem. Amanhã, conto-te mais sobre o Rossi, à luz do dia, quando não estiver tão cansado e tivermos algum tempo para andar pelas muralhas. — E apontou com o copo para as ameias luminosas, de um branco-acinzentado, acima do hotel. — Será uma hora melhor para contar histórias. Principalmente essa história.

Pelo meio da manhã seguinte estávamos sentados a uns trinta metros acima das ondas, que rebentavam e rugiam, brancas em torno das raízes gigantescas da cidade. O céu de Novembro brilhava como num dia de Verão. O meu pai pôs os óculos escuros, olhou para o relógio, dobrou e guardou o folheto sobre a arquitetura de telhados oxidados lá em baixo, deixou um grupo de turistas alemães passar e afastar-se de nós até estar fora do alcance da sua voz. Eu contemplava o mar para além de uma ilha coberta de árvores, até ao horizonte de um azul esmaecido. Daquela direção tinham vindo os navios venezianos, trazendo guerra ou comércio, as suas bandeiras vermelhas e douradas tremulando sob o mesmo céu resplandecente. Esperando que o meu pai falasse, senti uma ponta de apreensão muito pouco intelectual. E se aqueles navios que eu imaginara no horizonte fizessem simplesmente parte de um colorido espectáculo de reconstituição histórica? Por que seria tão difícil para o meu pai começar a falar?

— Como já te contei — disse o meu pai, pigarreando uma ou duas vezes, — o professor Rossi era um excelente acadêmico e um verdadeiro amigo. Não gostaria que tivesses dele uma opinião diferente. Sei que tudo o que te contei antes, e talvez tenha sido um erro da minha parte, faz com que Rossi pareça... meio louco. Deves lembrar-te de que ele me descreveu algo terrivelmente difícil de acreditar. E que me deixou estupefato e cheio de dúvidas a seu respeito, embora visse sinceridade e aceitação no seu rosto. Quando acabou de falar, fixou em mim aqueles olhos perspicazes.

— O que está a dizer? — devo ter balbuciado.

— Vou repetir — disse Rossi, enfático. — Descobri em Istambul que Drácula está viv entre nós hoje. Ou estava naquela época, pelo menos.

Fiquei a olhar para ele, pasmado.

— Deve estar a pensar que enlouqueci — disse ele, suavizando nitidamente o tom. — E admito que qualquer pessoa que se ponha a remexer nessa história durante algum tempo pode muito bem enlouquecer. — E suspirou. — Em Istambul, há um acervo de matéria que pouca gente conhece, fundado pelo sultão Mehmed II, que tomou a cidade ao Bizantinos em 1453. Esse arquivo é, na sua maior parte, uma miscelânea reunida mais tarde pelos Turcos à medida que foram, por sua vez, sendo derrotados nas franjas do seu império. Mas também guarda documentos do final do século quinze e, entre estes, alguns mapas que supostamente davam indicações a respeito da Tumba ímpia de um matador de turcos, que pensei poder ser Vlad Drácula. Na realidade, havia três mapas, graduados em escala para mostrar a mesma região em pormenores cada vez maiores. Não havia nada nesses mapas que eu reconhecesse ou pudesse associar a qualquer região que conhecesse. Estavam catalogados principalmente em árabe e datavam de cerca de 1500, segundo os bibliotecários do arquivo. — Bateu com a mão no pequeno livro estranho que, como te contei, se parecia tanto com o que eu encontrara. — As informações no centro do terceiro mapa estavam escritas num dialeto eslavo muito antigo. Só um estudioso com múltiplos recursos linguísticos ao seu dispor teria conseguido dar sentido àquele texto. Fiz o melhor que pude, mas era um trabalho impreciso.

Nesse ponto, Rossi abanou a cabeça, como se ainda lamentasse as suas limitações.

— O esforço que dediquei a essa descoberta afastou-me excessivamente e pouco razoavelmente das minhas pesquisas oficiais desse Verão sobre o comércio de Creta na Antiguidade. Mas eu já estava para lá da razão, creio, sentado naquela biblioteca abafada e quente em Istambul. Lembro-me de que via os minaretes de Hagia Sophia através das janelas sujas. Trabalhei ali, com aquelas pistas do reino de Vlad segundo a visão dos Turcos, espalhadas na mesa à minha frente, revirando os meus dicionários, tomando extensas notas e copiando os mapas à mão. Para encurtar a história de uma longa pesquisa, chegou o dia em que me vi próximo do ponto da Tumba ímpia cuidadosamente marcado no terceiro e

mais complicado dos mapas. Lembras-te de que Vlad Tepes foi supostamente enterrado no mosteiro de uma ilha do lago Snagov, na Romênia. Aquele mapa, assim como os outros dois não mostrava qualquer lago com uma ilha mas havia um rio que passava na região e se alargava no meio. Eu já tinha traduzido todos os nomes à volta das margens com a ajuda de um professor de língua árabe e otomana da Universidade de Istambul — provérbios enigmáticos sobre a natureza do mal, muitos deles tirados do Corão. Aqui e ali no mapa, aninhadas entre montanhas toscamente esboçadas, havia algumas palavras escritas que à primeira vista pareciam ser topónimos num dialeto eslavo, mas que se traduziam como enigmas, provavelmente um código para ocultar localizações verdadeiras: Vale dos Oito Carvalhos, Aldeia dos Porcos Roubados, e assim por diante — estranhos nomes camponeses que nada significavam para mim. Bem, no centro do mapa, sobre o sítio da Tumba ímpia, onde quer que fosse suposto estar localizada, havia um esboço tosco de um dragão, usando um castelo na cabeça como uma espécie de coroa. O dragão não se parecia nada com o do meu — dos nossos — livros antigos, mas conjecturei que deveria ter chegado aos Turcos juntamente com a lenda de Drácula. Abaixo do dragão, alguém tinha escrito a tinta palavras minúsculas, numa língua que inicialmente pensei ser árabe, como os provérbios nas margens do mapa. Observando-as com a lupa, percebi de repente que estavam escritas em Grego, e traduzi-as em voz alta antes de pensar em regras de cortesia — embora não houvesse mais ninguém na sala da biblioteca além de mim e de um bibliotecário entediado que aparecia, de vez em quando, decerto para se certificar de que eu não roubava nada. Naquele momento, estava absolutamente sozinho. As letras infinitesimais dançavam-me diante dos olhos à medida que as lia: "Neste lugar, ele reside no mal. Leitor, desenterra-o com uma palavra."

— Naquele momento, ouvi uma porta bater lá em baixo no vestibulo. Passos pesados subiam a escada. Entretanto, eu estava ainda ocupado com o lampejo de uma idéia: a lupa acabara de me dizer que aquele mapa, ao contrário dos dois primeiros, mais genéricos, fora catalogado por três pessoas diferentes em três línguas diferentes. As caligrafias, assim como as línguas, eram dissemelhantes. E também as cores das velhas tintas. E tive uma visão repentina sabes, aquela intuição em que um estudioso quase pode confiar quando está apoiado em semanas de trabalho meticuloso.

— Tinha a impressão de que o mapa consistira originalmente naquele esboço central e nas montanhas que o rodeavam, com a frase em Grego no centro. Provavelmente, só mais tarde fora catalogado naquele dialeto eslavo para identificar os lugares a que o mapa aludia em código, pelo menos. Depois, caíra em mãos otomanas e o desenho fora contornado por frases do Corão, que pareciam encerrar ou aprisionar aquela ameaçadora mensagem no centro, ou cercá-la com talismãs contra as trevas. Se isto fosse verdade, alguém, que sabia Grego, teria marcado primeiro o mapa, talvez o tivesse mesmo desenhado. Sabia que o Grego era usado pelos eruditos bizantinos do tempo de Drácula, mas não pela maioria dos eruditos do mundo otomano. Antes que eu pudesse sequer fazer uma anotação sobre esta

teoria, que envolveria testes que ultrapassavam as minhas capacidades, a porta do outro lado dos conjuntos de estantes abriu-se com estrondo e um homem alto e bem constituído entrou, passou apressado e impetuoso pelos livros e parou do outro lado da mesa onde eu trabalhava. O efeito foi chocante, incômodo. Ele não escondia o fato de estar consciente da sua intrusão e eu tinha a certeza de que não se tratava de um dos bibliotecários. Senti também, por qualquer razão, que deveria levantar-me, mas um certo orgulho impediu-me de o fazer; poderia parecer uma deferência, quando a interrupção fora inesperada e bastante descortês.

— Encarámo-nos e fiquei ainda mais surpreendido. O homem não se encaixava definitivamente naquele ambiente esotérico. Era bem-parecido e elegante, muito moreno, parecendo um Turco ou um Esloveno do Sul, com bastos bigodes caídos e rosto escuro como o de um homem de negócios ocidental. Os seus olhos fitaram os meus com agressividade, e as suas pestanas compridas pareciam de certa forma repulsivas naquele rosto severo. A pele era amarelada e pálida mas impecável, perfeita, sem qualquer mancha, e os lábios muito vermelhos.

— Senhor — disse ele, a voz baixa e hostil, quase um rosnado num inglês com sotaque turco, — não creio que tenha as autorizações necessárias para isso.

— Para quê? — os meus brios académicos reagiram de imediato.

— Para essas pesquisas. O senhor está a lidar com material que o Governo turco considera arquivo confidencial da Turquia. Posso ver os seus documentos, por favor?

— Quem é o senhor? — perguntei, com idêntica frieza. — Posso ver os seus?

Ele tirou uma carteira do bolso interior do casaco, escancarou-a em cima da mesa à minha frente e fechou-a de seguida com um gesto rápido. Só tive tempo de ver um cartão cor de marfim com uma misturada de títulos turcos e árabes. A mão do homem tinha um aspecto desagradável, como se fosse de cera, com unhas compridas e um tufo de pêlos escuros nas costas.

— Ministério dos Recursos Culturais — disse ele, gélido. — Fui informado de que não fez qualquer acordo de fato com o Governo turco para examinar esse material. É verdade?

— De maneira nenhuma. — Mostrei-lhe uma carta da Biblioteca Nacional declarando que me concedia o direito de realizar pesquisas em qualquer uma das suas divisões em Istambul.

— Não é suficiente — disse ele, atirando a carta para o meio dos meus papéis. — Talvez tenha de me acompanhar.

— Para onde? — Levantei-me, sentindo-me agora mais seguro de pé, mas esperando que ele não tomasse o meu gesto como uma manifestação de obediência.

— Para a polícia, se necessário.

— Isto é uma afronta. — No caso de uma dúvida burocrática, aprendera eu, levantando a voz. — Sou doutorando na Universidade de Oxford e cidadão do Reino Unido. Registre-me na universidade daqui no dia em que cheguei e recebi esta carta como prova da minha

posição. Não admito ser interrogado pela polícia — ou pelo senhor.

— Estou a ver. — Sorriu de uma maneira que me deu um nó no estômago. Lera um pouco sobre as prisões turcas e os seus esporádicos hóspedes ocidentais, e a minha situação pareceu-me precária, embora não compreendesse em que tipo de dificuldade poderia estar metido. Tinha esperança de que um dos vagarosos bibliotecários me tivesse ouvido e viesse recomendar silêncio. Depois, ocorreu-me que eles tinham certamente permitido a entrada daquele sujeito, com o seu intimidante cartão-de-visita, para falar comigo. Talvez fosse realmente alguém importante. Ele inclinou-se para a frente. — Vejamos o que está a fazer aqui. Afaste-se, por favor. — Contra a minha vontade, cheguei-me para o lado e ele inclinou-se para o meu trabalho, fechando ruidosamente os meus dicionários para ler as respectivas capas, sempre com aquele sorriso inquietante. Era uma presença maciça por cima da mesa, e reparei que exalava um odor esquisito, como o de uma água-de-colônia usada sem muito sucesso para disfarçar algum mau cheiro. Por fim, pegou no mapa em que eu estava a trabalhar, as mãos de repente delicadas, segurando-o quase com carinho. Olhou para o mapa como se não precisasse de examinar muito para saber do que se tratava, embora eu achasse que devia estar a fazer *bluff*.

— Este é o material do arquivo que está a usar, não é?

— É — respondi, zangado.

— Isto é propriedade valiosa do Governo turco. Não creio que vá precisar dela para qualquer finalidade estrangeira. E foi este pedaço de papel, este pequeno mapa, que o fez vir da sua universidade estrangeira até Istambul?

Cheguei a pensar em argumentar que viera também com outros objetivos, para o desviar do tema dos meus estudos, mas percebi imediatamente que isso poderia levar a mais perguntas da sua parte.

— Sim, essencialmente.

— Essencialmente? — repetiu, num tom mais ameno. — Bem, acho que vou ter de confiscar isto temporariamente. — Que vergonha para um investigador estrangeiro. Eu fervia de raiva ali parado, tão perto da minha solução, e dei graças a Deus por não ter trazido naquela manhã as cópias meticulosas que fizera de velhos mapas dos Cárpatos, que pretendia começar a comparar com aquele mapa no dia seguinte. Estavam escondidas na minha mala, no hotel.

— O senhor não tem o direito de confiscar material para o qual já recebi autorização para trabalhar — disse eu, rangendo os dentes. — Vou levar imediatamente a questão à Biblioteca Nacional. E à Embaixada da Inglaterra. Seja como for, qual é a sua objeção a que eu estude estes documentos? São fragmentos obscuros de história medieval. Tenho a certeza de que nada têm a ver com os interesses do Governo turco.

O burocrata olhava através de mim, como se as agulhas das torres de Hagia Sophia se apresentassem sob um ângulo novo e interessante que ele nunca tivera ocasião de ver antes

— É para seu próprio bem — prosseguiu ele, impassível. — É muito melhor deixar outra pessoa trabalhar nisso. Talvez noutra altura.

Permaneceu imóvel, com a cabeça voltada para a janela, quase como se quisesse que eu seguisse o seu olhar em direção a um determinado ponto. Tive a sensação infantil de que não deveria fazê-lo porque poderia ser um artilho, por isso preferi olhar para ele e esperar. Então vi, como se ele tivesse a intenção que a oleosa luz do dia incidisse exatamente ali, o seu pescoço a sair do colarinho da camisa cara. No lado do seu pescoço musculoso, onde a carne é mais profunda, havia duas crostas castanhas de fendas, não abertas mas sem estarem ainda completamente cicatrizadas, semelhantes a perfurações feitas por dois espinhos ou a cortes com a ponta de uma faca

Recuei, afastei-me da mesa, imaginando que perdera o juízo com todas as minhas leituras mórbidas, que realmente estava a ficar desequilibrado. Mas a luz do dia era perfeitamente vulgar, o homem do fato de lã escura perfeitamente real, até no cheiro de falta de banho, de suor, ou de outra coisa qualquer por baixo do perfume da água-de-colônia. Nada desapareceu ou mudou. Não conseguia tirar os olhos daquelas duas pequenas fendas mal cicatrizadas. Depois de alguns segundos, ele virou as costas à vista absorvente, parecendo satisfeito com o que vira — ou com o que eu vira — e sorriu de novo.

— Para seu próprio bem, professor.

Fiquei ali sem fala, estático, enquanto ele saía da sala com o mapa enrolado na mão, e ouvi o som dos seus passos morrer aos poucos nas escadas. Minutos depois, um dos bibliotecários idosos entrou, um homem com uma espessa cabeleira grisalha, transportando dois fólhos, que se preparou para deixar numa prateleira baixa.

— Desculpe — disse-lhe eu, com a voz meio presa na garganta, — desculpe, mas isto é um absurdo. — Ele olhou-me, espantado. — Quem era aquele homem? O funcionário do Ministério?

— Funcionário do Ministério — repetiu o bibliotecário, gaguejando.

— Preciso que me dê imediatamente uma carta oficial confirmando o meu direito de trabalhar neste arquivo.

— Mas o senhor tem todo o direito de trabalhar aqui — disse ele, em tom apaziguador. — Fui eu mesmo que fiz a sua inscrição.

— Eu sei, eu sei. Por isso tem de ir atrás dele e obrigá-lo a devolver o mapa.

— Ir atrás de quem?

— Do homem do Ministério, o que acabou de descer. O senhor não o deixou entrar?

Olhou-me com uma expressão curiosa por baixo da sua trunfa grisalha.

— Alguém entrou aqui? Ninguém entrou neste lugar nas últimas três horas. Sou eu próprio que fico na entrada. Infelizmente, poucas pessoas vêm aqui pesquisar.

— O homem... — comecei a falar, mas calei-me. De repente, vi a minha própria figura, um estrangeiro maluco a gesticular. — Ele levou o meu mapa. Quer dizer, o mapa do

arquivo.

— O mapa, *Herr Professor*?

— Eu estava a trabalhar num mapa. O que requisitei esta manhã no balcão.

— Não é aquele? — E apontou para a minha mesa de trabalho. Mesmo no meio, estava um vulgar mapa de estradas dos Balcãs que eu nunca vira na vida. Certamente não estivera ali cinco minutos antes. Achava que devia estar a perder a minha sanidade mental, mas tinha a certeza absoluta de que aquele mapa não estava ali. O bibliotecário guardou o seu segundo fólio.

— Não tem importância.

Juntei os meus livros o mais depressa que pude e saí da biblioteca. Na rua movimentada, cheia de tráfego, não havia sinal do burocrata, embora vários homens de altura e peso semelhantes, com fatos parecidos, tenham passado por mim com as suas pastas. Quando cheguei ao quarto em que estava hospedado, descobri que os meus pertences tinham sido deslocados devido a algum problema prático com o quarto. Os meus primeiros desenhos dos velhos mapas, assim como as anotações completas de que eu não precisara naquele dia, tinham desaparecido. A minha mala fora impecavelmente refeita. O pessoal do hotel disse que não sabia nada sobre isso. Passei a noite em claro, prestando atenção a todos os sons vindos do exterior. Na manhã seguinte, recolhi a minha roupa suja e os meus dicionários e apanhei o navio de regresso à Grécia.

O professor Rossi entrelaçou as mãos de novo e olhou para mim, como se esperasse pacientemente a minha manifestação de descrença. Entretanto, o que subitamente me abalava era a crença, não a dúvida.

— E voltou para a Grécia?

— Voltei, e passei o resto do Verão a tentar ignorar a recordação da minha aventura em Istambul, embora não pudesse ignorar as suas implicações.

— Foi-se embora porque estava... assustado?

— Apavorado.

— No entanto, mais tarde fez, ou mandou fazer, todas aquelas pesquisas sobre o seu estranho livro?

— Sim, principalmente a análise química no *Smithsonian*. Mas quando o exame se revelou inconclusivo, e ao mesmo tempo influenciado por outros fatores, abandonei por completo a questão e guardei o livro na estante. Lá para cima, por acaso. — Fez um gesto com a cabeça na direção da prateleira mais alta da estante. — Penso de vez em quando naqueles acontecimentos, às vezes lembro-me deles com muita clareza, outras vezes só em fragmentos. Imagino, porém, que a familiaridade acabe por desgastar mesmo as lembranças mais terríveis. E sem dúvida há períodos, anos a fio, em que não quero pensar de maneira nenhuma nisso.

— Mas acredita mesmo... aquele homem com as feridas no pescoço...

— O que pensaria se ele estivesse à sua frente e você estivesse certo da sua própria

sanidade?

Estava de pé encostado às estantes e, por um momento, o seu tom de voz soou irritado. Dei um último gole no café frio; o que restava dele estava muito amargo.

— E nunca tentou decifrar novamente o significado daquele mapa, ou saber de onde viera?

— Nunca — fez uma pausa momentânea. — Não. É uma das poucas pesquisas que estou certo de nunca vir a terminar. Tenho porém uma teoria de que essa linha de estudos horripilante, como tantas outras menos horrorosas, é apenas algo em que uma pessoa faz pequenos progressos, depois outra faz mais um pouco, cada uma contribuindo com uma pequena parcela durante a vida. Quem sabe, três dessas pessoas, há séculos atrás, fizeram exatamente isso ao desenhar aqueles mapas e fazer os acréscimos, embora eu admita que todas aquelas frases do Corão usadas como talismãs não devem ter contribuído em nada para aumentar os conhecimentos sobre a verdadeira localização da sepultura de Vlad Tepes. E é claro que tudo isto pode ser um grande disparate. Ele pode muito bem ter sido enterrado no mosteiro daquela ilha, como reza a tradição romena, e ter lá ficado em paz, como uma boa alma. O que ele não era.

— Mas não acredita nisso.

Ele hesitou outra vez.

— O conhecimento precisa prosseguir. Para o bem ou para o mal, mas inevitavelmente, em todos os campos.

— Alguma vez foi a Snagov para ver com os seus próprios olhos, fosse o que fosse?

Ele abanou a cabeça.

— Não. Desisti da pesquisa.

Pousei a minha chávena gelada na mesa, sondando a expressão do seu rosto.

— Mas guardou algumas informações — arrisquei, devagar.

Ele enfiou novamente a mão entre os livros da prateleira mais alta, tirando de lá um envelope pardo lacrado.

— Claro. Quem seria capaz de destruir completamente uma pesquisa? Copiei da memória o que pude dos três mapas e guardei as minhas outras anotações, as que estavam comigo naquele dia no arquivo.

Colocou o pacote na mesa sem o abrir, entre nós os dois, e tocou nele com uma delicadeza que não combinava com o horror que revelara ter pelo seu conteúdo. Talvez tenha sido essa incongruência, ou o fim de tarde de Primavera ter-se transformado em noite lá fora, que me fez ficar ainda mais nervoso.

— Não acha que isto pode ser um legado perigoso?

— Só Deus sabe como eu gostaria de dizer que não. Mas talvez seja perigoso apenas no sentido psicológico. A vida é melhor, mais íntegra, quando não ruminamos horrores desnecessariamente. Como sabe, a história humana está cheia de más ações, e talvez devêssemos pensar nelas com lágrimas, e não com fascínio. Foi há tantos anos que já nem

sei se deva confiar nas minhas recordações de Istambul, onde nunca mais fiz questão de voltar. Além disso, tenho a impressão de que trouxe comigo tudo o que precisava saber.

— Para prosseguir a pesquisa?

— Sim.

— Mas ainda não sabe quem teria concebido um mapa mostrando onde fica a sepultura dele? Ou onde ficava?

— Não.

Estendi a mão para pegar no envelope pardo.

— Não precisarei de um rosário para levar juntamente com isto, ou algo do gênero, um amuleto?

— Estou certo de que leva consigo a sua bondade, o seu sentido moral, ou como lhe quiser chamar. Seja como for, gosto de pensar que a maioria de nós é capaz disso. Eu também não sairia por aí com alho no bolso, de modo nenhum.

— Mas com algum forte antídoto mental.

— Sim, tentei. — O seu rosto estava profundamente triste, quase lúgubre. — Talvez tenha feito mal em não recorrer a essas antigas superstições, mas suponho que sou um racionalista e assim continuarei.

Os meus dedos fecharam-se no envelope.

— E não se esqueça do seu livro. É interessante e desejo-lhe sorte para identificar a sua origem. — Entregou-me o meu livro encadernado em velino. A tristeza dos seus olhos desmentia o tom superficial das palavras. — Volte daqui a duas semanas e falaremos mais sobre o comércio em Utreque.

Devo ter pestanejado; até a minha tese me parecia irreal.

— Claro, está bem.

Rossi recolheu as chávenas de café e eu guardei as coisas na minha pasta, com os dedos rígidos.

— Mais uma coisa — disse-me com ar grave, quando me virei novamente para ele.

— Sim?

— Não vamos voltar a falar sobre este assunto.

— Não vai querer saber como estou a evoluir?

Aquilo deixava-me aterrorizado, sozinho.

— Encare as coisas assim, se quiser. Não quero saber. A menos, é claro, que se veja em dificuldades.

Apertou-me a mão com a sua habitual maneira afectuosa. O rosto estava realmente triste, o que era novidade para mim, e então esforçou-se para sorrir.

— Está bem — disse eu.

— Daqui a duas semanas — lembrou ele num tom quase alegre enquanto eu saía. — Traga um capítulo pronto, ou algo parecido.

O meu pai calou-se. Para meu espanto e embaraço, vi que havia lágrimas nos seus

olhos. Aquele vislumbre de emoção teria interrompido as minhas perguntas mesmo que ele não tivesse dito nada.

— Pois é, escrever uma tese não é brincadeira — disse ele, num tom despreocupado. — De qualquer forma, talvez tivesse sido melhor nem tocar neste assunto. É uma história antiga, tão complicada, e claro que afinal de contas tudo acabou bem, porque eu estou aqui, nem sou já sequer aquele professor soturno que era dantes, e tu estás aqui. — Piscou os olhos, estava a recompor-se. — É um final feliz, como devem ser os finais.

— Mas talvez haja muita coisa pelo meio — consegui dizer.

O calor do sol chegava-me apenas à pele, não aos ossos, enregelados por uma brisa fria vinda do mar. Espreguiçámo-nos e olhámos para um e outro lado, examinando a cidade, em baixo. O último grupo de turistas passara por nós ao longo da muralha e encontrava-se numa reentrância distante, apontando para as ilhas ou a posar para as câmaras uns dos outros. Relanceei os olhos para o meu pai, mas ele estava a contemplar o mar. Atrás dos outros turistas e já bem adiante de nós, havia um homem cuja presença eu não notara antes, caminhando devagar mas inexoravelmente fora de alcance, alto, de ombros largos e vestido com um fato escuro de lã. Já tínhamos encontrado outros homens de fato escuro naquela cidade; por que razão me era tão difícil deixar de olhar para aquele?

Por me sentir tão constrangida com o meu pai, decidi investigar um pouco por conta própria e, um dia, depois da escola, fui sozinha para a biblioteca da universidade. O meu holandês era bastante razoável, há anos que estudava Francês e Alemão e a universidade tinha um vasto acervo de obras em Inglês. Os bibliotecários eram amáveis e só precisei de uma ou duas conversas tímidas para encontrar o material que procurava: o texto dos folhetos de Nuremberg sobre Drácula que o meu pai mencionara. A biblioteca não possuía os originais — eram muito raros, explicou-me o bibliotecário idoso do acervo medieval, mas encontrou o texto numa colectânea de documentos medievais alemães traduzido para o Inglês.

— Será que é disto que está à procura, minha querida? — perguntou ele, sorrindo.

Tinha um desses rostos muito claros e abertos de certos holandeses o olhar direto e azul e o cabelo parecia ter ficado mais louro com o tempo, em vez de grisalho. Os pais do meu pai, em Boston, tinham morrido quando eu era pequena, e pensei que gostaria de ter um avô daquele gênero.

— Chamo-me Johan Binnerts — acrescentou. — Pode procurar-me sempre que precisar de ajuda.

Respondi que era exatamente o que procurava, *dank u*, e ele bateu-me ao de leve no ombro antes de se afastar em silêncio. Na sala vazia, reli o primeiro parágrafo do meu caderno de anotações:

"No ano de Nosso Senhor de 1456, Drakula fez muitas coisas terríveis e singulares. Quando foi nomeado Senhor da Valáquia, mandou queimar todos os jovens que tinham ido para aquela terra aprender a língua, num total de quatrocentos. Mandou empalar uma família numerosa e muitos dos seus súbditos foram enterrados nus até ao umbigo e alvejados. A alguns, mandou-os esfolar e depois assar."

Havia também uma nota de rodapé no fim da primeira página. Os caracteres da nota eram tão pequenos que quase me passou despercebida. Olhando mais de perto, verifiquei que se tratava de uma explicação sobre a palavra "empalar". Dizia que Vlad Tepes aprendera aquela forma de tortura com os Otomanos. A empalação que ele praticava consistia na penetração do corpo com uma estaca afiada de madeira, em geral pelo ânus ou pelos órgãos genitais, de tal modo que a estaca saía às vezes pela boca e às vezes pela cabeça.

Tentei por um minuto não ver estas palavras; depois, durante vários minutos, tentei esquecê-las, com o livro fechado

Porém, o que mais me impressionou naquele dia, quando guardei o meu caderno e vesti o casaco para ir para casa, não foi a imagem fantasmagórica de Drácula nem a descrição do empalamento, mas o fato de estas coisas, aparentemente, terem acontecido

realmente. Se prestasse atenção, pensei, ouviria os gritos dos rapazes, da "família numerosa" morrendo junta. Apesar de todo o seu cuidado com a minha educação histórica, o meu pai esquecera-se de me contar isto: os terríveis momentos da história eram reais. Compreendo hoje, décadas mais tarde, que de nada adiantaria ele ter-me contado. Só a própria história pode convencer-nos desta verdade. E uma vez que tenhamos visto de frente esta verdade, visto realmente, já não podemos desviar os olhos dela.

Ao chegar a casa naquela noite, senti uma espécie de força diabólica e enfrentei o meu pai. Ele estava a ler na biblioteca enquanto Mrs. Clay estava às voltas com os pratos do jantar na cozinha. Fui para a biblioteca, fechei a porta e postei-me diante da poltrona dele. Ele segurava um dos seus amados livros de Henry James, o que nele era um sinal inconfundível de tensão. Fiquei parada sem falar até ele levantar os olhos para mim.

— Olá — disse ele, pegando no seu marcador com um sorriso. — Um problema de álgebra? — O seu olhar já revelava ansiedade.

— Quero que acabe a história — disse eu.

Ele ficou calado, tamborilando com os dedos no braço da cadeira.

— Por que não me conta o resto? — Foi a primeira vez que senti que era uma ameaça para ele. Olhou para o livro que acabara de fechar. Sabia que estava a ser cruel com ele de uma forma que eu mesma não compreendia, mas, já que começara aquela maldita tarefa, teria de a terminar. — O pai não quer que eu saiba certas coisas.

O meu pai levantou finalmente os olhos para mim. O seu rosto estava inexplicavelmente triste, marcado por rugas profundas a luz do candeeiro.

— Não, não quero.

— Sei mais do que pensa — disse eu, apesar de sentir que aquilo era uma infantilidade, não lhe diria o que sabia ainda que me perguntasse.

Ele juntou as duas mãos sob o queixo.

— Sei que sabes — disse por fim. — E porque não sabes nada, vou ter de te contar tudo.

Olhei para ele, surpreendida.

— Então, conte-me — disse eu, arrebatada. Ele baixou de novo a cabeça

— Vou contar-te, vou contar-te assim que puder. Mas não aqui, em nossa casa. E não tudo de uma vez. Não consigo. — E explodiu. — Tudo de uma vez é demais para mim. Tem paciência comigo.

O olhar que me lançou era de súplica, não de acusação. Aproximei-me e envolvi com o meu braço a sua cabeça curvada.

Março costuma ser frio e ventoso na Toscana, mas o meu pai achou que uma viagem curta pelo campo seria o ideal depois de quatro dias de palestras — sempre considerei o trabalho dele como "palestras" — em Milão. Desta vez, não precisei de pedir que me levasse com ele.

— Florença é maravilhosa, principalmente fora da estação — declarou, enquanto

saíamos de carro de Milão rumo ao Sul. — Gostaria que fosses até lá um dia destes. Primeiro, vais ter de aprender um pouco mais sobre a história da cidade e sobre as suas pinturas para a apreciá-las devidamente. Mas o campo da Toscana é o melhor que há. Descansa os olhos e estimula-os ao mesmo tempo, vais ver.

Concordei com a cabeça e acomodei-me no banco do *Fiat* alugado. O amor do meu pai pela liberdade era contagiante, e eu gostava da maneira como ele alargava o nó da gravata e o colarinho da camisa quando partíamos para um lugar novo. O *Fiat* seguia a uma velocidade uniforme pela lisa auto-estrada do Norte de Itália.

— De qualquer maneira, há anos que tenho vindo a prometer a Massimo e Giulia que viríamos. Nunca me perdoariam se eu passasse tão perto sem os visitar. — Inclinou o corpo para trás e estendeu as pernas. — Eles são um tanto esquisitos. Excêntricos talvez seja uma definição melhor, mas são muito gentis. Alinhas?

— Já disse que sim — frisei.

Preferia estar sozinha com o meu pai do que visitar estranhos, cuja presença despertava sempre a minha timidez natural, mas ele mostrava-se ansioso por rever os seus velhos amigos. Em todo o caso, a vibração do *Fiat* dava-me sono; estava cansada da viagem de comboio. Tivera uma indisposição naquela manhã, o fluxo de sangue alarmantemente atrasado que era sempre um motivo de preocupação para o meu médico e que fizera a desajeitada Mrs. Clay abastecer a minha mala com uma porção de maços de algodão. A minha primeira reação ao dar com aquela alteração foram lágrimas de surpresa no lavabo do comboio, como se alguém me tivesse ferido; a pequena mancha no algodão delicado das minhas cuecas parecia a impressão digital de um assassino. Mas não dissera nada ao meu pai. Vales, aldeias alcantiladas em colinas distantes tornaram-se um panorama difuso que passava pela janela do carro e depois uma mancha indistinta. Ainda estava sonolenta à hora do almoço, numa cidade feita de cafés e bares escuros, com gatos a enroscarem-se e desenroscarem-se à entrada das portas.

Mas quando, ao crepúsculo, subimos na direção de uma daquelas vinte cidades no alto de colinas, amontoadas à nossa volta como temas de um fresco, senti-me bem acordada. O anoitecer cheio de nuvens varridas pelo vento revelava brechas de pôr-do-sol no horizonte na direção do Mediterrâneo, disse o meu pai, na direção de Gibraltar e de outros lugares onde poderíamos ir um dia. Acima de nós, erguia-se uma cidade construída sobre estacas de pedra, com ruas quase verticais e vielas com degraus estreitos. O meu pai guiava o pequeno carro aparentemente ao acaso, até que passámos à porta de uma *trattoria* que derramava luz nas pedras arredondadas da rua molhada. Nessa altura, ele desceu devagar pelo outro lado da colina.

— Acho que é aqui, se bem me lembro. — E enveredou por um caminho cheio de sulcos de pneus e guardado por ciprestes escuros. — *Villa Montefollino*, em Montepertuso. Montepertuso é a cidade, lembra-te?

Eu lembrava-me. Tínhamos examinado o mapa ao pequeno-almoço, o dedo do meu

pai traçando o percurso depois de tomar a sua chávena de café:

— Siena é aqui. Fica na Toscana Depois, atravessamos até à Umbria. Cá está Montepulciano, um famoso lugar antigo, e nesta próxima colina fica a nossa cidade, Monterotondo. — Os nomes estavam associados um ao outro na minha cabeça, mas monte significava montanha e estávamos cercados por montanhas de casa de bonecas, pequenas montanhas pintadas como se fossem filhotes dos Alpes, que eu já atravessara duas vezes.

Na escuridão iminente, a *villa* parecia pequena, uma casa baixa de quinta, feita de pedra bruta, com ciprestes e oliveiras agrupados à volta dos telhados avermelhados e um par de postes de pedra inclinados a marcar o caminho que dava acesso à casa. Havia luz nas janelas do andar de baixo e, de repente, dei-me conta de que estava faminta, cansada e irritada, com uma irritação de jovem que teria de disfarçar na presença dos nossos anfitriões. O meu pai tirou a nossa bagagem da mala do carro e eu segui-o através do caminho.

— Até a sineta ainda é a mesma — disse ele, satisfeito, puxando uma pequena corda na entrada e ajeitando o cabelo na penumbra

O homem que abriu a porta saiu como um pé-de-vento, abraçando o meu pai, dando-lhe palmadas nas costas, beijando-o ruidosamente nas duas faces, inclinando-se um pouco demais para me apertar a mão. A dele era enorme e quente, e pôs-se no meu ombro para entrarmos juntos. No vestíbulo, de teto baixo e vigas à vista, cheio de móveis que até então eu só vira em museus, berrou como um animal da quinta:

— Giulia, Giulia! Anda cá! Vem ver quem chegou! Anda!

O inglês dele era seguro, forte, sonoro.

A mulher alta e sorridente que veio ao nosso encontro agradeceu-me de imediato. O cabelo dela era grisalho, mas brilhava com reflexos prateados, preso atrás da cabeça e descobrindo-lhe o rosto comprido. Começou por sorrir para mim e não se curvou para a frente para me cumprimentar. A sua mão era quente, como a do marido, e beijou o meu pai nas duas faces, sacudindo a cabeça por entre um fluxo suave de palavras em italiano.

— E tu — disse-me em inglês, — vais ter um quarto só para ti, um quarto bem simpático, está bem?

— Está bem — concordei, gostando da idéia. Esperava que ficasse próximo do quarto do meu pai e tivesse uma boa vista do vale circundante, que tínhamos percorrido demasiado depressa.

Depois do jantar na sala com o chão lajeado, todos os adultos se recostaram nas cadeiras e suspiraram.

— Giulia — disse o meu pai —, cada ano cozinhas melhor. És uma das grandes cozinheiras de Itália.

— Que disparate, Paolo. — O inglês dela tinha traços de Oxford e Cambridge. Está sempre a dizer esses disparates.

— Talvez seja do *Chianti*. Deixa-me olhar para essa garrafa.

— Deixa-me encher-te outra vez o copo — interrompeu Massimo. — E o que estás a fazer, linda filha do Paolo a estudar?

— Estudamos todos os assuntos na minha escola — disse eu, toda empertigada.

— Ela gosta de História, julgo eu — disse o meu pai. — E também é uma boa viajante.

— História? — Massimo encheu de novo o copo de Giulia, e depois o seu, com um vinho cor de granadas, ou de sangue escuro. — Como tu e eu, Paolo. Chamamos assim ao teu pai — explicou-me, — à parte porque não suporto esses aborrecidos nomes anglo-saxões que vocês têm todos. Lamento, mas não os suporto. Paolo, meu amigo, quase caí morto quando me contaram que desististe da vida académica para andares pelo mundo a dar palestras. Então, quer dizer que ele gosta mais de falar do que de ler e estudar, pensei com os meus botões. Um grande académico perdido para o mundo, é o que o teu pai é.

Deu-me meio copo de vinho sem pedir autorização ao meu pai e misturou-o com um pouco de água de um jarro que estava em cima da mesa. Naquela altura, eu já estava a gostar muito dele.

— Agora és tu que estás a dizer disparates — disse o meu pai, bem-humorado. — Eu gosto de viajar, essa é que é a verdade.

— Ah, bom. — Massimo abanou a cabeça. — Pois é, *Signor* Professor, e foste tu que disseste um dia que serias o maior de todos. Não é que a tua fundação não seja um magnífico sucesso, sei muito bem disso.

— Precisamos de paz e de uma diplomacia esclarecida, e não de pesquisas sobre questões insignificantes que não interessam a ninguém — rebateu o meu pai, sorridente.

Giulia acendeu uma lanterna no aparador e apagou a luz eléctrica. Levou a lanterna para a mesa e começou a cortar uma torta para a qual até então eu me esforçara por não olhar muito. A superfície da torta brilhava como obsidiana ao ser cortada.

— Em História, não existem questões insignificantes. Além do mais, até o grande Rossi dizia que tu eras o seu melhor aluno. E o resto da turma não conseguia agradar ao homem.

— Rossi! exclamei antes de conseguir conter-me. O meu pai lançou-me um olhar embaraçado por cima do seu prato de bolo.

— Quer dizer que conheces as lendas sobre os sucessos académicos do teu pai, minha menina? — disse Massimo, enchendo a boca com chocolate. O meu pai lançou-me outro olhar.

— Conte-lhe algumas histórias sobre aquela época — explicou. Percebi a advertência velada no seu tom de voz. Logo de seguida, porém, achei que a advertência poderia ter sido dirigida a Massimo e não a mim, porque o próximo comentário de Massimo provocou-me um calafrio e o meu pai desviou rapidamente o assunto para a política.

— Coitado do Rossi — disse Massimo. — Um homem maravilhoso, trágico. É muito estranho pensar que uma pessoa que conhecemos tão bem possa simplesmente desaparecer de um momento para o outro.

Na manhã seguinte, estávamos sentados na *piazza* banhada pelo sol no alto da cidade,

os casacos firmemente abotoados e os guias turísticos na mão, observando dois meninos que deveriam, tal como eu, estar na escola naquele momento. Gritavam e davam pontapés numa bola de futebol em frente da igreja. Eu esperava, paciente. Esperara a manhã inteira durante a visita a pequenas capelas escuras "com elementos de Brunelleschi", segundo o vago e entediado guia, e ao Palazzo Publico, com a sua sala de recepções que servira durante séculos a fio como depósito de cereais da cidade. O meu pai suspirou e deu-me uma das duas *Oranginas* em bonitas garrafas que trazia na mão.

— Vais perguntar uma coisa — disse ele, meio soturno.

— Não, só quero saber sobre o professor Rossi — e meti a palhinha na garrafa.

— Foi o que pensei. O Massimo não devia ter tocado no assunto.

Eu temia a resposta, mas tinha de perguntar.

— O professor Rossi morreu? Foi o que Massimo quis dizer quando referiu que ele desapareceu?

O olhar do meu pai atravessou a praça ensolarada, até aos cafés e aos talhos do outro lado.

— Sim. Não. Bem, foi uma coisa muito triste. Queres mesmo saber o que aconteceu?

Concordei com um gesto da cabeça. O meu pai olhou rapidamente em volta. Estávamos sentados num banco de pedra que se projectava de um dos bonitos *palazzi* antigos e não havia mais ninguém por perto a não ser os garotos que jogavam futebol na praça.

— Está bem — disse finalmente.

— Bem — disse o meu pai, — naquela noite em que Rossi me entregou o pacote de documentos, deixei-o sorridente à porta do seu gabinete mas, ao virar-lhe as costas, tive a sensação de que devia retê-lo ou voltar atrás para conversar um pouco mais com ele. Achei que era apenas o resultado da nossa estranha conversa, a mais estranha da minha vida, e afastei aquilo da minha mente. Dois outros alunos do nosso departamento aproximaram-se, entretidos numa conversa entre si, cumprimentaram Rossi antes que ele fechasse a porta e desceram rapidamente as escadas atrás de mim. A sua conversa animada deu-me a impressão de que a vida prosseguia normalmente à nossa volta, mas ainda assim sentia-me inquieto. O meu livro, ilustrado com o dragão, era uma presença que queimava na minha pasta, e agora Rossi acrescentara-lhe aquele pacote de anotações lacrado. Pensava se deveria examiná-los mais tarde à noite, sozinho à secretária do meu minúsculo apartamento. Estava exausto; achava que não conseguiria enfrentar o que quer que estivesse lá dentro.

Desconfiava também que a luz do dia, a manhã, me devolveriam a segurança e a razão. Talvez ao acordar já nem acreditasse na história de Rossi, embora tivesse a certeza de que não me sairia da cabeça, quer acreditasse nela ou não. Mas como, perguntava a mim próprio — já na rua, passando sob as janelas de Rossi e levantando involuntariamente os olhos para a luz ainda acesa do seu candeeiro, como não acreditar no meu orientador num assunto relacionado com o seu próprio campo de estudos? Não seria o mesmo que pôr em questão todo o trabalho que tínhamos realizado juntos? Lembrei-me dos primeiros capítulos da minha tese, prontos, dactilografados e empilhados na minha mesa, e estremeci. Se não acreditasse na história de Rossi, poderíamos continuar a trabalhar juntos? Teria de admitir que ele era louco?

Quem sabe se foi por estar a pensar em Rossi quando passei sob a sua janela que tive tanta consciência da luz ainda acesa do seu candeeiro, ou talvez estivesse a pensar em Rossi porque estava a olhar para cima, para a janela dele. Seja como for, estava a passar de fato pela claridade projectada por ela para a rua, a caminho de casa, quando essa mesma claridade desapareceu literalmente sob os meus pés. Aconteceu numa fracção de segundos, mas um arrepio de horror percorreu-me o corpo, dos pés à cabeça. Num momento, estava perdido nos meus pensamentos e a caminhar pelo passeio iluminado pela janela dele e, no momento seguinte, via-me parado, imóvel, ali. Quase simultaneamente, notei duas coisas esquisitas. Uma, o fato de eu nunca ter visto anteriormente aquela luz naquele passeio, entre os prédios góticos das salas de aula, apesar de ter passado pela rua centenas de vezes. Nunca a vira porque nunca antes estivera visível. Ficara visível naquele momento porque todas as luzes dos candeeiros da rua se tinham apagado de repente. Encontrava-me sozinho na rua, e o meu último passo era o único som que ainda ecoava. E, a não ser por aquela mancha de luz vinda do gabinete onde tínhamos estado

sentados a conversar dez minutos antes, a rua estava às escuras.

A minha segunda observação, se é que veio realmente em segundo lugar, abateu-se sobre mim e paralisou-me quando me detive. Digo que se abateu porque foi a maneira como a minha vista a registrou, e não a razão ou o instinto. Naquele momento, quando parei no meio do caminho, a luz acolhedora que vinha da janela do meu mentor extinguiu-se. Podes pensar que isto não tem nada de extraordinário: acaba o horário de trabalho e o último professor a deixar o edifício apaga as suas luzes, mergulhando na escuridão uma rua em que a iluminação falhou momentaneamente. Mas o efeito produzido era completamente diferente. Não tive a impressão de que se tratava de um candeeiro normal a ser apagado numa secretária perto de uma janela: foi como se alguma coisa se atravessasse diante da janela nas minhas costas, bloqueando a fonte de luz. Então, a rua ficou inteiramente às escuras.

Por um instante, parei de respirar. Aterrorizado e desnorteado, virei-me, vi as janelas às escuras, quase invisíveis na rua sombria e, num impulso, corri para lá. A porta por onde acabara de sair estava firmemente trancada. Não havia nenhuma outra luz na fachada do prédio. Aquela hora, a porta provavelmente era trancada quando alguém saía era certamente um procedimento normal. Fiquei ali hesitante, prestes a correr para verificar as outras portas, quando a iluminação da rua voltou e me senti repentinamente envergonhado. Não havia sinal dos outros dois alunos que tinham saído atrás de mim; deviam ter ido noutra direção.

Mas agora outro grupo de alunos vinha a passar, rindo; a rua já não estava deserta. E, se Rossi aparecesse naquele momento, como sem dúvida faria depois de apagar a luz e fechar a porta do seu gabinete, e me encontrasse ali à espera? Tinha dito que não queria voltar a comentar o que tínhamos discutido. Como poderia explicar-lhe os meus medos irracionais, ali, junto à porta, quando ele pusera um ponto final no assunto — em todos os assuntos mórbidos, talvez? Embaraçado, dei meia volta antes que ele me pudesse alcançar, e corri para casa. Ao chegar, deixei o envelope dentro da minha pasta, sem o abrir, e dormi profundamente a noite inteira.

Os dois dias seguintes foram movimentados e não pude examinar os documentos de Rossi; para ser franco, afastei resolutamente da cabeça todas as questões esotéricas. Foi uma surpresa, portanto, quando um colega do meu departamento me abordou na biblioteca ao fim da tarde do segundo dia.

— Já sabes o que aconteceu ao Rossi? — perguntou, agarrando-me o braço e fazendo-me voltar quando passei por ele apressado. — Paolo, espera! Pois é adivinhaste, era o Massimo. Já era grande e barulhento quando era estudante, mais barulhento ainda do que hoje, se é possível. Segurei-lhe no braço.

— Rossi O que foi? O que aconteceu?

— Desapareceu. Sumiu-se. A polícia está a examinar o gabinete dele.

Corri para o edifício, que agora parecia normal, o interior meio na penumbra com a

claridade do fim da tarde e cheio de alunos que saíam das salas de aula. No segundo piso, em frente do gabinete de Rossi, um polícia municipal conversava com o diretor do departamento e com vários homens que eu nunca tinha visto. Quando cheguei, dois homens de fatos escuros estavam a sair do gabinete do professor, fechando a porta com firmeza e dirigindo-se para as escadas e as salas de aula. Abri caminho e falei com o polícia:

- Onde está o professor Rossi? O que lhe aconteceu?
- O Senhor conhece-o? — perguntou o polícia, levantando os olhos do bloco de notas.
- É o orientador da minha tese. Estive aqui há duas noites.
- Quem foi que disse que ele desapareceu?

O diretor do departamento adiantou-se e apertou-me a mão.

— Sabe alguma coisa disto? A empregada telefonou ao meio-dia para dizer que ele não voltara para casa ontem à noite nem na noite anterior, e que não tocara a pedir o jantar nem o pequeno-almoço. Disse que ele nunca tinha feito isso antes. Faltou a uma reunião no departamento esta tarde sem telefonar a avisar, o que também nunca aconteceu antes. Um aluno veio dizer que o gabinete dele estava trancado, quando eles tinham combinado um encontro durante o horário de expediente, e que Rossi não aparecera. Faltou à aula de hoje e finalmente mandei abrir a porta.

- E ele estava lá dentro? — tentei controlar a respiração, com a garganta apertada.
- Não.

Precipitei-me cegamente para a porta de Rossi, mas o polícia segurou-me pelo braço.

- Tenha calma — disse ele. — Está a dizer que esteve aqui há duas noites?
- Sim.
- Que horas eram quando o viu pela última vez?
- Oito e meia, mais ou menos.
- Viu mais alguém por aqui a essa hora?

Parei para pensar.

— Vi só dois alunos do departamento, Bertrand e Elias, parece-me, que estavam juntos. Saíram ao mesmo tempo que eu.

— Ótimo. Verifique isso — disse o polícia a um dos homens. — Notou alguma coisa fora do normal no comportamento do professor Rossi?

O que poderia eu dizer? Sim, notei: ele disse-me que há vampiros, que o conde Drácula está à solta entre nós, que talvez eu tenha herdado uma maldição através das suas próprias pesquisas, e depois vi a luz da sala dele ser encoberta por algo gigantesco parecido com um...

— Não — respondi. — Tivemos uma reunião sobre a minha tese e ficámos sentados a conversar até às oito e meia.

- Saíram juntos?
- Não. Eu saí primeiro. Ele acompanhou-me à porta e voltou para dentro do gabinete.
- Viu qualquer coisa ou qualquer pessoa suspeita perto do prédio quando saiu? Ouvia

alguma coisa?

Hesitei de novo.

— Não, nada. Bem, houve uma súbita quebra da energia eléctrica na rua. As luzes do candeeiros apagaram-se.

— Sim, já fomos informados disso. Mas não viu nem ouviu nada fora do comum?

— Não.

— Até agora, o Senhor foi a última pessoa a ver o professor Rossi — insistiu o polícia. — Faça um esforço de memória. Quando estavam juntos, ele fez ou disse alguma coisa estranha? Falou sobre depressão, suicídio ou algo semelhante? Ou sobre ir-se embora, fazer alguma viagem?

— Não, nada disso — disse eu, com sinceridade. O polícia lançou-me um olhar duro.

— Preciso do seu nome e morada. — Anotou tudo e virou-se para o diretor: — O senhor pode responder por este jovem?

— Ele é realmente quem diz ser.

— Muito bem — disse-me o polícia. — Quero que entre ali comigo e diga se vê alguma coisa diferente do habitual. Especialmente alguma coisa diferente de há duas noites. Não toque em nada. Para ser franco, a maioria destes casos acaba por se revelar algo de previsível, uma emergência familiar ou um pequeno esgotamento nervoso. Provavelmente estará de volta dentro de um dia ou dois. Já vi isso acontecer um milhão de vezes. Mas como há sangue na secretária, não podemos arriscar.

— Sangue na secretária? — Senti as pernas a fraquejar, mas forcei-me a seguir devagar atrás do polícia. A sala tinha a mesma aparência de outras dezenas de ocasiões em que a vira à luz do dia; arrumada, agradável, os móveis colocados do mesmo modo convidativo e preciso, livros e papéis em pilhas exatas em cima das mesas e da secretária. Estava muito silenciosa. Aproximei-me. Na secretária, sobre o mata-borrão acastanhado de Rossi, havia uma grande poça, há muito tempo derramada e absorvida. O polícia pousou-me uma mão firme no ombro.

— Não foi uma perda de sangue tão grande que pudesse causar a morte — explicou.

— Talvez um forte sangramento do nariz, algum tipo de hemorragia. O professor Rossi alguma vez sangrou do nariz quando estava com ele? Parecia doente naquela noite?

— Não — disse eu — Nunca o vi... sangrar... e ele nunca falou sobre a sua saúde comigo.

Percebi subitamente, com uma clareza espantosa, que me referira às nossas conversas no passado, como se tivessem acabado para sempre. A minha garganta apertou-se de emoção quando me recordei de Rossi à porta do gabinete, do seu ar bem-humorado, quando saí. Ter-se-ia cortado talvez até de propósito? Num momento de instabilidade, e depois saído a correr da sala e trancado a porta? Tentei imaginá-lo a vaguear num parque, talvez com frio e com fome, ou a apanhar um autocarro para um destino escolhido ao acaso. Nada disso combinava com ele. Rossi era uma pessoa de estrutura sólida, calmo e sã

como qualquer pessoa normal.

— Olhe em volta com todo o cuidado.

O polícia soltou-me o ombro. Observava-me atentamente, e intuí a presença do diretor e dos outros atrás de nós, a porta. Ocorreu-me que, até prova em contrário, eu estaria entre os suspeitos se Rossi tivesse sido assassinado. Mas Bertrand e Elias testemunhariam a meu favor, como eu faria por eles. Olhei para todas as coisas na sala, tentando descobrir algo. Mas foi um exercício frustrante: tudo ali era real, normal, sólido, e Rossi tinha de fato saído dali.

— Não — declarei por fim. — Não vejo nada diferente.

— Muito bem.

O polícia virou-me na direção das janelas. Agora olhe para cima.

No teto de gesso branco por cima da secretária, sobre as nossas cabeças, uma mancha escura de cerca de quinze centímetros estendia-se para o lado como se apontasse para alguma coisa do lado de fora.

— Parece ser também sangue. Não se preocupe; pode ou não ser do professor Rossi. O teto é demasiado alto para ser alcançado com facilidade por uma pessoa, mesmo subindo a um banquinho. Vamos analisar tudo. Agora, pense. Rossi referiu-se ao fato de algum pássaro ter entrado aqui naquela noite? Ou o Senhor ouviu algum ruído quando saiu, talvez de alguma coisa a entrar? Lembra-se se a janela estava aberta?

— Não — respondi. — Ele não se referiu a nada desse gênero. E as janelas estavam fechadas, tenho a certeza.

Não conseguia tirar os olhos da mancha; tinha a impressão de que, se olhasse com muita atenção, poderia ler alguma coisa naquela horrível forma hieroglífica.

— Já tivemos pássaros dentro do edifício várias vezes — observou o diretor atrás de nós. — Pombos. De vez em quando entram pelas clarabóias.

— É uma possibilidade — disse o polícia. — Apesar de não termos encontrado excrementos, sem dúvida que é uma possibilidade.

— Ou morcegos — continuou o diretor. — E se forem morcegos? Estes edifícios antigo devem ter todo o gênero de bichos a viver escondidos aqui dentro.

— É outra possibilidade, principalmente se Rossi tentou atingir um deles com uma vassoura ou um guarda-chuva e o feriu — sugeriu um dos professores à porta.

— Alguma vez viu aqui um morcego, ou um pássaro? — perguntou-me de novo o polícia.

Levei uns segundos a formular uma única palavra e a fazê-la passar pelos meus lábios ressequidos. Não disse eu, mal percebendo o sentido da pergunta. Os meus olhos tinham finalmente alcançado a extremidade da mancha e o ponto para onde parecia apontar. Na prateleira mais alta da estante de Rossi, na sua fila de "fracassos", faltava um livro. No lugar onde, duas noites antes, ele voltara a colocar o seu livro misterioso, abria-se agora uma estreita fenda negra entre as outras lombadas.

Os meus colegas levaram-me para fora, dando-me pancadinhas nas costas e dizendo-me que não me preocupasse; devia estar branco como uma folha de papel. Voltei-me para o polícia, que fechava e trancava a porta atrás de nós.

— Existe alguma probabilidade de o professor Rossi estar já nalgum hospital, se se tiver cortado ou alguém o tiver ferido?

O polícia abanou a cabeça.

— Temos contato com os hospitais e já fizemos uma verificação prévia. Nem sinal dele. Porquê? Acha que pode ter-se ferido sozinho? Não disse que ele não parecia estar deprimido ou com impulsos suicidas?

— Ah, é verdade.

Respirei fundo e senti as pernas firmes outra vez. O teto era demasiado alto para ele e ter sujado com o pulso o que era um triste consolo.

— Bem, pessoal, vamos embora — disse o polícia.

Volto para junto do diretor do departamento e saíram os dois conversando em voz baixa. A aglomeração de pessoas em volta da porta do gabinete começava a dispersar-se e eu afastei-me. Precisava, acima de tudo, de um lugar sossegado onde me sentar.

O meu banco preferido na ala central da velha biblioteca da universidade ainda estava a ser aquecido pelos últimos raios de sol da tarde primaveril. À minha volta, três ou quatro estudantes liam ou conversavam em voz baixa, e senti a calma habitual daquele refúgio académico penetrar-me nos ossos. As paredes do grande salão da biblioteca eram interrompidas por vidraças coloridas, algumas das quais davam para salas de leitura e para corredores e pátios semelhantes a claustros, de modo que dali eu via pessoas a ir e vir ou a estudar em grandes mesas de carvalho. Era o final de um dia normal; em breve, o sol abandonaria as lajes de pedra sob os meus pés e mergulharia o mundo no crepúsculo marcando um período de quarenta e oito horas completas desde que eu estivera a falar com o meu orientador. Por enquanto, o estudo e a atividade prevaleciam aqui, fazendo recuar as margens de escuridão.

Devo dizer-te que, geralmente, naquela época, quando estudava, gostava de ficar completamente só, sem ser perturbado, em silêncio monástico. Já mencionei o compartimento de estudos em que costumava trabalhar, num dos pisos mais altos da biblioteca, onde tinha o meu próprio espaço e onde encontrara o estranho livro que tinha mudado a minha vida e os meus pensamentos quase do dia para a noite. Dois dias antes, àquela mesma hora, estivera ali sozinho a ler, ocupado e sem medo, prestes a pegar nos meus livros sobre a Holanda e a correr para uma agradável reunião com o meu orientador. Pensava apenas no que Heller e Herbert tinham escrito sobre a história económica do Utreque no ano anterior e como poderia refutar as opiniões deles num artigo, talvez um artigo eficientemente extraído de um dos capítulos da minha própria tese.

Na realidade, se nessa altura tivesse imaginado uma parte qualquer do passado, teria pensado naqueles holandeses ingênuos e ligeiramente gananciosos a debaterem os

pequenos problemas das suas guildas ou de pé, com as mãos na cintura, em portas sobre os canais, observando um novo caixote de mercadorias a ser içado para o andar superior das suas casas-armazéns. Se tive realmente alguma visão do passado naquele momento, vi apenas os seus rostos rosados, frescos com o ar do mar, as sobrancelhas hirsutas, as mãos hábeis, ouvi o ranger dos seus belos navios, senti o cheiro intenso a especiarias, a alcatrão e aos esgotos do porto e apreciei o engenho tenaz das suas compras e trocas.

Mas a história, ao que parecia, podia ser algo completamente diferente, um borrito de sangue cujo paroxismo não se dissipava de um dia para o outro, nem em séculos. E, naquele dia, os meus estudos iriam ser de outro tipo — insólitos para mim, mas não para Rossi e muitos outros que tinham aberto caminho através do mesmo sombrio matagal. Queria começar aquele novo tipo de pesquisa no meio dos alegres murmúrios e ruídos da ala principal da biblioteca, e não junto às estantes silenciosas, com os seus sons ocasionais de passos arrastados em escadas distantes. Queria inaugurar aquela fase da minha vida como historiador sob os olhos insuspeitos de jovens antropólogos, de bibliotecários grisalhos, de rapazes de dezoito anos a pensarem nos seus jogos de *squash* ou nos seus novos sapatos brancos, de bacharelados sorridentes e professores eméritos lunáticos e inofensivos todo o movimento humano de um fim de tarde na universidade. Olhei uma vez mais para o ambiente cheio de pessoas, as manchas de luz do sol a recuarem rapidamente, o animado vaivém das portas da entrada principal, que se abriam e fechavam nas suas dobradiças de bronze. Então, peguei na minha pasta coçada, abri a parte de cima e tirei lá de dentro um envelope escuro cheio de papéis e escrito com a letra de Rossi. Dizia apenas: GUARDA PARA O PRÓXIMO.

O próximo? Não prestara atenção àquilo dois dias antes. Queria ele dizer que pretendia guardar aquelas informações para a próxima vez em que tentasse trabalhar naquele projeto, entrar naquela fortaleza escura? Ou seria eu "o próximo"? Seria aquilo uma prova da sua loucura?

Dentro do envelope aberto vi uma porção de papéis de diferentes pesos e tamanhos, muitos encardidos e frágeis de tão velhos, outros muito finos, cobertos de densas linhas de palavras datilografadas. Uma grande quantidade de material. Teria de o espalhar, decidi. Dirigi-me para a mesa de madeira clara mais próxima, junto ao ficheiro. Ainda havia muita gente em volta, todos desconhecidos amistosos, mas olhei supersticiosamente por cima do ombro antes de retirar os documentos e dispô-los sobre a mesa.

Manuseara alguns manuscritos de Sir Thomas More dois anos antes e algumas cartas de Albrecht, o Velho, escritas em Amsterdã, e mais recentemente ajudara a catalogar um conjunto de livros flamengos de contabilidade de 1680. Como historiador, sabia que a ordem de um achado arquivístico é uma parte importante do que nos pode revelar. Peguei no lápis e no papel e fiz uma lista da ordem dos documentos à medida que os retirava do envelope. Os primeiros documentos de Rossi, no cimo da pilha, eram folhas daquele papel fino e translúcido. Tinham sido dactilografados com o tipo de letra mais legível, mais ou

menos sob a forma de cartas. Mantive-os cuidadosamente juntos, sem me permitir examiná-los mais de perto.

O segundo documento era um mapa, desenhado à mão com uma habilidade grosseira. Já estava a ficar desbotado e as marcas e os topônimos mal se distinguiam num espesso papel de aparência estrangeira, obviamente arrancado de algum velho bloco. Dois mapas semelhantes vinham em seguida. Depois, uma brochura impressa em inglês convidando os turistas a visitar a "Romênia Romântica" que, pelos ornamentos *art déco* das suas páginas, revelava ser um produto das décadas de 1920 ou 30. Depois, dois recibos de um hotel e das refeições lá feitas. De fato, em Istambul. A seguir, um velho mapa rodoviário dos Balcãs toscamente impresso a duas cores. O último documento era um pequeno envelope cor de marfim, selado e sem endereço. Coloquei-o de lado, heroicamente, sem o abrir.

Era tudo. Virei o grande envelope castanho de cabeça para baixo, sacudi-o, para que nem um inseto morto pudesse passar despercebido. Enquanto fazia isto, tive subitamente (e pela primeira vez) a sensação que me acompanharia durante todos os esforços seguintes que me seriam exigidos: senti a presença de Rossi, o seu orgulho na minha competência, como se o seu espírito vivo falasse comigo através dos métodos minuciosos que ele mesmo me ensinara. Sabia que ele trabalhava rapidamente, como investigador, mas também que não punha nada de parte nem um único documento, nem um só arquivo, por mais longe de casa que estivesse, e certamente nem uma única idéia, por menos em voga que estivesse entre os seus colegas. O seu desaparecimento e pensei sem querer — a verdadeira necessidade que tinha de mim, tornara-nos subitamente quase iguais. Tinha a sensação, também, de que ele tinha vindo há muito a prometer-me aquele desenlace, aquela igualdade, a espera do momento em que eu a merecesse.

Tinha agora diante de mim, espalhados em cima da mesa, todos aqueles documentos de odor seco. Comecei com as cartas, as longas e densas epístolas datilografadas no papel fino e translúcido com poucos erros e poucas correções. Havia um exemplar de cada uma, e pareciam estar já em ordem cronológica. Todas estavam cuidadosamente datadas e todas eram de Dezembro de 1930, mais de vinte anos antes. Todas tinham escrito, em cima, TRINITY COLLEGE, OXFORD, sem qualquer outra morada. Passei os olhos pela primeira carta. Contava a sua descoberta do livro misterioso e a sua pesquisa inicial em Oxford. A carta estava assinada: "Seu, com pesar, Bartholomew Rossi." E começava segurei o papel fino com delicadeza apesar de a minha mão começar a tremer um pouco começava de maneira afetuosa: "Meu caro e desventurado sucessor.. "

O meu pai calou-se de súbito e o tremor da sua voz fez com que eu me virasse discretamente para o lado, antes que ele se visse obrigado a dizer mais alguma coisa. Por acordo tácito, agarramos nos nossos casacos e saímos, caminhando devagar através da famosa pequena *piazza*, fingindo que a fachada da igreja ainda nos despertava algum interesse.

O meu pai não saiu de Amsterdã durante várias semanas e, durante esse período, senti que começou a vigiar-me de uma nova maneira. Cheguei um dia da escola mais tarde do que habitualmente e encontrei Mrs. Clay ao telefone, a falar com ele. Passou-mo de imediato.

— Onde é que estiveste? — perguntou o meu pai. Estava a falar do seu escritório, no Centro para a Paz e a Democracia. — Liguei duas vezes e Mrs. Clay não sabia de ti. Puseste-a numa aflição enorme.

Percebi que quem estava aflito era ele, embora a sua voz não se tivesse alterado.

— Fiquei a ler num café novo perto da escola — respondi.

— Está bem — disse o meu pai. — Sendo assim, não deixes de telefonar a Mrs. Clay ou a mim quando chegares mais tarde.

Não gostei muito, mas prometi que telefonaria. O meu pai chegou mais cedo para jantar naquela noite e leu-me em voz alta um trecho de *Grandes Esperanças*. Depois, foi buscar alguns dos nossos álbuns de fotografias e ficamos a vê-los juntos: Paris, Londres, Boston, os meus primeiros patins, a minha formatura no terceiro grau, Paris, Londres, Roma. Estava sempre sozinha, diante do Panteão ou dos portões do Père Lachaise, porque era o meu pai que tirava as fotografias e nunca havia mais ninguém além de nós dois. Às nove da noite, verificou todas as portas e janelas para ver se estavam bem fechadas e deixou-me ir dormir.

Da próxima vez em que resolvi que chegaria tarde, liguei para Mrs. Clay. Expliquei-lhe que eu e algumas das minhas colegas iríamos fazer trabalhos de casa juntas na hora do chá. Ela disse que estava bem. Desliguei e fui sozinha para a biblioteca da universidade Johar Binnerts, o bibliotecário da coleção medieval em Amsterdã, já se habituara a ver-me, pensava eu; pelo menos, sorria circunspecto sempre que eu me aproximava com uma nova questão e perguntava-me sempre como iam os meus trabalhos de história. Mr. Binnerts encontrou-me um trecho de um livro do século dezenove que me agradava especialmente, e passei algum tempo a tomar notas a partir dele. Hoje tenho um exemplar desse livro no meu gabinete em Oxford — reencontrei-o há alguns anos numa livraria: História da Europa Central, de Lord Gelling. Tenho com ele uma ligação sentimental, depois de todos estes anos, embora nunca o abra sem uma sensação soturna. Lembro-me muito bem da minha própria mão, lisa e jovem, copiando passagens dele no meu caderno escolar:

Além de demonstrar uma grande crueldade, Vlad Drácula possuía uma grande coragem. A sua audácia era tal que, em 1462, atravessou o Danúbio e desencadeou um ataque noturno de surpresa a cavalo ao próprio acampamento do sultão Mehmed H e do seu exército, que fora ali reunido para atacar a Valáquia. Nesse ataque, Drácula matou vários soldados turcos e o sultão escapou com vida por um triz, antes que a guarda otomana obrigasse os Valáquios a recuar.

Pode-se recolher uma quantidade idêntica de material com relação a qualquer grande senhor feudal de seu tempo na Europa — mais do que isto em muitos casos e muito mais em poucos. O que há de extraordinário nas informações disponíveis sobre Drácula é a longevidade destas informações — ou seja, a sua recusa em morrer como presença histórica, a persistência da sua lenda. As poucas fontes acessíveis em Inglaterra referem-se direta ou obliquamente a outras fontes cuja diversidade tornaria qualquer historiador profundamente curioso. Ele parece ter sido célebre na Europa mesmo em vida — o que constitui uma façanha numa época em que a Europa era um mundo vasto e, pelos nossos padrões, fragmentado, cujos governos comunicavam entre si por meio de mensageiros a cavalo e por tráfego fluvial, e quando a crueldade não era uma característica invulgar entre a nobreza. A notoriedade de Drácula não acabou com a sua misteriosa morte e o seu estranho funeral em 1476, mas aparentemente prosseguiu quase inabalável até ser ofuscada pelo brilho do Iluminismo no Ocidente.

A referência a Drácula terminava ali. Aquela história já era suficiente para me manter intrigada um dia inteiro, mas deambulei pela seção de literatura inglesa e fiquei contente ao descobrir que a biblioteca possuía um exemplar do Drácula de Bram Stoker. Na verdade precisaria de muitas visitas para o ler. Não sabia se podia pedir emprestados livros da biblioteca mas, mesmo que fosse possível, não me agradava a idéia de o levar para casa, onde teria uma difícil opção pela frente: escondê-lo ou deixá-lo deliberadamente à vista. Portanto, li o Drácula sentada numa cadeira instável junto à janela da biblioteca. Se olhasse para fora, podia ver o meu canal preferido, o Singel, com o seu mercado das flores, e pessoas a comprarem sanduíches de arenque num pequeno quiosque. Era um lugar maravilhosamente isolado, e as costas de uma estante protegiam-me dos outros leitores da sala.

Ali, naquela cadeira, deixei-me gradualmente levar pelo horror gótico intercalado por ternas histórias de amor vitorianas de Stoker. Não sabia bem o que esperava do livro segundo o meu pai, o professor Rossi considerava-o quase totalmente inútil como fonte de informação sobre o verdadeiro Drácula. Eu achava o palaciano e repugnante conde Drácula do romance uma figura sedutora, mesmo não tendo muito em comum com Vlad Tepes. Entretanto, o próprio Rossi estava convencido de que Drácula se tornara um dos mortos-vivos, em vida — no decorrer da história. Perguntava a mim mesma se um romance teria o poder de fazer algo de tão estranho acontecer de fato. Afinal, Rossi fizera a sua descoberta muito depois da publicação de *Drácula*. Por outro lado, Vlad Drácula tinha sido uma força do mal quase quatrocentos anos antes do nascimento de Stoker. Era muito desconcertante.

E não tinha o professor Rossi dito também que Stoker trouxera à tona muita informação sobre as tradições populares relacionadas com vampiros? Eu nunca vira sequer um filme sobre vampiros o meu pai não gostava de terror de qualquer espécie e as convenções da história eram novidade para mim. Segundo Stoker, um vampiro só podia

atacar as suas vítimas entre o pôr e o nascer do Sol. O vampiro vivia indefinidamente, banqueteadando-se com o sangue dos mortais e condenando-os deste modo a um estado de mortos-vivos igual ao seu. Podia tomar a forma de um morcego, de um lobo ou de uma névoa; podia ser repellido pelo uso de dentes de alho ou de um crucifixo; podia ser destruído se alguém lhe cravasse uma estaca no coração e lhe enchesse a boca com alho enquanto ele estivesse a dormir no seu caixão durante o dia. Uma bala de prata no coração podia também destruí-lo.

Nada disto em si me assustava; tudo parecia remoto, demasiado supersticioso, exótico. Mas havia um aspecto da história que me impressionava sempre, depois de colocar novamente o livro na prateleira, anotando cuidadosamente o número da página em que parara. Era um pensamento que me seguia enquanto descia os degraus da escadaria da biblioteca e atravessava as pontes sobre os canais, até chegar à nossa porta. O Drácula imaginado por Stoker tinha um tipo favorito de vítima: jovens mulheres.

O meu pai ansiava mais do que nunca, dizia ele, pelo Sul na Primavera; queria que eu também visse as suas belezas. Em todo o caso, as minhas férias em breve chegariam e as reuniões dele em Paris só o ocupariam por alguns dias. Eu aprendera a não o pressionar, fosse para viajar ou para contar histórias; quando ele estivesse disposto, a próxima viria, mas nunca, nunca quando estávamos em casa. Acredito que ele não quisesse trazer aquela presença sombria diretamente para dentro da nossa casa.

Fomos de comboio para Paris e mais tarde de carro para o Sul, para Cévennes. D manhã, eu trabalhava em duas ou três composições literárias no meu francês cada vez mais perfeito, para enviar para a escola pelo correio. Ainda tenho uma delas; mesmo hoje, décadas depois, ao desdobrar o papel sinto de novo aquela sensação do intraduzível coração da França no mês de Maio, quando o cheiro da relva não era de relva mas de *l'herbe*, fresca de se comer, como se toda a vegetação da França fosse fantasticamente culinária, ingredientes de uma salada ou algo que se mergulha em requeijão fresco.

Parávamos em quintas à beira da estrada e fazíamos compras para piqueniques melhores do que qualquer restaurante teria fornecido: caixas de morangos frescos que reluziam vermelhos ao sol e pareciam não precisar de serem lavados; queijos de cabra pesados como halteres e revestidos de uma crosta de um bolor áspero e acinzentado, como se tivessem rolado no chão de um celeiro. O meu pai bebia um vinho tinto escuro, sem rótulo, que custava apenas alguns cêntimos e que ele rolhava de novo depois de cada refeição, levando sempre consigo um pequeno copo embrulhado com cuidado num guardanapo. Como sobremesa, devorávamos pães inteiros acabados de cozer, comprados na última cidade, dentro dos quais metíamos quadrados de chocolate amargo. O meu estômago doía-me de prazer e o meu pai, arrependido, dizia que teria de fazer dieta outra vez quando voltássemos para a nossa vida de todos os dias.

Aquela estrada levou-nos através do Sudoeste e então, um ou dois vagos dias depois para mais alto, para o ar mais frio das montanhas.

— Os Pireneus Orientais — explicou o meu pai, desdobrando um mapa rodoviário em cima de um dos nossos piqueniques. — Há anos que andava a querer voltar aqui.

Tracei o nosso percurso com o dedo e descobri, surpreendida, que estávamos muito perto da Espanha. Esse pensamento — e a linda palavra "Orientais" — excitaram-me. Estávamos a chegar aos limites do mundo que eu conhecia e, pela primeira vez, apercebi-me de que um dia poderia ultrapassá-los e ir cada vez mais longe. O meu pai disse que queria ver um mosteiro em particular.

— Acho que podemos chegar à cidade que fica no sopé dele esta noite e amanhã iremos até lá a pé.

— Fica mesmo no cimo? — perguntei.

— Fica mais ou menos a meio da subida das montanhas, que o protegiam de todo o tipo de invasores. Foi construído precisamente no ano 1000. Incrível, aquele pequenino lugar escavado na rocha, de difícil acesso mesmo pelos peregrinos mais fanáticos. Mas vais gostar igualmente da cidade que fica por baixo dele. É uma antiga cidade termal, verdadeiramente encantadora.

O meu pai sorria ao dizer isto, mas estava inquieto, dobrando o mapa demasiado depressa. Pressenti que em breve me contaria outra história; era provável que desta vez eu não precisasse de pedir.

Gostei realmente de Lês Bains quando lá chegamos naquela tarde. Era uma grande povoação de pedra cor de areia dispersa sobre um pequeno cume de montanha. Os grandes Pireneus erguiam-se acima dela, escurecendo tudo exceto as ruas mais largas na parte de baixo, que se prolongavam em direção aos vales sulcados de riachos e às quintas lá em baixo, na planície seca. Plátanos poeirentos, com as copas podadas em quadrado em redor de uma série de *piazas* também poeirentas, não proporcionavam qualquer sombra aos habitantes da cidade que por ali passeavam, nem às mesinhas onde senhoras de idade vendiam toalhas de mesa feitas de crochê e frascos de essência de lavanda.

De onde nos encontrávamos, avistava-se a previsível igreja de pedra, assediada por andorinhas, no ponto mais alto da cidade, com a torre a flutuar no meio da enorme sombra das montanhas, um longo pico soturno que se estenderia rua após rua naquele lado da cidade à medida que o sol desaparecesse.

Jantamos com grande apetite uma sopa parecida com *gazpacho* e costeletas de vitela no restaurante do rés-do-chão de um dos hotéis da cidade, datado do século dezenove. O *maître* do restaurante apoiou o pé na barra de latão do bar próximo da nossa mesa e perguntou com ar negligente, embora educado, sobre as nossas viagens. Era um homem de aparência pouco atraente, vestido imaculadamente de preto, com o rosto estreito e a pele intensamente morena. Falava um francês *staccato* aromatizado com uma especiaria que eu nunca encontrara antes e que compreendia muito menos ainda do que o meu pai. O meu pai traduziu.

— Ah, é claro, o nosso mosteiro — começou o *maître*, em resposta a uma pergunta do

meu pai. — O senhor sabia que Saint-Matthieu atrai oito mil visitantes todos os verões? É verdade. Mas são todos tão tranquilos, sossegados, uma quantidade de cristãos estrangeiros que sobem o caminho a pé, ainda é uma verdadeira peregrinação. Fazem eles próprios as suas camas de manhã e quase não damos por eles saírem ou entrarem. É claro que muita gente vem para *lès bains*. Os senhores vão tomar as águas, não vão?

O meu pai respondeu que teríamos de seguir de novo para norte depois de passarmos apenas duas noites ali, e que planejavamos passar todo o dia seguinte no mosteiro.

— O senhor sabia que este lugar tem muitas lendas, algumas notáveis e todas verdadeiras? — disse o *maître*, sorrindo, o que tornou o seu rosto estreito subitamente bonito. — A menina compreende? Talvez ela esteja interessada em sabê-las.

Je comprends, merci — disse eu, com delicadeza.

— *Bon*. Vou contar uma delas, posso? Por favor, coma a sua costeleta, é melhor bem quente.

Naquele momento, a porta do restaurante abriu-se e um sorridente casal idoso, que certamente morava na cidade, entrou e escolheu uma mesa.

— *Bon soir, buenas tardes* — disse o *maître* num só fôlego. Fiz uma cara intrigada para o meu pai e ele riu-se.

— É verdade, somos uma grande mistura aqui em cima disse o *maître*, — rindo-se também. — Somos *la salade*, todas as diferentes culturas. O meu avô falava muito bem espanhol, um espanhol perfeito, e lutou na guerra civil deles quando já era velho. Aqui gostamos muito de todas as nossas línguas. Nada de bombas, nem de terroristas, como os Bascos. Nós não somos criminosos. — E lançou olhares indignados em torno, como se alguém o estivesse a contradizer.

— Explico-te depois — disse o meu pai num sussurro.

— Então, vou contar-lhes uma história. Tenho muito orgulho em dizer que me chamam o historiador da nossa cidade. Comam. O nosso mosteiro foi fundado no ano 1000, como já sabem. Na realidade, foi no ano 999, pois os monges que escolheram este local preparavam-se para a chegada do Apocalipse, sabem, no milênio. Subiram estas montanhas à procura de um lugar para a sua igreja quando um deles teve uma visão em sonhos, em que São Mateus descia do céu para colocar uma rosa branca no pico da montanha que se encontrava acima deles. No dia seguinte, foram até lá e consagraram a montanha com as suas preces. O lugar é muito bonito, vão adorar. Mas esta não é a grande lenda. É apenas a história da fundação da igreja.

"Então, quando o mosteiro e a sua pequena igreja tinham apenas um século de idade, um dos monges mais piedosos, o que ensinava os mais jovens, morreu misteriosamente quando estava na meia-idade. Chamava-se Miguel de Cuxa. Choraram muito a sua morte e enterraram-no na cripta. Sabem, somos famosos por causa dessa cripta, porque é o exemplo mais antigo da arquitetura românica na Europa. Sim, senhor! — e ele tamborilou no bar com os seus dedos compridos, de pontas quadradas. Sim, senhor" Certas pessoas

dizem que essa honra pertence a Saint-Pierre, fora de Perpignan, mas é uma mentira para atrair turistas.

"Seja como for, esse grande erudito foi enterrado na cripta e pouco depois uma terrível maldição abateu-se sobre o mosteiro. Vários monges morreram de uma estranha epidemia. Foram encontrados um após outro nos claustros os claustros são lindos, vão adorar, são os mais bonitos da Europa. Como eu ia dizendo, os monges mortos foram encontrados brancos como fantasmas, como se não tivessem um pingo de sangue nas veias. Suspeitou-se que tivessem sido envenenados.

Finalmente, um jovem monge o aluno favorito do monge erudito que morrera desceu à cripta e desenterrou o seu professor, contra a vontade do abade, que estava aterrorizado. E encontraram o professor vivo, mas não propriamente vivo, se é que me entendem. Um morto-vivo. Levantava-se à noite para tirar a vida dos seus companheiros. Para fazer a alma do pobre homem subir para o lugar certo, trouxeram água benta de um santuário nas montanhas e prepararam uma estaca bem pontiaguda — e fez um gesto teatral, desenhando uma forma no ar para que eu compreendesse como a estaca era pontiaguda.

Até então, toda a minha atenção estivera fixada nele e no seu estranho francês, juntando os fragmentos da sua história no meu espírito com o máximo esforço de concentração. O meu pai parara de traduzir e, naquele momento, a sua faca retiniu ao bater no prato. Quando olhei para ele, vi que estava branco como a toalha da mesa, os olhos fixos no nosso novo amigo.

— Será que... — pigarreou e limpou a boca com o guardanapo uma ou duas vezes. — Será que nos pode trazer o café?

— Mas nem comeram ainda a *salade* — o nosso informador parecia desolado. — É excepcional. E depois hoje temos *paires Belle Hélène*, uns queijos ótimos e também um *gâteau* para a menina.

— Claro, claro — disse o meu pai, apressadamente. — Sim, traga então tudo

A mais baixa das praças poeirentas estava inundada pelo barulho de música de altifalantes quando lá chegamos: tinha lugar um tipo qualquer de festividade local sob a forma de dez ou doze crianças vestidas com trajes que me lembravam a *Carmen*. As meninas mexiam-se sem sair do lugar, fazendo roçar os folhos das suas saias de tafetá amarelo, que lhes iam das ancas aos tornozelos, as cabeças a ondular graciosamente sob as *mantilhas* de renda. Os meninos sapateavam e ajoelhavam-se no chão ou andavam à volta das meninas com ares superiores. Usavam casaco preto, curto, calças justas e chapéu de veludo. Ouvíamos a música elevar-se estridente de vez em quando, acompanhada de um som semelhante ao do estalar de chicotes, que soava mais alto à medida que chegávamos mais perto. Havia outros turistas de pé, em volta, a assistir às danças e uma fila de pais e avós sentados em cadeiras de armar junto à fonte vazia, aplaudindo sempre que a música ou o sapateado dos garotos atingia um crescendo.

Paramos ali apenas alguns minutos e em seguida dirigimo-nos para o caminho que

subia, o que levava claramente para fora da praça em direção à igreja, no cimo. O meu pai não disse nada sobre o Sol que mergulhava rapidamente no céu, mas senti que o nosso ritmo era ditado pela morte repentina do dia, e não fiquei surpreendida quando toda a luminosidade daquela região agreste como que mergulhou de súbito. A silhueta negro-azulada dos Pireneus destacava-se nitidamente no horizonte à medida que subíamos. Depois, desfez-se no céu negro-azulado. A vista que se descortinava da base do muro da igreja era imensa não estonteante, como as das cidades italianas com que eu ainda sonhava, mas vasta, planícies e colinas juntando-se em contrafortes e os contrafortes erguendo-se em picos escuros que faziam desaparecer porções inteiras do mundo distante. Mesmo por baixo de nós, as luzes da cidade iam-se acendendo, as pessoas caminhavam pelas ruas e ruelas conversando e rindo, e um cheiro que lembrava o dos cravos vinha dos pequenos jardins murados. As andorinhas entravam e saíam da torre da igreja, girando como se delineassem qualquer coisa invisível com filamentos de ar. Reparei numa delas, que rodopiava descontroladamente no meio das outras, sem peso e desajeitada, em vez de ligeira e ágil, e percebi que se tratava de um morcego, apenas visível na instável claridade.

O meu pai suspirou, encostou-se ao muro e pousou um dos pés em cima de um bloco de pedra um poste onde amarrar animais, um apoio para subir para um jumento? Fez essas conjecturas em voz alta, em minha intenção. O que quer que fosse, vira durante séculos aquela mesma paisagem, incontáveis crepúsculos semelhantes e a mudança relativamente recente da luz das velas para as luzes elétricas nas ruas ladeadas por muros altos e nos cafés. O meu pai parecia outra vez descontraído, reclinado ali depois de uma boa refeição e de um passeio, respirando aquele ar absolutamente limpo, mas eu tinha a impressão de que se mostrava propositalmente descontraído. Não me atrevera a comentar a sua estranha reação à história que o *maitre* do restaurante nos contara, mas sentia que talvez houvesse histórias ainda mais horríveis para o meu pai do que aquela que ele começara a contar-me. Desta vez, não precisei de lhe pedir para continuar a nossa história; era como se ele a preferisse, naquele momento, a qualquer coisa de pior.

13 de Dezembro de 1930 Trinity College, Oxford
Meu caro e desventurado sucessor:

Consola-me hoje um pouco saber que esta data é dedicada, no calendário da Igreja, a Lucia a santa da luz, uma sagrada presença levada do Sul da Itália pelos mercadores vikings O que poderia proporcionar melhor proteção contra as forças das trevas internas, externas, eternas do que a luz e o calor quando nos aproximamos do dia mais curto e mais frio do ano? E ainda estou aqui, depois de mais uma noite insone. Ficaria menos intrigado se lhe dissesse que agora durmo com uma réstia de alhos debaixo do travesseiro, ou que uso um pequeno crucifixo de ouro pendurado numa corrente à volta do meu pescoço de ateu? Não o faço, é claro, mas deixo-o imaginar essas formas de proteção, se quiser; elas têm os seus equivalentes intelectuais, psicológicos. A estes, pelo menos, recorro noite e dia.

Para resumir o relato sobre a minha pesquisa: sim, modifiquei os meus planos de viagem no último Verão para incluir neles Istambul, e modifiquei-os sob a influência de um pequeno fragmento de pergaminho. Examinara todas as fontes que pudera encontrar em Oxford e em Londres que estivessem relacionadas com o "Drácula" do meu misterioso livro em branco. Fizerei anotações abundantes sobre o assunto que você, inquieto leitor do futuro, vai encontrar nestas cartas. Expandi-as um pouco desde então, como adiante verá, e espero que o possam proteger e guiar.

Estava firmemente determinado a desistir desta pesquisa sem sentido, desta corrida atrás de um emblema qualquer num livro encontrado ao acaso, na véspera da minha partida para a Grécia. Sabia perfeitamente que tomara tudo aquilo como um desafio que me fora apresentado pelo destino, e em que, ao fim e ao cabo, nem sequer acreditava, e que provavelmente estava a perseguir a vaga e perversa palavra "Drácula" na história impelido por uma espécie de gabarolice académica, para provar que era capaz de encontrar os vestígios históricos de qualquer coisa, fosse o que fosse. Na realidade, naquela última tarde chegara tão perto de um estado de espírito racional, enquanto arrumava na mala as minhas camisas limpas e o meu chapéu que acusava o uso, que quase pusera tudo aquilo de lado.

Porém, como de costume, tinha-me preparado com demasiada antecendência para a viagem e estava adiantado, tinha ainda algum tempo antes da minha última noite de sono e do comboio da manhã. Podia ir ao Golden Wolf, pedir um quartilho de cerveja preta bem forte e ver se o meu bom amigo Hedges lá estava ou e aqui fiz um desvio infeliz poderia dar um último salto à sala de Livros Raros, que ficaria aberta até às nove. Havia lá um arquivo que eu tivera a intenção de verificar (embora duvidasse de que fosse esclarecer alguma coisa), uma entrada em "Otomanos" que eu acreditava referir-se precisamente ao período da vida de Vlad Drácula, pois tinha reparado que os documentos ali referenciados pertenciam sobretudo à segunda metade do século quinze.

Era evidente, raciocinei, que não poderia ir atrás de todas as fontes daquele período em toda a Europa e em toda a Ásia: levaria anos — vidas inteiras e achava que aquela maldita procura idiota não me renderia sequer um artigo. Mas desviei os meus passos do caminho do animado bar um erro que já causou a ruína de muitos infelizes académicos e seguí para os Livros Raros.

O arquivo, guardado numa caixa que encontrei sem dificuldade, continha quatro ou cinco rolos curtos e achatados de pergaminho, de feitura otomana, todos parte de uma doação feita no século dezoito à Universidade. Todos os rolos estavam cobertos de textos em caligrafia árabe

Uma descrição em inglês na frente do ficheiro assegurava-me de que não se tratava de nenhum tesouro sem dono conhecido, no que me dizia respeito. (Recorri logo ao inglês porque o meu árabe é tristemente rudimentar, e receio que assim vá continuar. Só temos tempo para aprender umas poucas línguas importantes, a não ser que se abandone tudo o resto em favor da linguística.) Três dos rolos eram inventários de impostos levantados aos povos da Anatóliapelo sultão Mehmed 11. O último era uma lista de impostos colectados nas cidades de Sarajevo e Skopje, um pouco mais perto de casa, considerando que casa para mim, naquele momento, era a residência de Drácula na Valáquia, mas ainda assim uma região distante do seu império naquela época. Recolhi os rolos suspirando e pensando que ainda tinha tempo para uma visita, curta mas gratificante, ao Golden Wolf. Quando juntava os pergaminhos para os colocar de novo numa respectiva caixa de papelão, umas palavras escritas no verso do último chamaram-me a atenção. Tratava-se de uma lista curta, uma anotação informal, um rabisco antigo no verso do documento oficial de Sarajevo e Skopje dirigido ao sultão. Li tudo com curiosidade. Parecia ser um registo de despesas os objectos adquiridos tinham sido anotados à esquerda e o seu custo, numa moeda não especificada, meticulosamente lançados à direita. "Cinco leões da montanha jovens para o Glorioso Sultão, 45". li, cheio de interesse. "Dois cintos de ouro com pedras preciosas para o Sultão, 290. Duzentas peles de carneiro para o Sultão, 89." E, em seguida, a entrada final, que me fez eriçar os pêlos do braço enquanto segurava aquele pergaminho antigo: "Mapas e registros militares da Ordem do Dragão, 12."

Perguntar-se-á como consegui ler tudo isto num relance, se o meu conhecimento da língua árabe é tão precário como acabei de confessar? A si, meu leitor de raciocínio rápido, que está bem acordado e a seguir com atenção a minha narrativa, bendigo-o por isso. Este rolo, este memorando medieval, estava escrito em latim. Por baixo da lista, uma data meio apagada fixou-se-me na mente: 1490.

Em 1490, lembrava-me bem, a Ordem do Dragão estava em frangalhos, esmagada pelo poder otomano; Vlad Drácula morrera e fora enterrado catorze anos antes, de acordo com a lenda, no mosteiro do lago Snagov. Os mapas, os registros, os segredos da Ordem o que que estivesse a ser mencionado naquela frase vaga fora comprado muito barato, em comparação com os cintos cravejados de pedras e as pilhas de lã de carneiro malcheirosa. Talvez tivessem sido acrescentados à lista de compras do mercador no último minuto, como curiosidade, uma amostra da burocracia da conquista para lisonjear e divertir um sultão erudito cujo pai ou avô manifestara, a contragosto, admiração pela bárbara Ordem do Dragão, que o importunara nos limites do império. Seria o meu mercador um viajante dos Balcãs, que escrevia em latim e falava algum dialeto eslavo ou latinizado? Tratava-se com toda a certeza de uma pessoa muito instruída, pois até sabia escrever, talvez um mercador judeu que dominasse três ou quatro línguas. Quem quer que fosse, abençoei o pó em que se transformara por ter tomado nota daquelas despesas. Se enviara a sua caravana com aqueles bens sem nenhum incidente e se a caravana chegara em segurança ao sultão, e se o menos provável de tudo a carga sobrevivera na casa dos tesouros do sultão, repleta de jóias, peças de cobre batido, vidro bizantino, relíquias religiosas dos bárbaros, obras de poesia persa, livros da cabala, atlas, mapas astronómicos...

Dirigi-me ao balcão onde o bibliotecário examinava o conteúdo de uma gaveta.

Com licença disse eu. Tem uma lista de arquivos históricos por país? Arquivos sobre... sobre a Turquia, por exemplo?

Sei do que está à procura, senhor. Existe uma lista dessas, sim, para universidades e museus, embora não seja de maneira nenhuma completa. Não a temos aqui; pode consultá-la na biblioteca central. Abrem amanhã às nove.

Lembrei-me de que o meu comboio para Londres só partia às 10,14 h. Demoraria apenas dez minutos, mais ou menos, a avaliar as possibilidades. E se o nome do sultão Mehmed 11, ou o dos seus sucessores imediatos, aparecesse entre alguma dessas possibilidades... bem, ao fim e ao cabo eu não queria assim tanto visitar Rodes.

Com profundo pesar, seu Bartholomew Rossi

— O tempo parecia ter parado no alto salão abobadado da biblioteca — disse o meu pai, — apesar de toda a atividade à minha volta. Eu lera uma carta inteira, mas havia pelo menos mais outras quatro na pilha por baixo dela. Notei, ao erguer os olhos, que uma profundidade azul se abria para lá das janelas de cima: o crepúsculo. Teria de caminhar até casa sozinho no escuro, pensei, como uma criança assustada. Mais uma vez, tive o impulso de correr para o escritório de Rossi e bater a porta. Certamente que o encontraria lá sentado, a virar as páginas de um manuscrito sob o foco de luz amarela do candeeiro da sua mesa. Continuava atordoado, como se fica depois da morte de um amigo, com a irre realidade da situação, com a impossibilidade de o espírito admitir o fato. Para ser franco, estava tão confuso como assustado, e a minha confusão só aumentava o meu medo, porque não me reconhecia a mim mesmo naquele estado

Enquanto refletia sobre isto, deitei um olhar para a pilha de papéis em cima da mesa. Ao espalhá-los, ocupara grande parte da superfície. Provavelmente por isso, ninguém tentara sentar-se do lado oposto da mesa ou ocupar uma das outras cadeiras à volta dela. Quando me interrogava se deveria juntar todo o material e ir para casa para continuar a trabalhar nele mais tarde, uma jovem aproximou-se e sentou-se junto a uma das extremidades da mesa. Ao olhar em volta, vi que as outras mesas estavam ocupadas e cobertas de livros, páginas datilografadas, gavetas de fichas e blocos de apontamentos. Percebi que ela não tinha outro sítio para se sentar, mas senti o impulso de proteger os documentos de Rossi, temia que o olhar involuntário de um estranho caísse sobre eles. Teriam uma aparência tão obviamente louca? Ou seria eu que parecia louco?

Estava a reunir os papéis, mantendo cuidadosamente a sua ordem original, e a levá-los de volta quase a fazer aqueles gestos lentos e educados com que tentamos falsamente convencer a outra pessoa que acabou de pedir licença para se sentar à mesa da cantina que estávamos mesmo de saída — quando reparei subitamente no livro que a rapariga apoiara à sua frente. Estava já a folhear a parte central do livro, com um caderno e uma caneta preparados junto ao cotovelo. Relanceei os olhos do título do livro para o rosto dela, espantado, e depois para o outro livro que ela colocara perto. E olhei de novo para o rosto dela. Era um rosto jovem mas que já estava a envelhecer de forma muito leve e bonita, com o ligeiro franzir da pele que eu reconhecia a volta dos meus próprios olhos todas as manhãs diante do espelho, um cansaço que mal se disfarçava, por isso conclui que devia ser aluna de pós-graduação. Era também um rosto elegante e anguloso que não destoaria numa pintura religiosa medieval, e que só não parecia ascético graças às maçãs do rosto

delicadamente salientes. A pele era clara, mas via-se que ficaria morena depois de uma semana ao sol. As pestanas estavam descidas para o livro, a boca firme e as sobrancelhas estendiam-se para os lados, parecendo estarem em alerta por aquilo que os olhos seguiam na página. O cabelo escuro, quase cor de carvão, brotava-lhe da testa com mais vigor do que a moda determinava naquela época de penteados rigorosamente colados à cabeça. O título do livro que ela lia, naquele local de miríades de assuntos — olhei novamente, mais uma vez espantado, era *Os Cárpatos*. Sob a manga escura da sua camisola, estava o *Drácula* de Bram Stoker.

Nesse instante, a jovem mulher levantou os olhos e encontrou o meu olhar, e percebi que estivera a olhar fixamente para ela, o que podia ter sido ofensivo. E, de fato, o olhar escuro e profundo que ela me devolveu embora os seus olhos tivessem curiosos reflexos cor de âmbar, como mel foi extremamente hostil. Eu não era o que as pessoas então ainda chamavam um mulherengo; na realidade, era mais uma espécie de recluso. Mas sabia o suficiente para me sentir envergonhado e apressar-me a explicar a minha atitude. Mais tarde, percebi que a hostilidade dela era a defesa natural da mulher atraente para quem os homens estão constantemente a olhar.

— Desculpe — disse eu depressa. — Não pude deixar de reparar nos seus livros. Que dizer, no que está a ler.

Ela encarou-me sem responder, mantendo o livro aberto à sua frente, e levantou o arco escuro das sobrancelhas.

— Sabe, estou a estudar o mesmo assunto — insisti. As sobrancelhas subiram mais um pouco, mas apontei para os papéis à minha frente. — Não, não é bem assim. Estava apenas a ler sobre... olhei para as pilhas dos documentos de Rossi e parei abruptamente.

A inclinação desdenhosa das pálpebras dela fez-me corar.

— Drácula? — disse ela, com um tom sarcástico na voz. — Parece ter aí fontes importantes. — Tinha um sotaque carregado que eu não consegui situar, e a voz era suave, mas de uma suavidade de biblioteca, dando a impressão de que poderia jorrar com verdadeira força quando se libertasse.

Experimentei uma tática diferente.

— Está a ler esses livros por prazer? Quer dizer, para se divertir? Ou está a pesquisar?

— Prazer? — manteve o livro aberto, talvez para me desencorajar com todas as armas possíveis.

— Bem, o tema é bastante fora do comum e, como também está com um livro sobre os Cárpatos, deve estar muito interessada no assunto. — Eu não falava tão depressa desde as provas orais para o meu mestrado. — Eu próprio ia procurar esse livro. Os dois, na verdade.

— Não me diga — comentou ela. — E porquê?

— Bom — arrisquei, — tenho aqui estas cartas, de... uma fonte histórica pouco comum... e mencionam Drácula. São sobre Drácula.

Um leve interesse despontou no olhar dela, como se a luz cor de âmbar prevalecesse e

se voltasse relutantemente para mim. Recostou-se ligeiramente na cadeira, relaxou o corpo com uma certa desenvoltura masculina, sem tirar as mãos do livro. Ocorreu-me que já vira aquele mesmo gesto centenas de vezes, aquele afrouxamento da tensão que acompanhava o pensamento, o ato de estabelecer uma conversa. Onde o vira?

— Que cartas são essas, exatamente? — perguntou ela, baixo, com a sua calma voz estrangeira. Arrependi-me de não me ter apresentado e dado informações a meu respeito antes de falar daquilo. Por alguma razão, sentia que não podia voltar atrás estender-lhe a mão para apertar a dela, dizer a que departamento pertencia e assim por diante. Também me ocorreu que nunca a vira antes, e portanto não devia ser aluna de História, a não ser que fosse nova, transferida de outra universidade. E deveria mentir para proteger Rossi? Decidi, ao acaso, não mentir. Simplesmente, não citei o nome dele.

— Estou a trabalhar com uma pessoa que... está com alguns problemas, e ele escreveu estas cartas há mais de vinte anos. Entregou-mas achando que talvez eu pudesse ajudá-lo a resolver a... situação... em que se encontra, que tem a ver com... ele está a estudar, quero dizer, estava a estudar...

— Estou a ver — disse ela, com fria delicadeza. Levantou-se e começou a juntar os seus livros, com vagar, sem pressa. Agarrou na pasta. De pé, era tão alta quanto eu e imaginara, um pouco musculosa, de ombros largos.

— Por que é que está a estudar Drácula? — perguntei, em desespero.

— Bem, acho que não é da sua conta — disse-me ríspidamente, voltando-se para sair, — mas estou a planejar uma futura viagem, apesar de não saber quando a farei.

— Aos Cárpatos? — senti-me subitamente irritado com aquela conversa toda.

— Não — a rapariga atirou-me aquela última palavra com ar de desprezo. Então, como se não pudesse evitar, completou, mas tão desdenhosamente que não me atrevi a segui-la: — A Istambul.

— Meu Deus — exclamou o meu pai inesperadamente para o céu chilreante. As últimas andorinhas voltavam aos ninhos sobre as nossas cabeças, víamos a cidade com as suas ténues luzes pesadamente assente no vale. — Não devíamos estar aqui sentados agora, com uma caminhada pela frente amanhã. Tenho a certeza de que os peregrinos devem deitar-se cedo. Assim que escurece, ou algo parecido.

Mexi as pernas; um pé ficara dormente debaixo de mim e as pedras dos muros do adro da igreja pareceram-me de repente mais pontiagudas, incrivelmente desconfortáveis, sobretudo quando pensava na cama que me esperava. Iria sentir formigueiros nos pés durante a acidentada descida para o hotel. E já sentia também uma grande irritação, mais intensa do que as picadas nos pés. O meu pai interrompera a história cedo de mais outra vez.

— Olha — disse o meu pai, apontando para a frente. — Penso que ali deve ser Saint Matthieu.

Acompanhei o gesto dele na direção da massa de montanhas e vi, no meio da subida,

uma pequena luz estável. Não havia nenhuma outra luz perto; não parecia haver nenhuma outra habitação próxima dela. Era uma única centelha no meio de imensas dobras de pano preto, no cimo, mas não perto dos picos mais altos — pendia entre a cidade e o céu noturno.

— Sim, é precisamente onde deve ficar o mosteiro, penso eu — repetiu o meu pai. — E amanhã vamos fazer uma subida em grande, mesmo se formos pela estrada.

Enquanto seguíamos pelas ruas sem luar, senti aquela tristeza que nos invade quando descemos das alturas, quando deixamos para trás algo de majestoso. Antes de dobrarmos a esquina do velho campanário, olhei para trás uma última vez, para fixar na memória aquele pequeno ponto de luz. Lá estava ele de novo, brilhando por cima do muro de uma casa onde se enroscava uma buganvília escura. Parei por um momento e fixei o olhar nele. Então, apenas uma vez, a luz piscou.

14 de Dezembro de 1930 Trinity College, Oxford
Meu caro e desventurado sucessor:

Preto concludir a minha narrativa o mais rapidamente possível, pois você precisa extrair dela informações vitais se quisermos ambos ali sobreviver, pelo menos — e sobreviver num estado de bondade e misericórdia. Há sobrevivência e sobrevivência, o historiador aprende à sua custa. Os piores impulsos da humanidade podem sobreviver por gerações a fio, por séculos, até milênios. E os nossos melhores esforços individuais podem morrer conosco no final de uma única vida.

Mas, prosseguindo: quando fui de Inglaterra para a Grécia, a minha estada foi uma das mais tranquilas que já tive, tudo correu bem. O diretor do museu de Creta estava no cais para me receber e convidou-me para voltar mais tarde nesse Verão, para assistir à abertura de um túmulo minóico. Além disso, dois classicistas norte-americanos, que eu queria conhecer há anos, estavam hospedados na mesma pensão que eu. Insistiram para que eu me informasse sobre uma vaga que acabara de abrir no corpo docente da sua universidade perfeita para alguém com a minha formação e elogiaram muito o meu trabalho. Tinha acesso fácil a todas as coleções, inclusivamente algumas particulares. À tarde, quando os museus fechavam e a cidade fazia a sesta, sentava-me na minha linda varanda varanada por trepadeiras, a dar corpo as minhas notas e, ao mesmo tempo, a extrair delas novas idéias para outros trabalhos a realizar no futuro. Nessas idílicas circunstâncias, cheguei a pensar em abandonar inteiramente o que naquele momento me parecia um capricho mórbido, a busca daquela palavra tão peculiar, Drákula. Trouxera comigo o livro antigo, não querendo ficar longe dele, mas havia uma semana que não o abria. Em geral, sentia-me liberto do seu fascínio. Mas alguma coisa a paixão do historiador por encontrar respostas, ou quem sabe o mero amor pela caçada levou-me a manter os meus planos e ir a Istambul por alguns dias. E agora tenho de lhe contar a minha extraordinária aventura num arquivo daquela cidade. Este é talvez o primeiro de muitos acontecimentos que irei descrever que poderá despertar a sua descrença. Peço-lhe apenas que leia até ao fim.

— Obedecendo ao pedido dele, li palavra por palavra — disse o meu pai. — A carta contava-me outra vez a arrepiante experiência de Rossi com os documentos da coleção do sultão Mehmed II: o mapa em três línguas que ele encontrou e que aparentemente indicava a localização do túmulo de Vlad, o Empalador, o roubo do mapa por um sinistro funcionário e as duas pequenas feridas por sarar no pescoço do homem. Ao contar esta história, o estilo da sua escrita perdia um pouco da coerência e do controle que eu observara nas duas cartas anteriores, a letra alongava-se, inconsistente, e pequenos erros multiplicavam-se, como se a tivesse datilografado num estado de grande agitação. E, apesar da minha própria inquietação (porque agora era de noite, eu tinha voltado para o meu apartamento e estava a ler lá dentro, sozinho, com a porta trancada e as cortinas supersticiosamente corridas), reparei na linguagem que ele usara ao descrever os acontecimentos; seguia de perto o que me contara apenas há duas noites. Era como se a história tivesse marcado tão profundamente o seu espírito, quase vinte e cinco anos antes, que só precisasse de ser repetida para um novo ouvinte.

Restavam ainda três cartas, e passei avidamente à seguinte.

15 de Dezembro de 1930

Trinity College, Oxford

Meu caro e desventurado sucessor;

A partir do momento em que o mal-humorado funcionário me arrebatou o mapa, a minha sorte mudou. Ao voltar para o meu quarto, descobri que o gerente do hotel transferira as minhas coisas para um quarto menor e bastante sujo porque um canto do teto do outro tinha caído. Durante este processo, alguns dos meus trabalhos tinham desaparecido e uns botões de punho de ouro de que gostava muito também tinham sumido.

Sentado nos meus novos e exíguos aposentos, tentei imediatamente recuperar as minhas anotações sobre a história de Vlad Drácula bem como os mapas que vira no arquivo de memória. Em seguida, fugi rapidamente daquele lugar e voltei à Grécia, onde tentei recomençar os meus estudos sobre Creta, já que agora tinha algum tempo extra à minha disposição.

A viagem de barco para Creta foi horrível, com o mar muito agitado. Um vento quente enlouquecedor, como o famoso mistral francês, soprou incessantemente sobre a ilha. O meu quarto anterior estava ocupado e só consegui umas instalações péssimas, um quarto escuro e cheio de mofo. Os meus colegas americanos já tinham partido. O simpático diretor do museu adoecera e ninguém parecia lembrar-se de que ele me convidara para assistir à abertura de um túmulo. Tentei continuar com os meus escritos sobre Creta, mas foi inutilmente que procurei inspiração nas minhas notas. O meu nervosismo só aumentou com as superstições primitivas que encontrei mesmo nas pessoas da cidade, superstições de que não me apercebera nas viagens anteriores, embora estejam tão disseminadas na Grécia que eu já devesse ter-me deparado com elas anteriormente. De acordo com a tradição grega, a origem do vampiro, o vryko/Jakas é qualquer corpo que não tenha sido enterrado convenientemente ou que demore a decompor-se, para não falar de alguém que tenha sido acidentalmente enterrado vivo. Os velhos nas tabernas de Creta mostravam-se mais inclinados a contar-me as suas mil e uma histórias de vampiros do que a indicar-me onde poderia encontrar outros fragmentos de cerâmica como aquele, ou que navios antigos os seus avós tinham feito naufragar para depois os pilharem. Certa noite, deixei que um estranho me oferecesse uma rodada de uma especialidade local chamada, extravagantemente, "amnésia", que me pôs doente durante todo o dia seguinte.

Para dizer a verdade, nada me correu bem até chegar a Inglaterra, para onde viajei no meio de um temporal de ventania e chuva que me causou o enjoo mais terrível que alguma vez senti.

Assinalo estas circunstâncias para o caso de terem alguma relação com outros aspectos da minha situação. No mínimo, servirão para lhe explicar qual era o meu estado de espírito quando cheguei a Oxford: exausto, desanimado, amedrontado. Quando me vi ao espelho, o meu rosto estava pálido e magro. Todas as vezes que me cortava ao fazer a barba, o que acontecia com frequência devido ao nervosismo, estremecia, lembrando-me das pequenas fendas meio coaguladas no pescoço do funcionário turco e duvidando cada vez mais da sanidade da minha própria recordação. As vezes, tinha a sensação, que me perseguia até quase à loucura, de um objetivo não cumprido, uma intenção cuja forma não conseguia reconstituir. Estava sozinho e cheio de ansiedade. Numa palavra, os meus nervos estavam num estado que nunca conhecera antes.

É evidente que tentei fazer a minha vida de sempre, sem falar daquele assunto com ninguém e preparando-me para o semestre seguinte com o cuidado habitual. Escrevi para os classicistas norte-americanos que encontrara em Creta, dando a entender que estaria interessado pelo menos

numa colocação temporária nos Estados Unidos, se eles me pudessem ajudar a arranjar-me uma O meu doutoramento estava quase a acabar, sentia cada vez mais a necessidade de começar do zero e achava que a mudança me faria bem. Completei também dois curtos artigos sobre a junção de provas arqueológicas e literárias no estudo da produção de cerâmica cretense Com esforço, apliquei a minha autodisciplina natural às atividades de cada dia, e cada dia me acalmava mais um pouco. No primeiro mês depois do meu regresso, tentei não só abafar todas as recordações da minha desagradável viagem, mas também evitar qualquer renovado interesse pelo estranho livrinho ou pela pesquisa que ele provocara. No entanto, quando a minha confiança se reafirmou, a curiosidade voltou a crescer perversamente dentro de mim e, certa noite, peguei no livro e reorganizei as minhas notas de Inglaterra e de Istambul. As consequências e daí em diante vi-a como consequências foram imediatas, aterrorizadoras e trágicas.

Preciso de fazer uma pausa, corajoso leitor; não consigo escrever mais por agora. Suplico-lhe que não desista desta leitura, que prossiga, como eu também tentarei fazer, amanhã.

Seu, com o mais profundo pesar, Bartholomew Rossi

Nos últimos anos, desde o final da minha adolescência estudiosa com o meu pai e o início das primeiras décadas da minha aventureira vida adulta, por várias vezes experimentei as sensações desse legado peculiar que o tempo dá ao viajante: o desejo de ir a um lugar pela segunda vez, de encontrar deliberadamente aquilo que antes se encontrou por acaso, de reviver a sensação de descoberta. Em certas ocasiões, procuramos rever mesmo um lugar que nada tinha de extraordinário só porque nos lembramos dele. Quando o reencontramos, tudo está diferente, é claro. A porta de madeira tosca ainda lá está, mas é muito menor; o dia está nublado, não claro como da outra vez; é Primavera, em vez de Outono; estamos sós, e já não com três amigos. Ou pior, com três amigos em vez de sozinhos.

O viajante muito jovem conhece pouco esse fenómeno mas, antes que eu própria o conhecesse, vi-o acontecer com o meu pai em Saint-Mathieu-des-Pyrénées-Orientales. Pressenti nele, mais do que vi claramente, o mistério da repetição, sabendo que estivera ali três anos antes. E, de uma forma estranha, aquele lugar provocava nele um alheamento que não revelara em nenhum dos outros que tínhamos visitado. Estivera uma vez na região de Emona antes da nossa visita e diversas vezes em Ragusa. Visitara *avilla* de pedra de Massimo e Giulia para outros jantares felizes, em anos anteriores.

Mas, em Saint-Mathieu, percebi que ele realmente ansiava por este lugar, pensava nele vezes sem conta por algum motivo que eu não conseguia descortinar, revivera-o sem dizer nada a ninguém. Não me disse naquele momento que já ali estivera, exceto ao reconhecer em voz alta a curva da estrada antes que esta finalmente desembocasse junto ao muro da abadia e, mais tarde, ao saber que portas se abriam para o santuário, para o claustro e, por fim, para a cripta. A sua capacidade para memorizar pormenores não era nova para mim; já o vira antes dirigir-se para a porta certa em igrejas famosas, ou seguir na direcção correcta para um antigo refeitório, ou parar para comprar bilhetes na entrada certa no caminho de cascalho certo, e lembrar-se mesmo onde tomara antes o melhor café.

A diferença em Saint-Mathieu era o estado de alerta, a forma quase apressada como esquadrinhava as paredes e os corredores dos claustros. Em vez de parecer dizer para si mesmo: "Ah, lá está aquele belo tímpano sobre as portas; não me lembrava bem, pensei que ficasse deste lado", o meu pai dava a impressão de estar apenas a conferir locais que poderia ter descrito de olhos fechados. Pouco a pouco, antes mesmo de acabarmos de subir o terreno sombreado de ciprestes que antecedia a entrada principal, concluí que não era de pormenores arquitetónicos que ele se lembrava, mas de acontecimentos.

Um monge com um longo hábito castanho encontrava-se junto às portas de madeira a entregar folhetos aos turistas.

— Como te disse, é um mosteiro ainda em atividade — disse-me o meu pai com a sua voz de sempre. Pusera os óculos escuros, embora o muro do mosteiro projetasse uma grande

sombra sobre nós.

Eles mantêm o ruído das pessoas sob controle ao permitirem visitas apenas durante algumas horas por dia sorriu para o monge quando nos aproximámos e estendeu a mão para pegar num folheto.

— *Merci beaucoup*. Só precisamos de um — disse, no seu francês impecável.

Nessa altura, com a precisão instintiva com que os jovens analisam os pais, tive mais do que a certeza de que ele não se limitara a ver aquele lugar, com a máquina fotográfica na mão. Não o "vira" na verdadeira acepção da palavra, ainda que soubesse todas as referências artísticas e históricas que constavam do guia turístico. Em vez disso, eu tinha a certeza de que alguma coisa lhe acontecera ali.

A minha segunda impressão foi tão fugaz como a primeira, mas mais aguda: quando abriu o folheto e pôs o pé na soleira de pedra, curvando a cabeça demasiado casualmente para o papel, em vez de olhar para os animais em relevo por cima da porta (que normalmente teriam atraído a sua atenção), vi que não deixara de sentir uma antiga emoção relacionada com o santuário em que estávamos prestes a entrar. Aquela emoção, percebi, sem respirar no intervalo entre a minha intuição e o pensamento que se lhe seguiu, era desgosto ou medo, ou uma terrível combinação dos dois.

Saint-Matthieu-des-Pyrénées-Orientales está situado a uma altura de mais de mil e duzentos metros acima do nível do mar e o mar não fica tão longe como nos faz supor aquela paisagem em que as montanhas surgem como muralhas junto às quais as águias volteiam em círculos. Com telhados vermelhos e precariamente alcandorado no topo, parece ter-se erguido diretamente de um único pináculo de rocha, o que de certo modo é verdade, já que a primitiva igreja foi escavada na própria rocha no ano 1000. A entrada principal da abadia é uma expressão tardia do românico, influenciada pela arte dos muçulmanos que, ao longo de séculos, lutaram para tomar o pico da montanha: um portal de pedra retangular, corado por bordaduras geométricas, islâmicas, e dois monstros cristãos em baixo-relevo, as caras contorcidas num esgar, num rugido, criaturas que poderiam ser leões, ursos, morcegos ou grifos — animais impossíveis cuja estirpe poderia ser qualquer uma.

Lá dentro fica a pequenina igreja abacial de Samt-Matthieu com o seu claustro maravilhosamente delicado, cercado por roseiras mesmo àquela enorme altitude, rodeado por colunas simples de mármore vermelho, de aparência tão frágil que a sua forma retorcida parece ter saído das mãos de um Sansão artista. A luz do sol espalha-se em borrifos pelas lajes de pedra do pátio aberto e o céu azul arqueia-se subitamente por cima de nós.

Mas o que primeiro me chamou a atenção, logo que entrámos, foi o ruído de água corrente, inesperado e encantador num local tão alto e seco e, no entanto, natural como o som de um riacho de montanha. Vinha da fonte do claustro, em torno da qual os monges andavam outrora compassadamente enquanto meditavam: uma bacia hexagonal, de

mármore vermelho, com o exterior plano decorado por um relevo cinzelado representando um claustro em miniatura, um reflexo do verdadeiro que nos rodeava. A grande bacia da fonte erguia-se sobre seis colunas de mármore vermelho (e um suporte central através do qual a água subia, creio eu). A sua volta, seis repuxos jorravam água para um tanque abaixo. A música que produzia era encantadora.

Quando me dirigi para o limite exterior dos claustros e me sentei num muro baixo, a vista era de centenas de metros de altura e de finas cascatas de montanha, brancas contra a floresta azul a pique. Mesmo empoleirados num pico, estávamos cercados pelas vertentes gigantescas e impossíveis de escalar das montanhas mais altas dos Pirenéus Orientais. Àquela distância, as cascatas mergulhavam em silêncio das alturas, ou pareciam ser apenas névoa, enquanto a fonte viva atrás de mim escorria e gotejava audivelmente e sem pausa.

— A vida monástica — murmurou o meu pai, sentando-se junto de mim no muro. O seu rosto estava estranho e pôs-me um braço a volta dos ombros, uma coisa que raramente fazia — Parece tranquila, mas é muito dura. E às vezes muito perversa, também.

Ficámos sentados a olhar para o despenhadeiro, tão profundo que a luz da manhã ainda não alcançara, a ravina lá em baixo. Alguma coisa pairava e cintilava no ar abaixo de nós e percebi o que era antes mesmo de o meu pai apontar para ela: uma ave de rapina, a caçar lentamente ao longo dos paredões do pináculo, suspensa no ar como um floco de cobre flutuante.

— Construir mais alto do que as águias — comentou o meu pai. Sabes, a águia é um símbolo cristão muito antigo, o símbolo de São João. Mateus. S. Mateus — é o anjo, e Lucas o boi, e São Marcos é o leão alado, claro. Encontramos esse leão por todo o Adriático, porque era o santo padroeiro de Veneza. Segura um livro entre as patas: se o livro está aberto, a estátua ou relevo foi esculpido num momento em que Veneza estava em paz. Fechado, significa que Veneza estava em guerra. Vimo-lo em Ragusa, lembras-te? Com o livro fechado, em cima de um dos portões. E agora vimos também a águia, guardando este lugar, que bem precisa de guardas. — O meu pai franziu as sobrancelhas, levantou-se e voltou-se para sair. Tive a súbita impressão de que se arrependia, quase até às lágrimas, de termos feito aquela visita. — Vamos dar uma volta?

Foi só quando estávamos a descer as escadas para a cripta que vi de novo no meu pai aquela indescritível atitude de medo. Tínhamos acabado o nosso percurso atento através dos claustros, das capelas, da nave e dos edifícios das cozinhas, gastos pelo vento. A cripta era o último ponto da nossa visita autoguiada, era a sobremesa dos mórbidos, como o meu pai dizia em algumas igrejas. Diante do vão de uma escadaria, pareceu ir em frente com uma deliberação um tanto excessiva, mantendo-me atrás dele sem sequer levantar um braço quando descemos à base da construção sobre o rochedo. Uma aragem incrivelmente fria subia da escuridão da terra. Os outros turistas tinham-se ido embora, dando por encerrada aquela atracção, e deixaram-nos sozinhos.

— Esta era a nave da primitiva igreja — explicou de novo, desnecessariamente, com a

voz absolutamente normal. — Quando a abadia se tornou mais importante e puderam continuar a construir, limitaram-se a aproveitar o espaço aberto em cima e construíram uma igreja nova sobre a antiga.

Velas acesas em nichos escavados nas pesadas colunas de pedra interrompiam a escuridão. Uma cruz fora talhada na parede da abside; pairava como uma sombra por cima de um altar de pedra, ou sarcófago — era difícil saber —, que se encontrava na curva da abside. Nas paredes laterais da cripta havia outros dois sarcófagos, pequenos e primitivos, sem qualquer marca. O meu pai respirou fundo e lançou um olhar em volta daquele frio e silencioso buraco na rocha.

— O lugar onde repousa o abade fundador e vários outros abades. E aqui acaba o nosso passeio. Muito bem. Agora, vamos almoçar.

Fiz uma pausa antes de sair. O impulso de perguntar ao meu pai o que é que ele sabia sobre Saint-Matthieu, até mesmo do que se lembrava, tomou conta de mim como uma onda, quase como um ataque de pânico. Entretanto, as suas costas, largas no seu casaco de linho preto, diziam com toda a clareza, como se falassem: "Espera. Cada coisa a seu tempo." Olhei de relance para o sarcófago na extremidade da antiga basílica. A sua forma era tosca, impassível à luz que não vacilava. O que quer que escondesse pertencia ao passado, e tentar adivinhar não o iria desenterrar.

E havia outra coisa que eu sabia, sem precisar de adivinhar. A história que iria ouvir, à hora do almoço no terraço do mosteiro, num desnível discreto atrás dos aposentos dos monges, poderia acabar por ser sobre um lugar muito distante daquele.

Na minha visita seguinte à biblioteca de Amsterdã, descobri que Mr. Binnerts me procurara algumas coisas durante a minha ausência. Quando entrei na sala de leitura, vinda diretamente da escola, com a mochila dos livros ainda pendurada nas costas, levantou os olhos para mim e sorriu.

— Ah, é você — disse, no seu ótimo inglês. — A minha jovem historiadora. Tenho uma coisa para si, para o seu projeto. — Acompanhei-o até à sua secretária e ele pegou num livro. — Não é um livro muito antigo — explicou-me, — mas tem histórias muito antigas. Não são uma leitura muito alegre, minha filha, mas talvez a ajudem a redigir o seu trabalho.

Mr. Binnerts instalou-me numa mesa, e olhei com gratidão para as costas da sua camisola enquanto ele se afastava. Sensibilizava-me que alguém me confiasse uma coisa tão terrível.

O livro chamava-se *Contos aos Cárpatos*, um desbotado volume do século dezenove publicado particularmente por um colecionador inglês chamado Robert Digby. O prefácio de Digby resume as suas deambulações por montanhas selvagens e línguas ainda mais selvagens, embora tenha recorrido a fontes alemãs e russas para uma parte do trabalho. Os seus contos tinham também um eco selvagem, e a prosa era bastante romântica, mas, examinando-os muito tempo depois, descobri que as suas versões desses contos tinham sido favoravelmente comparadas com as de organizadores de coletâneas e tradutores que vieram depois. Havia dois contos sobre o "Príncipe Drácula", que li avidamente. O primeiro contava como Drácula gostava de se banquetear ao ar livre no meio dos cadáveres empalados dos seus súditos. Um dia, um criado queixou-se abertamente em frente de Drácula do horrível cheiro, o que fez com que o príncipe ordenasse aos seus homens que empalassem mais alto que os outros para que o mau cheiro não ofendesse o nariz do criado agonizante. Digby apresentava outra versão, na qual Drácula exigia aos gritos uma estaca três vezes maior do que as que tinham sido usadas para empalar os outros.

A segunda história era igualmente horrível. Contava como o sultão Mehmed II tinha enviado uma vez dois embaixadores a Drácula. Quando os embaixadores se apresentaram diante dele, não tiraram os turbantes. Drácula quis saber por que o desrespeitavam daquela maneira e eles responderam que estavam simplesmente a agir de acordo com os seus costumes.

— Então, vou ajudá-los a reforçar esses costumes — replicou o príncipe, e mandou fixar os turbantes com pregos nas suas cabeças.

Copiei as versões de Digby desses dois pequenos contos no meu caderno. Quando Mr. Binnerts voltou para saber como eu me estava a sair, perguntei-lhe se poderíamos procurar fontes sobre Drácula de contemporâneos dele, caso as houvesse.

— Com certeza — respondeu, concordando gravemente com a cabeça. — Estava de saída naquele momento, mas iria procurar assim que tivesse tempo. Quem sabe se depois

deste — sorriu e abanou a cabeça, — eu não encontro um tema mais agradável — arquitetura medieval, por exemplo.

Prometi — sorrindo também — que pensaria no assunto.

Não há na Terra nenhum lugar mais exuberante do que Veneza num dia quente, sem nuvens, varrido pela brisa. Os barcos agitam-se nas águas da Laguna como se lançados à aventura sem tripulação; as fachadas ornamentadas animam-se à luz do sol; a água tem um cheiro fresco, para variar. A cidade inteira enfuna-se como uma vela, um barco a dançar com as amarras soltas, pronto para sair para o mar. As ondas no cais da *Piazza de San Marco* ficam ruidosas com o movimento das lanchas, produzindo uma espécie de música festiva mas ao mesmo tempo vulgar, como o soar de címbalos. Em Amsterdã, a Veneza do Norte, este clima radioso faria a cidade cintilar com renovados desígnios. Aqui acabaria por revelar falhas na perfeição uma fonte cheia de ervas daninhas numa pequena praça recuada, por exemplo, cuja água deveria jorrar aos borbotões e que, pelo contrário, pingava da borda manchada do tanque. Ao sol resplandecente, os cavalos de San Marco trotavam mal cuidados. As colunas do palácio dos Doges pareciam desagradavelmente sujas.

Fiz um comentário sobre aquele aspecto de degradação festiva e o meu pai riu-se.

— Tens bom olho para captar a atmosfera dos lugares — observou. — Veneza é famosa pela sua teatralidade, e pouco lhe importa se o palco estiver um tanto decadente, desde que o mundo inteiro venha aqui para a admirar. — Fez um gesto que abrangia o café ao ar livre o nosso lugar favorito depois do Flonan para os turistas suados, com os chapéus e as camisas em tons pastel ondulando à brisa que vinha da água. — Espera até à noite e não ficarás decepcionada. Um palco precisa de uma luz mais suave do que esta. Vais ficar surpreendida com a transformação.

Por enquanto, bebericando a minha laranja, estava demasiado confortável para sair dali; esperar por uma surpresa agradável era tudo o que eu queria. Aqueles eram os últimos dias quentes do Verão antes do sopro frio do Outono. Com o Outono, viria mais escola e com sorte, estudos um tanto peripatéticos com o meu pai, enquanto ele percorria um mapa de negociações, concessões e acordos difíceis. No próximo Outono estaria novamente na Europa Oriental e eu já estava a fazer campanha para ir com ele. O meu pai acabou a sua cerveja e folheou um guia turístico.

— Ah! — inclinou-se subitamente para o livro. — Cá está San Marco. Sabes, Veneza foi durante séculos uma rival do mundo bizantino, e também uma grande potência marítima. Na verdade, Veneza roubou algumas coisas notáveis a Bizâncio, inclusive aqueles animais de carrossel lá em cima.

Por baixo do nosso toldo, olhei para San Marco, onde os cavalos cor de cobre pareciam estar a arrastar atrás de si o peso das gotejantes cúpulas de chumbo derretido. A basílica inteira parecia fundir-se àquela luz de um brilho quente e berrante, um tesouro do inferno.

— De qualquer modo — continuou o meu pai —, San Marco foi projetada em parti-

como uma imitação de Santa Sophia, em Istambul

— Istambul — disse eu dissimuladamente, procurando o gelo derretido no fundo do meu copo. — Quer dizer que se parece com Hagia Sophia?

— Bem, Hagia Sophia foi devastada pelo Império Otomano, e por isso vemos aqueles minaretes a guardar o exterior, e no interior há enormes escudos com textos sagrados muçulmanos. Vês realmente o choque entre o Oriente e o Ocidente ali dentro. Entretanto há as grandes cúpulas no cimo, nitidamente cristãs e bizantinas, como as de San Marco.

— E parecem-se com estas? — e aponte para o outro lado da *Piazza*.

— Sim, muito parecidas com estas, mas mais grandiosas. A escala daquele lugar é avassaladora, de cortar a respiração.

— Ah — disse eu. — Posso pedir outra bebida?

O meu pai lançou-me um olhar penetrante, mas era tarde demais. Agora eu sabia que ele também estivera em Istambul.

16 de Dezembro de 1930 Trinity College, Oxford
 Meu caro e desventurado sucessor

Neste ponto, a minha história quase me alcançou, ou eu a alcancei a ela, e tenho de contar os acontecimentos que a trarão para o presente, onde espero que termine, pois não consigo pensar na possibilidade de mais horrores como estes no futuro. Como já relatei, acabei por pegar de novo no meu estranho livro, como um homem impelido por um vício. Disse a mim mesmo, antes de o fazer, que a minha vida voltara ao normal, que a minha experiência em Istambul fora estranha mas decerto era explicável, e tomara proporções exageradas por causa do meu espírito cansado da viagem. Portanto, peguei literalmente no livro outra vez, e sinto que devo contar-lhe como foi esse momento nos termos mais literais possíveis.

Foi numa noite chuvosa de Outubro, há apenas dois meses. O semestre tinha começado e eu desfrutava da agradável solidão dos meus aposentos, depois do jantar, enquanto esperava pelo meu amigo Hedges, um catedrático só dez anos mais velho do que eu e de quem gostava muito. Era uma pessoa desajeitada e sobretudo com bom coração, cujos gestos de desculpas e o sorriso tímido e afável escondiam uma inteligência tão aguda que muitas vezes eu dava graças por ele a ter dirigido para a literatura do século dezoito e não para os seus colegas. A não ser pela sua timidez, sentir-se-ia perfeitamente à vontade a conversar com Addison, Swift e Pope num café qualquer de Londres. Tinha poucos amigos, nunca olhara diretamente para uma mulher com quem não tivesse uma relação de parentesco e não alimentava sonhos que fossem além dos campos de Oxford, onde gostava de caminhar, debruçando-se de vez em quando numa cerca para apreciar as vacas a ruminar nos pastos. A sua gentileza era visível no formato da sua grande cabeça, nas mãos carnudas e nos serenos olhos castanhos, tanto que ele próprio parecia bastante bovíno, ou com um ar de texugo, até ao momento em que o seu sarcasmo inteligente irrompia de modo inesperado. Eu adorava ouvi-lo falar sobre o seu trabalho, que ele discutia com modéstia mas com entusiasmo, e nunca deixava de insistir para que eu falasse também do meu. O nome dele era, bem, pode encontrá-lo em qualquer biblioteca, se bisbilhotar um pouco, pois ele ressuscitou, para o leitor leigo, vários génios literários de Inglaterra. Mas vou chamar-lhe Hedges, um nom-de-guerre que inventei para lhe dar nesta narrativa a privacidade e a decência que teve em vida.

Naquela noite em particular, Hedges viria trazer-me os rascunhos dos dois artigos que eu espremera do meu trabalho em Creta. Tinha-os lido e corrigido a meu pedido; embora não pudesse pronunciá-los sobre a exatidão ou inexactidão das minhas descrições do comércio no antigo Mediterrâneo, escrevia como um anjo, o tipo de anjo cuja precisão lhe permitiria dançar na cabeça de um alfinete, e muitas vezes sugeria aperfeiçoamentos ao meu estilo. Eu já previa meia hora de críticas amigáveis, depois um xerez e aquele agradável momento em que um amigo verdadeiro estica as pernas diante da lareira e nos pergunta como estamos. Não lhe contaria a verdade sobre os meus nervos abalados e ainda em recuperação, é claro, mas poderíamos conversar sobre qualquer outra coisa.

Enquanto esperava, remexi o lume da lareira, juntei-lhe mais lenha, preparei dois copos e inspecionei a minha secretária. O meu gabinete de trabalho também me servia de sala de estar e eu fazia questão de o manter tão em ordem e confortável como a solidez do seu mobiliário do século dezenove exigia. Terminara uma boa quantidade de trabalho naquela tarde, jantara uma refeição que me fora trazida às seis horas e em seguida desembaraçara-me do último dos meus textos. A escuridão já estava a chegar cedo e, com ela, viera uma chuva enviesada, melancólica.

Para mim, este é um gênero de noite de Outono agradável, e não desolador; por isso só senti um leve arrepio de premonição quando a minha mão, à procura de qualquer coisa para ler durante uns dez minutos, caiu por acaso no antigo volume que eu tinha andado a evitar. Deixara-o enfiado entre outros títulos menos perturbadores numa prateleira por cima da secretária. Então sentei-me, sentindo na mão, com um prazer furtivo, a suavidade de camurça da velha capa, e abri o livro.

Apercebi-me imediatamente de qualquer coisa de muito estranho. Um cheiro subia das suas páginas, que não era apenas o do papel envelhecido e do velino gretado. Era um fedor de decomposição, um odor terrível e enjoativo, um cheiro de carne velha ou apodrecida. Nunca notara isso antes e aproximei o nariz, incrédulo, e então fechei o livro. Reabriu-o um instante depois e novamente as emanações repugnantes, que davam a volta ao estômago, desprenderam-se das suas páginas. O pequeno volume parecia vivo nas minhas mãos, e contudo cheirava a morte.

O inquietante mau cheiro trouxe-me outra vez todo o medo nervoso da minha viagem de regresso ao continente, e só consegui acalmar os meus sentimentos com um esforço concentrado. Os livros velhos apodreciam, era um fato, e eu viajara com aquele no meio de chuvas e temporais. O que certamente poderia explicar o cheiro. Talvez devesse levá-lo outra vez à seção de Livros: Raros e perguntar como se poderia mandar limpá-lo, ou fumigá-lo, o que fosse preciso.

Se não estivesse calculadamente a esquivar-me à minha reação àquela desagradável presença, teria largado o livro, guardando-o de novo na estante. Mas agora, pela primeira vez em muitas semanas, forcei-me a abri-lo naquela extraordinária imagem central, o dragão de asas abertas e os dentes à mostra sobre o seu estandarte. E, de repente, trémulo, vi com exatidão algo novo, que entendi pela primeira vez. Nunca fui dotado de grande perspicácia na minha compreensão visual do mundo, mas uma súbita acuidade dos sentidos revelou-me o contorno completo do dragão, as suas asas estendidas e a cauda enrolada. Num espasmo de curiosidade, revirei o pacote de anotações que trouxera de Istambul e deixara esquecido numa gaveta da secretária. Ao abri-lo, nervoso, encontrei a página que queria; arrancada do meu caderno de notas, mostrava um esboço que fizera nos arquivos de Istambul, uma cópia do primeiro dos mapas que lá encontrara.

Se bem se lembra, havia três desses mapas, graduados numa escala que apresentava a mesma região não identificada em pormenores cada vez maiores. Essa região, mesmo rabiscada por mim com a minha falta de habilidade artística, embora com cuidado, tinha uma forma bem definida. Parecia-se, sem sombra de dúvida, com um animal simetricamente alado. Um comprido rio ondulava a partir dele para sudoeste, curvando-se para trás como a cauda do dragão. Eu analisava a xilogravura, o coração a palpar-me de modo estranho. A cauda do dragão era em forma de farpa, com uma seta na extremidade que apontava e abafei um grito, esquecendo todas as semanas que passara a recuperar da minha obsessão anterior para o local que correspondia no meu mapa ao sítio da "Tumba ímpia".

A semelhança entre as duas imagens era demasiado marcante para ser coincidência. Como é que eu não tinha reparado, no arquivo, que a região representada nesses mapas tinha exatamente a forma do meu dragão pairando de asas abertas, como se, lá de cima, lançasse a sua sombra sobre ela? A gravura que tanto me intrigara antes da viagem devia ter um significado preciso, trazer uma mensagem. Fora planejada para ameaçar e intimidar, para celebrar o poder. Para alguém que fosse persistente, porém, poderia ser uma pista; a cauda apontava para o túmulo com tanta segurança como quando se aponta um dedo para si mesmo: este sou eu. Estou aqui. E quem está lá, nesse ponto central, nessa "Tumba ímpia"? O dragão segurava a resposta nas suas garras cruelmente aguçadas: DRÁCULA.

Senti um gosto acre de tensão, como o do meu próprio sangue, no fundo da garganta. Sabia que devia abster-me de tirar tais conclusões, como o meu treino me recomendava, mas a convicção era mais profunda do que a razão. Nenhum dos mapas mostrava o lago Snagov, onde Vlad Tepes supostamente fora sepultado. Isto significava certamente que Tepes Drácula repousava noutro lugar, um lugar que nem as lendas tinham registado de modo fiável. Mas onde ficava, então, o seu túmulo? Fiz a pergunta em voz alta e áspera, sem querer. E por que motivo a localização fora mantida em segredo?

Enquanto estava sentado tentando juntar as peças do quebra-cabeças, ouvi o som conhecido de passos no corredor da faculdade o andar arrastado, afável, de Hedges e pensei, aturdido, que tinha de esconder aquele material, ir até aporta, servir o xerez e recompor-me para uma conversa coloquial. Já estava meio levantado, juntando os papéis, quando ouvi o repentino silêncio. Foi como um erro em música, uma nota sustida demasiado tempo, uma entrada atrasada, que prende a atenção do ouvinte como nenhum acorde definido o faria. Os passos conhecidos, afáveis, tinham parado à minha porta, mas Hedges não batera como sempre fazia. O meu coração fez eco com aquela perceptível ausência de batida. Acima do restolhar dos meus papéis e do gotejar dos pingos de chuva no algeroz por cima da minha janela, agora escura, escutei um zumbido o som do meu sangue nos meus ouvidos. Larguei o livro, corri para a porta que dava para o exterior, destranquei-a e escancarei-a.

Hedges estava lá, mas caído no chão encerado, a cabeça atirada para trás e o corpo torcido para o lado, como se uma grande força o tivesse derrubado. Dei-me conta, com um arrepio de náusea, que não ouvira nenhum grito nem o corpo a cair. Tinha os olhos abertos, e olhava fixamente para um ponto atrás de mim. Por um infundável segundo, achei que estava morto. Então, ele mexeu a cabeça e gemeu. Ajoelhei-me ao seu lado.

-Hedges!

Ele gemeu de novo e pestanejou rapidamente.

— Está a ouvir-me? — arquejei, quase a soluçar de alívio por ele estar vivo.

Naquele momento, a cabeça rolou convulsivamente e revelou um corte sangrento no lado do pescoço. Não era grande, mas parecia profundo, como se um cão o tivesse atacado e rasgado a carne, e estava a sangrar abundantemente para a gola, pingando do ombro para o chão.

— Socorro! gritei.

Duvido que alguém tivesse rompido o silêncio daquele corredor revestido de painéis de carvalho com tanta violência desde que fora construído, há séculos atrás. E eu não sabia se adiantaria; aquela era a noite em que a maioria dos professores jantava com o diretor da faculdade. Então, uma porta escancarou-se na outra ponta e o criado pessoal do professor Jeremy Forester veio a correr, um ótimo sujeito chamado Ronald Egg, que já lá não trabalha. E pareceu avaliar a situação de imediato, com os olhos arregalados, e depois ajoelhou-se para amarrar com um lenço a ferida do pescoço de Hedges.

— Pronto — disse-me. — É preciso sentá-lo, senhor, manter o corte elevado, se ele não tiver outros ferimentos. — Apalpour o corpo rígido de Hedges e, como o meu amigo não protestou, encostámo-lo à parede. Amparei-o com o meu ombro, onde ele se apoiou pesadamente, os olhos a fecharem-se. — Vou buscar um médico — disse Ronald, e desapareceu no corredor.

Mantive um dedo no pulso de Hedges; a sua cabeça tombou para o meu lado, mas o ritmo cardíaco parecia estável. Não pude evitar tentar chamá-lo de novo à consciência.

— O que aconteceu, Hedges? Alguém o atacou? Está a ouvir-me? Hedges?

Ele abriu os olhos e olhou para mim. A cabeça descaía para um lado e metade do seu rosto parecia flácida, azulada, mas falava de modo inteligível.

— Ele mandou-me dizer-lhe...

— O quê? Quem?

— Ele mandou-me dizer-lhe que não vai tolerar intrusões.

A cabeça de Hedges tombou para a parede, aquela excelente e grande cabeça que abrigava um dos melhores espíritos de Inglaterra. A pele dos meus braços arrepiou-se enquanto o amparava.

— Quem, Hedges? Quem lhe disse isso? Ele feriu-o? Você viu-o?

A saliva borbulhou-lhe no canto da boca e as mãos agitaram-se ao lado do corpo.

— Não vai tolerar intrusões — balbuciou.

— Fique quieto agora — pedi. — Não fale. O médico está a chegar. Procure relaxar respirar com calma.

— Deus do céu — murmurou Hedges — Pope e a aliteração. Doce ninfa. A debater.

Olhei fixamente para ele, com um aperto no estômago.

— Hedges?

— The Rape of the Lock^[1] — disse Hedges, num tom educado. — Sem dúvida nenhuma.

O médico da universidade que o internou no hospital contou-me que Hedges tivera um derrame juntamente com o ferimento.

— Causado pelo choque. Aquele corte no pescoço — acrescentou ele fora do quarto de Hedges — parece que foi feito por alguma coisa aguda, mais provavelmente por dentes aguçados, por um animal. O senhor tem algum cão?

— Claro que não. São proibidos nos quartos da universidade.

O médico abanou a cabeça.

— Muito estranho. Acho que ele foi atacado por um animal quando se dirigia para o seu quarto, e o choque causou-lhe um derrame que talvez estivesse à espera para acontecer. Está bastante fora de si por enquanto, embora consiga formular palavras coerentes. Acredito que haverá uma investigação, por causa do ferimento que sofreu, mas parece-me que no fim desta história vamos acabar por descobrir que alguém tinha um cão de guarda feroz. Procure saber que percurso é que ele fez até ao seu apartamento.

A investigação não chegou a nenhuma conclusão satisfatória, mas também não fui indiciado, pois a polícia não encontrou motivos ou provas de que eu tivesse ferido Hedges. Hedges estava incapaz de testemunhar, e acabaram por classificar o incidente como "ferimento auto-infligido", o que me pareceu uma nódoa que poderia ter sido evitada na reputação dele. Certo dia, durante uma visita à clínica onde ele se encontrava, pedi a Hedges, com muita calma, para pensar nestas palavras: "Não vou tolerar intrusões."

Lançou-me um olhar indiferente e tocou com os dedos roliços, ociosos, a ferida a vermelhada no pescoço.

— Se é assim, Boswell^[2] — disse ele, num tom agradável, quase bem-humorado. — Se não, vá-se embora.

Dias mais tarde, Hedges teve um segundo derrame durante a noite e morreu. Na clínica não houve registros de mais ferimentos externos no seu corpo. Quando o diretor da faculdade veio dar-me a notícia, jurei a mim mesmo que tentaria incansavelmente vingar a morte de Hedges, se conseguisse descobrir como.

Não tenho ânimo para contar em pormenor como foi dolorosa a cerimónia realizada em sua homenagem na nossa capela em Trinity, os soluços abafados do seu velho pai quando o coro de rapazes começou a entoar os seus salmos maravilhosamente executados para reconfortar os vivos, a raiva que senti pela impotente Eucaristia na sua bandeja. Hedges foi enterrado na sua aldeia de Dorset e visitei sozinho o seu túmulo num dia ameno de Novembro. Na lápide, est

escrito *REQUIESCAT IN PACE*. Ele era exatamente o que eu também teria escolhido, se a decisão tivesse sido minha. Para meu infinito alívio, é o mais sossegado dos cemitérios de província, e o pároco fala do enterro de Hedges com tanta naturalidade como falaria sobre o de qualquer outro membro honrado da comunidade local. Não ouvi nenhuma história sobre um *vrykolakas* inglês no pub da rua principal, nem mesmo quando deixei escapar as alusões mais amplas e diretas. Afinal, Hedges foi atacado apenas uma vez, e não as muitas que Stoker disseram necessárias para infectar uma pessoa viva com o contágio dos mortos-vivos. Acredito que ele tenha sido sacrificado como um mero aviso para mim. E para si, igualmente, infeliz leitor?

Seu, com profundo pesar, Bartholomew Rossi

O meu pai mexeu o gelo no copo, talvez para dar firmeza à mão e ocupar-se com alguma coisa. O calor da tarde amainara e transformara-se num calmo anoitecer veneziano, fazendo as sombras dos turistas e dos edifícios alongarem-se pela *piazza*. Um grande bando de pombos levantou voo do chão empedrado, assustado por alguma coisa, e volteou por cima das nossas cabeças, enorme, no ar. O frio de todas aquelas bebidas geladas tomara finalmente conta de mim, penetrara-me nos ossos. Alguém deu uma gargalhada, à distância, e ouvia-se o grito das gaivotas por cima do ruído dos pombos. Enquanto estávamos ali sentados, um rapaz de camisa branca e *jeans* aproximou-se a passos largos para falar conosco. Trazia, uma bolsa de lona pendurada num dos ombros e tinha a camisa salpicada de tinta de várias cores.

— Quer comprar uma pintura, *signore*? — disse, sorrindo para o meu pai. — O senhor e a *signorina* foram as estrelas do meu trabalho hoje.

— Não, não, *grazie* — respondeu o meu pai automaticamente.

As praças e ruelas estavam cheias desses estudantes de arte. Aquela era a terceira cena de Veneza que nos ofereciam naquele dia; o meu pai mal olhou para a pintura. O rapaz, ainda a sorrir e talvez sem querer deixar-nos sem pelo menos um cumprimento pelo seu trabalho, estendeu-mo para que o visse e eu abanei a cabeça com simpatia, olhando para a pintura. Um segundo depois, partiu saltitante em busca de outros turistas, e eu fiquei sentada, gelada, a vê-lo afastar-se.

A pintura que me mostrara era uma aquarela de cores vivas. Representava o nosso café e a ponta do café Florian, os toldos ondulando ao sol, uma luminosa e tranquila impressão da tarde. O artista devia estar instalado algures atrás de mim, concluí, mas muito próximo do café; pintara um borrão de cor que reconheci como a copa do meu chapéu de palha vermelho, com o meu pai em tons manchados de castanho e azul. Era um trabalho elegante, informal, a imagem da indolência do Verão, algo que um turista gostaria de guardar como recordação de um dia sem mácula no Adriático. Mas o meu rápido olhar para a tela mostrara-me também uma figura solitária sentada mais à frente do meu pai, uma pessoa de ombros largos e cabelo escuro, nítida silhueta negra no meio das cores alegres dos toldos e das toalhas das mesas. Aquela mesa, lembrava-me claramente, estivera vazia

toda a tarde.

A nossa próxima viagem levou-nos novamente para leste, para lá dos Alpes Julianos. A pequena cidade de Kostanjevica, "lugar dos castanheiros", estava mesmo cheia de castanhas naquela época do ano, algumas já no chão, de modo que se pousássemos mal o sapato nos paralelepípedos das ruas, este escorregava perigosamente num ouriço espinhoso. Em frente da casa do presidente da Câmara, construída originalmente para abrigar um funcionário administrativo austro-húngaro, havia castanhas espalhadas por toda a parte, com as suas cascas de aparência agressiva, uma profusão de minúsculos porcos-espinhos.

O meu pai e eu caminhávamos devagar, saboreando o fim de um dia quente de Outono no dialeto local conhecido por "verão cigano", como nos dissera uma mulher numa loja, e eu refletia sobre as diferenças entre o mundo ocidental, distante só algumas centenas de quilómetros, e aquele mundo oriental, apenas um pouco a sul de Emona. Aqui, tudo me parecia igual em todas as lojas, e os vendedores também me pareciam exatamente iguais uns aos outros, com uniformes azul-vivo e lenços estampados de flores ao pescoço, os dentes de ouro ou de aço inoxidável a cintilarem para nós por cima do balcão meio vazio. Tínhamos comprado uma enorme barra de chocolate para completar o nosso piquenique de rodelas de salame, pão escuro e queijo, e o meu pai transportava garrafas de *Naranca*, uma bebida de laranja que já me fazia lembrar de Ragusa, Emona, Veneza.

A última reunião em Zagreb acabara no dia anterior, enquanto eu finalizava o meu trabalho de História com um floreado final. O meu pai queria que eu estudasse agora também alemão, e eu estava ansiosa por isso, não por causa da insistência dele, mas apesar dela; começaria no dia seguinte, com um livro de uma livraria de Amsterdã especializada em línguas estrangeiras. Eu trazia um vestido novo, verde e curto, com meias amarelas até ao joelho, o meu pai sorria lembrando-se de uma trapaça ininteligível feita por um diplomata a outro nessa manhã, e as garrafas de *Naranca* tilintavam uma de encontro à outra no nosso saco de rede. Mais adiante, havia uma ponte baixa de pedra que atravessava o rio Kosten. Corri à frente para o ver pela primeira vez, o que desejava fazer sozinha, sem ter sequer o meu pai ao meu lado.

O rio fazia uma curva junto à ponte e desaparecia da vista, e nessa curva aninhava-se um castelo diminuto, um castelo eslavo do tamanho de uma *villa*, com cisnes a nadar suavemente abaixo dos seus muros ou a alisar as penas na margem. Enquanto eu olhava, uma mulher de casaco azul abriu uma janela do andar superior, empurrando-a para fora e fazendo os vidros brilharem ao sol, e sacudiu do lado de fora um pano de pó. Sob a ponte, jovens salgueiros encostavam-se uns nos outros e andorinhas voavam, indo e vindo do solo lamacento das suas raízes. No parque do castelo, vi um banco de pedra (não muito próximo dos cisnes, que eu ainda temia, mesmo na adolescência) com castanheiros debruçados por cima dele, e dos muros do castelo descia uma sombra reconfortante. O fato limpo do meu

pai estaria em segurança ali, e ele poderia ficar sentado mais tempo do que pretendia e falar, mesmo contrariado.

— Durante todo o tempo em que examinei aquelas cartas no meu apartamento — disse o meu pai, limpando os restos de salame das mãos com um lenço —, uma coisa, para além do trágico problema do desaparecimento de Rossi, não me saía da cabeça. Quando acabei de ler a carta contando o horrível acidente com o seu amigo Hedges, senti-me demasiado indisposto por uns momentos para pensar com clareza. Tinha a impressão de ter caído um mundo doentio, um submundo do familiar ambiente acadêmico que conhecera durante tantos anos, um subtexto da narrativa histórica habitual que me habituara a ter como garantida. Na minha experiência de historiador, os mortos permaneciam respeitavelmente mortos, na Idade Média tinham acontecido horrores reais, não sobrenaturais, Drácula fora uma pitoresca lenda do Leste europeu ressuscitada pelo cinema na minha infância, e 1930 fora três anos antes de Hitler assumir o poder na Alemanha, um terror que certamente excluía todas as outras possibilidades.

Portanto, senti-me indisposto por um instante, zangado com o meu desaparecido mentor por me transmitir aquelas detestáveis ilusões. Em seguida, o tom de arrependimento e delicadeza das suas cartas tomou conta de mim outra vez e fiquei cheio de remorsos pela minha deslealdade. Rossi contava comigo — só comigo; se me recusasse a abandonar o meu ceticismo por causa de um princípio pedante, certamente não voltaria a vê-lo.

Havia outra coisa que me incomodava. À medida que o meu espírito recuperava a lucidez, percebi que era a lembrança da rapariga na biblioteca, que conhecera apenas duas horas antes, embora me parecesse ter sido há dias. Lembrei-me da extraordinária luz nos olhos dela ao ouvir a minha explicação sobre as cartas de Rossi, o gesto masculino de juntar as sobrancelhas para se concentrar melhor. Por que razão estaria a ler sobre Drácula na mesma mesa que eu, com tantas outras mesas, exatamente naquela tarde, tão perto de mim? Por que mencionara Istambul? Já me abalara demais o que lera nas cartas de Rossi para pôr outra vez de lado o meu ceticismo, para rejeitar a idéia de uma coincidência a favor de algo mais forte. E por que não? Se aceitava uma ocorrência sobrenatural, podia certamente aceitar outras, nada mais lógico.

Suspirei e agarrei na última carta de Rossi Depois disto, só precisaria de analisar o resto do material escondido naquele envelope inócuo e estaria por minha conta. Qualquer que fosse o significado do aparecimento da rapariga e provavelmente não seria nada fora do normal, não é verdade?, não tinha tempo para descobrir quem ela era ou por que partilhávamos este interesse pelo oculto. Era estranho pensar em mim como alguém interessado pelo oculto; no fundo, não era o caso, de maneira nenhuma. O que de fato me interessava era encontrar Rossi.

A última carta, ao contrário das outras, era manuscrita — numa folha pautada de caderno, com uma tinta escura. Desdobrei-a.

19 de Agosto de 1931 Cambridge, Mass., EUA

Meu caro e infeliz sucessor:

Bem, não posso fingir que você talvez já não esteja aí, algures, empenhado em ajudar-me, esperando para me salvar se a minha vida um dia ruir. E porque possuo ainda mais algumas informações para acrescentar a tudo o que você (presumivelmente) já investigou, acho que devo encher esta amarga taça até ao fim. "Saber só um pouco é perigoso", teria citado o meu amigo Hedges. Mas ele partiu, e sou tão responsável por isso como se tivesse aberto a porta do meu gabinete e desferido o golpe eu próprio e depois gritado a pedir socorro. Não o fiz, é claro. Se persistiu em ler até aqui, acreditará na minha palavra.

Mas finalmente duvidei da minha própria força há alguns meses, por motivos ligados ao exasperante e terrível fim de Hedges. Fui do túmulo dele diretamente para a América quase literalmente: a minha nomeação para o cargo tornara-se realidade e já estava a empacotar os meus pertences quando tirei um dia de folga para ir a Dorset ver o sítio onde ele descansava em paz. Depois de ter partido para a América, decepcionando algumas pessoas em Oxford, entristecendo os meus pais, receio eu, encontrei-me num mundo novo e mais animado, onde o semestre começa mais cedo (fui nomeado para trabalhar durante três deles e vou lutar para conseguir mais) e os alunos têm uma perspectiva mais franca e prática que não se vê em Oxford. E, mesmo depois de tudo isto, não consegui decidir-me a abandonar de vez o meu relacionamento com os mortos-vivos. Como consequência, tudo indica que ele, aquilo — também não se decidiu a abandonar por completo o seu relacionamento comigo.

Deve lembrar-se de que, na noite em que Hedges foi atacado, eu fizera a inesperada descoberta do significado da xilogravura no centro do meu sinistro livro e verificado que a Tumba ímpia dos mapas que encontrara em Istambul devia ser a sepultura de Vlad Drácula. Fizera a pergunta que me restava em voz alta

— Onde ficava a sepultura? —, assim como exclamara alto no arquivo em Istambul invocando pela segunda vez uma terrível presença, que dera livre curso à sua ira mandando-me um aviso à custa da vida do meu querido amigo. Talvez só um ego anormal pensasse num confronto com forças naturais — sobrenaturais, neste caso —, mas juro-lhe que esse castigo me enfureceu, sobrepondo-se ao medo durante algum tempo, e fez-me prometer solenemente investigar as últimas pistas e, se tivesse forças, perseguir o meu perseguidor até ao seu covil. Este pensamento bizarro tornou-se-me tão normal como o desejo de publicar o meu próximo artigo ou o de conquistar um lugar permanente na nova e animada universidade pela qual o meu exausto coração ansiava.

Depois de me adaptar à rotina das minhas obrigações académicas e me preparar para um breve regresso à Inglaterra no fim do semestre, altura em que entregaria as páginas da minha tese de doutoramento à amável imprensa inglesa, que me tratava cada vez melhor, fui mais uma vez atrás do rasto de Vlad Drácula, o histórico ou o sobrenatural, o que quer que ele provasse ser. Achava que a minha próxima tarefa deveria ser descobrir mais coisas sobre o meu estranho livro antigo: de onde viera, quem o desenhara, de que época era. Entreguei-o (com relutância, admito) aos cuidados dos laboratórios do Smithsonian Institute. Eles abanaram a cabeça perante a especificidade das minhas perguntas e insinuaram que o recurso a meios para além dos que possuíam custaria mais caro. Mas eu estava obstinado e achava que nem um tostão da herança que recebera do meu avô ou das minhas modestas economias de Oxford seria usado para me vestir, alimentar ou divertir enquanto Hedges ficasse por vingar (mas, graças a Deus, em paz) num cemitério onde o seu caixão não deveria ter entrado antes dos cinquenta anos mais

próximos. Já não temia as consequências, pois o pior que poderia imaginar já me acontecera: neste sentido, pelo menos, as forças das trevas tinham falhado os cálculos.

Não foi, porém, a brutalidade do que ocorreu em seguida que me fez mudar de idéias e tomar outra vez consciência do verdadeiro significado do medo. Foi a habilidade, a inteligência da coisa.

Quem se ocupava do meu livro no Smithsonian era um bibliófilo chamado Howard Martin um homenzinho pequeno e afável, embora taciturno, que se empenhara no meu caso como se conhecesse a história toda. (Não — pensando melhor, se soubesse a história toda, talvez me pusesse porta fora na minha primeira visita.) Mas, aparentemente, o que ele via era apenas a minha paixão pela História, com o que ele simpatizava, e fazia o seu melhor por mim. O seu melhor era muito bom, muito completo, e ele assimilava o que os laboratórios lhe enviavam com um cuidado mais digno de Oxford do que daqueles departamentos demasiados burocráticos dos museus de Washington. Fiquei impressionado, e mais ainda, com os conhecimentos dele sobre a feitura de livros na Europa nos séculos imediatamente anteriores e posteriores a Gutenberg.

Quando considerou que fizera tudo o que era possível por mim, escreveu-me a comunicar que eu receberia os resultados da pesquisa e que me devolveria o livro pessoalmente, tal como eu lho tinha entregue, se eu não quisesse que fosse despachado para o Norte. Fiz a viagem de comboio para o Sul, visitei alguns pontos turísticos na manhã seguinte e apresentei-me no seu gabinete dez minutos antes da hora combinada. O coração batia-me com força e tinha a boca seca, ansiava por ter o meu livro na mão outra vez e saber o que ele tinha descoberto sobre as suas origens.

Mr. Martin abriu a porta e convidou-me a entrar com um leve sorriso.

— Estou muito contente por ter podido vir — disse, com o sotaque americano fanhoso e monócórdico que se tornara para mim o mais acolhedor do mundo.

Assim que nos sentamos no seu gabinete repleto de manuscritos, vi-me face a face com ele e, de imediato, chocou-me a mudança na sua aparência. Tivéramos apenas um breve encontro meses antes e lembrava-me do rosto dele, mas nada, na correspondência concisa e profissional que mantivera comigo, dera a entender que estivesse doente. Agora, mostrava-se esgotado e pálido, de tal forma abatido que a pele adquirira um tom cinzento-amarelado, os lábios coloridos de um vermelho pouco natural. Perdera muito peso, tanto que o seu futo fora de moda pendia-lhe, folgado, dos ombros magros. Sentava-se ligeiramente curvado para a frente, como se uma dor ou fraqueza o impedisse de manter o corpo direito. Parecia que a vida se lhe esvaía.

Tentei convencer-me de que isto se devia apenas ao fato de eu estar com pressa na minha primeira visita e que o contacto pelo correio com ele me tornara mais observador desta vez, ou mais compassivo nas minhas observações, mas não conseguia tirar da cabeça a impressão de que ele definhara num curto período de tempo. Disse a mim mesmo que talvez sofresse de alguma doença maligna ou degenerativa, um cancro de progressão rápida. É claro que a delicadeza não me permitiu fazer qualquer alusão à sua aparência.

— Bem, doutor Rossi — começou ele, à sua maneira americana, — acho que não tem a noção de como é valiosa a peça que teve nas mãos todo este tempo.

— Valiosa? — Ele não tinha a menor noção do valor que aquele livro tinha para mim, pensei, nem com todas as análises químicas do mundo. O livro era a minha chave para a vingança.

— Sim. É um exemplar raro da tipografia medieval da Europa Central, uma peça muito interessante e fora do comum, e estou convencido de que foi provavelmente impresso por volta de 1512, talvez em Euda ou na Valáquia. A data de 1512 pode situá-lo com segurança depois de São Lucas de Corvinus, mas antes do Novo Testamento húngaro de 1520, que, a existir, decertaria influenciado uma obra assim. — Mexeu-se na cadeira, que rangeu. — É mesmo possível que

a xilogravura do seu livro tenha na realidade influenciado o Novo Testamento de 1520, que possui uma ilustração semelhante, um Satanás alado. Mas não há como provar isto. De qualquer forma, seria uma influência engraçada, não é? Quer dizer, ver uma parte da Bíblia decorada com uma ilustração diabólica como essa.

— Diabólica? — Deu-me prazer escutar o som da condenação vindo dos lábios de outra pessoa.

— Com certeza. Pôs-me na pista da lenda de Drácula, mas pensa que parei por aí?

O tom de voz de Mr. Martin era tão natural e animado, tão americano, que demorei um instante a reagir. Nunca ouvira uma referência àquele sinistro abismo numa voz tão absolutamente normal. Encarei-o, perplexo, mas o tom fora-se e o rosto dele estava inexpressivo. Examinava uma pilha de papéis que retirara de uma pasta.

— Aqui estão os resultados dos nossos exames — disse. — Passei tudo a limpo, juntamente com o meu parecer, e creio que vai achá-los interessantes. Não acrescentam muito ao que acabei de lhe dizer — ah, existem dois fatos adicionais interessantes. De acordo com a análise química, parece que este livro ficou guardado, provavelmente por muito tempo, num ambiente saturado de pó de pedra, e que isto ocorreu antes de 1700. Além disso, a parte de trás ficou manchada em determinado momento com água salgada — talvez por ter sido exposto a uma viagem marítima. Presumo que poderia ter sido no mar Negro, se as nossas suposições sobre o local em que foi produzido estiverem corretas, mas é claro que há várias outras possibilidades. Receio que não tenhamos contribuído para fazer avançar a sua pesquisa mais longe do que isto — não me disse que estava a escrever uma história da Europa medieval?

Levantou os olhos e deu-me aquele sorriso descontraído, simpático, esquisito naquele rosto debilitado, e instantaneamente dei-me conta de duas coisas que me gelaram a espinha enquanto estava ali sentado.

A primeira era que não lhe dissera nada sobre estar a escrever uma história da Europa medieval; dissera-lhe que precisava de informações sobre aquele volume para me ajudar a completar uma bibliografia de material relacionado com a vida de Vlad, o Empalador, conhecido na lenda como Drácula. Howard Martin era tão rigoroso como curador como eu como estudioso da minha área, e nunca teria cometido um engano desses por distração. A sua memória já me chamara anteriormente a atenção por ser quase fotográfica na sua capacidade para apreender pormenores, uma característica em que reparo e que aprecio sempre que a encontro noutras pessoas.

A segunda coisa que notei naquele momento foi que, talvez devido à doença de que sofria — pobre homem, quase disse para mim próprio —, os seus lábios tinham um aspecto flácido e decadente quando sorria, descobrindo os dentes caninos superiores, de tal forma proeminentes que conferiam a todo o rosto uma aparência desagradável. Fazia-me lembrar muito o funcionário de Istambul, embora não houvesse qualquer problema com o pescoço de Howard Martin, pelo menos até onde eu podia ver. Conseguira controlar o meu tremor e receber o livro e as anotações da sua mão, quando ele falou de novo;

— Aquele mapa, aliás, é notável.

— Mapa? — respondi, gelado. Só conhecia um mapa três, na verdade, em escala graduada que tivesse alguma coisa a ver com as minhas atuais intenções, e tinha a certeza de nunca ter sequer mencionado a sua existência àquele estranho.

— Foi o senhor que o desenhou? Não é antigo, obviamente, mas não o estou a ver como um artista. Pelo menos, não como um daqueles artistas mórbidos, se me permite dizer

Olhei para ele, incapaz de decifrar as suas palavras e temendo deixar escapar algo se lhe perguntasse de que estava a falar. Teria deixado algum dos meus desenhos dentro do livro? Que

idiota era, se tivesse deixado. Entretanto, estava certo de ter verificado com todo o cuidado se o livro tinha folhas soltas antes de lho entregar.

— Bem, voltei a pô-lo no livro, está aí dentro — disse ele, tranquilizador. — Agora, doutor Rossi, posso encaminhá-lo para o nosso departamento financeiro, se preferir, ou posso providenciar para que lhe enviem a fatura.

Abriu-me a porta e fez-me novamente o seu sorriso profissional. Tive a presença de espírito suficiente para não começar a folhear ali mesmo o livro que tinha na mão e vi, à luz do corredor, que devia ter imaginado o sorriso peculiar de Martin e talvez até a sua doença; a sua pele parecia normal e estava só um pouco curvado por décadas de trabalho entre as folhas do passado, nada mais. Ficou parado junto à porta com a mão estendida para uma cordial despedida à moda de Washington e eu apertei-lha, murmurando que gostaria que a conta fosse enviada para a minha morada em Harvard.

Afastei-me com cautela até perder de vista a sua porta, depois para fora daquele corredor e finalmente para longe daquele grande castelo vermelho que abrigava todas as atividades dele e as dos seus colegas. Ao ar livre do Mail, o coração político deste enorme país, atravessei a relva muito verde até um banco e sentei-me, tentando parecer e sentir-me despreocupado.

O livro abriu-se na minha mão com a sua habitual obsequiosidade sinistra e procurei em vão uma folha solta ou algo que me surpreendesse dentro dele. Só folheando as páginas para trás é que o encontrei um tracejado muito fino em papel químico, como se alguém tivesse tido diante de si o terceiro e mais secreto dos meus mapas e tivesse copiado para mim todas as suas misteriosas linhas. Os topónimos em dialeto eslavo eram exatamente os que eu conhecia do meu próprio mapa "Aldeia dos Porcos Roubados", "Vale dos Oito Carvalhos". Na realidade, havia um pormenor no esboço que eu desconhecia. Abaixo da inscrição "Tumba ímpia" havia outra em latim feita com uma tinta que parecia ser a mesma dos outros títulos. Acima da suposta localização da sepultura, arqueadas em torno dela como para provar a sua absoluta associação com aquele lugar, as palavras: BARTOLOMEO ROSSI.

Leitor, considere-me um cobarde se quiser, mas desisti naquele mesmo instante. Sou um professor jovem e vivo em Cambridge, Massachusetts, onde dou aulas, saio com os meus novos amigos para jantar e escrevo para casa, para os meus velhos pais, todas as semanas. Não uso alho nem me benzo quando ouço som de passos no corredor. Tenho uma proteção melhor parei de esmiuçar aquela pavorosa encruzilhada da história. Alguém deve estar satisfeito por me ver quieto porque não aconteceu mais nenhuma tragédia que me perturbasse.

Então, se tivesse de escolher entre a sua sanidade, a vida boa de que se lembrava, e a instabilidade total, qual preferiria, qual consideraria a maneira adequada de um académico viver? Sei que Hedges não iria querer que eu mergulhasse de cabeça nas trevas. E, todavia, se estiver a ler isto, significa que algum mal acabou por me acontecer. Você também tem de escolher. Forneci-lhe todos os elementos que possuo relacionados com estes horrores. Conhecendo a minha história, será capaz de me recusar ajuda?

Seu, com intenso pesar, Bartholomew Rossi

As sombras das árvores tinham-se alongado para proporções abismais e o meu pai deu um pontapé num ouriço de castanha com os seus belos sapatos. Tive a súbita sensação de que, se fosse um homem mais grosseiro, teria cuspid o no chão naquele momento para expelir da boca algum travo repulsivo. Em vez disso, parecia fazer força para engolir e recompor-se para sorrir.

— Deus do céu! Que conversa a nossa! Estamos soturnos demais esta tarde!

Tentou sorrir, mas também me lançou um olhar que exprimia preocupação, como se alguma sombra pudesse descer sobre mim, sobre mim em especial, e tirar-me de cena sem qualquer aviso.

Soltei a minha mão fria da beira do banco e esforcei-me por ficar igualmente despreocupada. Quando é que isto se tornara um esforço? perguntei a mim mesma, mas era demasiado tarde. Eu estava a fazer o trabalho dele, distraíndo-o como antes ele tentara distrair-me. Adotei um ar de ligeira impaciência mas não excessiva, para que ele não desconfiasse.

— Devo confessar que estou com fome outra vez, com fome de comida a sério.

Ele sorriu com um pouco mais de naturalidade e os seus bonitos sapatos bateram juntos no chão enquanto me oferecia galantemente a mão para me levantar do banco, ocupando-se em seguida em guardar no nosso saco as garrafas vazias de *Naranja* e os outros restos do nosso piquenique. Fiz a minha parte com energia, aliviada porque isso significava que voltaríamos para a cidade em vez de nos demorarmos a olhar para a fachada do castelo. Eu já me virara uma vez, perto do final da história, e olhado para aquela janela lá em cima, onde uma figura escura e altiva tomara o lugar da velha mulher da limpeza. Eu falava rapidamente sobre o que me vinha à cabeça. Desde que o meu pai não o visse também, não podia haver confronto. Talvez pudéssemos ficar seguros.

Deixara de frequentar a biblioteca da universidade por algum tempo, em parte porque me tinha sentido singularmente nervosa em relação à minha pesquisa lá, e, em parte, porque tinha a impressão de que Mrs. Clay andava desconfiada das minhas ausências: depois da escola. Avisava-a sempre, como prometera, mas uma crescente timidez na sua voz ao telefone fazia-me imaginá-la a ter conversas constrangedoras com o meu pai. Não conseguia imaginá-la a saber o suficiente sobre maus hábitos para suspeitar de alguma coisa em concreto, mas o meu pai poderia fazer conjecturas embaraçosas charros? Rapazes? E por vezes ele olhava para mim com tanta ansiedade que eu não queria inquietá-lo ainda mais.

Por fim, contudo, a tentação tornou-se grande demais e decidi, apesar do meu desconforto, voltar à biblioteca. Dessa vez, inventei um cinema à noite com uma miúda idiota da minha sala — sabia que Johan Binnerts trabalhava na seção medieval nas noites de quarta-feira e que o meu pai estaria numa reunião no Centro — e saí com o meu casaco novo, antes que Mrs. Clay pudesse dizer alguma coisa.

Era esquisito ir à biblioteca à noite, sobretudo porque encontrei o salão principal tão cheio como sempre de estudantes universitários com ar cansado. A sala de leitura da seção medieval, porém, estava vazia. Dirigi-me calmamente para a mesa de Mr. Binnerts, que estava às voltas com uma pilha de livros novos nada que me interessasse, comunicou-me com o seu sorriso suave, uma vez que eu só gostava de coisas horríveis. Mas tinha-me separado um livro por que demorara tanto a vir buscá-lo? Desculpei-me como pude e ele deu uma risadinha.

— Estava com receio de que lhe tivesse acontecido alguma coisa, ou que tivesse seguido o meu conselho e encontrado um assunto mais apropriado para uma jovem. Mas fez-me ficar interessado, também, e procurei-lhe isto.

Peguei no livro, agradecida, e Mr. Binnerts disse que iria para a sua sala de trabalho mas voltaria em breve para ver se eu precisava de alguma coisa. Mostrara-me a sala de trabalho uma vez, uma pequena divisão com janelas, nas traseiras da sala de leitura, onde os bibliotecários restauravam maravilhosos livros antigos e colavam cartões nos novos. A sala de leitura ficou mais silenciosa do que nunca quando ele se afastou, mas abri avidamente o livro que ele me tinha dado.

Era um achado extraordinário, pensei então, embora hoje saiba que se trata de uma fonte básica para a história bizantina do século quinze uma tradução da *Istória Turco-Bizantina*, de Michael Doukas, que conta muita coisa sobre o conflito entre Vlad Drácula e Mehmed II. Foi naquela mesa que li pela primeira vez a famosa descrição do que viram os olhos de Mehmed quando invadiu a Valáquia em 1462 e seguiu para Tirgoviste, a capital abandonada de Drácula. Fora da cidade, segundo Doukas, Mehmed foi recebido por "milhares e milhares de estacas com mortos espetados em vez de frutos". No centro deste

jardim da morte, estava *apièce-de-résistance* de Drácula: o general favorito de Mehmed Hamza, empalado juntamente com os outros no "seu fino traje de púrpura".

Lembrei-me do arquivo do sultão Mehmed, aquele que Rossi fora pesquisar a Istambul. Que o príncipe da Valáquia tinha sido uma pedra no sapato do sultão, era indiscutível. Achei que seria boa idéia ler um pouco sobre Mehmed; talvez existissem fontes sobre ele que explicassem o seu relacionamento com Drácula. Não sabia por onde começar, mas Mr. Binnerts tinha dito que voltaria em breve para falar comigo.

Virei-me, impaciente, com a intenção de ir ver onde ele estava, quando ouvi um ruído no fundo da sala. Foi uma espécie de pancada seca, mais uma vibração através do chão do que propriamente um som, como o de um pássaro que choca com um vidro em pleno voo. Alguma coisa me fez levantar e ir na direção do impacto, o que quer que fosse, e dei comigo a correr para a sala de trabalho no fundo do salão. Não via Mr. Binnerts através das janelas o que por um momento foi um alívio, mas quando abri a porta de madeira havia uma perna no chão, uma perna dentro de umas calças cinzentas, ligada a um corpo contorcido, a camiseta azul enviesada no tronco torcido, o cabelo grisalho emaranhado e ensanguentado, o rosto misericordiosamente meio escondido dilacerado, uma parte dele ainda na esquina da secretária. Um livro tinha aparentemente caído da mão de Mr. Binnerts. Na parede, por cima da secretária, havia uma mancha de sangue, com uma grande e bem definida marca de mão, como uma pintura infantil. Esforcei-me tanto por não fazer qualquer ruído que o meu grito, quando veio, parecia ter saído de outra pessoa.

Passei duas noites no hospital, o meu pai insistiu, e o médico que me atendeu era um velho amigo. O meu pai mostrava-se amável e sério, sentado na beira da cama ou de pé junto à janela com os braços cruzados enquanto o polícia me interrogava pela terceira vez. Eu não tinha visto ninguém entrar na sala da biblioteca. Tinha estado a ler em silêncio sentada à mesa. Tinha ouvido um baque. Não tinha conhecido o bibliotecário pessoalmente, mas gostava dele. O polícia garantiu ao meu pai que eu não estava sob suspeita; era apenas o que tinham à mão como testemunha. Mas eu não testemunhara nada, ninguém entrara na sala de leitura tinha a certeza e Mr. Binnerts não gritara. Não havia ferimentos em nenhuma outra parte do corpo; alguém simplesmente tinha esmagado a cabeça do pobre homem na esquina da secretária. Alguém com uma força prodigiosa.

O polícia abanou a cabeça, perplexo. A marca da mão na parede não fora feita pelo bibliotecário; não havia sangue nas suas mãos. Além disso, a marca não condizia com a mão dele, e era uma estranha marca, com as impressões digitais desgastadas de maneira invulgar. Teria sido fácil identificá-la — o polícia estava a ficar falador com o meu pai exceto pelo fato de não terem registro de nenhuma assim. Um caso difícil. Amsterdã já não era a cidade onde ele crescera agora, as pessoas deitavam bicicletas nos canais, para não falar já no terrível incidente do ano passado com a prostituta que... O meu pai interrompeu-o com um olhar.

Quando o polícia saiu, o meu pai sentou-se na beira da cama e perguntou-me pela primeira vez o que é que eu estava a fazer na biblioteca. Expliquei-lhe que estava a estudar, que gostava de ir para lá depois da escola fazer os trabalhos de casa porque a sala de leitura era sossegada e confortável. Tive medo que ele me perguntasse porque escolhera a seção medieval mas, para meu alívio, calou-se. Não lhe contei que, na confusão que se gerou na biblioteca depois do meu grito, eu enfiara instintivamente na mochila o livro que Mr. Binnerts segurava quando morreu. É claro que os polícias me revistaram a mochila quando entraram na sala, mas nada disseram sobre o livro e por que lhe dariam importância? Não tinha qualquer vestígio de sangue. Era um livro francês do século dezenove sobre as igrejas românicas e tinha caído aberto numa página sobre a igreja do lago Snagov, erguida com magnificência por Vlad III da Valáquia. A sua sepultura estava tradicionalmente localizada ali, em frente do altar, segundo um pequeno texto por baixo de um plano da abside. Contudo, notava o autor, os camponeses perto de Snagov tinham outras histórias. Quas histórias, interrogava-me, mas não havia mais nada sobre aquela igreja em particular. O desenho da abside também não tinha qualquer característica particular.

— Quero que estudes em casa de agora em diante — disse o meu pai calmamente. Preferia que ele não tivesse dito nada; de qualquer maneira, eu nunca entraria naquela biblioteca outra vez. — Mrs. Clay pode dormir no teu quarto durante algum tempo, se te sentires inquieta, e podemos chamar o médico sempre que quiseses. Só tens de me dizer.

Concordei, embora pensasse que quase preferia ficar sozinha com a descrição da igreja de Sganov do que com Mrs. Clay. Considerei a possibilidade de atirar o livro para o nosso canal — o destino das bicicletas que o polícia mencionara —, mas sabia que acabaria por querer abri-lo outra vez, à luz do dia, para voltar a lê-lo. Poderia querer fazer isto não só por mim, mas também por Mr. Binnerts, com os seus modos de avô, que agora jazia algures numa morgue da cidade.

Algumas semanas mais tarde, o meu pai disse-me que seria bom para os meus nervos fazer uma viagem, e eu sabia que o que ele queria dizer era que seria melhor para ele não me deixar em casa. "Os Franceses", explicou-me, queriam reunir-se com representantes da sua fundação antes de iniciarem conversações na Europa Oriental naquele Inverno, e iríamos encontrá-los uma última vez. Além disso, seria a melhor época na costa do Mediterrâneo, depois de as hordas de turistas terem partido mas antes de a paisagem começar a parecer estéril, árida. Examinámos o mapa com cuidado e ficámos satisfeitos que os franceses tivessem posto de parte a sua opção habitual por uma reunião em Paris e se tivessem decidido pela privacidade de uma estação balnear próxima da fronteira com a Espanha perto da pequena jóia que é Collioure, regozijou-se o meu pai, ou talvez noutro lugar semelhante. Ali mesmo, mas no interior, ficavam Lès Bains e Saint-Mathieu-des-Pyrénées-Orientales, aponte-lhe no mapa, mas quando mencionei esses lugares o rosto do meu pai ensombrou-se e começou a procurar outros nomes interessantes ao longo da costa.

O pequeno-almoço no terraço de Lê Corbeau, onde ficámos, era tão bom ao ar fresco

da manhã que permaneci lá quando o meu pai foi ao encontro dos outros homens de fatos escuros no salão de conferências, tirando relutantemente os meus livros da mochila e levantando os olhos muitas vezes para contemplar a água azul e transparente a poucas centenas de metros de distância. Estava na minha segunda chávena daquele amargo *chocolat* continental, que um cubo de açúcar e uma pilha de pãezinhos frescos tornava suportável. A luz do sol nas fachadas das velhas casas parecia eterna, sob o clima seco do Mediterrâneo e a sua luz de uma clareza sobrenatural, como se nenhuma tempestade alguma vez tivesse ousado aproximar-se destas enseadas. Do sítio onde estava sentada, avistava dois veleiros matutinos na beira daquele mar maravilhosamente colorido e um grupo de crianças pequenas com a mãe e com os seus baldes e os seus fatos de banho fora do comum (para mim) descendo para a areia da praia abaixo do hotel. A baía fazia uma curva em volta de nós para a direita, na forma de colinas pontiagudas. No alto de uma delas, havia uma fortaleza em ruínas da mesma cor das rochas e do restolho ressequido, com oliveiras tentando em vão subir até ela e o céu matinal de um azul delicado estendendo-se por trás.

Tive uma súbita sensação de não fazer parte de tudo aquilo, um sentimento de inveja daquelas crianças insuportavelmente felizes, acompanhadas pela sua mãe. Eu não tinha mãe nem uma vida normal. Não estava muito certa sobre o que considerava uma vida normal mas, enquanto folheava o meu livro de biologia à procura do princípio do terceiro capítulo, pensei vagamente que deveria significar viver num lugar com o pai e a mãe presentes todas as noites à hora do jantar, uma família em que viajar significava fazer férias na praia de vez em quando, e não uma interminável vida de nómada. Tinha a certeza, vendo as crianças instalarem-se na areia com as suas pás, que também nunca seriam ameaçadas pelo lado sinistro da história.

Depois, olhando para os seus cabelos brilhantes, percebi que eram ameaçadas, sim; simplesmente, não tinham consciência disso. Éramos todos vulneráveis. Estremeci e olhei para o relógio. Dali a quatro horas, o meu pai e eu almoçaríamos naquele terraço. Em seguida, eu voltaria a estudar e, depois das cinco da tarde, daríamos um passeio até à fortaleza arruinada que ornamentava o horizonte mais próximo — de onde, segundo o meu pai, se podia ver a pequena igreja junto ao mar que ficava do lado oposto, em Collioure. No decurso daquele dia, aprenderia mais álgebra, alguns verbos alemães, leria um capítulo sobre a Guerra das Rosas e, depois... depois o quê? No cimo do árido penhasco, ouviria a próxima história do meu pai. Iria contá-la de má vontade, olhando para baixo, para a areia do chão, ou tamborilando com os dedos nas pedras talhadas séculos atrás, perdido no seu próprio medo. E caber-me-ia a mim estudá-la outra vez, para juntar os pedaços. Uma criança gritou na praia lá em baixo e eu assustei-me, entornando o chocolate.

— Quando acabei de ler a última carta de Rossi — disse o meu pai, — senti uma nova tristeza, como se ele tivesse desaparecido uma segunda vez. Entretanto, nessa altura, estava convencido de que o seu desaparecimento nada tinha a ver com uma viagem de autocarro para Hartford ou com a doença de alguém da família na Florida (ou em Londres), como a polícia tentara fazer crer. Tirei essas idéias da cabeça e preparei-me para examinar os seus outros papéis. Ler tudo primeiro, absorver tudo. Depois, estabelecer uma cronologia e começar lentamente — a tirar conclusões. Perguntei a mim próprio se Rossi teria tido alguma premonição de que, ao instruir-me, poderia estar a garantir a sua própria sobrevivência. Era o mesmo que um terrível exame final embora eu esperasse devotadamente que não fosse final para nenhum de nós dois. Decidi que não faria qualquer plano enquanto não lesse tudo, mas já suspeitava do que provavelmente teria de fazer. Abri o desbotado pacote outra vez.

Os três documentos seguintes eram mapas, como Rossi tinha avisado, todos desenhados à mão, e nenhum deles parecia mais antigo do que as cartas. Evidentemente: tratava-se das versões que ele fizera dos mapas que tinha visto no arquivo em Istambul, copiados de memória depois das aventuras que ali vivera. No primeiro em que peguei, vi uma grande região de montanhas, desenhadas em forma de pequenos recortes triangulares. Estes formavam dois compridos semicírculos de leste para oeste através da página e aglomeravam-se densamente no lado oeste. Um largo rio serpenteava ao longo da extremidade norte do mapa. Não havia cidades visíveis, embora dois ou três pequenos X no meio das montanhas ocidentais pudessem assinalar cidades. Nenhum topónimo aparecia neste mapa, mas Rossi a caligrafia era a mesma da última carta — anotara nas margens: "Sobre os incrédulos que morrem na incredulidade, cairá a maldição de Alá, dos anjos e de toda a humanidade" (O Corão), e outras passagens semelhantes. Perguntei-me se aquele rio seria o mesmo que lhe tinha parecido simbolizado pela cauda do dragão no seu livro. Mas não; neste caso ele referia-se provavelmente ao mapa em maior escala que devia estar no meio daqueles. A maldiçoei as circunstâncias — todas elas — que me impediam de ver e ter nas mãos os originais; apesar da excelente memória e da mão firme de Rossi, certamente haveria discrepâncias entre os originais e as cópias.

O mapa seguinte parecia concentrar-se mais na região montanhosa ocidental mostrada no primeiro. De novo, vi aqui e ali as letras X, marcadas de acordo com a mesma relação entre uma e outra do mapa anterior. Um no menor aparecia, serpenteando através das montanhas. Mais uma vez, nenhum nome de lugar. Rossi anotara no alto deste mapa: "Os mesmos preceitos corânicos, repetidos". Bem, ele tinha sido tão cuidadoso naquela época como o Rossi que eu conheci. Até aquele ponto, porém, os mapas eram demasiado simples, demasiado rudimentares para indicarem qualquer região específica que eu já tivesse visto ou estudado. A frustração tomou conta de mim como uma febre e eu engoli-a com

dificuldade, forçando-me a recuperar a concentração.

O terceiro mapa era mais esclarecedor, embora eu não soubesse exatamente o que poderia dizer-me naquela altura. O contorno geral correspondia de fato à feroz silhueta do dragão do meu livro e do livro de Rossi que eu bem conhecia, embora eu talvez não tivesse notado a coincidência a primeira vista se Rossi não a tivesse descoberto. Este mapa mostrava o mesmo tipo de montanhas triangulares. Eram muito altas agora, formando largas cordilheiras no sentido norte-sul, um rio encaracolando-se através delas e abrindo-se numa espécie de reservatório. Por que razão não poderia ser o lago Snagov, na Romênia como as lendas sobre a sepultura de Drácula sugeriam? Entretanto, como Rossi observara não havia nenhuma ilha na parte mais larga do rio e, de qualquer maneira, aquilo não parecia realmente um lago. Os Xs apareciam novamente, desta vez legendados com minúsculas letras em cirílico. Presumi que seriam as aldeias que Rossi mencionara. Entre essas aldeias espalhadas, vi um quadrado, marcado por Rossi com os dizeres: "(Árabe) A Tumba ímpia Daquele que Mata os Turcos." Por cima desse quadrado havia um pequeno dragão muito bem desenhado com um castelo a coroar-lhe a cabeça e, em baixo, li mais letras gregas, com a tradução de Rossi para o inglês: "Neste lugar, ele vive no mal. Leitor desenterra-o com uma palavra." As frases exerciam uma atração incrível, como um sortilégio, e cheguei a abrir a boca para as pronunciar em voz alta quando me detive e apertei os lábios. No entanto, as palavras formaram uma espécie de poesia na minha cabeça, que dançou lá dentro infernalmente durante um ou dois segundos.

Pus os três mapas de lado. Era aterrorizante vê-los ali, exatamente como Rossi os descrevera, e mais estranho ainda ver, não os originais, mas as cópias feitas por ele próprio. Como provar, em última análise, que ele não inventara toda a história, e desenhara aqueles mapas como uma brincadeira? Eu não tinha outras fontes originais sobre aquele assunto, a não ser as cartas dele. Tamborilei com os dedos no tampo da mesa. O tiquetaque do relógio do meu gabinete de trabalho parecia soar muito mais alto do que habitualmente naquela noite e a penumbra urbana parecia demasiado silenciosa por detrás das minhas persianas. Há horas que não comia e doíam-me as pernas, mas não podia parar agora. Relanceei os olhos para o mapa rodoviário dos Balcãs, mas aparentemente não havia nada de extraordinário nele; indicações manuscritas, por exemplo. A brochura sobre a Romênia também não produzia nada de surpreendente além do estranho inglês em que estava redigida: "Beneficiem-se da nossa exuberante e espantosa região rural", por exemplo. Os únicos documentos que ainda não examinara eram as anotações manuscritas de Rossi e o pequeno envelope selado que vira ao folhear os papéis pela primeira vez. Tinha pensado em deixar o envelope para o fim, porque estava lacrado, mas não podia esperar mais. Encontrei a minha espátula de abrir cartas no meio dos papéis, quebrei cuidadosamente o lacre e tirei para fora uma folha de papel.

Era o terceiro mapa outra vez, com a sua forma de dragão, o rio serpenteante, o arremedo dos altos picos de montanha. Fora copiado com tinta preta, como a versão de

Rossi, mas o traço era ligeiramente diferente um bom *fac-símile* mas de certo modo limitado, arcaico, um pouco ornamentado quando observado mais de perto. Depois da carta de Rossi, eu devia estar preparado para a visão da única diferença em relação à primeira versão do mapa, mas mesmo assim atingiu-me como uma pancada. Acima do local da sepultura retangular e do dragão que a guardava, as palavras, em arco: BARTOLOMEO ROSSI.

Reprimi suposições, medos e conclusões e obriguei-me a pôr o papel de lado e ler as páginas das notas de Rossi. Aparentemente, fizera as duas primeiras nos arquivos de Oxford e do Museu Britânico, e não acrescentavam nada ao que ele já me dissera. Havia um breve resumo da vida e das aventuras de Vlad Drácula e uma lista de alguns documentos literários e históricos nos quais Drácula fora mencionado através dos séculos. Outra página seguia-se a estas, num papel diferente, marcada e datada da sua viagem a Istambul. "Reconstituído de memória", dizia, com a sua letra apressada mas cuidadosa, e concluí que deviam ser as notas que passara ao papel logo a seguir à sua experiência no arquivo, quando desenhara os mapas de memória antes de partir para a Grécia.

Estas anotações consistiam numa lista dos documentos do tempo do sultão Mehmed I guardados na biblioteca de Istambul pelo menos, os que tinham chamado a atenção de Rossi por estarem relacionados com a sua pesquisa os três mapas, os rolos de pergaminho com relatos das guerras dos povos dos Cárpatos contra os Otomanos e livros comerciais dos produtos negociados entre mercadores otomanos nas fronteiras daquela região. Nada disto me parecia muito esclarecedor; mas perguntava-me em que ponto, exatamente, o trabalho de Rossi fora interrompido pelo funcionário com ar ameaçador. Os rolos de pergaminhos e os livros comerciais conteriam pistas sobre a morte ou o enterro de Vlad Tepes? Teria Rossi chegado a examiná-los pessoalmente, ou só tivera tempo para enumerar as possibilidades do arquivo antes de fugir amedrontado?

Havia um último item na lista do arquivo, e este surpreendeu-me; detive-me nele alguns minutos. "Bibliografia, Ordem do Dragão (sob a forma de parte de um rolo de pergaminho)". O que me surpreendeu nesta nota, e me fez hesitar ao lê-la, foi o fato de ser tão pouco informativa. Em geral, as notas de Rossi eram completas, explicativas; ele gostava de dizer que para isso é que se tomava notas. Seria essa bibliografia, que ele mencionava de modo tão apressado, uma lista organizada pela biblioteca para registrar todo o material que albergava relacionado com a Ordem do Dragão? Sendo assim, por que estaria "sob a forma de parte de um rolo de pergaminho?" Devia ser algo antigo em si, pertencente à biblioteca, pensei talvez do tempo da Ordem do Dragão. Mas por que motivo Rossi não dera mais explicações naquela página de caderno, que nada dizia? Ter-se-ia a bibliografia, fosse o que fosse, mostrado irrelevante para a pesquisa dele?

Essas elucubrações sobre um arquivo distante que Rossi examinara há tanto tempo não me pareciam apontar diretamente para os motivos do seu desaparecimento, de modo que pousei a folha de papel na mesa, desgostoso, subitamente cansado das minúcias da pesquisa. Ansiava por respostas. Com exceção do que poderia haver nesses pergaminhos

nos livros comerciais e naquela antiga bibliografia, Rossi partilhara comigo as suas descobertas de um modo surpreendentemente meticoloso. Mas essa concisão era típica dele; além do mais, dera-se ao luxo, se podemos chamar-lhe assim, de se explicar em muitas páginas de cartas. Não obstante, eu sabia muito pouco, a não ser talvez o que devia fazer a seguir. O envelope estava agora completamente, desalentadoramente vazio, e o que eu aprendera com os últimos documentos que ele continha não acrescentara grande coisa ao que já sabia através das cartas. Apercebi-me também de que precisava agir o mais rapidamente possível. Já passara muitas noites em claro antes, e na próxima hora talvez fosse capaz de organizar para mim mesmo tudo o que Rossi me contara sobre as anteriores ameaças à sua vida, segundo a sua própria visão.

Levantei-me com as articulações a estalar e dirigi-me à minha pequena e precária cozinha para preparar uma sopa. Ao baixar-me para tirar uma panela limpa, percebi que o meu gato não entrara para comer a refeição da noite, que dividia comigo. Era um gato vadio, e eu desconfiava que o nosso relacionamento não fosse inteiramente monógamo. Mas, pela hora do jantar, geralmente encontrava-o à janela da minha minúscula cozinha, a olhar para dentro, da escada de incêndio, para me dar a entender que queria a sua lata de atum ou, quando eu estava particularmente generoso, o seu prato de sardinhas. Eu passara a adorar o momento em que ele pulava para dentro do meu apartamento sem vida, espreguiçando-se e miando alto numa exibição de afeto. Costumava deixar-se ficar um pouco por ali depois de comer, a dormir na beira do sofá ou a ver-me a passar a ferro as minhas camisas. Às vezes, tinha a impressão de vislumbrar uma expressão de ternura nos seus olhos amarelos perfeitamente redondos, embora também pudesse ser de pena. Era vigoroso, rijo, com uma pelagem macia preta e branca. Chamava-lhe *Rembrandt*. Pensando nele, levantei a beira da persiana, empurrei a janela para cima e chamei-o, esperando pelo ruído surdo das suas patas felinas no parapeito. Ouvi apenas o distante tráfego noturno do centro da cidade. Baixei a cabeça e olhei para fora.

A forma do seu corpo enchia o espaço, grotesca, como se tivesse rolado para lá ac brincar e depois ficasse inerte. Puxei-o para dentro da cozinha com mãos suaves e trêmulas, reparando imediatamente na sua espinha partida e na sua cabeça que pendia desajeitadamente. Os olhos de *Rembrandt* estavam mais abertos do que alguma vez os vira em vida, a boca arreganhada num esgar de medo, as patas da frente abertas e com as unhas à mostra. Soube logo que ele não podia ter caído ali, com tanta precisão, sobre o parapeito apertado. Só uma força muito grande conseguiria matar um animal daqueles — afaguei-lhe o pêlo macio, a raiva sobrepondo-se ao meu terror — e o atacante devia ter ficado arranhado e talvez mesmo ferozmente mordido. Mas o meu amigo estava indiscutivelmente morto. Coloquei-o com suavidade no chão da cozinha, os meus pulmões a encherem-se de um ódio nebuloso ao perceber que, sob as minhas mãos, o seu corpo ainda estava quente.

Virei-me depressa, fechei a janela, corri o trinco e pensei freneticamente qual seria o

meu próximo passo. Como poderia proteger-me? As janelas estavam todas fechadas e a porta trancada com um duplo ferrolho. Mas o que sabia eu dos horrores do passado? Penetravam nos lugares como névoa, por baixo das portas? Ou partiam os vidros e irrompiam subitamente diante de nós? Olhei em volta, à procura de uma arma. Não tinha um revólver mas os revólveres de nada serviam contra Bela Lugosi nos filmes de vampiros, a não ser que o herói estivesse equipado com uma bala de prata especial. O que é que Rossi tinha recomendado? "Eu não vou andar por aí com alho no bolso, ah, não." E uma outra coisa: "Tenho a certeza de que traz consigo a sua bondade, o seu sentido moral, ou o que quiser chamar-lhe. De qualquer maneira, gosto de pensar que a maior parte de nós é capaz disso."

Tirei um pano limpo de uma das gavetas da cozinha e embrulhei nele, com cuidado, o corpo do meu amigo, deixando-o do lado de fora do apartamento, no vestíbulo. Teria de enterrá-lo no dia seguinte, se o dia seguinte chegasse da mesma maneira de sempre. Iria enterrá-lo no terreno atrás do edifício — bem fundo, onde os cães não lhe chegassem. Era-me difícil pensar em comer naquelas circunstâncias, mas preparei a minha tigela de sopa e cortei uma fatia de pão para a acompanhar.

Então, sentei-me outra vez à secretária e tirei de lá os papéis de Rossi, guardando-os em ordem no envelope. Pousei o meu misterioso livro do dragão em cima do envelope, tendo o cuidado de não deixar que se abrisse. Por cima de tudo, coloquei o meu exemplar do clássico de Hermann, *A Idade de Ouro de Amsterdã* que tinha sido um dos meus livros favoritos durante muito tempo. Abri os meus apontamentos para a tese no centro da secretária e apoiei na minha frente um folheto sobre as guildas de mercadores em Utreque, um exemplar da biblioteca que ainda precisava ler com atenção. Pus o relógio ao meu lado e verifiquei, com um arrepio supersticioso, que faltavam quinze minutos para a meia-noite. Amanhã, disse a mim mesmo, iria à biblioteca e leria tudo o que lá encontrasse para me equipar para os próximos dias. Não me faria nenhum mal aprender mais sobre estacas de prata, dentes de alho e crucifixos, se eram esses os remédios aconselhados pelos camponeses para combater os mortos-vivos durante tantos séculos. Pelo menos, era uma prova de fé nas tradições. Por enquanto, só contava com o conselho de Rossi, mas Rossi nunca me falhara quando estava na sua mão ajudar. Peguei na caneta e inclinei a cabeça para o folheto.

Nunca tivera tanta dificuldade em concentrar-me. Cada nervo do meu corpo parecia estar alerta à presença do lado de fora, se é que era mesmo uma presença, como se a minha mente, e não os meus ouvidos, fosse capaz de ouvi-la roçar a janela. Com um esforço, aterrei firmemente em Utreque, em 1690. Escrevi uma frase, depois outra. Quatro minutos para a meia-noite. "Procurar algumas histórias sobre a vida dos marinheiros holandeses", anotei nos meus papéis. Pensei nos mercadores, reunindo-se nas suas associações, já antigas na época, para tirar o melhor proveito possível das suas vidas e das suas mercadorias, agindo dia após dia de acordo com o seu bastante simples sentido do dever, usando uma

parte dos seus lucros para construir hospitais para os pobres. Dois minutos para a meia-noite. Tomei nota do nome do autor do folheto para voltar a consultá-lo mais tarde. "Explorar a importância das máquinas de impressão da cidade para os mercadores", anotei.

O ponteiro dos minutos do meu relógio deu um salto repentino e eu saltei com ele. Marcava meia-noite em ponto. As máquinas de impressão podiam ser extremamente importantes, pensei, forçando-me a não olhar para trás, ali sentado, sobretudo se as guildas tivessem controlado algumas delas. Terão realmente controlado algumas, comprando-as, tornando-se suas proprietárias? Os tipógrafos teriam a sua própria guilda? De que modo as idéias sobre a liberdade de imprensa entre os intelectuais holandeses naquele contexto estão relacionadas com a propriedade das máquinas de impressão? Por um momento, comecei a interessar-me pelo assunto e tentei lembrar-me do que lera sobre as primeiras publicações em Amsterdã e Utreque. De repente, senti uma grande tensão no ar, como se tudo parasse, e depois um relaxamento da tensão.

Olhei furtivamente para o relógio. Meia-noite e três minutos. Comecei a respirar normalmente e a minha caneta deslizou à vontade pelo papel.

O que quer que estava a vigiar-me não era tão esperto como eu receara, pensei, tomando o cuidado de não parar de trabalhar. Pelos vistos, os mortos-vivos acreditavam nas aparências, e eu parecia ter levado em consideração o aviso de *Rembrandt* e ter-me limitado a realizar as minhas tarefas habituais. Não seria possível esconder os meus verdadeiros atos por muito tempo, mas naquela noite a minha aparência era a única proteção de que podia dispor. Aproximei mais o candeeiro e mergulhei no século dezessete durante mais uma hora, para consolidar a impressão de estar entregue ao trabalho. Enquanto fingia escrever, raciocinava. A ameaça final a Rossi, em 1931, tinha sido o nome dele escrito no local da sepultura de Vlad, o Empalador. Rossi não fora encontrado morto sobre a secretária dois dias antes, como poderia acontecer comigo em breve, se não tivesse cuidado. Não fora encontrado ferido no corredor, como Hedges. Fora raptado. Podia estar morto algures, evidentemente, mas enquanto não tivesse a certeza disso, tinha de ter esperança que estivesse vivo. A partir do dia seguinte, precisava tentar encontrar a sepultura.

Sentado naquele velho forte francês, o meu pai contemplava o mar da mesma forma que olhara para o espaço aberto no alto das montanhas em Saint-Mathieu, observando o voo em círculos da águia.

— Vamos voltar para o hotel — disse ele, por fim. — Reparaste que os dias já estão a ficar mais curtos? Não quero ser apanhado aqui depois do pôr do Sol.

Na minha impaciência, atrevi-me a fazer uma pergunta direta.

— Apanhado?

Olhou para mim, muito sério, talvez a considerar os riscos relativos das respostas que

podia dar.

— O caminho é realmente íngreme — acabou por dizer. — Não gostaria de ter de procurar o caminho de regresso no escuro no meio destas árvores, tu gostarias?

Ele também sabia ser atrevido.

Olhei para os olivais, agora de um cinzento-esbranquiçado, em vez do cor de pêssego e prateado de antes. Todas as árvores estavam retorcidas, voltadas na direção das ruínas de uma fortaleza que outrora as protegera ou às suas antepassadas das tochas sarracenas.

— Não — respondi. — Não gostaria.

Era o início de Dezembro, estávamos novamente na estrada, e a fadiga das nossas viagens de Verão pelo Mediterrâneo parecia longe. O forte vento do Adriático mais uma vez fazia-me ondular o cabelo e eu gostava daquela sensação, daquela rudeza desajeitada; era como se um animal de patas pesadas andasse a trepar por cima de tudo no porto, fazendo as bandeiras estalarem bruscamente na fachada do moderno hotel e torcendo os galhos mais altos dos plátanos que ladeavam o paredão.

— O quê? — gritei. O meu pai voltou a dizer algo ininteligível, apontando para o andar de cima do palácio do imperador. Ambos esticámos o pescoço para olhar para trás.

A elegante fortaleza de Diocleciano elevava-se diante de nós à luz do sol da manhã, e quase caí de costas tentando vislumbrar o seu ponto mais alto. Muitos dos espaços entre as suas belas colunas tinham sido ocupados em geral por pessoas que dividiam o edifício em apartamentos, como o meu pai me explicara antes, de modo que uma verdadeira manta de retalhos feita de pedra, em grande parte de mármore talhado pelos Romanos e saqueado de outras construções, reluzia por toda a estranha fachada. Aqui e ali, a água ou os terramotos tinham aberto fendas. Pequenas plantas tenazes, até mesmo algumas árvores, pendiam das fissuras. O vento fustigava as amplas golas dos marinheiros que passeavam pelo cais em grupos de dois ou três, os rostos bronzeados em contraste com o branco dos uniformes e os cabelos escuros cortados rente, brilhando como escovas de arame. Segui o meu pai e contornámos a esquina do edifício, passando por cima de nozes negras caídas no chão e ramos e folhas de sicómoro, até à praça rodeada de monumentos que ficava por trás dele e que cheirava a urina. Mesmo à nossa frente, erguia-se uma torre fabulosa, aberta aos ventos e que parecia ter sido decorada por um pasteleiro, um alto e fino bolo de noiva. Estava mais silencioso ali e não precisávamos de gritar.

— Sempre quis ver aquilo ali — disse o meu pai com a sua voz normal. — Queres subir até lá acima?

Fui à frente, começando a subir com prazer os degraus de ferro. No mercado a céu aberto próximo do cais, que eu entrevia de quando em quando através de uma moldura de mármore, as árvores tinham ganho um colorido entre o dourado e o castanho, e ao pé delas os ciprestes ao longo da água pareciam mais negros do que verdes. À medida que subíamos, via a água azul-marinho do porto lá em baixo, as pequenas formas brancas dos marinheiros de licença vagueando entre os cafés ao ar livre. Para lá do nosso grande hotel, um pedaço distante de terra descrevia uma curva e apontava como uma flecha para o interior do mundo de língua eslava, para onde o meu pai em breve seria arrastado pela maré de *detente* que se espalhava pela região.

Parámos para recuperar o fôlego mesmo por baixo do telhado da torre. Só uma plataforma de ferro nos protegia da queda livre para o solo; de onde estávamos, podíamos ver o percurso até ao chão através da teia de degraus de ferro entrançado que tínhamos

acabado de subir. O mundo à nossa volta estendia-se para lá das aberturas emolduradas em pedra, suficientemente baixas para deixar um turista descuidado cair de uma altura de nove andares nas lajes do pátio em baixo. Escolhemos um banco no meio, virado para a água, e sentámo-nos tão sossegadamente que um andorinhão se aproximou, as asas arqueadas contra o furioso vento do mar, e desapareceu sob o beiral. Trazia qualquer coisa brilhante no bico, uma coisa que captou a cintilação do sol quando ele voou para longe da água.

— Acordei cedo na manhã seguinte — disse o meu pai —, depois de ler até o fim os papéis de Rossi. Nunca fiquei tão satisfeito ao ver a luz do sol quanto naquele dia. A minha primeira e triste tarefa seria enterrar *Rembrandt*. Em seguida, não tive qualquer dificuldade em chegar à biblioteca, que estava a abrir as portas; queria aquele dia inteiro para me preparar para a próxima noite, para a nova investida das trevas. Durante muitos anos, a noite fora minha amiga, o casulo de tranquilidade em que eu lia e estudava. Agora, tornara-se uma ameaça, um perigo inevitável a poucas horas de distância. Era provável que em breve também eu empreendesse uma viagem, com todos os preparativos que isso envolvia. Seria um pouco mais fácil, refleti, pesaroso, se ao menos soubesse onde ia.

O salão principal da biblioteca estava muito silencioso, a não ser pelo eco dos passos dos bibliotecários, ocupados com o seu trabalho; poucos alunos chegavam tão cedo e eu teria paz e sossego pelo menos durante meia hora. Dirigi-me para o labiríntico ficheiro, abri o meu caderno e comecei a puxar as gavetas de que precisava. Havia diversas entradas sobre os Cárpatos e uma sobre o folclore da Transilvânia. Um livro sobre vampiros — lendas de tradição egípcia. Perguntei a mim próprio o que teriam os vampiros em comum pelo mundo fora. Os vampiros egípcios seriam parecidos com os do Leste Europeu? Era assunto para um antropólogo, não para mim, mas de qualquer forma anotei o número do livro sobre a tradição egípcia.

Depois, procurei em *Drácula*. Os assuntos e títulos estavam misturados no ficheiro entre "*Drab-Ali, o Grande*" e "*Dragões, Ásia*", deveria haver pelo menos uma entrada: a ficha de título do *Drácula* de Bram Stoker, que eu vira a rapariga de cabelo escuro a ler na véspera. Era possível até que a biblioteca tivesse dois exemplares de um clássico como aquele. Precisava dele sem demora: Rossi dissera que se tratava da essência da pesquisa de Stoker sobre as lendas de vampiros, e além disso poderia ter sugestões de proteção para meu uso pessoal. Esquadrinhei o ficheiro para baixo e para cima. Não havia uma única entrada sobre "*Drácula*" nada, nem uma sequer. Não esperava que a lenda fosse um importante tema académico, mas certamente o livro deveria estar catalogado em algum lugar.

Então, descobri o que havia realmente entre "*Drab-Ali*" e "*Dragões*". Um fragmento de papel rasgado no fundo da gaveta revelava claramente que pelo menos uma ficha fora arrancada do seu lugar. Corri para a gaveta "St". Não havia qualquer entrada para Stoker apenas mais uma evidência de um furto apressado. Sentei-me no banco de madeira mais

próximo. Era tudo muito estranho. Por que razão teria alguém arrancado aquelas fichas em particular?

A rapariga de cabelo escuro tinha sido a última pessoa a requisitar o livro, isso sabia eu. Teria querido fazer desaparecer a prova de que o requisitara, por algum motivo que só ela sabia? Entretanto, se queria roubar ou esconder o exemplar, por que razão o lera em público, no meio da biblioteca? Talvez outra pessoa tivesse arrancado as fichas, talvez uma pessoa mas por quê? que não quisesse que mais ninguém procurasse o livro. Quem quer que fosse, fizera-o à pressa, não se preocupando em deixar vestígios do seu acto. Reconsiderarei a questão mais uma vez. Aqui, o ficheiro era sagrado; qualquer aluno que deixasse sequer uma das gavetas fora do lugar em cima das mesas, e fosse apanhado pelos funcionários ou bibliotecários, não se furtava a uma severa repreensão. Uma violação do ficheiro teria de ser feita rapidamente, sem sombra de dúvida, num raro momento em que ninguém estivesse por perto ou a olhar naquela direcção. Se não fora a rapariga que cometera a infracção, talvez ignorasse que havia alguém que não queria que aquele livro fosse consultado. E ela provavelmente ainda o tinha com ela. Quase corri para o balcão principal.

A biblioteca, construída no mais elaborado estilo neogótico aproximadamente na mesma época em que Rossi acabava os seus estudos em Oxford (onde estava rodeado pelo verdadeiro gótico, evidentemente), sempre me agradara por ser ao mesmo tempo bonita e cômica. Para chegar ao balcão principal, era preciso percorrer de ponta a ponta uma longa nave de catedral. O balcão de circulação ficava onde deveria estar o altar numa catedral a sério, sob um mural de Nossa Senhora do Conhecimento, presume-se vestida com um manto azul-celeste, os braços cheios de livros celestiais. Requisitar um livro era um ato tão santificado como receber a comunhão. Naquele dia, aquilo parecia-me a mais cínica das piadas e ignorei o rosto suave de Nossa Senhora ao dirigir-me à bibliotecária, tentando não demonstrar a minha perturbação.

— Estou à procura de um livro que de momento não está nas prateleiras — comecei, — e gostaria de saber se acabou de ser requisitado ou se vai ser devolvido em breve...

A bibliotecária, uma mulher pequenina e séria, na casa dos sessenta anos, levantou os olhos do trabalho.

— O título, por favor — disse.

— *Drácula*, de Bram Stoker.

— Um minuto, por favor, vou ver se está aqui. — Manuseou as fichas de uma caixa pequena, com o rosto inexpressivo. — Lamento, está requisitado.

— Ah, que pena — disse eu, enfaticamente. — Quando vai ser devolvido?

— Dentro de duas semanas e meia. Foi requisitado ontem.

— Creio que não posso esperar tanto tempo. Sabe, estou a dar um curso.. — Em geral, estas palavras eram mágicas.

— Pode reservá-lo, se quiser — disse a bibliotecária, friamente. Virou-me a cabeça grisalha e bem penteada, como se quisesse voltar ao seu trabalho.

— Talvez tenha sido um dos meus alunos que o requisitou para o ler antes do curso. Se me disser o nome da pessoa, posso entrar em contato com ela.

Ela olhou-me fixamente.

— Não costumamos fazer isso disse.

— É uma situação especial — confidenciei-lhe. — Vou ser franco com a senhora. Preciso de usar uma parte do livro para preparar o teste e, bem, emprestei o meu exemplar a um aluno que agora não sabe onde o deixou. A culpa foi minha, mas sabe como são estas coisas com os alunos. Devia ter previsto isso.

O rosto dela suavizou-se e pareceu quase simpática.

— É terrível, não é? — disse, abanando a cabeça. — Acho que todos os semestres perdemos uma estante cheia de livros. Bem, deixe-me ver se lhe consigo o nome, mas não espalhe por aí que fiz isto, ouviu?

A bibliotecária virou-se para remexer num armário atrás dela e fiquei a refletir sobre a duplicidade que acabara de descobrir na minha natureza. Quando aprendera a mentir com tanta facilidade? Isso deu-me uma sensação de desconfortável prazer. Enquanto esperava, percebi que outro bibliotecário, que se encontrava atrás do grande altar, se tinha aproximado e me observava. Era um homem magro de meia-idade que já vira ali muitas vezes, apenas ligeiramente mais alto do que a sua colega e mal vestido, com um casaco de *tweed* e uma gravata com nódoas.

— Posso ajudá-lo? — perguntou de repente, como se desconfiasse que eu roubaria alguma coisa do balcão se não fosse imediatamente atendido.

— Oh, não, obrigado — fiz um gesto mostrando a bibliotecária de costas. — Já estou a ser atendido.

— Muito bem.

Chegou-se para o lado quando ela voltou com uma tira de papel, que colocou na minha frente. Naquele momento, não soube para onde olhar o papel dançava-me diante dos olhos. Porque, quando o segundo bibliotecário se afastou, inclinou-se para examinar alguns livros que deviam ter sido devolvidos ao balcão e aguardavam a sua vez de serem reencaminhados para os respectivos lugares. Ao curvar-se, num gesto de míope para ver melhor os livros, o seu pescoço ficou exposto por um momento sobre a gola puída da camisa e vi nele duas fendas com uma crosta escura e um pouco de sangue seco formando um feio rendilhado na pele logo por baixo delas. Depois, endireitou o corpo e foi-se embora, segurando nos seus livros.

— Era isto que o senhor queria? — perguntava-me a bibliotecária. Olhei para o papel que ela empurrava na minha direção. — É o verbete do *Drácula* de Bram Stoker. Só temo um exemplar.

O bibliotecário encardido deixou cair um livro ao chão e o som reverberou com um estrondo pela enorme nave. Apanhou-o e, ao endireitar-se, olhou diretamente para mim, e nunca vi ou até àquele momento nunca vira um olhar humano tão cheio de ódio e de

desconfiança.

— Não era o que queria? — insistia a senhora.

— Oh, não — disse eu, pensando rapidamente e recompondo-me. — A senhora não me compreendeu bem. Estou à procura do *Declínio e Queda do Império Romano* de Gibbons. Como lhe disse, estou a dar um curso sobre o assunto e precisamos de mais exemplares.

Ela franziu intensamente as sobrancelhas.

— Mas pensei que...

Detestei ter de sacrificar os seus sentimentos, mesmo naquele momento desagradável, quando ela me fizera um favor tão grande.

— Não faz mal — disse eu. — Talvez eu não tenha procurado bem. Vou verificar o ficheiro outra vez.

Porém, assim que pronunciei a palavra ficheiro, percebi que abusara da minha nova facilidade em mentir. Os olhos do bibliotecário magro estreitaram-se mais e mexeu ao de leve a cabeça, como um animal acompanhando os movimentos da sua presa.

— Muito obrigado — murmurei educadamente e afastei-me, sentindo os olhos penetrantes nas minhas costas durante todo o percurso do grande salão. Fingi que consultava o ficheiro por um minuto, depois fechei a minha pasta e saí cheio de determinação pela porta da frente, através da qual os fieis já afluíam para a sua manhã de estudo. Lá fora, encontrei um banco onde o sol batia com mais intensidade e sentei-me com as costas apoiadas numa daquelas paredes neogóticas, de onde podia ver com segurança todos os que iam e vinham à minha volta. Precisava de cinco minutos para ficar sentado a pensar a reflexão, como Rossi dizia sempre, deve ser oportuna, não importuna.

Contudo, havia demasiado para digerir rapidamente. Naquele instante de atordoamento, não só entrevira o pescoço ferido do bibliotecário, como o nome da frequentadora da biblioteca que levara o *Drácula* antes de mim. Chamava-se Helen Rossi.

O vento soprava frio e cada vez mais forte. O meu pai fez uma pausa e tirou da bolsa da máquina fotográfica dois impermeáveis, um para cada um de nós. Mantinha-os bem enrolados para caberem juntamente com o seu equipamento fotográfico, um chapéu de lona e um pequeno estojo de primeiros socorros. Sem dizermos uma palavra, vestimo-los por cima dos nossos *blazers* e ele prosseguiu.

— Sentado ali ao sol do fim da Primavera, observando a universidade despertar para as suas atividades diárias, senti uma súbita inveja daqueles alunos e professores de aparência vulgar a andarem de um lado para o outro. Pensavam que a prova do dia seguinte era um desafio sério, ou que a política do departamento era um grande drama, refleti amargamente. Nenhum deles poderia compreender a minha situação, ou ajudar-me a sair dela. Senti repentinamente a solidão de estar fora da minha escola, do meu universo, uma abelha operária expulsa da colméia. E aquele estado de coisas, percebi com surpresa, começara apenas há quarenta e oito horas.

Tinha de pensar com clareza, e depressa. Primeiro, verificara o que o próprio Ross

relatara: alguém alheio à ameaça direta a Rossi no caso, um bibliotecário meio sujo e com aspecto excêntrico fora mordido no pescoço. Vamos supor, disse a mim próprio, quase rindo do absurdo das coisas em que começava a acreditar, vamos supor que nosso bibliotecário tivesse sido mordido por um vampiro, e muito recentemente. Rossi fora levado do seu gabinete — com derramamento de sangue, não podia esquecer-me só há duas noites. Se Drácula andasse à solta, parecia ter predileção não apenas pela fina-flor do mundo acadêmico (e lembrei-me do pobre Hedges) mas também por bibliotecários, por arquivistas. Não — e endireitei o corpo, compreendendo subitamente qual era o padrão seguido, ele preferia os que mexiam em arquivos ou documentos que tinham a ver com a sua lenda. Primeiro, tinha sido o funcionário que tirou o mapa a Rossi em Istambul. Depois, o pesquisador do *Smithsonian*, pensei, recordando-me da última carta de Rossi. E, evidentemente, sempre sob ameaça, o próprio Rossi, que possuía um exemplar de "um daqueles bonitos livros" e examinara outros possíveis documentos relevantes. Agora, aquele bibliotecário, embora ainda não tivesse provas de que o sujeito tinha manuseado documentos relacionados com Drácula. E, por fim, seria eu?

Peguei na pasta e corri para uma cabina telefônica próxima do refeitório dos estudantes.

— Serviço de informações da Universidade, por favor. — Ninguém me seguira até ali pelo menos até onde podia ver, mas fechei a porta e, através do vidro, mantive o olhar atento a quem passava. — Têm algum registro de uma Miss Helen Rossi? É, sim, aluna de pós-graduação — arrisquei.

A telefonista da universidade foi lacônica; podia ouvi-la a folhear papéis devagar.

— Temos uma H. Rossi nas instalações para alunas de pós-graduação — respondeu ela.

— É essa mesmo. Muito obrigado. Anotei o número e liguei outra vez.

Atendeu uma governanta, com voz perspicaz e protetora.

— Miss Rossi? Sim? Quem quer falar com ela, por favor? — Meu Deus. Não tinha pensado nisso antes.

— O irmão dela — respondi depressa. — Ela disse-me que ligasse para este número.

Ouvi passos que se afastavam do telefone, outros mais vivos voltando, o ruído da mão de alguém a pegar no telefone.

— Obrigada, Miss Lewis -disse uma voz distante, como que a dispensar a outra. Então ela falou e eu ouvi o timbre baixo e forte que me lembrava de ter escutado na biblioteca.

— Não tenho nenhum irmão — disse ela. A frase soava como uma advertência, não como a mera constatação de um fato. — Quem é?

O meu pai esfregou as mãos uma na outra no vento frio, fazendo as mangas do impermeável amaranharem-se como lenços de papel. Helen, pensei, sem coragem de repetir o nome em voz alta. Era um nome de que eu sempre gostara; evocava valentia e beleza, como o frontispício pré-rafaelita mostrando Helena de Tróia no livro *A Ilíada Contada às Crianças*, que tinha tido em casa, nos Estados Unidos. Acima de tudo, era o nome

da minha mãe, e a minha mãe era um assunto de que o meu pai nunca falava.

Olhei firmemente para ele, mas já estava a falar outra vez.

— Um chá quente num daqueles cafés lá em baixo — disse ele. — É disso que estou a precisar. E tu?

Reparei pela primeira vez que o seu rosto — o rosto bonito e discreto de um diplomata estava desfigurado por pesadas olheiras, que lhe contornavam os olhos e faziam o seu nariz parecer mais afilado na base, como se nunca dormisse o suficiente. Levantou e espreguiçou-se, depois contemplamos uma última vez cada uma das vistas vertiginosamente emolduradas. O meu pai puxou-me um pouco para trás, como se receasse ver-me cair.

Atenas deixava o meu pai nervoso e cansado, como eu podia constatar depois de apenas um dia. Pelo meu lado, achava a cidade estimulante: gostava da combinação de decadência e vitalidade, do tráfego sufocante, fumarento, que girava em volta das suas praças, parques e ruínas de monumentos antigos, do Jardim Botânico, que tinha no meio um leão enjaulado, da Acrópole, pairando no ar, com frívolos toldos de restaurantes a adejar em torno da sua base. O meu pai prometeu-me que subiríamos até lá logo que ele tivesse tempo. Estávamos em Fevereiro de 1974, a primeira vez em quase três meses que ele partia em viagem, e hesitara muito em trazer-me, porque lhe desagradava a presença do exército grego nas ruas. Quanto a mim, pretendia aproveitar ao máximo cada momento.

Entretanto, estudava diligentemente no meu quarto de hotel, olhando de vez em quando para as elevações coroadas por templos do lado de fora da minha única janela, como se pudessem levantar voo depois de dois mil e quinhentos anos e fugir para longe antes de eu as ter explorado. Podia ver as estradas, caminhos e veredas que subiam serpenteando para a base do Pártenon. Seria uma longa e lenta caminhada estávamos outra vez em terras quentes, e o Verão ali começava cedo — no meio de casas caiadas de branco e de lojas revestidas de estuques onde se vendia limonada, um percurso que de vez em quando desembocava em antigas praças de mercado e fundações de templos e depois passava através dos bairros de casas de telhados revestidos de telhas. Via uma parte desse labirinto da minha janela esquálida. Subiríamos de uma vista para outra, admirando o que os moradores das proximidades da Acrópole viam todos os dias ao sair de casa. Imaginava dali a visão das ruínas, dos imponentes edifícios municipais, dos parques semitropicais, das ruas sinuosas, das igrejas de pináculos dourados ou telhados vermelhos, que se destacavam à luz do crepúsculo como pedras coloridas espalhadas numa praia cinzenta.

Mais adiante, veríamos os cumes distantes formados por edifícios de apartamentos, por hotéis mais novos do que o nosso, uma extensão de subúrbios através dos quais tínhamos viajado de comboio no dia anterior. Não conseguia adivinhar o que estava para lá deles: era demasiado remoto para a minha imaginação.

O meu pai limparia o rosto com o lenço. E eu saberia, olhando de relance para ele, que, quando chegássemos ao cimo, ele não só me mostraria as antigas ruínas, mas também outro fragmento do seu passado.

— A cafetaria que escolhi — disse o meu pai — ficava suficientemente longe do recinto da universidade para me sentir fora do alcance daquele bibliotecário assustador (que com certeza tinha de ficar a trabalhar, mas provavelmente saía para almoçar num sítio qualquer), mas suficientemente perto para ser um convite sensato, e não um encontro num lugar isolado que um assassino sanguinário teria marcado com uma mulher que mal conhecia. Não sei bem se esperava que ela se atrasasse, duvidosa dos meus motivos, mas Helen chegou antes de mim e, portanto, quando entrei na cafetaria, avistei-a num canto

distante a desenrolar a *écharpe* de seda azul e a tirar as luvas brancas lembra-te que ainda estávamos numa época de adornos pouco práticos e encantadores, mesmo para as académicas mais empedernidas. Trazia o cabelo penteado para trás, quase liso, deixando-lhe o rosto a descoberto, de modo que, quando se virou para olhar para mim, tive uma sensação ainda maior de estar a ser avaliado do que a mesa da biblioteca no dia anterior.

— Bom dia — disse ela com frieza. — Pedi café para si, pois parecia um tanto cansado ao telefone.

Achei aquilo uma presunção como é que ela saberia distinguir a minha voz cansada da minha voz descansada? E se o meu café já estivesse frio? Mas desta vez apresentei-me e apertei-lhe a mão, procurando disfarçar o meu embaraço. Queria interrogá-la imediatamente sobre o seu apelido, mas achei melhor esperar pela oportunidade certa. A mão dela estava macia e seca, fria ao tocar a minha, como se ainda estivesse de luvas. Puxei uma cadeira e sentei-me à frente dela, desejando ter vestido uma camisa limpa, mesmo que fosse para caçar vampiros. A blusa branca dela, de estilo masculino, severa por baixo de um casaco preto, parecia imaculada.

— Por que será que pensei que iria ter notícias suas outra vez? — o tom era quase ofensivo.

— Sei que acha isto estranho — endireitei-me e tentei olhá-la nos olhos, pensando se conseguiria fazer todas as perguntas que queria antes que ela se levantasse e saísse. — Desculpe, não se trata de uma brincadeira e não estou a querer incomodá-la ou a interromper o seu trabalho.

Ela abanou a cabeça, com ar aborrecido. Observando o seu rosto, ocorreu-me que a sua aparência em geral, e certamente a sua voz, eram feias e elegantes ao mesmo tempo, e a idéia animou-me, como se a revelação a tornasse humana.

— Descobri uma coisa muito estranha esta manhã — comecei, com uma nova confiança. — Por isso lhe telefonei desta maneira tão imprevista. Ainda tem consigo aquele exemplar do *Drácula* que requisitou na biblioteca?

Ela foi rápida, mas eu fui mais rápido, pois esperava que ela se retraísse, e vi a cor fugir-lhe repentinamente do rosto já de si pálido.

— Tenho — respondeu, cautelosa. — O que é que alguém tem a ver com o que cada um requisita na biblioteca?

Não mordi o isco.

— Foi você que arrancou todas as fichas relacionadas com aquele livro? — Dessa vez, a reação dela foi genuína e sem disfarce.

— Arranquei o quê?

— Hoje de manhã, fui ao ficheiro à procura de certas informações sobre... sobre o assunto que, segundo parece, ambos estamos a estudar. Descobri que todas as fichas sobre *Drácula* e *Stoker* tinham sido tiradas da gaveta.

O rosto dela ficou tenso e olhou fixamente para mim, o rosto quase feio, os olhos

excessivamente brilhantes. Naquele instante, porém, pela primeira vez desde que Massimo gritara que Rossi tinha desaparecido, senti um alívio infinitesimal daquele fardo, um deslocamento do peso da minha solidão. Ela não se rira do meu melodrama, como poderia ter-lhe chamado, nem franzido a testa, espantada. E, mais importante do que tudo, não havia astúcia no olhar dela, nada que indicasse que eu estava a falar com um inimigo. O seu rosto, até onde ela permitia, registrava apenas uma emoção: um tênue lampejo de medo.

— As fichas estavam no respectivo lugar ontem de manhã — disse, devagar, como se baixasse uma arma e se dispusesse a conversar. — Procurei primeiro o *Drácula*, e havia uma entrada para ele, apenas um exemplar. Depois, quis saber o que é que Stoker tinha escrito mais, e procurei também o nome dele. Havia algumas entradas, inclusivamente uma para *Drácula*.

O indiferente empregado da cafetaria trouxe os cafés para a mesa e ela pegou no seu sem prestar atenção ao que fazia. Senti uma falta repentina e intensa de Rossi, servindo um café muito melhor do que aquele para nós os dois, com a sua refinada hospitalidade. Ah, e eu tinha mais perguntas a fazer àquela enigmática rapariga.

— Obviamente, há alguém que não quer que eu... que ninguém pegue naquele livro — comentei. Mantive a voz calma, ao mesmo tempo que a observava.

— É a coisa mais ridícula que já ouvi — disse ela asperamente, deitando o açúcar na chávena e mexendo o café. Mas não parecia convencida das suas próprias palavras, por isso insisti.

— Ainda tem o livro?

— Tenho — a colher dela caiu com um tinido irritado. — Está na minha pasta. — Lançou um rápido olhar para baixo e vi junto dela a pasta que trazia na véspera.

— Miss Rossi — disse eu, — peço que me desculpe, e receio que ache que sou louco, mas estou convencido de que pode ser perigoso para si ficar com esse livro, o que vai claramente contra a vontade de alguém.

— O que o leva a pensar isso? — contrapôs ela, agora sem me olhar nos olhos. — Quer pensa que não quer que eu fique com o livro? — Um ligeiro rubor espalhará-se-lhe na face outra vez e olhava com ar culpado para o fundo da chávena, não havia outra maneira de a descrever: parecia inequivocamente culpada. Perguntei-me, horrorizado, se ela não seria uma aliada do vampiro a noiva de *Drácula*, refleti, consternado, as matinês de domingo a voltarem-me em quadros rápidos. Aquele cabelo escuro condizia, o sotaque carregado, não identificável, os lábios parecendo uma nódoa de amora na pele clara, a elegância do fato preto e branco. Tirei aquela idéia da cabeça com firmeza; era uma fantasia, e encaixava-se bem demais na minha agitação mental.

— Por acaso sabe de alguém que não gostasse que tivesse esse livro?

— Sim, para ser franca. Mas é óbvio que isso não é da sua conta. — Fulminou-me com o olhar e voltou ao seu café. — Já agora, por que é que andava a procura do livro? Se queria

o meu número de telefone, por que não me pediu, simplesmente, sem recorrer a esta conversa fiada?

Desta vez, fui eu que me senti corar. Conversar com aquela mulher era como ficar sentado e parado à espera por uma sucessão de murros desferidos aleatoriamente, de modo que não se sabia quando viria o próximo.

— Não tinha intenção de perguntar o número do seu telefone até ter descoberto que aquelas fichas tinham sido arrancadas do ficheiro e ter pensado que talvez soubesse alguma coisa sobre isso — respondi, secamente. — Também precisava muito daquele livro. Por isso, fui à biblioteca verificar se teriam um segundo exemplar que eu pudesse usar.

— E não tinham — disse ela, agressiva, — e assim arranjou uma desculpa perfeita para me telefonar a perguntar por ele. Se queria o livro que eu tenho, por que não se limitou a fazer uma reserva?

— Preciso dele imediatamente — retorqui. O tom dela estava a começar a irritar-me. Podíamos estar ambos metidos em sérias dificuldades e ela fazia jogos de palavras sobre o nosso encontro como se fosse um pretexto para uma aproximação amorosa, o que não era. Tentei lembrar-me de que ela desconhecia a situação aflitiva em que me encontrava. Então, ocorreu-me que se lhe contasse toda a história, não só ela poderia pensar que eu era doido, como corria o risco de a colocar num perigo ainda maior. Suspirei alto, sem querer.

— Está a tentar intimidar-me para ficar com o meu livro? — o seu tom de voz suavizara-se um pouco e notei que achava graça, o que fazia a sua boca vigorosa torcer-se. — Creio que está.

— Não, não estou. Mas gostaria de saber quem acha que não quer que você tenha esse livro. — Pousei a chávena na mesa e olhei diretamente para ela.

Ela mexeu os ombros, inquieta, sob a lã muito leve do casaco. Vi um longo fio de cabelo preso à lapela, o seu cabelo escuro, mas que brilhava com reflexos acobreados contra o tecido escuro. Parecia estar a decidir se devia dizer alguma coisa.

— Quem é você? — perguntou subitamente. Considerei a pergunta sob o ponto de vista académico.

— Sou aluno de pós-graduação aqui, em História.

— História? — foi uma interjeição rápida e quase irritada.

— Estou a escrever a minha tese sobre o comércio holandês no século dezanove.

— Ah — ficou calada por um instante. — Sou antropóloga — disse por fim.

— Mas também me interessa muito por História. Estudo os costumes e tradições do Balcãs, em especial os da minha nativa... — e baixou um pouco a voz, mas com uma certa tristeza, não por discrição... — a minha nativa Romênia.

Era a minha vez de vacilar. Realmente, aquilo estava a ficar cada vez mais curioso.

— É por isso que queria ler o *Drácula*? — perguntei.

O sorriso dela surpreendeu-me os dentes muito brancos e um tanto pequenos para um rosto tão forte, os olhos brilhantes. Depois, apertou os lábios outra vez.

— Suponho que sim.

— Não está a responder às minhas perguntas — salientei.

— E por que é que havia de responder? — encolheu os ombros. — Você é um completo desconhecido para mim e quer ficar com o meu livro da biblioteca.

— Pode estar a correr perigo, Miss Rossi. Não estou a tentar ameaçá-la, mas estou a falar a sério.

Ela olhou-me intensamente.

— E também está a esconder alguma coisa — disse. — Só respondo se me contar o que é.

Eu nunca tinha visto, conhecido ou falado com uma mulher assim. Era combativa sem usar qualquer tipo de sedução. Tive a sensação de que as suas palavras eram um lago de água fria no qual eu mergulhava agora sem parar para medir as consequências.

— Muito bem, então responda primeiro à minha pergunta — disse eu, no mesmo tom.

— Quem acha que pode não querer que tenha aquele livro?

— O professor Bartholomew Rossi — disse ela com voz sarcástica, desagradável. — Você está em História. Deve ter ouvido falar dele, não?

Fiquei parado, aturdido.

— O professor Rossi? O que... o que quer dizer?

— Já respondi à sua pergunta — disse ela, endireitando-se e apertando o casaco, pondo as luvas uma em cima da outra, como se tivesse terminado uma tarefa. Passou-me rapidamente pela cabeça que ela poderia estar a avaliar o efeito das suas palavras em mim, vendo-me gaguejar por causa delas. — Agora, diga-me o que significa todo este melodrama sobre um livro ser tão perigoso.

— Miss Rossi — disse eu. — Por favor. Eu conto-lhe, conto-lhe tudo o que puder. Mas por favor, diga-me qual é a sua relação com o professor Bartholomew Rossi.

Ela inclinou-se, abriu o saco dos livros e tirou um estojo de couro.

— Importa-se que eu fume? Pela segunda vez, reparei naquela desenvoltura masculina que parecia apoderar-se dela quando punha de lado os gestos defensivamente senhoriais. — Quer um?

Abanei a cabeça, detestava cigarros, embora quase tivesse aceito um daquela macia e seca. Ela inalou sem qualquer floreado, fumando com desenvoltura.

— Não sei por que razão estou a contar isto a um desconhecido — observou, pensativa. — Acho que a solidão deste lugar me está a afetar. Há dois meses que quase não falo com ninguém, a não ser sobre trabalho. E você não me parece do tipo mexeriqueiro, embora só Deus saiba como o meu departamento está cheio deles. — O sotaque dela surgiu sem disfarces sob as palavras, que pronunciava com um leve rancor. — Mas, se mantiver a sua promessa... — o olhar duro surgiu outra vez, aprumou o corpo, o cigarro a apontar, desafiador, de uma das mãos. — A minha relação com o famoso professor Rossi é muito simples. Ou devia ser. É meu pai. Conheceu a minha mãe quando estava na Romênia i

procura de Drácula.

O meu café derramou-se pela mesa, pelo meu colo, pela frente da minha camisa que na verdade não estava muito limpa e salpicou-lhe o rosto. Ela limpou-o com a mão, olhando fixamente para mim.

— Deus do céu, desculpe. Desculpe — e tentei limpar tudo usando os nossos dois guardanapos.

— Então, isto é de fato um choque para si — disse ela, sem se mexer. — Quer dizer que deve conhecê-lo.

— Conheço — confirmei. — É o meu orientador. Mas nunca me falou da Romênia e.. e nunca me disse que tinha família.

E não tem a frieza da voz dela atravessou-me como uma lâmina.

— Nunca o conheci, sabe, mas acho que agora é só uma questão de tempo. — Recostou-se na pequena cadeira e arqueou os ombros, rudemente, como se me desafiasse a chegar mais perto dela. — Vi-o uma vez, de longe, numa aula Imagine, ver o seu pai pela primeira vez assim, de longe.

Eu tinha feito um monte com os guardanapos encharcados e empurrei tudo para um lado, guardanapos, chávena de café, colher.

— Porquê?

— É uma história muito bizarra — respondeu ela. Olhava para mim, mas não como se estivesse imersa em pensamentos. Parecia antes estar a sondar as minhas reações. — Muito bem. É a velha história: "seduzida e abandonada". A expressão soava engraçada com o sotaque dela, embora eu não estivesse com disposição para sorrir. Talvez não seja assim tão bizarra. Ele conheceu a minha mãe na aldeia dela, usufruiu da sua companhia por algum tempo e, depois de umas semanas, foi-se embora e deixou-lhe uma morada em Inglaterra. Depois de ele ter partido, a minha mãe descobriu que estava grávida e a irmã dela, que vivia na Hungria, ajudou-a a fugir para Budapeste antes de eu nascer.

— Ele nunca me disse que tinha estado na Romênia — eu não estava a falar, estava a resmungar.

— Não me surpreende. A minha mãe escreveu-lhe da Hungria para a morada que ele tinha deixado e contou-lhe do filho de ambos que esperava. Ele respondeu-lhe, dizendo que não tinha a menor ideia de quem ela era, nem de como encontrara o seu nome, e que nunca tinha estado na Romênia. Consegue imaginar uma atitude tão cruel?

Os seus olhos penetrantes estavam cravados em mim, enormes e negros.

— Em que ano nasceu? — Nem me ocorreu pedir desculpa antes de lhe fazer aquela pergunta; ela era tão diferente de qualquer pessoa que eu tivesse conhecido, que as regras habituais não se aplicavam.

— Em 1931 — respondeu ela, categórica. — A minha mãe levou-me uma vez à Romênia por uns dias, quando eu ainda nada sabia sobre Drácula, mas mesmo nessa altura recusou-se a voltar à Transilvânia.

— Deus do céu — murmurei para o tampo de fórmica da mesa. — Deus do céu. Pensei que ele me tinha contado tudo, mas não me contou isso.

— Ele contou-lhe... o quê? — perguntou ela rispidamente.

— Por que é que nunca o conheceu? Ele não sabe que está aqui? — Ela olhou-me de maneira estranha, mas respondeu sem objeções.

— É um jogo, penso que pode ser visto assim. Só um capricho meu. Eu não me sa muito mal na Universidade de Budapeste. Na verdade, era considerada um gênio.

Deu-me esta informação quase com modéstia. O inglês dela era fenomenalmente bom, reparei pela primeira vez sobrenaturalmente bom. Talvez ela fosse mesmo um gênio.

— A minha mãe não acabou o liceu, acredite ou não, apesar de ter recebido um pouco mais de instrução numa época posterior da sua vida, mas aos dezesseis anos já eu frequentava a universidade. É claro que a minha mãe me falou sobre a minha herança paterna, e os extraordinários livros do professor Rossi são conhecidos mesmo nas mais tenebrosas profundezas do Bloco de Leste: civilização minóica, cultos religiosos do Mediterrâneo, a época de Rembrandt. Como ele escreveu com simpatia sobre o socialismo britânico, o nosso governo permite a distribuição das suas obras. Estudei inglês durante todo o liceu, quer saber por quê? Para ler no original a incrível obra do doutor Rossi Também não foi difícil descobrir onde ele estava, sabe; eu costumava olhar para o nome da universidade escrito na capa dos seus livros e jurar que um dia iria para lá. Pensei em tudo. Fiz todos os contatos necessários, politicamente: comecei a fingir que pretendia estudar a gloriosa revolução trabalhista na Inglaterra. E, quando chegou a hora, pude escolher entre as várias bolsas de estudo. Ultimamente temos gozado de alguma liberdade na Hungria, embora toda a gente se interrogue até quando os Soviéticos vão tolerar isto. Falando de empaladores.. Enfim, fui primeiro para Londres, durante seis meses e depois, há quatro meses, consegui uma bolsa de estudo para vir para aqui.

Soprou uma espiral de fumo cinzenta, pensativa, mas os seus olhos não se desviaram dos meus. Ocorreu-me que Helen Rossi tanto podia ser perseguida por Drácula como pelo governo comunista a que se referia com tanto cinismo. Talvez até já tivesse passado para o Ocidente. Tomei nota mentalmente para lhe perguntar isso mais tarde. Mais tarde? E o que teria acontecido à mãe dela? E fizera tudo isso na Hungria com o objetivo de se associar à reputação de um famoso acadêmico ocidental?

Os pensamentos dela seguiam outro rumo.

— Não é um bonito quadro? A filha perdida durante tanto tempo acaba por ser um grande motivo de orgulho, encontra o pai, e temos um final feliz.

A amargura no sorriso dela deu-me a volta ao estômago.

— Só que não era bem isso que eu tinha em mente. Vim para cá para que ele ouvisse falar de mim, como por acaso: as minhas publicações, as minhas conferências. Vamos a ver se nessa altura ele consegue esconder-se do passado, ignorar-me como ignorou a minha mãe. E quanto a essa questão do Drácula... — apontou o cigarro na minha direção. — A

minha mãe, abençoada seja a sua alma simples por ter pensado nisso, contou-me algumas coisas antes de eu sair da Hungria.

— Contou o quê? — perguntei, com a voz fraca.

— Contou-me sobre as pesquisas específicas de Rossi sobre esse assunto. Eu nada sabia sobre isso até ao Verão passado, quando estava prestes a viajar para Londres. Foi assim que eles se conheceram; ele andava pela aldeia a fazer perguntas sobre tradições orais relacionadas com vampiros e ela ouvira o pai e as velhas da família contarem histórias sobre vampiros locais — não que um homem sozinho pudesse dirigir-se a uma rapariga em público, compreende, naquela cultura. Mas acho que ele não estava a par disso, era historiador, não era antropólogo. Estava na Romênia à procura de informações sobre Vlad, o Empalador, o nosso querido conde Drácula. E não acha que é estranho — e curvou-se bruscamente para a frente, aproximando ainda mais o seu rosto do meu, mas com ar feroz, não como um apelo, não acha que é completamente incompreensível que ele não tenha publicado nada sobre esse assunto? Nem uma palavra, como você com certeza deve saber. Por que razão o famoso explorador de territórios históricos — e de mulheres, pelos vistos, pois sabe-se lá quantas outras filhas geniais deve ter por aí... por que é que ele não publicou nada a partir dessa pesquisa tão invulgar?

— Porquê? — repeti, imóvel.

— Vou dizer-lhe. Porque está a guardar isso para um *grand finale*. É o segredo dele, a sua grande paixão. Por que outro motivo um académico se manteria em silêncio? Mas vai ter uma surpresa. — O seu lindo sorriso desta vez era uma careta forçada, mostrando os dentes, de que não gostei. — Não acredita o que consegui estudar num ano, desde que descobri o interesse dele pelo assunto. Não entrei em contato com o professor Rossi, mas tive o cuidado de dar conhecimento ao meu departamento desta minha especialidade. Até o nome dele assumi ao chegar aqui — um *nom-de-plume* académico, pode dizer-se. Além disso, nós, os do Bloco de Leste, não gostamos que outros roubem a nossa herança cultural e a comentem, pois em geral fazem interpretações erradas.

Devo ter gemido em voz alta, porque ela fez uma pausa momentânea e olhou-me com as sobrancelhas franzidas.

— No final do Verão, vou saber mais do que qualquer pessoa no mundo sobre a lenda de Drácula. Já agora, pode ficar com o seu livro velho. — Abriu de novo o saco e bateu com o livro com força, estrondosamente, na mesa entre nós. — Ontem, estava só a verificar uma coisa nele, não tinha tempo para ir a casa buscar o meu. Como vê, nem preciso dele. É só literatura, de qualquer maneira, e sei essa porcaria toda quase de cor.

O meu pai olhou à sua volta como se sonhasse. Já há quinze minutos que estávamos de pé em silêncio na Acrópole, os pés assentes naquele cume de civilização antiga. Eu estava impressionada com as robustas colunas acima de nós e fascinada por constatar que a vista mais distante no horizonte era constituída por montanhas, formidáveis cordilheiras áridas que pairavam sombrias sobre a cidade àquela hora do crepúsculo. Entretanto, quando

começamos a descer para regressar e ele saiu do seu devaneio para me perguntar o que é que eu achava do grandioso panorama, demorei um minuto a organizar os meus pensamentos e a responder. Tinha estado a pensar na noite anterior.

Fora ao quarto dele um pouco mais tarde do que era costume para ele dar uma olhadela no meu problema de álgebra e encontrei-o a escrever, debruçado sobre a papelada do dia, como fazia sempre à noite. Estava sentado muito parado, a cabeça inclinada para a secretária, curvado sobre uns documentos, e não recostado a folheá-los com a sua habitual eficiência. Não podia ver da porta se estava a examinar de perto alguma coisa que tinha acabado de escrever, quase sem a ver, ou simplesmente a tentar não dormir. O seu vulto projetava uma grande sombra na parede despojada de enfeites do quarto de hotel, a figura escura de um homem caído sobre uma secretária ainda mais escura. Se eu não soubesse do seu cansaço e não conhecesse o formato familiar dos seus ombros debruçados sobre os papéis, podia, por um segundo se não o conhecesse, dizer que estava morto.

O tempo claro, triunfal, os dias enormes como um céu de montanha acompanharam-nos com a Primavera para o interior eslavo. Quando perguntei se teríamos tempo de vez outra vez a cidade de Emona — que para mim já estava associada a uma época anterior da minha vida, uma época com um sabor completamente diferente, e com um começo e, como já disse antes, queremos sempre visitar esses lugares —, o meu pai disse apressadamente que estaríamos demasiado ocupados, instalados junto de um grande lago a norte de Emona para a conferência dele e tendo de voltar a correr para Amsterdã, antes que eu ficasse atrasada na escola. O que nunca acontecia, mas essa possibilidade preocupava o meu pai.

Quando chegamos, o lago Bled não nos desapontou. Derramara-se para um vale alpino no final de uma das Idades do Gelo e proporcionara aos primeiros nómadas da região um local de repouso em casas com telhados de colmo dentro de água. Agora, assentava como uma safira nas mãos dos Alpes, a sua superfície luzindo de ondas brancas na brisa do fim da tarde. De uma extremidade íngreme erguia-se uma escarpa mais alta do que o resto, e nela se aninhava um dos grandes castelos da Eslovênia, restaurado pela secretaria de turismo com um bom gosto pouco comum. As ameias estavam viradas para uma ilha lá em baixo, onde um exemplar dessas modestas igrejas austríacas de telhados vermelhos flutuava como um pato, e havia barcos que faziam a ligação para a ilha com intervalos de poucas horas. O hotel, como de costume, era de aço e vidro, um cinco estrelas do turismo socialista, e fugimos dele no segundo dia para um passeio em volta da parte mais baixa do lago. Disse ao meu pai que achava que não aguentaria mais vinte e quatro horas sem ver o castelo que, a cada refeição, dominava a paisagem distante, e ele riu.

— Se achas que não agentas, então vamos — brincou ele.

A nova *detente* era ainda mais promissora do que a equipa dele esperava e algumas das rugas da sua testa tinham-se suavizado desde a nossa chegada.

Assim, na manhã do terceiro dia, deixando uma reformulação diplomática do que fora reformulado no dia anterior, apanhamos um pequeno autocarro que contornou o lago e subiu quase até ao nível do castelo, depois saltamos para continuar a pé até ao cimo. O castelo era feito de pedras castanhas que faziam lembrar ossos descolorados, cuidadosamente unidos depois de um longo período de deterioração. Quando passamos pela primeira galeria que desembocava num dos aposentos principais (presumi que fosse), quase perdi o fôlego: através de uma janela selada com chumbo, a superfície do lago cintilava uns trezentos metros abaixo, espalhando-se, branca, ao sol. O castelo parecia estar pendurado à beira do precipício, apenas com os dedos dos pés cravados no chão como apoio. A igreja amarela e vermelha na ilha, o alegre barco que naquele instante mesmo atracava entre minúsculos canteiros de flores vermelhas e amarelas, o vasto céu azul, tinham satisfeito centenas e centenas de turistas, pensei.

Mas aquele castelo, com as suas pedras desgastadas e lisas desde o século doze, com os seus tepes de machados de guerra, lanças e machadinhas armados em todos os cantos e prestes a cair com estrépito se lhes tocassem era a essência do lago. Os antigos moradores do lago, deixando para trás as suas cabanas de colmo que o fogo devorava facilmente, tinham subido rumo ao céu e escolhido empoleirar-se ali no alto com as águias, governados por um senhor feudal. Mesmo tão habilmente restaurado, o lugar tinha um sopro de vida antiga. Deixei a deslumbrante janela e dirigi-me ao aposento seguinte, onde vi, num ataúde de vidro e madeira, o esqueleto de uma mulher pequena, morta muito antes do advento da Cristandade, o enfeite de bronze do seu manto pousado no esterno em pedaços, anéis de bronze esverdeado escorregando-lhe dos ossos dos dedos. Quando me inclinei para o caixão para olhar para ela, sorriu-me de repente, as suas órbitas profundas como dois poços.

No terraço do castelo, o chá vinha em bules de porcelana branca, uma elegante concessão à indústria do turismo. Era forte e bom, e os cubos de açúcar, envoltos em papel, não eram velhos, para variar. O meu pai apertava as duas mãos juntas na mesa de ferro; os nós dos dedos estavam brancos. Desviei os olhos para o lago e depois servi-lhe outra chávena de chá.

— Obrigado — disse o meu pai.

Havia uma dor distante no seu olhar. Reparei mais uma vez como parecia cansado e magro, ultimamente; não deveria consultar um médico?

— Ouve, querida — disse ele, virando-se um pouco, de modo que eu só podia ver o seu perfil contra o fundo daquele espetacular penhasco e da água reluzente. Ele fez uma pausa. — Já pensaste em escrevê-las?

— As histórias? — perguntei. Senti o coração contrair-se e depois disparar no meu peito.

— Sim.

— Porquê? objetei finalmente.

Era uma pergunta adulta, sem as barreiras dos artifícios infantis a rodeá-la. Ele olhou para mim e pensei que, por detrás da fadiga, os seus olhos estavam cheios de bondade e de tristeza.

— Porque, se não o fizeres, talvez eu tenha de o fazer — respondeu. Depois voltou ao seu chá e vi que nãoalaria mais sobre esse assunto.

Naquela noite, no meu desconfortável quatinho de hotel contíguo ao seu, comecei a escrever tudo o que me contara. Ele dizia sempre que eu tinha uma excelente memória — boa demais, como às vezes a definia.

No dia seguinte, ao pequeno-almoço, o meu pai anunciou que gostaria de ficar sentado sem fazer nada nos próximos dois ou três dias. Era-me difícil imaginá-lo sentado sem fazer nada, mas ultimamente reparava nas suas olheiras escuras todas as manhãs e achei que seria boa idéia ele descansar. Não podia deixar de sentir que lhe acontecera alguma coisa, que estava a carregar o peso de uma nova e silenciosa ansiedade. Mas limitou-se a dizer-me

que estava outra vez com vontade de ir para as praias do Adriático. Apanhamos um comboio expresso para o Sul que passou por estações cujos nomes estavam escritos em caracteres latinos e cirílicos, depois por outras com nomes apenas em cirílico. O meu pai ensinou-me o novo alfabeto e divirto-me a tentar pronunciar em voz alta as palavras nas placas das estações, que me pareciam palavras em código capazes de abrir portas secretas. Expliquei isto ao meu pai e ele achou graça, recostado confortavelmente na nossa carruagem, com um livro apoiado em cima da pasta. O seu olhar vagueava de vez em quando do trabalho para a janela, de onde avistávamos aldeias e campos.

A Primavera estava no seu apogeu, vi rapazes a guiar tratores com arados atrás, às vezes um cavalo a puxar uma carroça carregada, mulheres idosas curvadas nas suas hortas, a regar, a arrancar ervas daninhas. Seguíamos outra vez para o Sul e a terra amadurecia em ouro e verde enquanto a atravessávamos correndo, depois elevava-se em montanhas de rochas cinzentas, depois descera à nossa esquerda para um mar cintilante. O meu pai suspirou profundamente, mas de satisfação, não era o leve arfar de cansaço que deixava escapar cada vez com mais frequência naqueles dias.

Apeámo-nos do comboio numa cidade movimentada onde havia um mercado e o meu pai alugou um carro pequeno que nos levasse pelas difíceis curvas da estrada costeira. Ambos esticávamos o pescoço para vislumbrar a água de um dos lados estendia-se até um horizonte cheio da bruma do fim de tarde e, do outro, as ruínas esqueléticas de fortalezas otomanas que escalavam íngremes alturas em direção ao céu.

— Os Turcos dominaram estas terras por muito, muito tempo — comentou o meu pai. — As invasões envolviam todo o gênero de crueldades, mas governaram com bastante tolerância depois da conquista, como costuma acontecer com os impérios, e também com eficiência, durante centenas de anos. A terra aqui é árida, mas deu-lhes o controle do mar. Precisavam destes portos e baías.

A cidade onde estacionamos o carro ficava rente ao mar; o pequeno porto estava coalhado de barcos de pesca, batendo ao de leve uns nos outros na rebentação transparente. O meu pai queria ficar numa ilha próxima e contratou um deles com um aceno para o proprietário, um velhote com uma boina preta no alto da cabeça. O ar estava quente, mesmo àquela hora da tarde, e os borrifos de água que me molhavam as pontas dos dedos eram frescos mas não frios. Inclinei-me para a frente do barco, sentindo-me como uma figura de proa, vendo o mosteiro da ilha aumentar de tamanho à medida que nos aproximávamos.

— Cuidado — disse o meu pai, segurando-me pela camisola.

O barqueiro estava a atracar o barco no porto de uma ilha, uma velha aldeia com uma elegante igreja de pedra. Lançou um cabo em volta de um pilar do cais de madeira e ofereceu-me uma mão nodosa para me ajudar a desembarcar. O meu pai pagou-lhe com uma daquelas coloridas notas socialistas e ele fez o gesto de tocar na boina, a agradecer. Quando estava a subir para o barco, virou-se.

— Sua menina? — gritou em inglês. — Filha?
— Sim respondeu o meu pai, surpreso.
— Eu te abençoo — disse o homem com simplicidade, e traçou uma cruz no ar perto de mim.

O meu pai arranhou-nos quartos que davam para o continente e depois jantamos num restaurante ao ar livre perto das docas. O crepúsculo instalava-se lentamente, e descobri as primeiras estrelas visíveis por cima do mar. Uma brisa, mais fresca que a da tarde, trouxe-me os aromas que eu já aprendera a amar: cipreste e lavanda, alecrim e tomilho.

— Por que é que os cheiros bons se tornam mais fortes quando escurece? — perguntei ao meu pai.

Era uma coisa que me intrigava genuinamente, mas servia também para adiar qualquer outra conversa. Eu precisava de tempo para recuperar num lugar onde houvesse luzes e pessoas a falar, precisava sobretudo de não olhar para aquele tremor de velho nas mãos do meu pai.

— Tornam? — perguntou, distraído, mas senti-me aliviada. Segurei a sua mão para que parasse de tremer e ele fechou-a, ainda distraído, sobre a minha. Era demasiado novo para ficar velho. No continente, as silhuetas das montanhas dançavam até quase dentro de água, projetando-se sobre as praias e quase sobre a nossa ilha. Quando a guerra civil explodiu naquelas montanhas do litoral vinte anos depois, fechei os olhos e recordei-as, espantada. Não podia imaginar que as suas encostas abrigassem pessoas em quantidade suficiente para travar uma guerra. Tinham-me parecido absolutamente primitivas quando as vi, desprovidas de habitações humanas, abrigo de ruínas vazias, guardando apenas o mosteiro sobre o mar.

— Depois de Helen Rossi ter batido com o livro *Drácula* que evidentemente pensava ser o nosso pomo da discórdia em cima da mesa, quase que esperava que toda a gente se levantasse e saísse a correr, ou que alguém gritasse "Aha!" e viesse matar-nos. Claro que nada disso aconteceu, e ela ficou a olhar para mim com a mesma expressão de amargo prazer. Seria possível que aquela mulher, interroguei-me devagar, com o seu legado de ressentimento e a sua *vendetta* académica contra Rossi, o tivesse pessoalmente atacado e causado o seu desaparecimento?

— Miss Rossi — disse eu, com a maior calma possível, tirando o livro de cima da mesa e colocando-o virado para baixo ao lado da minha pasta, — a sua história é extraordinária, e tenho de confessar que vou levar algum tempo para a digerir completamente. Mas tenho de contar-lhe uma coisa muito importante. — Respirei fundo uma e outra vez. — Conheço muito bem o professor Rossi. Há dois anos que é meu orientador e já passamos horas juntos a conversar e a trabalhar. Tenho a certeza de que... quando o conhecer, vai achá-lo uma pessoa muito melhor e mais bondosa do que imagina. — Ela fez um movimento como se quisesse dizer alguma coisa, mas eu continuei: — O fato é... o fato é que... presumo, pela maneira como falou dele, que desconhece que o professor Rossi... o seu pai... desapareceu.

Ela olhou-me de frente e não detectei qualquer vestígio de malícia no seu rosto, só confusão. Portanto, a notícia era uma surpresa para ela. A dor no meu coração abrandou.

— O que está a dizer? — perguntou.

— Estou a dizer que, há três noites, eu estava a conversar com ele como sempre e, no dia seguinte, ele tinha desaparecido. A polícia está à procura dele. Aparentemente, desapareceu do seu gabinete e talvez até tenha sido ferido lá, porque encontraram sangue na secretária. — Fiz um breve resumo dos acontecimentos daquela noite, começando com o fato de eu lhe ter levado o meu estranho livro, mas nada disse sobre a história que Rossi me contara.

Ela olhou para mim, o rosto contraído de perplexidade.

— Está a brincar comigo?

— Não, de maneira nenhuma. Não estou mesmo. Mal tenho conseguido dormir ou comer desde aquele dia.

— A polícia não tem idéia de onde ele está?

— Nenhuma, que eu saiba.

O olhar dela tornou-se subitamente duro.

— E você, tem? Hesitei.

— É possível. É uma longa história, que pelos vistos está a ficar cada vez mais longa.

— Espere aí — ela olhou fixamente para mim. — Ontem, quando estava a ler aquelas cartas na biblioteca, disse-me que estavam relacionadas com um problema que estava a acontecer com um professor. Era Rossi?

— Era.

— Que problema era esse? Ainda continua?

— Não quero envolvê-la em situações desagradáveis ou perigosas contando-lhe o pouco que sei.

— Prometeu responder às minhas perguntas depois de eu responder à sua. — Se tivesse olhos azuis em vez de escuros, o rosto dela seria idêntico ao de Rossi naquele momento. Imaginei que conseguia ver uma semelhança agora, um estranho molde dos nítidos traços ingleses de Rossi na forte e sombria estrutura romena, embora essa impressão pudesse ser causada pela afirmação dela, a de que era sua filha. Mas como poderia ser sua filha, se ele negara peremptoriamente ter estado na Romênia? Dissera, pelo menos, que não estivera no lago Snagov. Por outro lado, tinha deixado aquela brochura entre os seus papéis. Agora ela desferia-me um olhar feroz, uma coisa que Rossi nunca fizera.

— Agora é tarde para me dizer que não devo fazer perguntas. O que têm aquelas cartas a ver com o desaparecimento dele?

— Ainda não tenho certeza. Mas posso precisar da ajuda de um especialista. Não sei o que é que você descobriu no decorrer da sua pesquisa... — mais uma vez, fui alvo do seu olhar desconfiado, de pálpebras pesadas. — Estou convencido de que Rossi achava que corria perigo antes de desaparecer.

Ela parecia estar a tentar assimilar tudo aquilo, aquelas notícias sobre um pai que conhecera durante tanto tempo apenas como um símbolo de desafio.

— Corria perigo? Porquê?

Resolvi correr o risco. Rossi pedira-me para não contar aquela história louca aos meus colegas. Não contara, mas agora, inesperadamente, tinha diante de mim a possibilidade de contar com a ajuda de uma especialista. Aquela mulher provavelmente já sabia o que eu levaria meses para aprender; talvez até tivesse razão ao afirmar que sabia mais do que o próprio Rossi. Rossi realçava sempre a importância de procurar ajuda especializada pois bem, era o que eu ia fazer. Perdoai-me, rezava eu às forças do bem, se isto a puser em perigo. Além disso, a situação tinha uma lógica peculiar. Se ela era de fato filha dele, teria mais do que qualquer outra pessoa, o direito de saber a sua história.

— O que significa Drácula para si?

— O que significa para mim? — ela franziu a testa. — Como conceito? A minha vingança, suponho. Uma eterna amargura.

— Sim, isso já eu sei. Mas Drácula significa mais alguma coisa para si?

— O que quer dizer?

Eu não sabia se ela estava a ser evasiva ou apenas sincera.

— Rossi — disse eu, ainda hesitante —, o seu pai estava... está... convencido de que Drácula ainda anda pelo mundo. — Ela ficou parada a olhar para mim. — O que acha disso? Parece-lhe uma loucura? — Esperava que ela comesse a rir-se, ou que se levantasse e sáísse, como fizera na biblioteca.

— É engraçado — respondeu devagar. — Normalmente, diria que é uma lenda de camponeses, uma superstição baseada na memória de um tirano sanguinário. O mais impressionante, porém, é que a minha mãe está absolutamente convencida da mesma coisa.

— A sua mãe?

— Sim. Como lhe disse, ela nasceu camponesa. Tem direito a ter essas superstições, embora provavelmente acredite menos nelas do que os seus pais acreditavam. Mas um eminente acadêmico ocidental?

Era sem dúvida uma antropóloga, apesar do seu amargo objetivo. A maneira como a sua inteligência rápida se desligava das questões pessoais deixava-me espantado.

— Miss Rossi — disse eu de repente, tomando uma decisão. — Não tenho a menor dúvida de que gostaria de examinar tudo pessoalmente. Por que não lê as cartas de Rossi? Devo avisá-la, com toda a franqueza, de que todos os que manusearam os documentos dele sobre esse assunto sofreram um tipo qualquer de ameaça, tanto quanto sei. Mas se não tem medo, leia as cartas. Vai poupar-nos o tempo que eu levaria a convencê-la de que essa história é verdadeira, no que acredito firmemente.

— Vai poupar-nos tempo? — repetiu ela, desdenhosa. — E o que está a planejar fazer com o meu tempo?

Eu estava demasiado desesperado para me aborrecer.

— Vai ler essas cartas com um olhar mais treinado, neste caso, do que o meu.

Ela pareceu avaliar a proposta, com o queixo apoiado na mão.

— Está bem — disse por fim. — Você tocou num dos meus pontos fracos. É claro que não posso resistir à tentação de saber mais sobre Rossi, sobretudo se isso me fizer ultrapassá-lo na pesquisa dele. Mas se me parecer apenas louco, aviso-o que não conte muito com a minha simpatia. Seria um azar para mim se ele fosse internado como doente mental antes de eu ter a minha justa oportunidade de o torturar.

O sorriso dela não era propriamente um sorriso.

— Ótimo. — Não fiz caso da última observação nem da careta feia, forçando-me a não olhar para os seus dentes caninos, que eu via perfeitamente que não eram maiores do que o normal. Porém, antes de concluirmos a nossa negociação, eu tinha de lhe mentir num ponto. — Lamento dizer que não tenho as cartas comigo. Tive medo de andar com elas por aí hoje. — Na realidade, tivera medo de as deixar no apartamento, e estavam escondidas na minha pasta. Ora, com os diabos literalmente, talvez —, eu não ia exibi-las ali no meio da cafetaria. Não sabia quem poderia estar ali, a espiar-nos os amiguinhos do arrepiante bibliotecário, por exemplo? Havia outro motivo também, um teste que eu precisava de fazer, apesar de ser tão desagradável que me dava arrepios. Precisava de ter a certeza de que Helen Rossi, quem quer que ela fosse, não estava mancomunada com bem, não seria plausível que o inimigo do seu inimigo já fosse seu amigo? — Vou ter de ir a casa buscá-las. E tenho de pedir-lhe que as leia na minha presença; são frágeis e muito preciosas para mim.

— Está bem — disse ela, friamente. — Podemos encontrar-nos amanhã à tarde?
— É tarde demais. Gostava que as visse imediatamente. Desculpe, sei que parece estranho, mas vai compreender a minha urgência quando as ler.

Ela encolheu os ombros.

— Se não levar muito tempo.

— Não vai levar. Pode encontrar-se comigo na... na Igreja de Saint Mary?

Esse teste, pelo menos, podia fazê-lo com um cuidado digno de Rossi. Helen Ros olhou para mim sem pestanejar, o seu rosto, duro e irônico, impassível.

— Fica na Elm Street, a dois quarteirões do...

— Sei onde fica interrompeu ela, — segurando nas luvas e calçando-as com elegância. Voltou a pôr a *écharpe* azul, que cintilou no seu pescoço como lápis-lazúli.

— A que horas?

— Dê-me meia hora para ir buscar os papéis ao meu apartamento e encontrar-me consigo lá.

— Na igreja. Está bem. Vou parar na biblioteca para procurar um artigo de que preciso hoje. Por favor, seja pontual. Tenho muito que fazer.

Fiquei a vê-la sair, as suas costas esguias e fortes debaixo do casaco preto. Percebi tarde demais que ela tinha pago os nossos cafés.

A Igreja de Saint Mary, segundo o meu pai, era um pequeno e desgracioso exemplar de construção vitoriana que perdurava numa extremidade da parte antiga do *campus*. Eu tinha passado por ela centenas de vezes sem nunca entrar, mas achei que, naquele momento, uma igreja católica seria a companhia certa para todos aqueles horrores. Não era verdade que o catolicismo lidava diariamente com sangue e carne ressuscitada? Não era perito em superstições? Duvidava que as simples e hospitaleiras capelas protestantes que se espalhavam pela universidade fossem de alguma ajuda; não me pareciam qualificadas para lutar contra os mortos-vivos. Estava certo de que aquelas grandes e quadradas igrejas puritanas nos relvados da cidade universitária seriam impotentes diante de um vampiro europeu. Uma queima de bruxas era mais o estilo delas — algo que se limitasse à vizinhança. Claro que eu chegaria a Saint Mary muito antes da minha relutante convidada. Será que ela ia aparecer? Isso já era metade do teste.

Felizmente, Saint Mary estava de fato aberta, e o seu interior de lambris escuro cheirava a cera e a estofos empoeirados. Duas senhoras idosas de chapéus enfeitados com flores artificiais estavam a fazer um arranjo de flores verdadeiras no altar de madeira entalhada. Entrei bastante embaraçado e sentei-me num dos últimos bancos, de onde podia ver as portas sem ser imediatamente visto por quem entrava. Foi uma longa espera, mas a tranquilidade do lugar e a conversa sussurrada das duas senhoras acalmou-me um pouco. Comecei a sentir-me cansado pela primeira vez desde a noite anterior. Por fim, a porta principal abriu-se nas suas dobradiças com noventa anos de idade e Helen Ross parou junto dela, hesitou por um momento, olhou para trás e entrou na igreja.

A luz do sol que entrava pelas janelas laterais derramou turquesa e malva na sua roupa enquanto permaneceu ali parada. Vi-a olhar para os lados da entrada atapetada. Não vendo ninguém, entrou finalmente. Observei atentamente se haveria alguma contração maléfica no seu rosto firme, algum enrugamento ou mudança de cor da pele — qualquer coisa. Não sabia o quê, mas uma reação desse gênero poderia revelar alguma espécie de alergia à antiga inimiga de Drácula, a igreja. Talvez aquela pequena relíquia vitoriana não fosse capaz de repelir as forças das trevas, pensei, cheio de dúvidas. Mas o lugar, aparentemente, exercia algum poder sobre Helen Rossi, porque, depois de um instante, atravessou as cores radiantes da janela em direção à pia de água benta. Envergonhado do meu voyeurismo, vi que ela descalçava uma das luvas e molhava a mão na pia e depois tocava na testa com os dedos. O gesto era suave; o seu rosto, visto do banco onde eu estava sentado, tinha um ar grave. Bem, eu estava a fazer aquilo por Rossi. E agora sabia com toda a certeza que Helen Rossi não era uma *vrykova*, por mais dura, às vezes até sinistra, que fosse a sua aparência.

Ela começou a descer a nave e recuou um pouco ao ver-me levantar.

— Trouxe as cartas? — sussurrou, os olhos acusadores fixos em mim. — Tenho de

regressar ao meu departamento à uma da tarde. — E olhou em volta outra vez.

— O que se passa? — perguntei rapidamente, sentindo um formigueiro nos braços e um nervosismo instintivo. Parecia ter desenvolvido uma espécie de sexto sentido mórbido nos últimos dois dias. — Está com medo de alguma coisa?

— Não — respondeu ela, ainda a sussurrar. Apertava as luvas numa das mãos com tanta força que pareciam uma flor contra o seu fato escuro. — Estava só a pensar... entrou mais alguém agora?

— Não e olhei também em volta. A igreja estava agradavelmente vazia, a não ser pelas duas senhoras que se ocupavam do altar.

— Estava alguém a seguir-me — disse ela, ainda em voz baixa. O seu rosto emoldurado pelo rolo de pesado cabelo escuro, tinha uma expressão bizarra, um misto de suspeita e bravata. Pela primeira vez, pensei como lhe devia ter custado aprender a ter aquela coragem. — Acho que ele estava a seguir-me. Um homem baixinho e magro, com roupas coçadas... um casaco de *tweed*, gravata verde.

— Tem a certeza? Onde o viu?

— Na sala dos ficheiros — respondeu ela, baixinho. — Fui confirmar a sua história sobre as fichas rasgadas. Não tinha a certeza se acreditava ou não. — Falava sem rodeios, sem se desculpar. — Vi-o lá e, quando dei por mim, estava a seguir-me, mas à distância, na Elm Street. Sabe quem é?

— Sei — disse eu, num tom lúgubre. — É um bibliotecário.

— Um bibliotecário? — Ela parecia estar à espera de mais informações, mas não tive coragem de lhe contar das feridas que vira no pescoço do homem. Era inacreditável, demasiado estranho; se lhe contasse, ia achar que eu era um doente mental.

— Ele parece desconfiar de mim. Por favor, fique longe desse homem --disse eu. — Mais tarde, conto-lhe mais sobre ele. Venha, sente-se e fique à vontade. Aqui estão as cartas.

Cheguei-me para o lado para lhe dar espaço num dos bancos forrados de veludo e abri a minha pasta. O seu rosto concentrou-se imediatamente; pegou no pacote com cuidado e abriu-o quase com a mesma reverência com que eu o fizera no dia anterior. Só podia interrogar-me sobre o tipo de sensação que teria ao ver em algumas das cartas a letra do alegado pai, que conhecera apenas como uma fonte de ressentimento. Espreitei por cima do ombro dela. Sim, era uma letra firme, suave, direita. Pensei que isso talvez já o fizesse parecer levemente humano para a filha. Então, achei que devia parar de olhar e levantei-me.

— Vou dar uma volta por aí e dar-lhe todo o tempo de que precisar. Se houver alguma coisa que eu possa explicar ou ajudar...

Ela sacudiu a cabeça, distraída, os olhos fixos na primeira carta, e eu afastei-me. Sabia que iria manusear com cuidado os meus preciosos documentos, e que já estava a ler as frases de Rossi com grande rapidez. Durante a meia hora seguinte, examinei o altar de

talha, as pinturas na capela, os pendentos rematados por borlas do púlpito, a figura de mármore da mãe exausta e do seu bebê irrequieto. Uma das pinturas em particular chamou-me a atenção: um horroroso Lázaro pre-rafaelita a cambalear para fora da tumba, apoiado nos braços das irmãs, os tornozelos de um cinza-esverdeado e os panos da mortalha sujos. O rosto, desbotado por um século de fumo e incenso, parecia fatigado e aborrecido, como se a gratidão fosse a última coisa que sentia ao ser retirado do seu descanso. O Cristo que surgia de pé, impaciente, na entrada da tumba, o braço erguido, tinha uma fisionomia marcada por pura maldade, ávida, ardente. Abri e fechei os olhos, virei as costas. A minha falta de sono estava claramente a envenenar-me os pensamentos

— Já acabei — disse Helen Rossi atrás de mim. Falava em voz baixa, o rosto pálido e cansado. — Você tinha razão — disse. — Não há nenhuma referência ao caso dele com a minha mãe, nem a qualquer viagem à Romênia. Você estava a dizer a verdade sobre isso. Não consigo compreender. Deve ter acontecido no mesmo período, com certeza durante a mesma viagem ao continente, porque eu nasci nove meses depois.

— Sinto muito. — O seu rosto sombrio não pedia compaixão, mas eu sentia-a. — Gostaria de lhe poder dar mais pistas, mas está a ver como é. Também não sei explicar.

— Pelo menos, acreditamos um no outro, não é? — E olhou-me de frente. Fiquei surpreendido ao descobrir que ainda era capaz de sentir prazer no meio de tanta tristeza e apreensão.

— Acha?

— Acho. Não sei se existe algum Drácula, ou seja o que for, mas acredito em si quando diz que Rossi o meu pai sentiu que estava em perigo. Sentiu-o muito claramente há anos, portanto não seria natural que os medos voltassem ao ver o seu livrinho, uma incomoda coincidência que lhe lembrou o passado?

— E como explica o desaparecimento dele?

Ela abanou a cabeça.

— Pode ter sido um esgotamento nervoso, evidentemente. Mas agora compreendo o que você quis dizer. As cartas dele têm a marca — e Helen hesitou — de uma mente lógica e destemida, tal como os seus outros trabalhos. Além disso, pode deduzir-se muita coisa dos livros de um historiador. E eu conheço os dele muito bem. São o resultado de um raciocínio equilibrado, lúcido.

Voltamos para onde tinha deixado as cartas e a minha pasta; não podia deixá-las sozinhas mesmo por alguns minutos, ficava nervoso. Tinha certeza de que Helen voltara a guardar tudo cuidadosamente no envelope e pela mesma ordem. Sentámo-nos juntos no banco da igreja, quase com companheirismo.

— Vamos supor que possa haver alguma força sobrenatural envolvida no desaparecimento dele — arrisquei. — Nem acredito que estou a dizer isto, mas é só para considerar essa probabilidade. O que sugere que se faça agora?

— Bem — disse ela, devagar, o perfil pronunciado, o rosto pensativo, próximo do meu

na penumbra da igreja, — não vejo como isto o pode ajudar numa investigação moderna mas, se for para obedecer aos ditames das lendas sobre Drácula, temos de admitir que Rossi foi atacado e levado daqui por um vampiro, que o matou ou, o que é mais provável, o contaminou com a maldição dos mortos-vivos. Três ataques que misturem o sangue de alguém com o de Drácula ou de um dos seus discípulos transformam a pessoa atacada num vampiro para todo o sempre, como sabe. Se já tiver sido mordido uma vez, vai ter de o encontrar o mais depressa possível.

— Mas por que razão Drácula apareceria aqui, neste lugar? E porquê raptar Rossi? Por que não atacá-lo e contaminá-lo apenas, sem que a mudança fosse perceptível?

— Não sei — disse ela, abanando a cabeça. — É um comportamento invulgar, segundo a tradição. Rossi deve ter — quero dizer, se realmente se trata de uma ocorrência sobrenatural — deve ter um interesse especial para Vlad Drácula. Talvez Drácula o veja de certo modo como uma ameaça.

— E acha que o fato de eu ter encontrado este livrinho e tê-lo mostrado a Rossi tem alguma coisa a ver com o desaparecimento?

— A lógica diz-me que a idéia é absurda. Mas... — Dobrou meticulosamente as luvas no colo, sobre a saia preta. — Pergunto a mim própria se não há uma outra fonte de informação que estamos a negligenciar.

A sua boca curvou-se para baixo. Silenciosamente, agradeceu-lhe por aquele "nós".

— E qual é?

Ela suspirou e desdobrou as luvas.

— A minha mãe.

— A sua mãe? Mas o que pode ela saber sobre...

Mal eu começara a minha série de perguntas quando uma alteração na claridade e o sopro de uma corrente de ar me fizeram virar para trás. De onde estávamos sentados, podíamos ver as portas da igreja sem sermos vistos de lá o ponto que eu escolhera para observar a entrada de Helen. Agora, a mão de alguém introduzia-se entre as portas, depois um rosto pontiagudo, ossudo. O estranho bibliotecário estava a espreitar para dentro da igreja.

Não posso descrever-te o que senti dentro daquela igreja sossegada quando o rosto do bibliotecário surgiu entre as portas. Veio-me à cabeça a súbita imagem de um animal de focinho comprido farejando, furtivo, talvez uma doninha ou uma ratazana. Ao meu lado, Helen estava paralisada, a olhar para a porta. A qualquer momento, sentiria o nosso cheiro. Mas tínhamos um ou dois segundos de vantagem, calculei, e, segurando silenciosamente a pasta e a pilha de papéis com uma das mãos, agarrei Helen com a outra — não tinha tempo para pedir licença e arrastei-a da extremidade do banco para a nave lateral. Havia ali uma porta aberta que dava para uma pequena divisão, para onde nos esgueiramos. Fechei a porta sem fazer ruído. Não havia maneira de a trancar por dentro, notei, alarmado, embora tivesse um grande buraco de fechadura contornado a ferro.

Estava mais escuro dentro da pequena sala do que na igreja. Havia uma pia batismal no centro, um ou dois bancos estofados ao longo das paredes. Helen e eu entreolhamo-nos em silêncio. Não conseguia ver a expressão do rosto dela, exceto que parecia alerta, desafiadora e, ao mesmo tempo, receosa. Sem palavras nem gestos, deslocamo-nos cautelosamente para trás da pia batismal e Helen apoiou uma das mãos nela para se equilibrar. A pia estava seca por dentro; pensei comigo mesmo se a encheriam apenas para os batizados. Passado mais um minuto, não consegui ficar parado; entreguei os papéis a Helen e voltei para junto da fechadura. Olhando pelo buraco, vi o bibliotecário passar por uma das colunas. Parecia realmente uma doninha, o rosto pontiagudo inclinado para a frente, a olhar em volta para todos os bancos da igreja. Virou-se na minha direção e recuei um pouco. Pareceu examinar a porta do nosso esconderijo, avançou um ou dois passos na direção dela e afastou-se novamente. De repente, uma camisola cor de lavanda surgiu no meu campo de visão. Era uma das senhoras do altar. Ouvi a voz dela, abafada.

— Posso ajudá-lo? — dizia, amável.

— Estou à procura de uma pessoa. — A voz do bibliotecário era aguda, sibilante, demasiada alta para um templo. — Eu... viu entrar uma rapariga com um fato preto? E cabelo escuro?

— Vi, sim. — A senhora amável olhou em volta por sua vez. — Estava agora mesmo a uma pessoa que corresponde a essa descrição. Estava com um rapaz, os dois sentados nos bancos do fundo. Mas agora já não está.

A doninha virou-se para um lado e para o outro.

— Não poderia estar escondida numa dessas salas? — A sutileza não era o seu forte, via-se claramente.

— Escondida?

A senhora de lavanda virou-se também para o lado em que estávamos.

— Tenho a certeza de que não está ninguém escondido na nossa igreja. Quer que eu chame o padre? Precisa de ajuda?

O bibliotecário recuou.

— Oh, não, não — disse ele. Devo ter-me enganado.

— Gostaria de levar alguns dos nossos folhetos para ler?

— Oh, não. — Voltou para a nave. Não, obrigado.

Vi-o olhar em volta outra vez e depois saiu do meu ângulo de visão. Ouviu-se um pesado clique, um baque da porta da frente a fechar-se atrás dele. Fiz um sinal com a cabeça para Helen, que deu um suspiro silencioso de alívio, mas esperamos mais uns minutos, olhando de vez em quando um para o outro por cima da pia. Helen foi a primeira a baixar a cabeça, o semblante carregado. Eu sabia que ela devia estar a pensar como se metera naquela situação e o que realmente significava aquilo tudo. O alto do cabelo dela brilhava, cor de ébano — estava sem chapéu outra vez, naquele dia.

— Ele está à sua procura — disse eu, em voz baixa.

— Talvez esteja à sua procura — e apontou para o envelope que eu segurava.
— Tenho uma idéia extravagante — disse eu, lentamente. — Talvez ele saiba onde Rossi está.

Helen franziu o sobrolho novamente.

— De qualquer maneira, nada disto faz muito sentido; portanto, por que não? — murmurou ela.

— Não a posso deixar voltar para a biblioteca. Ou para o seu quarto. Ele vai procurá-la em ambos os lugares.

— Deixar? — repetiu ela, ameaçadora.

— Miss Rossi, por favor. Quer ser a próxima a desaparecer?

Ela ficou calada.

— E como está a pensar proteger-me?

A voz tinha um tom de troça e pensei na sua infância fora do comum, na singular fuga para a Hungria ainda no ventre da mãe, na astúcia política que lhe permitira viajar para o outro lado do mundo para levar a cabo uma vingança acadêmica. Se a história dela fosse verdadeira, evidentemente.

— Tenho uma idéia — disse eu, devagar. — Sei que vai parecer... pouco correto, mas sentir-me-ia melhor se concordasse. Podemos levar alguns... talismãs... conosco, aqui da igreja... — Ela levantou as sobranceiras. — Vamos procurar qualquer coisa, velas, crucifixos, ou o seja o que for, e comprar alguns alhos a caminho para casa quero dizer, do meu apartamento... — As sobranceiras subiram ainda mais. Quer dizer, se consentir em acompanhar-me... e poderia... talvez eu tenha de partir em viagem amanhã, mas você poderia...

— Dormir no sofá? — Calçara as luvas novamente e agora estava de braços cruzados. Senti-me corar.

— Não posso deixá-la voltar para o seu quarto sabendo que pode ser perseguida... ou para a biblioteca, é claro. E ainda temos muito que conversar. Gostaria de saber o que acha que a sua mãe...

— Podemos conversar sobre isso aqui, agora mesmo — disse ela, com frieza, pareceu-me. — Quanto ao bibliotecário, duvido que consiga seguir-me até ao meu quarto, a não ser que... — Havia uma covinha num lado da sua face severa, ou seria sarcasmo? — ... a não ser que se consiga transformar em morcego. A nossa governanta não permite a entrada a vampiros nos quartos. E muito menos a homens. Além disso, espero que ele me siga de novo até à biblioteca.

— Espera? — eu estava pasmado.

— Sabia que ele não iria falar conosco aqui dentro, não dentro de uma igreja. Está provavelmente à nossa espera lá fora. Tenho uma questão a resolver com ele — falava outra vez aquele inglês extraordinário, — porque ele está a tentar interferir com o meu direito de utilização da biblioteca e porque você acredita que ele tem informações para lhe

dar sobre o meu... sobre o professor Rossi. Por que razão não deixamos que ele me siga? Podemos ir falando sobre a minha mãe pelo caminho.

Devo ter parecido mais do que duvidoso, porque ela começou a rir-se, os dentes brancos e uniformes.

— Ele não vai atacá-lo em plena luz do dia, Paul.

Não havia sinal do bibliotecário fora da igreja. Caminhamos na direção da biblioteca e meu coração batia com força, embora Helen parecesse calma — com um par de crucifixos do vestíbulo da igreja nos bolsos. "Leve um, deixe 25 centavos". Para minha decepção, Helen não falou sobre a mãe. Eu tinha a sensação de que ela estava apenas a cooperar temporariamente com a minha loucura, que iria desaparecer assim que chegássemos à biblioteca, mas ela surpreendeu-me mais uma vez.

— Ele voltou para lá — disse ela baixinho, — uns dois quarteirões depois da igreja. Vi-o quando dobrou a esquina. Não olhe para trás. — Abafei uma exclamação e continuamos a andar. — Vou para os andares de cima da biblioteca — disse ela. — Que lhe parece o sétimo andar? É o primeiro piso realmente sossegado. Não suba comigo. É mais provável ele seguir-me se eu estiver sozinha, do que segui-lo a si... Você é mais forte.

— Não vai fazer nada disso — murmurei. — Obter informações sobre Rossi é um problema meu.

— Obter informações sobre Rossi é precisamente o meu problema — replicou ela também em voz baixa. Não pense que lhe estou a fazer um favor, senhor Mercado Holandês.

Lancei-lhe um olhar de soslaio. Estava a habituar-me ao seu humor ácido, percebi, e alguma coisa na curva da sua face, junto àquele longo nariz retilíneo, dava-lhe um ar quase brincalhão, divertido.

— Está bem. Mas vou estar mesmo atrás dele e, se você tiver problemas, chego lá acima numa fração de segundo para a ajudar.

Junto às portas da biblioteca, separamo-nos com uma exibição de cordialidade.

— Boa sorte para a sua pesquisa, Senhor Holandês — disse Helen, apertando a minha mão com a sua mão enluvada.

— Igualmente para a sua, Miss...

— Psiu — disse ela, e afastou-se.

Refugiei-me na zona do ficheiro e puxei uma gaveta ao acaso para parecer ocupado: "*Ben Hura* Benedittino." Mesmo com a cabeça curvada sobre a gaveta, conseguia ver o balcão de circulação; Helen estava a pedir um cartão de acesso às estantes, o seu vulto alto e esguio no casaco preto, as costas resolutamente voltadas para a longa nave da biblioteca. Então, vi o bibliotecário a andar sorrateiro pelo lado oposto da nave, mantendo-se próximo da outra metade das filas de ficheiros. Chegou à letra H no momento em que Helen seguiu para a porta que dava acesso às estantes. Eu conhecia muito bem aquela porta, passava por ela quase diariamente, mas nunca se escancarou com tanto significado para mim como naquele momento. Permanecia aberta durante o dia, e um guarda nas proximidades verificava os talões de autorização. Num segundo, a figura escura de Helen desapareceu pelas escadas de ferro. O bibliotecário demorou-se um pouco na letra G, depois remexeu no

bolso do casaco à procura de alguma coisa devia ter alguma forma especial de identificação da biblioteca —, exibiu um cartão e entrou.

Corri para o balcão de circulação.

— Gostaria de usar as estantes, por favor — disse eu para a mulher que me atendeu. Nunca a tinha visto antes era muito lenta, e tive a impressão de que as suas pequenas mãos roliças levaram uma eternidade a manusear os papéis amarelos antes de me dar um. Finalmente, passei pela porta e coloquei o pé com cuidado no degrau da escada, olhando para cima. Em cada andar, podia ver-se o nível seguinte através dos degraus de metal, mas não mais do que isso. Nem sombra do bibliotecário acima de mim, nenhum som.

Fui para o segundo andar, passando por Economia e Sociologia. O terceiro também estava deserto, à exceção de dois alunos nos seus compartimentos de estudo. No quarto piso, comecei a ficar realmente preocupado. Estava demasiado silencioso. Nunca deveria ter deixado Helen usar-se a si mesma como isca naquela missão. Lembrei-me de repente da história de Rossi sobre o seu amigo Hedges e acelerei o passo. O quinto piso Arqueologia e Antropologia estava cheio de alunos que participavam de uma espécie qualquer de grupo de estudos, comparando apontamentos em voz baixa. A presença deles aliviou-me um pouco, nada de horrível poderia acontecer a apenas dois pisos acima. No sexto andar, ouvi passos acima da minha cabeça, e, no sétimo História —, fiz uma pausa, não sabendo como entrar sem revelar a minha presença.

Pelo menos, conhecia bem aquele andar; era o meu reino e era capaz de dizer qual era a localização de cada compartimento de estudos, de cada cadeira, de cada fila de livros de tamanhos acima do normal. A princípio, o andar de História pareceu-me tão silencioso como os outros mas, depois de um segundo, ouvi uma conversa abafada vinda de um canto das estantes. Esgueirei-me nessa direção, passei por Assíria e Babilônia, procurando que os meus passos fizessem o menor ruído possível. Então, ouvi a voz de Helen. Tinha a certeza de que era a voz dela, e em seguida ouvi uma voz áspera e desagradável que devia ser a do bibliotecário. O meu coração deu um salto. Estavam na seção medieval que eu agora conhecia bem e cheguei suficientemente perto para ouvir o que diziam, embora não pudesse arriscar-me a contornar a esquina da estante seguinte para espreitar. Pareciam estar do outro lado das prateleiras à minha direita.

— Isso é correto? — perguntava Helen em tom hostil. A voz áspera fez-se ouvir outra vez.

— Você não tem o direito de mexer nesses livros, minha menina.

— Nesses livros? Que são propriedade da Universidade? Quem é o senhor para apreender livros da biblioteca da Universidade?

A voz do bibliotecário soava zangada e persuasiva ao mesmo tempo.

A menina não precisa perder tempo com esses livros. Não são livros próprios para uma rapariga ler. Basta devolvê-los hoje e não se fala mais nisso.

— Por que é que os quer tanto? — A voz de Helen soava firme e clara. — Talvez tenha

alguma coisa a ver com o professor Rossi

Agachado atrás do Feudalismo inglês, não sabia se havia de me encolher mais ou dar vivas em voz alta. O que quer que Helen pensasse a respeito de tudo aquilo, estava no mínimo intrigada. Aparentemente, não me considerava doido. E estava disposta a ajudar-me, mesmo que fosse apenas para reunir informações sobre Rossi para servir os seus objetivos pessoais.

— Professor... quem? Não sei o que quer dizer — rebateu o bibliotecário.

— Sabe onde ele está? — perguntou Helen, incisiva.

— Menina, não tenho a menor ideia do que está a falar. Mas preciso que devolva aqueles livros, para os quais a biblioteca tem outros planos, ou isto pode ter sérias consequências na sua carreira acadêmica.

— A minha carreira? — troçou Helen. — Não posso de maneira nenhuma devolver o livros agora. Tenho um trabalho importante para fazer com eles.

— Nesse caso, vou ter de obrigá-la a devolvê-los. Onde estão?

Ouvi um passo, como se Helen se tivesse afastado. Eu estava prestes a contornar o estante e a bater com um fólio sobre abadias cistercienses no detestável fuinha quando Helen jogou uma nova cartada.

— Ouça — disse ela, — se me disser alguma coisa sobre o professor Rossi, talvez eu lhe possa contar sobre um... — fez uma pausa, — um pequeno mapa que vi recentemente.

Caiu-me a alma aos pés. O mapa? O que é que Helen estava a pensar? O que a levava a revelar uma informação tão vital? O mapa podia ser o nosso objeto mais perigoso, se a análise que Rossi fizera do seu significado fosse verdadeira, e também o mais importante. O meu objeto mais perigoso, corrija-me. Estaria Helen a querer trair-me? Vislumbrei tudo num relance: ela queria usar o mapa para chegar a Rossi antes de mim, completar a pesquisa, usar-me para saber tudo o que ele descobrira e me passara, publicar os resultados, desmascará-lo e não tive tempo para mais do que uma visão fugidia, porque no momento seguinte o bibliotecário deu um rugido:

— O mapa! Você tem o mapa de Rossi Eu mato-a para conseguir esse mapa! — Helen arquejou, depois ouvi um grito e um baque surdo. — Largue isso — berrou o bibliotecário.

Os meus pés só tocaram o chão quando me vi em cima dele. A cabeça pequena do homem bateu no chão com uma pancada que sacudiu também o meu cérebro. Helen ajoelhou-se ao meu lado. Estava muito pálida, mas parecia calma. Segurava o seu crucifixo de vinte e cinco centimos comprado na igreja, mantendo-o apontado para ele, que esperneava e arfava sob o meu peso. O bibliotecário era fraco e, por alguns minutos, consegui mais ou menos imobilizá-lo felizmente para mim, pois passara os últimos três anos a folhear frágeis documentos holandeses antigos, e não a levantar pesos. Ele bufava e debatia-se nas minhas mãos e imobilizei-lhe as pernas com o meu joelho.

— Rossi! — gritava ele, esganiçado. — Não é justo! Eu devia ter ido no lugar dele! Era minha vez! Dê-me o mapa! Esperei tanto tempo... Fiz vinte anos de pesquisa para isto!

Começou a soluçar, um som deplorável, feio. A sua cabeça movia-se para a frente e para trás e vi a fenda dupla junto ao colarinho da camisa, dois furos cobertos por uma crosta. Mantive as mãos o mais longe possível deles.

— Onde está Rossi? — perguntei, com um grunhido. — Diga-nos agora mesmo onde é que ele está? Você feriu-o? — Helen aproximou mais o pequeno crucifixo e ele virou a cara, contorcendo-se sob os meus joelhos. Espantava-me, mesmo naquele momento, ver o efeito daquele símbolo na criatura. Aquilo seria Hollywood, superstição ou história? Perguntei-me como fora capaz de entrar na igreja — mas recordei-me que ele tinha permanecido longe do altar e das capelas, e recuara mesmo diante da senhora que cuidava do altar.

— Não lhe toquei! Não sei nada sobre isso!

— Ah, sabe, sim — Helen curvou-se mais. Tinha uma expressão feroz no rosto, mas estava muito pálida, e notei que apertava o pescoço com a outra mão.

— Helen!

Devo ter dito com a respiração ofegante, mas ela fez um gesto para eu não interferir e fulminou o bibliotecário com os olhos.

— Onde está Rossi? O que foi que esperou durante anos? — Ele encolheu-se. — Vou pôr isto na sua cara agora — disse Helen, baixando o crucifixo.

— Não! — gritou ele. — Eu falo. Rossi não queria ir. Eu queria. Não era justo. Ele levou Rossi em vez de me levar a mim. Levou Rossi à força. Eu teria ido de bom grado para servir, para o ajudar, para catalogar... de repente, calou-se e apertou os lábios.

— O quê? — e bati ao de leve com a cabeça dele no chão, para o convencer.

— Quem levou Rossi? Têm-no preso nalgum sítio?

Helen segurou a cruz bem por cima do nariz dele, que começou a soluçar outra vez.

— Meu senhor choramingou.

Helen, ao meu lado, respirou fundo e sentou-se sobre os calcanhares, como se aquelas palavras a fizessem recuar involuntariamente.

— Quem é o seu senhor? — e enterrei o joelho na perna dele. — Para onde é que ele levou Rossi?

Os seus olhos inflamaram-se. Era uma visão horrível a contorção, as vulgares feições humanas normais ininteligíveis, impregnadas de terrível significado.

— Para onde eu deveria ter ido! Para a sepultura!

Talvez eu tenha relaxado a pressão das minhas mãos, ou talvez a confissão o tornasse subitamente forte — o mais provável é que se tenha apavorado com o que poderia acontecer-lhe, refleti mais tarde. Seja como for, libertou subitamente uma das mãos, virou o corpo como um escorpião e torceu-me o pulso que lhe prendia o ombro ao chão. A dor foi insuportável, aguda, e contrai bruscamente o braço, furioso. O homenzinho escapuliu-se antes que eu conseguisse perceber o que acontecera, e disparei atrás dele pelas escadas abaixo, passando num trolpe pelo seminário dos alunos de graduação e pelos outros serenos reinos do conhecimento nos andares de baixo. Mas tinha os movimentos tolhidos pela

minha pasta, que ainda segurava numa das mãos. Mesmo naquele primeiro momento da perseguição, apercebi-me num relance, não tinha querido deixá-la. Ou atirá-la a Helen. Ela tinha-lhe contado do mapa. Era uma traidora. E ele tinha-a mordido, ainda que apenas por um instante. Estaria agora também contaminada?

Pela primeira e última vez, atravessei a silenciosa nave da biblioteca a correr, mal me apercebendo dos rostos assustados que se viravam para mim enquanto eu passava. Não havia sinal do bibliotecário. Podia ter-se escapado para algum lugar nos bastidores, percebi, desesperado, para alguma masmorra de catalogação ou armário de vassouras só para bibliotecários. Empurrei a pesada porta da frente, uma abertura cortada nas grandes portas duplas de estilo gótico que davam para o vestibulo e que nunca eram abertas. E imobilizei-me nos degraus do lado de fora. A luz da tarde cegou-me, como se também eu tivesse vivido num submundo, uma caverna de morcegos e ratos. Na rua defronte da biblioteca, vários carros tinham parado. O tráfego fora interrompido, e uma rapariga, fardada de criada de mesa, chorava na calçada, apontando para alguma coisa. Alguém gritava e dois homens estavam ajoelhados junto ao pneu da frente de um dos carros parados. As pernas finas do bibliotecário saíam de debaixo do carro, torcidas num ângulo impossível. Um dos braços estava dobrado sobre a cabeça. Jazia deitado de bruços no pavimento, sobre uma pequena poça de sangue, dormindo para sempre.

O meu pai estava relutante em levar-me a Oxford. Ficaria lá durante seis dias, disse tempo demais para eu perder as aulas outra vez. Foi uma surpresa saber que estava disposto a deixar-me em casa; não fazia isso desde que eu encontrara o livrinho do dragão. Estaria a planejar deixar-me com precauções especiais? Aleguei que a nossa recente viagem ao longo do litoral iugoslavo demorara quase duas semanas, sem qualquer prejuízo nos meus resultados escolares. Ele argumentou que a educação deve vir sempre em primeiro lugar. Eu retorqui que ele afirmara sempre que as viagens são a melhor forma de educação. Mostrei-lhe o meu último boletim escolar, abrilhantado por uma porção de notas altas, e um trabalho de História no qual o meu pomposo professor escrevera: "Demonstra uma extraordinária percepção da natureza da pesquisa histórica, especialmente para alguém com a sua idade", um comentário que eu decorara e costumava repetir a mim mesma antes de adormecer.

O meu pai ficou visivelmente abalado, pois pousou o garfo e a faca de uma maneira que eu sabia significar uma pausa no nosso jantar na velha sala de jantar holandesa, e não o fim definitivo do primeiro prato. Disse que, desta vez, o seu trabalho não lhe permitiria mostrar-me a cidade como devia e não queria estragar as minhas primeiras impressões de Oxford mantendo-me confinada num sítio qualquer. Respondi que preferia ficar confinada em Oxford do que em casa com Mrs. Clay e baixamos a voz, embora ela estivesse de folga naquela noite. Além disso, continuei, eu já era suficientemente crescida para andar sozinha. Ele insistiu que não sabia se seria boa idéia eu ir porque as conversações seriam um tanto... tensas. Talvez não fosse bem assim — mas ele não podia continuar e eu sabia porquê. Tal como eu não podia confessar o meu verdadeiro motivo para ir a Oxford, ele não podia confessar o seu para não querer que eu fosse. Eu não podia dizer-lhe que não aguentaria deixá-lo longe da vista agora, com as suas olheiras escuras e a cabeça e os ombros curvados de cansaço. E ele não podia admitir que, em Oxford, talvez não estivesse em segurança e, portanto, eu também não estaria segura na sua companhia. Ficou calado durante um ou dois minutos, depois perguntou-me amavelmente o que havia para a sobremesa, e eu fui buscar o indefectível pudim de arroz com passas de Mrs Clay, que ela deixava sempre pronto como compensação por ir ao cinema no *British Centre* sem nós.

Eu imaginara Oxford calma e verde, uma espécie de catedral ao ar livre onde os professores, vestidos com trajes medievais, passeassem, garbosos, cada um acompanhado por um único aluno, ensinando História, Literatura e obscuras questões de Teologia. A realidade era um choque: motocicletas a buzinar, carros pequenos a grande velocidade de um lado para o outro, quase atropelando alunos que atravessavam as ruas, multidões de turistas a fotografar uma cruz no passeio onde uns bispos tinham sido queimados na fogueira quatrocentos anos antes, quando não existiam passeios. Tanto os professores como os alunos usavam roupas modernas e decepcionantes, camisolas de lã na sua maioria, com

calças de flanela escura para os mestres e jeans para os discípulos. Pensei com tristeza que, no tempo de Rossi, uns bons quarenta anos antes do dia em que descemos do nosso autocarro vermelho e amarelo na esquina de Broad Street, Oxford devia vestir-se com um pouco mais de dignidade.

Então, pus os olhos na primeira faculdade que vi em Oxford, erguendo-se acima dos seus muros à luz da manhã, e, perto dela, as formas perfeitas do Edifício Radcliffe, que de início pensei tratar-se de um pequeno observatório. Por trás, erguiam-se as agulhas das torres de uma imensa igreja castanha e, ao longo da rua, estendia-se um muro tão velho que até os líquenes que o cobriam pareciam antigos. Não podia imaginar que impressão teríamos causado nas pessoas que andavam por aquelas ruas quando aquele muro ainda era novo eu, com o meu vestido curto vermelho, soquetes de renda e mochila, o meu pai, com o seu casaco azul-escuro e calças cinzentas, camisola preta de gola alta e chapéu de *tweed*, cada um de nós a arrastar uma pequena mala de viagem.

— Cá estamos — declarou o meu pai, e, para minha alegria, paramos diante de um portão de ferro forjado no muro coberto de líquenes. Estava fechado, e esperamos até um aluno vir abri-lo.

Em Oxford, o meu pai ia intervir numa conferência sobre as relações políticas entre os Estados Unidos e a Europa Oriental, então em plena fase de degelo. Como era universidade que promovia a conferência, explicou-me ele, ficaríamos hospedados em quartos particulares na residência do reitor de um dos colégios. Esses reitores dos colégios, contou-me, eram ditadores benevolentes que cuidavam dos alunos que viviam em cada faculdade. Enquanto seguíamos pela entrada escura e baixa para a claridade fulgurante do pátio quadrangular rodeado pelos edifícios da faculdade, compreendi pela primeira vez que em breve também eu iria para a universidade, e cruzei os dedos sobre a alça da minha mochila, murmurando o desejo de que nessa altura encontrasse um porto seguro como aquele.

O chão à nossa volta estava coberto de lajes de ardósia suavemente desgastada, interrompidas aqui e ali por pesadas árvores de sombra — árvores sérias, melancólicas, com um ou outro banco debaixo delas. Um retângulo de um relvado perfeito e um estreito lago estendiam-se junto ao edifício principal da faculdade. Esta era uma das mais antigas de Oxford, fundada por Eduardo III o *Confessor*, no século treze, e os seus acrescentamentos mais recentes realizados pelos arquitetos isabelinos. Até aquele relvado meticulosamente aparado parecia venerável; nunca vi ninguém pisá-lo.

Contornamos a relva e o lago e dirigimo-nos para o gabinete do porteiro, logo à entrada, e dali para uma sequência de quartos adjacentes à casa do reitor. Estes quartos deviam ter feito parte do projeto inicial da faculdade, embora fosse difícil afirmar para que fim teriam sido usados originalmente; tinham tetos muito baixos, com painéis de madeira escura e janelas estreitas de caixilhos de chumbo. O quarto do meu pai tinha cortinados azuis. O meu, para minha infinita satisfação, tinha uma cama alta com dossel de *chintz* estampado.

Desfizemos um pouco da bagagem, lavamos os nossos rostos de viajantes num lavatório amarelo-claro na nossa casa de banho comum e saímos ao encontro do reitor James, que nos esperava no seu gabinete do lado oposto do edifício. Revelou-se um homem cordial, de palavras afáveis, cabelo grisalho e uma cicatriz em curva que lhe descia por uma das faces. Gostei do seu caloroso aperto de mão e da expressão dos seus grandes olhos castanhos protuberantes. Não estranhou que eu acompanhasse o meu pai à conferência e sugeriu mesmo que eu fizesse uma visita à universidade com o seu assistente nessa tarde. Acrescentou que o seu assistente era um rapaz muito amável e culto, um cavalheiro. O meu pai concordou; ele próprio estaria ocupado com reuniões, portanto, por que é que eu não haveria de aproveitar para ver os tesouros locais enquanto ali estava?

Apresentei-me, animada, às três horas, a minha boina nova numa mão e um caderno na outra, pois o meu pai sugerira que eu tomasse notas para redigir mais tarde um trabalho escolar sobre o passeio. O meu guia era um estudante grandalhão de cabelos claros, que o reitor James me apresentou como Stephen Barley. Gostei das suas belas mãos de veia azuladas e da sua camisola grossa de pescador *jumphah*, como lhe chamou, com o seu sotaque característico, quando a elogiei em voz alta. Caminhar pelo pátio ao lado dele deu-me a sensação de ser aceite temporariamente naquela comunidade de elite. Também me causou o primeiro e leve frêmito de pertença sexual, a impressão fugidia de que, se segurasse a mão dele enquanto andávamos, uma porta se abriria num ponto qualquer do longo muro da realidade tal como eu a conhecia, para nunca mais se fechar. Já expliquei que levava uma vida muito protegida tão protegida, reconheço hoje, que aos dezoito anos ainda não me apercebera de como os seus limites eram restritos. A centelha de rebelião que me acometeu ao andar ao lado de um bonito estudante universitário veio até mim como um acorde de música de uma cultura estrangeira. Mas agarrei-me com firmeza ao meu caderno e à minha infância e perguntei-lhe por que razão havia mais pedra do que relva no pátio. Ele sorriu-me.

— Bem, não sei. Nunca ninguém fez essa pergunta.

Levou-me ao refeitório, uma sala enorme de teto alto e vigas de madeira em estilo Tudor, cheio de mesas de madeira, e mostrou-me o sítio, num banco, onde um jovem conde de Rochester gravara uma palavra grosseira quando ali jantava. Ao longo das paredes, havia uma sucessão de janelas de caixilhos de chumbo, cada uma ornamentada no centro com uma antiga cena representando uma boa ação. Thomas Becket ajoelhado junto de um leito de morte, um padre com uma batina comprida a servir sopa a uma fila de pobres agachados, um médico medieval a pôr uma ligadura na perna de uma pessoa. Por cima do banco Rochester, havia uma cena que não consegui perceber, um homem com uma cruz pendurada ao pescoço e uma estaca pontiaguda na mão, curvado sobre algo que parecia um amontoado de farrapos negros.

— Ah, isso aí é de fato uma curiosidade — disse o meu jovial amigo. — Temos muito orgulho nisso. Sabe, esse homem é um professor dos primeiros anos da universidade, e está

a cravar uma estaca de prata no coração de um vampiro.

Olhei fixamente para ele, sem fala por uns instantes.

— Existiam vampiros em Oxford naquela época? — perguntei por fim.

— Não sei dizer-lhe — admitiu ele, sorridente. — Mas há uma tradição de que os primeiros académicos da universidade ajudavam a proteger dos vampiros os campos em redor. Chegaram a recolher uma boa quantidade de tradições orais populares sobre vampiros, um material bastante interessante, que ainda se pode ver no Edifício Radcliffe, do outro lado da rua. Diz a lenda que os primeiros deões não queriam livros sobre ciências ocultas dentro da universidade, por isso foram guardados em vários outros lugares e finalmente foram parar ao Edifício Radcliffe.

Lembrei-me de Rossi e perguntei a mim mesma se ele teria visto algum daquele antigo material.

— Há alguma forma de se descobrir o nome de antigos alunos... de há cinquenta anos, talvez, nesta faculdade? Alunos de graduação?

— Claro — o meu companheiro olhou para mim com ar interrogativo por cima do banco de madeira. — Posso perguntar ao reitor do colégio, se quiser.

— Ah, não. — Senti o rosto corar, a maldição da minha juventude. — Não é importante. Mas acha que eu poderia ver o... o material sobre os vampiros?

— Gosta de coisas arrepiantes, hein? — E ele parecia achar graça. — Não há muito que ver, sabe; só alguns velhos *in-fólios* e uma porção de livros encadernados em couro. Mas está bem. Vamos ver a biblioteca da universidade agora, não pode deixar de ver, e depois levo-a ao Radcliffe.

A biblioteca era, evidentemente, uma das jóias da universidade. Desde aquele dia inocente, estive na maioria daquelas faculdades e cheguei a conhecer bem algumas delas, deambulei pelas suas bibliotecas e capelas e refeitórios, fiz conferências nos seus auditórios e tomei chá nas suas salas de visitas. Posso afirmar com segurança que nada se assemelha àquela primeira biblioteca de universidade que vi, exceto talvez a capela do Magdalen College, com os seus sublimes ornamentos. Entramos primeiro numa sala de leitura rodeada de vitrais e semelhante a uma grande estufa onde os alunos, como raras plantas cativas, se sentavam em torno de mesas tão antigas como a própria universidade. Candeeiros exóticos pendiam do teto e, nos cantos, havia enormes globos do tempo de Henrique VIII sobre pedestais. O meu guia apontou para os muitos volumes da edição original do *Oxford English Dictionary* alinhados nas prateleiras de uma das paredes; outras estavam repletas de atlas abrangendo uma longa extensão de séculos; noutras, havia registros da antiga aristocracia e obras de História inglesa; noutras ainda, livros escolares de Latim e Grego de todas as épocas da universidade. No centro da sala, via-se uma gigantesca enciclopédia sobre um suporte entalhado de estilo barroco e, perto da entrada da sala seguinte, repousava uma caixa de vidro dentro da qual vi um livro velho de aparência despojada que o meu guia me informou ser uma Bíblia de Gutenberg. Acima de nós, uma clarabóia redonda como o óculo

de uma igreja bizantina, deixava entrar longos feixes de luz solar. Através dela, viam-se pombos a voar em bandos. A poeira de luz tocava os rostos dos alunos que liam e viravam as páginas dos livros sentados às suas mesas, roçava os seus blusões pesados e os seus rostos sérios. Era o paraíso do saber e eu rezei para que um dia pudesse ser ali admitida.

A divisão seguinte era um vasto salão cheio de galerias, escadas em caracol e um alto clerestório de vidro antigo. Todas as paredes disponíveis estavam cobertas de livros de cima a baixo, do piso de pedra ao teto abobadado. Vi quilômetros de encadernações de couro finamente lavradas, toneladas de fólhos, montes de pequenos livros vermelho-escuros do século dezenove. Tentei imaginar o que haveria em todos aqueles livros. Seria capaz de compreender alguma coisa neles? Os meus dedos estavam ansiosos por tirar alguns das estantes, mas não ousava tocar nem numa lombada. Não sabia se aquilo era uma biblioteca ou um museu. Devo ter ficado a olhar em volta com a emoção nitidamente estampada no rosto, porque de repente dei com o rapaz de cabelos claros a sorrir para mim com ar divertido.

— Nada mal, hem! Você também deve ser um rato de biblioteca. Venha, então, já viu a melhor parte, vamos até ao Radcliffe.

A luz do dia e os carros barulhentos e velozes eram ainda mais atordoantes depois do silêncio da biblioteca. Tive de lhes agradecer, porém, por um presente inesperado: quando atravessávamos a rua à pressa, Stephen pegou-me na mão, puxando-me para um lugar seguro. Podia ter sido um autoritário irmão mais velho de alguém, pensei, mas o toque da palma da mão dele, quente e seca, enviou à minha um sinal semelhante a um formigueiro que persistiu depois de ele a largar. Tive a certeza, relanceando um olhar para o perfil dele, alegre e inalterado, de que a mensagem fora registrada apenas numa direção. Mas, para mim, bastava tê-la recebido.

O Edifício Radcliffe, como todos os anglófilos sabem, é um dos grandes encantos da arquitetura inglesa, bela e peculiar, um enorme barril de livros. Uma das suas extremidades chega quase à rua, mas um amplo relvado circunda o resto da construção. Entramos nela em silêncio, embora um barulhento grupo de excursionistas enchesse o centro do majestoso interior arredondado. Stephen mostrou-me vários aspectos do projeto do edifício, estudados em todos os cursos de arquitetura inglesa e assinalados em todos os guias turísticos. Era um lugar lindo e emocionante e, enquanto o admirava, eu refletia que se tratava de um depósito singular para um acervo sobre o mal. Por fim, ele conduziu-me para uma escadaria e subimos até à galeria.

— Ali adiante. — E apontou na direção de uma porta, cortada num verdadeiro penhasco de livros erguido a prumo. — Há uma pequena sala de leitura lá dentro. Só estive aqui uma vez, mas acho que é ali que guardam o material sobre vampiros.

A sala mal iluminada era de fato minúscula, e também silenciosa, longe das vozes dos turistas lá em baixo. Volumes majestosos enchiam as estantes, com as suas lombadas cor de caramelo, quebradiças como velhos ossos. No meio delas, um crânio humano dentro de

uma pequena caixa de vidro dourado comprovava a natureza mórbida da coleção. A divisão era tão pequena que só havia espaço no centro para uma mesa de leitura, na qual quase tropeçamos ao entrar. Isso significa que ficamos de repente cara a cara com o estudioso que estava sentado junto dela, virando as folhas de um antigo e frágil infólio e tomando notas rapidamente num bloco. Um homem pálido, macilento. Os seus olhos eram buracos escuros, sobressaltados, apressados, mas também absortos, quando os levantou do seu trabalho. Era o meu pai.

Na confusão de ambulâncias, carros de polícia e espectadores que acompanharam a remoção do bibliotecário na rua em frente à biblioteca da universidade, fiquei paralisado por um instante. Era horrível, impensável, que até a vida do homem mais desagradável terminasse de maneira tão inesperada, mas a minha preocupação seguinte era Helen. Uma multidão começava a juntar-se rapidamente e fui furando aqui e ali à procura dela. Senti um alívio infinito quando ela me encontrou primeiro, batendo-me ao de leve no ombro com a mão enluvada. Estava pálida, mas controlada. Enrolara *aécharpe* bem apertada em volta do pescoço e, quando a vi, tive um calafrio.

— Esperei uns minutos, depois desci as escadas atrás de si — disse ela, no meio do barulho da rua. Quero agradecer-lhe por ter vindo em meu auxílio. Esse homem era um bruto. Você foi realmente corajoso.

Surpreendeu-me ver como o rosto dela podia mostrar-se simpático, afinal.

— Na realidade, você é que foi corajosa. E ele feriu-a. Tentei não apontar em público para o seu pescoço. Ele chegou a...?

— Sim — respondeu ela, baixinho. Instintivamente, aproximamo-nos um do outro, para que ninguém ouvisse a nossa conversa. — Quando se atirou a mim, lá em cima, mordeu-me no pescoço. — Por um segundo, os seus lábios tremeram, como se fosse chorar. — Não chupou muito sangue, não teve tempo. E quase não me dói.

— Mas você... — gaguejei, incrédulo.

— Não creio que vá infectar — disse ela. — Deitou muito pouco sangue e fechei a ferida o melhor que pude.

— Não é melhor irmos a um hospital? — Arrependi-me da pergunta logo que a fiz, em parte por causa do olhar intimidante que ela me lançou. — Ou limpar a ferida de alguma forma? — Acho que, de certo modo, estava a imaginar que seria possível retirar o veneno, como se fosse uma mordidela de cobra. A dor repentina no rosto dela apertou-me o coração. Então, lembrei-me de que ela traía o segredo do mapa. — Por que é que...?

— Sei o que está a pensar — interrompeu-me, apressada, o sotaque ainda mais acentuado. — Mas não consegui pensar em nenhum outro isco para aquela criatura e queria ver a reação dele. Não lhe teria dado o mapa nem qualquer outra informação, garanto-lhe.

Olhei-a atentamente, desconfiado. O seu rosto estava sério, a boca curvada para baixo impiedosa.

— Não?

— Dou-lhe a minha palavra — disse simplesmente. — Além disso... — o seu sorriso sarcástico inverteu a careta, — não tenho necessariamente o hábito de partilhar com os outros o que posso usar em meu benefício, e você?

Deixei passar o argumento, mas algo no rosto dela acalmou de fato os meus receios.

— A reação dele foi extremamente interessante, não foi? — Helen concordou.

— Ele disse que deveria ter ido para uma tumba e que Rossi foi levado para lá por alguém. É tudo muito misterioso, mas ele realmente parecia saber alguma coisa sobre o paradeiro do meu... do seu orientador. Não consigo acreditar muito nessa história de Drácula, mas talvez algum estranho grupo ocultista tenha raptado o professor Rossi qualquer coisa desse gênero.

Foi a minha vez de concordar, apesar de obviamente estar mais inclinado a acreditar na informação do bibliotecário do que ela.

— O que pretende fazer agora? — perguntou ela, com uma estranha indiferença.

Não tinha planejado a minha resposta antes de começar a falar.

— Ir para Istambul. Estou convencido de que há lá pelo menos um documento que Rossi nunca teve oportunidade de examinar, e que pode conter informações sobre uma tumba, talvez a tumba de Drácula no lago Snagov.

— Por que não faz umas pequenas férias na minha linda Romênia nativa? perguntou ela. — Poderia ir ao castelo de Drácula com uma estaca de prata na mão, ou visitá-lo pessoalmente em Snagov. Ouvi dizer que é um belo lugar para um piquenique.

— Ouça lá — disse eu, irritado, — sei que tudo isso é muito fora do comum, mas tenho de seguir qualquer pista que puder sobre o desaparecimento de Rossi. E, como muito bem sabe, um cidadão americano não pode entrar na Cortina de Ferro só para procurar uma pessoa. — A minha lealdade deve tê-la envergonhado, porque não respondeu. — Gostaria de lhe perguntar uma coisa. Quando estávamos a sair da igreja, disse que a sua mãe podia ter alguma informação sobre o interesse de Rossi por Drácula. O que quis dizer com isso?

— Apenas que, quando se conheceram, ele disse que estava na Romênia para estudar a lenda de Drácula, e que ela própria ainda hoje acredita na lenda. Talvez ela saiba mais sobre a pesquisa dele lá do que o que me contou, não sei. Ela não fala sobre esse assunto com muita facilidade, e eu tenho ido atrás desse interesse do velho e querido *pater familias* através dos canais acadêmicos, não no seio da família. Devia ter-lhe perguntado mais coisas sobre a sua experiência pessoal.

— Um estranho descuido para uma antropóloga — retorqui, mal-humorado. Agora que acreditava outra vez que ela estava do meu lado, senti toda a irritação do alívio. O rosto dela iluminou-se, divertido.

— *Touché*, Sherlock. Vou perguntar-lhe da próxima vez que estivermos juntas.

— Quando será isso?

— Daqui a uns dois anos, creio. O meu precioso visto não me permite ir e vir à vontade do Oriente para o Ocidente.

— Nunca lhe telefona ou escreve?

Ela encarou-me.

— Ah, o Ocidente é um lugar tão inocente — acabou por dizer. — Acha que ela tem telefone? Não sabe que as minhas cartas são sempre abertas e lidas?

Calei-me, devidamente castigado.

— Que documento é esse que está tão ansioso por procurar, Sherlock? É aquela bibliografia, qualquer coisa sobre a Ordem do Dragão? Foi o que vi naquela última lista, no papéis dele. A única coisa que ele não descreveu completamente. É isso que quer encontrar?

Ela acertara, naturalmente. A sua capacidade intelectual cada vez me impressionava mais, e pensei, com uma certa melancolia, nas conversas que poderíamos ter em circunstâncias mais favoráveis. Por outro lado, não me agradava que tivesse tanta capacidade para adivinhar.

— Para que quer saber? — perguntei. — Para a sua pesquisa?

— Claro — disse ela, com ar severo. — Vai entrar em contato comigo quando voltar?

Senti-me subitamente abatido.

— Voltar? Não tenho a menor idéia de onde me estou a meter, muito menos de quando vou voltar. Posso até vir a ser a próxima vítima do vampiro, quando chegar ao sítio para onde vou, seja lá onde for.

A minha intenção era ser irônico, mas a irreabilidade de toda aquela situação abateu-se outra vez sobre mim enquanto falava; lá estava eu, de pé no passeio em frente da biblioteca como centenas de vezes antes, só que, desta vez, estava a falar de vampiros como se acreditasse neles com uma antropóloga romena, e estávamos diante de um cenário de morte no qual eu estivera envolvido, pelo menos indiretamente, fervilhando de condutores de ambulâncias e de polícias. Tentei não os ver, nem ao seu horrível trabalho. Ocorreu-me que devia sair dali o mais depressa possível, mas sem dar nas vistas. Não podia dar-me ao luxo de ser levado pela polícia naquela altura, nem sequer para algumas horas de interrogatório. Tinha coisas para fazer, e que precisavam de ser feitas imediatamente precisava de um visto para a Turquia, que talvez conseguisse obter em Nova Iorque, de um bilhete de avião, e de deixar em segurança uma cópia de todas as informações que já possuía. Felizmente, não daria aulas naquele semestre, mas teria de apresentar um motivo qualquer ao meu departamento, e dar uma explicação aos meus pais, para não ficarem preocupados. Voltei-me para Helen.

— Miss Rossi — disse eu. — Se prometer guardar este assunto para si, prometo entrar em contato consigo logo que regresse. Há mais alguma coisa que possa contar-me? Há alguma maneira de eu entrar em contato com a sua mãe antes de partir?

— Nem mesmo eu tenho forma de comunicar com ela, a não ser por carta — respondeu ela, categórica. — Além disso, ela não fala inglês. Quando voltar para casa, daqui a dois anos, vou eu mesma perguntar-lhe o que sabe sobre esse assunto.

Suspirei. Dois anos seria tarde de mais, um tempo inimaginável. Sentia já uma certa ansiedade em separar-me daquela estranha companheira de alguns dias — de horas, na realidade, a única pessoa além de mim que sabia alguma coisa sobre a natureza do desaparecimento de Rossi. Depois disso, estaria por minha conta num país sobre o qual nem

sequer pensara muito. Entretanto, aquilo tinha de ser feito. Estendi-lhe a mão.

— Miss Rossi, obrigado por ter suportado um lunático inofensivo durante dois dias. Se voltar em segurança, fique certa de que será avisada... quero dizer, talvez... se eu trazer o seu pai de volta em segurança...

Fez um gesto vago com a mão enluvada, como se o seu interesse não fosse de modo algum o regresso de Rossi em segurança, mas apertou-me a mão com cordialidade. Tive a sensação de que a sua mão firme era o meu último contato com o mundo conhecido.

— Adeus — disse ela. — Desejo-lhe toda a sorte possível para a sua pesquisa — E misturou-se à multidão os paramédicos estavam a fechar as portas da ambulância. Dei meia volta, também, e comecei a descer as escadas para atravessar o quadrângulo. A uns trinta metros da universidade, parei e olhei para trás, esperando entrever a sua figura vestida de escuro no meio dos que acompanhavam a atividade da ambulância. Para minha surpresa, ela vinha a correr na minha direção, já quase a alcançar-me. Chegou rapidamente e vi que as suas faces tinham adquirido um vivo colorido de rubi. A sua expressão era ansiosa.

— Tenho estado a pensar — disse, e depois calou-se. Parecia estar a recuperar o fôlego. — Esta questão diz respeito à minha vida mais do que qualquer outra coisa. — O seu olhar era direto, desafiador. — Não sei bem como, mas acho que vou consigo.

O meu pai arranjou uma desculpa plausível para estar a ler o acervo sobre vampiros de Oxford em vez de estar na sua reunião. A reunião fora cancelada, explicou, apertando a mão de Stephen Barley com a sua cordialidade habitual. Fora até ali por um hábito antigo aqui parou, quase mordendo os lábios, e tentou outra saída. Procurava um pouco de paz e sossego (no que eu facilmente acreditava). A sua gratidão pela presença de Stephen, pela sua estatura, a sua saúde e juventude exuberantes, a sua aparência tranquilizadora envolta na camisola de lã, foi palpável. Afinal, o que me diria o meu pai se o tivesse surpreendido ali sozinha? Como teria explicado, ou fechado tão despreocupadamente o *int-fólio* sob a sua mão? Fê-lo, mas tarde demais; eu já tinha visto o título de um dos capítulos destacado no grosso papel cor de marfim: "*Vampires de Provence et des Pyrenees.*"

Dormi mal naquela noite na cama de dossel e *chintz* da casa do reitor da faculdade, acordando de estranhos sonhos com intervalos de poucas horas. Num desses momentos, vi a luz acesa por baixo da porta da casa de banho entre o meu quarto e o do meu pai, o que me tranquilizou. De vez em quando, porém, a sensação de que ele não estava a dormir, de que havia uma atividade silenciosa no quarto ao lado, arrancava-me subitamente ao meu descanso. Perto do amanhecer, quando uma névoa cor de ardósia começou a aparecer através das cortinas, acordei definitivamente.

Dessa vez, foi o silêncio que me acordou. Tudo estava demasiado parado: a tênue silhueta das árvores no pátio (espreitei pelo canto das cortinas), o imenso guarda-fatos junto da minha cama e, acima de tudo, o quarto do meu pai, ao lado. Não é que eu esperasse vê-lo de pé àquela hora; no mínimo, devia estar ainda a dormir talvez a ressonar ligeiramente, se estivesse deitado de costas —, tentando apagar da cabeça as preocupações do dia anterior, adiando a massacrante agenda de conferências, seminários e debates que tinha diante de si. Durante as nossas viagens, ele costumava dar uma pancadinha jovial na minha porta quando eu me levantava, um convite para me apressar a juntar-me a ele para uma caminhada antes do pequeno-almoço.

Nessa manhã, o silêncio oprimia-me sem qualquer razão, e desci de minha grande cama, vesti-me e atirei uma toalha por cima do ombro. Iria lavar a cara no lavatório da casa de banho e ao mesmo tempo ouvir a respiração noturna do meu pai. Bati ao de leve na porta da casa de banho para ter a certeza de que ele não estava lá dentro. O silêncio tornou-se ainda mais profundo quando me vi diante do espelho, a enxugar a cara. Encostei o ouvido à porta dele. Devia estar a dormir um sono pesado. Sabia que seria desumano interromper o seu merecido sono, mas o pânico começava a tomar conta dos meus braços e pernas. Bati ao de leve. Não ouvi qualquer ruído. Durante anos, tínhamos mantido intacta a privacidade um do outro mas naquele momento, sob a cinzenta luz matinal que entrava pela janela da casa de banho, rodei a maçaneta e abri a porta. As espessas cortinas do quarto do meu pai ainda estavam fechadas, de modo que levei alguns segundos a

reconhecer o contorno indistinto dos móveis e dos quadros. O silêncio fez-me arrepiar a pele da nuca. Dei um passo na direção da cama, falei com ele. De perto, entretanto, a cama estava feita e intacta, escura no quarto escuro. O quarto estava vazio. Deixei escapar a respiração que prendera. Ele saía, saía para caminhar sozinho, provavelmente, a precisar de solidão e de tempo para refletir. Mas alguma coisa me fez acender a luz junto da cama e olhar em volta com mais cuidado. Sob o círculo de luz, havia um bilhete que me era dirigido e, em cima do papel, havia duas coisas que me apanharam de surpresa: um pequeno crucifixo de prata num fio grosso e uma cabeça de alho. A crua realidade desses objetos deu-me a volta ao estômago antes mesmo de ler as palavras do meu pai.

Minha querida filha:

Lamento muitíssimo surpreender-te desta maneira, mas fui chamado para resolver um novo negócio e não quis perturbar-te durante a noite. Vou estar fora apenas uns dias, segundo espero. Combinei com o reitor James fazer-te chegar a casa em segurança na companhia do nosso jovem amigo Stephen Barley. Ele foi dispensado das aulas por dois dias e vai levar-te para Amsterdã esta noite. Gostaria que fosse Mrs. Clay a vir-te buscar, mas a irmã está doente e ela teve de voltar para Liverpool. Vai tentar estar em nossa casa esta noite para te receber. De qualquer maneira, estarás bem acompanhada e espero que te portes ajuizadamente. Não te preocupes com a minha ausência. Trata-se de um assunto confidencial, mas estarei em casa o mais cedo que puder e nessa altura explicarei tudo. Entretanto, peço-te, do fundo do meu coração, que uses o crucifixo e tragas sempre um pouco de alho em cada bolso. Sabes que nunca te pressionei no que se refere a religião ou superstição, e continuo firmemente a não acreditar em nenhuma das duas. Mas temos de lidar com o mal de acordo com os seus próprios termos, tanto quanto possível, e já conheces o alcance desses termos. Suplico-te, com o meu coração de pai, que não ignores os meus desejos sobre este ponto.

O bilhete estava assinado "com muito afeto", mas pude verificar que o escrevera à pressa. O meu coração batia com força. Prendi rapidamente o fio em volta do pescoço e dividi o alho para colocar nos bolsos do meu vestido. Era mesmo do meu pai, pensei, olhando em volta do quarto vazio, fazer a cama com tanto esmero no meio de uma pressa silenciosa para sair da universidade. Mas porquê essa pressa? Fosse qual fosse a sua incumbência, não poderia ser uma simples missão diplomática, ou ter-me-ia contado. Já tinha ocorrido com frequência a emergências profissionais; eu sabia que já tivera de partir quase de repente para ajudar a resolver crises do outro lado da Europa, mas sempre me dissera para onde ia. Desta vez, o meu coração a bater descompassadamente dizia-me que não fora em trabalho. Além disso, teria supostamente de permanecer em Oxford durante aquela semana, a fazer conferências e a participar em reuniões. Não era pessoa para quebrar um compromisso levianamente.

Não. O seu desaparecimento devia estar relacionado com a tensão que vinha a mostrar ultimamente, e apercebi-me então de que há muito tempo receava algo assim. Ainda por cima, havia a considerar aquela cena da véspera no Radcliffe, o meu pai mergulhado em...

o que estaria ele a ler, exatamente? Ah, e para onde, para onde teria ido? Para onde, ser mim? Pela primeira vez, em todos os anos de que me lembrava, todos os anos em que o meu pai me protegera da solidão de uma vida sem mãe, sem irmãos, sem país natal, todos os anos em que ele fora pai e mãe para mim — pela primeira vez, senti-me órfã.

O reitor foi muito amável quando apareci com a minha mala feita e o meu impermeável no braço. Expliquei-lhe que podia perfeitamente viajar sozinha. Assegurei-lhe de que ficava muito grata pela sua oferta em fazer-me acompanhar até a casa por um aluno atravessando todo o Canal e que nunca esqueceria a sua bondade. Senti uma pontada, uma pequena mas nítida sensação de decepção — como seria agradável viajar um dia inteiro com Stephen Barley a sorrir-me do banco oposto do comboio! Mas tinha de dizer aquilo. Estaria em casa em segurança dentro de poucas horas, repeti, reprimindo a súbita imagem mental de uma bacia de mármore vermelho cheia de uma água melodiosa, receando que aquele homem de sorriso bondoso a adivinhasse em mim ou a visse mesmo no meu rosto. Depressa estaria em casa, em segurança, e poderia telefonar-lhe se fosse preciso, para o tranquilizar. E, além disso, é claro, acrescentei com uma duplicidade ainda maior, o meu pai também estaria em casa dentro de poucos dias.

O reitor tinha a certeza de que eu era capaz de viajar sozinha; eu parecia ser uma rapariga independente, sem dúvida. A questão é que ele não podia e sorriu-me ainda com mais doçura, simplesmente não podia deixar de cumprir a palavra que dera ao meu pai, um velho amigo seu. Eu era o tesouro mais precioso do meu pai, e o reitor não podia deixar-me partir sem uma proteção adequada. Não era por mim, tinha de compreender, mas pelo meu pai tínhamos de lhe fazer a vontade. Stephen Barley materializou-se antes que eu pudesse apresentar mais objeções, ou mesmo assimilar o fato de o reitor e o meu pai serem velhos amigos, quando me parecia que eles se tinham encontrado pela primeira vez apenas dois dias antes. Não tive tempo, todavia, para pensar nessa irregularidade. Stephen encontrava-se diante de mim e, por sua vez, parecia ser um velho amigo meu, segurando o seu casaco e a sua mala, e eu não estava completamente triste por vê-lo. Lamentava o desvio que me iria custar, mas não tanto quanto deveria. Era impossível acolher mal o seu sorriso largo e verdadeiro, ou o seu "Livrou-me de uma quantidade de trabalho aqui, hein?".

O reitor James foi mais sóbrio.

— Ainda tem uma tarefa a cumprir, meu rapaz — disse ele. — Quero que me telefone de Amsterdã logo que chegar, e quero falar com a governanta. Aqui tem o dinheiro para os bilhetes e para algumas refeições, e traga-me as notas de despesa quando voltar. — Em seguida, piscou os olhos cor de avelã. — O que não quer dizer que não possa comprar um chocolate holandês na estação. Traga-me um, também. Não é tão bom como o belga, mas serve. Agora vão-se embora, e juízo. — Em seguida, apertou-me a mão com ar grave e deu-me o seu cartão. — Adeus, minha querida. Venha ver-nos outra vez quando estiver a pensar numa universidade para si.

Ao sairmos do gabinete, Stephen segurou-me na mala.

— Vamos, então. Os bilhetes são para o comboio das dez e meia, mas podemos ir andando.

O reitor e o meu pai não tinham descurado nenhum pormenor, pensei, imaginando quantos obstáculos ainda teria de enfrentar em casa. Por enquanto, tinha outros planos.

— Stephen? — comecei.

— Ah, prefiro que me chame Barley. — E riu-se. — Toda a gente me chama assim, e já estou tão habituado que me dá arrepios ouvir o meu primeiro nome.

— Está bem. — O sorriso dele era tão contagiante naquele dia como na véspera. — Barley, posso pedir-lhe um favor antes de partirmos? Ele concordou com a cabeça. — Gostava de ir ao Radcliffe mais uma vez. É tão bonito e... queria ver o acervo sobre os vampiros. Não cheguei a vê-lo, de fato.

Ele resmungou.

— Já reparei que gosta dessas coisas horríveis. Deve ser de família.

— Eu sei.

Senti que corava.

— Está bem, vamos lá de novo dar uma olhadela rápida, mas temos de correr. O reitor James vai cravar-me uma estaca no coração se perdermos o comboio.

O Edifício Radcliffe estava sossegado naquela manhã, quase vazio, e subimos depressa uma escadaria bem encerada para chegar à saleta macabra onde tínhamos surpreendido o meu pai na véspera. Reprimi a vontade de chorar quando entramos na minúscula divisão: horas antes, o meu pai estivera ali sentado, com aquela expressão estranhamente distante a velar-lhe o olhar, e agora eu nem sequer sabia onde ele estava.

Contudo, lembrava-me do lugar da estante onde ele voltara a pôr o livro, com ar displicente, enquanto conversávamos. Deveria estar por baixo da caixa com a caveira, à esquerda. Corri o dedo pela borda da prateleira. Barley estava junto de mim (era impossível não ficarmos próximos naquele espaço diminuto, e desejei que ele sáísse para a galeria), a observar-me com franca curiosidade. No lugar onde o livro deveria estar, havia uma lacuna, como um dente que faltasse numa dentadura. Fiquei gelada: o meu pai jamais roubaria um livro, estava fora de questão; portanto, quem o teria tirado dali? Um segundo depois, porém, reconheci o livro, a um palmo de distância. Alguém com certeza o mudara de sítio desde que eu estivera ali no dia anterior. O meu pai teria voltado para o ver novamente? Ou teria sido outra pessoa a tirá-lo da estante? Olhei desconfiada para a caveira na caixa de vidro, mas ela devolveu-me um olhar ameno, anatômico. Então, tirei o livro com muito cuidado e lá estava a capa grande, cor de osso, com uma fita de seda negra a sair de cima. Pousei-o sobre a mesa e abri-o no frontispício: *Vampires du Moyen Age, Barão de Hejduke, Bucareste, 1886*.

— O que é que quer dessa coisa mórbida? — Barley espreitava por cima do meu ombro.

— Trabalho escolar — murmurei.

Segundo me lembrava, o livro estava dividido em capítulos: *Vampires de la Toscane*, *Vampires de la Normandie*, e assim por diante. Finalmente, encontrei o que queria: *Vampires de Provence et des Pyrenees*. Meu Deus, estaria o meu francês à altura? Barley começava a olhar para o relógio. Percorri rapidamente a página com o dedo, procurando não tocar nas magníficas letras nem no papel marfim. *Vampires dans les villages de Provence*,... De que estaria o meu pai à procura? Na véspera, estava a ler atentamente aquela primeira página do capítulo. "*Il y a aussi une légende...*" Aproximei-me mais.

Desde aquele dia, vivi muitas vezes a experiência daquele momento. Até então, as minhas incursões ao francês escrito tinham tido apenas fins utilitários, quase como completar exercícios de matemática. Entender uma frase era meramente uma ponte para o exercício seguinte. Nunca antes conhecera o frêmito repentino de compreensão que viaja da palavra para o cérebro e para o coração, a maneira como uma nova língua pode mover-se, serpentear, nadar para a vida perante os nossos olhos, o salto quase selvagem da percepção, a instantânea e exultante libertação do significado, a forma como as palavras se despem dos seus corpos impressos num clarão de luz e calor. Desde então, vivi essa hora da verdade com outros companheiros: alemão, russo, latim, grego e por um breve instante sânscrito.

Mas aquela primeira vez encerrou a revelação de todas as outras. "*Il y a aussi une légende...*", sussurrei, e Barley inclinou-se para seguir as palavras. O que ele traduziu em voz alta, todavia, já eu assimilara com um sobressalto mental: "Existe também uma lenda que diz que Drácula, o mais nobre e o mais perigoso de todos os vampiros, atingiu o seu poder não na região da Valáquia mas, através de uma heresia, no mosteiro de Saint-Mathieu-des-Pyrénées-Orientales, uma casa beneditina fundada no ano 1000 de Nosso Senhor."

— De que se trata, afinal?

— Trabalho escolar — repeti, mas os nossos olhares cruzaram-se estranhamente por cima do livro e ele parecia estar a ver-me pela primeira vez.

— O seu francês é muito bom? — perguntei, humildemente.

— Claro. — Sorriu e inclinou-se de novo para a página. — "Diz-se que Drácula visita o mosteiro em cada dezesseis anos para prestar homenagem às suas origens e renovar as influências que lhe permitiram viver na morte"

— Continue, por favor. — E agarrei-me à borda da mesa.

— Com certeza — disse ele. — Os cálculos feitos pelo irmão Pierre de Provence no início do século dezessete indicam que Drácula visita Samt-Mathieu no quarto crescente do mês de Maio.

Não havia mais nenhuma referência a Samt-Mathieu; as páginas restantes parafraseavam um documento de uma igreja em Perpignan sobre problemas com ovelhas e cabras da região em 1428, não ficava claro se o frade-autor culpava os vampiros ou os ladrões de ovelhas pelos problemas.

— Que coisa mais esquisita — comentou Barley. — É isso o que a sua família lê para se

distrair? Quer que eu leia agora sobre os vampiros de Chipre

Nada mais no livro parecia relevante para os meus objetivos e, quando Barley olhou de novo para o relógio, virei as costas as sedutoras paredes cheias de livros.

— Meu Deus, que programa animado! — disse Barley ao descer a escadaria. — Você é uma rapariga invulgar, não é? — Não percebi qual era o sentido do comentário dele, mas esperava que fosse um elogio.

No comboio, Barley divertiu-me a contar-me histórias sobre os seus colegas, um bando de doidivas, depois pegou na minha mala e subimos para bordo por cima da oleosa água cinzenta do canal da Mancha. Estava um dia límpido e frio e fomos sentar-nos nos bancos de plástico do interior, protegidos do vento.

— Não tenho muito tempo para dormir durante o semestre de aulas — explicou Stephen, e adormeceu imediatamente, com o casaco enrolado como uma bola sob um dos ombros.

Convinha-me que ele dormisse umas boas horas, porque eu tinha muito em que pensar, questões de natureza prática mas também escolares. O meu problema imediato não era uma questão de ligações entre acontecimentos históricos, mas Mrs. Clay. Ela estaria firme como uma rocha, à espera no vestíbulo da nossa casa em Amsterdã, sufocada de preocupação pelo meu pai e por mim. A sua presença prender-me-ia em casa pelo menos até ao dia seguinte e, se eu não aparecesse depois da escola ao fim da tarde, iria no meu encalço como uma matilha de lobos, provavelmente levando consigo toda a força policial de Amsterdã para lhe fazer companhia. E havia também Barley. Olhei para o seu rosto adormecido à minha frente; ressonava discretamente encostado ao seu casaco. Barley iria tomar o *ferry* outra vez quando eu fosse para a escola, e tinha de ter cuidado para não me encontrar com ele no caminho.

Mrs. Clay estava de fato em casa quando chegamos. Barley parou comigo no degrau da entrada enquanto eu procurava as minhas chaves; contemplava com admiração as velhas casas dos mercadores e a água que brilhava nos canais.

— Que maravilha! E todos esses rostos de Rembrandt nas ruas!

Quando Mrs. Clay abriu subitamente a porta e me puxou para dentro, ele quase ficou do lado de fora. Fiquei aliviada ao vê-lo adotar as suas boas maneiras. Enquanto os dois desapareciam na cozinha para telefonar ao reitor James, corri para o andar de cima, gritando-lhes que queria lavar a cara. Na realidade e o pensamento fez-me bater o coração com uma velocidade cheia de culpa, a minha intenção era saquear imediatamente a cidadela do meu pai. Depois pensaria como lidar com Mrs. Clay e com Barley. Naquele momento, tinha de encontrar o que achava que estava escondido ali.

A nossa casa, construída em 1620, tinha três quartos de dormir no segundo andar, quartos que o meu pai adorava, estreitos e com vigas escuras no teto, porque, segundo ele,

pareciam-lhe ainda habitados pelas pessoas simples e trabalhadoras que tinham outrora vivido neles. O seu quarto era o maior dos três, e continha peças admiráveis de mobiliário de época holandês. Ele misturara os móveis espartanos com um tapete otomano e uma cama com cortinas, um pequeno esboço de Van Gogh e doze tachos de cobre trazidos de uma casa de quinta francesa — que formavam uma fila numa das paredes e captavam reflexos de luz do canal em baixo. Hoje dou-me conta de como esse quarto era extraordinário, não só pelo gosto eclético que demonstrava, como pela sua simplicidade monástica. Não havia ali um único livro; todos tinham sido relegados para a biblioteca, no andar de baixo. Nenhuma peça de roupa fora alguma vez pendurada nas costas da cadeira do século dezessete, nenhum jornal profanara a grande escrivaninha. Não havia telefone nem mesmo um relógio o meu pai acordava naturalmente muito cedo todas as manhãs. Era apenas um espaço para viver, um lugar para dormir, acordar e talvez rezar embora eu não pudesse afirmar que ali ainda se rezasse — como tinha sido quando o quarto era novo. Eu adorava aquele quarto, mas raramente lá entrava.

Naquele dia, entrei sem fazer barulho, como um ladrão, fechei a porta e abri a escrivaninha. Foi uma sensação horrível, como quebrar o lacre de um caixão, mas não me detive, tirando tudo de dentro dos escaninhos, vasculhando as gavetas, mas voltando a pôr no seu lugar cada objeto com o maior cuidado à medida que prosseguia — as cartas dos seus amigos, as suas belas canetas, o seu papel de carta com monograma. Por fim, a minha mão encontrou um pacote fechado. Abri-o sem escrúpulos e vi que lá dentro havia um curto bilhete dirigido a mim, advertindo-me de que só lesse as cartas que continha no caso da morte do meu pai ou do seu desaparecimento por longo tempo. Não o tinha visto a escrever, noite após noite, algo que tapava com um braço quando eu me aproximava? Peguei no pacote sofregamente, fechei a escrivaninha e levei o meu achado para o meu quarto, com o ouvido atento aos passos de Mrs. Clay na escada.

O pacote estava cheio de cartas, cada uma delas bem dobrada dentro de um envelope e dirigida a mim com a morada da nossa casa, como se ele achasse que talvez precisasse de mas enviar, uma de cada vez, de algum outro lugar. Mantive-as em ordem ah, eu aprendera coisas sem dar por isso e abri a primeira com cuidado. A data era de seis meses antes e parecia começar, não com meras palavras, mas com um grito vindo do fundo do coração. *Minha querida filha a letra dele tremia diante dos meus olhos. Se estás a ler esta carta, perdoa-me. Parti para procurar a tua mãe.*

Parte II



Para que casa tinha eu vindo e que espécie de gente morava ali?

Em que aventura me tinham embrenhado?... Comecei a esfregar os olhos e belisquei-me para verificar se estava acordado. Tudo me parecia um pesadelo horrível e esperava despertar subitamente e encontrar-me em casa.

Senti, porém, os beliscões que dei em mim próprio e obtive a certeza de que estava bem acordado e nos montes Cárpatos. Tudo o que podia fazer era encher-me de paciência e esperar que amanhecesse.

Bram Stoker, — DRÁCULA, 1897

A estação de caminho-de-ferro de Amsterdã era um lugar que conhecia bem já passara por lá dezenas de vezes. Mas nunca tinha estado ali sozinha. Nunca tinha viajado para sítio nenhum sozinha e, quando me sentei num banco à espera do expresso da manhã para Paris, senti a minha pulsação acelerar-se, o que não era inteiramente apreensão pelo meu pai — era simplesmente uma subida de seiva, o primeiro momento de liberdade completa que já sentira. Mrs. Clay, que naquele momento devia estar em casa a lavar a louça do pequeno-almoço, pensava que eu ia a caminho da escola. Barley, garantidamente despachado para o *ferry*, também pensava que eu ia a caminho da escola. Sentia-me mal por ter enganado a boa e enfadonha Mrs. Clay, e ainda pior por me ter separado de Barley que me beijara a mão com repentina galanteria à porta de casa e me dera um dos seus chocolates, embora eu lhe tivesse lembrado que podia comprar doces holandeses a qualquer momento que quisesse. Pensei que podia escrever-lhe uma carta quando todos aqueles problemas tivessem acabado mas eu não conseguia ver tão longe.

Por enquanto, a manhã de Amsterdã cintilava, reluzia, movimentava-se à minha volta. Mesmo naquela manhã, quando fui da nossa casa até à estação, encontrei algo de reconfortante na caminhada ao longo dos canais, o perfume do pão acabado de cozer, o cheiro úmido dos canais, a limpeza aplicada e não muito elegante de tudo. Num banco da estação, revii a minha bagagem: uma muda de roupa, as cartas do meu pai, pão, queijo e embalagens de sumo de fruta que tirara da cozinha. Também tinha saqueado a confortável reserva de dinheiro da cozinha — já que ia fazer uma coisa feia, também podia fazer outras para completar o que tinha na carteira. Isso faria com que Mrs. Clay percebesse depressa demais o que acontecera, mas não havia outra maneira — eu não podia esperar que os bancos abrissem para tirar dinheiro das minhas pequenas e infantis poupanças. Trazia uma camisola quente e um impermeável, o meu passaporte, um livro para as longas viagens de comboio e o meu dicionário de bolso de Francês.

E tinha roubado mais outra coisa. Na sala, pegara numa faca de prata que estava numa vitrina no meio de lembranças das primeiras e prolongadas missões diplomáticas do meu pai, as viagens que tinham sido as primeiras tentativas de estabelecer a sua fundação. Nessa altura, eu era demasiado nova para o acompanhar e tinha-me deixado nos Estados Unidos ao cuidado de vários parentes. A faca era sinistramente afiada, com um cabo decorado em relevo. Repousava numa bainha, também profusamente decorada. Era a única arma que eu alguma vez vira na nossa casa o meu pai não gostava de armas de fogo, e os seus gostos de colecionador não incluíam espadas nem machados de guerra. Não tinha a menor idéia de como me defender com a pequena lâmina, mas sentia-me mais segura sabendo que estava na minha bolsa.

Quando o comboio expresso chegou, a estação já estava cheia de gente. Senti, então, como sinto ainda hoje, que não há alegria como a da chegada de um comboio, por mais

perturbadora que seja a situação da pessoa principalmente quando se trata de um comboio europeu, e sobretudo se for um comboio europeu que nos leve para o Sul. Durante aquele período da minha vida, no último quartel do século vinte, ouvi o apito das últimas locomotivas a vapor que cruzavam regularmente os Alpes e esse som perdura nos meus ouvidos como o canto de uma sereia. Subi para o comboio agarrada à minha mochila da escola, quase a sorrir. Teria muitas horas à frente, e precisava delas, não para ler o meu livro, mas para examinar novamente as preciosas cartas do meu pai. Acreditava ter escolhido o meu destino corretamente, mas precisava de refletir por que razão estava correto.

Encontrei um compartimento tranquilo e fechei as cortinas que davam para o corredor junto ao meu assento, esperando que não entrasse mais ninguém. Instantes depois, uma senhora de meia-idade, com um casaco azul e chapéu, acabou por entrar também, mas sorriu-me e instalou-se com umas revistas holandesas de moda no colo. Confortável no meu canto, observando a velha cidade e depois os pequenos subúrbios verdes a passarem, desdobrei novamente a primeira das cartas do meu pai. Já sabia de cor as primeiras linhas, a forma das palavras, o lugar e a data surpreendentes, a letra firme e apressada.

Minha querida filha:

Se estiveres a ler esta carta, perdoa-me. Parti para procurar a tua mãe. Durante muitos anos, acreditei que estivesse morta, mas agora não tenho a certeza. Esta incerteza é quase pior do que a dor, como talvez um dia compreendas; tortura-me o coração noite e dia. Nunca te falei muito sobre ela, o que foi uma fraqueza minha, eu sei, mas a nossa história era dolorosa demais para ser contada com facilidade. Sempre tive a intenção de te contar mais à medida que crescesses e pudesses percebê-la melhor sem ficares terrivelmente assustada embora na verdade me tenha assustado a tal ponto, e tão interminavelmente, que esta tem sido a mais fraca das desculpas que dou a mim mesmo sobre este assunto.

Durante os últimos meses, tentei compensar a minha fraqueza contando-te, aos poucos, o que podia contar-te sobre o meu passado, e pretendia incluir gradualmente a tua mãe na história, ainda que ela tenha entrado na minha vida de modo muito repentino. Agora, receio não conseguir contar-te tudo o que devias saber sobre a tua herança antes de ser eu próprio silenciado e literalmente incapaz de te transmitir pessoalmente as informações ou ficar outra vez prisioneiro dos meus próprios silêncios.

Descrevi-te um pouco da minha vida como estudante universitário antes de tu nasceres, e falei-te das estranhas circunstâncias do desaparecimento do meu orientador depois das revelações que me fez. Também te contei como conheci uma jovem chamada Helen, tão interessada como eu em encontrar o professor Rossi, talvez até mais. Em cada oportunidade tranquila que tivemos, tentei fazer essa história avançar, mas agora sinto que devia começar a escrever o resto dela, confiá-la com segurança ao papel. Se tiveres de a ler, em vez de me ouvires contar-ta numa colina rochosa ou piazza sossegada, num porto abrigado ou numa confortável mesa de café, a culpa é minha por não tê-la contado mais depressa, ou mais cedo.

Enquanto escrevo esta carta, olho lá para fora e vejo as luzes de um velho porto e tu estás a dormir, serena e inocente, no quarto ao lado. Estou cansado depois de um dia de trabalho, e

cansado só de pensar no início desta longa narrativa uma obrigação triste, uma triste precaução. Creio que tenho algumas semanas, talvez meses, durante os quais conseguirei decerto continuar a minha história pessoalmente; por isso, não vou voltar ao que já te contei durante as nossas andanças por tantos países. Para além desse período de tempo semanas ou meses, já não tenho tanta certeza. Estas cartas são o meu seguro contra a tua solidão. Na pior das hipóteses, herdarás a minha casa, o meu dinheiro, os meus móveis e livros, mas quase posso apostar que vais dar mais valor a estes documentos escritos com o meu próprio punho do que a qualquer das outras coisas, porque eles vão conter a tua história pessoal, a tua História.

Por que razão não te revelei todos os fatos desta história de uma vez só, para acabar com isto, para te contar tudo o que havia a contar? Mais uma vez, a resposta está na minha própria fraqueza, mas também no fato de que uma versão abreviada seria exatamente isso um golpe. Não posso de modo algum desejar-te tanta dor, mesmo sendo apenas uma fração da minha própria dor. Além disso, se te contasse tudo de uma só vez, poderias não acreditar, assim como eu não acreditei completamente na história do meu orientador Rossi antes de percorrer devagar as suas reminiscências. E, por fim, que história pode ser de fato reduzida aos seus elementos factuais? Por isso, vou contar-te a minha história passo a passo. Também vou tentar adivinhar o que já terei conseguido contar-te se estas cartas se chegarem às mãos.

A previsão do meu pai não tinha sido muito exata, e começou a sua história um pouco além do que eu já sabia. Provavelmente, nunca chegaria a saber qual fora a reação dele a espantosa decisão de Helen Rossi de o acompanhar nas suas buscas, pensei com tristeza, ou os pormenores interessantes da viagem deles da Nova Inglaterra para Istambul. Como perguntei a mim própria, de que modo teriam conseguido obter toda a papelada necessária, superar os obstáculos da hostilidade política, os vistos, as alfândegas. Teria o meu pai contado aos seus pais, gentis e sensatos hostomanos, alguma mentira inocente sobre os seus repentinos planos de viagem? Teriam ele e Helen ido para Nova Iorque imediatamente como ele tinha planejado? E teriam dormido no mesmo quarto de hotel? A minha cabeça de adolescente não conseguia resolver aquela charada e também não conseguia deixar de pensar nela. Finalmente, tive de me contentar com uma imagem dos dois como personagens de um filme do tempo da juventude deles; Helen discretamente estendida sob a colcha da cama de casal, o meu pai a dormir num sofá, desconsolado e sem sapatos apenas sem os sapatos e as luzes de Times Square a piscar um sórdido convite mesmo do lado de fora da janela.

Seis dias após o desaparecimento de Rossi, partimos para Istambul do Aeroporto de Idlewild numa noite de neblina a meio da semana, mudando de avião em Frankfurt. C nosso segundo avião aterrou na manhã seguinte, e fomos conduzidos para fora em grupo com os outros passageiros. Eu já estivera na Europa Oriental duas vezes, mas essas viagens pareciam-me agora excursões a um planeta totalmente diferente daquele a Turquia, que em 1954 estava a ainda mais mundos de distância do que hoje. Num momento, estava encolhido na minha desconfortável poltrona de avião, limpando o rosto com uma toalha

quente, e, no momento seguinte, estávamos os dois de pé lá fora, numa pista de aterragem igualmente quente, com odores desconhecidos que sopravam em volta, e poeira, e a *écharpe* esvoaçante de um árabe à nossa frente na fila — a *écharpe* insistia em entrar-me na boca. Helen ria-se ao meu lado, observando a minha perplexidade com tudo aquilo. No o avião, ele escovara o cabelo, pusera batom nos lábios e parecia surpreendentemente repousada depois da noite incomoda a bordo. Usava um pequeno lenço atado ao pescoço; eu ainda não vira o que estava por baixo dele, e não me atreveria a pedir-lhe que o tirasse

— Bem-vindo ao grande mundo, ianque — disse ela, sorrindo. Desta vez era um sorriso verdadeiro, e não a sua habitual careta.

A minha perplexidade aumentou durante a viagem de taxi até à cidade. Não se exatamente o que esperava de Istambul nada, talvez, já que tivera tão pouco tempo para antecipar a viagem, mas a beleza da cidade tirou-me a respiração. Tinha um caráter de *Mil e Uma Noites* que nem todos aqueles carros a buzinar ou os homens de negócios com fatos ocidentais conseguiam anular. A primeira cidade, Constantinopla, capital de Bizâncio (primeira capital da Roma cristã, deve ter sido inacreditavelmente deslumbrante, pensei um casamento entre a riqueza de Roma e o misticismo do cristianismo primitivo. Quando encontramos quartos no velho bairro de Sultanahmet, já tinha sido atingido por visões fugazes e estonteantes de dezenas de mesquitas e minaretes, de bazares exibindo tecidos finos, e até um lampejo de Hagia Sophia, com as suas muitas cúpulas e quatro chifres: enfundando-se acima da península.

Helen também nunca ali estivera e observava tudo com uma concentração silenciosa, virando-se para mim uma única vez durante a viagem de táxi para comentar como era estranho para ela conhecer a nascente creio que foi essa a palavra que usou do Império Otomano, que deixara tantos vestígios no seu país natal. Mais tarde, isso tornar-se-ia um assunto habitual nos nossos dias ali as suas observações breves e sagazes sobre tudo o que já lhe era familiar: nomes de lugares em turco, uma salada de pepino num restaurante ao ar livre, o arco em ogiva de uma janela. E também teve um efeito singular sobre mim, uma espécie de duplicação da minha experiência, de maneira que eu parecia estar a ver Istambul e a Romênia ao mesmo tempo, e, à medida que a possibilidade de podermos ter de ir à Romênia surgiu gradualmente entre nós, tive a sensação de estar a ser levado até lá por relíquias do passado vistas através dos olhos de Helen. Mas estou a desviar-me do assunto: este é um episódio posterior de minha história.

O vestibulo da nossa pensão era fresco, depois da forte claridade e da poeira das ruas. Afundei-me com alívio numa cadeira na entrada, deixando Helen reservar dois quartos no seu francês excelente mas com um sotaque muito carregado. A senhoria uma armênia que gostava de viajantes e aparentemente aprendera as suas línguas também não conhecia o nome do hotel de Rossi, que talvez já não existisse há anos.

Helen gostava de mandar, pensei, então por que não lhe permitir essa satisfação? Entre nós, havia o acordo tácito, mas firme, de que mais tarde eu pagaria a conta. Nos

Estados Unidos, tinha retirado do banco a totalidade das minhas parcas economias; Ross merecia todos os esforços que eu pudesse fazer, mesmo que fracassasse. Simplesmente teria de voltar para casa falido, se fosse caso disso. Eu sabia que Helen, uma estudante estrangeira, tinha provavelmente menos do que nada, vivia com menos do que nada. Já notara que parecia possuir apenas dois conjuntos de saia e casaco, que variava com algumas blusas de corte severo.

— Sim, ficaremos com os dois quartos separados mas contíguos — disse ela à senhora armênia, uma mulher idosa de traços finos. — O meu irmão — *mon frère* — *ronfle terriblement*.

— *Ronfle?* — perguntei, do vestibulo.

— Ressona — respondeu ela, brusca. — Sabes muito bem que ressonas. Não pegue olho em Nova Iorque.

— Preguei — corrigi.

— Ótimo — disse ela. — Limita-te a ficar calado, *s'il te plait*.

Ressonando ou não, tivemos de dormir um pouco para descansar do cansaço da viagem antes de conseguirmos fazer qualquer outra coisa. Helen queria começar imediatamente a procurar no arquivo, mas eu insisti que descansássemos um pouco e tomássemos uma refeição. De modo que a tarde já estava a acabar quando começamos a nossa primeira investida por aquelas ruas labirínticas, vendo de relance os seus jardins e pátios cheios de cores.

Rossi não tinha mencionado o nome do arquivo nas suas cartas, e, durante a nossa conversa, chamara-lhe simplesmente um "repositório pouco conhecido de material, fundado pelo sultão Mehmed II". A sua carta sobre a sua pesquisa em Istambul acrescentava que ficava ao lado de uma mesquita do século dezessete. Além disso, sabíamos que, de uma das janelas do arquivo, ele conseguia ver Hagia Sophia, que o edifício do arquivo tinha mais que um andar e uma porta que comunicava diretamente com a rua no primeiro piso. Eu tentara encontrar informações sobre um arquivo assim na biblioteca da universidade, nos Estados Unidos, antes da nossa partida, mas sem sucesso. Achava estranho que Rossi não tivesse citado o seu nome nas cartas; não era o seu gênero deixar de fora um pormenor como esse, mas talvez não quisesse lembrar-se. Tinha todos os seus papéis comigo, na minha pasta, incluindo a lista dos documentos que encontrara lá, com aquela linha estranhamente incompleta no final: "Bibliografia, Ordem do Dragão." Procura numa cidade inteira, num emaranhado de minaretes e cúpulas, a origem daquela misteriosa frase escrita com a letra de Rossi era, no mínimo, uma perspectiva intimidante.

A única coisa que podíamos fazer era seguir para Hagia Sophia, originalmente a grande Igreja Bizantina de Santa Sophia. E, uma vez que nos aproximamos, foi impossível não entrar. Os portões estavam abertos e o imenso santuário puxou-nos para dentro juntamente com outros turistas, como se uma onda nos levasse para dentro de uma caverna. Durante mil e quatrocentos anos, pensei, os peregrinos tinham sido atraídos para

ali, exatamente como nós. Uma vez lá dentro, caminhei lentamente até ao centro e inclinei a cabeça para trás para observar aquele vasto espaço divino, com o seu famoso turbilhão de cúpulas e arcos, a sua luz celestial derramando-se em volta, os escudos redondos cobertos de caligrafia árabe nos cantos superiores, a mesquita a cobrir a igreja, a igreja a cobrir as ruínas de um mundo antigo. Os arcos curvavam-se muito, muito acima de nós, uma réplica do cosmos bizantino. Mal conseguia acreditar que estava ali. Estava completamente atordoado

Hoje, ao reviver aquele momento, vejo que tinha vivido entre os livros durante tanto tempo, no meu estreito ambiente universitário, que me tornara comprimido interiormente por eles. De repente, naquela ecoante casa de Bizâncio uma das maravilhas da História — o meu espírito extravasou para além dos seus limites. Soube naquele instante que, acontecesse o que acontecesse, nunca mais conseguiria voltar aos meus antigos grilhões. Queria seguir a vida para cima, expandi-la para fora, do mesmo modo que aquele enorme interior se dilatava para cima e para fora. O meu coração dilatava-se com ele, como jamais fizera em todas as minhas andanças pelo mundo dos mercadores holandeses.

Olhei para Helen e vi que também estava emocionada, a cabeça inclinada para trás como a minha, de forma que os seus caracóis escuros caíam sobre a gola da camisa, o rosto normalmente reservado e cínico agora cheio de uma pálida transcendência. Estendi a mão num impulso e agarrei a sua. Ela segurou a minha mão com força, com aquela firmeza quase dura que eu já conhecia do seu aperto de mão. Noutra mulher, poderia ser um gesto de submissão ou sedução, uma entrega romântica; em Helen era um gesto tão simples e forte como o seu olhar ou a sua postura distante. Depois de um momento, pareceu tomar consciência de si mesma; largou a minha mão, mas sem embaraço, e passeamos pela igreja juntos, admirando o belo púlpito, o brilhante mármore bizantino. Tive de fazer um grande esforço para me lembrar de que poderíamos voltar a Hagia Sophia em qualquer momento durante a nossa permanência em Istambul, e que a nossa tarefa prioritária naquela cidade era encontrar o arquivo. Helen aparentemente pensou a mesma coisa, pois dirigiu-se à entrada no mesmo momento que eu, e, esquivando-nos da multidão, voltamos à rua.

— O arquivo pode ficar muito longe — observou ela. — Santa Sophia é tão grande que pode ser vista de praticamente qualquer edifício desta parte da cidade, acho eu, ou até mesmo do outro lado do Bósforo.

— Eu sei. Temos de encontrar outra pista. As cartas diziam que o arquivo ficava anexo a uma pequena mesquita do século dezanove.

— A cidade está cheia de mesquitas.

— É verdade — folheei o meu guia turístico, comprado à pressa. — Vamos começar com esta, a Grande Mesquita dos Sultões. Mehmed II e a sua corte podem ter rezado algumas vezes. Foi construída no fim do século quinze; e seria lógico que a sua biblioteca ficasse nas redondezas, não acha?

Helen achava que valia a pena tentar e partimos a pé novamente. Durante c

percurso, mergulhei novamente no guia.

— Ouça. Aqui diz que Istambul é uma palavra bizantina que significava "a cidade". Sabe, nem mesmo os Otomanos podiam demolir Constantinopla, só mudar-lhe o nome, e mesmo assim para um nome bizantino. Aqui diz que o Império Bizantino durou de 333 a 1453. Imagine só; que longo, longo ocaso de poder.

Helen concordou.

— Não é possível pensar nesta parte do mundo sem Bizâncio — disse ela gravemente — E, sabe, na Romênia vêem-se traços do Império Bizantino em toda a parte... em cada igreja, nos frescos, nos mosteiros, até nos rostos das pessoas, creio eu. Lá, de certa maneira, Bizâncio está mais perto dos nossos olhos do que aqui, com todo esse... sedimento... otomano por cima. — O seu rosto ficou sombrio. — A conquista de Constantinopla por Mehmed I em 1453, foi uma das maiores tragédias da História. derrubou estas muralhas com os seus canhões e depois enviou os seus exércitos para pilharem e matarem durante três dias. Os soldados violaram meninas e meninos nos altares das igrejas, até em Santa Sophia. Os ícones e todos os outros tesouros sagrados foram roubados para o seu ouro ser derretido e as relíquias dos santos eram atiradas às ruas para os cães roerem. Antes disso, esta foi a cidade mais bonita da História. — A mão dela fechou-se, e apoiou o punho fechado na cintura.

Eu fiquei em silêncio. A cidade ainda era linda, com as suas cores intensas e as suas cúpulas e minaretes elegantes, quaisquer que tivessem sido as atrocidades ali cometidas tanto tempo antes. Começava a compreender a razão por que um momento terrível de há quinhentos anos era tão real para Helen, mas o que tinha isso a ver com as nossas vidas, no presente! De repente, ocorreu-me que talvez eu tivesse vindo de tão longe para nada, para aquele lugar mágico com aquela mulher complicada, procurando um inglês que poderia perfeitamente estar num autocarro a caminho de Nova Iorque. Pus de lado esse pensamento e tentei provocá-la um pouco.

— Como é que sabe tanto de História? Julguei que era antropóloga.

— E sou — disse ela, séria. — Mas não se pode estudar uma cultura sem conhecer a sua história.

— Então por que não é simplesmente historiadora? Podia ter estudado as culturas da mesma maneira, parece-me.

Talvez parecia ameaçadora agora, e o seu olhar evitava o meu.

— Mas eu queria uma área que o meu pai não tivesse já dominado.

A Grande Mesquita ainda estava aberta à luz dourada do entardecer, tanto aos turistas como aos fiéis. Tentei usar o meu medíocre alemão com o guarda à entrada, um rapaz de pele cor de azeitona e cabelos encaracolados como teriam sido, fisicamente, os Bizantinos, mas ele respondeu que não havia nenhuma biblioteca lá dentro, nenhum arquivo, nada desse tipo, e que nunca tinha ouvido falar de nenhuma nas redondezas. Perguntamos se ele tinha alguma sugestão. Podíamos tentar a universidade, sugeriu. Quanto a pequenas mesquitas, havia centenas delas na cidade.

— Já é tarde demais para irmos à universidade hoje — disse Helen, pensativa. Estava a estudar o guia. — Amanhã, podemos visitá-la e pedir informações a alguém sobre arquivos que datem da época de Mehmed. Acho que será a maneira mais eficaz. Vamos ver as velhas muralhas de Constantinopla. Podemos ir a pé daqui até uma parte delas.

Acompanhei-a pelas ruas enquanto ela decidia o caminho a seguir, o guia na mão enluvada, a pequena bolsa preta no braço. Bicicletas passavam rápidas por nós, túnicas otomanas misturadas com roupas ocidentais, carros estrangeiros e carroças puxadas por cavalos misturando-se uns com os outros. Para onde quer que eu olhasse, via homens de coletes escuros e pequenos gorros feitos de croché, mulheres com blusas de cores vivas por cima de calças largas, as cabeças envoltas em lenços. Transportavam sacos de compras e cestos, trouxas de roupas, galinhas em gaiolas, pão, flores. As ruas transbordavam de vida — tal como haviam sido, pensei, há mil e seiscentos anos. Ao longo dessas ruas, imperadores romanos cristãos tinham sido transportados pelos seus séquitos, ladeados de sacerdotes, deslocando-se do palácio à igreja para receber o Santíssimo Sacramento. Havia sido monarcas fortes, grandes patronos das artes, engenheiros, teólogos. E detestáveis, também, alguns deles com tendências para cortar aos bocados os seus cortesãos e cegar membros da família, na melhor tradição de Roma. Foi aí que a política bizantina original saiu de cena. Talvez não fosse um lugar tão estranho para um ou dois vampiros, afinal.

Helen parou diante de uma estrutura de pedra muito alta e parcialmente em ruínas, para a qual apontava. Na sua base, amontoavam-se lojas e figueiras enterravam as raízes nos seus flancos; um céu sem nuvens desmanchava-se em cobre acima das ameias.

— Veja o que sobrou das muralhas de Constantinopla — disse ela em voz baixa. — Ainda se pode ver como eram enormes quando estavam intactas. O guia diz que o maior chegava até aqui naquela época, de modo que o Imperador podia usar um barco para sair do palácio. E, ali mais à frente, aquela parede fazia parte do Hipódromo.

Ficamos ali parados, a observar a muralha, e notei que voltara a esquecer-me de Ross durante uns bons dez minutos.

— Vamos procurar um sítio para jantar — disse eu, abruptamente. — Já passa das sete horas e hoje precisamos de nos deitar cedo. Estou determinado a encontrar o arquivo amanhã. — Helen concordou e caminhamos amigavelmente de regresso ao coração da velha cidade.

Perto da nossa pensão, descobrimos um restaurante, com o interior decorado com vasos de latão e adagas de prata, que tinha uma mesa próxima ao arco da janela da frente, uma abertura sem vidro onde nos podíamos sentar e observar as pessoas que caminhavam na rua. Enquanto esperávamos pelo nosso jantar, reparei pela primeira vez num fenômeno do mundo oriental que até ali me tinha passado despercebido: as pessoas que passavam não tinham pressa, caminhavam simplesmente. O que parecia pressa, aqui, teria sido um passeio informal nos passeios de Nova Iorque ou de Washington. Comentei isso com Helen e ela deu uma gargalhada cínica:

— Quando não há muito dinheiro a ganhar, ninguém vai a correr atrás dele — disse.

O criado trouxe-nos grandes pedaços de pão, um prato de iogurte batido salpicado de rodela de pepino e chá forte e perfumado em copos de vidro.

Comemos com vontade depois do cansaço do dia, e tínhamos acabado de passar para o frango assado em espetos de madeira quando um homem de bigode e cabeleira prateados, vestindo um fato cinzento de boa qualidade, entrou no restaurante e olhou em volta. Instalou-se numa mesa próxima de nós e pousou um livro ao lado do prato. Pediu a sua refeição em turco, em voz baixa, e então pareceu notar o nosso prazer com o jantar e inclinou-se na nossa direção com um sorriso amigável.

— Vejo que apreciam a nossa comida — disse num inglês excelente, embora com sotaque.

— Certamente — respondi, surpreendido. — É ótima.

— Deixem-me ver — continuou, virando um rosto belo e suave para mim. — Não são de Inglaterra. América?

— Sim disse eu. — Helen estava calada, a cortar o seu frango e a observar o nosso companheiro com desconfiança.

Ah, sim, que bom Estão de visita à nossa linda cidade?

— Sim, exatamente — concordei, desejando que Helen tentasse pelo menos parecer simpática; a sua hostilidade poderia parecer suspeita, de certa forma.

— Bem-vindos a Istambul — disse ele com um sorriso simpático, levantando o seu copo de vidro num brinde. Retribuí a saudação e ele sorriu. — Perdoem-me esta pergunta vinda de um estranho, mas o que é que lhes agrada mais na vossa visita?

— Bem, é difícil escolher. — Gostei do rosto dele; era impossível não lhe responder com sinceridade. — O que mais me impressiona é a sensação de Oriente e Ocidente misturado numa única cidade.

— Uma sábia observação, meu jovem amigo — disse ele, sério, limpando o bigode com um grande guardanapo branco. — Essa mistura é o nosso tesouro e a nossa maldição. Tenho colegas que têm passado uma vida inteira a estudar Istambul e dizem que nunca terão tempo de a explorar completamente, embora tenham vivido sempre aqui. É um lugar estupendo.

— Qual é a sua profissão? — perguntei com curiosidade, embora a atitude de Helen me desse a sensação de que estava prestes a pisar-me o pé por baixo da mesa a qualquer momento.

— Sou professor na Universidade de Istambul — disse, no mesmo tom cheio de dignidade.

— Ah, que sorte tremenda! — exclamei. — Somos... — neste ponto, o pé de Helen atingiu o meu. Usava saltos altos, como todas as mulheres daquela época, e o salto era bastante fino. — É um prazer conhecê-lo — concluí. — O que é que o senhor leciona?

— A minha especialidade é Shakespeare — respondeu o nosso novo amigo, servindo-

se cuidadosamente da salada à sua frente. — Ensino literatura inglesa aos nossos estudantes dos últimos anos. São estudantes excelentes, devo dizer.

— Que maravilha — consegui dizer. — Também sou estudante universitário, mas de História, nos Estados Unidos.

— Uma área muito interessante — afirmou ele gravemente. — Encontrará muita coisa que lhe interesse em Istambul. Qual é o nome da sua universidade?

Respondi, enquanto Helen praticamente serrava o seu jantar com ar sombrio.

— Uma excelente universidade. Já ouvi falar — observou o professor. Bebeu um gole do seu copo e bateu com a ponta do dedo no livro ao lado do prato. — Ora, ora! — exclamou finalmente. — Por que não vêm conhecer a nossa universidade enquanto estão em Istambul? Também é uma instituição venerável, e seria um prazer para mim mostrá-la e à sua adorável esposa.

Notei que Helen bufou levemente e apressei-me a dizer:

— Minha irmã... minha irmã.

— Ah, perdoem-me. — O especialista em Shakespeare inclinou-se para Helen sobre a mesa. — Sou o doutor Turgut Bora, ao seu serviço.

Apresentámo-nos — ou melhor, apresentei-nos, porque Helen permanecia num silêncio obstinado. Percebi que não gostara quando usei o meu nome verdadeiro, então mais que depressa a apresentei como Smith, numa demonstração de estupidez que a fez franzir ainda mais a testa. Distribuímos apertos de mãos, e não havia outra coisa a fazer senão convidá-lo para juntar-se a nós à mesa.

Ele protestou educadamente, mas só por um momento, e então sentou-se conosco, trazendo a sua salada e o seu copo de vidro, que levantou imediatamente.

— Um brinde a ambos e bem-vindos à nossa bela cidade — entouu. — Saúde!

Até mesmo Helen sorriu levemente, embora ainda sem dizer nada.

— Peço que me perdoem a minha falta de descrição — desculpou-se Turgut, como se pressentisse a desconfiança dela. — É muito raro ter a oportunidade de praticar o meu inglês com falantes nativos. — Ele ainda não notara que ela não era uma falante nativa, embora no caso de Helen talvez nunca o viesse a notar, pensei, porque era bem possível que ela nunca lhe dissesse uma palavra.

— Como foi que se especializou em Shakespeare? — perguntei-lhe enquanto reatávamos o jantar.

— Ah! — disse Turgut delicadamente. — É uma história estranha. A minha mãe era uma mulher muito singular... brilhante... uma grande amante de línguas, além de uma engenheira iminente. — Quereria dizer eminente?, perguntei a mim mesmo — e estudou na Universidade de Roma, onde conheceu o meu pai. Ele, um homem muito agradável, era um estudioso da Renascença Italiana, com uma particular atração por...

Exatamente neste ponto muito interessante, fomos subitamente interrompidos pela aparição de uma mulher jovem que nos espreitava da rua através do arco da janela.

Embora nunca tivesse visto uma cigana, a não ser em fotografias, reconheci-a como tal; tinha a pele escura e os traços pronunciados, usava cores vivas e espalhafatosas e os seus cabelos negros, cortados irregularmente, emolduravam uns olhos escuros e penetrantes. Podia ter quinze anos ou quarenta; era impossível ler a idade no seu rosto magro. Nos braços, carregava braçadas de flores vermelhas e amarelas, que aparentemente queria que comprássemos. Empurrou algumas na minha direção por cima da mesa e começou uma ladainha aguda que eu não entendia. Helen parecia enfasiada e Turgut aborrecido, mas a mulher era insistente. Eu já ia tirar a carteira, com a idéia de presentear Helen de brincadeira, é claro com um *bouquet* turco, quando a cigana de repente se virou para ela, apontando e falando com voz sibilante. Turgut sobressaltou-se e Helen, que normalmente não tinha medo de nada, encolheu-se.

Isto pareceu trazer Turgut de regresso à vida; soergueu-se e, com um olhar indignado, pôs-se a ralar com a cigana. Não era difícil entender o seu tom e os seus gestos, que pediam em termos bastante incisivos que ela se retirasse. Ela fulminou-nos a todos com o olhar e desapareceu tão de repente como tinha aparecido, evaporando-se entre os outros transeuntes. Turgut sentou-se novamente, os olhos muito abertos voltados para Helen e, depois de um instante, começou a procurar alguma coisa no bolso do casaco, retirando um pequeno objeto, que colocou ao lado do prato dela. Era uma pedra azul achatada com cerca de dois centímetros e meio de comprimento, incrustada de amarelo e azul mais claro, como um olho tosco. Helen empalideceu quando a viu e estendeu a mão como que instintivamente para lhe tocar com o indicador.

— O que é que está a acontecer aqui? — Não pude evitar a irritação dos culturalmente excluídos.

— O que foi que ela disse? — Helen dirigiu-se a Turgut pela primeira vez. — Falava turco ou a língua dos ciganos? Não consegui entendê-la.

O nosso novo amigo hesitou, como se não quisesse repetir as palavras da mulher.

— Turco — murmurou. — Talvez não seja sensato que eu lhes conte. Foi muito grosseiro o que ela disse. E estranho. — Observava Helen com interesse, mas também com algo como um lampejo de medo, pensei, nos seus olhos cordiais. — Ela usou primeiro uma palavra que não vou traduzir — explicou, falando devagar. — E depois disse: "Vá-embora daqui, romena filha de lobos. Você e o seu amigo trazem a maldição do vampiro à nossa cidade."

Helen estava pálida até aos lábios, e contive o impulso de lhe pegar na mão.

— Foi uma coincidência — disse, para a confortar, o que a fez lançar-me um olhar feroz; eu estava a falar demais em frente do professor.

Turgut olhava de um para o outro.

— Isto é realmente muito estranho, amáveis companheiros — disse. — Acho que devíamos conversar mais, e sem demora.

Eu estava quase a dormir no meu compartimento do comboio, apesar do extremo

interesse que a história do meu pai me despertava; ler tudo aquilo pela primeira vez, durante a noite, mantivera-me acordada até tarde, e estava cansada. Uma sensação de irrealidade caiu sobre mim na cabina ensolarada e virei-me para contemplar pela janela os bem ordenados campos holandeses que se sucediam. Quando nos aproximávamos e nos afastávamos de cada cidade, o comboio passava por pequenas hortas, verdes novamente sob um céu nublado, os quintais de milhares de pessoas que se ocupavam das suas próprias vidas, as traseiras das suas casas viradas para a linha férrea. Os campos eram maravilhosamente verdes, um verde que na Holanda começa no início da Primavera e perdura quase até que a neve caia novamente, alimentado pela umidade do ar e da terra e pela água que brilha em todas as direções em que se olhe. Já tínhamos deixado para trás uma vasta região de canais e pontes, e agora encontrávamo-nos entre vacas nas suas pastagens delimitadas com precisão. Um casal idoso e com ar digno surgiu de bicicleta numa estrada ao nosso lado e foi engolido no minuto seguinte por mais pastos. Em breve estaríamos na Bélgica, que, como eu sabia por experiência própria, se podia falhar completamente durante uma curta sesta.

Segurava as cartas com firmeza no colo, mas as minhas pálpebras estavam a começar a fechar-se. A mulher de rosto agradável, sentada na poltrona oposta, já dormitava, com uma revista nas mãos. Os meus olhos tinham-se fechado apenas por um segundo quando a porta do nosso compartimento se abriu. Ouviu-se uma voz irritada e uma figura desengonçada intrometeu-se entre mim e as minhas divagações.

— É preciso ter descaramento! Eu bem imaginei. Tenho andado à procura em todas as carruagens.

Era Barley, enxugando a testa e lançando-me um olhar ameaçador.

Barley estava furioso. Não podia culpá-lo, mas aquela era uma alteração extremamente inconveniente aos meus projetos e também fiquei um pouco furiosa. A raiva era ainda maior porque, à primeira pontada de irritação, seguiu-se uma onda secreta de alívio; antes de o ver, não me apercebera de como me sentia absolutamente sozinha naquele comboio, rumando para o desconhecido, talvez para a solidão ainda maior de não ser capaz de encontrar o meu pai, ou para a solidão galáctica de o perder para sempre. Barley fora um estranho para mim até há poucos dias, e agora o seu rosto era o que eu tinha de mais familiar.

Naquele momento, contudo, o rosto dele ainda estava zangado.

— Onde diabo pensa que vai? Obrigou-me a fazer uma bela perseguição! Afinal, o que é que está a tramar?

Deixei para mais tarde a resposta à última pergunta.

— Não era minha intenção preocupá-lo, Barley. Pensei que se tivesse ido embora no *ferry* e que nunca saberia de nada.

— Sim, e voltaria a correr para o reitor James dizendo-lhe que estava sã e salva em Amsterdã e depois recebia a notícia de que você tinha desaparecido. Ah, realmente, a minha cotação junto dele teria subido muito. — Atirou-se para a poltrona ao meu lado, cruzou os braços e as pernas compridas. Trazia a sua pequena mala e a parte da frente dos seus cabelos cor de palha estava em pé. — O que é que lhe deu?

— Por que é que estava a espiar-me? — rebati

— O *ferry* atrasou-se esta manhã, para reparações. — Agora, parecia não conseguir evitar um leve sorriso. — Eu estava com uma fome de leão e voltei atrás alguns quarteirões para comprar chá e uns pãezinhos, e foi aí que a vi a escapular-se na direção contrária, lá longe na rua, mas não tinha certeza de que fosse mesmo você. Pensei que podia estar a imaginar coisas, sabe, por isso fiquei e tomei o pequeno-almoço. Mas a minha consciência falou mais alto, porque, se fosse mesmo você, eu estaria em maus lençóis. Então, corri naquela direção e vi a estação, vi-a a subir para o comboio e achei que me ia dar um ataque de coração. — Fulminou-me com os olhos outra vez. Deu-me uma trabalhadeira esta manhã. Tive de ir a correr comprar um bilhete e por pouco não tinha florins suficientes, ainda por cima — e revirar o comboio inteiro à sua procura. E agora já está a andar há tanto tempo que não podemos descer aqui. — Os seus olhos brilhantes e estreitos voltaram-se para a janela e depois para a pilha de envelopes no meu colo. — Importa-se de me explicar por que está no expresso de Paris e não na aula de História? O que podia eu fazer?

— Desculpe, Barley — disse humildemente. — Não queria, nem por um minuto envolvê-lo nesta história. Realmente, pensei que se tivesse ido embora há muito tempo, e voltasse para falar com o reitor James com a consciência limpa. Não estava a procurar causar-lhe qualquer problema.

— Ah, não? — Era evidente que ainda esperava mais esclarecimentos. — Quer dizer que muito simplesmente teve vontade de ir a Paris em vez de assistir à aula de História?

— Não — comecei, a tentar ganhar tempo —, é que o meu pai mandou-me um telegrama a dizer que estava bem e que eu devia ir ter com ele a Paris.

Barley ficou calado por um momento.

— Desculpe, minha cara, mas isso não explica tudo. Se tivesse recebido um telegrama, provavelmente teria chegado ontem à noite, e eu teria sabido. E há alguma dúvida de que o seu pai não esteja "bem"? Pensei que estivesse fora em negócios. O que é isso que está a ler?

— É uma longa história — disse eu devagar — e sei que me acha estranha...

— Terrivelmente estranha — interrompeu-me Barley, aborrecido. — Mas é melhor contar-me o que está a tramar. Temos tempo, antes de descermos em Bruxelas e apanharmos o próximo comboio para Amsterdã.

— Não! — Não pretendia gritar daquela maneira. A senhora à nossa frente mexeu-se no seu sono leve e eu baixei o tom de voz. — Tenho de ir a Paris. Estou bem. Você pode descer em Bruxelas, se quiser, e voltar para Londres esta noite.

— "Você pode descer em Bruxelas", hem? Quer dizer que você não vai descer lá? Atende onde é que vai este comboio?

— Não, ele pára mesmo em Paris...

Ele cruzara os braços e estava novamente à espera. Era pior que o meu pai. Talvez pior do que o professor Rossi jamais fora. Tive uma breve visão de Barley de pé na frente de uma sala de aula, os braços cruzados, os olhos passeando pelos pobres estudantes, a voz ríspida: "E o que foi afinal que levou Milton à sua terrível conclusão sobre a queda de Satã? Ou será que ninguém leu o texto?"

Engoli em seco.

— É uma longa história — repeti, mais humilde ainda.

— Temos tempo — disse Barley.

Helen e Turgut e eu entreolhamo-nos em volta da nossa pequena mesa de restaurante, e senti um clima de companheirismo estabelecer-se entre nós. Talvez para ganhar tempo, Helen pegou na pedra azul redonda que Turgut colocara junto do seu prato e estendeu-ma.

— Isto é um símbolo antigo — explicou. — É um talismã contra o mau-olhado.

Peguei na pedra, senti a sua pesada suavidade, aquecida pela mão dela, e voltei a pô-la em cima da mesa.

Mas Turgut não se distraía tão facilmente.

— A senhora é romena?

Ela não respondeu.

— Se for verdade, deve ter muito cuidado por aqui. — Baixou um pouco a voz. — A polícia pode estar muito interessada em si. O nosso país não mantém relações amigáveis com a Romênia.

— Eu sei — disse ela friamente.

— Mas como é que a cigana sabia? Turgut franziu a testa. — A senhora não falou com ela.

— Não sei — Helen levantou os ombros, resignada. Turgut balançou a cabeça.

— Algumas pessoas dizem que os ciganos têm o dom de uma visão especial. Nunca acreditei nisso, mas... — interrompeu-se e limpou o bigode com o guardanapo — é muito estranho que ela tenha falado de vampiros.

— É? — retorquiu Helen. — Deve ser louca. Os ciganos são todos loucos.

— Talvez, talvez Turgut — calou-se. — No entanto, é muito estranho o modo como ela falou, talvez porque essa seja a minha outra especialidade.

— Ciganos? — perguntei.

— Não, caro senhor, vampiros. — Helen e eu fitamo-lo, com cuidado para não cruzarmos os nossos olhares. — Shakespeare é o meu trabalho, mas as lendas de vampiros são o meu passatempo. Temos uma antiga tradição de vampiros aqui.

— É... uma tradição turca? — perguntei, surpreso.

— Ah, a lenda remonta ao Egito antigo, caros colegas. Mas, aqui em Istambul, para começar, há uma história de que os mais sanguinários imperadores de Bizâncio teriam sido vampiros, de que alguns deles interpretavam a comunhão cristã como um convite para sorver o sangue dos mortais. Mas eu não acredito. Creio que apareceu mais tarde.

— Bem... — Eu não queria demonstrar um interesse excessivo, mais por medo de que Helen me atingisse novamente o pé por baixo da mesa do que por estar convencido de que Turgut estava do lado dos poderes das trevas. Mas Helen também estava a olhar para ele — E a lenda de Drácula? Já ouviu falar dela?

— Ouvi falar? — resfolegou Turgut. Os seus olhos escuros brilharam e torceu o guardanapo num nó. — Sabiam que Drácula foi uma pessoa real, uma figura histórica? Inclusive era um seu patrício, minha senhora — e inclinou-se para Helen. — Era um senhor, um *voivoda*, nos Cárpatos ocidentais do século quinze. Não era uma pessoa das mais admiráveis, sabe.

Helen e eu fazíamos que sim com a cabeça não conseguíamos evitar. Pelo menos, eu não conseguia, e ela parecia estar demasiado concentrada nas palavras de Turgut para se controlar. Estava um pouco inclinada para a frente, a ouvir, e os seus olhos brilhavam com a mesma profunda escuridão dos dele. Um pouco de cor desabrochava por baixo da sua habitual palidez. Era um dos muitos momentos, observei, mesmo no meio da minha própria excitação, em que a beleza subitamente tomava conta da sua fisionomia severa, iluminando-a de dentro para fora.

— Bem... — Turgut ia-se entusiasmando com o assunto. — Não tenho a intenção de os

aborrecer, mas tenho uma teoria de que Drácula é uma figura muito importante na história de Istambul. Sabe-se que, quando era ainda um rapazinho, foi mantido em cativeiro pelo sultão Mehmed II em Galípoli, e depois mais a leste, na Anatólia. Foi o seu próprio pai que entregou ao pai de Mehmed, o sultão Murad II, como refém por causa de um tratado, de 1442 a 1448, seis longos anos. O pai de Drácula também não era nenhum cavalheiro. — Turgut deu uma risadinha. — Os soldados que vigiavam o rapaz eram mestres na arte da tortura, e ele deve ter aprendido bastante enquanto os observava. Mas, meus caros senhores — no seu fervor acadêmico, esquecera-se de que Helen pertencia a outro gênero, — tenho a minha própria teoria de que ele deixou a sua marca neles, também.

— O que quer dizer com isso? — Eu começava a respirar com dificuldade.

— Desde aquela época, mais ou menos, há registros de vampirismo em Istambul. A minha idéia que ainda não foi publicada, ai de mim, e não posso prová-la é que os Turcos estavam entre as suas primeiras vítimas, talvez os guardas, que se tornaram seus amigos. A minha teoria é que ele deixou um foco de contaminação no nosso império, que depois deve ter sido levado para dentro de Constantinopla com o Conquistador.

Ficamos a olhar para ele, sem palavras. Lembrei-me de que, de acordo com as lendas, apenas os mortos se transformavam em vampiros. Isto significaria que Vlad Drácula fora realmente morto na Ásia Menor e tornara-se um morto-vivo ainda muito jovem, ou que o interesse por libações ímpias surgira muito precocemente na sua vida, e ele despertara o mesmo noutros? Arqueei esta pergunta para a fazer a Turgut, se um dia viesse a conhecê-lo suficientemente bem.

— Ah, este meu excêntrico passatempo, sabem como é... — Turgut voltou a fazer o seu sorriso jovial. — Bem, perdoem-me por ter tomado conta da conversa. A minha mulher diz que sou insuportável. — Brindou-nos com um gesto sutil e cortês antes de beber novamente um gole do seu pequenino copo. — Mas tenho provas de uma coisa! Tenho provas de que os sultões o temiam como um vampiro! — e fez um gesto na direção do teto.

— Provas? — repeti.

— Sim! Descobri-as há alguns anos. O sultão tinha tanto interesse em Vlad Drácula que, quando Drácula morreu na Valáquia, reuniu aqui alguns dos seus documentos e objetos pessoais. Drácula matou muitos soldados turcos no seu próprio país, e o nosso sultão odiava-o por isso, mas não foi por esse motivo que ele fundou o arquivo. Não! O sultão chegou a escrever uma carta ao paxá da Valáquia, em 1478, pedindo-lhe todos os escritos que conhecesse sobre Vlad Drácula. Porquê? Porque, disse ele, estava a criar uma biblioteca para lutar contra o mal que Drácula tinha disseminado na sua cidade após a morte. Vejam bem: por que motivo teria ainda medo de Drácula, se Drácula estava morto, se não acreditasse que ele poderia voltar? Encontrei uma cópia da carta que o paxá escreveu como resposta ao sultão. — Bateu com um punho na mesa e sorriu para nós. — Encontrei inclusivamente, a biblioteca que ele criou para combater o mal.

Helen e eu permanecemos imóveis. A coincidência era quase insuportavelmente

estranha. Finalmente, arrisquei uma pergunta.

— Professor, por acaso essa biblioteca foi criada pelo sultão Mehmed II? — Desta vez foi a vez de ele nos encarar.

— Meu Deus, o senhor é mesmo um grande historiador. Tem interesse por esse período da nossa História?

— Ah... muito — concordei. — Teríamos... — eu teria muito interesse em ver esse arquivo que encontrou.

— Mas é claro — disse. — Com grande prazer. Vou mostrar-lho. A minha mulher vai ficar boquiaberta com o fato de alguém o querer ver — deu outra risadinha. — Mas, ai de mim, o belo edifício que outrora o abrigava foi demolido para dar lugar a um serviço do Ministério das Estradas... há uns oito anos. Era um pequeno edifício adorável próximo da Mesquita Azul. Uma pena.

Senti-me empalidecer. Então era essa a razão da dificuldade em localizar o arquivo de Rossi.

— Mas os documentos...?

— Não se preocupe, meu caro senhor. Eu mesmo me certifiquei de que passassem a fazer parte do acervo da Biblioteca Nacional. Mesmo que mais ninguém os adore tanto como eu, devem ser preservados. — Uma sombra passou-lhe no rosto pela primeira vez desde que enxotara a cigana. — Ainda há muito mal a combater na nossa cidade, como em toda a parte. — Olhou de um para o outro. — Se gostam de velhas curiosidades, amanhã levá-los-ei com muito prazer ao arquivo. Conheço bem o bibliotecário que os pode autorizar a examinar a coleção.

— Muito obrigado — não ousei olhar para Helen. — E como... como é que se interessou por este assunto tão pouco comum?

— Ah, é uma longa história — replicou Turgut, muito sério. — Não me posso permitir aborrecê-los assim tanto.

— Não estamos aborrecidos, de maneira nenhuma — insisti.

— O senhor é muito amável. — Ficou em silêncio por alguns minutos, acariciando o garfo entre o polegar e o indicador.

Fora da nossa alcova de alvenaria, carros buznavam, desviavam-se de bicicletas nas ruas cheias de gente e transeuntes iam e vinham como personagens a atravessar um palco de mulheres com saias estampadas esvoaçantes, *écharpes* e brincos de pingentes de ouro, ou com vestidos pretos e cabelos avermelhados, homens de fato e gravata ocidentais e camisas brancas. O sopro de uma brisa suave, salgada, alcançou-nos na nossa mesa, e imaginei navios de toda a Eurásia trazendo as suas riquezas para o coração de um império primeiro cristão, depois muçulmano — e aportando a uma cidade cujas muralhas se estendiam até ao mar. A fortaleza rodeada de florestas de Vlad Drácula, com os seus bárbaros rituais de violência, parecia realmente estar muito afastada daquele mundo antigo, cosmopolita. Não era de admirar que ele e os Turcos se odiassem mutuamente, pensei. E, ainda assim, os

turcos de Istambul, com os seus artefactos de ouro e latão e seda, os seus bazares e as suas livrarias e miríades de casas de oração, devem ter tido muito mais em comum com os bizantinos cristãos que conquistaram a sua terra do que com Vlad, que os desafiava da fronteira. Visto daquele centro de cultura, parecia mais um criminoso de periferia, um ogre provinciano, um rústico medieval. Lembrei-me do retrato dele que vira numa enciclopédia uma xilogravura de um rosto elegante, de bigodes, emoldurado por trajes de corte. Era um paradoxo.

Eu estava perdido nessas imagens quando Turgut falou novamente.

— Digam-me, companheiros, o que os faz interessarem-se por este tema, por Drácula?
— Ele tinha posto a bola do nosso lado, com um sorriso cavalheiresco — ou seria desconfiado?

Olhei para Helen de soslaio.

— Bem, estou a estudar o século quinze na Europa como pano de fundo para a minha tese disse, — e fui imediatamente punido pela minha falta de sinceridade pela sensação de que esta mentira podia já ser verdade. Só Deus sabia quando é que eu voltaria a trabalhar na minha tese, pensei, e a última coisa de que precisava era de um assunto ainda mais amplo. — E o senhor — insisti novamente, — como foi que saltou de Shakespeare para os vampiros?

Turgut sorriu — tristemente, pareceu-me, e a sua honestidade discreta puniu-me ainda mais.

— Ah, é uma coisa muito estranha, foi há muito tempo. O senhor vê, eu estava a trabalhar no meu segundo livro sobre Shakespeare, as tragédias. Sentava-me para trabalhar todos os dias num pequeno... como se diz, compartimento? na nossa seção de Inglês na universidade. Um dia, encontrei um livro que nunca ali vira antes. — Virou-se para mim novamente com aquele sorriso triste. Nesta altura, eu já estava gelado. — Esse livro não era igual a nenhum outro, um livro em branco, muito antigo, apenas com um dragão no meio e uma palavra DRÁCULA. Nunca tinha ouvido falar de Drácula antes. Mas a imagem é muito estranha e muito forte. Então pensei, preciso de saber o que é isto. E tentei saber tudo sobre ele.

Helen tinha-se petrificado à minha frente, mas agora agitava-se, como se estivesse ansiosa.

— Tudo? — repetiu suavemente.

Barley e eu estávamos quase a chegar a Bruxelas. Eu levava muito tempo embora tivesse a impressão de que tinham sido só alguns minutos — para contar a Barley, do modo mais simples e claro possível, o que o meu pai me contara sobre as suas experiências na faculdade. Barley olhava fixamente para além de mim, pela janela, para as pequenas casas e jardins belgas, que pareciam tristes sob uma cortina de nuvens. Víamos aqui e ali um feixe

de luz do sol a destacar a espiral de uma igreja ou uma velha chaminé industrial à medida que nos aproximávamos de Bruxelas. A senhora holandesa ressonava baixinho, a revista no chão, aos seus pés.

Eu estava prestes a iniciar uma descrição da recente inquietação do meu pai, da sua palidez malsã e do seu estranho comportamento, quando Barley se virou para mim.

— Isso é terrivelmente bizarro — disse. — Não sei por que é que hei-de acreditar nessa história louca, mas acredito. Quero acreditar, pelo menos. — Lembrei-me de que nunca o vira sério; apenas divertido ou, momentaneamente, irritado. Os seus olhos, azuis como lascas de céu, estreitaram-se ainda mais. — O engraçado é que isso tudo me lembra alguma coisa.

— O quê? — Eu estava quase a desmaiar de alívio pelo fato de ele parecer aceitar a minha história

— Bem, isso é que é estranho. Não consigo lembrar-me. Tem alguma coisa a ver com o reitor James. Mas o que será?

Barley estava pensativo, os cotovelos nos joelhos, o queixo nas mãos de dedos compridos, tentando, em vão, lembrar-se de uma coisa sobre o reitor James. Finalmente, olhou para mim, e fui surpreendida pela beleza do seu rosto rosado e comprido quando estava sério. Sem aquela jocosidade enervante, poderia ter sido o rosto de um anjo, ou talvez de um monge num claustro na Nortúmbria. Percebi estas comparações vagamente só mais tarde se me revelaram.

— Bem — disse ele, por fim —, do meu ponto de vista, há duas possibilidades. Ou você é maluca, e nesse caso tenho de ficar consigo e levá-la de volta para casa em segurança, ou não é maluca, e nesse caso tem um monte de problemas pela frente e tenho de ficar consigo de qualquer maneira. Eu devia assistir a uma aula amanhã, mas vou pensar na maneira de resolver isso.

Suspirou e inclinou-se de novo na poltrona.

— Tenho a impressão de que Paris não é o seu destino final. Pode informar-me para onde vai depois de Paris?

Se o professor Bora tivesse dado uma bofetada a cada um de nós naquela agradável mesa de restaurante em Istambul, o impacto não seria maior do que nos ter contado sobre o seu "excêntrico passatempo". Foi uma bofetada salutar, no entanto; agora estávamos ambos bem acordados. O meu *jet lag* desaparecera, e com ele a minha sensação de derrota por não encontrar mais informações sobre a tumba de Drácula. Viéramos ao lugar certo. Talvez aqui o meu coração deu um salto, e não com uma mera esperança, talvez a tumba de Drácula estivesse localizada na própria Turquia.

Nunca tinha pensado nisso, mas agora achava que podia fazer sentido. Afinal, Ross fora severamente repreendido ali por um dos mensageiros de Drácula. Os mortos-vivos estariam a proteger não só o arquivo, mas também um túmulo? A forte presença de vampiros, à qual Turgut se referira havia pouco, seria um legado da ininterrupta ocupação desta cidade por Drácula? Recapitulei o que já sabia sobre a carreira e a lenda de Vlad, o Empalador. Se fora mantido prisioneiro aqui na sua juventude, não poderia ter voltado depois da morte ao local da sua educação precoce sobre técnicas de tortura. Poderia ter uma espécie de nostalgia por aquele lugar, como as pessoas que regressam à terra onde cresceram quando se reformam. E, se o romance de Stoker fosse considerado fiável na sua descrição dos hábitos de um vampiro, o demônio poderia certamente mudar-se de um lugar para o outro, fazendo o seu túmulo onde bem entendesse, no romance, ele tinha viajado no seu caixão até à Inglaterra. Por que não teria vindo a Istambul de alguma maneira, movimentando-se à noite, depois do seu passamento, como um mortal qualquer, no coração do império cujos exércitos lhe tinham causado a morte? No fim de contas, teria

sido uma vingança adequada contra os Otomanos.

Entretanto, ainda não podia fazer nenhuma dessas perguntas a Turgut Acabávamos de conhecer o homem e eu ainda me perguntava se podíamos confiar nele. Parecia sincero, e, no entanto, o seu aparecimento à nossa mesa com o seu "passatempo" era quase demasiado estranho para se sustentar. Naquele momento, conversava com Helen, e ela finalmente, estava a falar com ele.

— Não, minha cara senhora, não sei realmente "tudo" sobre a história de Drácula. Na verdade, os meus conhecimentos estão longe de ser arrebatadores. Mas suspeito de que ele tenha tido uma grande influência sobre a nossa cidade, uma influência para o mal, e é isso que me faz continuar a pesquisar. E os senhores, meus amigos? — Ele olhou com ar astuto de Helen para mim. — Os senhores parecem muito interessados no meu assunto. Sobre o que é exatamente a sua tese, meu jovem amigo?

— O mercantilismo holandês no século dezessete — respondi, de modo pouco convincente. Pelo menos, foi o que me pareceu, e começava a questionar-me se aquele não teria sido, desde o início, um projeto demasiado ameno. Os mercadores holandeses, afinal, não vagueiam pelos séculos, atacando pessoas e roubando-lhes as suas almas imortais.

— Ah, — achei que Turgut parecia intrigado. — Bem... — disse por fim, — se o senhor também está interessado na história de Istambul, pode vir comigo amanhã de manhã ver a coleção do sultão Mehmed. Foi um velho tirano admirável, colecionava muitas coisas interessantes, além dos meus documentos preferidos. Mas agora tenho de voltar para casa, para a minha esposa, que deve estar num estado de grande inquietação, estou tão atrasado. — Sorriu, exultante, como se a expectativa de comprovar o estado da esposa fosse o mais agradável de tudo. — Certamente ela também querará que os senhores venham jantar conosco amanhã, assim como eu o desejo.

Ponderei a questão por um momento; as esposas turcas ainda deviam ser tão submissas como as dos lendários haréns. Ou ele só queria dizer que a esposa era tão hospitaleira como ele? Esperei pelo resmungo de Helen, mas ela manteve-se calada, observando-nos aos dois.

— Então, meus amigos — Turgut preparava-se para partir. Tirou algum dinheiro de nada, ou foi o que me pareceu, e enfiou-o debaixo da borda do prato. Então, brindou-nos uma última vez e bebeu o que restava do seu chá. — *Adieu*, até amanhã.

— Onde é que nos encontramos? — perguntei.

— Oh, virei aqui buscá-los. Digamos, precisamente aqui, às dez da manhã? Ótimo. Desejo-lhes uma noite agradável. — Inclinou-se e foi-se embora.

Logo a seguir, notei que praticamente não tocara no seu jantar, pagara a nossa conta juntamente com a dele e deixara-nos o talismã contra o mau-olhado, que reluzia no centro da toalha branca da mesa.

Naquela noite, dormi como um morto, como se diz, depois do cansaço da viagem e do passeio turístico. Quando os rumores da cidade me despertaram, já eram seis e meia. O meu pequeno quarto estava na penumbra. No primeiro momento de consciência, olhei em volta

para as paredes caiadas, os móveis simples e com um aspecto vagamente estrangeiro, o brilho do espelho sobre o lavatório, e senti uma singular confusão mental. Lembrava-me da estada de Rossi em Istambul, da sua hospedagem na outra pensão onde teria sido? Onde lhe tinham vasculhado as malas e roubado os seus esboços dos preciosos mapas e parecia lembrar-me de tudo como se eu mesmo tivesse lá estado, ou estivesse a viver a cena agora. Após um instante, notei que tudo estava em paz e em ordem no quarto; a minha mala repousava, tal como a deixara, sobre a escrivaninha, e, mais importante, a minha pasta, com todo o seu precioso conteúdo, permanecia intacta junto da cama, onde eu podia esticar um braço e tocar-lhe. Mesmo durante o sono, eu tivera de algum modo a consciência da presença daquele livro antigo e silencioso repousando dentro dela.

Ouvia Helen na nossa casa de banho em comum — pelo menos, esperava que fosse Helen e não outro hóspede qualquer, já que nos tinham prometido privacidade a abrir a torneira e a andar de um lado para o outro. Depois de um momento, apercebi-me de que poderia parecer que eu a estava a espiar, e envergonhei-me. Para disfarçar essa sensação, levantei-me rapidamente, despejei água no lavatório do meu quarto e comecei a lavar a cara e os braços. No espelho, o meu rosto e como eu parecia jovem, mesmo para mim próprio, naqueles dias, minha querida filha, não consigo transmitir-te quanto — era o mesmo de sempre. Tinha os olhos lacrimejantes depois de tantas viagens, mas alerta. De brilho ao cabelo com um pouco da onipresente brilhantina que se usava na época, penteiei-o para trás, liso e lustroso, e vesti as calças e o casaco amarrotados, com uma camisa lavada, embora também amarrotada, e uma gravata. Enquanto ajeitava a gravata ao espelho, os sons da casa de banho desapareceram, e, depois de alguns momentos, peguei na máquina de barbear e forcei-me a bater com força na porta da casa de banho. Como não houve resposta, entrei. O perfume de Helen, uma água-de-colônia acre e com cheiro a barato, que talvez tivesse trazido da Romênia, perdurava no pequeno aposento. Eu já estava quase a gostar dele.

O pequeno-almoço no restaurante consistiu num café forte muito forte servido num bule de cobre de cabo comprido, pão, queijo salgado e azeitonas, acompanhado por um jornal que não éramos capazes de ler. Helen comeu e bebeu em silêncio e eu estava pensativo, sentindo o cheiro do cigarro que chegava até à nossa mesa, vindo do canto onde estavam os criados. A sala estava vazia naquela manhã, a exceção de alguma luz do sol que entrava pelas janelas em arco, mas o burburinho do tráfego matinal lá fora enchia-o de sons agradáveis e de visões momentâneas de pessoas que passavam, vestidas para trabalhar, ou transportando cestos de produtos do mercado. Instintivamente, tínhamos escolhido uma mesa o mais longe possível das janelas.

— O professor só vai chegar daqui a duas horas — observou Helen, enchendo o seu café de açúcar e mexendo-o vigorosamente. — O que vamos fazer?

— Estava a pensar em ir outra vez a pé até Hagia Sophia — disse eu. — Quero ver aquele lugar novamente.

— Por que não? — murmurou ela. — Não me importo de fazer turismo enquanto estivermos aqui. — Parecia descansada e notei que vestira uma blusa lavada azul-clara com o seu conjunto preto, a primeira cor que eu a via usar, uma exceção ao seu uniforme preto e branco. Como sempre, trazia o pequeno lenço a tapar-lhe o pescoço no lugar onde o bibliotecário lhe mordera. O rosto exibia uma expressão irônica e desconfiada, mas eu tinha a sensação sem nada que a comprovasse de que ela estava a habituar-se à minha presença do outro lado da mesa, quase ao ponto de abandonar uma parte da sua ferocidade.

Quando finalmente saímos, as ruas estavam cheias de gente e de carros, e vagueamos no meio deles pelo coração da cidade velha até entrarmos num dos bazares. Todas as ruelas estavam cheias de compradores mulheres idosas vestidas de preto apalpando arco-íris de finos tecidos; mulheres jovens com trajes de cores vivas, as cabeças cobertas, regateando os preços de frutos que eu nunca tinha visto antes ou a examinar bandejas de jóias de ouro, velhos com gorros de crochê sobre os cabelos brancos ou as cabeças calvas, lendo jornais ou inclinando-se para ver de perto filas de cachimbos de madeira trabalhada. Alguns seguravam colares de orações. Para onde quer que olhasse, via rostos bonitos, cheios de argúcia, de pele cor de azeitona e traços vincados, mãos que gesticulavam, dedos que apontavam, lampejos de sorrisos que às vezes deixavam entrever um dente de ouro. Em volta, ouvia o clamor das vozes enfáticas e confiantes dos vendedores, às vezes uma risada.

Helen exibia o seu sorriso fixo e invertido, com os cantos da boca virados para baixo, olhando em volta para aqueles estranhos como se lhe agradassem, mas também como se pensasse que os percebia bem de mais. Para mim, a cena era deliciosa, mas também sentia uma certa desconfiança, o que era uma sensação nova para mim, que datava apenas da semana anterior e que ultimamente me acompanhava em qualquer lugar público. Era uma procura no meio da multidão, um olhar por cima do ombro, o impulso de sondar os rostos à procura de boas ou más intenções e talvez também a impressão de estar a ser observado. Era uma sensação desagradável, uma nota dissonante na harmonia de todas aquelas conversas animadas à nossa volta, e conjecturei, não pela primeira vez, se em parte não teria sido contagiado pela atitude cínica de Helen em relação à espécie humana. Também me perguntava se essa sua atitude seria intrínseca ou apenas o resultado da vida que tivera num Estado totalitário.

Fossem quais fossem as suas origens, sentia a minha própria paranóia como uma afronta ao meu eu anterior. Uma semana antes, era um vulgar estudante universitário americano, contente no meu descontentamento em relação ao meu trabalho, saboreando lá no fundo a sensação de prosperidade e do elevado nível moral da minha cultura, embora ao mesmo tempo fingisse questionar isso e tudo o resto. Agora a Guerra Fria era real para mim na pessoa de Helen e no seu olhar desiludido, e uma guerra fria mais antiga fez-se sentir nas minhas próprias veias. Pensei em Rossi, deambulando por aquelas ruas no Verão de 1930, antes que a sua aventura no arquivo o fizesse sair precipitadamente de Istambul, e também ele era real para mim não apenas o Rossi que eu conhecera como também o jovem

Rossi das suas cartas.

Helen bateu-me ao de leve no braço enquanto caminhávamos, e apontou com a cabeça na direção de dois velhos sentados a uma mesinha de madeira enfiada num canto próximo de uma barraca.

— Olhe, ali está a sua teoria do lazer, ao vivo — disse. — São nove da manhã e eles já estão a jogar xadrez. É estranho que não estejam a jogar *tabla*, que é o jogo preferido nesta parte do mundo. Mas acredito que neste caso seja xadrez.

De fato, os dois homens estavam a posicionar as suas peças num tabuleiro de madeira aparentemente muito usado. Preto contra marfim, cavalos e torres protegiam os seus bispos, os peões frente a frente em formação de batalha — a mesma disposição de todas as guerras do mundo, refleti, parando para observar.

— Sabe jogar xadrez? — perguntou Helen.

— Evidentemente — respondi, quase indignado. — Costumava jogar com o meu pai.

— Ah — o tom era amargo, e lembrei-me, tarde demais, que ela não tivera esse tipo de lições na infância, e que jogava a sua própria versão de xadrez com o seu pai com a imagem que fazia dele, pelo menos. Mas parecia estar concentrada em reflexões históricas.

— O xadrez não é ocidental, sabe, é um jogo muito antigo, originário da Índia: *shahmat*, em persa. Xequemate, acho que é assim que se diz. *Shah* quer dizer rei. Uma batalha entre reis.

Fiquei a observar os dois homens a começarem a partida, as mãos enrugadas escolhendo os primeiros guerreiros. Diziam piadas um ao outro provavelmente eram velhos amigos. Por mim, teria ficado ali o dia inteiro, a assistir, mas Helen afastou-se impientemente, e eu segui-a. Quando passamos, os homens pareceram notar a nossa presença pela primeira vez, olhando-nos zombeteiramente por um momento. Devemos ter ar de estrangeiros, concluí, embora o rosto de Helen combinasse de modo admirável com as fisionomias à nossa volta. Imaginei quanto tempo duraria o jogo — a manhã inteira, quem sabe e qual deles ganharia desta vez.

A barraca ao lado deles estava justamente a abrir. Na verdade, era um telheiro debaixo de uma venerável figueira na orla do bazar. Um rapaz de camisa branca e calças escuras puxava vigorosamente as portas e cortinas da barraca, montando mesas do lado de fora e expondo as suas mercadorias livros. Havia livros empilhados sobre os balcões de madeira, livros caídos de caixotes no chão e livros revestindo as prateleiras do lado de dentro.

Aproximei-me avidamente, e o jovem proprietário saudou-me com a cabeça e sorriu, como se reconhecesse um bibliófilo fosse qual fosse a sua nacionalidade. Helen aproximou-se mais devagar, e ficamos ali a folhear volumes em talvez uma dezena de línguas. Muitos eram em árabe, ou em turco moderno; alguns escritos com o alfabeto grego ou o cirílico; outros, em inglês, francês, alemão, italiano. Encontrei um tomo em hebraico e toda uma prateleira de clássicos em latim. A maioria eram edições baratas, mal impressas e mal acabadas, as capas de tecido já puidas de tanto serem manuseadas. Havia livros de bolsc

novos, com cenas lúgubres nas capas, e volumes que pareciam muito antigos, especialmente algumas das obras em árabe.

— Os Bizantinos também gostavam de livros — murmurou Helen, folheando o que parecia ser uma recolha de poesia alemã. — Talvez comprassem livros exatamente neste lugar.

O rapaz terminara os seus preparativos para o dia de trabalho e veio junto de nós para nos cumprimentar.

— Falam Alemão? Inglês?

— Inglês — disse eu rapidamente, já que Helen não respondera.

— Tenho livros em inglês — disse ele com um sorriso agradável. — *No problem.* — Tinha um rosto magro e expressivo, com grandes olhos esverdeados e um longo nariz. — Também jornais de Londres, Nova Iorque.

Agradei-lhe e perguntei-lhe se trabalhava com livros antigos.

— Sim, muito antigos — Entregou-me uma edição do século dezenove de *Muito Barulho por Nada*, de má qualidade, encadernado em tecido gasto. Tentei imaginar de que biblioteca teria vindo aquele volume e como teria feito a sua viagem da burguesa Manchester, digamos — até esta encruzilhada do mundo antigo. Folheei as páginas, para ser educado, e devolvi-o.

— Não bastante antigo? — perguntou, sorrindo.

Helen estivera a espreitar por cima do meu ombro e agora olhava descaradamente para o relógio. Afinal, nem sequer tínhamos chegado perto de Hagia Sophia.

— Pois é, temos de ir — disse eu.

O jovem vendedor de livros inclinou-se para nós com cortesia, com o livro na mão.

Olhei para ele por um segundo, perturbado por algo que era quase um reconhecimento, mas ele virou-se e já estava a atender um novo cliente, um homem idoso que poderia ter formado um trio com os jogadores de xadrez. Helen empurrou-me ao de leve o cotovelo com o seu e deixamos a loja, andando com mais determinação em torno do bazar, de regresso à zona da nossa pensão.

O pequeno restaurante estava vazio quando entramos, mas alguns minutos depois Turgut apareceu à porta, saudando-nos e sorrindo, e perguntou-nos como tínhamos dormido. Naquela manhã, usava um fato de lã cor de azeitona, apesar do calor cada vez maior, e parecia cheio de uma agitação contida. Os seus cabelos escuros e encaracolados estavam penteados para trás, os sapatos brilhavam de tão engraxados e movimentava-se rapidamente, apressando-nos a sair do restaurante. Notei mais uma vez que era uma pessoa de grande energia, e fiquei aliviado por ter um guia assim. A agitação também tomava conta de mim. Os documentos de Rossi estavam em segurança na minha pasta, e talvez, nas próximas horas, eu chegasse mais perto do seu paradeiro. Em breve, pelo menos, talvez pudesse comparar as suas cópias dos documentos com os originais que ele examinara tantos anos antes.

Enquanto seguíamos Turgut pelas ruas, ele explicou-nos que o arquivo do sultão Mehmed não ficava no edifício principal da Biblioteca Nacional, embora estivesse sob a proteção do Estado. Encontrava-se agora num anexo da biblioteca que antes fora uma madrassa, uma escola islâmica tradicional. Atatürk fechara essas escolas no seu processo de secularização do país, e a escola em questão continha atualmente livros raros e antigos sobre a história do Império, pertencentes à Biblioteca Nacional. Encontraríamos a coleção do sultão Mehmed entre outras dos séculos da expansão otomana.

O anexo à biblioteca era um edifício pequeno e elegante. As portas que davam para a rua, e pelas quais entramos, eram de madeira com aplicações de bronze. As janelas estavam cobertas com arabescos de mármore; a luz do sol filtrava-se através delas, formando belas formas geométricas e adornando o piso da entrada imersa em penumbra com estrelas cadentes e octógonos. Turgut mostrou-nos onde devíamos assinar o registro, que estava em cima de um balcão na entrada (notei que Helen assinou com um rabisco ilegível), e ele também assinou, com um floreado.

Seguimos então para o único salão do anexo, um espaço amplo e silencioso sob uma cúpula decorada com mosaicos verdes e brancos. Mesas de madeira polida estendiam-se ao comprimento da sala, e já ali estavam três ou quatro pesquisadores a trabalhar. As paredes estavam cheias não só de livros, mas também de gavetas e caixas de madeira, e do teto pendiam delicados candeeiros de bronze em forma de cúpula, equipados com lâmpadas elétricas. O bibliotecário, um homem esguio de uns cinquenta anos com um colar de orações na cintura, abandonou o seu trabalho e veio na nossa direção para apertar ambas as mãos de Turgut nas suas. Conversaram por um momento da parte de Turgut, captei o nome da nossa universidade — e então o bibliotecário dirigiu-se-nos em turco, sorrindo e inclinándose.

— Este é Mr. Erozan. Ele dá-vos as boas-vindas à coleção — disse-nos Turgut, com visível satisfação. — Diz que gostaria de prestar-lhes serviços.

Encolhi-me, involuntariamente, e Helen fez um sorriso afetado.

— Ele vai preparar imediatamente para os senhores os documentos do sultão Mehmed sobre a Ordem do Dragão. Mas, primeiro, devemos sentar-nos confortavelmente aqui e esperar por ele.

Sentamo-nos a uma das mesas, tendo o cuidado de nos mantermos longe dos outros pesquisadores. Eles olharam-nos com uma curiosidade passageira e depois voltaram ao seu trabalho. Passado um momento, Mr. Erozan voltou, transportando uma grande caixa de madeira com um cadeado na frente e palavras escritas em árabe entalhadas na tampa.

— O que diz aqui? — perguntei ao professor.

— Ah — tocou na parte superior da tampa com as pontas dos dedos. — Diz, "Aqui há mal" hmm... "Aqui, o mal está contido... reside o mal. Trancai-o com as chaves do sagrado Corão."

O meu coração deu um salto; as frases eram impressionantemente semelhantes às que

Rossi relatara ter lido na margem do misterioso mapa e ter pronunciado em voz alta no velho arquivo onde, em tempos, a caixa estivera guardada. Não mencionara a caixa nas suas cartas, mas talvez nunca a tivesse visto, se um bibliotecário lhe tivesse trazido apenas os documentos. Ou talvez tivessem sido colocados na caixa depois de Rossi ter estado lá.

— Quantos anos tem a caixa? É muito antiga? — perguntei a Turgut. Ele abanou a cabeça.

— Não sei, e o meu amigo aqui também não sabe. Como é de madeira, acho pouco provável que seja dos tempos de Mehmed. O meu amigo disse-me uma vez — sorriu na direção de Mr. Erozan, e o homem retribuiu-lhe o sorriso, sem compreender — que estes documentos foram colocados na caixa em 1930, para os manter em segurança. Ele sabe isso porque discutiu o assunto com o anterior bibliotecário. É muito meticoloso, o meu amigo.

1930! Helen e eu entreolhamo-nos. Provavelmente, quando Rossi tinha escrito as suas cartas, Dezembro de 1930 para quem quer que viesse um dia a recebê-las, os documentos que ele examinara já tinham sido colocados naquela caixa, por motivos de segurança. Uma vulgar caixa de madeira poderia ter evitado os ratos e a umidade, mas o que teria levado o bibliotecário daquele tempo a trancar os documentos da Ordem do Dragão numa caixa ornamentada com um aviso sagrado?

O amigo de Turgut segurava agora um molho de chaves e estava a meter uma delas no cadeado. Quase ri, lembrando-me do nosso moderno catálogo de fichas, o acesso a milhares de livros raros no conjunto de bibliotecas da universidade. Nunca me imaginara a fazer um tipo de pesquisa que precisasse de uma chave antiga. A chave rodou na fechadura.

— Cá estamos — murmurou Turgut, e o bibliotecário afastou-se. Turgut sorriu-nos com uma certa tristeza, pensei e levantou a tampa.

No comboio, Barley tinha acabado de ler em silêncio as primeiras duas cartas do meu pai. Angustiava-me vê-las ali abertas nas mãos dele, mas sabia que Barley confiaria na voz respeitável do meu pai, enquanto na minha, mais fraca, só acreditaria parcialmente.

— Já estive em Paris? — perguntei, em parte para disfarçar a minha emoção.

— Acho que sim — disse Barley, indignado. — Estudei lá durante um ano, antes de ir para a universidade. A minha mãe queria que eu aprendesse melhor francês.

Eu ansiava por lhe perguntar sobre a sua mãe e por que razão exigia do filho essa agradável aptidão, e também como era ter mãe, mas Barley já estava novamente mergulhado na carta.

— O seu pai deve ser um professor fantástico — disse ele. — Isto é muito mais interessante do que o que aprendemos em Oxford.

Aquela frase abriu-me um novo campo de exploração. As aulas em Oxford seriam aborrecidas? Seria possível? Barley estava cheio de coisas que eu queria saber, um mensageiro vindo de um mundo tão vasto que eu nem sequer conseguia começar a

imaginar. Fomos interrompidos por um revisor, que passou apressado pela porta do nosso compartimento e seguiu pelo corredor.

— Bruxelas! — gritava.

O comboio já estava a reduzir a velocidade e, poucos minutos depois, víamos pela janela a estação de Bruxelas; os funcionários da alfândega já estavam a entrar. Lá fora, pessoas corriam para apanhar os seus comboios e os pombos debicavam migalhas croissants? Pão? Doces? na plataforma.

Talvez porque secretamente gostava muito de pombos, observava atenta a multidão e, de repente, reparei numa figura que não se movia. Uma mulher, alta e vestida com um casaco preto comprido, encontrava-se parada de pé na plataforma. Uma *écharpe* preta envolvia-lhe o cabelo, emoldurando um rosto branco. Estava um pouco longe demais para lhe poder ver as feições com nitidez, mas vi de relance uns olhos escuros e uma boca quase anormalmente vermelha um batom de cor viva, talvez. Havia algo de estranho no estilo das suas roupas; no meio das mini-saias e das horríveis botas de solas grossas da época, ela usava finos sapatos pretos de salto alto.

Entretanto, o que primeiro me chamou a atenção, e a manteve por um instante antes que o nosso comboio se pusesse de novo em movimento, foi a sua atitude de alerta. Esquadrinhava o nosso comboio de uma ponta à outra. Instintivamente, afastei-me da janela e Barley olhou-me, numa interrogação muda. Aparentemente, a mulher não nos vira, embora tivesse dado um passo meio hesitante na nossa direção. E então pareceu mudar de idéias e voltou-se para examinar outro comboio que tinha acabado de chegar, do outro lado da plataforma. Alguma coisa nas suas costas direitas, severas, fez com que eu não tirasse os olhos dela até o comboio sair da estação e ela desaparecer no meio da multidão, como se nunca tivesse existido.

Desta vez, fui eu que adormeci, em vez de Barley. Quando acordei, dei por mim encostada a ele, a minha cabeça apoiada num ombro da sua camisola azul-marinho. Estava a olhar pela janela, com as cartas do meu pai, novamente arrumadas nos respectivos envelopes, no colo, as pernas cruzadas, o rosto — não muito acima do meu virado para a paisagem que passava, que eu sabia que naquela altura devia ser a de uma área rural da França. Abri os olhos e vi o seu queixo ossudo. Olhando para baixo, vi as mãos de Barley frouxamente entrelaçadas sobre as cartas. Notei, pela primeira vez, que ele roía as unhas, como eu também sempre fizera. Fechei os olhos novamente, fingindo dormir, porque o calor do seu ombro era reconfortante. Então, tive medo de que ele não gostasse que eu me apoiasse nele, ou de lhe ter babado a camisola durante o meu sono pateta, e endireitei-me rapidamente. Barley virou-se para mim, os olhos cheios de pensamentos longínquos, ou quem sabe apenas ainda imersos nos campos para lá da janela, já não planos, mas ondulando em colinas, uma modesta região rural francesa. Depois de um instante, sorriu.

Quando a tampa da caixa de segredos do sultão Mehmed foi aberta, emanou dela um cheiro que eu conhecia bem. Era o cheiro de documentos muito antigos, de pergaminho, de pó e de séculos, de páginas que o tempo há muito começara a corromper. Era o mesmo cheiro do pequeno livro em branco com o dragão no centro, o meu livro. Nunca tivera coragem de o cheirar diretamente, como em segredo fizera com alguns dos outros volumes antigos que tinha manuseado — tinha medo, acho eu, que pudesse haver algum traço repugnante no seu odor, ou, pior, algum poder no cheiro, uma droga maligna que não queria inalar.

Turgut retirava cuidadosamente os documentos da caixa. Cada um deles fora envolvido num papel macio amarelado pelo tempo, e variavam em tamanho e em forma. Espalhou-os cuidadosamente em cima da mesa à nossa frente.

— Eu mesmo vou mostrar-lhes estes papéis, e dizer-lhes o que sei sobre eles — disse. — Depois, talvez queiram sentar-se e refletir sobre eles, não acham?

Sim, talvez quiséssemos — fiz que sim com a cabeça, e ele desembrolhou um dos rolos, desenrolando-o delicadamente, sob o nosso olhar atento. Era de pergaminho, preso a finas hastes de madeira, muito diferente das grandes páginas planas e dos livros comerciais encadernados a que estava habituado nas minhas pesquisas sobre o mundo de Rembrandt. As bordas do pergaminho estavam decoradas com uma margem colorida de padrões geométricos, em dourado, azul-escuro e carmim. O texto manuscrito, para minha decepção, fora redigido no alfabeto árabe. Não sei bem do que estava à espera; este documento viera do coração de um império que falava a língua otomana e a escrevia em caracteres árabes, recorrendo ao Grego apenas para intimidar os Bizantinos, ou ao Latim

para ameaçar os portões de Viena

Turgut leu-me a perplexidade no rosto e apressou-se a explicar.

— Este, meus amigos, é um registro das despesas de uma guerra contra a Ordem do Dragão. Foi escrito numa cidade no lado setentrional do Danúbio por um burocrata que al estava a gastar o dinheiro do sultão — é um relatório de negócios, por outras palavras. O pai de Drácula, Vlad Dracul, ficou muito caro ao Império Otomano nos meados do século quinze, sabem. Este burocrata encomendou armaduras e, como se diz? Cimitarras, para trezentos homens a fim de proteger a fronteira dos Cárpatos Ocidentais, para que as populações locais não se rebelassem, e também comprou cavalos para eles. — Aqui apontou para o final do rolo com um dedo comprido — aqui diz que Vlad Dracul foi uma despesa... e um.. uma terrível maçada e que lhes custou mais dinheiro do que o paxá queria gastar. O paxá lamenta muito, está consternado e deseja vida longa ao Incomparável, em nome de Alá.

Helen e eu entreolhamo-nos e creio ter lido nos seus olhos algum do temor que eu próprio estava a sentir. Aquele pedaço de história era tão real como o pavimento de ladrilhos debaixo dos nossos pés ou o tampo de madeira da mesa sob os nossos dedos. As pessoas a quem aquilo acontecera tinham realmente vivido e respirado e sentido e pensado e depois morrido, como nós como um dia aconteceria conosco. Desviei o olhar, incapaz de acompanhar o pulsar de emoções no seu rosto vincado.

Turgut enrolara de novo o pergaminho e estava a abrir um segundo embrulho, que continha mais dois rolos.

— Esta é uma carta do paxá da Valáquia, na qual promete enviar ao sultão Mehmed todos os documentos que encontrar sobre a Ordem do Dragão. E este é um relatório do comércio ao longo do Danúbio em 1461, não longe da área controlada pela Ordem do Dragão. As fronteiras dessa zona não eram estáveis, os senhores compreendem — mudavam continuamente. O relatório registra as sedas, as especiarias e os cavalos que o paxá pede em troca da lã dos pastores dos seus domínios.

Os dois rolos seguintes eram relatórios semelhantes. Então, Turgut desenrolou um embrulho menor, que continha um esboço em pergaminho plano.

— Um mapa — disse. Involuntariamente, fiz um movimento para pegar na minha pasta, que continha os esboços e as anotações de Rossi, mas Helen abanou a cabeça quase imperceptivelmente. Percebi o que queria dizer — não conhecíamos Turgut suficientemente bem para revelarmos todos os nossos segredos. Ainda não, corriji-me mentalmente; afinal de contas, ele parecia estar a mostrar-nos tudo aquilo de que dispunha.

— Nunca consegui perceber o que é este mapa, meus amigos — disse Turgut. Havia tristeza na sua voz, e afagou o bigode com um gesto pensativo. Olhei mais de perto o pergaminho e reconheci com emoção uma versão esmerada, embora desbotada, do primeiro mapa que Rossi copiara, os extensos semicírculos de montanhas, o rio sinuoso a

norte delas.

— Não se parece com nenhuma região que eu tenha estudado, e não há modo de saber qual é a... como se diz?... a escala do mapa, percebem? — E colocou-o de lado. — Este aqui é outro mapa, que parece ser uma visão mais pormenorizada desta área do primeiro mapa.

Eu sabia o que era — já tinha visto tudo aquilo, e a minha agitação aumentou.

— Acredito que estas sejam as montanhas mostradas na parte oeste do primeiro mapa, não? — Suspirou. — Mas não há nenhuma outra informação, e os senhores podem ver que não está muito legendado, a não ser por algumas linhas do Corão e este estranho dístico uma vez traduzi-o com cuidado que diz qualquer coisa como: "Neste lugar, ele reside no mal. Leitor, desenterra-o com as tuas palavras."

Eu tinha estendido uma mão assustada para o interromper, mas Turgut falara muito depressa e apanhou-me desprevenido.

— Não! — exclamei, mas tarde demais, e Turgut olhou para mim com espanto. Helen olhava de um para o outro, e Mr. Erozan tirou os olhos do seu trabalho, no outro lado da sala, e ficou também a olhar para mim.

— Desculpem — sussurrei. — Só estou excitado por ver estes documentos. São tão.. interessantes.

— Ah, folgo muito que os ache interessantes. — Turgut quase sorriu, no meio da sua seriedade. — E essas palavras realmente soam um pouco estranhas. Dão um... sabem como é... Um sobressalto.

Naquele momento ouvimos alguém andar dentro da sala. Olhei em volta nervosamente, quase à espera de encontrar o próprio Drácula, qualquer que fosse a sua aparência, mas era apenas um homem pequeno com um gorro de crochê e uma barba grisalha e desgrehnada. Mr. Erozan foi até à porta para o cumprimentar, e voltamos aos nossos documentos. Turgut tirou outro pergaminho da caixa.

— Este é o último documento da caixa — disse. — Nunca consegui entendê-lo. Está registrado no catálogo da biblioteca como uma Bibliografia da Ordem do Dragão.

O meu coração deu um salto e vi um rubor assomar ao rosto de Helen.

— Uma bibliografia?

— Sim, meu amigo. — Turgut abriu-o devagar sobre a mesa diante de nós. Parecia muito antigo e frágil, escrito em grego, numa bela caligrafia. A parte superior curvava-se irregularmente, como se tivesse feito parte de um rolo mais longo, e a parte inferior fora claramente arrancada. Não havia quaisquer ornamentos no manuscrito, apenas as palavras alinhadas naquela primorosa caligrafia. Suspirei. Nunca estudara Grego, embora duvidasse de que qualquer conhecimento inferior a um domínio completo da língua pudesse ajudar-me com um documento assim.

Como se adivinhasse o meu problema, Turgut tirou da sua pasta um caderno de notas.

— Mandei fazer uma tradução deste texto por um estudioso de Bizâncio da nossa

universidade. Ele tem um conhecimento extraordinário da língua e dos documentos bizantinos. Isto é uma lista de obras de literatura, embora eu não tenha encontrado sequer menção de muitas delas em qualquer outro lugar.

Abriu o seu caderno de notas e alisou uma página. Estava coberta de caprichados caracteres turcos. Desta vez, Helen suspirou Turgut deu uma palmada na testa.

— Mil perdões — disse. — Vou traduzir para os senhores à medida que avançamos, está bem; Heródoto, *O Tratamento aos Prisioneiros de Guerra*. Feseus, *Sobre a Razão e a Tortura*. Orígenes, *Tratado sobre os Princípios Primordiais*. Eutímio, o Velho, *O Destino dos Condenados*. Gubent de Ghent, *Tratado sobre a Natureza*. São Tomás de Aquino, *Sútfó*. Como vêem, é uma coleção estranha, e alguns dos livros são muito raros. O meu amigo, o estudioso de Bizâncio, disse-me, por exemplo, que seria um milagre se uma versão até agora desconhecida desse tratado escrito pelo filósofo paleocristão Orígenes tivesse sobrevivido algures: a maior parte da obra de Orígenes foi destruída porque ele foi acusado de heresia.

— Que heresia? — Helen parecia interessada. — Tenho a certeza de já ter lido alguma coisa sobre ele, não sei onde

— Foi acusado de alegar, no seu tratado, que é uma questão de lógica cristã admitir que até mesmo Satã será um dia salvo e ressuscitado — explicou Turgut. — Continuo com a lista?

— Se não for muito incômodo — pedi, — importava-se de nos copiar esses títulos em inglês à medida que os vai lendo?

— Com prazer — Turgut sentou-se com o seu caderno de notas e pegou numa caneta.

— O que acha de tudo isto? — perguntei a Helen. O seu rosto falava mais claramente do que qualquer palavra. Teríamos vindo de tão longe só por causa de uma lista confusa de livros?

— Sei que ainda não faz sentido — disse-lhe em voz baixa, — mas vamos ver onde nos irá levar.

— Bem, meus amigos, deixem-me ler-lhes os próximos títulos. — Turgut escrevia alegremente. — Quase todos estão relacionados com tortura ou assassinio ou qualquer outra coisa desagradável, como podem observar. Erasmo, *Destinos de um Assassino*. Henricus Curtius, *Os Canibais*. Giorgio de Pádua, *Os Condenados*.

— Não há datas correspondentes a essas obras? — perguntei, inclinando-me sobre os documentos.

Turgut suspirou.

— Não. E nunca consegui encontrar outras referências para alguns destes títulos, mas de todos os que consegui localizar, nenhum foi escrito depois de 1600.

— E no entanto, essa data é posterior ao período em que Vlad Drácula viveu — comentou Helen.

Olhei para ela com surpresa; não tinha pensado nisso. Era um dado simples, mas verdadeiro e muito curioso.

— Sim, minha cara senhora — disse Turgut, olhando para ela. — Destas obras, as mais recentes foram escritas mais de cem anos depois da sua morte e depois da morte do sultão Mehmed. Ai de mim, não consegui encontrar nenhuma informação sobre como ou quando esta bibliografia se tornou parte da coleção do sultão Mehmed. Alguém deve tê-la adicionado mais tarde, talvez muito tempo depois de a coleção ter vindo para Istambul.

— Mas antes de 1930 — refleti.

Turgut lançou-me um olhar penetrante.

— Foi nessa data que a coleção foi fechada à chave — observou. — O que o faz dizer isso, professor?

Senti-me corar, não só porque tinha falado demais, tanto que Helen agora se afastava de mim, desesperada pela minha idiotice, mas também porque ainda não era um professor universitário. Fiquei em silêncio por um instante; sempre odiei mentir, e tento, minha querida filha, não o fazer nunca, se o puder evitar.

Turgut estava a observar-me, e percebi com um certo desconforto que, até àquele momento, não tivera consciência da extrema sagacidade dos seus olhos escuros, com aqueles joviais pés-de-galinha. Respirei fundo. Discutiria o assunto com Helen mais tarde. Confiara em Turgut desde o início, e ele seria capaz de nos ajudar mais, se tivesse mais informações. Entretanto, para ganhar tempo, olhei para a lista de documentos que ele estava a traduzir-nos e em seguida para a tradução em turco a partir da qual estava a trabalhar. Não conseguia encará-lo de frente. Exatamente quanto do que sabíamos deveria contar-lhe? Se eu lhe dissesse tudo o que sabia sobre a experiência de Rossi naquele lugar, duvidaria da nossa seriedade e da nossa sanidade? E foi precisamente porque baixei os olhos naquele momento de indecisão que vi algo de estranho. A minha mão voou na direção do original em grego, a Bibliografia da Ordem do Dragão. Nem tudo estava em grego, afinal. Pude ler claramente o nome no fim da lista: Bartolomeo Rossi. Vinha seguida de uma frase em latim.

— Meu Deus! Meu Deus! — A minha exclamação acordou os silenciosos pesquisadores por toda a sala, apercebi-me tarde demais. Mr. E rozan, que ainda estava a conversar com o homem do gorro de crochê e barba comprida, virou-se, intrigado, para nós.

Turgut alarmou-se imediatamente e Helen aproximou-se depressa.

— O que foi?

Turgut estendeu uma mão para o documento. Eu ainda estava a olhar fixamente para baixo; era fácil seguir o meu olhar. E então Turgut levantou-se de um salto, sussurrando algo que soava como um eco da minha própria agitação, um eco tão claro que me deu um estranho conforto no meio de tanta estranheza:

— Meu Deus! Professor Rossi!

Entreolhámo-nos e por um momento ninguém disse nada. Finalmente arrisquei:

— O senhor... — disse eu a Turgut em voz baixa — conhece esse nome?

Turgut olhou para mim e para Helen.

— Os senhores conhecem-no? — disse ele finalmente.

O sorriso de Barley era gentil.

— Você devia estar muito cansada, para adormecer tão profundamente. Também estou cansado, só de pensar na confusão em que se meteu. O que diriam as pessoas se lhes contasse tudo isto... quero dizer, a uma pessoa qualquer? Aquela senhora ali, por exemplo — e apontou com a cabeça para a nossa companheira sonolenta, que não descera em Bruxelas e pelos vistos pretendia dormitar até Paris. — Ou a um polícia. A única coisa que podiam pensar é que era maluca — suspirou. — E queria realmente viajar para o Sul de França sozinha? Quem me dera que me dissesse o lugar exato, em vez de me obrigar a adivinhar; assim eu podia mandar um telegrama a Mrs. Clay a avisá-la e a metê-la a si na maior das encrencas.

Foi a minha vez de sorrir. Já tínhamos batido naquela tecla algumas vezes.

— Você é incrivelmente teimosa — gemeu Barley. — Nunca poderia imaginar que uma miúda pudesse arranjar tantos problemas, nomeadamente os problemas que eu iria ter com o reitor James se a deixasse no meio de sítio nenhum em França, sabe. — Aquilo quase me fez chegar as lágrimas aos olhos, mas o que ele disse a seguir fê-las secar antes mesmo de se formarem. — Pelo menos, vamos ter tempo para almoçar antes de apanhar o próximo comboio. A *Gare du Nord* tem umas sanduíches sensacionais, e podemos usar os meus francos. Foi a escolha do pronome que me aqueceu o coração.

Descer de um comboio, mesmo de um comboio moderno, na *Gare du Nord* com a sua magnífica estrutura de ferro e vidro antigos, a sua beleza de balão cheio de luz, é entrar diretamente em Paris. Barley e eu descemos do comboio, segurando a bagagem, e ficamos de pé por alguns minutos absorvendo tudo aquilo. Pelo menos, era o que eu estava a fazer, embora já tivesse ali estado muitas vezes, de passagem ou nas minhas viagens com o meu pai. A gare ecoava com o barulho dos freios dos comboios, de pessoas a falar, passos, apitos, o roçar das asas dos pombos, o tilintar de moedas. Um velho com uma boina preta passou por nós de braço dado com uma jovem. O cabelo ruivo da rapariga estava lindamente penteado, usava batom cor-de-rosa e imaginei, por um momento, trocar de lugar com ela. Ah, ser igual a ela, ser parisiense, ser adulta e ter botas de salto alto e seios de verdade e um artista elegante e idoso ao lado! Então, ocorreu-me que o homem podia ser o pai da rapariga, e senti-me muito sozinha.

Virei-me para Barley, que aparentemente tinha estado a absorver os cheiros, mais do que as imagens.

— Meu Deus, estou com fome — resmungou. — Já que estamos aqui, vamos aproveitar para comer bem.

Disparou para um dos cantos da estação, como se conhecesse o caminho de cor; o facto é que ele não só conhecia o caminho, mas também a mostarda e as fatias de presunto finamente cortadas, e depressa estávamos a comer duas grandes sanduíches embrulhadas em papel branco. Barley nem sequer se deu ao trabalho de se sentar no banco que eu encontrara.

Eu também estava com fome, mas sobretudo preocupada com o que fazer a seguir. Agora que estávamos fora do comboio, Barley poderia ir a qualquer telefone público e encontrar uma forma de ligar para Mrs. Clay, ou para o reitor James, ou talvez para um exército de *gendarmes* que me levaria algemada de regresso a Amsterdã. Olhei para ele, desconfiada, mas o seu rosto estava quase totalmente escondido pela sanduíche. Quando finalmente emergiu para um gole de laranja, pedi-lhe:

— Barley, queria pedir-lhe um favor.

— O que é, desta vez?

— Por favor, não faça nenhum telefonema. Por favor, Barley, não me traia. Vou sair daqui para o Sul, seja como for. Compreende que não posso ir para casa sem saber onde está o meu pai e o que está a acontecer-lhe, não compreende?

Ele bebeu o refresco gravemente.

— Compreendo.

— Por favor, Barley.

— Por quem me toma?

— Não sei — disse, desconcertada. — Pensei que estivesse zangado comigo por ter

fugido, e ainda se sentisse na obrigação de me denunciar.

— Pense um pouco — disse Barley. Se eu fosse realmente honesto, poderia agora mesmo estar a voltar para casa, para as aulas de amanhã e para um raspanete do reitor James, consigo a reboque. Mas aqui estou eu, obrigado, por galantaria... e curiosidade, a acompanhar uma dama até ao Sul de França sem pensar duas vezes. Acha que eu gostaria de perder esta oportunidade?

— Não sei — repeti, mais grata, desta vez.

— É melhor irmos pedir informações sobre o próximo comboio para Perpignan — disse Barley, dobrando a embalagem da sanduíche com decisão.

— Como é que descobriu? — perguntei, surpreendida.

— Ah, com que então acha-se muito misteriosa — Barley parecia outra vez irritado. — Não lhe traduzi toda aquela história sobre o vampiro na biblioteca de Oxford? Por onde iria começar, se não por aquele mosteiro nos Pireneus Orientais? Como se eu não conhecesse o mapa da França! Vamos, deixe de me lançar esse olhar mal-humorado. Torna-lhe o rosto tão menos *piquant*.

E fomos na direção do *bureau de change* de braço dado.

Quando Turgut pronunciou o nome de Rossi com aquele inconfundível tom de familiaridade, tive a súbita sensação de um mundo que mudava, de pedaços de cor e de forma a serem tirados dos seus lugares e a formarem uma imagem absurda e complexa. Era como se estivesse a assistir a um filme conhecido e, sem mais nem menos, uma personagem que nunca fizera parte dele entrasse no ecrã, juntando-se à ação, imperceptivelmente, mas sem qualquer explicação.

— O senhor conhece o professor Rossi? — repetiu Turgut, no mesmo tom. Eu ainda estava sem fala, mas Helen parecia ter tomado uma decisão.

— O professor Rossi é o orientador de Paul no departamento de História da nossa universidade.

— Mas isso é incrível — disse Turgut lentamente.

— Já ouviu falar dele? — perguntei.

— Nunca o conheci pessoalmente — disse Turgut. — Ouvi falar dele de uma forma bastante singular. Por favor, isso é uma história que preciso lhes contar, acho. Sentem-se, meus amigos. — Fez um gesto hospitaleiro, mesmo no meio do seu espanto. Helen e eu tínhamo-nos levantado de um salto, mas sentamo-nos novamente junto dele. — Há aqui algo de extraordinário — e interrompeu-se, parecendo obrigar-se a explicar-nos. — Há anos atrás, quando me apaixonei por este arquivo, pedi ao bibliotecário todas as informações possíveis sobre ele. Contou-me que, tanto quanto se lembrava, nunca tinha sido examinado por mais ninguém, mas achava que o seu antepassado — quero dizer, o bibliotecário antes dele — sabia alguma coisa sobre o assunto. Fui falar com o antigo bibliotecário.

— Ainda é vivo? — perguntei, com a voz entrecortada.

— Oh, não, meu amigo. Sinto muito. Já era muito idoso na época, e morreu um ano depois de falar comigo, creio. Mas a sua memória era excelente, e contou-me que tinha trancado a coleção porque tinha uma má sensação a respeito dela. Disse que um professor estrangeiro a tinha visto certa vez e ficara muito... como se diz?... muito transtornado e quase louco, e de repente saíra a correr para fora do edifício. O velho bibliotecário disse que, uns dias depois de isto acontecer, estava ele sozinho na biblioteca a trabalhar em alguma coisa e, quando levantou o olhar, deu com um homem alto a examinar os mesmos documentos. Ninguém tinha entrado e a porta da rua estava trancada porque já era de noite e passava do horário de abertura ao público. Não percebia como é que o homem entrara. Pensou que afinal talvez não tivesse trancado a porta e não tivesse ouvido o homem subir as escadas, embora lhe parecesse pouco plausível. Depois contou-me — Turgut inclinou-se para a frente e baixou ainda mais a voz —, contou-me que, quando se aproximou do homem para lhe perguntar o que estava a fazer, o homem levantou a cabeça e — vejam bem — tinha um fio de sangue a escorrer-lhe de um canto da boca.

Senti uma onda de repugnância e Helen levantou os ombros, como se reprimisse um calafrio.

— A princípio, o velho bibliotecário não queria contar-me essa história. Creio que receava que eu pensasse que estava a ficar senil. Contou-me que aquela cena o deixou prestes a desmaiar, e, quando olhou novamente, o homem tinha saído. Mas os documentos ainda estavam espalhados sobre a mesa e, no dia seguinte, ele comprou esta caixa sagrada no mercado de antiguidades e colocou os documentos dentro dela. Manteve-os trancados e disse que ninguém mais lhes voltou a mexer enquanto ele foi bibliotecário aqui. Nunca mais viu o homem estranho.

— E Rossi? — perguntei.

— Bem, eu estava decidido a investigar todas as pistas dessa história, por isso perguntei-lhe o nome do investigador, mas ele não conseguia lembrar-se de nada, exceto que pensava que fosse italiano. Disse-me para procurar nos registos de 1930, se quisesse, e o meu amigo aqui permitiu-me fazê-lo. Encontrei o nome do professor Rossi depois de pesquisar um pouco, e descobri que era de Inglaterra, de Oxford. E escrevi-lhe uma carta para Oxford.

— Ele respondeu-lhe? — Helen estava quase a devorar Turgut com os olhos.

— Sim, mas já não estava em Oxford. Tinha ido para uma universidade americana — Harvard e a carta só lhe chegou depois de muito tempo, e foi então que respondeu. Disse que sentia muito, mas não sabia nada sobre o arquivo a que me referia e não podia ajudar-me. Hei-de mostrar-lhes a carta no meu apartamento, quando forem jantar comigo. Chegou pouco antes da guerra.

— É muito estranho — murmurei. — Não consigo entender.

— Bem, e não é o mais estranho de tudo — disse Turgut, com veemência. Virou-se

para o pergaminho sobre a mesa, para a bibliografia, e o seu dedo procurou o nome de Rossi no fim da lista. — Olhando para o nome, vi outra vez as palavras que vinham depois. Estavam em latim, tinha certeza, embora o meu latim, que remontava aos primeiros dois anos de faculdade, jamais tivesse sido digno de nota e agora estava, no mínimo, enferrujado.

— O que diz aí? O senhor sabe latim?

— Para meu alívio, Turgut fez que sim com a cabeça.

— Aqui diz: "Bartolomeo Rossi, O Espírito o Fantasma na Ânfora."

Os meus pensamentos giraram, num turbilhão.

— Mas eu conheço essa frase. Acho... tenho certeza de que é o título do artigo em que ele tem estado a trabalhar nesta Primavera. — Interrompi-me. — Estava a trabalhar. Ele mostrou-me o artigo há menos de um mês. É sobre a tragédia grega e os objetos que os teatros gregos às vezes usavam como adereços no palco. — Helen estava a olhar para mim com atenção. — É... tenho certeza de que se trata do seu trabalho atual.

— O que é muito, muito estranho — disse Turgut, e desta vez detectei o medo na sua voz —, é que já olhei para esta lista muitas vezes e nunca tinha visto esta inserção. Alguém acrescentou aqui o nome de Rossi.

Olhei para ele, pasmado.

— Descubra quem foi — disse eu, a custo. — Temos de descobrir quem andou a alterar estes documentos. Quando foi a última vez que aqui estive?

— Há cerca de três semanas — disse Turgut, sombriamente. — Esperem, por favor vou perguntar primeiro a Mr. Erozan. Não saiam daqui.

Mas, logo que ele se levantou, o atento bibliotecário viu-o e veio na sua direção. Trocaram algumas palavras rápidas.

— O que foi que ele disse? — perguntei.

— Como é que ele não se lembrou de me contar antes? — lamentou-se Turgut. — Ontem, veio aqui um homem e examinou esta caixa. — Interrogou novamente o amigo, e o bibliotecário apontou para a porta. — Foi aquele homem que entrou há pouco, aquele homem com quem ele estava a falar.

Voltamo-nos, aterrorizados, e o bibliotecário apontou novamente, mas era tarde demais. O homenzinho com o gorro branco e a barba grisalha tinha desaparecido.

Barley estava a revistar a carteira.

— Bem, precisamos de trocar todo o dinheiro que tenho — disse, num tom aborrecido. — Tenho o dinheiro do reitor James e mais algumas libras da minha mesada.

— Eu trouxe algum dinheiro — disse eu. — De Amsterdã, quero dizer. Pago os bilhete para o Sul, e penso que posso pagar as nossas refeições e a nossa hospedagem, pelo menos por uns dias.

Estava a pensar, comigo própria, se poderia pagar o apetite de Barley. Era estranho que uma pessoa tão magra pudesse comer tanto. Eu também ainda era magra, mas não conseguia imaginar-me a engolir duas sanduíches com a velocidade que Barley tinha acabado de demonstrar. Julgava que a preocupação com o dinheiro fosse a única razão do insistente peso na minha mente até chegarmos ao balcão de câmbio e uma rapariga com um *blazer* azul-escuro olhar para nós. Barley falou com ela sobre a taxa de câmbio e, em seguida, ela pegou no telefone e virou-nos as costas para falar junto do bocal do telefone.

— O que está ela a fazer? — sussurrei, nervosa, para Barley. Ele olhou para mim, um pouco espantado.

— Está a verificar o câmbio, por algum motivo — disse. — Não sei. O que pensou que fosse?

Não conseguia explicar. Talvez fosse só a influência perniciosa das cartas do meu pai, mas tudo me parecia suspeito. Era como se estivéssemos a ser seguidos por olhos que eu não conseguia ver.

Turgut, que parecia ter mais presença de espírito do que eu, correu para a porta e desapareceu no pequeno vestibulo. Um segundo depois, estava de volta, a abanar a cabeça.

— Desapareceu — anunciou, com o rosto carregado. — Não vi sinal dele na rua. Desapareceu no meio da multidão.

Mr. Erozan parecia estar a desculpar-se, e Turgut falou com ele durante alguns segundos. Depois, virou-se para nós outra vez.

— Há algum motivo para imaginar que os senhores possam ser perseguidos aqui, por causa da vossa pesquisa?

— Perseguidos? — Eu tinha todas as razões do mundo para pensar que sim, mas perseguidos por quem, exatamente, não fazia a menor idéia.

Turgut olhou penetrantemente para mim e lembrei-me do aparecimento da cigana à nossa mesa na noite anterior.

— O meu amigo bibliotecário diz que esse homem queria ver os documentos que estávamos a examinar, e ficou zangado quando viu que já estavam a ser usados. Diz que o homem falava turco mas com sotaque, e ele acha que era estrangeiro. Por isso é que pergunto se alguém os está a seguir. Meus caros colegas, vamos sair daqui, mas fiquemos vigilantes. Disse ao meu amigo para vigiar os documentos e tomar nota se esse homem ou qualquer outra pessoa vier procurá-los. Ele vai tentar descobrir quem é esse homem, se ele voltar. Talvez, se nos formos embora, ele volte mais depressa.

— Mas os mapas! — Preocupava-me ter de deixar aqueles preciosos documentos na caixa. Além do mais, o que é que tínhamos descoberto até então? Não tínhamos sequer começado a resolver o quebra-cabeça dos três mapas, mesmo ali parados a olhar para a sua miraculosa realidade sobre a mesa da biblioteca.

Turgut voltou-se novamente para Mr. Erozan e um sorriso, um sinal de entendimento mútuo, passou entre eles.

— Não se preocupe, professor — tranquilizou-me Turgut. — Fiz cópias de todas estas coisas, eu mesmo, à mão, e essas cópias estão em segurança no meu apartamento. Além disso, o meu amigo não permitirá que aconteça alguma coisa aos originais. Podem acreditar em mim.

Eu queria acreditar. Helen estava a observar os nossos dois novos amigos e tive curiosidade em saber o que pensava de tudo aquilo.

— Muito bem — concordei.

— Venham, meus amigos. — Turgut começou a recolher os documentos, manuseando-os com um carinho que eu próprio não teria sido capaz de imitar.

— Creio que temos muito a discutir em privado. Vou levá-los para o meu apartamento e lá conversaremos. Também posso mostrar-lhes mais material que consegui reunir sobre este assunto. Não falemos dessas coisas na rua. Vamos sair da maneira mais visível que pudermos e... — gesticulou com a cabeça para o bibliotecário — vamos deixar o nosso melhor general a guardar o baluarte.

Mr. Erozan apertou a mão a cada um de nós, trancou cuidadosamente a caixa e levou-a, desaparecendo entre as estantes de livros ao fundo da sala. Acompanhei-o com o olhar até desaparecer por completo, e então suspirei alto, involuntariamente. Não conseguia tirar da cabeça a idéia de que o destino de Rossi ainda estava escondido naquela caixa quase, Deus me perdoe, como se o próprio Rossi estivesse ali sepultado e não tivéssemos sido capazes de o resgatar.

Depois, deixamos o edifício, parando ostensivamente nos degraus por alguns minutos e fingindo conversar. Os meus nervos estavam arrasados e Helen estava pálida, mas Turgut mostrava-se muito calmo.

— Se andar a rondar por aqui — disse ele, em voz baixa —, o malandro saberá que nos vamos embora.

Ofereceu o braço a Helen, que o aceitou com menos relutância do que eu teria previsto, e partimos juntos pelas ruas cheias de gente. Era a hora do almoço e os odores de carne a assar e de pão quente vinham de todos os lados, misturando-se com um cheiro úmido que podia ser fumo de carvão ou óleo *diesel*, um cheiro que às vezes ainda me vem à memória sem aviso e que para mim significa o limiar do mundo oriental. O que viesse a seguir, pensei, seria outro enigma, como todo aquele lugar olhei à minha volta para os rostos da multidão turca, para as torres esguias dos minaretes no horizonte de cada rua, as cúpulas antigas entre as figueiras, as lojas cheias de objetos misteriosos era um enigma. O maior enigma de todos apertou-me novamente o coração e fê-lo doer:

Onde estaria Rossi? Estaria ali, naquela cidade, ou muito longe dali? Vivo, morto, ou num estado intermédio entre as duas coisas?

As quatro horas e dois minutos, Barley e eu embarcamos no expresso para o Sul da França, para Perpignan. Barley atirou a sua mala para o cimo dos degraus e estendeu a mão para me puxar para cima. Havia menos passageiros naquele comboio, e o compartimento que encontramos permaneceu vazio mesmo depois de o comboio ter partido. Eu estava a ficar cansada; se estivesse em casa àquela hora, estaria sentada à mesa da cozinha diante de um copo de leite e de uma fatia de bolo servidos por Mrs. Clay. Por um segundo, quasi senti a falta dos seus enfadonhos cuidados. Barley sentou-se ao meu lado, embora tivesse outras quatro poltronas à escolha, e eu enfiei a minha mão por baixo de seu braço agasalhado pela camisola.

— Eu devia estudar — disse ele, mas não abriu logo o livro; havia muito para ver à medida que o comboio ganhava impulso através da cidade. Pensei em todas as vezes que estivera ali com o meu pai — a subir até Montmartre, ou a olhar para o camelo deprimido do Jardin des Plantes. Agora, parecia uma cidade que eu nunca tinha visto antes.

Observar Barley a mover os lábios lendo Milton fez-me sono, e, quando ele disse que queria ir até ao vagão-restaurante para tomar um chá, abanei a cabeça, sonolenta.

— Você está um farrapo — disse-me, a sorrir. — O melhor é ficar aqui e dormir. Eu vou levar o meu livro. Podemos sempre voltar lá mais tarde para jantar, quando tiver fome.

Os meus olhos fecharam-se praticamente assim que ele deixou o compartimento, e, quando os abri novamente, vi que estava encolhida na poltrona vazia como uma criança, a minha saia comprida de algodão a cobrir-me os tornozelos. Havia alguém na poltrona em frente, a ler um jornal, e não era Barley. Sentei-me rapidamente. O homem estava a ler *Le Monde*, e o jornal aberto escondia-o quase por completo — não conseguia ver nada da parte superior do seu corpo, nem o seu rosto. Na poltrona ao seu lado, estava pousada uma maleta de couro preta.

Por uma fração de segundos, imaginei que fosse o meu pai, e uma onda de gratidão e confusão mental invadiu-me. Então, vi os sapatos do homem, que também eram de couro preto e muito brilhantes, o couro perfurado com desenhos elegantes nas biqueiras, os atacadores de couro rematados por borlas pretas. O homem tinha as pernas cruzadas, usava calças pretas impecáveis e meias de seda fina, pretas. Não eram os sapatos do meu pai; na verdade, havia qualquer coisa que não batia certo naqueles sapatos, ou nos pés contidos nos sapatos, embora eu não conseguisse perceber o que me causava aquela impressão. Refleti que um homem estranho não deveria ter entrado enquanto eu estava a dormir — havia algo de desagradável naquilo, também, e eu esperava que não tivesse estado a observar-me enquanto eu dormia. Ponderei, no meio da minha inquietação, se seria capaz de me levantar e abrir a porta sem que ele desse por isso. Então, reparei que ele tinha fechado as cortinas que davam para o corredor. Ninguém que lá passasse poderia ver-nos. Ou teria sido Barley que as tinha fechado antes de sair, para me deixar dormir?

Olhei para o relógio. Eram quase cinco da tarde. Lá fora, uma paisagem extraordinária passava; estávamos a entrar no Sul da França. O homem atrás do jornal estava tão quieto que comecei a tremer involuntariamente. Depois de um momento, percebi o que me estava a assustar. Já estava acordada há longos minutos, mas, durante todo o tempo em que estivera a observar e a escutar, o homem não virara sequer uma página do jornal.

O apartamento de Turgut ficava noutro ponto de Istambul, no mar de Marmara, e apanhamos um *ferry* para lá no movimentado porto de Eminönü. Helen ia de pé junto à amurada, observando as gaivotas que seguiam o *ferry* e admirando a impressionante silhueta da cidade antiga. Fui para junto dela e Turgut apontava para as torres e as cúpulas, a sua voz retumbando acima do barulho dos motores. O bairro dele, como descobrimos ao desembarcar, era mais moderno do que os que tínhamos visto até então, mas, neste caso, moderno significava século dezenove. Conforme caminhávamos por ruas cada vez mais tranquilas, distanciando-nos da área de atracagem dos barcos, eu descobria uma segunda Istambul, nova para mim: árvores majestosas cujas copas se curvavam para baixo, belas casas de pedra e madeira, edifícios de apartamentos que poderiam ter sido transportados de um bairro parisiense, passeios cuidados, vasos de flores, cornijas ornamentadas. Aqui e ali, o velho império islâmico surgia, sob a forma de um arco em ruínas ou de uma mesquita isolada, uma casa turca com o andar superior a projetar-se para fora. Na rua de Turgut, porém, o Ocidente fizera uma limpeza requintada e meticulosa. Mais tarde, vi exemplos semelhantes noutras cidades Praga e Sofia, Budapeste e Moscovo, Belgrado e Beirute. Aquela elegância emprestada tinha sido emprestada a todo o Oriente.

— Por favor, entrem — Turgut parou em frente de uma fila de casas antigas, convidou-nos a subir uma dupla escadaria e verificou uma pequena caixa de correio aparentemente vazia que tinha escrito "Professor Bora". Abriu a porta e afastou-se para o lado.

— Por favor, sejam bem-vindos ao meu lar, onde tudo lhes pertence. É uma pena que a minha mulher não esteja em casa; é professora na escola infantil.

Primeiro, entramos num vestíbulo com chão e paredes de madeira encerada, onde imitamos Turgut e tiramos os sapatos, calçando os chinelos bordados que ele nos deu. Em seguida, fez-nos passar para uma sala de estar, e Helen deixou escapar um leve murmúrio de admiração, a que eu não pude deixar de fazer eco. Uma agradável luz esverdeada enchia a sala, mesclada de tons suaves de rosa e amarelo. Notei, instantes depois, que isto se devia ao efeito da luz do sol filtrando-se ao mesmo tempo através das árvores do lado de fora de duas grandes janelas e das cortinas de renda antiga branca. A sala estava repleta de móveis extraordinários, muito baixos, feitos de madeira escura e estofados com tecidos suntuosos. Ao longo de três paredes, corria um único banco cheio de almofadas cobertas de rendas. Por cima deste banco, nas paredes caiadas de branco, sucediam-se pinturas e

gravuras de Istambul, o retrato de um velho com um fez e outro de um homem mais jovem vestido com um fato preto, um pergaminho emoldurado coberto com fina caligrafia árabe. Havia fotografias desbotadas da cidade em tons sépia e vitrinas que guardavam serviços de café de latão. Os cantos estavam preenchidos com coloridos vasos esmaltados, transbordando de rosas. Sob os nossos pés, tapetes altos carmim, cor-de-rosa, um verde suave. No centro exato da sala, uma grande bandeja redonda sobre um suporte, muito polida, vazia, como se esperasse pela próxima refeição.

— É muito bonita — disse Helen, virando-se para o nosso anfitrião, e lembrei-me de como parecia adorável quando a sinceridade lhe descontraiu as linhas duras em volta da boca e dos olhos. — É como as *Mil e Uma Noites*.

Turgut riu-se e descartou o elogio com um gesto largo da mão, mas estava claramente lisonjeado.

— É a minha mulher — disse ele. — Aprecia as nossas antigas artes decorativas, e a família deixou-lhe muitos objetos de qualidade. Talvez tenhamos aqui mesmo uma ou outra coisinha do império do sultão Mehmed — e sorriu para mim. — Não faço café tão bem como ela, ou pelo menos é o que ela diz, mas farei o meu melhor.

Instalou-nos nos móveis baixos, próximos um do outro, e pensei com satisfação em todos aqueles objetos consagrados pelo tempo e que significavam conforto: a almofada, o divã, e, sobretudo, a otomana.

O melhor de Turgut acabou por ser o almoço, que ele trouxe de uma pequena cozinha do outro lado do vestíbulo, recusando as nossas sinceras ofertas de ajuda. Não consegui imaginar como podia ter preparado uma refeição em tão pouco tempo, devia estar tudo preparado na cozinha. Trouxe bandejas de molhos e saladas, uma tigela de melão, um guisado de carne e vegetais, espetadas de frango, a onipresente mistura de pepino e iogurte, café e uma avalanche de doces envoltos em amêndoas e mel. Comemos com vontade, e Turgut encheu-nos de comida até não podermos mais.

— Bem — disse ele, — não posso deixar que a minha mulher pense que os deixei passar fome.

Depois de tudo aquilo, veio um copo de água com algo branco e doce num prato acado.

— *Attar* de rosas — disse Helen, provando. — Muito bom. Na Romênia também têm.

Deitou um pouco da pasta branca no copo e bebeu, e eu fiz o mesmo. Não sabia o que a água poderia causar à minha digestão mais tarde, mas não era altura para preocupações dessas.

Quando já estávamos quase a rebentar, reclinamo-nos nos sofás baixos agora compreendia a sua utilidade, recuperar depois de uma lauta refeição e Turgut olhou satisfeito para nós.

— Têm certeza de que não querem mais nada?

Helen riu-se e eu gemi um pouco, mas Turgut encheu-nos outra vez os copos e as

chávenas de café.

— Muito bem. Agora, falemos das coisas sobre as quais ainda não pudemos conversar. Primeiro, fiquei estupefato ao saber que também conhecem o professor Rossi, mas ainda não percebi qual é a vossa ligação. Ele é seu orientador, meu jovem amigo? — E sentou-se na otomana, inclinando-se para nós com um ar de expectativa.

Olhei para Helen e ela fez que sim com a cabeça, discretamente. Pensei comigo se o *attar* de rosas não teria contribuído para abrandar as suas desconfianças.

— Bem, professor Bora, lamento dizer que não fomos completamente francos consigo até este momento — confessei. — Mas, sabe, temos uma missão muito peculiar a cumprir, e não sabemos em quem confiar.

— Estou a ver — e sorriu. — Talvez sejam mais sábios do que pensam. — Isto deu-me a oportunidade de fazer uma pausa, mas Helen fez novamente um sinal com a cabeça e prossegui:

— O professor Rossi tem um interesse especial para nós, também, não só por ser o meu orientador, mas por causa de algumas informações que nos transmitiu... me transmitiu... e porque ele, bem, ele desapareceu.

O olhar de Turgut era perfurante.

— Desapareceu, meu amigo?

— Sim.

Hesitante, contei-lhe a minha ligação com Rossi, o meu trabalho com ele na minha tese e o estranho livro que eu encontrara no meu compartimento na biblioteca. Quando comecei a descrever o livro, Turgut sobressaltou-se no seu sofá e juntou as duas mãos abertas, mas não disse nada; só passou a ouvir ainda com mais atenção. Prossegui, relatando como levara o livro a Rossi, e a história que ele me contara sobre como tinha encontrado o seu próprio livro. Três livros, pensei, parando para respirar. Agora sabíamos de três desses estranhos livros um número mágico. Mas de que modo estariam relacionados entre si, como deviam decerto estar? Relatei o que Rossi me contara sobre as suas pesquisas em Istambul. Nesse ponto, Turgut balançou a cabeça, como se estivesse desconcertado e a sua descoberta, no arquivo, de que a imagem do dragão coincidia com os contornos dos mapas antigos.

Contei a Turgut a maneira como Rossi desaparecera, descrevi a estranha sombra que vira passar pela janela do seu gabinete na noite em que desaparecera e como iniciara as buscas sozinho, a princípio acreditando só em parte na história dele. Fiz outra pausa, desta vez para ver o que diria Helen, porque não queria revelar a história dela sem a sua autorização. Ela mexeu-se, olhou para mim em silêncio das profundezas do divã e então, para minha surpresa, ela própria continuou a história no ponto em que eu tinha parado e contou a Turgut tudo o que já me contara, falando com a sua voz baixa, às vezes áspera — a história do seu nascimento, da sua vingança pessoal contra Rossi, a profundidade da sua pesquisa sobre a história de Drácula e a sua intenção de procurar dados sobre a lenda

naquela cidade. As sobrancelhas de Turgut subiram-lhe até à raiz dos cabelos penteados com fixador. As palavras de Helen, a maneira como as articulava, a voz profunda e clara, o óbvio brilhantismo da sua mente, e talvez também o rubor nas suas faces acima da gola azul-clara da blusa, tudo isso resultou na admiração que se estampou no rosto de Turgut ou pelo menos foi o que pensei, e, pela primeira vez desde que o conhecêramos, senti uma ponta de hostilidade contra ele.

Quando Helen acabou, ficamos sentados em silêncio por um momento. A luz do sol que penetrava naquela bela sala pelo filtro verde das árvores, parecia aprofundar-se em torno de nós, e uma sensação de irreabilidade invadiu-me. Por fim, Turgut falou.

— A vossa experiência é notável, e estou-lhes grato por me terem contado tudo isso. Ainda gostaria de saber por que razão o professor Rossi se viu forçado a escrever-me dizendo que nada sabia sobre o nosso arquivo aqui, o que parece ser mentira, não é assim? Mas é terrível, o desaparecimento de um académico tão respeitável. O professor Rossi foi punido por algum motivo — ou está a ser punido neste exato momento, enquanto estamos aqui sentados.

A sensação de languidez abandonou-me no mesmo instante, como se uma brisa fria a tivesse levado.

— Como é que o senhor tem tanta certeza? E de que modo poderemos encontrá-lo, se for verdade?

— Sou um racionalista, como o senhor — disse calmamente Turgut, — mas acredito, guiado pelo meu instinto, no que o senhor diz que o professor Rossi lhe contou naquela noite, e, temos a prova das suas palavras no que o velho bibliotecário do arquivo me contou que um investigador estrangeiro fugiu de lá assustado e no fato de ter encontrado o nome do professor Rossi nos registos. Para não falar no aparecimento de um demônio com sangue na boca — Turgut parou. — E agora esta horrenda aberração, o nome dele... o nome do seu artigo... acrescentado, sabe-se lá como, a bibliografia no arquivo. Confunde-me, esse acréscimo! Para assustar alguém? Fizeram o que tinham a fazer, colegas, vindo a Istambul. Se o professor Rossi estiver aqui, encontrá-lo-emos. Há muito tempo que me pergunto se a tumba de Drácula não estará aqui mesmo, em Istambul. Parece-me que se alguém pôs muito recentemente o nome de Rossi nessa bibliografia, então há uma boa hipótese de Rossi estar aqui. E acreditam que Rossi será encontrado no local onde Drácula está sepultado. Ficarei inteiramente à vossa disposição quanto a este assunto. Sinto-me.. responsável por vós, neste caso.

— E agora tenho uma pergunta para lhe fazer. — Os olhos de Helen apertaram-se. — Professor Bora, como é que foi parar ao nosso restaurante ontem à noite? Parece-me demasiada coincidência que o senhor tenha aparecido quando acabávamos de chegar a Istambul, procurando o arquivo pelo qual sempre teve tanto interesse durante todos estes anos.

Turgut levantara-se e estava a pegar numa pequena caixa de latão de uma mesinha

lateral e abriu-a, oferecendo-nos cigarros. Eu nunca fumava, mas Helen tirou imediatamente um cigarro e deixou que Turgut lho acendesse. Ele acendeu um para si, sentou-se de novo e ficaram os dois a olhar um para o outro, de modo que por um momento senti-me sutilmente excluído. O tabaco tinha um perfume delicado, e era com certeza muito fino; pensei se seria o luxuoso tabaco turco, tão famoso nos Estados Unidos. Turgut exalou delicadamente e Helen descalçou os chinelos e dobrou as pernas debaixo do corpo, como se estivesse habituada a sentar-se em almofadas orientais. Este era um lado dela que eu ainda não tinha visto, essa descontração graciosa sob o encanto da hospitalidade.

E Turgut então respondeu.

— Como foi que os encontrei no restaurante? Eu próprio me fiz essa pergunta muitas vezes, porque também não tenho resposta para ela. Mas posso dizer-lhes com toda a honestidade, meus amigos, que não sabia quem eram nem o que estavam a fazer em Istambul quando me sentei numa mesa próxima da vossa, na verdade, vou frequentemente aquele restaurante porque é o meu preferido no bairro antigo, e às vezes dou um passeio a pé até lá entre uma aula e outra. Naquele dia, fui quase sem pensar, e, quando vi que não estava lá mais ninguém além de dois estrangeiros, senti-me solitário, e não queria comer sozinho num canto. A minha mulher diz sempre que sou um caso incurável de compulsão para fazer amigos.

Sorriu e bateu a cinza do cigarro num prato de cobre, que depois empurrou na direção de Helen.

— Mas não é um hábito assim tão mau, pois não? De qualquer forma, quando descobri o vosso interesse pelo meu arquivo, fiquei surpreendido e emocionado, e agora que ouvi a vossa mais que extraordinária história, sinto que de algum modo lhes devo dar apoio aqui em Istambul. Afinal, por que é que foram ao meu restaurante preferido? Por que é que fu lá jantar com o meu livro? Vejo que a senhora ainda está desconfiada, mas não tenho uma resposta para lhe dar, exceto para dizer que esta coincidência me dá esperanças. "Há mais coisas no céu e na terra..." — olhou pensativo para nós dois e o seu rosto era franco e sincero, e também triste.

Helen soprou uma nuvem de fumo turco na já esbatida luz do sol.

— Muito bem, então — disse ela. — Tenhamos esperança. E agora, o que fazemos com a nossa esperança? Já vimos os originais dos mapas e já vimos a Bibliografia da Ordem do Dragão, que Paul queria tanto ver. Mas onde é que isso tudo nos leva?

— Venham comigo — disse Turgut, abruptamente. Levantou-se e a última languidez da tarde desvaneceu-se. Helen apagou o cigarro e levantou-se também, a manga da blusa a roçar a minha mão. Segui-os.

— Por favor, entrem um momento no meu escritório. — Turgut abriu uma porta no meio das dobras de antiga lã e seda e afastou-se educadamente para o lado.

Sentei-me muito, muito quieta no meu lugar, no comboio, olhando para o jornal do homem sentado à minha frente. Achei que devia mexer-me um pouco, parecer natural, ou podia realmente chamar a sua atenção, mas ele estava tão absolutamente imóvel que comecei a imaginar que nem sequer o ouvira respirar, e a sentir eu própria dificuldade em respirar. Passado um momento, os meus piores receios confirmaram-se: ele falou sem abaixar o jornal. A sua voz era exatamente igual aos seus sapatos e às calças de corte perfeito; falou-me em inglês com um sotaque que não consegui identificar, embora tivesse um toque de francês ou estaria a fazer confusão com as manchetes que dançavam diante de mim na página do *Lê Monde*, baralhando-se sob o meu olhar angustiado? Coisas terríveis estavam a acontecer no Camboja, na Argélia, em lugares de que eu nunca ouvira falar, e o meu francês melhorara bastante naquele ano. Mas o homem estava a falar por detrás das letras impressas, sem mover o jornal um milímetro sequer. Fiquei com pele de galinha quando ele falou, mal podendo acreditar no que ouvia. A voz dele era baixa, educada. Fez uma única pergunta:

— Onde está o seu pai, minha querida?

Dei um salto do meu assento para a porta; ouvi o jornal cair atrás de mim, mas toda a minha concentração estava no trinco. Não estava fechado. Abri-a num instante de medo delirante. Saí sem olhar para trás e corri na direção que Barley tomara para o vagão-restaurante. Ainda bem que havia outras pessoas aqui e ali nos seus compartimentos, as cortinas abertas, os seus livros e jornais e cestas de piquenique equilibrando-se ao lado delas, os seus rostos virando-se com curiosidade para mim enquanto eu passava a correr. Não podia sequer parar para ouvir se havia passos a seguir-me. Lembrei-me de que tinha deixado as nossas malas no compartimento, na rede por cima dos assentos. Será que ele as levaria? Ou as abria para as examinar? A minha bolsa estava no meu braço; eu dormira com a alça enrolada no pulso, como sempre a usava.

Barley estava no vagão-restaurante, ao fundo, com o livro aberto numa mesa larga. Pedira chá e diversas outras coisas, e demorou um momento a levantar os olhos do seu pequeno reino e a notar a minha presença. Eu devia estar com um aspecto terrível, porque ele puxou-me imediatamente para junto dele.

— O que foi?

Enfie a cabeça no pescoço dele, fazendo força para não chorar.

— Quando acordei, estava um homem no nosso compartimento a ler um jornal, e eu não conseguia ver-lhe a cara.

Barley pousou-me a mão no cabelo.

— Um homem a ler um jornal? Por que é que está tão aflita?

Ele não me deixou ver a cara dele de maneira nenhuma sussurrei, virando a cabeça para olhar para a entrada do vagão-restaurante. Não estava lá ninguém, nenhum homem

de fato escuro à minha procura. Mas ele falou comigo por detrás do jornal.

— Sim? — Barley parecia ter descoberto que gostava dos meus caracóis.

— E perguntou-me onde estava o meu pai.

— O quê? — Barley endireitou-se. — Tem certeza?

— Tenho, e falou em inglês. — Também me sentei direita. — Eu saí a correr, e acho que ele não me seguiu, mas está dentro do comboio. Tive de deixar lá as nossas malas.

Barley mordeu o lábio e eu quase esperei ver o sangue escorrer na sua pele branca. Depois, fez um sinal ao criado, levantou-se, falou com ele por um instante e tirou uma boa gorjeta do bolso, deixando-a junto da chávena de chá.

— A nossa próxima paragem é Boulois — disse. — Dentro de dezesseis minutos.

— E as nossas malas?

— Você tem a sua bolsa e eu a minha carteira. — Barley deteve-se subitamente e olhou para mim. — As cartas!

— Estão na minha bolsa — apressei-me a responder.

— Graças a Deus. Podemos ter de deixar o resto da bagagem, mas não tem importância.

Barley pegou-me na mão e saímos pelo fundo do vagão-restaurante para a cozinha, para minha surpresa. O criado veio apressado atrás de nós, conduzindo-nos para dentro de um pequeno nicho perto dos frigoríficos. Barley apontou: havia uma porta ao lado dele. Ficamos ali durante dezesseis minutos, eu agarrada à minha bolsa. Parecia mais do que natural ficarmos abraçados naquele espaço exíguo, como dois refugiados. De repente, lembrei-me do presente do meu pai e levei a mão ao pescoço: o crucifixo estava pendurado bem à vista. Não admira que o jornal não tivesse sido baixado.

Por fim, o comboio começou a diminuir a velocidade, os freios guincharam, fazendo-o estremecer e parar. O criado empurrou uma alavanca e a porta junto de nós abriu-se. Ele riu-se para Barley com ar conspirativo; provavelmente, pensava que se tratava de uma comédia amorosa, com o meu pai furioso atrás de nós no comboio, ou qualquer coisa do gênero.

— Desça do comboio, mas fique junto dele — recomendou-me Barley em voz baixa, e descemos devagarinho para a plataforma. Estávamos numa gare ampla, decorada com ornatos em estuque, debaixo de árvores prateadas, e o ar estava quente e agradável.

— Está a vê-lo?

Corri os olhos ao longo do comboio até finalmente avistar alguém ao longe, no meio dos passageiros que desembarcavam — um homem alto, de ombros largos, vestido de preto, com alguma coisa que não batia certo no conjunto, um aspecto sombrio que fez o meu estômago contrair-se. Tinha posto um chapéu de copa baixa, por isso não conseguia ver-lhe a cara. Transportava uma maleta escura e um rolo mais claro, talvez o jornal.

— É ele — esforcei-me por não apontar, e Barley fez-me recuar rapidamente para os degraus.

— Esconda-se. Vou ver para onde ele vai. Está a olhar de um lado para outro.

Barley espreitava enquanto eu me encolhia firmemente para trás, com o coração aos saltos. Barley segurava-me o braço com força.

— Pronto, está a ir para o outro lado. Não, agora está a voltar. Está a olhar para as janelas. Acho que vai entrar outra vez no comboio. Meu Deus, tem cá uma calma, está a olhar para o relógio. Subiu para o comboio. Agora está a descer outra vez e a vir nesta direção. Prepare-se: vamos voltar lá para dentro e correr o comboio inteiro, se for preciso. Está preparada?

Naquele momento, os rotores zumbiram, o comboio arfou e começou a andar, e Barley soltou uma praga.

— Raios, ele está a tentar embarcar. Acho que acabou de perceber que não descemos. Mas já não dá tempo.

Barley enxugou o rosto e puxou-me pelos degraus abaixo para a plataforma da gare. Junto de nós, o comboio resfolegou outra vez e pôs-se em movimento. Alguns dos passageiros tinham baixado as janelas e debruçavam-se a fumar ou a olhar em volta. Entre eles, várias carruagens à frente, vi uma cabeça escura voltada na nossa direção, um homem com os ombros muito direitos — cheio de raiva contida, pensei. Nessa altura, o comboio estava a ganhar velocidade, transpondo uma curva. Virei-me para Barley e olhamos um para o outro. À exceção de alguns aldeões sentados naquela pequena estação rural, estávamos sozinhos no meio de sítio nenhum, algures em França.

Se eu esperava que o gabinete de Turgut fosse mais um sonho oriental, o refúgio de um acadêmico turco, estava enganado. A divisão para onde nos levou era muito menor que a anterior, mas com o mesmo pé-direito alto, e a claridade que entrava através de duas janelas permitia ver nitidamente o mobiliário. Duas das paredes estavam cobertas de livros de alto a baixo. Cortinas de veludo negro pendiam até ao chão de cada lado das janelas, e uma tapeçaria representando uma caçada, com cavalos e cães, dava um certo esplendor medieval ao ambiente. Havia uma pilha de livros de referência ingleses numa mesa ao centro; uma imensa coleção de obras de Shakespeare ocupava sozinha uma curiosa estante ao lado da secretária.

Aliás a primeira impressão que tive do escritório de Turgut não foi causada pela predominância da literatura inglesa; apercebi-me de imediato de uma presença mais sombria, uma obsessão que tinha gradualmente superado a influência mais suave das obras inglesas sobre as quais ele escrevia. Aquela presença saltou-me à vista repentinamente sob a forma de um rosto, um rosto que estava em toda parte, olhando-me com arrogância de uma gravura atrás da secretária, de um pedestal sobre a mesa, de um bordado antigo numa das paredes, da capa de uma pasta de papéis, de um desenho perto da janela. Era sempre o mesmo rosto, em poses e em suportes diferentes, mas sempre a mesma fisionomia medieval de faces encovadas e bigode.

Turgut observava-me.

— Ah, sabe de quem se trata — disse, soturno. — Colecionei o retrato dele de várias formas, como pode ver.

Ficamos lado a lado, olhando para a gravura emoldurada pendurada na parede por detrás da secretária. Era uma reprodução de uma xilogravura como a que eu vira nos Estados Unidos, mas o rosto estava todo de frente, de modo que os olhos, negros como a noite, pareciam penetrar nos nossos.

— Onde encontrou todas essas imagens diferentes? — perguntei.

— Por todo o lado — Turgut fez um gesto para o fólio em cima da mesa. — Nalguns casos, mandei fazer cópias desenhadas a partir de livros antigos; noutras, encontrei-as em lojas de antiguidades ou em leilões. É extraordinário constatar a quantidade de representações desse rosto que ainda existem por aí na nossa cidade, quando andamos a procura. Achei que, se pudesse reuni-las todas, seria capaz de ler o segredo do meu estranho livro em branco nos olhos dele. — E suspirou. — Mas essas xilogravuras são tão toscas, tão pouco sutis. Não me satisfaziam, e por fim pedi a um amigo, que é artista, para as juntar numa só.

Levou-nos até um nicho junto de uma janela onde havia cortinas curtas, também de veludo negro, fechadas sobre alguma coisa. Senti uma certa apreensão antes mesmo de ele estender a mão para puxar o cordão e, quando fez a engenhosa cortina abrir-se, o meu

coração deu um salto. O veludo abriu-se para revelar uma pintura a óleo em tamanho natural e esplêndido realismo, o busto de um homem jovem, com um pescoço largo, viril. O cabelo, comprido, caía-lhe em pesados caracóis sobre os ombros. O rosto era extremamente bonito e cruel, com a pele clara e luminosa, os olhos verdes de um brilho invulgar, um longo nariz reto com narinas salientes. Os lábios vermelhos curvavam-se, sensuais, sob o bigode escuro e comprido, mas apertavam-se um contra o outro como para controlar uma crisão do queixo. Tinha as maçãs do rosto salientes e espessas sobranceiras negras sob um barrete pontiagudo de veludo verde escuro, com uma pena castanha e branca presa a frente. Era um rosto cheio de vida, mas completamente desprovido de piedade, transbordando de força e vivacidade mas sem estabilidade de caráter. Os olhos eram o traço mais perturbador da pintura, fixavam-se em nós com uma penetração quase viva na sua intensidade, tanto que, um segundo depois, desviei o rosto em busca de alívio. Helen, de pé ao meu lado, aproximou-se de mim, mais para me oferecer solidariedade do que para procurar conforto para si própria

— O meu amigo é um excelente artista — disse Turgut, baixinho. — Estão a ver por que razão mantenho este quadro atrás de uma cortina. Não gosto de olhar para ele enquanto estou a trabalhar. — Poderia ter dito que, ao contrário, não gostava que o retrato olhasse para ele, pensei. — Esta é uma idéia da aparência que Vlad Drácula teria por volta de 1456, quando iniciou o seu mais longo governo da Valáquia. Tinha então vinte e cinco anos e era instruído pelos padrões da sua cultura, além de muito bom cavaleiro. Nos vinte anos seguintes, matou talvez mil e quinhentos dos seus próprios súditos, as vezes por razões políticas e frequentemente pelo prazer de os ver morrer

Turgut fechou a cortina e eu fiquei contente por ver aqueles olhos brilhantes, terríveis, apagarem-se finalmente

— Tenho outras curiosidades para lhes mostrar — disse, indicando um armário de madeira junto a parede — Isto é um selo da Ordem do Dragão, que encontrei num mercado de antiguidades junto ao porto da cidade velha E isto é uma adaga, feita de prata, que vem do início da era otomana de Istambul. Sou da opinião que foi utilizada para matar vampiros, porque há palavras escritas na bainha que sugerem algo desse gênero. Estas correntes e espigões — indicou-nos outro armário — receio bem que fossem instrumentos de tortura, talvez oriundos da própria Valáquia. E aqui, meus caros amigos, temos uma preciosidade. — De uma ponta da secretária tirou uma linda caixa de madeira marchetada e abriu o fecho. Dentro dela, no meio das dobras do forro de cetim preto desbotado, viam-se vários utensílios pontiagudos parecidos com instrumentos cirúrgicos, assim como uma diminuta pistola de prata e uma faca também de prata.

— O que é isso? — Helen estendeu uma mão hesitante para a caixa, mas recolheu-a imediatamente.

— É um autêntico estojo de caça aos vampiros, com cem anos — declarou Turgut, orgulhoso. — Acredito que seja oriundo de Bucareste. Um amigo meu, que é colecionado

de antiguidades, encontrou-mo há muitos anos. Há muitos estojos destes. Eram vendidos aos viajantes que iam para o Leste Europeu nos séculos dezoito e dezenove. Havia originalmente alho aqui dentro, neste espaço, mas prefiro pendurar o meu.

Fez um gesto e, com outro calafrio, vi compridas réstias de alho de cada lado da porta, de frente para a secretária dele. Ocorreu-me, tal como me acontecera com Rossi apenas uma semana antes, que talvez o professor Bora fosse, não apenas meticuloso, mas também louco.

Anos mais tarde, compreendi melhor aquela minha primeira reação, a cautela que manifestei quando vi o escritório de Turgut, que poderia ter sido um dos quartos do castelo de Drácula, um gabinete medieval cheio de instrumentos de tortura. É um fato que nós, historiadores, nos interessamos por aquilo que é um pouco um reflexo de nós próprios, talvez uma parte de nós que não gostaríamos de analisar a não ser através da erudição; também é verdade que, à medida que nos impregnamos dos nossos interesses, cada vez mais eles se tornam parte de nós. Ao visitar uma universidade norte-americana não a minha, muitos anos depois destes acontecimentos, fui apresentado a um dos primeiros grandes historiadores da Alemanha nazi. Vivia numa casa confortável nas imediações de *campus*, onde colecionava não só livros sobre o tema da sua especialidade, como também a porcelana oficial do Terceiro Reich. Os seus cães, dois enormes pastores alemães patrulhavam dia e noite o espaço em frente da casa. Enquanto tomávamos uma bebida com outros professores da universidade na sua sala de estar, declarou-me categoricamente que desprezava Hitler e os seus crimes e queria revelá-los ao mundo civilizado nos mais ínfimos pormenores. Saí cedo da festa, passando com o maior cuidado por aqueles cães enormes, incapaz de ultrapassar a minha aversão.

— Talvez ache isto excessivo — disse Turgut, quase em tom de desculpa, como se tivesse captado a expressão do meu rosto. Ainda estava a apontar para o alho. — É apenas porque não gosto de me sentar aqui cercado por esses maus pensamentos do passado sem uma proteção, sábia? E agora, deixem-me mostrar-lhes aquilo que me fez trazê-los à minha casa.

Convidou-nos a sentar-nos numas cadeiras desengonçadas com estofos de damasco. Nas costas da minha, havia o que parecia ser um embutido feito de... seria osso? Não quis apoiar-me nele. Turgut tirou uma pesada pasta de papéis de uma das estantes. De dentro dela, tirou cópias feitas a mão dos documentos que tínhamos examinado nos arquivos — desenhos semelhantes aos de Rossi, só que executados com maior cuidado e depois uma carta, que me passou para as mãos. Fora datilografada em papel timbrado de uma universidade e estava assinada por Rossi não podia haver dúvida quanto à assinatura, reconhecia perfeitamente as curvas do B e do R. E Rossi estava realmente a lecionar nos Estados Unidos na época em que a carta tinha sido escrita. O breve texto da carta correspondia ao que Turgut dissera: ele, Rossi, nada sabia sobre o arquivo do sultão Mehmed. Lamentava decepcionar o professor Bora e esperava que o seu trabalho

progredisse. Era realmente uma carta desconcertante.

Em seguida, Turgut trouxe um livro pequeno encadernado em couro antigo. Foi difícil não estender imediatamente a mão para lhe pegar, mas esperei, com um febril autocontrole, enquanto Turgut o abria com grande delicadeza e nos mostrava, primeiro as folhas em branco a frente e atrás, e depois a xilogravura no centro aquele desenho já familiar, o dragão coroadado com as suas perversas asas abertas, as garras segurando o estandarte com aquela única e ameaçadora palavra. Abri a minha pasta, que levava comigo, e tirei dela o meu livro. Turgut colocou os dois volumes lado a lado em cima da secretária. Cada um de nós comparou o seu tesouro com o maléfico presente do outro, e vimos juntos que os dragões eram iguais, que ocupavam as páginas até às margens, a imagem do livro dele mais escura, a minha mais desbotada, mas a mesma imagem, exatamente a mesma. Havia até uma pequena mancha idêntica perto da ponta da cauda do dragão, como se a matriz de madeira tivesse uma aresta que fizesse a tinta manchar um pouco o papel em cada impressão. Helen contemplava-os em silêncio, ensimesmada.

— É extraordinário — murmurou Turgut, por fim. — Nunca sonhei que pudesse chegar um dia em que veria um segundo livro igual a este.

— E seria informado da existência de um terceiro — lembrei-lhe. — É o terceiro destes livros que vejo com os meus próprios olhos, não se esqueça. A xilogravura do livro de Ross também era igual.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— E, meus amigos, qual será o significado disto?

Turgut espalhava já as suas cópias dos mapas junto aos nossos livros e comparava, com o dedo largo, os contornos dos dragões, do rio e das montanhas.

— Espantoso — murmurou. — E pensar que nunca reparei nisto. Existe de fato uma semelhança. Um dragão que é um mapa. Mas um mapa de onde? — Os seus olhos brilhavam.

— Era o que Rossi estava a tentar descobrir no arquivo daqui — disse eu, com um suspiro. — Se ao menos tivesse continuado, mais tarde, para encontrar o significado...

— Talvez tenha sido o que ele fez.

A voz de Helen soou pensativa, e virei-me para ela para lhe perguntar o que queria dizer com aquilo. Naquele momento, a porta entre as duas estranhas réstias de alho escancarou-se e ambos nos sobressaltámos. Em vez de uma aparição horrível, porém, surgiu na entrada uma senhora baixinha e sorridente, com um vestido verde. Era a mulher de Turgut, e todos nos levantámos para a receber.

— Boa tarde, minha querida — Turgut apressou-se a fazê-la entrar. — Estes são os meus amigos, os professores dos Estados Unidos, de que te falei.

Ele fez as apresentações com galanteria e a senhora Bora apertou-nos a mão com um sorriso afável. Tinha exatamente metade da altura de Turgut, com olhos verdes de pestanas compridas, um nariz delicadamente aquilino e uma profusão de caracóis

avermelhados na cabeça.

— Sinto muito não encontrar vocês aqui antes. — Falava inglês devagar, mas com a pronúncia correta. — Talvez meu marido não deu comida nenhuma a vocês, não?

Protestamos que tínhamos sido muito bem alimentados, mas ela abanou a cabeça.

— Mr. Bora nunca dá um jantar bom para nossos hóspedes. Eu vou... ralar com ele — E sacudiu o punho minúsculo para o marido, que tinha um ar satisfeito.

— Tenho um medo terrível da minha mulher — disse ele, complacente. — É feroz como uma Amazona.

Helen, altíssima ao lado de Mrs. Bora, sorriu para os dois; eram de fato irresistíveis.

— E agora — continuou Mrs. Bora, — ele aborrece vocês com suas coleções horríveis. Sinto muito.

Minutos depois, estávamos de novo instalados nos suntuosos divãs, com Mrs. Bora a servir-nos café e a sorrir, radiante, para nós. Vi que era muito bonita, de uma beleza delicada de passarinho, uma mulher de maneiras calmas, com uns quarenta anos, talvez. O seu inglês era limitado, mas exibia-o com graça e bom humor, como se o marido frequentemente arrastasse para casa visitantes de língua inglesa. O seu vestido era simples e elegante e os seus gestos requintados. Imaginei as crianças da escola infantil, onde ensinava, reunidas em volta dela deviam ficar-lhe à altura do queixo, calculei. Gostaria de saber se ela e Turgut tinham filhos; não havia fotografias de crianças na sala, ou qualquer outro sinal delas, e não tive coragem de perguntar.

— Meu marido passeou muito com vocês por nossa cidade? — perguntou Mrs. Bora a Helen.

— Sim, um pouco — respondeu Helen. — Receio que lhe tenhamos tomado muito tempo, hoje.

— Não, fui eu que tomei o vosso — e Turgut bebericou o seu café com prazer evidente. — Mas ainda temos muito trabalho a fazer. Minha querida — disse ele, dirigindo-se à mulher, — vamos procurar um professor desaparecido, portanto vou estar muito ocupado durante alguns dias.

— Um professor desaparecido? — Mrs. Bora sorriu para ele calmamente. — Está bem. Mas, primeiro, temos de jantar. Espero que jantem conosco? — disse, virando-se para nós.

A idéia de mais comida era impensável, e procurei não trocar um olhar com Helen. Esta, entretanto, parecia achar tudo normal.

— Obrigada, Mrs. Bora, a senhora é muito gentil, mas creio que temos de voltar para o hotel, porque temos um compromisso lá às cinco horas.

— Temos? — Fiquei meio desorientado, mas entrei no jogo. — É verdade. Outros americanos vão encontrar-se conosco no hotel para uma bebida. Mas esperamos vê-los ambos de novo em breve.

Turgut concordou, balançando a cabeça.

— Vou começar imediatamente a examinar tudo o que na minha biblioteca nos possa

ajudar. Temos de pensar na possibilidade de a tumba de Drácula estar aqui em Istambul; se esses mapas se referem a uma área da cidade. Tenho aqui alguns livros antigos sobre a cidade, e amigos que possuem excelentes coleções de livros sobre Istambul. Vou vasculhar tudo hoje à noite.

— Drácula. — Mrs. Bora abanou a cabeça. — Gosto mais de Shakespeare do que de Drácula. Um interesse mais saudável. Também — e lançou-nos um olhar malicioso — é Shakespeare que paga as nossas contas.

Acompanharam-nos à porta com grande cerimónia e Turgut fez-nos prometer que nos encontraríamos com ele no vestíbulo da nossa pensão na manhã seguinte, às nove horas. Levaria novas informações, se pudesse, e visitaríamos outra vez o arquivo para saber se acontecera mais alguma coisa. Até lá, aconselhou-nos, devíamos usar da maior cautela, sempre atentos a qualquer indício de estarmos a ser seguidos ou a outros perigos. Turgut queria acompanhar-nos de volta à pensão, mas garantimos-lhe que podíamos perfeitamente apanhar *o ferry* sozinhos — partiria dentro de vinte minutos, frisou ele. Os Bora foram connosco até à entrada e ficaram juntos no cimo da escada, de mãos dadas, acenando em despedida. Virei-me uma ou duas vezes para olhar enquanto atravessávamos o túnel formado pelas figueiras e choupos da rua.

— É um casamento feliz, na minha opinião — comentei com Helen, e lamentei imediatamente ter feito o comentário, porque ela fez o seu característico resmungo de desdém.

— Vamos, ianque — disse. — Temos mais que fazer.

Normalmente, teria achado graça ao epíteto que usava para mim, mas desta vez alguma coisa me fez olhar para ela com um estremecimento íntimo. Havia outro pensamento que fazia parte daquela inusitada visita vespertina e que eu reprimira até ao último instante. Quando Helen se virou para mim, os seus olhos ao nível dos meus, chocou-me inevitavelmente a semelhança entre os seus traços vincados, embora bonitos, e aquela imagem ao mesmo tempo luminosa e horrível por detrás da cortina negra de Turgut.

Quando o expresso de Perpignan desapareceu completamente por detrás das árvores prateadas e dos telhados das aldeias, Barley endireitou-se.

— Ele está naquele comboio e nós não.

— Sim — disse eu, — e sabe exatamente onde estamos.

— Não por muito tempo. — Barley dirigiu-se à bilheteira, onde um velhote parecia estar a dormir em pé, mas voltou logo, com um ar desapontado. — O próximo comboio para Perpignan só passa amanhã de manhã — informou. — E não há autocarros para nenhuma cidade importante antes de amanhã à tarde. Só há um quarto para alugar numa quinta a meio quilómetros do centro da aldeia. Podemos dormir lá, e voltamos para apanhar o comboio da manhã.

Eu tanto podia ficar zangada como começar a chorar.

— Barley, não posso esperar até amanhã de manhã para apanhar um comboio para Perpignan! Vamos perder demasiado tempo.

— Bem, não há outra maneira — disse Barley, irritado. — Perguntei por táxis, carros caminhões, carroças, boleias... o que é que quer que eu faça mais?

Percorremos a aldeia em silêncio. Era o fim de tarde de um dia quente, modorrento, e todas as pessoas que víamos às portas das casas ou nos jardins pareciam levemente entorpecidas, como se tivessem sucumbido a um feitiço. A casa da quinta, quando lá chegamos, tinha um cartaz pintado à mão do lado de fora e uma mesa com produtos à venda: ovos, queijo e vinho. A mulher que saiu para nos receber a limpar as mãos ac inevitável avental — não pareceu surpreendida ao ver-nos. Quando Barley me apresentou como sua irmã, sorriu agradavelmente e não fez perguntas, embora não tivéssemos nenhuma bagagem conosco. Barley perguntou se havia lugar para duas pessoas e ela respondeu "*Oui, oui*" ao mesmo tempo que sorvia o ar, como se estivesse a falar para dentro. O pátio da quinta era de terra batida, com algumas flores, galinhas a debicar, e uma fila de baldes de plástico sob os beirais, e os estábulos de pedra e a casa dispunham-se em torno dele de maneira agradável e aleatória. Podíamos jantar no pátio atrás da casa, explicou a mulher, e o nosso quarto ficava junto do jardim, na parte mais antiga do edifício.

Seguimos a nossa anfitriã em silêncio através da cozinha de teto baixo até à pequena ala onde outrora talvez tivesse dormido o ajudante de cozinha. O quarto estava mobilado com duas pequenas camas em paredes opostas, como reparei, aliviada, e uma grande arca de madeira. A casa de banho adjacente tinha uma sanita e um lavatório pintados. Tudo estava imaculadamente limpo, as cortinas engomadas, o bordado antigo numa das paredes desbotado pela luz do sol. Entrei na casa de banho e lavei a cara com água fria enquanto Barley pagava à mulher.

Quando saí, Barley sugeriu um passeio; ainda faltava uma hora para o nosso jantar ficar pronto. A princípio não me agradou a idéia de sair da proteção da fazenda, mas de

lado de fora o caminho estava fresco debaixo das árvores frondosas, e passamos pelas ruínas do que devia ter sido uma casa muito bonita. Barley saltou a cerca e eu segui-o. As pedras tinham caído, formando um mapa das paredes originais, e uma remanescente torre dilapidada dava ao lugar um ar de antiga grandeza. Havia um pouco de feno no estábulo entreaberto, como se aquela construção fosse usada como celeiro. Uma grande viga caíra entre as baías.

— Bem, vejo que está furiosa — disse, provocador. — Não se importa que eu a salve de um perigo imediato, desde que isso não lhe cause nenhum inconveniente no futuro.

O seu comentário desagradável desconcertou-me por um instante.

— Que descaramento! — disse eu por fim, e afastei-me por entre as pedras. Ouv Barley levantar-se e seguir-me.

— Preferia ter ficado naquele comboio? — perguntou ele, com uma voz um pouco mais educada.

— Claro que não. — Mantive o rosto virado, sem olhar para ele. — Mas sabe tão bem como eu que o meu pai pode já estar em Saint-Matthieu.

— Aliás Drácula, ou quem quer que ele seja, ainda lá não está.

— Ele agora tem um dia de vantagem sobre nós — repliquei, olhando para os campos. A igreja da aldeia aparecia por cima de um renque distante de choupos; tudo era sereno como uma pintura, só faltavam as cabras ou as vacas.

— Em primeiro lugar — disse Barley (e detestei-o pelo seu tom didático) —, não sabemos quem é que estava no comboio. Talvez não fosse o vilão em pessoa. Ele tem seguidores, segundo as cartas do seu pai, não é verdade?

— Pior ainda — observei. — Se era um dos seus seguidores, então talvez ele próprio já esteja em Saint-Matthieu.

— Ou... — disse Barley, mas parou. Eu sabia que ele estivera quase a dizer "ou talvez esteja aqui conosco".

— Revelamos exatamente onde íamos descer — disse, para lhe poupar o trabalho de o dizer.

— Quem é que está a ser desagradável agora? — Barley chegou por trás de mim e passou um braço um tanto hesitante em volta dos meus ombros, e apercebi-me de que ele pelo menos falava como se acreditasse na história do meu pai. As lágrimas que tinham estado a lutar para não fugir das minhas pálpebras transbordaram finalmente, e escorreram-me pelo rosto. — Vamos — disse Barley Quando pousei a cabeça no seu ombro a camisa dele estava quente de sol e suor. Um instante depois afastei-me, e voltamos para o nosso jantar silencioso no jardim da quinta.

Helen não abriu a boca durante o nosso percurso de regresso à pensão, por isso limitei-me a observar os transeuntes a procura de qualquer sinal de hostilidade, olhando em volta

e atrás de nós de vez em quando para ver se estávamos a ser seguidos por alguém. Quando chegamos, o meu espírito já se voltara outra vez para a frustrante falta de informação sobre a maneira de procurar Rossi. De que modo uma lista de livros, alguns dos quais aparentemente, nem sequer existiam, nos poderia ajudar?

— Venha para o meu quarto — disse Helen, sem rodeios, logo que chegamos a pensão.
— Precisamos falar em particular.

A sua proposta ter-me-ia divertido noutras circunstâncias, mas o seu rosto estava tão fechado e determinado que fiquei curioso para saber o que tinha em mente. De qualquer forma, nada poderia ser menos sedutor do que a sua expressão naquele momento. No quarto, a cama estava primorosamente feita e os seus poucos pertences aparentemente guardados fora da vista. Sentou-se no peitoril da janela e indicou-me uma cadeira.

— Ouça — disse, tirando as luvas e o chapéu, — estive a pensar numa coisa. Tenho a impressão de que chegamos a um verdadeiro impasse na nossa busca de Rossi

Suspirei, desanimado.

— Foi o que eu estive a matutar durante a última meia hora. Mas pode ser que Turgut consiga alguma informação junto dos seus amigos.

Ela abanou a cabeça.

— Não adianta. É um canto sem saída.

— Um beco — corriji, mas sem entusiasmo.

— Um beco sem saída — emendou ela. — Estive a pensar se não estaremos a deixar de lado uma fonte de informação muito importante.

Olhei fixamente para ela.

— Qual?

— A minha mãe — disse ela, categórica. — Tinha razão em interrogar-me sobre ela quando ainda estávamos nos Estados Unidos. Pensei nela o dia inteiro. Conheceu o professor Rossi antes de si, e eu realmente nunca mais lhe perguntei nada a respeito dele depois de ela me ter contado que ele era meu pai. Não sei porquê, talvez porque fosse claramente um assunto doloroso para ela. Além disso — suspirou, — a minha mãe é uma pessoa simples. Não poderia acrescentar nada aos meus conhecimentos sobre o trabalho de Rossi. Mesmo quando me contou, o ano passado, que Rossi acreditava na existência de Drácula, não insisti muito; sei como é supersticiosa. Mas agora pergunto-me se ela não saberá alguma coisa que nos possa ajudar a encontrá-lo.

Tinha sentido renascer a esperança às primeiras palavras dela.

— Mas como podemos falar com ela? Disse-me que ela não tem telefone.

— E não tem.

— E então, o que vamos fazer?

Helen juntou as duas luvas e bateu vivamente com elas no joelho.

— Vamos ter de falar com ela pessoalmente. Vive numa pequena cidade fora de Budapeste.

— O quê? — Era a minha vez de ficar irritado. — Ah, muito simples. Bast apanharmos um comboio com o seu passaporte húngaro e o meu... ops!... o meu passaporte americano e passar por lá para uma conversa com uma parente sua sobre Drácula.

Inesperadamente, Helen sorriu.

— Não precisa ficar mal-humorado, Paul — disse ela. — Temos um provérbio húngaro que diz: "Se uma coisa é impossível, pode ser feita."

Não pude evitar rir.

— Está bem — disse eu, — qual é o seu plano? Já reparei que tem sempre um.

— E tenho mesmo. — Alisou as luvas. — Para dizer a verdade, espero que a minha tia tenha um plano.

— A sua tia?

Helen olhou através da janela, para a cor suave nas fachadas de estuque das casas antigas do outro lado da rua. Era quase noite, e a luminosidade mediterrânica, que eu já aprendera a amar, tingia de tons profundos de dourado todas as superfícies da cidade lá fora.

— A minha tia trabalha no Ministério do Interior da Hungria desde 1948, e é um figura muito importante. Consegui as minhas bolsas de estudo graças a ela. No meu país não se faz nada sem um tio ou uma tia. É a irmã mais velha da minha mãe, e ela e o marido ajudaram a minha mãe a fugir da Romênia para a Hungria, onde ela a minha tia — já vivia, pouco antes do meu nascimento. Somos muito chegadas, a minha tia e eu, e ela fará qualquer coisa que eu lhe peça. Ao contrário da minha mãe, tem telefone, e acho que lhe vou ligar.

— Quer dizer que ela pode arranjar maneira de a sua mãe vir ao telefone para conversar conosco?

Helen gemeu.

— Oh, meu Deus, acha que podemos falar com elas ao telefone sobre qualquer assunto particular ou controverso?

— Desculpe.

— Não, vamos lá pessoalmente. A minha tia vai arranjar maneira. Assim, podemos conversar diretamente com a minha mãe. Além disso — a sua voz suavizou-se, — elas vão ficar tão contentes por me ver. Não é muito longe daqui, e há dois anos que não as vejo.

— Está bem — concordei. — Estou disposto a tentar quase qualquer coisa por Rossi apesar de ser difícil imaginar-me a entrar na Hungria comunista em ritmo de valsa.

— Ah — disse Helen —, então, ainda vai ser mais difícil imaginar-se a entrar em ritmo de valsa, como você diz, na Romênia comunista.

Desta vez, fui eu que fiquei calado por um instante.

Eu sei — respondi por fim. — Também tenho pensado nisso. Se não estiver em Istambul, onde, senão na Romênia, poderia estar a tumba de Drácula?

Ficamos sentados calados algum tempo, cada um imerso nos seus pensamentos e

distantes um do outro, até que Helen se levantou.

— Vou ver se a senhoria nos deixa telefonar lá de baixo — disse ela. — A minha tia deve estar quase a chegar do trabalho e gostaria de falar com ela imediatamente.

— Posso ir consigo? — perguntei. — Afinal de contas, também me diz respeito.

— Claro.

Helen voltou a calçar as luvas e descemos para apanharmos a senhoria na sua sala de estar. Levamos uns dez minutos para explicar as nossas intenções, mas umas liras turcas a mais e a promessa de a reembolsarmos inteiramente pelo telefonema facilitaram as coisas. Helen sentou-se numa cadeira da sala de estar e marcou uma enorme quantidade de números. Por fim, vi o seu rosto iluminar-se.

— Está a chamar. — E sorriu para mim, o seu belo sorriso franco. — A minha tia va detestar isto — disse. Depois, o seu rosto mudou de novo, alerta. — Eva? — disse ela. — É Elena!

Ouvindo com atenção, concluí que ela devia estar a falar húngaro. Eu sabia pelo menos que o romeno era uma língua românica, neolatina, e pensei que seria capaz de perceber algumas palavras. Mas o que Helen estava a dizer soava como o galope de cavalos, um tropel fino-úgrico que o meu ouvido não conseguia reter nem por um segundo. Perguntei-me se falaria por vezes em romeno com a família, ou se essa parte das suas vidas morrera muito tempo antes, sob a pressão de se integrarem no novo país. O tom da sua voz subia e descia, interrompido às vezes por um sorriso ou por um leve franzir das sobrancelhas. A sua tia Eva, do outro lado, parecia ter muito para dizer, e, de vez em quando, Helen escutava atentamente, para depois irromper outra vez naquela estranha cavalgada silábica.

Helen parecia ter-se esquecido da minha presença, mas de repente levantou o olhar para mim e fez-me um sorrisinho de lado e ao mesmo tempo um gesto triunfante com a cabeça, como se o resultado da conversa fosse favorável. Sorriu para o telefone e desligou. A nossa senhoria aproximou-se imediatamente, preocupada com a sua conta de telefone, e eu apressei-me a contar a quantia combinada, acrescentei mais algum dinheiro e depositei-a nas suas mãos estendidas. Helen já estava a voltar para o quarto, acenando-me para que a seguisse; achei o secretismo dela desnecessário, mas o que sabia eu, afinal?

— Rápido, Helen — resmunguei, instalando-me de novo na poltrona. — Este suspense está a dar cabo de mim.

— As notícias são boas — disse ela, com calma. — Tinha certeza de que a minha tia acabaria por tentar ajudar-nos.

— Que história é que inventou para lhe contar? — Ela fez-me um sorriso aberto.

— Bem, não há muita coisa que se possa dizer ao telefone, e tive de ser bastante formal. Mas disse-lhe que estava em Istambul a fazer uma pesquisa académica com um colega e que precisávamos de passar cinco dias em Budapeste para concluirmos a nossa pesquisa. Expliquei-lhe que você é um professor americano e que estamos a escrever um

artigo juntos.

— Sobre que assunto? — perguntei, com uma certa apreensão.

— Sobre as relações de trabalho na Europa sob a ocupação otomana.

— Nada mal. Mas não sei nada sobre isso.

— Não se preocupe — Helen tirou um fio do joelho da sua impecável saia preta. — Eu ensino-lhe algumas coisas.

— Você saiu mesmo ao seu pai.

A sua erudição descontraída lembrara-me a de Rossi, e o comentário escapou-me da boca sem pensar. Lancei-lhe uma olhadela rápida, receando tê-la ofendido. Pensei que era a primeira vez que pensava nela com naturalidade como sendo filha de Rossi, como se em determinado momento, que eu próprio desconhecia, tivesse aceite definitivamente essa idéia.

Helen surpreendeu-me ao ficar triste.

— É um bom argumento a favor da supremacia da genética sobre o ambiente — foi só o que ela disse, entretanto. — De qualquer maneira, Eva parecia aborrecida, sobretudo quando lhe contei que você era americano. Sabia que era isso que iria acontecer, porque ela acha sempre que sou impulsiva e que corro demasiados riscos. E tem razão, é claro. Além disso, ela precisava de parecer aborrecida de início, para soar bem ao telefone.

— Para soar bem?

— Ela tem de pensar no seu cargo e na sua posição. Mas disse que vai tomar providências, e tenho de lhe telefonar outra vez amanhã à noite. Em suma, é isso. É muito esperta, a minha tia, por isso não tenho dúvidas de que vai encontrar uma maneira. Vamos comprar passagens de Istambul para Budapeste, talvez de avião, quando soubermos mais alguma coisa.

Suspirei intimamente, pensando na provável despesa e conjecturando quanto tempo mais os meus fundos durariam para manter aquela busca, mas disse apenas:

— Tenho a impressão de que ela vai ter de fazer milagres para me fazer entrar na Hungria e evitar-nos problemas.

Helen riu.

Ela é especialista em milagres. É por isso que não estou na minha terra a trabalhar no centro cultural da aldeia da minha mãe.

Descemos de novo e, como de comum acordo, saímos para a rua.

— Não há muito a fazer agora observei. — Temos de esperar até amanhã por notícias de Turgut e da sua tia. — Tenho de admitir que acho toda esta espera muito difícil. O que vamos fazer, entretanto?

Helen parou um minuto para pensar, banhada pela luz dourada da rua. Voltara a calçar as luvas e a pôr o chapéu, mas os raios baixos do sol faziam surgir reflexos avermelhados no seu cabelo negro.

— Gostaria de ver mais da cidade — disse, por fim. — Afinal de contas, é possível que

nunca mais aqui volte. Vamos a Hagia Sophia outra vez? Podemos andar um pouco por aquela zona antes do jantar.

— Sim, também gostaria de fazer isso.

Não voltamos a falar durante o caminho para o grande templo. No entanto, à medida que nos aproximávamos e eu via as suas cúpulas e minaretes a ocuparem a vista da rua outra vez, sentia o nosso silêncio aprofundar-se, como se estivéssemos mais perto um do outro. Gostaria de saber se Helen sentia o mesmo, ou se era o fascínio da enorme igreja que nos fazia tomar consciência da nossa pequenez. Eu ainda estava a pensar no que Turgut nos dissera no dia anterior a sua crença de que Drácula deixara a maldição do vampirismo na grande cidade.

— Helen — disse, apesar de um pouco relutante em quebrar o silêncio entre nós, — acha que ele poderia ter sido sepultado aqui, aqui em Istambul? Isto explicaria a ansiedade do sultão Mehmed a respeito dele depois da sua morte, não é?

— Ele? Ah, sim — sacudiu a cabeça, como se aprovasse a minha opção de não pronunciar aquele nome na rua. É uma idéia interessante, mas, nesse caso, Mehmed não saberia, e Turgut não teria também encontrado uma prova qualquer? Não posso acreditar que uma coisa dessas pudesse ficar oculta aqui durante séculos.

— Também é difícil de acreditar que Mehmed tivesse permitido que um dos seus inimigos fosse enterrado em Istambul, se tivesse conhecimento disso.

Helen calou-se e parecia meditar no assunto. Estávamos quase a chegar à grande entrada de Hagia Sophia.

— Helen — disse eu, devagar.

— Sim?

Paramos no meio das pessoas, os turistas e os peregrinos que afluíam em grande número através do amplo portão. Aproximei-me dela, de modo a poder falar baixinho, quase ao seu ouvido.

— Se existe alguma probabilidade de a tumba estar aqui, isso pode significar que Ross também está aqui.

Ela virou-se e olhou-me de frente. Os seus olhos brilhavam e entre as sobrancelhas escuras havia rugas finas, desenhadas pelo tempo e pelas preocupações.

— Mas é claro, Paul.

— Li no guia turístico que Istambul também tem ruínas subterrâneas, catacumbas, cisternas, esse gênero de coisas, como em Roma. Resta-nos pelo menos um dia antes de nos irmos embora, e talvez devêssemos falar com Turgut sobre isso.

— Não é má idéia. O palácio dos imperadores bizantinos deve ter uma área subterrânea. — Quase sorriu, mas a sua mão subiu até ao lenço no pescoço, como se alguma coisa a incomodasse. — Seja como for, o que restar do palácio deve estar cheio de maus espíritos — imperadores que cegavam os primos e coisas do gênero. A companhia perfeita.

Por estarmos a ler tão de perto os pensamentos escritos no rosto um do outro e

considerando juntos a estranha e ampla busca a que poderiam levar, não reparei logo numa pessoa que parecia de repente olhar fixamente para mim. Além disso, não era nenhum espectro alto e ameaçador, mas um homem pequeno e franzino, comum no meio da multidão, que andava de um lado para o outro a uns seis ou sete metros de distância junto à parede exterior da igreja.

Então, com um choque instantâneo, reconheci o pequeno acadêmico de barba grisalha e desgrehada, o gorro branco de croché, a camisa e as calças desmazeladas, que entrara no arquivo naquela manhã. Mas, no momento seguinte, o choque foi ainda maior. O homem cometera o erro de olhar para mim com tanta intensidade que fui capaz de o distinguir no meio da multidão. Depois fora-se embora, desaparecendo como um fantasma entre os alegres turistas. Corri atrás dele, quase fazendo cair Helen, mas não adiantou. O homem evaporara-se; percebera que eu o tinha visto. O seu rosto, entre a barba desajeitada e o gorro novo, era inegavelmente um dos rostos da minha universidade, nos Estados Unidos. Olhara para ele pela última vez pouco antes de o terem coberto com um lençol: era o rosto do bibliotecário morto.

Guardo várias fotografias do meu pai, tiradas pouco antes de ele deixar os Estados Unidos à procura de Rossi, embora, quando vi pela primeira vez essas imagens na minha infância, não fizesse a menor idéia do que acontecera depois. Uma delas, que mandei emoldurar há anos e hoje está pendurada por cima da minha secretária, é uma imagem a preto e branco, da época em que o preto e branco estava a ser destronado pelos instantâneos a cor. Mostra o meu pai como nunca o vi. Está a olhar diretamente para a câmara e tem o queixo um pouco levantado, como se estivesse prestes a responder a alguma coisa que o fotógrafo dizia. Nunca saberei quem era o fotógrafo; esqueci-me de perguntar ao meu pai se ainda se lembrava. Não podia ter sido Helen, mas talvez fosse outro amigo, colega de pós-graduação. Em 1952 apenas a data está escrita com a caligrafia do meu pai no verso da fotografia, havia já um ano que frequentava o curso de pós-graduação e já iniciara as suas pesquisas sobre os mercadores holandeses.

Na fotografia, parece estar a posar ao lado de um edifício da universidade, a julgar pelo trabalho de cantaria em estilo gótico ao fundo. Um dos pés está colocado acintosamente em cima de um banco, o braço apoia-se na perna, a mão pende com elegância junto ao joelho. Veste uma camisa branca ou de cor muito clara, gravata de riscas diagonais, calças escuras vincadas e sapatos bem engraxados. A estatura é igual à de que me lembro de quando ele era mais velho — altura mediana, ombros medianos, uma elegância agradável mas não extraordinária, que a idade madura não lhe roubou. Os olhos profundos são cinzentos na fotografia, mas eram azul-escuros na vida real. Com os olhos encovados e as sobrancelhas espessas, maçãs do rosto salientes, nariz grosso e lábios carnudos abertos num largo sorriso, tem naquela fotografia uma aparência bastante simiesca um ar de inteligência animal. Se a fotografia fosse a cores, o cabelo liso teria um tom de bronze sob a luz do sol; só sei que tinha essa cor porque uma vez ele descreveu-ma. Quando o conheci, e tanto quanto posso recuar no passado, o cabelo dele era branco.

Naquela noite, em Istambul, avalei em toda a extensão o que era passar uma noite em claro. Para começar, o horror do momento em que vi, pela primeira vez, o rosto de um morto-vivo e tentei compreender o que tinha visto bastaria aquele momento para me manter acordado. Depois, saber que o bibliotecário morto me vira e depois desaparecera fez-me tomar consciência da enorme vulnerabilidade dos papéis que tinha na minha pasta. Ele sabia que Helen e eu tínhamos uma cópia do mapa. Teria aparecido em Istambul porque estava a seguir-nos ou, de alguma forma, imaginou que o original estivesse aqui? Ou, se não tivesse concluído isto por conta própria, teria alguma fonte de informação que eu desconhecia? Ele tinha examinado os documentos da coleção do sultão Mehmed pelo menos uma vez. Teria visto os mapas originais e feito cópias deles? Eu não tinha meios de

decifrar estes enigmas e certamente não podia correr o risco de dormir, pensando na avidez da criatura pela nossa cópia do mapa, na forma como se tinha atirado a Helen para a estrangular na biblioteca da nossa universidade por causa desse mapa. O fato de ter mordido Helen, e ter talvez adquirido um gosto por ela, só me fazia ficar ainda mais nervoso.

Se tudo isso não fosse suficiente para me manter de olhos abertos durante aquela noite, enquanto as horas se arrastavam cada vez mais silenciosas, havia aquele rosto adormecido não longe do meu mas também não muito perto. Insisti com Helen para que dormisse na minha cama enquanto eu me acomodaria na poltrona coçada. Quando as minhas pálpebras se fecharam uma ou duas vezes, um olhar de relance para o seu rosto vigoroso e sério provocava uma onda de ansiedade que me despertava como se fosse água fria. Helen queria ter ficado no seu quarto afinal de contas, o que é que a senhoria iria pensar se descobrisse este arranjo? — mas eu pressionei-a até ela concordar, ainda que contrariada, em dormir sob a minha vigilância. Eu vira demasiados filmes ou lera muita ficção, e sabia que uma mulher que ficasse sozinha durante algumas horas à noite poderia ser a próxima vítima do demônio. Helen estava tão cansada que certamente adormeceria, como eu podia ver pelas sombras profundas sob os seus olhos, e tinha a leve impressão de que também estava assustada. Aquele lampejo de medo nela assustou-me mais do que o choro de terror noutra mulher e espalhou uma cafeína sutil nas minhas veias. É possível, também, que uma certa languidez e fragilidade da sua postura, habitualmente erecta e altiva, daqueles ombros largos tão determinados durante o dia, tenha mantido os meus olhos abertos. Estava deitada de lado, uma das mãos debaixo da minha almofada, os caracóis mais escuros do que nunca sobre a brancura da franha.

Não conseguia concentrar-me para ler ou para escrever. E não tinha a menor vontade de abrir a minha pasta, que por precaução enfiara debaixo da cama em que Helen dormia. Mas as horas iam-se passando e não houve nenhum arranhar misterioso no corredor, nenhum animal a farejar pelo buraco da fechadura, não houve fumo a invadir o quarto silenciosamente por baixo da porta nem bater de asas contra a janela. Finalmente, uma leve claridade acinzentada espalhou-se pela penumbra e Helen suspirou mansamente, como se percebesse o raiar do dia. Então, um palmo de luz do sol abriu caminho através das persianas e mexeu-se. Peguei no casaco, tirei a pasta de debaixo da cama com o mínimo de ruído possível e saí do quarto por delicadeza, para esperar por ela à entrada, no andar de baixo.

Ainda não eram seis horas, mas um cheiro forte a café vinha de algum lugar da casa e, para minha surpresa, encontrei Turgut sentado numa das cadeiras de forro bordado, com uma pasta preta no colo. Tinha um ar incrivelmente repousado e desperto e, logo que me viu entrar, levantou-se de um salto para me apertar a mão.

- Bom dia, meu amigo. Agradeço aos deuses por tê-lo encontrado imediatamente.
- Também lhes estou grato por encontrá-lo aqui — respondi, afundando-me numa

poltrona perto dele. — Mas o que o traz aqui tão cedo?

— Ah, não podia ficar longe tendo novidades para lhe contar.

— Também tenho novidades — disse eu, soturno. — Fale primeiro, doutor Bora.

— Turgut — corrigiu-me, ele meio distraído. — Veja isto. — E começou a desatar o cordão que prendia a pasta. — Como prometi, ontem à noite dei uma vista de olhos nos meus papéis. Já os tinha examinado muitas vezes e, é claro, não me surpreendi por não encontrar nada de novo. Fiz cópias do material que estava nos arquivos, como viu, além de ter reunido também muitos relatos diferentes dos acontecimentos ocorridos em Istambul durante o período da vida de Vlad e imediatamente após a morte dele.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Alguns desses escritos fazem referência a acontecimentos misteriosos na cidade, mortes, rumores de vampirismo. Também juntei todas as informações que obtive a partir de pesquisas em determinados livros que pudessem dizer-me algo sobre a Ordem do Dragão na Valáquia. Mas não encontrei nada de novo ontem à noite. Então, resolvi telefonar ao meu amigo Selim Aksoy. Ele não é da universidade tem uma loja, mas é um homem muito instruído. Sabe mais de livros do que qualquer outra pessoa em Istambul, sobretudo daqueles que contam a história e as lendas da nossa cidade. É uma pessoa muito amável, e passou a maior parte da noite comigo a vasculhar a sua própria biblioteca. Pedi-lhe que procurasse qualquer vestígio de um enterro de alguém da Valáquia aqui em Istambul no final do século quinze, ou qualquer sinal de que possa haver aqui um túmulo de alguma forma relacionado com a Valáquia, a Transilvânia ou com a Ordem do Dragão. Mostrei-lhe também — e não foi a primeira vez as cópias dos mapas e o meu livro do dragão, e expliquei-lhe a sua teoria de que aquelas imagens representam um local, o local do túmulo do Empalador.

"Juntos, folheamos muitas, muitas páginas sobre a história de Istambul, examinamos gravuras antigas e os cadernos de anotações em que ele copia as mais diversas coisas que encontra em bibliotecas e museus. É muito diligente, esse Selim Aksoy. Não tem mulher nem família, nem outros interesses. A história de Istambul consome-o. Passou a noite a trabalhar, porque a sua biblioteca pessoal é tão grande que nunca conseguiu absorver tudo o que ela contém, e não estava em condições de me dizer o que poderíamos descobrir. Finalmente, encontramos uma estranha coisa, uma carta — reproduzida num livro sobre a correspondência entre os ministros da corte do sultão e diversos territórios distantes pertencentes ao Império nos séculos quinze e dezesseis. Selim Aksoy disse-me que comprou esse exemplar a um livreiro em Ancara. A impressão é do século dezanove, e foi compilado por um dos nossos historiadores de Istambul, que estava interessado em todos os registros daquele período. Selim também me disse que nunca tinha visto outro exemplar deste livro.

Esperei pacientemente, percebendo a importância de todas essas informações e o fato de Turgut ser tão minucioso. Para um especialista em literatura, ele era um historiador de primeira categoria.

— Não, Selim não conhece nenhuma outra edição deste livro, mas acredita que os documentos nele reproduzidos não são — como é que se diz... forjados, porque já viu o original de uma das cartas na mesma coleção que visitamos ontem. Ele também adora aquele arquivo, sabe, e encontro-o lá com frequência sorriu. Bem, no referido livro, quando os nossos olhos já quase se fechavam de fadiga e a aurora se anunciava, encontramos uma carta que pode ser de alguma importância para a sua busca. O editor da coletânea acredita que seja do final do século quinze. Traduzi-lhe a carta. Está aqui.

Turgut tirou da pasta uma folha de caderno.

— Lamentavelmente, a carta anterior a que esta se refere não consta do livro. Só Deus sabe, mas provavelmente já não existe em lugar nenhum, ou o meu amigo Selim tê-la-ia encontrado há muito tempo.

Pigarreou e leu em voz alta:

— "Ao mui ilustre Rumeli Kadiasker..." — fez uma pausa. — Este era o supremo magistrado militar para os Balcãs, sabe. — Eu não sabia, mas balancei a cabeça e ele prosseguiu: — "Ilustre senhor, realizei a investigação que me foi solicitada. Alguns dos monges colaboraram de muito bom grado pela quantia que combinamos e examinei pessoalmente a sepultura. O que eles me disseram originalmente é verdadeiro. Recomendo uma nova investigação deste assunto em Istambul. Deixei dois guardas em Snagov para vigiar qualquer atividade suspeita. Curiosamente, não houve registros de casos de peste aqui. Vosso servidor, em nome de Alá."

— E a assinatura? — perguntei. O meu coração batia com força; mesmo depois da minha noite em claro, estava totalmente acordado.

— Não há assinatura. Selim acha que pode ter sido rasgada do original, acidentalmente ou para proteger a privacidade do homem que escreveu a carta.

— Ou talvez nem tenha sido assinada, para manter o segredo — sugeri. — E não há outras cartas no livro que façam referência a este assunto?

— Nenhuma. Nem anteriores nem posteriores. É um fragmento, mas o Rumeli Kadiasker era muito importante, portanto isto deve ter sido uma questão muito séria. Depois, procuramos árdua e prolongadamente nos outros livros do meu amigo e não encontramos mais nada relacionado com este assunto. Ele disse-me que, tanto quanto se lembra, nunca viu a palavra "Snagov" noutros relatos sobre a história de Istambul. Leu essas cartas uma vez há poucos anos sem achar que a palavra fosse significativa — foi quando eu lhe disse que se trata do local onde supostamente Drácula foi sepultado pelos seus seguidores que o fez reparar nela enquanto examinávamos os papéis. Por isso, talvez ele a tenha de fato visto noutra ocasião e não se lembre.

— Meu Deus — disse eu, pensando não apenas nas sutis probabilidades de Mr. Akso ter visto a palavra noutra ocasião, como nessa perturbante ligação entre Istambul, que nos rodeava, e a distante Romênia.

— Sim — e Turgut sorriu tão alegremente como se estivéssemos a discutir a ementa do

pequeno-almoço. — Os inspetores públicos para os Balcãs estavam muito preocupados com alguma coisa aqui em Istambul, tão preocupados que enviaram alguém ao túmulo de Drácula em Snagov.

— Mas, que raio é que eles encontraram? — Bati com o punho no braço da cadeira. — O que é que os padres de lá disseram? E por que razão estavam apavorados?

Esse é exatamente o motivo da minha perplexidade — concordou Turgut. — Se Vlad Drácula estava a repousar pacificamente lá, por que estariam preocupados com ele a centenas de quilómetros de distância, em Istambul? E, se o túmulo de Vlad está realmente em Snagov e sempre esteve, por que será que os mapas não correspondem àquela região?

Eu podia apenas apreciar a exatidão das perguntas dele.

— Há outra coisa — disse eu. — Acha que existe de fato uma possibilidade de Drácula estar sepultado aqui em Istambul? Isso explicaria a preocupação de Mehmed com ele depois da sua morte, e a presença de vampirismo aqui a partir dessa época?

Turgut bateu as mãos uma na outra diante de si e apoiou um grande dedo no queixo.

— Essa é uma questão de peso, meu amigo Vamos precisar de ajuda para isso, e acho que o meu amigo Selim é a pessoa certa para nos ajudar

Ficamos a olhar-nos em silêncio no vestibulo sombrio da pensão, com o cheiro a café a pairar entre nós, novos amigos unidos por uma velha causa. Então, Turgut despertou.

— Não ha dúvida de que precisamos procurar mais, ir mais longe. Selim disse que nos acompanhará ao arquivo assim que estiverem prontos. Ele sabe de fontes que existem lá sobre a Istambul do século quinze, a que eu próprio não prestei muita atenção porque estão fora dos meus interesses relacionados com Drácula. Vamos examiná-las juntos. O meu amigo bibliotecário certamente ficará feliz por nos mostrar esse material antes do horário de abertura ao público, se eu lhe pedir. Ele mora perto do arquivo e pode abri-lo para nós antes de sair. Tem de ir trabalhar. Mas onde está Miss Ross? Já terá deixado os seus aposentos?

A frase provocou-me uma confusa e súbita convergência de pensamentos na cabeça, e eu não sabia a que problema devia acudir primeiro. A menção ao amigo bibliotecário de Turgut lembrou-me de novo o meu inimigo bibliotecário, de quem quase me esquecera, na excitação causada pela carta. Agora, enfrentava a peculiar tarefa de abalar a credulidade de Turgut contando-lhe o encontro com um homem morto, embora a sua crença em vampiros históricos provavelmente se estendesse aos contemporâneos. A pergunta dele sobre Helen, contudo, lembrava-me de que a deixara sozinha por demasiado tempo, o que era imperdoável. A minha intenção fora dar-lhe privacidade ao acordar, e contava que ela descesse logo depois de mim. Por que não aparecera ainda? Turgut continuava a falar

— Então, Selim — que nunca dorme, sabe — foi tomar o pequeno almoço, porque não queria apanhá-los de surpresa —, ah, aí está ele!

A campanha da porta da pensão tocou e um homem esguio entrou, fechando a porta atrás de si. Acho que esperava uma presença venerável, um homem idoso com um fato de executivo, mas Selim Aksoy era jovem, magro e vestia calças escuras folgadas e bastante

çoçadas com uma camisa branca. Veio ao nosso encontro, pressuroso, no rosto uma expressão intensa que não chegava a ser um sorriso. Só quando apertei a sua mão ossuda é que reconheci os olhos verdes e o nariz comprido e fino. Já o vira antes, e de perto. Demorei mais uns segundos a situá-lo, até que me veio a memória a mão fina estendendo-me um livro de Shakespeare. Era o vendedor de livros da pequena loja junto ao bazar.

— Mas nós já nos encontramos! — exclamei, e ele exclamou algo semelhante ao mesmo tempo que eu no que me pareceu um amálgama de turco e inglês. Turgut olhou de um para outro, visivelmente espantado, e, quando expliquei, riu-se, depois sacudiu a cabeça, admirado.

— Coincidências — disse apenas.

— Estão prontos? — Mr. Aksoy recusou com um gesto a cadeira que Turgut lhe indicava na sala de estar.

— Ainda não — disse eu. — Se me permite, vou ver como está Miss Rossi e quando poderá juntar-se a nós.

Turgut assentiu com um ar um tanto ingénuo demais. Esbarrei contra Helen nas escadas literalmente, pois dei comigo a subir os degraus de três em três. Ela segurou-se ao corrimão para não cair pela escada abaixo.

— Livra! — disse, zangada. — Onde vai com tanta pressa? — Esfregava o cotovelo e eu tentava não sentir o roçar do seu fato preto e do seu ombro firme no meu braço.

— À sua procura — respondi. — Desculpe, magoou-se? Só fiquei um pouco preocupado porque a deixei sozinha lá em cima tanto tempo.

— Estou ótima — disse ela, com mais suavidade. — Tenho estado a pensar... Quanto tempo falta para o professor Bora chegar?

— Já está lá em baixo — anunciei —, e trouxe um amigo.

Helen também reconheceu o jovem livreiro e ficaram a conversar, hesitantemente, enquanto Turgut telefonava para Mr. Erozan e gritava para o bocal do telefone.

— Houve uma chuvada — explicou ele ao voltar. — As linhas ficam um pouco roufenhas nesta parte da cidade quando chove. O meu amigo pode ir encontrar-se conosco no arquivo agora mesmo. Pela voz, parecia adoentado, talvez uma constipação, mas disse que ia já para lá. Quer café, minha senhora? E compro-lhe pãozinhos de sésamo no caminho.

Beijou a mão de Helen, para minha irritação, e saímos todos apressadamente.

Esperava ficar para trás com Turgut enquanto andávamos, para poder falar-lhe em particular sobre o aparecimento do mórbido bibliotecário da minha universidade; não achava conveniente comentar o assunto em frente de um estranho, sobretudo de alguém que, segundo Turgut, tinha pouco interesse em caçar vampiros. Turgut, entretanto, já estava profundamente mergulhado numa conversa com Helen antes de completarmos o primeiro quarteirão, e tive o duplo aborrecimento de vê-la conceder-lhe a ele o seu raro sorriso e saber que não podia transmitir uma informação necessária e urgente. Mr. Aksoy

seguia ao meu lado, lançando-me um olhar de vez em quando, mas a maior parte do tempo parecia tão absorto nos seus pensamentos que não me sentia à vontade para o interromper com observações sobre a beleza matinal das ruas.

Encontramos a porta exterior da biblioteca destrancada Turgut disse com um sorriso que sabia que o seu amigo não se demoraria e entramos em silêncio, Turgut dando galantemente passagem a Helen. A pequena entrada, com os seus belos mosaicos e o livro de registro aberto e preparado para os visitantes do dia, estava deserta. Turgut segurou a porta interior para Helen entrar, e ela já avançara bastante no vestibulo silencioso e imerso em obscuridade quando a ouvi prender a respiração, parando tão inopinadamente que o nosso amigo quase tropeçou atrás dela. Algo me fez eriçar os cabelos da nuca antes mesmo de perceber o que estava a acontecer, e em seguida outra coisa bem diferente fez-me empurrar o professor com brutalidade e colocar-me ao lado de Helen.

O bibliotecário que nos esperava estava imóvel no meio da sala, o rosto virado para nós, como se aguardasse ansioso a nossa chegada. Não era, porém, a figura amigável que imaginávamos, nem trazia a caixa que esperávamos poder examinar outra vez, ou uma pilha de manuscritos empoeirados sobre a história de Istambul. O seu rosto era pálido, sem vida — exatamente como se a vida se tivesse esvaído dele. Não era o amigo bibliotecário de Turgut, mas o que nós conhecíamos, alerta e de olhos brilhantes, nos lábios um vermelho pouco natural, o olhar esfaimado e ardente voltado para nós. No instante em que os seus olhos se fixaram em mim, a minha mão latejou no ponto em que ele a torcera violentamente na biblioteca da minha universidade. Estava ávido de alguma coisa. Ainda que eu tivesse tranquilidade de espírito para conjecturar sobre aquela avidez — se era sede de conhecimento ou de qualquer outra coisa —, não teria tido tempo para formar o pensamento. Antes que eu desse um passo para me colocar entre Helen e a asquerosa personagem, ela tirou uma pistola do bolso do casaco e disparou sobre ele.

Mais tarde, conheci Helen numa grande variedade de situações, inclusive aquelas a que chamamos vida quotidiana, e ela nunca deixou de me surpreender. Muitas vezes, o que me espantava nela eram as rápidas associações que a sua mente fazia entre um fato e outro, associações que em geral resultavam em conclusões a que eu só chegaria muito devagar. Deslumbrava-me, também, com a maravilhosa vastidão dos seus conhecimentos. Helen era cheia destas surpresas, e passei a considerá-las a minha razão diária, o vício agradável que adquiri de admirar a sua capacidade para me apanhar desprevenido. Mas nunca me surpreendeu mais do que naquele dia em Istambul quando, subitamente, disparou sobre o bibliotecário.

No entanto, nem tive tempo de me surpreender, porque ele cambaleou para o lado e arremessou um livro na nossa direção que quase me acertou na cabeça. O livro bateu numa mesa algures à minha esquerda e ouvi-o cair no chão. Helen disparou outra vez, avançando e fazendo pontaria com uma segurança que me tirou a respiração. Então, o que chamou a minha atenção foi a reação anormal da criatura. Nunca tinha visto ninguém ser baleado exceto no cinema, mas aí, aí de mim, assistira à morte de milhares de índios em tiroteios quando tinha uns onze anos e, mais tarde, de todo o tipo de vigaristas, ladrões de bancos e vilões, incluindo hordas de nazis criados expressamente para serem alvejados por uma entusiástica Hollywood no tempo da guerra. O que houve de estranho naquele caso, desta vez real, foi o fato de, apesar de aparecer uma mancha escura na roupa do bibliotecário algures abaixo do esterno, ele não levar a mão agonizante à ferida. O segundo tiro apanhou-o de raspão no ombro, nessa altura já ele estava a correr e desapareceu entre as estantes do fundo da sala. A porta Turgut gritou nas minhas costas.

— Há uma porta ali! — E todos corremos atrás dele, tropeçando em cadeiras e passando entre as mesas. Selim Aksoy, leve e ligeiro como um antílope, chegou primeiro às estantes e desapareceu no meio delas. Ouvimos um tumulto e um baque, depois uma porta a bater, e encontramos Mr. Aksoy tentando desvencilhar-se de um monte de frágeis manuscritos otomanos com um inchaço arroxeado num lado da cara. Turgut correu para a porta e eu corri atrás dele, mas estava bem fechada. Quando conseguimos abri-la, descobrimos apenas uma ruela vazia, à exceção de uma pilha de caixas de madeira. Procuramos no emaranhado de ruas da vizinhança, mas não havia sinal da criatura ou da sua fuga. Turgut interpelou uns quantos transeuntes, mas ninguém vira o nosso homem.

Relutantes, voltamos para o arquivo pela porta das traseiras e encontramos Helen a segurar o seu lenço de encontro à face de Mr. Aksoy. O revólver não estava à vista e os manuscritos tinham sido cuidadosamente arrumados na prateleira outra vez. Ela levantou a cabeça quando entramos.

— Ele desmaiou por um minuto — disse ela, suavemente, — mas agora já está bem. Turgut ajoelhou-se perto do amigo.

— Meu caro Selim, que inchaço enorme tem aí.

Selim Aksoy sorriu, com ar abatido.

— Estou a ser bem assistido — disse.

— Estou a ver — concordou Turgut. — Minha senhora, tenho de cumprimentá-la pela tentativa. Mas é inútil tentar matar um homem morto.

— Como é que sabia? — perguntei, atônito.

— Ah, eu sei — disse ele, soturno. — Conheço aquele tipo de rosto. É a expressão dos mortos-vivos. Não há nada parecido. Já a vi antes.

— Era uma bala de prata. — Helen segurou a compressa com mais firmeza no rosto de Mr. Aksoy e fez a cabeça dele apoiar-se de novo no seu ombro. — Mas, como viu, ele moveu-se e não lhe acertei no coração. Sei que corri um grande risco por um instante — olhou intensamente para mim, mas não consegui ler os seus pensamentos, — mas, como viram, o meu cálculo estava certo. Um homem mortal teria ficado seriamente ferido com aqueles tiros — suspirou e ajustou a compressa.

Eu olhava de um para o outro, abismado.

— Andou com um revólver este tempo todo? — perguntei a Helen.

— Claro — passou o braço de Aksoy por cima do seu ombro. — Venham cá, ajudem-me a levantá-lo. — Juntos, erguemo-lo ele era leve como uma criança e ajudamo-lo a ficar de pé. Ele sorriu e abanou a cabeça, dispensando mais ajuda. — Trago sempre a minha pistola comigo quando sinto algum tipo de... apreensão. E não é assim tão difícil arranjar uma ou duas balas de prata.

— Lá isso é verdade — Turgut assentiu com a cabeça.

— Mas onde aprendeu a disparar assim? — eu ainda estava atordoado por aquele momento em que Helen tinha sacado a arma e feito pontaria tão depressa.

Helen riu.

— No meu país, a nossa educação é tão intensa como limitada — disse ela. — Ganhe um prêmio de tiro na nossa brigada de juventude quando tinha dezesseis anos. Estou contente por não me ter esquecido de como se faz.

De repente, Turgut deu um grito e bateu na testa.

— O meu amigo! — Todos olhamos para ele. — O meu amigo, Erozan. Esqueci-me dele!

Demoramos só um segundo para perceber o sentido das palavras. Selim Aksoy, que parecia recuperado, foi o primeiro a correr na direção das estantes onde fora agredido, e nós espalhamo-nos rapidamente pela comprida sala, procurando sob as mesas e debaixo das cadeiras. A busca durou alguns minutos sem resultado. Então, ouvimos Selim chamar-nos e fomos todos para junto dele. Estava ajoelhado ao pé de uma estante alta repleta de todos os tipos de caixas, sacos e rolos de documentos. A caixa que abrigava os papéis da Ordem do Dragão encontrava-se no chão a seu lado, a tampa decorada aberta e parte do conteúdo espalhada em volta.

No meio destas relíquias, Mr. Erozan estava estendido de costas, branco e imóvel, e

cabeça caída sobre um dos ombros. Turgut ajoelhou-se e encostou o ouvido no peito do homem.

— Graças a Deus — disse, logo depois. — Está a respirar.

Depois, examinando-o mais atentamente, apontou para o pescoço do seu amigo. Bem fundo, na carne macia e clara logo acima do colarinho da camisa, havia uma ferida aberta. Helen ajoelhou-se ao lado de Turgut. Ficamos em silêncio por uns segundos. Mesmo depois de ler a descrição feita por Rossi do funcionário que o enfrentara muitos anos antes, mesmo depois da agressão a Helen na biblioteca da minha universidade, achei difícil acreditar no que via. O rosto do homem estava terrivelmente pálido, quase cinzento, e a sua respiração saía em arquejos curtos, que mal se ouvia, a não ser que se prestasse atenção.

— Ele foi contaminado — disse Helen em voz baixa. — E acho que perdeu sangue.

— Maldito seja este dia! — O rosto de Turgut estava angustiado e apertava a mão do amigo nas suas duas mãos enormes.

Helen foi a primeira a recompor-se.

— Vamos pensar com sensatez. Esta deve ter sido a primeira vez que ele foi atacado — virou-se para Turgut. — O senhor não viu nele nenhum sinal deste gênero quando estivemos aqui ontem?

Ele abanou a cabeça.

— Estava absolutamente normal.

Helen levou a mão ao bolso do casaco e eu recuei instintivamente, pensando que estivesse prestes a sacar da pistola outra vez. Mas ela tirou de lá uma cabeça de alho e colocou-a no peito do bibliotecário. Turgut sorriu, apesar da seriedade de toda a cena, e tirou também uma cabeça de alho do seu próprio bolso, colocando-a ao lado da outra. Eu não conseguia imaginar onde é que ela a teria arranjado — talvez durante o nosso passeio pelo *souk*, enquanto eu estava entretido com outras coisas?

— Vejo que os grandes espíritos pensam da mesma forma — disse-lhe Helen. Tirou do bolso um embrulho de papel e abriu-o, revelando um pequenino crucifixo de prata. Reconheci-o como sendo o que ela comprara na igreja católica próxima da nossa universidade, o mesmo que tinha usado para intimidar o perverso bibliotecário quando ele a atacara na seção de História da biblioteca.

Desta vez, Turgut estendeu a mão delicadamente, detendo-a.

— Não, não — disse ele, — temos as nossas próprias superstições aqui.

De um sítio qualquer dentro do casaco, tirou uma fieira de contas de madeira, igual à que eu vira nos cintos e nos pulsos de muitos homens nas ruas de Istambul. Esta terminava num medalhão esculpido e escrito em árabe numa das faces. Turgut encostou levemente o medalhão aos lábios de Mr. Erozan, cujo rosto se contorceu num esgar, como de repulsa involuntária, crispando-se e estremeecendo. Foi uma visão horrível, se bem que passageira, e então os olhos do homem abriram-se e ele franziu as sobrancelhas. Turgut inclinou-se para ele, falando baixo em turco e tocando-lhe na testa, e deu ao ferido um gole de alguma coisa

de um pequeno frasco que também saiu do seu bolso.

Um minuto depois, Mr. Erozan sentou-se e olhou em volta, apalpando o pescoço como se este lhe doesse. Quando os seus dedos encontraram a pequena ferida com os pingos de sangue seco, escondeu o rosto nas mãos e chorou, um som de cortar o coração.

Turgut pôs-lhe o braço em volta dos ombros e Helen pousou a mão no braço do bibliotecário. Dei comigo a refletir que era a segunda vez numa hora que a via cuidar de uma pessoa aflita tocando-lhe com ternura. Turgut começou a fazer perguntas ao homem em turco e, daí a pouco, sentou-se de novo sobre os calcanhares e olhou para nós.

Mr. Erozan disse que o desconhecido foi ao seu apartamento esta manhã bem cedo, quando ainda estava escuro, e ameaçou matá-lo se ele não lhe abrisse a biblioteca. O vampiro estava com ele quando lhe telefonei esta manhã, mas o meu amigo não se atreveu a falar-me sobre a presença dele. Quando o estranho homem soube quem tinha telefonado, disse que tinham de ir imediatamente para o arquivo. Mr. Erozan estava com medo de desobedecer e, quando chegaram aqui, o homem fê-lo abrir a caixa. Assim que a caixa foi aberta, o demônio saltou sobre ele, manteve-o preso contra o chão o meu amigo diz que ele era incrivelmente forte — e mordeu o pescoço de Mr. Erozan. E isto é tudo de que se lembra. Turgut abanou a cabeça tristemente. O bibliotecário agarrou subitamente o braço de Turgut e pareceu implorar-lhe qualquer coisa numa torrente de palavras em turco.

Turgut ficou calado por um momento, depois segurou a mão do amigo nas suas, colocou nela as contas de oração e respondeu-lhe em voz baixa.

— Ele disse-me que sabe que só pode ser mordido mais duas vezes por esse demônio antes de se tornar um deles. Pediu-me que, se isso vier a acontecer, eu o mate com as minhas próprias mãos. — Turgut virou-se e creio ter visto um brilho de lágrimas nos seus olhos.

— Isso não vai acontecer — disse Helen, com o rosto duro. — Vamos descobrir a origem dessa desgraça.

Eu não sabia se ela se referia ao cruel bibliotecário ou ao próprio Drácula, mas, quando vi os seus maxilares cerrados, quase acreditei que no fim venceríamos ambos. Já vira aquela expressão no seu rosto antes, e lembrei-me da cafetaria em que falamos pela primeira vez sobre os seus pais. Nessa altura, ela jurara encontrar o seu desleal pai e desmascará-lo para o mundo acadêmico. Seria imaginação minha, ou a sua missão mudara a partir de certo momento sem que ela se apercebesse?

Selim Aksoy movia-se, hesitante, atrás de nós, e disse outra vez alguma coisa a Turgut. Este assentiu com a cabeça.

— Mr. Aksoy lembrou-me a tarefa que nos trouxe aqui, e tem razão. Outros investigadores vão começar a chegar e temos de decidir se trancamos o arquivo ou o abrimos ao público. Ele ofereceu-se para não ir à sua loja hoje e substituir o bibliotecário aqui. Mas antes temos de pôr estes documentos em ordem e ver se sofreram algum dano, e, acima de tudo, temos de encontrar um lugar seguro para o meu amigo descansar. Além

disso, Mr. Aksoy gostaria de nos mostrar uma coisa nos arquivos antes que haja outras pessoas presentes.

Comecei logo a reunir os documentos espalhados, e os meus piores receios confirmaram-se imediatamente:

— Os mapas originais foram-se — informei, melancólico.

Procuramos nas estantes, mas os mapas daquela estranha região semelhante a um dragão de cauda longa tinham desaparecido. Só podíamos concluir que o vampiro os escondera dentro da roupa antes da nossa chegada. Era uma triste conclusão. Tínhamos as cópias, é claro, tanto as de Rossi como as de Turgut, mas os originais representavam para mim a chave do paradeiro de Rossi, um elo mais próximo do que todos os outros que tivera até então.

Para acrescentar ao desalento pela perda desse tesouro, ocorreu-me que o sinistro bibliotecário poderia desvendar os seus segredos antes de nós. Se Rossi estivesse na tumba de Drácula, onde quer que esta se localizasse, o sinistro bibliotecário tinha agora uma boa oportunidade de chegar lá antes de nós. Senti mais do que nunca a urgência e a impossibilidade de encontrar o meu querido orientador. Pelo menos pensei outra vez, de modo estranho, Helen estava agora firmemente do meu lado.

Turgut e Selim, que conferenciavam ao lado do doente, viraram-se para lhe fazerem uma pergunta, ao que parecia, pois este tentou erguer-se e apontou debilmente para o local atrás das estantes. Selim desapareceu, voltando em seguida com um pequeno livro. Encadernado em couro vermelho e bastante gasto, com uma inscrição dourada em caracteres árabes na frente. Pousou-o na mesa mais próxima e folheou-o um pouco antes de chamar Turgut, que estava a dobrar o casaco para fazer um travesseiro onde apoiar a cabeça do amigo. O homem parecia um pouco melhor. Estive para sugerir que chamássemos uma ambulância, mas deduzi que Turgut devia saber o que estava a fazer. Levantou-se para ir ao encontro de Selim e os dois conversaram com veemência durante alguns minutos, enquanto Helen e eu evitávamos olhar um para o outro, ambos à espera de alguma descoberta e ambos receosos de uma decepção. Finalmente, Turgut chamou-nos.

— Isto era o que Selim Aksoy queria mostrar-nos esta manhã — disse ele, gravemente — Para dizer a verdade, não sei se tem relação com a nossa busca. Todavia, vou ler-vos Este é um volume compilado no início do século dezenove por pessoas cujos nomes nunca vi antes, historiadores de Istambul. Juntaram aqui todos os relatos que encontraram sobre a vida em Istambul nos primeiros anos da nossa cidade ou seja, começando em 1453, quando o sultão Mehmed tomou a cidade e a proclamou capital do seu império.

Apontou para uma página numa bela caligrafia árabe e pensei, pela centésima vez, que era uma pena as línguas humanas, e até os alfabetos, estarem separados uns dos outros por aquela frustrante Babel de diferenças, de modo que, quando me deparava com um texto impresso em otomano, a minha compreensão perdia-se imediatamente num emaranhado de símbolos tão impenetráveis como uma cerca de espinheiros mágicos.

— Esta é uma passagem de que Mr. Aksoy se lembrava de uma das suas pesquisas aqui. O autor é desconhecido e trata-se de uma narrativa de certos acontecimentos do ano de 1477; sim, meus amigos, um ano depois de Vlad Drácula ser morto em batalha na Valáquia. Aqui diz que, nesse ano, houve casos de peste em Istambul, uma peste que obrigou os imãs a enterrarem alguns dos cadáveres com estacas cravadas no coração. Depois, relata a chegada à cidade de um grupo de monges vindos dos Cárpatos — e isto foi o que fez Mr Aksoy lembrar-se deste livro numa carroça puxada por mulas. Os monges pediram asilo num mosteiro de Istambul e permaneceram lá durante nove dias e nove noites. É tudo o que diz, e as associações entre os fatos são bastante obscuras, pois nada mais conta sobre os monges ou sobre o que foi feito deles. Foi da existência aqui desta palavra, "Cárpatos", que o meu amigo Selim quis que soubéssemos.

Selim Aksoy aprovou enfaticamente com a cabeça, mas não pude deixar de suspirar. O texto produzia um efeito singular: dava-me uma sensação de desassossego sem lançar qualquer luz sobre os nossos problemas. O ano, 1477, era de fato estranho, mas poderia ser uma coincidência. A curiosidade, porém, levou-me a fazer uma pergunta a Turgut:

— Se a cidade já estava sob o domínio dos Otomanos, como é que havia aqui um mosteiro para os monges se hospedarem?

— Uma boa pergunta, meu amigo — observou Turgut com seriedade. — Mas devo dizer-lhe que havia diversos mosteiros e igrejas em Istambul desde o início da ocupação otomana. O sultão foi muito benevolente ao permitir que se mantivessem.

Helen sacudiu a cabeça.

— Depois de ter permitido que o seu exército destruísse a maioria das igrejas da cidade ou as transformasse em mesquitas.

— É verdade que, quando o sultão Mehmed conquistou a cidade, permitiu que as suas tropas a pilhassem durante três dias — admitiu Turgut. — Mas não teria feito isto se a cidade se lhe tivesse rendido em vez de resistir; na realidade, ofereceu-lhes antes a alternativa de uma ocupação inteiramente pacífica. Também está escrito que, ao entrar em Constantinopla e constatar os estragos que os seus soldados tinham feito os edifícios desfigurados, as igrejas profanadas e os cidadãos assassinados, chorou pela maravilhosa cidade. A partir de então, autorizou o funcionamento de muitas igrejas e concedeu muitos benefícios aos cidadãos bizantinos.

— Também escravizou mais de cinquenta mil deles — acrescentou Helen, secamente. — Não se esqueça disso.

Turgut lançou-lhe um sorriso de admiração.

— A senhora é demais para mim. Mas eu só queria provar que os nossos sultões não eram monstros. Uma vez conquistada uma região, costumavam ser bastante clementes, tendo em conta os costumes da época. Foi só a conquista em si que não decorreu de modo muito agradável.

Apontou para uma parede distante.

— Ali está o Glorioso Mehmed em pessoa, se quiserem cumprimentá-lo. — Fui ver embora Helen permanecesse obstinadamente no mesmo lugar.

A reprodução emoldurada aparentemente, uma cópia barata de uma aguarela mostrava um homem sólido, sentado, usando um turbante vermelho e branco. Tinha pele clara e barba delicada, sobranceiras caligráficas e olhos castanhos. Segurava uma única rosa junto do seu grande nariz adunco, sentindo o seu perfume com o olhar perdido num ponto distante. Parecia-me mais um místico sufi do que um impiedoso conquistador.

— É uma imagem bastante surpreendente — reconheci.

— Sim, é. Ele era um devotado patrono das artes e da arquitetura e construiu muitos edifícios bonitos. — Turgut bateu no queixo com o seu dedo comprido. — Bem, meus amigos, o que acham deste relato que Selim Aksoy descobriu?

— É interessante — disse eu, delicadamente, — mas não vejo como nos poderá ajudar a encontrar a tumba.

— Eu também não — admitiu Turgut. — No entanto, vejo alguns pontos em comum entre esta passagem e a carta que vos li esta manhã. Os distúrbios na tumba de Snagov, quaisquer que tenham sido, ocorreram no mesmo ano, 1477. Já sabemos que foi um ano depois de Vlad Drácula ter morrido, e que havia um grupo de monges muito preocupados com alguma coisa em Snagov. Não poderiam ser os mesmos monges, ou algum grupo relacionado com Snagov?

— É possível — reconheci, — mas isso é uma mera conjectura. O relato diz apenas que os monges eram dos Cárpatos, onde devia haver vários mosteiros naquela época. Como podemos ter certeza de que eram do mosteiro de Snagov? O que lhe parece, Helen?

Devo tê-la apanhado de surpresa porque reparei que estava a olhar para mim com uma espécie de melancolia que eu nunca tinha visto no seu rosto. Contudo, a impressão dissipou-se imediatamente, e pensei que podia tê-la imaginado, ou que talvez Helen estivesse a lembrar-se da mãe, ou da nossa iminente viagem à Hungria. Fosse quaisquer fossem os seus pensamentos, recompôs-se num instante.

— Sim, havia muitos mosteiros nos Cárpatos. Paul tem razão, não podemos relacionar os dois grupos sem mais informações.

Pareceu-me que Turgut ficou desapontado, e começou a dizer qualquer coisa quando fomos interrompidos por um arquejo sibilante. Era Mr. Erozan, ainda deitado no chão, em cima do casaco de Turgut.

— Desmaiou! — exclamou Turgut. — E nós aqui a tagarelar como gralhas... — Aproximou de novo o alho do nariz do amigo, o homem resmungou e reanimou-se um pouco.

— Depressa, temos de o levar daqui. Professor, minha senhora, ajudem-me. Vamos chamar um táxi e levá-lo para a minha casa, a minha mulher e eu podemos cuidar dele lá. Selim ficará aqui no arquivo, que deve abrir dentro de minutos. — E deu algumas ordens rápidas, em turco, a Aksoy.

Então, Turgut e eu levantamos o homem pálido e fraco do chão, depois apoiámo-lo entre nós dois e levámo-lo com cuidado pela porta das traseiras. Helen seguiu-nos com o casaco de Turgut, passamos todos pela ruela e um momento mais tarde estávamos do lado de fora, à luz do sol da manhã. Quando a claridade atingiu o rosto do bibliotecário, este encolheu-se, contraiu-se junto ao meu ombro e levou uma mão aos olhos, como se estivesse a defender-se de uma pancada.

A noite que passei naquela casa de quinta em Boulois, com Barley do outro lado do quarto, foi uma das mais despertadas que alguma vez tivera. Fomo-nos deitar por volta das nove horas, já que não havia muito para fazer ali exceto ouvir as galinhas e ver a luz esmaecer por cima dos estábulos baixos. Para meu espanto, não havia luz elétrica na quinta. "Não reparou que não havia fios elétricos?" perguntou Barley — e a proprietária deixou-nos uma lanterna e duas velas antes de nos desejar boa noite. A sua luz, as sombras da antiga mobília encerada cresciam e erguiam-se acima de nós, e o bordado na parede tremeluzia suavemente

Depois de alguns bocejos, Barley deitou-se vestido sobre uma das camas e adormeceu logo. Não me atrevi a fazer o mesmo, mas também tive medo de deixar as velas arderem toda a noite. Finalmente apaguei-as, deixando apenas a lanterna acesa, que aprofundava terrivelmente as sombras a minha volta e fazia a escuridão atrás da nossa única janela parecer querer entrar pelo quarto dentro. Trepadeiras roçavam contra a vidraça, as árvores pareciam aproximar-se, e um barulho suave que poderia ser de corujas ou de pombos chegava-me fantasmagoricamente aos ouvidos enquanto permanecia deitada encolhida na minha cama. Barley parecia muito distante, a princípio, tinha ficado contente com aquelas camas completamente separadas, de modo que não haveria constrangimentos na hora de ir para a cama, mas agora queria que tivéssemos sido forçados a dormir costas com costas

Depois de ficar deitada ali tempo suficiente para me sentir congelada na mesma posição, vi uma luz difusa surgir aos poucos sobre as tábuas do soalho, vinda da janela. A Lua nascia, e com ela senti um certo abrandamento do meu terror, como se uma velha amiga tivesse vindo fazer-me companhia. Tentei não pensar no meu pai, em qualquer outra viagem podia ter sido ele a estar deitado naquela outra cama com o seu pijama impecável, um livro caído ao seu lado. Teria sido o primeiro a reparar naquela antiga casa de quinta, teria sabido que a sua parte central remontava aos tempos da Aquitânia, teria comprado três garrafas de vinho à simpática proprietária e conversado com ela sobre a sua vinha.

Ali deitada, perguntei-me involuntariamente o que faria caso o meu pai não sobrevivesse àquela viagem a Saint-Matthieu. Não era possível voltar para Amsterdã, e ficar a vaguear pela nossa casa sozinha com Mrs. Clay; isso só aumentaria o meu desgosto. No sistema europeu, ainda tinha dois anos de liceu antes de ir para uma universidade. Mas quem tomaria conta de mim até lá? Barley voltaria para a sua antiga vida; eu não podia esperar que ele se preocupasse comigo. Lembrei-me do reitor James, com o seu sorriso profundo e triste e as rugas bondosas à volta dos olhos. Então pensei em Giulia e Massimo na sua casa de campo na Umbria. Vi Massimo a servir-me vinho — "E o que está a linda filha do Paolo a estudar?" e Giulia, dizendo que eu devia ficar com o melhor quarto. Eles não tinham filhos; gostavam muito do meu pai. Se o meu mundo se desmoronasse, iria para junto deles.

Apaguei a lanterna, agora mais corajosa, e fui até à janela em bicos dos pés para olhar lá para fora. Mal se via a Lua, num céu cheio de nuvens esgarçadas. Pela sua frente flutuou uma imagem que eu conhecia muito bem — não, foi apenas por um instante, e foi apenas uma nuvem, não foi? As asas abertas, a cauda retorcida? A imagem dissolveu-se imediatamente, mas fui para a cama de Barley, em vez de para a minha, e fiquei deitada durante horas tremendo, encostada ao seu corpo adormecido.

O processo de transportar o bibliotecário e instalá-lo na sala de estar oriental de Turgut — onde ele ficou, pálido mas composto, deitado num dos compridos divãs levou quase a manhã inteira. Ainda lá estávamos quando Mrs. Bora voltou ao meio-dia da escola. Entrou cheia de vivacidade, carregando um saco de compras em cada pequena mão enluvada. Usava um vestido amarelo e um chapéu florido, de modo que parecia um narciso em miniatura. O seu sorriso também era doce e fresco, mesmo ao ver-nos de pé na sua sala à volta de um homem prostrado. Nada que o seu marido fizesse parecia surpreendê-la, pensei; talvez isso fosse um dos segredos para uma união bem sucedida.

Turgut explicou-lhe a situação em turco e a sua expressão alegre transformou-se primeiro num ar de óbvio ceticismo e depois de horror crescente quando ele lhe mostrou delicadamente a ferida no pescoço do seu mais recente hóspede. Lançou-nos, a Helen e a mim, um olhar de consternação muda, como se aquilo fosse para ela apenas o início de um terrível conhecimento. Depois, segurou a mão do bibliotecário, que, como eu sabia, um momento antes estava não só branca, mas fria. Segurou-a por um instante, enxugou os olhos e foi de seguida para a cozinha, de onde ouvimos o estrépito distante das suas panelas e frigideiras. O que quer que acontecesse mais, o pobre homem teria seguramente uma boa refeição. Turgut convenceu-nos a ficar e Helen, para minha surpresa, foi atrás de Mrs. Bora para a ajudar.

Quando nos certificamos de que Mr. Erozan descansava confortavelmente, Turgut levou-me para o seu lúgubre escritório por uns minutos. Com alívio, vi que as cortinas estavam bem fechadas sobre o retrato. Sentámo-nos para discutir a situação.

— Acha que é seguro o senhor e a sua mulher hospedarem este homem aqui? — não pude deixar de lhe perguntar.

— Vou tomar todas as precauções. Se ele melhorar dentro de um ou dois dias arranjarei um sítio para ele ficar, e alguém para tomar conta dele.

Turgut tinha-me puxado uma cadeira e instalara-se atrás da sua secretária. Era quase, pensei, como estar de novo com Rossi no seu gabinete na universidade, excepto que o gabinete de Rossi era indiscutivelmente alegre, com as suas plantas viçosas e o café fumegante, e este era tão excentricamente sombrio.

— Não espero que se dê aqui nenhum outro ataque, mas, se houver, o nosso amigo americano vai enfrentar uma defesa formidável.

Vendo a sua sólida corpulência por detrás da mesa, não foi difícil acreditar.

— Sinto muito — disse eu. — Parece que lhe trouxe muitos problemas, professor, inclusive ao importar do meu país esta ameaça até à sua casa.

Resumi em poucas palavras os nossos encontros com o bibliotecário contaminado, entre eles o da noite anterior, em frente a Hagia Sophia.

— Extraordinário — disse Turgut. Os seus olhos estavam iluminados por um sombrio interesse e tamborilava com as pontas dos dedos no tampo da secretária.

— Também tenho uma pergunta para lhe fazer — confessei. — Esta manhã, no arquivo, disse que já tinha visto antes um rosto como aquele. Quando e como foi isso?

— Ah! — e o meu amigo erudito cruzou as mãos em cima da mesa. — Sim, vou contar-lhe isso. Já foi há muitos anos, mas lembro-me de tudo claramente, e, de fato, aconteceu poucos dias depois de eu receber a carta do professor Rossi a dizer que nada sabia sobre o arquivo daqui. Eu estivera no arquivo ao final da tarde, depois das minhas aulas isto foi quando a coleção estava guardada no antigo edifício da biblioteca, antes de se mudar para as atuais instalações. Lembro-me de que estava a fazer pesquisa para um artigo sobre uma peça perdida de Shakespeare, *O Rei de Tasbkani*, que, na opinião de algumas pessoas, se passava numa versão ficcionada de Istambul. Talvez já tenha ouvido falar dessa peça?

Abanei a cabeça, negando.

— É citada na obra de diversos historiadores ingleses. Através deles, sabemos que, na peça original, um espectro maligno chamado Dracole aparece ao rei de uma bela cidade antiga que ele — o rei conquistou à força. O espectro diz que outrora fora inimigo do rei, mas que agora vinha felicitá-lo pela sede de sangue que demonstrara. Então, insta o rei a beber o sangue dos habitantes da cidade, que agora são seus vassalos. É um excerto arrepiante. Alguns dizem que não é de Shakespeare, mas eu — e bateu confiante com a mão na beira da secretária, — eu acredito que a fraseologia, se o texto for citado corretamente, só pode ser de Shakespeare, e que a cidade é Istambul, rebatizada com o nome pseudoturco de "Tashkani". — Inclinou para a frente. — E também acredito que o tirano a quem o espectro aparece é o sultão Mehmed II, o conquistador de Constantinopla.

Senti um calafrio na nuca.

— Que significado atribui a isso? No que se refere à carreira de Drácula, quero dizer.

— Bem, meu amigo, é muito interessante para mim constatar que a lenda de Drácula é de tão poderosa que era, se infiltrou mesmo na Inglaterra protestante por volta de, digamos, 1590. Além do mais, se Tashkani for mesmo Istambul, isso mostra como era real a presença de Drácula na cidade no tempo de Mehmed. O sultão entrou na cidade em 1453. Só cinco anos depois de o jovem Drácula ter regressado à Valáquia vindo do seu cativeiro na Ásia Menor, e não há indícios seguros de que ele tenha voltado alguma vez à nossa região durante a sua vida, apesar de alguns estudiosos acharem que ele prestou pessoalmente tributo ao sultão. Não creio que isto possa ser provado. Tenho uma teoria de que ele deixou uma herança de vampirismo aqui, se não durante a vida, então após a

morte. Mas — e suspirou, — a fronteira entre a literatura e a história é por vezes muito inconstante, e eu não sou historiador.

— O senhor é um excelente historiador — disse eu, humildemente. — Estou impressionado com todas as linhas de investigação histórica que seguiu, e com que sucesso.

— E o senhor é muito amável, meu jovem amigo. Seja como for, certa noite, estava a trabalhar no meu artigo sobre essa teoria — que nunca foi publicado, lamentavelmente, porque os editores dos jornais a quem o submeti declararam que o seu conteúdo era demasiado supersticioso, e trabalhei até bastante tarde. Depois de cerca de três horas no arquivo, fui para um restaurante do outro lado da rua para tomar um *borek*. Você já experimentou um *baretz*?

— Ainda não — admiti.

— Deve experimentar assim que tiver oportunidade, é uma das nossas deliciosas especialidades nacionais. Assim, fui para esse restaurante. Já estava escuro lá fora, porque era Inverno. Sentei-me a uma das mesas e, enquanto esperava, peguei na carta do professor Rossi que estava no meio dos meus papéis e reli-a. Como já disse, estava na posse da carta havia apenas alguns dias e estava bastante perplexo com ela. O criado trouxe-me a refeição e, por acaso, vi-lhe a cara enquanto servia os pratos. Tinha os olhos baixos, mas pareceu-me que de repente reparou na carta que eu estava a ler, com o nome de Rossi no cimo da folha. Lançou-lhe um ou dois olhares rápidos e penetrantes, depois pareceu apagar qualquer expressão do rosto, mas notei que parou atrás de mim para colocar mais um prato na mesa e tive a impressão de que olhava para a carta outra vez, por cima do meu ombro.

— Não conseguia explicar o comportamento dele, que me causava uma sensação extremamente desconfortável, portanto dobrei a carta e preparei-me para começar a comer. Ele afastou-se em silêncio e não pude evitar observá-lo enquanto andava pelo restaurante. Era um homem grande, pesado, de ombros largos e cabelo escuro puxado para trás, olhos grandes também escuros. Teria sido bonito se não tivesse uma aparência — como direi? — um tanto sinistra. Pareceu ignorar-me durante uma hora, mesmo depois de eu terminar a refeição. Peguei num livro para ler por alguns minutos e então, de repente, ele aproximou-se de novo da mesa e colocou uma chávena de chá fumegante à minha frente. Eu não tinha pedido chá e fiquei surpreendido. Pensei que fosse uma espécie de cortesia ou um engano. "O seu chá" — disse ele, ao servi-lo. — "Assegurei-me de que estivesse bem quente."

— Então, olhou-me diretamente nos olhos e não sei explicar como o seu rosto me aterrorizou. Era pálido, quase amarelo, como se estivesse... não sei como dizer... deteriorado por dentro. Os olhos eram negros e brilhantes, quase como os de um animal, encimados por grandes sobrancelhas. A boca parecia feita de cera vermelha e os dentes eram muito brancos e compridos, estranhamente saudáveis num rosto doentio. Sorrii quando se

curvou com o chá e senti o seu estranho odor, que me fez sentir doente e enjoado. Pode rir-se, meu amigo, mas era um pouco como um cheiro que sempre achei agradável noutras circunstâncias, o cheiro de livros velhos. Conhece esse cheiro, de pergaminho, de couro e... de qualquer coisa mais?

Eu conhecia, e não tive vontade nenhuma de rir. Turgut prosseguiu:

— Um segundo depois, afastou-se, dirigindo-se sem pressa para a cozinha do restaurante, e tive a impressão de que tinha querido mostrar-me alguma coisa. O seu rosto, talvez. Queria que eu o visse bem, e no entanto nada havia de específico nele que eu pudesse definir para justificar o meu terror.

Turgut empalidecera, agora, recostado na sua cadeira medieval.

— Para acalmar os nervos, pus açúcar no chá de uma taça que havia em cima da mesa, peguei na colher e mexi-o. Estava decidido a acalmar-me com a bebida quente, mas uma coisa muito... muito estranha aconteceu.

A sua voz arrastou-se, como se quase se arrependesse de ter começado a história. Eu conhecia muito bem aquela sensação e fiz um gesto com a cabeça para o incentivar.

— Por favor, continue.

— A história parece estranha contada agora, mas estou a dizer a verdade. O fumo subiu da chávena — sabe como o fumo gira em espiral quando se mexe uma coisa quente?

— e, quando mexi o chá, subiu na forma de um minúsculo dragão, que girou por cima da chávena e pairou ali por alguns segundos antes de desaparecer. Vi-o claramente com os meus próprios olhos. Pode imaginar como me senti, naquele momento, inseguro, sem confiar em mim mesmo, e então juntei rapidamente os meus papéis, paguei a conta e fui-me embora. A minha boca estava seca.

— E voltou a ver esse criado?

— Nunca mais. Não voltei ao restaurante durante algumas semanas; porém, a curiosidade venceu-me, e entrei lá certo dia depois do anoitecer, mas não havia sinal dele. Cheguei a perguntar por ele a um dos outros criados, e esse criado disse-me que o homem trabalhara lá apenas por pouco tempo e que não sabia o apelido dele. O nome próprio, segundo o criado, era Akmar. Nunca mais vi nem sombra dele.

— E acha que a cara dele mostrava que estava... hesitei.

— Fiquei apavorado com aquela cara. É o que lhe teria dito na altura. Quando vi o rosto do bibliotecário que, de acordo com as suas palavras, importou do seu país, foi como se já o conhecesse. Não é apenas a aparência da morte. Há qualquer coisa na expressão... — voltou-se, inquieto, e lançou um olhar para o nicho coberto pela cortina onde o retrato estava pendurado. Uma coisa que me intriga na história que me contou, na informação que acabou de me dar, é que esse bibliotecário americano fez progressos em prol de sua condenação espiritual desde que vocês os dois o encontraram pela primeira vez.

— O que quer dizer?

— Quando ele atacou Miss Rossi na biblioteca da sua universidade, o senhor conseguiu

derrubá-lo. Mas o meu amigo do arquivo, que ele atacou esta manhã, disse que ele é muito forte, e o meu amigo não é muito mais fraco do que você. O demônio também conseguiu tirar uma considerável quantidade de sangue do meu amigo, infelizmente. E contudo esse vampiro estava na rua durante o dia quando o vimos, portanto não pode estar totalmente contaminado. Presumo que a vida dessa criatura tenha sido sugada uma segunda vez na vossa universidade ou aqui em Istambul, e, se ele tem contatos aqui, em breve vai receber a sua terceira bênção maléfica e tornar-se morto-vivo para sempre.

— Sim — disse eu. — Não há nada que possamos fazer em relação ao bibliotecário americano sem sermos capazes de o encontrar; por isso, vai ter de guardar o seu amigo aqui com muito cuidado.

— É o que farei — disse Turgut, enfático e severo. Calou-se por um instante, depois virou-se para a sua estante. Sem uma palavra, tirou um grande álbum com letras latinas escritas na capa. — Romeno — disse. — É uma coleção de imagens de igrejas da Transilvânia e da Valáquia, feita por um historiador de arte que morreu recentemente. Reproduziu muitas imagens de igrejas que foram mais tarde destruídas pela guerra, lamento dizê-lo. Por isso este livro é tão precioso. Estendeu-me o livro. Por que não o abra na página vinte e cinco?

Obedeci. Encontrei uma página dupla ocupada inteiramente pela gravura colorida de um mural. A igreja que outrora o abrigara era mostrada numa pequena fotografia a preto e branco, sobreposta: uma construção elegante com campanários em espiral. Mas foi a imagem maior que me chamou a atenção. À esquerda, sobressaía um dragão feroz a voar, a cauda enroscada não uma, mas duas vezes, o olho dourado revirando-se enlouquecido, a boca cuspidando fogo. Parecia prestes a lançar-se para atacar a figura à direita, um homem agachado usando uma cota de malha e turbante às riscas. O homem encolhia-se de medo, uma cimitarra curva numa das mãos e um escudo redondo na outra. A princípio, pensei que estivesse no meio de um campo de estranhas plantas, mas, quando olhei com atenção, vi que as formas em volta dos seus joelhos eram pessoas, uma diminuta floresta de pessoas, e que todas se contorciam, empaladas em estacas. Algumas usavam turbantes, iguais aos do gigante no centro, mas outras estavam vestidas com uma espécie de traje típico de camponeses. Outras ainda vestiam brocados ondulantes e barretes compridos de pele. Havia cabeças loiras e escuras, nobres com longos bigodes castanhos e até alguns padres ou monges de batinas negras e chapéus altos. Havia mulheres com tranças penduradas, meninos nus, bebês. Havia mesmo um ou dois animais. Todos num sofrimento atroz.

Turgut observava-me.

— Essa igreja foi objeto de doações de Drácula durante o seu segundo reinado — disse ele, baixinho.

Fiquei a olhar ainda um pouco para a imagem. Quando não aguentei mais, fechei o livro. Turgut tirou-mo da mão e pô-lo de lado. Quando se voltou para mim, o seu olhar era ardente.

— E agora, meu amigo, como pretende encontrar o professor Rossi?

A pergunta abrupta penetrou em mim como uma lâmina.

— Ainda estou a tentar organizar todas estas informações na minha cabeça — admiti, falando devagar, — e, mesmo com todo o seu generoso trabalho da noite de ontem, e com o de Mr. Aksoy, não acho que saibamos muita coisa. Talvez Vlad Drácula tenha aparecido em Istambul depois da sua morte, mas como poderemos descobrir se foi sepultado aqui, ou se ainda aqui está sepultado? Isso continua a ser um mistério para mim. Quanto ao nosso próximo passo, só posso dizer-lhe que vamos a Budapeste por alguns dias.

— Budapeste?

Quase dava para ver as conjecturas a sucederem-se rapidamente no seu rosto largo.

— Sim. Deve lembrar-se da história que Helen lhe contou sobre a mãe dela e o Professor... o seu pai. Helen está convencida de que a mãe pode dar-nos informações que nunca revelou antes, e por isso vamos conversar com ela pessoalmente. A tia de Helen é uma figura importante no governo e vai contornar as dificuldades, assim esperamos.

— Ah — ele quase sorriu. — Demos graças aos céus pelos amigos em altas esferas. Quando partem?

— Talvez amanhã ou depois de amanhã. Vamos ficar lá cinco ou seis dias, penso eu, e depois voltamos para cá.

— Muito bem. É melhor levarem isto convosco.

Turgut levantou-se e tirou de uma vitrina o pequeno estojo de caça aos vampiros que nos mostrara na véspera. Colocou-o diretamente a minha frente.

— Mas é um dos seus tesouros — objectei. — De qualquer forma, é muito provável que não nos deixem passar na alfândega com ele.

— Oh, mas nunca deve mostrá-lo na alfândega. Tem de o esconder com o maior cuidado. Veja se pode escondê-lo no forro da sua mala, ou, melhor ainda, deixe ser Miss Rossi a levá-lo. Não vão inspecionar a bagagem de uma mulher tão minuciosamente. — Fez um aceno animador com a cabeça. — O meu coração não vai ficar tranquilo se não o levarem. Enquanto estão em Budapeste, vou examinar muitos livros antigos para tentar ajudá-los, mas estarão no encalço de um monstro. Por agora, guarde-o na sua pasta, é muito leve. Peguei na caixa de madeira sem dizer mais nada e acomodei-a dentro da pasta ao lado do meu livro do dragão. E enquanto estiverem a conversar com a mãe de Helen, o que considero uma excelente idéia, aliás, vou estar a esquadrinhar tudo por aqui em busca do menor vestígio de uma tumba. Ainda não desisti da idéia. Semicerrou os olhos. Isso explicaria grande parte das desgraças que têm atormentado a nossa cidade desde aquele período sobre o qual temos falado. Se pudéssemos não só explicá-las, mas também acabar com elas...

Naquele momento, a porta do gabinete abriu-se e Mrs. Bora chamou-nos para almoçar. Foi uma refeição tão deliciosa como a do dia anterior, mas muito mais sombria. Helen estava calada e parecia cansada. Mrs. Bora passou os pratos com uma graciosidade silenciosa e Mr.

Erozan, apesar de se ter sentado por algum tempo à mesa para nos acompanhar, não conseguiu comer muito. Mrs. Bora fê-lo beber uma boa quantidade de vinho tinto, porém, e comer um pouco de carne, o que pareceu de certa forma recuperá-lo. Até Turgut estava mais moderado e parecia melancólico. Helen e eu despedimo-nos logo que as boas maneiras o permitiram.

Turgut levou-nos até à porta de casa e apertou-nos a mão com a cordialidade habitual, insistindo em que lhe telefonássemos quando os nossos planos de viagem estivessem definidos e prometendo-nos a sua inabalável hospitalidade no regresso. Depois, acenou com a cabeça para mim e deu umas pancadinhas na minha pasta, e percebi que, sem falar, ele se referia ao estojo que estava lá dentro. Abanei a cabeça em resposta e fiz um pequeno gesto a Helen, para lhe dar a entender que lhe explicaria mais tarde de que se tratava. Turgut ficou a acenar até já não o distinguirmos sob as tílias e os choupos e, quando o perdemos de vista, Helen passou o seu braço cansado sob o meu. O ar cheirava a lilases e, por um minuto, naquela venerável rua cinzenta, caminhando através de manchas de luz solar onde dançavam partículas de pó, quase podia acreditar que estávamos de férias em Paris.

Helen estava de fato cansada e, relutantemente, deixei-a na pensão para dormir uma sesta. Não me agradava que ficasse lá sozinha, mas ela alegou que a luz do dia era suficiente como proteção. Mesmo que o perverso bibliotecário soubesse onde estávamos, não era provável que entrasse a meio do dia em quartos trancados, e ela trazia consigo o seu pequeno crucifixo. Tínhamos muitas horas pela frente antes de Helen ligar de novo para a tia, e não podíamos tomar nenhuma providência para a nossa viagem até recebermos instruções dela. Deixei a minha pasta ao cuidado de Helen e forcei-me a sair, sentindo que enlouqueceria se permanecesse ali, fingindo ler ou tentando pensar.

Parecia uma boa oportunidade para visitar mais alguma coisa em Istambul; por isso dirigi-me sem grandes dificuldades para o complexo labiríntico e cheio de cúpulas do palácio Topkapi, destinado pelo sultão Mehmed a ser a nova sede da sua conquista. Atraía-me desde a nossa primeira tarde na cidade, tanto a sua imagem à distância como a do meu guia turístico. O Topkapi cobre uma grande área no promontório de Istambul e é rodeado em três dos seus lados pela água: o Bósforo, a baía do Corno de Ouro e o mar de Mármara. Eu desconfiava que, se deixasse de vê-lo, perderia a oportunidade de um contacto com a essência da história otomana de Istambul. Talvez estivesse outra vez a desviar-me para muito longe de Rossi, mas reflecti que o próprio Rossi teria feito o mesmo se tivesse umas horas de ócio forçado.

Fiquei decepcionado ao descobrir, passeando pelos parques, pátios e pavilhões onde o coração do Império pulsara durante centenas de anos, que pouca coisa do tempo de Mehmed estava exposta ali — apenas alguns adornos saídos do seu tesouro e algumas das suas espadas, amassadas e riscadas por um uso intenso. Penso que esperava sobretudo ter uma noção mais exata de como era o sultão cujo exército combatera Vlad Drácula e cujo tribunal de polícia se preocupara com a segurança da sua suposta tumba em Snagov. Era antes — pensei, recordando o jogo dos velhos no bazar como tentar determinar a posição do *shah* do adversário no *shak-mat* sabendo apenas qual é a posição do seu próprio *shah*.

No entanto, havia muita coisa no palácio para manter o meu espírito ocupado. De acordo com o que Helen me dissera no dia anterior, aquele era um mundo no qual mais de cinco mil criados, com títulos como o de Grande Enrolador de Turbantes, tinham outrora obedecido a vontade do sultão, onde eunucos eram os guardiões da virtude do seu enorme harém no que parecia uma prisão ornamentada, onde o sultão Suleimão, o *Magnífico*, que reinou em meados do século dezesseis, consolidou o Império, codificou as suas leis e transformou Istambul numa metrópole tão grandiosa como tinha sido no tempo dos imperadores bizantinos. Como eles, o sultão atravessava a cidade uma vez por semana para fazer as suas devoções em Hagia Sophia — mas a sexta-feira, o dia sagrado dos muçulmanos, e não aos domingos. Era um mundo de rígido protocolo e de refeições sumptuosas, de tecidos e tapetes maravilhosos e mosaicos deslumbrantes, de vizires

vestidos de verde e camareiros de vermelho, de botas fantasticamente coloridas e turbantes altos como torres.

Impressionara-me particularmente a descrição que Helen fizera dos janízaros, uma unidade de elite de guardas selecionados entre os rapazes capturados por todo o Império. Eu sabia que já lera a respeito deles, daqueles rapazes nascidos cristãos em lugares como a Sérvia e a Valáquia e criados no Islã, treinados para odiar os povos de onde haviam saído e, quando atingiam a idade adulta, lançados ao ataque desses mesmos povos como falcões as suas presas. Na realidade, tinha visto imagens desses janízaros em qualquer lado, talvez nalgum livro ilustrado. Pensando nos seus rostos jovens e inexpressivos, congregados para proteger o sultão, senti o frio que emanava dos edifícios do palácio cerrar-se a minha volta.

Ocorreu-me, enquanto andava de sala em sala, que o jovem Vlad Drácula teria dado um excelente janízaro. O Império perdera uma oportunidade, uma bela oportunidade, de incorporar um pouco mais de crueldade a sua enorme força. Teria sido preciso apanhá-lo bem jovem, pensei, mantendo-o talvez na Ásia Menor em vez de o devolver ao seu pai. Ele tornara-se demasiado independente depois disso, um renegado, leal apenas a si próprio e a mais ninguém, tão pronto a executar os seus próprios seguidores como a matar os seus inimigos turcos. Como Stalin — espantei-me com esse salto mental enquanto contemplava o cintilar das águas do Bósforo. Stalin morrera no ano anterior e novas histórias sobre as suas atrocidades tinham transpirado para a imprensa ocidental. Lembrei-me de um relato sobre um general, supostamente leal, que, pouco antes da guerra, Stalin acusara de querer derrubá-lo. O general fora retirado do seu apartamento a meio da noite e pendurado de cabeça para baixo nas traves de uma movimentada estação ferroviária fora de Moscou durante vários dias, até morrer. Todos os passageiros que entravam e saíam dos comboios viram, mas nenhum se atreveu a olhar duas vezes na sua direção. Muito tempo depois, os moradores daquele bairro não foram capazes de chegar a um acordo sobre se aquilo teria ou não realmente acontecido.

Incômodos pensamentos deste gênero acompanharam-me de um maravilhoso aposento para outro, pelo palácio inteiro; em toda a parte sentia que havia algo sinistro ou perigoso, o que poderia ser simplesmente a esmagadora evidência do supremo poder do sultão, um poder mais revelado do que disfarçado pelos corredores estreitos, passagens sinuosas, janelas gradeadas e jardins enclausurados. Por fim, buscando um pouco de alívio da sensação provocada pela mistura de sensualidade e confinamento, de elegância e opressão, voltei para o ar livre, para as árvores batidas pelo sol do pátio exterior.

Lá fora, porém, encontrei o mais alarmante de todos os fantasmas, pois o meu guia indicava que aquele tinha sido o local das execuções e explicava com pormenores generosos o costume do sultão de decapitar funcionários ou qualquer pessoa de quem discordasse. As cabeças eram expostas nas pontas de ferro dos portões do sultão, um duro exemplo para a população. O sultão e o renegado da Valáquia formavam uma boa dupla, pensei, saindo dali, incomodado. Um passeio pelo parque circundante acalmou-me os nervos, e o reflexo baixo,

vermelho, da luz do sol nas águas, transformando um navio de passagem numa silhueta negra, lembrou-me de que a tarde estava a chegar ao fim e que tinha de voltar para junto de Helen e saber se havia alguma notícia da sua tia.

Quando cheguei, Helen estava à espera no vestíbulo, a ler um jornal inglês.

— Como é que foi o seu passeio? — perguntou, levantando a cabeça.

— Horripilante — respondi. — Fui ao palácio Topkapi.

— Ah — e fechou o jornal. — Tenho pena de ter perdido isso.

— Não tenha. Como vão as coisas no grande mundo? — Ela correu um dedo pela manchete do jornal.

— Horripilantes. Mas tenho boas notícias para si.

— Falou com a sua tia? — Deixei-me cair numa das cadeiras desconjuntadas perto dela.

— Sim, e ela foi extraordinária, como sempre. Tenho a certeza de que vai ralar comigo quando chegarmos, mas não faz mal. O importante é que encontrou uma conferência para participarmos.

— Uma conferência?

— É. Excelente, aliás. Vai haver uma conferência internacional de historiadores em Budapeste esta semana. Vamos participar como professores convidados e ela arranjou maneira de obtermos os nossos vistos aqui. — Sorriu. — Aparentemente, a minha tia tem um amigo que é historiador na Universidade de Budapeste.

— Qual é o tema da conferência? — perguntei, apreensivo.

— Questões de Trabalho na Europa de 1600.

— Um assunto bastante amplo. E imagino que vamos participar na qualidade de especialistas em assuntos otomanos?

— Exato, meu caro Watson. — Dei um suspiro.

— Nesse caso, foi boa idéia ter dado um salto ao Topkapi.

Helen sorriu-me, mas eu não soube distinguir se o sorriso era um pouco malicioso ou se manifestava confiança na minha capacidade de dissimulação.

— A conferência começa na sexta-feira; portanto, temos dois dias para chegar lá. Durante o fim-de-semana, vamos assistir a palestras e você vai ser um dos conferencistas. No domingo, os historiadores têm uma parte do dia livre para explorarem a Budapeste histórica, e nós vamos escapulir-nos para explorar a minha mãe.

— Eu vou fazer o quê?! — Não pude evitar fulminá-la com o olhar, mas ela alisou um caracol em volta da orelha e encarou-me com um sorriso ainda mais inocente.

— Ah, uma palestra. Você vai fazer uma palestra. É o nosso pretexto para entrar lá.

— Uma palestra sobre quê, posso saber?

— Sobre a presença otomana na Transilvânia e na Valáquia, creio. Nesta altura, a minha tia já deve ter feito a gentileza de acrescentar ao programa. Não precisa de ser uma palestra longa, tanto mais que, é claro, os Otomanos nunca foram capazes de

conquistar completamente a Transilvânia. Achei que seria um bom tema para si porque nós dois já sabemos tanto sobre Vlad, e ele foi fundamental para os manter à distância, na época.

— Foi muito simpático da sua parte — trocei. — Você é que sabe muito sobre ele. Está a dizer-me que tenho de me levantar e falar sobre Drácula à frente de uma plateia internacional de académicos? Não se esqueça de que a minha tese é sobre as guildas de mercadores holandeses, e que nem a acabei ainda. Por que é que não é você a fazer a palestra?

— Seria ridículo — disse Helen, cruzando as mãos sobre o jornal. — Eu sou... como é que se diz... um filme já visto. Toda a gente na universidade já me conhece e está farta de conhecer o meu trabalho. Um conferencista americano vai acrescentar um brilho extra ao espetáculo e vão agradecer-me por tê-lo levado, mesmo sendo em cima da hora. Ter um americano como convidado vai fazê-los ficar menos envergonhados com o decadente albergue da universidade e com as ervilhas enlatadas que vão servir no grande jantar da última noite. Vou ajudá-lo a escrever a palestra — ou até escrevê-la eu mesma, se pretende continuar a ser tão desagradável — e pode fazê-la no sábado. Acho que a minha tia disse por volta de uma da tarde.

Dei um gemido. Ela era a pessoa mais insuportável que eu já encontrara. Ocorreu-me que a minha presença lá, na sua companhia, também poderia ser um compromisso político maior do que ela queria admitir.

— Bem, e o que é que os Otomanos na Transilvânia e na Valáquia têm a ver com a questões de trabalho na Europa?

— Ah, havemos de arranjar maneira de introduzir umas questões de trabalho. É isso que faz a beleza da sólida educação marxista que você não teve o privilégio de receber. Acredite, é possível encontrar questões de trabalho em qualquer tema, se procurarmos bem. Além disso, o Império Otomano era uma grande potência econômica e Vlad deu-lhes cabos das rotas comerciais e do acesso aos recursos naturais na região do Danúbio. Não se preocupe, vai ser uma palestra fascinante.

— Jesus! — disse eu, finalmente.

— Não — sacudiu a cabeça —, Jesus não, por favor. Só relações de trabalho.

Então, não pude deixar de rir, nem de admirar em silêncio o brilho dos seus olhos escuros.

— Só espero que ninguém na minha universidade saiba disto, imagino o que o meu júri de tese diria se soubesse. Por outro lado, acho que Rossi teria apreciado muito toda a situação.

E comecei a rir-me de novo, pensando no correspondente brilho de malícia no vivo olhar azul de Rossi, e parei. Pensar em Rossi estava a tornar-se um ponto tão doloroso no meu coração que dificilmente conseguia suportá-lo; ali estava eu, do outro lado do mundo, longe do gabinete onde ele fora visto pela última vez, e tinha todos os motivos para

acreditar que nunca mais voltaria a vê-lo vivo, que talvez nunca viria a saber o que fora feito dele. O "nunca" estendeu-se longa e desalentadamente diante de mim por um segundo, e então afastei esse pensamento do meu espírito, íamos para a Hungria falar com uma mulher que supostamente o conhecera — o conhecera intimamente —, muito antes de eu próprio o ter conhecido, quando ele estava mergulhado na sua busca de Drácula. Era uma linha de investigação que não podíamos dar-nos ao luxo de ignorar. Se eu tinha de fazer o papel de charlatão e fazer uma palestra para chegar lá, até isso eu faria.

Helen observava-me em silêncio, e sem, não pela primeira vez, a sua invulgar capacidade para ler os meus pensamentos. Ela confirmou a minha sensação um momento depois, ao dizer:

— Vale a pena, não vale?

— Vale. — E desviei o olhar.

— Muito bem — disse ela, suavemente. — Estou contente que vá conhecer a minha tia, que é maravilhosa, e a minha mãe, que também é maravilhosa, mas de outra maneira, e que elas o vão conhecer a si.

Olhei rapidamente para ela — a doçura da sua voz fizera o meu coração contrair-se de repente —, mas o seu rosto readquirira a expressão habitual de ironia contida.

— Quando partimos, então? — perguntei.

— Vamos buscar os nossos vistos amanhã de manhã e apanhamos o avião no dia seguinte, se tudo correr bem com as nossas passagens. A minha tia disse-me que temos de ir ao consulado húngaro amanhã antes da hora de abrir, e tocar a campainha da porta da frente — mais ou menos às sete e meia. Podemos ir diretamente de lá para uma agência de viagens e comprar as passagens de avião. Se não houver lugar, teremos de ir de comboio, o que seria uma viagem muito longa.

Ela abanou a cabeça, mas a súbita visão de um ruidoso e trepidante comboio dos Balcãs, a seguir o seu caminho de uma antiga capital para outra, fez com que eu desejasse que todos os voos da companhia aérea estivessem completamente esgotados, apesar do tempo que poderíamos perder.

— Estarei certo quando imagino que você se parece mais com essa tia do que com a sua mãe?

Talvez fosse apenas a aventura mental do comboio que me tenha feito sorrir para Helen. Ela hesitou apenas um segundo.

— Correto de novo, Watson. Sou muito parecida com a minha tia, graças a Deus. Mas você vai gostar mais da minha mãe a maioria das pessoas gosta. E agora posso convidá-la para jantar comigo no nosso restaurante favorito e trabalhar na sua palestra durante o jantar?

— Com certeza — concordei, — desde que não haja ciganas por perto.

Ofereci-lhe o meu braço com solícita ironia e ela trocou o seu jornal pelo apoio oferecido. Ao sairmos para o anoitecer dourado das ruas bizantinas, refleti como é estranho

que, mesmo sob as circunstâncias mais extraordinárias, durante os episódios mais perturbadores da vida, nos lugares mais distantes de casa e de tudo o que nos é familiar, possam existir esses momentos de incontestável alegria.

Numa manhã soalheira em Boulois, Barley e eu apanhamos o primeiro comboio para Perpignan.

O avião de sexta-feira de Istambul para Budapeste estava longe de estar cheio e depois de nos instalarmos no meio dos homens de negócios turcos vestidos com fatos pretos, dos funcionários húngaros com os seus casacos cinzentos conversando em grupos, das mulheres idosas de casacos azuis e xales na cabeça — iriam trabalhar como mulheres-adias em Budapeste ou as filhas seriam casadas com diplomatas húngaros? —, tive apenas o escasso tempo do voo para lamentar a viagem de comboio que poderíamos ter feito.

Essa viagem, com a linha férrea escavada nas paredes das montanhas, com as suas extensões de florestas e penhascos, rios e cidades feudais, teria de esperar pela minha futura carreira, como sabes, e desde então fi-la duas vezes. Há algo de imensamente misterioso para mim na transformação que se vê, durante esse percurso, do mundo islâmico para o cristão, do otomano para o austro-húngaro, do muçulmano para o católico e protestante. É uma gradação de cidades, de arquitetura, de minaretes que recuam pouco a pouco, misturados com cúpulas de igrejas que avançam, da própria aparência das florestas e da margem dos rios, de modo que, pouco a pouco, começamos a acreditar que podemos ler na própria natureza a saturação da história. A curva de uma encosta turca será assim tão diferente do declive de um prado húngaro? Claro que não, e no entanto a diferença é tão impossível de apagar do olhar como é difícil de apagar da mente a história que transmite essa informação. Mais tarde, ao fazer esse trajeto, iria vê-lo também alternadamente sereno ou banhado em sangue — este é outro ardid da paisagem histórica, o de ser incessantemente dilacerada entre o bem e o mal, a paz e a guerra. Quer imaginasse uma incursão otomana através do Danúbio ou a primeira investida dos Hunos vindos do Oriente na direção do rio, era sempre atormentado por imagens incompatíveis — uma cabeça cortada levada para o acampamento entre gritos de triunfo e ódio, e em seguida uma velha — talvez a bisavó mais remota daquelas mulheres de rosto enrugado que vi no avião — a agasalhar o neto com roupas mais quentes, a beliscar a bochecha lisa do menino turco e, com mão ágil, a mexer o seu guisado de carne de caça para não o deixar queimar.

No entanto, essas visões pertenciam ao meu futuro e, durante a nossa viagem de avião, senti a falta do panorama lá em baixo, sem saber como este era nem que pensamentos poderia provocar em mim mais tarde. Helen, uma viajante mais experiente e menos excitável, aproveitou a oportunidade para dormir enrolada no seu assento. Tínhamos ficado até tarde no restaurante duas noites seguidas a trabalhar na minha palestra para a conferência em Budapeste. Tinha de admitir que os meus conhecimentos sobre as batalhas de Vlad com os Turcos eram maiores do que os que tinha antes — ou não tinha —, embora isso não significasse grande coisa. Esperava que ninguém me fizesse perguntas depois de eu ter apresentado aquela matéria colada com cuspo. Era extraordinário, todavia, o que Helen armazenara na sua cabeça, e surpreendeu-me mais uma vez que o seu autodidatismo sobre Drácula tivesse sido estimulado por uma esperança

tão imprecisa de se exibir para um pai que mal podia chamar seu. Quando a cabeça dela caiu adormecida no meu ombro, deixei-a ficar, tentando não aspirar o perfume champô-húngaro dos seus cabelos. Estava cansada, fiquei aplicadamente imóvel enquanto ela dormia

A minha primeira impressão de Budapeste, recebida através da janela do taxi que apanhamos no aeroporto, foi a de uma vasta nobreza. Helen dissera-me que ficaríamos num hotel perto da universidade, do lado oriental do Danúbio, em Peste, mas aparentemente ela tinha pedido ao motorista para seguir ao longo do Danúbio antes de nos deixar no hotel. Num minuto, estávamos a percorrer ruas imponentes com construções dos séculos dezoito e dezenove, animadas aqui e ali por uma irrupção de fantasia *art-nouveau* ou uma velha árvore colossal. No minuto seguinte, estávamos diante do Danúbio. Era enorme — eu não estava preparado para tanta grandiosidade, com três grandes pontes a atravessá-lo. No nosso lado do rio, erguiam-se as incríveis torres pontiagudas e a cúpula, neogóticas, dos edifícios do Parlamento, do outro, elevavam-se os imensos flancos arborizados do palácio real e as torres de igrejas medievais. No meio de tudo, o espaço aberto do rio, cinza-esverdeado, a superfície delicadamente escamada pelo vento e a brilhar ao sol. Um imenso céu azul arqueava-se sobre as cúpulas e monumentos e igrejas e tocava a água com cores variáveis.

Eu tinha esperado ficar interessado por Budapeste, e admirá-la, não tinha esperado ficar deslumbrado. A cidade absorvera uma panóplia de invasores e aliados, começando com os Romanos e acabando com os Austríacos — ou com os Soviéticos, pensei, recordando os amargos comentários de Helen, e contudo era diferente de todos eles. Não era berr ocidental, nem oriental como Istambul, e muito menos norte europeia, apesar de toda a sua arquitetura gótica. Pela limitada janela do taxi, contemplava um esplendor sem paralelo. Helen também olhava e, — Um assunto bastante amplo. E imagino que vamos participar na qualidade de especialistas em assuntos otomanos?

— Estou a ver que gosta da nossa pequena cidade — disse, e percebi um intenso orgulho sob a sua ironia. Depois, acrescentou em voz baixa: — Drácula é um dos nossos aqui, sabia? Foi aprisionado pelo rei Mátyás Corvinus a cerca de trinta quilômetros de Buda, por volta de 1462, porque ameaçou os interesses da Hungria na Transilvânia. Parece que Corvinus o tratou mais como um hóspede do que como prisioneiro e até lhe deu uma esposa pertencente à família real húngara, embora ninguém saiba exatamente quem ela era, a segunda mulher de Drácula. Drácula demonstrou a sua gratidão convertendo-se à fé católica e foram autorizados a viver em Peste durante algum tempo. Logo que foi libertado da Hungria...

— Posso imaginar — disse eu. — Voltou a correr para a Valáquia, apoderou-se do trono e mais depressa possível renunciou à sua conversão.

— Basicamente, foi isso mesmo — admitiu ela. — Está a começar a compreender o seu amigo. O que ele sobretudo queria era tomar e manter o trono da Valáquia.

Dentro de pouco tempo, o táxi estava a voltar para a parte antiga de Peste, afastada do rio, mas ali havia mais maravilhas para me deixarem de boca aberta, o que fiz sem vergonha nenhuma: cafés com sacadas que imitavam as glórias do Egito ou da Assíria, ruas pedonais cheias de compradores animados, circulando no meio de uma floresta de candeeiros de rua de ferro, mosaicos e esculturas, anjos e santos de mármore e de bronze, reis e imperadores, violinistas de túnicas brancas a tocar nas esquinas.

— Cá estamos — disse Helen de repente. — Aqui é a zona universitária, e ali está a biblioteca da universidade. — Estiquei o pescoço para vislumbrar um belo edifício de estilo clássico revestido de pedra amarela.

— Viremos visitá-la quando tivermos uma oportunidade. Na verdade, há uma coisa que quero ver lá. E aqui está o nosso hotel, mesmo ao lado da *Magyar utca*, ou seja, da Rua Magyar. Tenho de lhe arranjar um mapa para não se perder.

O motorista deixou a nossa bagagem em frente de uma nobre e elegante fachada de pedra cinzenta, e estendi a mão a Helen para a ajudar a sair do carro.

— Eu já sabia — disse ela com um risinho de desdém. — Eles usam sempre este hote para as conferências.

— Parece-me ótimo — arrisquei.

— Ah, não é mau de todo. Vai gostar particularmente da opção entre água fria e água fria, além da comida enlatada.

Helen estava a pagar ao motorista com grandes moedas de prata e de cobre.

— Pensava que a comida húngara era excelente — disse eu, conciliador. — Tenho certeza de que já ouvi falar nisso. Gulache, paprica, e assim por diante.

Helen revirou os olhos

— Toda a gente refere o gulache quando se fala na Hungria Assim como todo mencionam Drácula quando se fala na Transilvânia — Riu. — Mas pode ignorar a comida do hotel. Espere até comermos em casa da minha tia, ou na da minha mãe, e depois conversamos sobre comida húngara

— Julgava que a sua mãe e a sua tia eram romenas — objetei, e arrependi-me imediatamente, o rosto dela endureceu

— Pode pensar o que quiser, iaque — disse-me ela, peremptória, e agarrou na sua mala antes que eu tivesse tempo de lhe pegar

O vestíbulo do hotel estava silencioso e fresco, revestido dos mármore e dourados de uma época mais próspera. Achei o ambiente agradável e não vi ali nada que pudesse envergonhar Helen. Levei algum tempo a dar-me conta de que era a primeira vez que estava num país comunista na parede atrás do balcão da recepção havia fotografias de membros do Governo, e os uniformes azul-escuros de todo o pessoal do hotel tinham qualquer coisa de um constrangimento proletário. Helen fez o nosso registo e entregou-me a chave do meu quarto

— A minha tia preparou tudo muito bem — disse, satisfeita — E há uma mensager

dela, telefonou a dizer que vem encontrar-se conosco aqui as sete horas para nos levar a jantar. Vamos primeiro inscrever-nos na conferência e participar numa recepção lá, as cinco horas

Fiquei decepcionado com a notícia de que a tia não nos levaria a sua casa para comermos comida húngara caseira, nem eu poderia ver de perto como era a vida da elite burocrática, mas refleti rapidamente que, ao fim e ao cabo, eu era um americano, e não podia esperar que todas as portas se escancarassem para mim. Eu poderia ser considerado um risco, um compromisso ou, na melhor das hipóteses, um transtorno. Na realidade, o melhor que tinha a fazer era não chamar a atenção e causar o mínimo de transtorno aos meus anfitriões. Tinha muita sorte em estar ali e a última coisa que desejava era causar problemas a Helen ou a sua família

O meu quarto, quando finalmente o encontrei, era simples e limpo, com toques incongruentes de uma grandiosidade passada nos corpos rechonchudos de querubins dourados que decoravam os cantos do teto e uma bacia de mármore com o formato de uma grande concha. Enquanto lavava as mãos nela e penteava o cabelo olhando-me no espelho por cima da pia, desviei os olhos dos sorrisos afetados dos *putos* para a cama estreita e rigorosamente feita, como uma cama de campanha, e fiz um sorriso forçado. O meu quarto e o de Helen desta vez ficavam em andares diferentes — previsão da tia —, mas eu teria pelo menos aqueles querubins antiquados e as suas grinaldas austro-húngaras como companhia.

Helen esperava-me no vestíbulo e conduziu-me em silêncio através das portas do hotel para a rua principal. Usava a sua blusa azul clara outra vez. No decurso das nossas viagens, eu tinha ficado cada vez mais descomposto enquanto ela conseguia ainda parecer lavada e passada a ferro, o que eu julgava ser algum talento especial do Leste Europeu — e prendera o cabelo atrás num carrapito. Estava absorta nos seus pensamentos enquanto caminhávamos até à universidade. Não me atrevi a perguntar-lhe o que estava a pensar, mas dentro em pouco ela contou-me espontaneamente.

— É tão esquisito voltar aqui assim tão de repente — disse, lançando-me um olhar rápido.

— E com um americano estranho?

— E com um americano estranho — murmurou, o que não soou como um cumprimento.

A universidade compunha-se de edifícios enormes, alguns deles réplicas da bela biblioteca que víamos mais cedo, e comecei a sentir um certo tremor quando ela apontou para o nosso destino, uma ampla construção em estilo clássico cujo segundo andar era contornado por estátuas. Parei e inclinei a cabeça para trás para as ver e consegui ler alguns dos seus nomes, escritos nas suas versões magiares: Platão, Descartes, Dante, todos coroado de louros e envoltos em túnicas clássicas. As outras figuras eram-me menos familiares: Szent István, Mátyás Corvinus, János Hunyadi. Empunhavam cetros ou ostentava

grandes coroas na cabeça.

— Quem são estes? — perguntei a Helen.

— Amanhã digo-lhe — respondeu ela. — Vamos, já passa das cinco.

Entramos no edifício com vários jovens animados que pensei serem estudantes, e dirigimo-nos para uma ampla sala no segundo andar. O meu estômago contraiu-se; o lugar estava cheio de professores vestidos de fatos pretos, cinzentos ou de *tweed* e com as gravatas tortas — só podiam ser professores, raciocinei —, a comerem pimentos vermelhos e queijo branco em pequenos pratos e a beberem qualquer coisa que cheirava a remédio. Eram todos historiadores, pensei, com um gemido, e, embora fosse supostamente um deles, o meu coração batia cada vez mais depressa. Helen foi imediatamente rodeada por um grupo compacto de colegas, e consegui entrevê-la apertando com camaradagem a mão de um homem cujo penteado à Pompadour me lembrava o pêlo de um cão. Eu quase tinha decidido ir fingir que olhava pela janela para a magnífica fachada da igreja do lado oposto da rua quando Helen numa fração de segundo me agarrou pelo cotovelo — seria conveniente da parte dela fazer isso? e conduziu-me para junto do grupo.

— Este é o professor Sándor, diretor do departamento de História da Universidade de Budapeste e o nosso grande medievalista — disse-me ela, indicando o cão branco, e apressei-me a apresentar-me. A minha mão foi esmagada num aperto férreo e o professor Sándor expressou a sua grande honra pela minha participação na conferência. Ocorreu-me num lampejo se seria ele o amigo da misteriosa tia. Para minha surpresa, falava um inglês perfeito, embora lento.

— O prazer é todo nosso — declarou ele, caloroso. — Aguardamos com satisfação a sua palestra de amanhã.

Manifestei o meu recíproco sentimento de honra por ter a oportunidade de participar na conferência e tive o cuidado de não procurar o olhar de Helen enquanto falava.

— Excelente — bradou o professor Sandór. — Temos um grande respeito pelas universidades do seu país. Possam os nossos dois países viver em paz e amizade por muitos anos. — Brindou-me com o seu copo da mistela medicinal transparente cujo cheiro sentia e apressei-me a retribuir o brinde, pois um copo da mesma bebida surgira-me na mão como num passe de mágica. — E agora, se houver alguma coisa que possamos fazer para tornar mais feliz a sua estada na nossa amada Budapeste, é só dizer.

Os seus grandes olhos escuros, brilhantes no rosto envelhecido e contrastando estranhamente com a sua cabeleira branca, lembraram-me por um momento os olhos de Helen, e de repente gostei dele.

— Obrigado, professor — agradei, com sinceridade, e ele bateu-me nas costas com uma grande manápula.

— Por favor, venha, coma, beba, e vamos conversar.

Logo a seguir, porém, desapareceu para acorrer a outras obrigações e vi-me no meio das perguntas interessadas dos outros professores da universidade e dos académicos

visitantes, alguns dos quais pareciam ainda mais novos do que eu. Juntaram-se à minha volta e de Helen e, a pouco e pouco, distingui entre as suas vozes uma algaraviada em francês e alemão, além de uma outra língua que devia ser russo. Era um grupo entusiástico, um grupo realmente simpático, e comecei a esquecer o meu nervosismo. Helen apresentou-me com uma cortesia distante que achei ser exatamente o que a ocasião pedia, explicando com desenvoltura a natureza do nosso trabalho conjunto e o artigo que em breve publicaríamos num jornal americano. Os rostos ávidos comprimiam-se também à volta dela, fazendo rápidas perguntas em húngaro, e um leve rubor coloriu-lhe o rosto ao apertar as mãos e até ao beijar as faces de alguns dos seus velhos conhecidos. Eles não a tinham esquecido, claramente como poderiam? pensei. Reparei que havia muitas outras mulheres na sala, algumas mais velhas do que ela e outras muito novas, mas ela eclipsava-as a todas. Era mais alta, mais cheia de vida, tinha uma figura mais esbelta, com os seus ombros largos, a sua cabeça bem feita e o cabelo farto e encaracolado, com o seu ar de ironia animada. Voltei-me para um dos professores húngaros para não ficar a olhar para ela; a bebida ardente começava a correr-me nas veias.

— Este número de pessoas é normal nas conferências aqui? — não sabia ao certo o que queria dizer com aquilo, mas sempre era alguma coisa para dizer enquanto tirava os olhos de Helen.

— É, sim — respondeu o meu companheiro, com orgulho. Era um homem de uns sessenta anos, com um fato cinzento e uma gravata também cinzenta. — Temos muitas reuniões internacionais na universidade, sobretudo agora.

Queria perguntar o que significava aquele "sobretudo agora", mas o professor Sandó materializou-se de novo e conduziu-me junto de um bonito homem que parecia ansioso por me conhecer.

— Este é o professor Geza József — disse ele. — Gostaria de o conhecer.

Helen virou-se no mesmo instante e, para minha completa surpresa, vi uma expressão de contrariedade (chegaria a ser aversão?) passar pelo seu rosto. Veio imediatamente na nossa direção, como se fosse intervir.

— Como vai, Geza?

Trocaram apertos de mão, formalmente e com uma certa frieza, antes mesmo de eu ter tempo de cumprimentar o homem

— Que bom vê-la, Elena — disse o professor József, fazendo uma ligeira vênha, e captei qualquer coisa de estranho na voz dele, que poderia ser troça mas também qualquer outra emoção. Perguntei a mim próprio se estariam a falar inglês apenas por minha causa.

— E a si também — disse ela, inexpressiva. — Permita-me que lhe apresente o colega com quem tenho trabalhado na América.

— É um prazer conhecê-lo — disse ele, com um sorriso que iluminou os seus belos traços. Era mais alto do que eu, com espesso cabelo castanho e a postura confiante de um homem que preza muito a sua virilidade ficaria magnífico a cavalo, cavalgando pelas

planícies no meio de rebanhos de carneiros, pensei. O seu aperto de mão era caloroso e ele deu-me uma palmada de boas-vindas no ombro com a outra mão. Não compreendia a antipatia de Helen por ele, apesar de não conseguir afastar a impressão de que era isso que ela sentia.

— E então, vai dar-nos a honra de uma palestra amanhã? Excelente — disse ele. — Então, — fez uma pausa — Mas o meu inglês não é muito bom. Prefere falar em francês? Ou em alemão?

— O seu inglês é muito melhor do que o meu francês ou o meu alemão, tenho a certeza — respondi prontamente

— É amabilidade sua. — O sorriso dele era um prado florido. — Soube que a sua área é o domínio otomano dos Cárpatos

As notícias corriam rápidas ali, refleti, exatamente como no meu país

— Ah, sim — concordei. — Embora acredite que tenho muito a aprender com a sua faculdade sobre este assunto

— Certamente que não — murmurou ele, — mas fiz uma pequena pesquisa sobre esse tema e gostaria muito de a discutir consigo

— O professor József tem uma ampla esfera de interesses — interrompeu Helen O tom da voz dela daria para congelar água quente. Tudo aquilo era muito intrigante, mas lembrei-me de que qualquer departamento acadêmico sofre dessas guerras larvares, quando não de guerra declarada, e aquele provavelmente não devia ser exceção. Antes que eu pudesse dizer alguma palavra de conciliação, Helen virou-se abruptamente para mim e disse:

— Professor, temos de ir para a nossa próxima reunião — disse. Por um segundo, não soube com quem é que ela estava a falar, mas ela segurou-me firmemente o braço.

— Ah, vejo que estão muito ocupados — o professor József era todo desculpas. — Talvez possamos discutir a questão otomana noutra ocasião? Seria um prazer mostrar-lhe um pouco da nossa cidade, professor, ou levá-lo a almoçar...

— O professor já tem compromissos marcados durante toda a conferência — anunciou Helen.

Apertei a mão do homem tão calorosamente quanto o gélido olhar dela permitiu, e então ele apertou a mão dela que estava livre.

— É uma satisfação vê-la de volta ao seu país — disse ele, e, curvando-se, beijou-lhe a mão.

Helen soltou a mão, mas uma expressão estranha passou-lhe pelo rosto. De certa maneira, o gesto perturbara-a, concluí, e pela primeira vez o encantador historiador húngaro desagradou-me. Helen conduziu-me novamente ao professor Sandór, a quem nós desculpamos, manifestando-lhe o nosso anseio pelas palestras do dia seguinte.

— E nós esperamos pela sua palestra com muito prazer.

Apertou a minha mão nas suas. Os Húngaros são pessoas extremamente calorosas

pensei, com um entusiasmo que apenas em parte se devia ao efeito da bebida na minha corrente sanguínea. Desde que adiasse qualquer pensamento real sobre a palestra, sentia-me a flutuar de satisfação. Helen deu-me o braço e pareceu-me que ela percorreu rapidamente a sala com o olhar antes de saírmos, como se procurasse alguma coisa.

— O que significava aquilo? — O ar da noite estava refrescante e eu sentia-me mais excitado do que nunca. — Os seus compatriotas são as pessoas mais cordiais que já encontrei, mas tive a impressão de que você estava pronta para decapitar o professor József.

— E estava — confirmou ela, lacónica. — Ele é intolerável.

— É mais provável que seja intolerável — corrigi. — Por que é que o trata daquela maneira? Ele cumprimentou-a como um velho amigo.

— Ah, não há problema nenhum, na verdade, exceto o fato de ele ser uma ave de rapina, um vampiro. — Deteve-se e olhou para mim, com os olhos muito abertos. — Não quis dizer que...

— Claro que não — disse eu. — Olhei bem para os caninos dele.

— Você também é intolerável — disse ela, soltando o braço do meu. Olhei para ela com uma expressão desolada.

— Não me importo que me dê o braço — disse eu, num tom superficial, — mas acha que é boa idéia fazer isso na frente de toda a sua universidade?

Ela olhou fixamente para mim e não consegui decifrar a escuridão dos seus olhos.

— Não se preocupe. Não estava lá ninguém do departamento de Antropologia.

— Mas você conhecia muitos historiadores, e sabe como as pessoas falam — insisti.

— Oh, aqui não. — E deu uma risada seca de desdém. — Somos todos operário unidos, aqui. Nada de mexericos nem conflitos, só dialética de camaradagem. Vai ver amanhã. É realmente uma pequena Utopia.

— Helen — gemi, — vamos falar a sério, para variar? Só estou preocupado com a sua reputação aqui, a sua reputação política. A final de contas, vai ter de voltar para cá um dia e enfrentar todas estas pessoas.

— Vou mesmo? — Deu-me outra vez o braço enquanto caminhávamos. Não fiz nenhum movimento para me soltar; havia poucas coisas que teria considerado mais importantes naquele momento do que o leve roçar da manga do seu casaco preto no meu cotovelo. — Seja como for, valeu a pena. Só fiz isso para fazer Géza ranger os dentes. A presas, quero dizer.

— Bem, estou-lhe muito grato — resmunguei, mas não tive coragem de dizer mais nada. Se ela tinha querido fazer ciúmes a alguém, tinha sem dúvida resultado comigo. De repente, vi-a nos braços fortes de Géza. Teria havido algum envolvimento entre eles antes de Helen sair de Budapeste? Fariam um par extraordinário, pensei, ambos tão bonitos e seguros de si, tão altos e elegantes, ambos de cabelos escuros e ombros largos. Senti-me franzino, anglo-saxão, incapaz de competir com o cavaleiro da estepe. O rosto de Helen,

contudo, proibia-me de fazer mais perguntas, e tive de me contentar com o silencioso peso do seu braço no meu.

Chegamos depressa demais às portas douradas do hotel e penetramos no vestibulo silencioso. Assim que entramos, uma figura solitária destacou-se entre os estofos negros das cadeiras e os vasos de palmeiras, esperando em silêncio que nos aproximássemos. Helen deu um pequeno grito e correu para ela, com os braços estendidos.

— Eva!

Desde o momento em que a conheci encontrei a somente três vezes, sendo que a segunda e a terceira foram breves, pensei com frequência na tia de Helen, na tia Eva. Há pessoas que permanecem na nossa memória com muito mais clareza depois de um rápido relacionamento do que outras que vemos todos os dias durante um período prolongado. A tia Eva era certamente uma dessas pessoas vividas, alguém que a minha memória e imaginação conspiraram para preservar com cores fortes por vinte anos. Usei muito a imagem da tia Eva para imaginar personagens em livros ou figuras históricas, por exemplo, encaixou-se automaticamente quando me deparei com Madame Merle, a intriguista bem parecida do *Retrato de uma Senhora*, de Henri James.

De fato, a tia Eva corporizou tantas mulheres admiráveis, superiores, sutis, nos meus devaneios que me é um pouco difícil voltar a sua figura verdadeira, tal como a encontrei uma noite em Budapeste no princípio do Verão de 1954. Lembro-me realmente que Helen voou para os braços da tia numa demonstração de afeto invulgar nela, e que a tia Eva não voou, mas manteve-se calma e cheia de dignidade, abraçando a sobrinha e beijando-a ruidosamente em ambas as faces. Quando Helen se virou para mim, corada, para nos apresentar, vi lágrimas a brilhar nos olhos das duas mulheres.

— Eva, este é o meu colega americano, de quem te falei; Paul, esta é a minha tia, Eva Orban.

Apertei-lhe a mão, procurando não olhar fixamente para o seu rosto. Mrs Orban era uma mulher alta e elegante, talvez com cinquenta e cinco anos. O que me hipnotizou foi a sua impressionante semelhança com Helen. Poderiam ser irmãs, uma mais velha e outra muito mais nova, ou gêmeas, uma das quais teria envelhecido ao passar por experiências difíceis enquanto a outra se conservava magicamente jovem e cheia de frescura. A tia Eva era só ligeiramente mais baixa que Helen e possuía a mesma figura forte e graciosa da sobrinha. O seu rosto devia ter sido outrora ainda mais belo do que o de Helen, e era ainda muito bonito, com o mesmo nariz direito, longo, um pouco comprido, as maçãs do rosto pronunciadas e os olhos escuros e pensativos. A cor do seu cabelo intrigou-me até eu perceber que nunca poderia ser natural; era um bizarro vermelho-arroxeadado com alguns fios brancos a crescer nas raízes. Durante os dias seguintes em Budapeste, vi a mesma cor de cabelo em muitas mulheres, mas aquela primeira vez deixou-me siderado. Usava pequenos brincos de ouro e um conjunto de saia e casaco preto que era irmão gêmeo do de Helen, com uma blusa vermelha por baixo.

Ao apertarmos a mão, a tia Eva olhou-me no rosto com muita seriedade, quase com gravidade. Talvez estivesse a tentar adivinhar-me alguma falha de carácter sobre a qual achasse que devia advertir a sobrinha, pensei, mas imediatamente me censurei: que motivo teria para me considerar um potencial pretendente? Distingui miríades de finas rugas de expressão em torno dos seus olhos e nos cantos da boca, o registro de um sorriso invulgar.

Esse sorriso apareceu dentro de instantes, como se ela não pudesse contê-lo por muito tempo. Não era de surpreender que aquela mulher conseguisse fazer participar pessoas em conferências e obter carimbos de vistos. À última hora, pensei, a inteligência que irradiava só era comparável ao seu sorriso. Os seus dentes, como os de Helen, eram perfeitamente brancos e alinhados, algo que eu começava a notar não ser um traço comum nos Húngaros.

— É um grande prazer conhecê-la — disse-lhe eu. — Obrigado por me proporcionar a honra de participar na conferência.

A tia Eva riu e apertou-me a mão. Se eu a considerara calma e reservada um segundo antes, estava enganado; irrompeu numa torrente de palavras em húngaro e perguntei a mim próprio se supostamente eu deveria estar a compreender alguma coisa. Helen veio imediatamente em meu auxílio.

— A minha tia não fala inglês — explicou —, apesar de compreender muito mais do que admite. Aqui, as pessoas mais velhas estudaram alemão, russo e as vezes francês, mas inglês era muito mais raro. Vou traduzir-lhe o que ela disse. Shh... — pousou com carinho a mão no braço da tia, além de dizer uma palavra qualquer em húngaro. — Ela diz que você é muito bem-vindo aqui e espera que não tenha nenhum problema, pois ela pôs em polvorosa todo o Subsecretariado das Questões de Vistos para o trazer para cá. Espera que convide para a sua palestra, que ela não vai compreender muito bem, mas que é assim que as coisas funcionam aqui. E também tem de satisfazer a curiosidade dela sobre a sua universidade nos Estados Unidos, sobre a maneira como me conheceu, se acha que eu me comporto bem na América e que tipo de comida a sua mãe cozinha. Vai ter outras perguntas a fazer mais tarde.

Olhei para as duas, abismado. Ambas sorriam para mim, aquelas duas mulheres magníficas, e reparei que havia no rosto da tia uma ironia notavelmente semelhante à de Helen, embora fizesse muito bem a Helen aprender a sorrir com frequência, como a sua tia Eva. Certamente não haveria quem enganasse uma pessoa tão inteligente como Eva Orbán; afinal de contas, lembrei-me, ela saíra de uma aldeia na Romênia e alcançara uma posição de poder no Governo húngaro.

— Vou certamente tentar satisfazer o interesse da sua tia — garanti a Helen. — Por favor, explique-lhe que as especialidades da minha mãe são rolo de carne e macarrão com queijo.

— Ah, rolo de carne — repetiu Helen. A sua explicação para a tia provocou um sorriso de aprovação. — Pediu que transmita os seus cumprimentos e parabéns à sua mãe na América pelo excelente filho que tem. — Contra a minha vontade, senti-me corar, mas prometi transmitir o recado. — Agora, ela gostaria de nos levar a um restaurante que você vai apreciar muito, pois tem um toque da velha Budapeste. Vamos para o lado de Buda e vai poder ver muitas coisas durante o trajeto.

Minutos depois, estávamos os três sentados no banco de trás do que concluí ser o carro particular da tia Eva um carro não muito proletário, aliás e Helen indicava os pontos

importantes, sob a insistência da tia. Devo dizer que a tia Eva não trocou uma palavra de inglês comigo no decorrer dos nossos encontros, mas eu tinha a impressão de que isto se devia mais a uma questão de princípio um protocolo anti-ocidental, quem sabe? do que a outro motivo. Quando Helen e eu trocávamos algumas palavras, a tia Eva muitas vezes parecia compreender, pelo menos em parte, antes de Helen traduzir. Era como se a tia estivesse a fazer uma declaração linguística de que as coisas ocidentais deviam ser tratadas com uma certa distância, até com uma certa aversão, mas que aquele ocidental individualmente era talvez uma boa pessoa e poderia ser recebido com toda a hospitalidade húngara. Acabei por me habituar a conversar com ela através de Helen, de tal modo que de vez em quando tinha a impressão de que estava prestes a compreender aquele palavreado.

De qualquer maneira, algumas comunicações entre nós dispensavam a intérprete. Depois de mais um esplêndido passeio ao longo do rio, cruzamos o que mais tarde eu soube ser a Széchenyi Lánchíd, a ponte pênsil Széchenyi, um milagre da engenharia do século dezenove, batizada com o nome de um dos grandes embelezadores de Budapeste, o conde István Széchenyi. Ao entrarmos na ponte, a luz direta do fim de tarde refletida no Danúbio inundou toda a cena, de modo que o magnífico conjunto do castelo e igrejas de Buda, para onde nos dirigíamos, se transformou num relevo castanho-dourado. A ponte em si era um elegante monólito, guardada em cada extremidade por leões jacentes sobre os quais se erguiam dois imensos arcos de triunfo. A minha exclamação espontânea de admiração despertou o sorriso da tia Eva, e Helen, sentada entre nós dois, sorriu também com orgulho.

— É uma cidade maravilhosa — declarei, e a tia Eva apertou-me o braço como se eu fosse um filho crescido.

Helen explicou-me que a tia queria que eu soubesse sobre a reconstrução da ponte.

— Budapeste foi muito destruída pela guerra — disse ela. — Uma das nossas pontes: até hoje ainda não foi completamente reconstruída, e muitos edifícios foram atingidos. Pode ver que ainda há reconstruções em todas as partes da cidade. Mas esta ponte foi restaurada para o... como se diz?... para o centenário da sua construção, em 1949, e temos muito orgulho nisso. Para mim, particularmente, é motivo de orgulho porque a minha tia ajudou a organizar a reconstrução.

A tia Eva sorriu e abanou a cabeça, depois parece que se lembrou que presumivelmente não deveria estar a entender nada do que se dizia.

Logo a seguir, mergulhamos num túnel que parecia passar por baixo do próprio castelo, e a tia Eva contou-nos que escolhera um dos seus restaurantes favoritos, um lugar "verdadeiramente húngaro" na Rua József Attila. Os nomes das ruas de Budapeste ainda me causavam surpresa, alguns simplesmente pelo seu exotismo ou estranheza e outros, como este, por evocarem um passado que pensei existir apenas nos livros. A Rua József Attila mostrou-se tão grandiosa como a maioria das outras da cidade, e de modo nenhum um trilho cheio de lama ladeado por acampamentos bárbaros onde os guerreiros hunos

comiam montados nas suas selas. O interior do restaurante era silencioso e elegante, e o *maître* veio a correr cumprimentar a tia Eva, tratando-a pelo nome. Ela parecia estar habituada a este tipo de atenções. Em poucos minutos, estávamos instalados na melhor mesa da sala, de onde podíamos desfrutar da vista de velhas árvores e velhos edifícios, de transeuntes a passear com os seus melhores trajes de verão e de vislumbres de pequenos carros barulhentos que passavam velozmente através da cidade. Recostei-me com um sorriso de prazer.

A tia Eva pediu para os três, como se fosse uma coisa normal, e, quando os primeiros pratos começaram a chegar, vieram acompanhados por um licor forte chamado *pálinka* que Helen disse ser destilado de damascos.

— Agora, vamos ter uma coisa muito boa juntamente com isto — explicou-me a tia Eva por intermédio de Helen. — Chamamos a este *pratchortobàgyi palaainta*. É uma espécie de crepe recheado com vitela, uma tradição dos pastores das planícies da Hungria. Acho que vai gostar.

Gostei muito, assim como de todos os pratos que se seguiram os guisados de carnes e vegetais, as batatas em camadas com salame e ovos cozidos, o carneiro com feijão verde, o maravilhoso pão castanho-dourado. Até então, não me apercebera de como estava faminto depois do nosso longo dia de viagem. Reparei, também, que Helen e a tia comiam sem qualquer acanhamento, com um prazer que nenhuma mulher americana se atreveria a mostrar em público.

Contudo, seria um erro dar a impressão de que nos limitamos a comer. Enquanto fazíamos as honras a toda aquela tradição, a tia Eva falava e Helen traduzia. Eu fazia uma ou outra pergunta mas, na maior parte do tempo, tanto quanto me lembro, estava demasiado ocupado a absorver a comida e as informações. A tia Eva parecia não tirar da cabeça o fato de eu ser historiador; talvez desconfiasse da minha ignorância a respeito da história da Hungria e quisesse ter a certeza de que eu não lhe causaria qualquer constrangimento na conferência, ou talvez o que a motivasse fosse o patriotismo da imigrante há muito estabelecida. Qualquer que fosse o motivo, falava com brilhantismo, e eu quase conseguia ler a próxima frase no seu rosto vivo e expressivo antes de Helen a traduzir.

Por exemplo, quando acabamos de brindar à amizade entre os nossos países *com pálinka*, a tia Eva temperou os nossos crepes com uma descrição das origens de Budapeste — que foi outrora uma cidade fortificada romana chamada Aquincum, e ainda se podem encontrar as antigas ruínas romanas à sua volta — e fez uma vívida descrição de Átila e dos Hunos que a conquistaram aos Romanos no século quinto. Na verdade, os Otomanos comportaram-se com relativa brandura quando chegaram mais tarde, pensei com os meus botões. As carnes e os vegetais guisados — entre os quais um prato a que Helen chamava *gulyás*, assegurando-me com um olhar severo não ser gulache, que os Húngaros conhecem por outro nome deu margem a um longo relato sobre a invasão da região pelos magiares no

século nono. Durante o prato de batatas e salame em camadas, que com certeza era muito melhor do que rolo de carne ou macarrão com queijo, a tia Eva descreveu com imagens eletrizantes a coroação do rei Estêvão I depois, santo István — pelo Papa no ano 1000.

— Ele era um pagão vestido com peles de animais — contou-me a tia através de Helen, — mas tornou-se o primeiro rei da Hungria e converteu o país ao Cristianismo. Va encontrar o nome dele por todo o lado em Budapeste.

Justamente quando pensava que não conseguiria engolir mais nada, apareceram dois criados com bandejas de bolos, doces e tortas que não ficariam deslocados numa sala do trono austro-húngaro, uma maravilha de espirais de chocolate e natas, e chávenas de café *eszpresszó*, explicou a tia Eva. Não sei como, mas arranjamos lugar para tudo aquilo.

— O café tem uma história trágica para Budapeste — traduziu Helen para a tia. — H muito tempo, em 1541, para ser mais exata, o invasor Suleimão I convidou um dos nossos generais, cujo nome era Bálint Torok, para o acompanhar numa deliciosa refeição na sua tenda, e, no final, quando ele estava a tomar o seu café foi o primeiro húngaro a provar café, sabe, Suleimão informou-o de que a elite das tropas turcas tomara de assalto o Castelo de Buda enquanto eles comiam. Pode imaginar como ele deve ter achado aquele café amargo.

O seu sorriso desta vez estava mais pesaroso do que luminoso. Os Otomanos de novo pensei como eram espertos, e cruéis, e que estranha mistura de refinamento estético e táticas bárbaras. Em 1541, há já quase um século que ocupavam Istambul; lembrar esse facto deu-me uma noção da sua força duradoura, da firmeza com que haviam estendido os seus tentáculos pela Europa, detendo-se apenas às portas de Viena. A luta de Vlad Drácul contra eles, como a de muitos dos seus compatriotas cristãos, fora o combate de um David contra Golias, muito menos bem sucedido do que o de David. Por outro lado, os esforços de uma nobreza de segunda ordem do Leste Europeu e dos Balcãs, não só da Valáquia mas também da Hungria, da Grécia e da Bulgária, para citar apenas alguns países, acabaram por desbaratar a ocupação otomana. Helen conseguira transferir tudo isto para o meu cérebro e, de certo modo, inculcara-me uma perversa admiração por Drácula. Ele devia saber que o seu desafio as forças turcas estava condenado ao fracasso a curto prazo, e mesmo assim lutara durante a maior parte da sua vida para livrar os seus territórios dos invasores.

— Na realidade, essa foi a segunda vez que os Turcos ocuparam esta região. — Helen bebericou o seu café e pousou a chávena no pires com um suspiro de satisfação, como se ali a bebida lhe soubesse melhor do que em qualquer outro lugar do mundo. — János Hunyadi venceu-os em Belgrado em 1456. Ele é um dos nossos grandes heróis, juntamente com o rei István e o rei Mátyás Corvinus, que construiu o castelo e a biblioteca de que lhe falei. Quando ouvir os sinos das igrejas de toda a cidade tocarem amanhã ao meio-dia, lembre-se de que é pela vitória de Hunyadi há séculos. Até hoje, os sinos tocam por ele todos os dias.

— Hunyadi — disse eu, pensativo. — Acho que me falou nele na outra noite. E está a dizer que a vitória dele foi em 1456?

Entreolhámo-nos; qualquer data que coincidissem com o período em que Drácula vivera passara a ser uma espécie de sinal entre nós.

— Ele estava na Valáquia nessa época — disse Helen em voz baixa. Eu sabia que ele não se referia a Hunyadi, porque também tínhamos feito um pacto mudo de não mencionar o nome de Drácula em público.

A tia Eva era demasiado perspicaz para se deixar iludir pelo nosso silêncio ou por uma mera barreira linguística.

— Hunyadi? — perguntou, e acrescentou algo em húngaro.

— A minha tia quer saber se tem algum interesse especial pelo período em que Hunyadi viveu — explicou Helen.

Não sabia o que dizer; por isso, respondi que achava toda a História europeia interessante. Essa desculpa esfarrapada fez com que a tia Eva me lançasse um sutil olhar de reprovação, e apressei-me a distrair a sua atenção.

— Por favor, pergunte a Mrs. Orbán se posso fazer-lhe algumas perguntas...

— Claro — o sorriso de Helen pareceu incluir não só o meu pedido como o meu motivo. Quando traduziu o meu pedido à tia, Mrs. Orbán virou-se para mim com uma amável prudência.

— Gostaria de saber — disse eu — se é verdade o que se diz no Ocidente sobre o liberalismo atual na Hungria.

Desta vez, o rosto de Helen também demonstrou prudência, e achei que fosse apanhar um dos seus famosos pontapés por baixo da mesa, mas a tia já lhe fazia sinal com a cabeça para que traduzisse. Quando a tia Eva compreendeu a pergunta, dirigiu-me um sorriso indulgente e respondeu com delicadeza.

— Aqui na Hungria, sempre valorizamos a nossa maneira de viver, a nossa independência. É por isso que os períodos de ocupação otomana e austríaca foram tão difíceis para nós. O verdadeiro Governo da Hungria sempre serviu progressivamente a necessidades do seu povo. Quando a nossa revolução tirou os operários da opressão e da pobreza, estávamos a fazer valer o nosso modo próprio de fazer as coisas. — O seu sorriso intensificou-se, e desejei poder entendê-lo melhor. — O Partido Comunista Húngaro está sempre em consonância com os tempos.

— Quer dizer que a senhora acha que a Hungria está a prosperar sob o Governo do Imre Nagy?

Desde que chegara à cidade que perguntava a mim próprio que mudanças a administração do novo e surpreendentemente liberal primeiro-ministro da Hungria teria trazido para o país depois de substituir Rákosi, o primeiro-ministro comunista da linha dura, no ano anterior, e se ele desfrutaria do todo o apoio popular de que falavam os jornais do meu país.

Helen traduziu um tanto nervosamente, notei, mas o sorriso da tia Eva manteve-se firme.

— Vejo que está a par dos acontecimentos, meu jovem amigo.

— Sim — disse eu, com naturalidade. — Sempre me interessei muito por relações internacionais. Estou convencido de que o estudo da História deveria ser a nossa preparação para compreender o presente, em vez de ser uma fuga a esse mesmo presente.

— Muito sensato. Bem, então, para satisfazer a sua curiosidade: Nagy desfrutava de grande popularidade entre o nosso povo e está a realizar reformas segundo a nossa gloriosa história.

Levei um minuto para perceber que a tia Eva estava cuidadosamente a não dizer coisa alguma, e outro minuto para refletir sobre a estratégia diplomática que lhe permitira manter o seu cargo no Governo através do fluxo e do refluxo da política controlada pelos Soviéticos e das reformas pró-Hungria. Qualquer que fosse a sua opinião pessoal sobre Nagy, era ele quem controlava agora o Governo que a empregava. Talvez fosse a própria abertura criada pelo primeiro-ministro em Budapeste que tornava possível que ela uma funcionária de alto escalão do Governo levasse um americano a jantar fora. O brilho nos seus belos olhos escuros podia significar aprovação, embora eu não estivesse muito certo disso. No entanto, como ficou provado mais tarde, a minha impressão estava correta.

— E agora, meu amigo, temos de o deixar dormir um pouco antes da sua grande palestra. Aguarde-a com ansiedade e depois dir-lhe-ei o que penso — traduziu Helen.

A tia Eva inclinou a cabeça para mim num gesto hospitaleiro e não pude deixar de lhe retribuir o sorriso. O criado apareceu por trás dela como se a tivesse ouvido, fez uma débil tentativa de pedir a conta, apesar de não ter a menor idéia de qual seria a regra de etiqueta apropriada ou mesmo se trocara dinheiro suficiente no aeroporto para pagar todos aqueles pratos requintados. No entanto, se houve uma conta, esta desapareceu antes que eu a visse e foi paga invisivelmente. Segurei o casaco da tia Eva para que ela o vestisse, disputando este privilégio com o *maître*, e entramos de novo no carro que nos esperava.

Junto daquela esplêndida ponte, a tia Eva murmurou algumas palavras que fizeram com que o motorista parasse o carro. Saímos e ficamos a olhar para a outra margem, Peste cintilando e refletindo-se nas ondulações da água escura. O vento tornara-se mais frio, sentia-o cortante no meu rosto depois do ar balsâmico de Istambul, e pressenti a vastidão das planícies da Europa Central logo para lá do horizonte. A cena diante de nós era de um gênero de vista que toda a minha vida ansiara ver; custava-me a crer que estava ali de pé a contemplar as luzes de Budapeste.

A tia Eva disse qualquer coisa em voz baixa e Helen traduziu num sussurro:

— A nossa cidade será sempre uma grande cidade.

Mais tarde, iria lembrar-me nitidamente daquela frase. Veio-me à memória quase dois anos depois, quando soube qual tinha sido a real dimensão do empenhamento de Eva Orbán no novo governo reformista: os seus dois filhos adultos foram mortos numa praça pública por tanques soviéticos durante a revolta dos estudantes húngaros em 1956, e a própria Eva fugiu para o Norte da Iugoslávia, onde desapareceu nas aldeias juntamente

com mil e quinhentos outros refugiados húngaros do Estado-marionete dos Russos. Heler escreveu-lhe muitas vezes, insistindo para que nos deixasse tentar levá-la para os Estados Unidos, mas Eva recusou-se sequer a solicitar a emigração. Tentei novamente encontrar algum vestígio dela há alguns anos, mas em vão. Quando perdi Helen, perdi também o contato com a tia Eva.

Ao acordar na manhã seguinte, dei com os olhos naqueles querubins dourados por cima da minha pequena cama dura e, por um instante, não consegui lembrar-me onde estava. A sensação era desagradável, sentia-me levado pelos acontecimentos e mais distante de casa do que jamais poderia imaginar, incapaz de me recordar se ali era Nova Iorque, Istambul, Budapeste ou outra cidade qualquer. Sentia que tivera um pesadelo mesmo antes de acordar. Uma pontada no coração recordou-me violentamente a ausência de Rossi, uma sensação que muitas vezes experimentara logo ao acordar, e fiquei a pensar se o sonho me teria levado a algum lugar macabro onde o poderia encontrar se tivesse permanecido lá o tempo suficiente

Helen estava a tomar o pequeno-almoço na sala de jantar do hotel com um jornal húngaro aberto. À sua frente a visão do idioma impresso desanimou-me, pois não conseguia perceber o significado de uma única palavra das manchetes e cumprimentou-me com um aceno alegre. A combinação do meu sono perdido, daquelas manchetes e da iminência da minha palestra, cujo momento se aproximava rapidamente, deve ter transparecido no meu rosto, porque ela lançou-me um olhar curioso quando me aproximei

- Que cara tão triste. Esteve a pensar outra vez nas crueldades dos Otomanos?
- Não. Só nas conferências internacionais

Sentei-me e tirei dois pãezinhos da cesta dela e um guardanapo branco. O hotel apesar da sua decrepitude, parecia especializar-se em toalhas de mesa e guardanapos imaculados. Os pãezinhos, acompanhados de manteiga e geleia de morango, eram excelentes, assim como o café, que apareceu alguns minutos depois Sem qualquer sabor amargo.

- Não se preocupe — disse Helen, com um tom tranquilizador. — Vai ver que...
- Vou deixá-los de queixo caído! sugeri. Ela riu-se
- Você está a enriquecer o meu inglês disse.
- Ou a destruí-lo, talvez.
- Fiquei muito impressionado com a sua tia, ontem a noite — disse, e barrei de manteiga outro pãozinho.
- Percebi que ficou.
- Conte-me, como é que ela veio parar aqui, sendo romena, e alcançou um cargo tão alto? Isto é, se não se importa que pergunte.

Helen bebeu um gole de café.

— Foi por puro acaso, penso. A família dela era muito pobre, eram da Transilvânia e viviam num pequeno pedaço de terra numa aldeia que, segundo ouvi dizer, já nem existe. Os meus avós tiveram nove filhos e Eva era a terceira. Mandaram-na trabalhar quando tinha seis anos porque precisavam do dinheiro e não podiam alimentá-la. Ela trabalhou na casa de campo de uns húngaros abastados, donos de toda a terra em volta da aldeia. Havia

muitos proprietários de terras húngaros naquela região durante o período entre as duas guerras, foram surpreendidos lá pela alteração das fronteiras depois do Tratado de Trinanon.

Assenti com a cabeça.

— Foi aquele tratado que reordenou as fronteiras depois da Primeira Guerra Mundial?

— Isso mesmo, muito bem. Como eu estava a dizer, Eva trabalhou para essa família desde muito pequena. Contou-me que eram bons para ela. As vezes, deixavam-na ir a casa aos domingos, e assim manteve o convívio com a família. Quando fez dezessete anos, as pessoas para quem trabalhava decidiram voltar para Budapeste e ela veio com eles. Aqui conheceu um jovem jornalista e revolucionário chamado János Orbán. Apaixonaram-se casaram-se e ele sobreviveu ao serviço militar durante a guerra. — Helen suspirou. — Tantos jovens húngaros lutaram por toda a Europa, e estão enterrados em fossas comuns na Polónia, na Rússia... Enfim, Orbán alcançou uma posição de poder no Governo de coligação depois da guerra e foi recompensado pela nossa gloriosa revolução com um cargo governativo. Depois, morreu num acidente de automóvel, e Eva criou os filhos e deu continuidade à carreira política dele. É uma mulher surpreendente. Nunca soube exatamente quais são as convicções pessoais dela; por vezes, tenho a impressão de que mantém uma distância emocional de todas as políticas, como se fossem simplesmente a sua profissão. Acho que o meu tio era um homem apaixonado, um ferrenho seguidor da doutrina leninista e um admirador de Stalin antes que as atrocidades dele fossem conhecidas aqui. Não sei dizer se a minha tia partilhava das mesmas idéias, mas construiu uma carreira notável por si própria. Em resultado disso, os filhos tiveram todos os privilégios possíveis, e ela usou o seu poder para me ajudar também, como já lhe contei.

Eu tinha-a ouvido atentamente.

— E como é que você e a sua mãe vieram para aqui?

Helen suspirou novamente.

— A minha mãe é doze anos mais nova que Eva — explicou. — Foi sempre a preferida de Eva entre as crianças pequenas da família e tinha apenas cinco anos quando Eva foi para Budapeste. Então, quando a minha mãe tinha dezenove anos e ainda era solteira, ficou grávida. Teve medo de que os pais e todos na aldeia ficassem a saber; numa cultura tão tradicional, compreende, corria o risco de ser expulsa e talvez até de morrer de fome. Então, escreveu a Eva a pedir-lhe ajuda, e os meus tios arranjam maneira de ela viajar para Budapeste. O meu tio foi encontrar-se com ela na fronteira, que era fortemente vigiada, e levou-a para a cidade. Uma vez, ouvi a minha tia contar que ele pagou um suborno altíssimo aos funcionários da fronteira. O povo da Transilvânia era odiado na Hungria, especialmente depois do Tratado. A minha mãe disse-me que o meu tio conquistara a sua completa devoção. Não só a salvou de uma situação terrível, como nunca a deixou sentir as diferenças entre as suas respectivas origens nacionais. Ficou inconsolável quando ele morreu. Foi ele que a trouxe em segurança para a Hungria e lhe deu uma nova

vida.

— E então você nasceu? — perguntei em voz baixa.

— E então eu nasci, num hospital de Budapeste, e os meus tios ajudaram a minha mãe a criar-me e a educar-me. Vivemos com eles até eu ir para o liceu. Eva levou-nos para o campo durante a guerra e, sabe-se lá como, conseguiu comida para todos. A minha mãe também estudou aqui e aprendeu húngaro. Sempre se recusou a ensinar-me uma palavra sequer em romeno, embora, às vezes, eu a ouvisse falar romeno enquanto dormia. — Lançou-me um olhar amargo. — Viu ao que o seu querido Rossi reduziu as nossas vidas? — disse, torcendo a boca. — Se não fossem os meus tios, a minha mãe poderia ter morrido abandonada numa floresta qualquer das montanhas ou ter sido devorada pelos lobos. Na verdade, nós duas.

— Também estou grato à sua tia e ao seu tio — disse eu, e, depois, receando o seu olhar mordaz, ocupei-me a servir-me de mais café do bule de metal que estava ao meu lado.

Helen não respondeu e, depois de um instante, tirou alguns papéis da bolsa.

— Vamos rever a palestra mais uma vez?

O sol matinal e o ar fresco lá fora estavam cheios de ameaças para mim; enquanto caminhávamos em direção à universidade, só pensava no momento, que agora se aproximava rapidamente, em que teria de proferir a minha palestra. Até então, só tinha feito uma palestra na vida, uma apresentação em conjunto com Rossi no ano anterior, quando ele organizara uma conferência sobre colonialismo holandês. Cada um de nós escrevera metade da palestra; a minha tinha sido uma tentativa corajosa de sintetizar em vinte minutos o que achava que a minha tese seria, antes mesmo de ter escrito uma linha; a de Rossi fora brilhante, uma exposição abrangente sobre a herança cultural dos Países Baixos, sobre o poder estratégico da marinha holandesa, sobre a natureza do colonialismo. Apesar da minha sensação de inadequação a tudo aquilo, ficara lisonjeado por ele me ter incluído na sua palestra. Também me sentira apoiado ao longo da minha intervenção pela sua presença sólida e confiante ao meu lado no palco, batendo-me ao de leve no ombro quando lhe passei a palavra. Agora, estaria sozinho. A expectativa era sombria, se não mesmo aterradora, e só o pensamento da maneira como Rossi teria lidado com a situação me dava um pouco de calma.

A elegante Peste rodeava-nos e, então, em plena luz do dia, pude ver que a sua magnificência estava em fase de reconstrução, melhor dizendo daquilo que fora destruído durante a guerra. Muitas casas estavam ainda sem paredes ou janelas nos andares superiores, ou até mesmo sem todo o andar superior, para ser mais preciso, e, observadas de perto, praticamente todas as superfícies, fosse qual fosse o material de que eram feitas, estavam marcadas por buracos de bala. Desejei que tivéssemos tempo para ir até mais longe, para poder ver mais de Peste, mas tínhamos combinado que naquele dia assistiríamos a todas as sessões da manhã, para tornar a nossa presença lá o mais autêntica possível

— E há também uma coisa que quero fazer depois, à tarde — disse Helen, pensativa

— Temos de ir à biblioteca da universidade antes que feche.

Quando chegamos ao imponente edifício onde tivera lugar a recepção da noite anterior, Helen parou

— Faça-me um favor

— Claro. O quê?

— Não fale com Géza Jozsef sobre as nossas viagens ou sobre o fato de estarmos à procura de alguém.

— De maneira nenhuma — retorqui, indignado.

— Só estou a avisá-lo. Ele pode ser muito insinuante, quando quer — e levantou a mão enluvada num gesto conciliador.

— Muito bem.

Segurei a grande porta barroca para lhe dar passagem e entramos. Numa sala de conferências do segundo andar, diversas pessoas que eu vira na noite anterior já estavam sentadas nas filas de cadeiras, a conversar animadamente ou a remexer em papéis.

— Meu Deus — murmurou Helen. — O departamento de Antropologia também aqui está.

Um segundo depois, foi envolvida em cumprimentos e conversas. Vi-a sorrir, presumivelmente a velhos amigos, colegas de anos de trabalho na sua própria área, e uma onda de solidão invadiu-me. Helen parecia estar a apontar para mim, como se tentasse apresentar-me a alguém a distância, mas a torrente de vozes e de palavras em húngaro, sem sentido para mim, criavam uma barreira quase palpável entre nós.

Então, senti uma palmadinha no braço e lá estava o temível Géza diante de mim. Deu-me um aperto de mão e um sorriso cheios de cordialidade.

— Está a gostar da nossa cidade? — perguntou. — Está tudo à sua vontade?

— Tudo — respondi, com igual cordialidade. Tinha a advertência de Helen bem vincada na minha mente, mas era difícil não gostar do indivíduo.

— Ah, fico satisfeito — disse ele. — E vai fazer a sua palestra esta tarde?

Tossi.

— Sim — disse. — Sim, exatamente. E você? Vai fazer a sua intervenção hoje?

— Oh, não, não — disse. — Na verdade, estou a pesquisar um tema que neste momento me interessa muito. Mas ainda não estou pronto para fazer uma palestra sobre o assunto.

— Qual é o tema?

Não pude deixar de perguntar, mas, naquele instante, o professor Sándor, o da cabeleira branca à Pompadour, subiu ao palco e avisou que a sessão ia começar. A multidão acomodou-se nos assentos como pássaros nos fios de telefone e aquietou-se. Sentei-me ao fundo, ao lado de Helen, e olhei para o relógio. Eram só nove e meia, de modo que podia descontrair-me um pouco. Géza József tinha-se sentado na frente; via-se a parte de trás da sua bela cabeça na primeira fila. Passei os olhos pelo salão. Vi também vários outros rostos

conhecidos, pessoas a quem tinha sido apresentado na noite anterior. Formavam uma multidão séria, ligeiramente desmazelada, todos de olhos fixos no professor Sándor.

— *Guten Morgen* — bradou ele, e o microfone guinchou até que um aluno de camisa azul e gravata preta apareceu para o sintonizar. — Bom dia, prezados visitantes. *Guten Morgen, bonjour*, bem-vindos à Universidade de Budapeste. Temos a honra de dar início à primeira convenção europeia de historiadores de... — Neste ponto, o microfone começou a guinchar novamente e perdemos várias frases. Aparentemente, o professor Sándor também esgotara por enquanto todo o seu conhecimento de inglês, e prosseguiu durante alguns minutos numa mistura de húngaro, francês e alemão. Entendi, juntando o francês e o alemão, que o almoço seria servido ao meio-dia, e depois para meu horror disse que eu seria o orador principal, o ponto alto da conferência, que eu era um intelectual americano da mais alta distinção, especialista não só na história dos Países Baixos como também na economia do Império Otomano e nos movimentos sindicalistas dos Estados Unidos da América (teria sido a tia Eva que inventara isto?), que o meu livro sobre as guildas mercantis holandesas na época de Rembrandt seria publicado no ano seguinte, e que tinha sido uma grande sorte poderem acrescentar o meu nome ao programa da conferência naquela mesma semana.

Era muito pior do que os meus piores pesadelos, e jurei que Helen me pagaria se estivesse envolvida. Muitos dos professores presentes viraram-se para olhar para mim, sorrindo amavelmente, cumprimentando-me com inclinações da cabeça e até mesmo apontando-me uns aos outros. Helen mantinha-se ao meu lado, altiva e séria como uma rainha, mas algo na curva do seu ombro vestido com o casaco preto sugeria só a mim, esperava eu — uma vontade quase perfeitamente oculta de rir às gargalhadas. Tentei parecer também cheio de gravidade e procurei lembrar-me de que tudo aquilo, até aquilo, era por Rossi.

Quando o professor Sandór acabou de gritar, um homenzinho careca dissertou sobre o que parecia ser a Liga Hanseática. Seguiu-se uma mulher de cabelos grisalhos e vestido azul cujo tema tinha a ver com a história de Budapeste, embora eu não pudesse compreender nada do que ela dizia.

O último orador antes do almoço era um jovem acadêmico da Universidade de Londres parecia ter a mesma idade que eu e, para meu imenso alívio, falou em inglês, enquanto um estudante húngaro de filologia lia a tradução da palestra em alemão. (Era estranho, pensei, ouvir tanto alemão apenas uma década depois de os Alemães quase terem destruído Budapeste, mas lembrei-me de que o alemão fora a língua franca do império austro-húngaro.) O professor Sándor apresentou o inglês como Hugh James, professor de história da Europa de Leste.

O professor James era um homem sólido, vestido de *detweed* castanho e gravata verde-azeitona; naquele ambiente, parecia tão indescritivelmente, tão caracteristicamente inglês, que me esforcei para conter uma risada. Os seus olhos cintilavam para a plateia e dirigiu-

nos um sorriso agradável.

— Nunca esperei encontrar-me em Budapeste — disse, olhando em volta, — mas é muito gratificante para mim estar aqui, na maior cidade da Europa Central, uma porta entre o Oriente e o Ocidente. Agora, gostaria de tomar alguns minutos do vosso tempo para refletir sobre os legados que os Turcos Otomanos deixaram na Europa Central quando se retiraram, após o falhado cerco de Viena em 1685.

Fez uma pausa e sorriu para o aluno de filologia que, compenetrado, nos lia essa primeira parte em alemão. E prosseguiram assim, alternando os idiomas; mas o professor James deve ter divagado sobre o que estava na página mais do que seguido o texto, porque à medida que a sua palestra se ia desenrolando o aluno lançava-lhe frequentemente um olhar desnorreado.

— Todos já ouvimos a história da invenção *docroissant*, o tributo de um pasteleiro parisiense à vitória de Viena sobre os Otomanos. *Ocroissant*, é claro, representava o crescente das bandeiras otomanas, um símbolo que o Ocidente devora até hoje com café.

Olhou em volta, sorridente, e então percebeu, como eu percebera havia pouco, que a maioria daqueles interessados académicos húngaros nunca tinha estado em Paris ou em Viena.

— Sim... bem, o legado dos Otomanos pode ser resumido numa palavra, creio eu estética.

E continuou, descrevendo a arquitetura de meia dúzia de cidades da Europa Central e Oriental, e falou de jogos e modas, temperos e decoração de interiores. Escutei com uma fascinação que só em parte era decorrente do alívio de poder perceber tudo o que ele dizia, muito do que tínhamos acabado de ver em Istambul veio-me à memória enquanto James discorria sobre os banhos turcos de Budapeste e os edifícios proto-otomanos e austro-húngaros de Sarajevo. Quando analisou o palácio Topkapi, dei comigo a concordar vigorosamente com a cabeça, até que percebi que talvez fosse preferível ser mais discreto.

Aplausos entusiásticos seguiram-se à palestra, e então o professor Sándor convidou todos a reunirem-se no refeitório para o almoço. Na confusão de professores e de comida, consegui encontrar o professor James no momento em que este se sentava à mesa.

— Posso sentar-me aqui?

Ele levantou-se de um salto, com um sorriso aberto.

— Certamente, certamente. Muito prazer, sou Hugh James. Como está? - Apresentei-me também e trocamos um aperto de mão. Quando me sentei diante dele, olhámo-nos com uma curiosidade amigável.

— Ah — disse ele —, então você é o orador principal? Estou ansioso por assistir à sua palestra.

Assim de perto, parecia mais velho que eu uns dez anos, e os olhos eram de um extraordinário tom castanho-claro, líquidos e um pouco dilatados, como os de um *basset hound*. Já identificara o seu sotaque como sendo do Norte da Inglaterra, por causa da

vogais prolongadas.

— Obrigado — disse, tentando não parecer intimidado. E eu gostei de cada minuto da sua. Cobriu um espectro notável. Gostaria de saber se conhece o meu... hum... mentor, Bartholomew Rossi. Também é inglês.

— Conheço, claro! — Hugh James desdobrou o guardanapo com um floreio entusiasmado. — O professor Rossi é um dos meus escritores favoritos, li a maior parte dos livros dele. Trabalha com ele? Que sorte a sua.

Perdera Helen de vista, mas naquele momento consegui vislumbrá-la a servir-se no *buffet*, com Géza József ao seu lado. Ele falava-lhe com veemência junto ao ouvido, e depois de um minuto ela deixou-o acompanhá-la até uma pequena mesa do outro lado do salão. Via-a suficientemente bem para perceber a expressão irritada que tinha no rosto, mas isso não me tornou mais agradável a cena a que estava a assistir. Ele inclinava-se para ela, olhando-a diretamente no rosto, enquanto ela olhava para baixo, para o prato, e eu estava louco por saber o que ele lhe estava a dizer.

— De qualquer forma — Hugh James ainda estava a falar sobre o trabalho de Rossi, — acho maravilhosos os estudos dele sobre teatro grego. O homem pode fazer qualquer coisa.

— Sim — respondi distraidamente. — Ele tem estado a trabalhar num artigo chamado "O Fantasma na Ânfora", sobre os adereços de palco usados nas tragédias gregas

Calei-me de repente, pois percebi que podia estar a revelar os segredos profissionais de Rossi. Se não tivesse parado, entretanto, a expressão do professor James ter-me-ia feito calar.

— O quê? -perguntou ele, visivelmente perplexo. Apoiou o garfo e a faca no prato pondo de lado o almoço. — Você disse "O Fantasma na Ânfora"?

— Sim — Até me esqueci de Helen e Geza — Por que pergunta?

— Ora, mas isto é espantoso. Acho que tenho de escrever imediatamente ao professor Rossi. Veja você, tenho estado a estudar recentemente um documento interessantíssimo do século quinze da Hungria. Foi principalmente o que me trouxe a Budapeste, tenho andado a estudar esse período da história da Hungria, sabe, e então aproveitei para participar da conferência, com a amável concordância do professor Sandor. Seja como for, esse documento foi escrito por um dos sábios do Rei Matyas Corvinus, e menciona o fantasma na ânfora.

Lembrei-me de que Helen se referira ao rei Matyas Corvinus na noite anterior, não fora ele o fundador da grande biblioteca do castelo de Buda? A tia Eva falara sobre ele, também.

— Por favor — disse eu, ansioso, — explique-me melhor

— Bem, parece uma tolice, mas estive muito interessado durante vários anos nas lendas populares da Europa Central Começou como um tipo de brincadeira, creio, há muito tempo, mas fiquei totalmente obcecado pela lenda dos vampiros.

Olhei para ele. Parecia tão normal como antes, com a face corada, jovial, e o casaco de *tweed*, mas tive a sensação de estar a sonhar.

— Ah, eu sei que parece um interesse juvenil, o conde Drácula e tudo isso, mas sabe, é um assunto incrível quando se começa a aprofundá-lo. Veja bem, Drácula era uma pessoa real, embora, é claro, não fosse um vampiro, e o meu interesse é saber se a história dele está de alguma forma ligada ao folclore sobre vampiros. Há alguns anos, comecei a procurar material escrito sobre o assunto, até para ver se havia mesmo algum material desse tipo, pois os vampiros faziam parte sobretudo da tradição oral das aldeias da Europa Central e Oriental.

Recostou-se, tamborilando com os dedos na borda da mesa

— Bem, veja só, quando trabalhava aqui na biblioteca da universidade, encontrei esse documento que aparentemente foi encomendado por Corvinus. Ele queria alguém que reunisse tudo o que se sabia a respeito de vampiros desde as épocas mais remotas. Quem quer que tenha sido o especialista incumbido da tarefa, era seguramente um estudioso dos clássicos que, em vez de se por a percorrer as aldeias como qualquer antropólogo teria feito, começou a examinar textos em latim e grego. Corvinus possuía muitos, sabe para procurar referências sobre vampiros, e deu com esse conceito da Antiguidade grega, que nunca encontrei em qualquer outro lugar até você o mencionar agora mesmo sobre o fantasma na ânfora. Na Grécia antiga, e nas tragédias gregas, a ânfora muitas vezes continha cinzas humanas, sabe, e o povo ignorante acreditava que, se as coisas não corressem como deviam durante o enterro da ânfora, isso podia produzir um vampiro, embora eu não saiba como. Talvez o professor Rossi saiba alguma coisa sobre isso, já que está a escrever sobre fantasmas em ânforas. Uma coincidência incrível, não é? Na verdade, ainda há vampiros na Grécia moderna, de acordo com o folclore de lá.

— Eu sei — respondi. — Os *vrykolakas*.

Desta vez, foi Hugh James que me olhou fixamente. Os olhos castanhos protuberantes ficaram ainda maiores.

— Como é que sabe isso? — e respirou fundo. — Oh, peço-lhe que me desculpe... é que estou surpreso por encontrar outra pessoa que...

— Está interessada em vampiros? — disse eu, secamente. — Sim, isso também me surpreendia, mas nos dias que correm já começo a estar habituado. Como é que se interessou por vampiros, professor James?

— Hugh — corrigiu ele, falando devagar. — Por favor, chame-me Hugh. Bem, eu... — Olhou-me com firmeza durante um segundo e, pela primeira vez, vi que, por baixo da aparência exterior jovial e cheia de si, ardia uma chama acesa. — É terrivelmente estranho e não costumo falar com as pessoas sobre isso, mas...

Não aguentei mais a expectativa.

— Por acaso encontrou um livro antigo com um dragão no centro? — perguntei.

Olhou-me com uma expressão quase desvairada e a cor esvaiu-se do seu rosto saudável.

— Sim disse. — Encontrei um livro assim. — As mãos dele agarraram a extremidade di-

mesa. — Quem é você?

— Achei um, também.

Ficamos ali sentados a olhar um para o outro durante longos segundos, e poderíamos ter ficado assim, mudos, ainda mais tempo, adiando tudo o que tínhamos para discutir, se não tivéssemos sido interrompidos. A voz de Géza József soou-me nos ouvidos ante mesmo que eu notasse a sua presença; viera por trás e debruçou-se sobre a nossa mesa com um sorriso simpático. Helen aproximou-se também, apressada, com uma expressão estranha no rosto quase de culpa, pensei

— Boa tarde, camaradas — disse ele, cordialmente. — Que história é essa de achai livros?

Quando o professor József se inclinou sobre a nossa mesa com a sua pergunta amistosa, por um momento não soube o que dizer. Eu tinha de falar outra vez com Hugh James logo que fosse possível, mas em particular, não no meio de toda aquela gente, e certamente não com a pessoa com quem Helen me dissera para ter cuidado por que motivo? — a respirar-me em cima do pescoço. Finalmente, consegui juntar algumas palavras.

— Estávamos a trocar idéias sobre a nossa paixão por livros antigos — disse. — Qualquer acadêmico deveria admiti-la, não acha?

Nessa altura, Helen estava já junto de nós e olhava-me com o que interpretei como uma mistura de alarme e aprovação. Levantei-me para puxar uma cadeira para ela. No meio da minha necessidade de dissimular perante Géza József, devo ter demonstrado um pouco de nervosismo, porque ela olhava fixamente de mim para Hugh. Géza olhava para todos nós com cordialidade, mas pensei ter visto semicerrarem-se levemente os seus belos olhos epicânticos; deve ter sido assim, pensei, que os Húngaros devem ter olhado para o Sol do Ocidente através das fendas dos seus elmos de couro. Procurei não olhar para ele novamente.

Teríamos ficado ali o dia inteiro cruzando ou evitando olhares se o professor Sándor não tivesse aparecido de repente.

— Muito bem — disse ele aos brados. — Vejo que estão a apreciar o almoço. Já acabaram? E agora, se fizer a gentileza de vir comigo, vamos dar início a sua palestra.

Encolhi-me na verdade, por alguns minutos esquecera a tortura que me aguardava, mas levantei-me, obediente. Géza colocou-se respeitosamente atrás do professor Sándor: um pouco respeitosamente demais?, perguntei a mim mesmo, o que me deu um momento abençoado em que pude olhar para Helen. Arregalei os olhos e indiquei Hugh James, que também se levantara educadamente quando Helen chegara, e agora estava de pé junto à mesa, em silêncio. Ela franziu a testa, intrigada, e então o professor Sándor, para meu alívio, agarrou Géza pelo ombro e levou-o consigo. Pensei ter notado uma certa contrariedade nas costas grandes e encasacadas do jovem húngaro, mas talvez eu já estivesse demasiado impregnado da paranóia de Helen em relação a ele. De qualquer maneira, aquilo dera-nos um momento de liberdade.

— Hugh encontrou um livro — sussurrei, traindo desavergonhadamente o segredo do inglês.

Helen olhou para mim, sem compreender.

— Hugh?

Inclinei rapidamente a cabeça na direção do nosso companheiro, e ele olhou fixamente para nós. Então o queixo de Helen caiu. Hugh, por sua vez, olhou para ela:

— Ela também...?

— Não — sussurrei. — Está a ajudar-me. É Helen Rossi, antropóloga. — Hug

apertou-lhe a mão de modo caloroso mas brusco, ainda com o olhar parado. No entanto, o professor Sándor tinha voltado e estava à nossa espera, e não havia outra alternativa senão segui-lo. Helen e Hugh saíram colados a mim, como se fôssemos um rebanho de ovelhas.

O auditório já estava a começar a encher-se, e escolhi um lugar na primeira fila, tirando as minhas notas da pasta com uma mão que quase não tremia. O professor Sándor e o seu assistente estavam outra vez a mexer no microfone, e ocorreu-me que talvez os espectadores não conseguissem ouvir-me, e nesse caso não teria com que me preocupar. Cedo demais, no entanto, o equipamento começou a funcionar e o amável professor apresentou-me, balançando a cabeça branca com entusiasmo enquanto falava, baseando-se no que lia num papel. Citou novamente as minhas notáveis credenciais, descreveu o prestígio da minha universidade nos Estados Unidos e felicitou a plateia pelo raro privilégio de me ouvir, desta vez tudo em inglês, provavelmente para que eu entendesse. De repente, dei-me conta de que não tinha um intérprete para traduzir para o Alemão, enquanto eu falava, as minhas notas, escritas naquelas folhas amassadas, e essa idéia despertou em mim um surto de confiança enquanto me levantava para enfrentar aquela provação.

— Boa tarde, colegas, companheiros historiadores comecei, — e então, sentindo que aquilo era pomposo demais, pus de lado as minhas notas. — Obrigado por me darem a honra de falar para vocês hoje. Gostaria de discorrer um pouco sobre o período da incursão otomana na Transilvânia e na Valáquia, dois principados que conhecem bem como parte da atual Romênia.

O mar de rostos atenciosos olhava fixamente para mim, e pareceu-me detectar uma súbita tensão na sala. A Transilvânia, para os historiadores húngaros, assim como para muitos outros húngaros, era um assunto delicado.

— Como sabem, o Império Otomano manteve territórios em todo o Leste Europeu por mais de quinhentos anos, administrando-os a partir de uma base segura depois da sua conquista da antiga Constantinopla em 1453. O Império foi bem sucedido na invasão de uma dúzia de países, mas houve algumas regiões que nunca foi capaz de dominar, muitas delas, bolsas montanhosas nos confins da Europa Oriental, cuja topografia e povos nativos desafiavam a conquista. Uma dessas regiões foi a Transilvânia.

Continuei desta maneira, em parte baseado nas minhas notas e em parte de memória, de vez em quando sentindo uma onda de pânico acadêmico, ainda não conhecia bem o assunto, embora as lições de Helen sobre ele estivessem nitidamente gravadas na minha mente. Depois dessa introdução, fiz uma breve descrição geral sobre as rotas comerciais otomanas na região e então enumerei os diversos príncipes e nobres que haviam tentado repelir a incursão otomana. Incluí Vlad Drácula entre eles do modo mais casual que consegui, porque Helen e eu tínhamos concordado que deixá-lo completamente de fora poderia parecer suspeito para qualquer historiador que conhecesse a sua importância como destruidor de exércitos otomanos. Deve ter-me custado mais do que eu imaginava

pronunciando aquele nome na frente de uma multidão de estranhos porque, quando comecei a falar sobre o empalamento de vinte mil soldados turcos, fiz um gesto demasiado brusco com a mão e entornei o meu copo de água.

— Oh, perdão! — exclamei, olhando constrangido para a massa de rostos solidários, com exceção de dois deles. Helen estava pálida e parecia tensa, e Géza József inclinava-se um pouco para a frente, sem sorrir, como se a minha gafe o interessasse extremamente. O aluno de camisa azul e o professor Sandor vieram em meu auxílio com os seus lenços e logo a seguir pude continuar, o que fiz com toda a dignidade que consegui reunir. Ressaltei que, embora os Turcos tivessem finalmente conseguido vencer Vlad Drácula e muitos dos seus camaradas, achei que devia inserir aquela palavra nalgum ponto, rebeliões daquele tipo persistiram durante gerações, até que sucessivas revoluções locais derrubaram o Império. Fora a natureza local dessas rebeliões, com a sua capacidade de desaparecer no seu próprio território depois de cada ataque, que acabou por minar a grande máquina otomana.

A minha intenção era terminar de maneira mais eloquente, mas pelos vistos agradara à plateia, e houve uma sonora salva de palmas. Para minha surpresa, tinha acabado. Nada de terrível acontecera. Helen afundou-se na cadeira, visivelmente aliviada, e o professor Sandor veio a sorrir apertar-me a mão. Olhando em volta, vi Eva no fundo da sala aplaudindo com o seu largo sorriso adorável. No entanto, havia qualquer coisa de errado na sala, e um minuto depois notei que o vulto imponente de Géza desaparecera. Não me lembrava de o ter visto sair, mas talvez a parte final da minha palestra tivesse sido demasiado enfadonha para ele.

O que eu mais temia era a sessão de perguntas e respostas depois da palestra, especialmente uma do tipo que normalmente fazíamos no nosso departamento na universidade uma oportunidade para o corpo docente criticar o orador convidado, uma espécie de disputa entre a equipe da casa e a equipe de fora. Eu mesmo já participara daqueles massacres. Rossi, folgo em dizer, matava com gentileza, mas alguns dos outros professores viam aquelas sessões como uma oportunidade para uma carnificina. Felizmente, essa tradição parecia não existir ali; nenhum dos outros oradores se tinha oferecido para responder a uma só pergunta depois das suas palestras, portanto achei que era perfeitamente justificável recolher a minha papelada enquanto os aplausos morriam e voltar depressa para o meu lugar.

Imediatamente, todos se levantaram e começaram a conversar numa confusão de línguas. Três ou quatro dos historiadores húngaros vieram apertar a minha mão e felicitar-me. O professor Sándor estava radiante.

— Excelente! — exclamou. — É um grande prazer ver que os senhores na América entendem tão bem a nossa história da Transilvânia.

Imaginei o que ele pensaria se soubesse que eu aprendera todo o tema da palestra com uma das suas colegas, sentado à mesa de um restaurante de Istambul.

Eva aproximou-se e estendeu-me a mão. Não sabia se devia beijá-la ou apertá-la, mas

finalmente decidi-me pela segunda opção. Eva parecia ainda mais alta e mais majestosa do que na véspera, no meio daquela multidão de homens com fatos coçados. Usava um vestido verde-escuro e pesados brincos de ouro, e os seus cabelos, encaracolados por baixo de um pequeno chapéu verde, tinham mudado de magenta para negro da noite para o dia.

Helen também veio falar com ela, e notei como foram formais uma com a outra nesse encontro; era difícil acreditar que Helen corraera para os seus braços na noite anterior. Helen traduziu-me os cumprimentos da tia:

— Excelente trabalho, meu jovem amigo. Pelo que pude ver nos rostos de todos consegui não ofender ninguém; por isso, provavelmente não deve ter dito muita coisa. Mas mantém-se direito no pódio e olha a plateia nos olhos... isso há-de levá-lo longe.

A tia Eva misturava essas observações com o seu sorriso ofuscante, de dentes impecáveis.

— Agora tenho de voltar para casa para resolver algumas coisas, mas vemo-nos a jantar amanhã à noite. Podemos jantar no vosso hotel.

Eu não sabia que iríamos jantar com ela outra vez, mas fiquei feliz por sabê-lo.

— Sinto muito não poder oferecer-lhe um jantar realmente bom lá em casa, como gostaria — desculpou-se. — Mas se lhe disser que estou em obras, como o resto de Budapeste, tenho a certeza de que você compreende. Não poderia receber visitas na minha sala de jantar no meio daquela confusão.

O seu sorriso prendia-me completamente a atenção, mas consegui colher duas informações desse discurso — uma, que naquela cidade de apartamentos (presumivelmente) pequenos, ela dispunha de uma sala de jantar; e, dois, houvesse ou não confusão, ela era demasiado desconfiada para dar um jantar a um americano estranho em sua casa.

— Preciso conversar com a minha sobrinha. Helen pode ficar comigo esta noite, se a puder dispensar.

Helen traduziu tudo isto com uma exatidão cheia de culpa.

— É claro — disse eu, retribuindo o sorriso da tia Eva. — Estou certo de que têm muito que conversar depois de uma separação tão longa. E julgo que também tenho planos para o jantar. — Os meus olhos já estavam à procura do casaco de tweed de Hugh James no meio da multidão.

— Muito bem. — Ela estendeu-me novamente a mão, e desta vez beijei-a como um verdadeiro Húngaro, a primeira vez que beijei a mão de uma mulher, e a tia Eva foi-se embora.

Ao intervalo seguiu-se uma palestra em francês sobre revoltas camponesas em França no início da época moderna, a que se seguiram outras intervenções em alemão e húngaro. Ouvi-as sentado novamente ao fundo da sala, ao lado de Helen, saboreando o meu anonimato. Quando o russo que estudava os Estados Bálticos deixou o pódio, Hele

assegurou-me em voz baixa de que já ficáramos ali tempo suficiente e podíamos ir-nos embora.

— A biblioteca ainda está aberta mais uma hora. Vamos pôr-nos a andar agora.

— Um momento — disse eu. — Quero garantir a minha companhia para o jantar.

Não precisei me esforçar muito para encontrar Hugh James outra vez; ele estava claramente também a minha procura. Concordamos encontrar-nos às sete no vestíbulo do hotel da universidade. Helen apanharia um autocarro para a casa da tia, e vi no seu rosto que passaria o tempo a perguntar-se o que Hugh James teria para nos dizer.

As paredes da biblioteca da universidade, quando chegamos, eram de um ocre imaculado e brilhante, e dei por mim mais uma vez maravilhado com a velocidade com que a nação húngara se reconstruía depois da catástrofe da guerra. Nem mesmo o mais tirânico dos governos podia ser completamente mau se era capaz de recuperar tanta beleza para os seus cidadãos em tão pouco tempo. Esse esforço fora provavelmente alimentado tanto pelo nacionalismo húngaro, especulei, lembrando-me dos comentários evasivos da tia Eva, como pelo fervor comunista.

— Em que é que está a pensar? — perguntou-me Helen. Tinha calçado as luvas e a mala estava firmemente pendurada no braço.

— Estou a pensar na sua tia

— Se gosta tanto assim da minha tia, talvez a minha mãe não seja bem o seu estilo — disse, com uma risada provocante. — Mas vamos ver, amanhã. Agora, vamos procurar uma coisa lá dentro.

— O quê? Não seja tão misteriosa.

Ela ignorou-me e entramos na biblioteca juntos através de portas pesadamente esculpidas.

— Renascença? — sussurrei para Helen, mas ela abanou a cabeça.

— É uma imitação feita no século dezenove. A coleção original daqui nem sequer estava em Peste até ao século dezoito, penso eu; estava em Buda, como a universidade original. Lembro-me de um dos bibliotecários me ter dito uma vez que muitos dos livros mais antigos desta coleção foram doados à biblioteca por famílias que estavam a fugir dos invasores otomanos no século dezesseis. Como vê, devemos algumas coisas aos Turcos, afinal. De outra forma, quem sabe onde estariam agora todos estes livros?

Era bom entrar numa biblioteca novamente; o cheiro era familiar. Aquela era uma preciosa construção neoclássica, toda de madeira escura entalhada, com balcões, galerias, frescos. Mas o que me chamou a atenção foram as filas de livros, centenas de milhares deles a forrar as salas, do teto ao chão, as suas encadernações vermelhas e castanhas e douradas em fileiras cerradas, as suas capas marmoreadas e as suas guardas macias ao toque, as vértebras salientes das lombadas, acastanhadas como velhos ossos. Perguntei-me onde teriam sido escondidos durante a guerra, e quanto tempo tinha sido necessário para os arrumar de novo em todas aquelas prateleiras reconstruídas.

Ainda havia alguns estudantes a folhear livros nas mesas compridas, e um jovem estava a pôr em ordem pilhas deles atrás de uma grande secretária. Helen parou para lhe falar e ele concordou com um gesto da cabeça, levando-nos até uma grande sala de leitura que eu já vira através de uma porta aberta. Ali, localizou-nos um grande fólio, colocou-o sobre uma mesa e deixou-nos. Helen sentou-se e tirou as luvas.

— Sim — disse baixinho. — Acho que é este de que me lembrava. Examinei este volume antes de sair de Budapeste no ano passado, mas nessa altura não achava que tivesse grande importância.

Abriu o livro na página de título e vi que estava escrito numa língua que eu não conhecia. As palavras pareciam-me estranhamente familiares, e no entanto não era capaz de ler uma sequer.

— O que é isto? — Pus um dedo sobre o que eu achava que era o título. A folha era de bom papel espesso, impressa a tinta castanha.

— É romeno — disse Helen.

— Consegue lê-lo?

— Claro. — Pousou a mão sobre a página, junto da minha. Notei que as nossas mãos eram quase do mesmo tamanho, embora a dela tivesse ossos mais finos e as pontas dos dedos fossem quadradas e estreitas.

— Veja — disse ela. — Você estudou francês?

— Sim — respondi. Então, percebi o que ela queria dizer e comecei a decifrar o título *Baladas dos Cárpatos*, 1790.

— Bom — disse ela. — Muito bem.

— Julguei que não sabia falar romeno — disse eu.

— Falo muito mal, mas sei ler, mais ou menos. Estudei latim durante dez anos na escola, e a minha tia ensinou-me a ler e a escrever em romeno. Contra a vontade da minha mãe, é claro. A minha mãe é muito teimosa. Raramente fala da Transilvânia, mas também nunca a abandonou, no seu coração.

— E que livro é este?

Helen virou a primeira página, delicadamente. Vi uma longa coluna de texto, de que à primeira vista não consegui entender nada; além da falta de familiaridade com as palavras, várias letras latinas com que o texto estava escrito eram ornamentadas com cruces, cedilhas, acentos circunflexos e outros símbolos. Parecia-se mais com bruxaria do que com uma língua românica.

— Encontrei este livro durante as minhas últimas pesquisas, antes de partir para Inglaterra. Na verdade, não há muito material sobre ele nesta biblioteca. Mas encontrei alguns documentos sobre vampiros em geral, porque Mátyás Corvinus, o nosso rei bibliófilo, tinha curiosidade sobre eles.

— Hugh disse o mesmo — murmurei.

— O quê?

— Explico-lhe depois. Continue.

— Bem, não queria deixar nenhuma ponta por atar aqui, por isso, li uma enorme quantidade de coisas sobre a história da Valáquia e da Transilvânia. Levei meses. Forcei-me a ler mesmo o que estava em romeno. E evidentemente, muitos documentos e histórias sobre a Transilvânia estão em húngaro, dos séculos de domínio da Hungria, mas também há algumas fontes romenas. Esta é uma coletânea de letras de canções folclóricas da Transilvânia e da Valáquia, publicada por um colecionador anônimo. Algumas são mais do que canções folclóricas, são poemas épicos.

Senti um ligeiro desapontamento; estava à espera de um documento histórico raro, qualquer coisa sobre Drácula.

— Alguma delas menciona o nosso amigo?

— Não, creio que não. Mas havia uma canção aqui que me ficou na cabeça, e pense nela de novo quando você me disse o que Selim Aksoy queria que víssemos no arquivo em Istambul sabe, aquele texto sobre os monges dos Cárpatos que entravam na cidade de Istambul com a sua carroça e as suas mulas, lembra-se? Foi pena não termos pedido a Turgut que nos traduzisse o texto.

Começou a folhear o livro com muito cuidado. Alguns dos longos textos eram ilustrados no alto da página com xilogravuras, na maioria ornamentos com aspecto de bordados populares, mas havia também árvores, casas, animais. A impressão era perfeita, mas o livro propriamente dito tinha algo de tosco, de feito em casa. Helen correu o dedo ao longo das primeiras linhas dos poemas, com os lábios a mover-se lentamente, e abanou a cabeça.

— Alguns são tão tristes disse. — Sabe, no fundo, nós, Romenos, somos diferentes do Húngaros.

— Como é isso?

— Bem, há um provérbio húngaro que diz: "O Magiar vive os seus prazeres com tristeza." E é verdade. A Hungria também está cheia de canções tristes, e as aldeias são cheias de violência, de álcool, de suicídios. Mas os Romenos são ainda mais tristes, ainda mais tristes. Não somos tristes por causa da vida mas por natureza, acho. Inclinou a cabeça para o livro antigo e baixou os olhos. Ouça isto; é típico destas canções.

Traduziu, hesitante, e o resultado foi qualquer coisa como o que se segue, embora esta canção não seja a mesma e venha de um pequeno volume de traduções do século dezanove que agora se encontra na minha biblioteca particular:

Uma irmãzinha, a criança que morreu tinha. Depois que ela se foi, ainda que cedo fosse. Ficou bem mais alegre aquela sua irmãzinha. E disse à mãe: "Seu lindo sorriso doce, / que morreu, quando partiu, me deu: E a vida toda que ela não viveu. Agora vive por inteiro em mim." Mas a mãe, ao ouvi-la falar assim, Pôs-se a chorar, a sua cabeça pendeu, Lembrando apenas a filha que morreu.

— Santo Deus — disse eu, estremecendo. — É fácil ver como uma cultura capaz de

criar uma canção dessas acreditava em vampiros; chegou a produzi-los, aliás.

— Sim — disse Helen, abanando a cabeça, mas já a procurar outra coisa mais adiante no mesmo livro. — Espere — e parou de repente. — Pode ter sido esta. — Apontou para um poema curto com uma elaborada xilogravura por baixo que parecia representar construções e animais enredados numa floresta espinhosa.

Fiquei em suspense durante longos minutos enquanto Helen lia o poema em silêncio, até que finalmente ela levantou os olhos para mim. Havia no seu rosto uma centelha de excitação; os seus olhos brilhavam.

— Ouça este. Vou traduzir o melhor que puder.

E aqui reproduzo para ti, minha filha, uma tradução exata, que guardei nos últimos vinte anos com os meus papéis:

Chegaram aos portões, às portas da grande cidade. Chegaram à grande cidade vindos da terra da morte. "Somos homens de Deus, homens dos Cárpatos. Somos monges e santo homens, mas trazemos más notícias. Trazemos notícias de uma peste à grande cidade. Servindo o nosso mestre, viemos chorar a sua morte." Chegaram aos portões e a cidade chorou com eles Quando nela entraram.

Senti um calafrio ao ouvir aqueles estranhos versos, mas tive de objetar.

— É demasiado impreciso. Os Cárpatos são mencionados, mas devem aparecer em dezenas, mesmo centenas de textos antigos. E a "grande cidade" pode significar qualquer coisa. Talvez signifique a Cidade de Deus, o Reino dos Céus.

Helen fez que não com a cabeça.

— Não me parece — disse. Para os povos dos Balcãs e da Europa Central, cristãos ou muçulmanos, a grande cidade sempre foi Constantinopla, a não ser que se leve em consideração as pessoas que fizeram peregrinações a Jerusalém ou a Meca através dos séculos. E a referência a uma peste e a monges, parece-me de certo modo relacionada com a história de Selim Aksoy. Não seria possível que o mestre de que falam seja o próprio Vlac Tepes?

— É possível — disse eu, duvidando, — mas gostaria de mais qualquer coisa em que nos apoiarmos. De que época será essa canção?

— É sempre muito difícil dizer, no caso de letras de canções folclóricas. — Helen ficou pensativa. — Este volume foi impresso em 1790, como pode ver, mas não tem o nome do editor nem o local onde foi impresso. As canções folclóricas podem facilmente sobreviver dois, três ou quatro séculos; portanto, estas podem ser alguns séculos mais antigas do que o livro. A canção pode ser do final do século quinze ou ainda mais antiga, o que não serviria os nossos objetivos.

— A xilogravura é curiosa — disse eu, olhando mais de perto.

— O livro está cheio delas — murmurou Helen. — Lembro-me de que me chamaram a atenção da primeira vez que vi o livro. Esta parece não ter nada a ver com o poema; devia ser ilustrada com um monge a orar ou uma cidade com muralhas altas, qualquer coisa desse

gênero.

— É verdade — disse eu, devagar, — mas veja bem de perto. — Inclinámo-nos sobre a pequena ilustração, as nossas cabeças quase a tocarem-se por cima dela.

— Quem me dera ter uma lupa — disse eu. — Não acha que esta floresta, ou matagal ou o que quer que seja, esconde alguma coisa? Não há nenhuma grande cidade mas, se olhar com cuidado, verá uma construção que parece uma igreja, com uma cruz no cimo de uma cúpula, e, perto dela...

— Um pequeno animal — semicerrou os olhos. E então. — Meu Deus, — disse:

— É um dragão.

Concordei com a cabeça, e debruçámo-nos ambos sobre a ilustração, mal respirando. A pequena forma tosca era assustadoramente familiar asas abertas, cauda curvando-se num anel minúsculo. Não era necessário recorrer ao livro guardado na minha pasta para comparar os desenhos.

— O que significa?

A visão do dragão, mesmo em miniatura, fazia o meu coração palpitar incomodamente.

— Espere. — Helen examinava a xilogravura, com o rosto a poucos centímetros da página. — Meu Deus — disse. — Quase não consigo ver, mas há aqui uma palavra, acho eu, distribuída entre as árvores, uma letra de cada vez. São muito pequenas, mas tenho a certeza de que são letras.

— Drácula? — disse eu, no tom de voz mais baixo que consegui. Ela fez que não com a cabeça.

— Não. Mas pode ser um nome: Ivi. I vireanu. Não sei o que é. Não é uma palavra que eu já tenha visto, mas "u" é uma terminação comum dos nomes romenos. Que diabo será isto?

Suspirei.

— Não sei, mas acho que o seu instinto está certo; esta página tem alguma ligação com Drácula, ou o dragão não estaria aqui. Não este dragão, pelo menos.

Impotentes, entreolhamo-nos. A sala, tão agradável e convidativa meia hora antes parecia-me agora lúgubre, um mausoléu de conhecimentos esquecidos.

— Os bibliotecários não sabem nada sobre este livro — disse Helen. — Lembro-me de lhes ter perguntado, porque o livro é uma raridade.

— Bem, então também não podemos solucionar isso — disse eu, por fim. — Pelo menos, vamos levar uma tradução conosco, para sabermos o que vimos.

Escrevi o que ela me ditou numa folha de caderno e fiz um esboço apressado da xilogravura. Helen olhava para o relógio.

— Tenho de voltar ao hotel — disse.

— Eu também, ou vou me desencontrar de Hugh James. — Agarramos nas nossas coisas e voltamos a colocar o livro na respectiva prateleira, com toda a reverência que uma

reliquia exige.

Talvez tenha sido o turbilhão de imaginação em que o poema e a sua ilustração me lançaram, ou talvez estivesse mais cansado do que pensava, cansado da viagem, de ficar acordado até tarde no restaurante com a tia Eva e de fazer uma palestra para uma multidão de desconhecidos. Quando entrei no meu quarto, levei um longo momento para registrar o que via, e um momento ainda mais longo para concluir que Helen poderia estar a ver a mesma coisa no seu quarto, dois andares acima. Então, receei pela segurança dela e corri para as escadas sem parar para examinar nada. O meu quarto tinha sido revistado, canto por canto, gavetas e armário e roupas de cama, e cada objeto que eu possuía fora revirado, danificado, destruído mesmo, por mãos não só apressadas, mas maldosas.

— Mas não podem pedir ajuda à polícia? Este lugar está repleto de polícias, ao que parece. — Hugh James partiu um pedaço de pão em dois e comeu um deles com vontade — Que coisa horrível, e logo num hotel estrangeiro.

— Chamamos a polícia — assegurei-lhe. — Ou pelo menos acho que sim, porque foi o funcionário do hotel que fez a chamada. Disse que ninguém pode vir antes de hoje à noite ou amanhã de manhã, e que não devemos tocar em nada. Fomos instalados noutros quartos.

— O quê? Quer dizer que o quarto de Miss Rossi também foi revistado? — Os grandes olhos de Hugh ficaram ainda mais redondos. — Mais alguém no hotel foi atacado?

— Duvido — disse eu, soturno.

Estávamos sentados num restaurante ao ar livre em Buda, não longe da Colina do Castelo, de onde podíamos ver o Parlamento no lado de Peste, na outra margem do Danúbio. Ainda havia muita luz, e o céu da tardinha projetava reflexos azuis e rosados sobre a água. Fora Hugh que descobrira aquele sítio era um dos seus preferidos, disse Pessoas de todas as idades passeavam pela rua à nossa frente, muitas parando nas balaustradas sobre o rio para observar a deslumbrante vista, como se também nunca se cansassem de a ver. Hugh pedira vários pratos típicos para eu provar, e tínhamos acabado de nos instalar com o onipresente pão de crosta dourada e uma garrafa de *Tokay*, um vinho famoso da região nordeste da Hungria, conforme ele me explicou. Já tínhamos despachado os preliminares as nossas respectivas universidades, a minha dissertação daquela tarde (ele riu-se quando lhe contei a confusão do professor Sándor sobre o âmbito do meu trabalho), a pesquisa de Hugh sobre a história dos Balcãs e o seu futuro livro sobre as cidades otomanas na Europa.

— Roubaram alguma coisa? Hugh encheu-me o copo.

— Nada — respondi, abatido. — Evidentemente, não tinha deixado dinheiro no quarto, nem qualquer... objeto de valor... e os passaportes estão na recepção, ou talvez na esquadra da polícia, tanto quanto sei.

— Então de que é que estavam à procura? — Hugh fez-me um ligeiro brinde e bebeu um gole.

— É uma história muito, muito comprida — suspirei. — Mas encaixa-se muito bem com algumas outras coisas sobre as quais precisamos conversar.

Ele concordou com a cabeça.

— Muito bem. Comece, então.

— Depois é a sua vez...

— É claro.

Bebi metade do meu copo para me dar ânimo e comecei pelo princípio. Não precisava do vinho para afastar as minhas dúvidas sobre se deveria contar ou não a Hugh James toda

a história de Rossi; se não lhe contasse tudo, não ficaria a saber tudo o que ele sabia. Ele ouviu em silêncio, obviamente concentrado, a não ser quando mencionei a decisão de Rossi em prosseguir as pesquisas em Istambul. Nessa altura, deu um salto.

— Por Júpiter — disse. — Eu também tinha pensado em ir para lá. Em voltar lá, quer dizer: já estive em Istambul duas vezes, mas nunca para procurar Drácula.

— Vou facilitar-lhe as coisas. — Dessa vez, fui eu que lhe enchi o copo, e contei-lhe as aventuras de Rossi em Istambul e o seu desaparecimento. Foi aí que os olhos de Hugh quase saltaram, embora não tenha dito nada. Finalmente, descrevi-lhe o meu encontro com Helen, não lhe escondendo nada sobre as intenções dela a respeito de Rossi, e todas as nossas viagens e pesquisas até àquele momento, incluindo os nossos encontros com Turgut.

— Como vê — concluí, — por esta altura já não me surpreende ver o meu quarto virado de pernas para o ar.

— Sim, de fato — e pareceu refletir por um momento.

Tínhamos devorado uma infinidade de guisados e pickles, e ele baixou o garfo com uma certa tristeza, como se lamentasse que tivessem acabado.

— É muito estranho termo-nos encontrado desta maneira. Mas agora fiquei apreensivo com o desaparecimento do professor Rossi, muito apreensivo. É terrivelmente estranho. Antes de ouvir a sua história, não diria que houvesse mais gente envolvida nas pesquisas sobre Drácula do que as de sempre. Só que, durante todo este tempo, tenho tido esta sensação estranha, sabe, sobre o meu próprio livro. Não gosto de me deixar influenciar por sensações estranhas, mas é assim mesmo.

— Vejo que não desafiei a sua credulidade tanto como rezei ter feito.

— E esses livros — ponderou ele. — São quatro: o meu, o seu, o do professor Rossi e o que pertence àquele professor de Istambul. É muito estranho que haja quatro iguais.

— Alguma vez conheceu Turgut Bora? — perguntei. — Disse que já estive em Istambul algumas vezes.

Ele abanou a cabeça.

— Não, nem sequer ouvi mencionar esse nome. Mas ele é da área da Literatura; por isso, é pouco provável que nos tivéssemos encontrado no departamento de História de lá, ou em conferências. Ficar-lhe-ia grato se me ajudasse a entrar em contato com ele, se puder. Nunca estive no arquivo que mencionou, mas já li qualquer coisa sobre ele em Inglaterra e estava a pensar em dar lá uma espreitadela. No entanto, como você mesmo disse, já me facilitou as coisas. Sabe, nunca teria imaginado que aquela coisa pudesse ser um mapa. O dragão do meu livro. É uma idéia extraordinária.

— Sim, e possivelmente uma questão de vida ou de morte para Rossi — disse eu — Mas agora é a sua vez. Como encontrou o seu livro?

Ele assumiu uma expressão grave.

— Como contou, no seu caso e nos outros dois, não encontrei exatamente o meu livro, mas recebi-o, embora não saiba dizer de quem ou de onde. Talvez deva explicar-lhe melhor

as circunstâncias. — Ficou em silêncio por um momento, e tive a sensação de que o assunto era difícil para ele. — Está a ver, formei-me em Oxford há sete anos e fui lecionar na Universidade de Londres. A minha família mora em Cumbria, no Lake District, e não é rica. Lutaram muito, e eu também, para que eu tivesse a melhor educação possível. Sempre me senti um pouco deslocado, sabe, principalmente no colégio. Foi o meu tio que me pôs lá. Acho que estudei mais do que todos, procurando ser o melhor. A História era a minha grande paixão, desde o início.

Hugh limpou os lábios com o guardanapo e abanou a cabeça, como se estivesse a recordar loucuras da juventude.

— Lá pelo fim do segundo ano da universidade, já sabia que me iria sair bem, e isso deu-me ânimo para seguir em frente. Então veio a guerra e interrompeu tudo. Já completara quase três anos em Oxford. Aliás, foi lá que ouvi falar de Rossi pela primeira vez, embora nunca o tenha encontrado. Ele deve ter parado para a América alguns anos antes de eu ter chegado à universidade.

Acariciou o queixo com uma mão grande e bastante áspera.

— Não podia gostar mais dos meus estudos, mas também amava o meu país, e alistei-me imediatamente, na Marinha. Fui mandado para Itália e, um ano depois, voltava para casa com ferimentos nos braços e nas pernas.

Tocou com cuidado na manga da sua camisa branca de algodão, logo acima do punho, como se sentisse novamente a surpresa de ver sangue ali.

— Recuperei-me rapidamente e queria voltar, mas não me aceitaram, a minha visão tinha sido afetada quando o navio explodiu. Assim, voltei para Oxford e tentei ignorar os alarmes antiaéreos e acabei o curso depois de a guerra ter acabado. As últimas semanas que lá passei foram das melhores da minha vida, acho eu, apesar de todas as coisas que faltavam. Aquela ameaça terrível tinha sido varrida do mundo, eu tinha quase acabado os meus estudos adiados e uma rapariga de Surrey que eu amara quase toda a minha vida aceitara finalmente casar-se comigo. Não tinha dinheiro, e de qualquer maneira não havia comida, mas eu comia sardinhas no meu quarto e escrevia cartas de amor acho que não se importa que eu lhe conte tudo isto e estudava como um doido para os exames. Entrei num estado de grande cansaço, evidentemente.

Pegou na garrafa de *Tokay*, que estava vazia, e voltou a pô-la em cima da mesa, com um suspiro.

— Já tinha quase acabado com aquele esforço todo e tínhamos marcado a data do casamento para o final de Junho. Na noite anterior ao último exame, fiquei acordado até de madrugada, a reler os meus apontamentos. Sabia que já tinha estudado tudo o que era preciso, mas simplesmente não conseguia parar. Estava a trabalhar num canto da biblioteca da minha faculdade, meio oculto por trás de algumas estantes, de onde não via os outros malucos que também reliam os respectivos apontamentos.

— Há alguns livros muito bonitos nessas pequenas bibliotecas, e distraí-me por uns

instantes com um volume dos sonetos de Dryden que estava ao alcance da mão. Depois forcei-me a voltar a pô-lo no lugar, pensando que era melhor sair, fumar um cigarro e depois tentar concentrar-me novamente. Meti o livro na estante e fui para o pátio. Estava uma deliciosa noite de Primavera, e fiquei ali a pensar em Elspeth, e na casinha que ele estava a preparar para nós, e no meu melhor amigo teria sido o meu padrinho de casamento que morrera nos campos de petróleo de Ploiesti, com os Americanos, e depois voltei para a biblioteca. Para minha surpresa, o livro de Dryden estava de novo na minha secretária como se nunca o tivesse colocado no seu lugar, e pensei que estava a ficar maluco de tanto estudar. Virei-me para o pôr na estante, mas vi que não havia espaço para ele. Anteriormente estava ao lado de Dante, tinha a certeza, mas agora estava lá outro livro, um livro com uma lombada de aparência muito antiga onde havia um pequeno animal gravado. Puxei-o para fora e ele abriu-se nas minhas mãos, no... bem, você sabe.

O seu rosto simpático estava agora pálido, e procurou primeiro nos bolsos da camisa e depois nos das calças até encontrar um maço de cigarros.

— Você não fuma? — acendeu um e tragou com força. — Fui atraído pela aparência do livro, pela sua evidente antiguidade, pelo ar ameaçador do dragão, tudo o que também lhe chamou a atenção no seu livro. Não havia ali nenhum bibliotecário às três da manhã; por isso, fui até ao ficheiro e investiguei um pouco por conta própria, mas fiquei a saber apenas o nome e a linhagem de Vlad Tepes. Como não havia nenhum carimbo da biblioteca no livro, levei-o comigo para casa.

— Dormi mal e não conseguia de maneira nenhuma concentrar-me no meu exame na manhã seguinte; só pensava em ir a outras bibliotecas e talvez a Londres para ver o que podia descobrir sobre o livro. Mas não tive tempo e quando fui para o Surrey, para o meu casamento, levei comigo o livrinho e ficava a olhar para ele nos momentos mais estranhos. Elspeth apanhou-me com ele e, quando lhe expliquei, não gostou mesmo nada. Faltavam cinco dias para o nosso casamento e eu não conseguia parar de pensar no livro e também de falar com Elspeth sobre ele, até que ela me pediu para não o fazer

— Então, certa manhã faltavam dois dias para o casamento — tive uma inspiração súbita. Há uma grande casa não muito longe da aldeia dos meus pais, sabe, uma mansão jacobina que as pessoas vão visitar em excursões de autocarro Sempre achei aquilo tudo muito aborrecido durante as nossas excursões escolares, mas lembrei-me de que o fidalgo que a construía tinha sido um colecionador de livros e tinha coisas do mundo inteiro. Já que não podia ir a Londres antes do casamento, tive a idéia de ir a biblioteca da casa, que é famosa, e dar uma olhadela, talvez encontrasse alguma coisa sobre a Transilvânia. Disse aos meus pais que ia dar um passeio e sabia que eles pensariam que me ia encontrar com Elsie.

— Estava uma manhã chuvosa, cheia de neblina, também, e fria. A governanta da mansão disse-me que não estavam abertos para os turistas naquele dia, mas deixou-me entrar para ver a biblioteca. Ouvira falar do casamento na aldeia, conhecia a minha avó, e ofereceu-me uma chávena de chá. Quando já tinha tirado o meu impermeável e

encontrado vinte prateleiras de livros provenientes do *Grand Tour* do velho jacobino, que fora muito mais para oriente do que muitos outros, já me esquecera de todo o resto

— Folheeí todas aquelas maravilhas e outras que ele colecionara em Inglaterra, talvez depois da viagem, até encontrar uma História da Hungria e da Transilvânia, na qual deparei com uma referência a Vlad Tepes, e mais outra, e, finalmente, para minha alegria e espanto, encontrei um relato do enterro de Vlad no lago Snagov, diante do altar de uma igreja que ele restaurara lá. Esse relato era uma lenda passada para o papel por um aventureiro inglês que estivera na região, alguém que se autodenominava simplesmente "Um Viajante" na página de rosto e que fora contemporâneo do colecionador jacobino. Isto deve ter sido cerca de cento e trinta anos depois da morte de Vlad.

"Um Viajante" tinha visitado o mosteiro de Snagov em 1605. Tinha conversado bastante com os monges de lá e estes contaram-lhe que, de acordo com a lenda, um grande livro, um tesouro do mosteiro, fora colocado sobre o altar durante o funeral de Vlad, e que os monges presentes na cerimônia tinham assinado nele os seus nomes, e os que não sabiam escrever tinham desenhado um dragão, em homenagem à Ordem do Dragão. Infelizmente, não havia referência ao que aconteceu ao livro depois disso. Mas achei tudo muito impressionante. Então, o Viajante disse que pediu para ver a tumba e os monges mostraram-lhe uma pedra rasa no chão em frente ao altar. Tinha um retrato de Vlad Drácula pintado e palavras em latim, talvez também pintadas, já que o Viajante não dizia que estavam gravadas na pedra, e estranhou não ver a habitual cruz a marcar a lápide. O epitáfio, que copiei com cuidado guiado por um instinto que não sei explicar estava em latim. — Hugh baixou a voz, olhou para trás e apagou o cigarro no cinzeiro que estava em cima da mesa.

— Depois de o ter escrito e ter vencido algumas dificuldades, li a minha tradução em voz alta: "Leitor, desenterra-o com uma..." você sabe a continuação. A chuva ainda caía com força lá fora, e uma janela que se soltara, algures na biblioteca, batia, abrindo-se e fechando-se, e senti um bafo de ar úmido junto de mim. Devia estar nervoso, porque derrubei a chávena e uma gota de chá caiu sobre o livro. Enquanto enxugava o livro, sentindo-me mal por ser tão desajeitado, olhei para o relógio — já era uma hora e tinha de voltar para casa para almoçar. Aparentemente, não havia mais nada de relevante para ver ali; por isso, voltei a pôr os livros no lugar, agradeci à governanta e regresssei por entre as veredas ladeadas por todas aquelas rosas de Junho.

— Quando cheguei a casa dos meus pais, esperando vê-los, talvez com Elsie, juntos à mesa, encontrei um pandemônio. Estavam lá vários amigos e vizinhos e a minha mãe estava a chorar. O meu pai parecia muito perturbado. — Aqui, Hugh acendeu outro cigarro e o fósforo balançou na escuridão. — Pôs-me a mão no ombro e disse que tinha havido um acidente de automóvel na estrada principal, quando Elsie conduzia um carro emprestado, voltando das compras numa cidade vizinha. Tinha estado a chover intensamente, e eles pensavam que ela devia ter visto alguma coisa e ter-se desviado. Não

estava morta, graças a Deus, mas gravemente ferida. Os pais dela tinham ido imediatamente para o hospital e os meus ficaram em casa à minha espera, para me contarem.

— Encontrei um carro e dirigi-me para o hospital, tão depressa que quase sofri também um acidente. Tenho certeza de que não vai querer ouvir isto tudo, mas... ela estava deitada, com a cabeça enfaixada e os olhos muito abertos. Era assim que estava. Atualmente vive numa espécie de lar, onde é muito bem tratada, mas não fala nem percebe muita coisa, e não consegue alimentar-se sozinha. O mais terrível de tudo isto é que... — e a voz dele começou a tremer. — O mais terrível é que sempre achei que tivesse sido um acidente, um acidente de fato, e agora que ouvi as suas histórias, sobre Hedges, o amigo de Rossi, e o seu... o seu gato... não sei o que pensar.

Tragou o fumo com força. Eu soltei profundamente o ar dos pulmões.

— Sinto muito, muito mesmo. Não sei o que dizer. Que coisa horrível.

— Obrigado. — Parecia estar a tentar recuperar um pouco das suas maneiras habituais.

— Já foi há alguns anos, sabe, e o tempo ajuda. Só que...

Eu não sabia, como sei agora, o que havia na outra extremidade daquela frase que ele não concluiu, as palavras inúteis, a indizível litania da perda. Enquanto estávamos ali, com o passado suspenso sobre nós, um criado aproximou-se com uma vela numa lanterna de vidro e pousou-a na nossa mesa. O café estava a encher-se de gente e eu ouvia risadas vindas lá de dentro.

— Estou perplexo com o que você acabou de me contar sobre Snagov — disse eu, algum tempo depois. — Sabe, nunca tinha ouvido nada disso sobre a tumba; quero dizer, a inscrição, o rosto pintado e a ausência de uma cruz.

A correspondência entre a inscrição e as palavras que Rossi encontrou nos mapas do arquivo de Istambul é extremamente importante, creio eu; é uma prova de que Snagov foi pelo menos a localização original da tumba de Drácula. Apertei as têmporas com os dedos.

— Por que é que então, o mapa, o mapa-dragão nos livros e no arquivo não corresponde à topografia de Snagov — o lago, a ilha?

— Quem me dera saber...

— Você continuou a sua pesquisa sobre Drácula, depois daquilo?

— Só muitos anos depois. — Hugh apagou o cigarro. — Não tinha coragem. Mas há cerca de dois anos, dei comigo a pensar nele outra vez e, quando comecei a trabalhar no meu livro atual, o meu livro húngaro, deixei uma janela aberta para o assunto.

Tinha escurecido bastante agora, e o Danúbio brilhava com os reflexos das luzes da ponte e dos edifícios de Peste. Um criado veio oferecer *umeszpresszó*, e aceitamos agradecidos. Hugh bebeu um gole e pousou a chávena.

— Gostaria de ver o livro? — perguntou.

— O livro em que está a trabalhar? — Fiquei momentaneamente confuso.

— Não. O meu livro do dragão.

Dei um salto.

— Você tem-no aqui?

— Trago-o sempre comigo — disse ele, sério. — Bem, quase sempre. Na verdade deixei-o no hotel durante as palestras de hoje porque achei que estaria mais seguro lá enquanto eu intervinha. Quando penso que poderia ter sido roubado... — deteve-se. — O seu não estava no quarto, estava?

— Não. — Tive de sorrir. — Também trago sempre o meu comigo.

Hugh afastou cuidadosamente as nossas chávenas de café e abriu a pasta. Retirou dela uma caixa de madeira polida e desta um volume embrulhado em tecido, que pôs em cima da mesa. Dentro do embrulho havia um livro menor que o meu, mas encadernado com o mesmo pergaminho gasto. As páginas eram de um castanho mais escuro e mais frágeis do que as do meu livro, mas o dragão no centro era o mesmo, ocupando as páginas até às margens e olhando furiosamente para nós. Em silêncio, abri a minha pasta e tirei o meu livro, colocando a sua imagem perto do dragão de Hugh. Eram idênticos, pensei curvando-me sobre cada um deles.

— Olhe para esta mancha aqui: até a mancha é a mesma. Foram impressos com o mesmo bloco de madeira — disse Hugh em voz baixa.

Tinha razão, como pude ver.

— Sabe, isto faz-me lembrar outra coisa, que me esqueci de lhe contar há pouco. Heler Rossi e eu passamos pela biblioteca da universidade esta tarde, antes de voltarmos ao hotel, porque ela queria procurar uma coisa que vira lá há algum tempo. — Descrevi o volume de canções folclóricas romenas, e a estranha letra da canção que falava de monges a entrarem numa grande cidade. — Ela achava que poderia ter alguma coisa a ver com a história do manuscrito de Istambul sobre o qual lhe falei. A letra da canção era muito imprecisa, mas havia uma xilogravura interessante no alto da página, uma espécie de bosque com uma igreja pequenina e um dragão entre os dois, e uma palavra.

— "Drácula"? — arriscou Hugh, como eu fizera na biblioteca.

— Não, Ivireanu. — Procurei a palavra no meu caderno de apontamentos e mostrei-lhe como se escrevia.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Mas é incrível — exclamou.

— O quê? Diga depressa.

— Bem, é que vi esse nome na biblioteca ontem.

— Na mesma biblioteca? Onde? No mesmo livro? — Estava demasiado impaciente para esperar educadamente por uma resposta.

— Sim, na biblioteca da universidade, mas não no mesmo livro. Passei a semana a remexer por lá à procura de material para o meu projeto e, como o nosso amigo está sempre num canto da minha mente, estou sempre a encontrar estranhas referências ao mundo dele. Sabe, Drácula e Hunyadi eram inimigos mortais, e, mais tarde Drácula e Mátyás

Corvinus; por isso, de vez em quando deparo-me com Drácula. Comentei consigo, durante o almoço, que tinha encontrado um manuscrito encomendado por Corvinus, o documento que menciona o fantasma na ânfora.

— Ah, sim — disse eu, ansioso. — Foi lá que viu a palavra "Ivireanu"?

— Na realidade, não. O manuscrito de Corvinus é muito interessante, mas por outras razões. O manuscrito diz... bem, copiei uma parte. O original está em latim.

Peguei no seu caderno de apontamentos e leu-me algumas linhas:

"No ano de Nosso Senhor de 1463, o humilde servo do rei vem oferecer-lhe estas palavras oriundas de grandes escritos, tendo em vista informar Sua Majestade sobre a maldição do vampiro, que ele pereça no inferno. Esta informação destina-se ao acervo real de documentos de Sua Majestade. Que o possa ajudar a livrar a nossa cidade desse mal pondo fim à presença de vampiros e afastando a peste das nossas casas." E por aí fora. Em seguida, o bom escriba, quem quer que tenha sido, prossegue, nomeando as referências que encontrou em diversas obras clássicas, inclusivamente lendas sobre o fantasma na ânfora. A data do manuscrito é o ano posterior à captura de Drácula e ao seu primeiro encarceramento perto de Buda. Sabe, a referência que fez à mesma preocupação por parte do sultão turco, e que identificou naqueles documentos em Istambul, leva-me a pensar que Drácula causava problemas onde quer que fosse. Ambos os documentos mencionam a peste, e ambos estão preocupados com a presença de vampirismo. Bastante semelhantes, não lhe parece?

Fez uma pausa e ficou com ar pensativo.

— Na verdade, de certo modo essa relação com a peste não é assim tão descabida. Lembro-me de um documento italiano, no Museu Britânico, que Drácula usava armas biológicas contra os Turcos. De fato, deve ter sido um dos primeiros europeus a usá-las. Gostava de enviá-las para os campos turcos, vestidos como otomanos, súditos seus que tivessem contraído doenças infecciosas. — À luz do lampião, os olhos de Hugh semicerraram-se, o rosto animado por uma intensa concentração. Subitamente, percebi que tínhamos encontrado em Hugh James um aliado com uma inteligência fora do comum.

— Tudo isso é fascinante — disse eu. Mas, e quanto à menção da palavra "Ivireanu"?

— Oh, desculpe-me. — Hugh sorriu. — Desviei-me um bocado do assunto. Sim, vi a palavra aqui na biblioteca. Dei com ela há três ou quatro dias, acho eu, num Novo Testamento do século dezessete, em romeno. Estava a folhear o volume porque achei que a capa mostrava uma influência pouco vulgar do estilo otomano. A palavra "Ivireanu" aparecia em baixo na página de rosto tenho a certeza de que era a mesma palavra. Na altura não pensei muito sobre o assunto para ser sincero, passo a vida a encontrar palavras romenas que me confundem, pelo fato de conhecer tão pouco a língua. Na verdade, chamou-me a atenção por causa do tipo de letra, que tinha uma certa elegância. Achei que fosse o nome de um lugar ou qualquer coisa desse gênero.

Soltei um gemido.

— E mais nada? Nunca a viu em mais sítio nenhum?

— Infelizmente, não. — Hugh estava a dar atenção à sua chávena de café abandonada. — Se a encontrar novamente, pode ter certeza de que o informarei.

— Bem, afinal de contas, pode não ter muito a ver com Drácula — disse eu, para me reconfortar. — Só gostaria que tivéssemos mais tempo para examinar essa biblioteca. Infelizmente, temos de voltar para Istambul na segunda-feira. Não tenho autorização para ficar além da duração da conferência. Se encontrar alguma coisa interessante...

— É evidente — disse Hugh. — Vou ficar aqui mais seis dias Se encontrar alguma coisa, escrevo-lhe para o seu departamento?

Aquilo abalou-me, há dias que eu não pensava seriamente nos Estados Unidos, e não tinha a menor idéia de quando abriria a minha caixa de correio no meu departamento.

— Não, não — apressei-me a dizer. — Pelo menos por enquanto, não. Se encontrar alguma coisa que realmente ache que pode ajudar-nos, por favor telefone para o professor Bora. Explique-lhe apenas que falamos sobre este assunto. Se eu próprio falar com ele aviso-o de que você talvez o contacte. — Peguei no cartão-de-visita de Turgut e dei o número do telefone dele a Hugh.

— Muito bem. — Guardou o cartão no bolso da camisa. — E este é o meu cartão. Espero que nos encontremos novamente.

Ficamos ali em silêncio durante alguns segundos, o olhar dele fixo na mesa, com os pratos e chávenas vazios e a chama tremulante da vela.

— Ouça — disse ele, finalmente. — Se tudo o que me disse é verdade — ou pelo menos tudo o que Rossi disse — e existir mesmo um conde Drácula, ou um Vlad o Empalador... sobrevivente... de alguma forma horrível, nesse caso eu gostaria de o ajudar...

— A eliminá-lo? — concluí em voz baixa. — Não me vou esquecer.

Parecia não haver mais nada a dizer naquele momento, embora eu esperasse que pudéssemos voltar a conversar no futuro. Encontramos um táxi que nos levou de volta a Peste, e ele insistiu em acompanhar-me até ao vestíbulo do hotel. Estávamos a despedir-nos cordialmente junto à recepção quando o funcionário com quem eu falara anteriormente saiu do seu cubículo e agarrou-me no braço.

— Herr Paul! — disse, com insistência.

— O que foi? — Tanto eu como Hugh nos viramos para olhar para o homem. Era alto, curvado, com um casaco azul de operário e bigodes que ficariam bem num guerreiro huno. Puxou-me para junto de si, falando-me em voz baixa, e arranjei maneira, com um gesto, de pedir a Hugh que não nos deixasse. Não havia mais ninguém à vista e eu não estava particularmente disposto a enfrentar sozinho uma nova crise.

— Herr Paul, sei quem esteve no seu *zimmer* esta tarde.

— O quê? Quem? — perguntei.

— Humm, humm — o funcionário começou quase a murmurar para si mesmo e a lançar olhares rápidos em volta, ao mesmo tempo que procurava alguma coisa no bolso do

casaco, no que seria um gesto muito significativo se eu percebesse o que ele queria dizer. Perguntei a mim próprio se o homem não seria uma espécie de atrasado mental.

— Ele quer uma gorjeta — traduziu Hugh em voz baixa.

— Oh, por favor — disse eu, exasperado, mas os olhos do homem pareceram desinteressar-se, recomeçando a brilhar apenas depois de eu lhe ter estendido duas grandes notas húngaras. Agarrou-as discretamente e escondeu-as no bolso, mas não disse nada que admitisse a capitulação.

— *Herr American* — sussurrou. Sei que não foi só em homem esta tarde. É dois homens. Um entra primeiro, homem muito importante. Depois o outro. Vejo ele quando subo com uma mala para outro *zimmer*. Então vejo eles. Eles falam. Eles saem juntos.

— E ninguém os deteve? — protestei, com rudeza. — Quem eram? Eram húngaros? — O homem olhava novamente em volta, e engoli a vontade de o estrangular. Aquele clima de censura estava a dar-me cabo dos nervos. Devo ter parecido zangado, porque Hugh agarrou-me o braço, apaziguador.

— Importante homem húngaro. Outro homem não húngaro.

— Como é que sabe? — Ele baixou a voz.

— Um homem húngaro, mas eles falam *Anglisch* juntos.

E não disse mais nada, apesar das minhas perguntas cada vez mais ameaçadoras. Como aparentemente tinha decidido que me fornecera informações suficientes para os florins que eu lhe dera, talvez não me dissesse mais nenhuma palavra se não fosse uma coisa que repentinamente lhe chamou a atenção. Olhava para um ponto atrás de mim e, logo a seguir, também me virei para seguir o seu olhar através da grande vidraça junto à porta do hotel. Do outro lado, durante uma fração de segundo, vi uma fisionomia ávida, de olhos encovados, que conhecia bem demais, um rosto que pertencia a um túmulo, e não às ruas. O funcionário do hotel balbuciava, agarrando-me no braço.

— Lá está ele, com o seu rosto de demônio, o homem *Anglischer*!

Devo ter deixado escapar um uivo e, ao mesmo tempo, livre-me do funcionário e corri para a porta; Hugh, com grande presença de espírito (como constatei mais tarde), agarrou num guarda-chuva no suporte junto ao balcão e disparou atrás de mim. Apesar do susto, segurava a minha pasta com firmeza, o que me atrapalhava enquanto corria. Viramos aqui e ali, corremos a rua de cima a baixo, mas foi inútil. Nem sequer os passos do homem eu chegara a ouvir; por isso, não podia dizer em que direção fugira.

Finalmente, parei para me apoiar na parede de um edifício, tentando recuperar o fôlego. Hugh ofegava.

— Quem era? — arquejou.

— O bibliotecário — respondi, quando consegui emitir algumas palavras. — O que nos seguiu em Istambul. Tenho certeza de que era ele.

— Santo Deus — Hugh enxugou a testa com a manga da camisa. — O que é que ele está a fazer aqui?

— A tentar apanhar o resto dos meus apontamentos — respondi, ofegando. — É um vampiro, se é que acredita nisso, e agora trouxe-o para esta bela cidade. — Na realidade, eu tinha dito mais do que aquilo, e Hugh deve ter reconhecido, na nossa língua comum, todas as variantes americanas da raiva. O pensamento da maldição que eu arrastava atrás de mim quase me trouxe as lágrimas aos olhos.

— Ora, não pense nisso — disse Hugh, confortando-me. — Já houve aqui vampiro antes, como ambos sabemos. — Mas o seu rosto estava pálido e olhou em volta, segurando o guarda-chuva.

— Droga! — bati na parede com o punho na parede lateral do prédio.

— Você precisa estar alerta — disse Hugh, sensato. — Miss Rossi já voltou?

— Helen! — Não pensara uma única vez nela, e Hugh quase esboçou um sorriso perante a minha exclamação. — Vou voltar para o hotel para ver se já chegou. E vou telefonar ao professor Bora. Ouça, Hugh, fique atento também. Tenha cuidado, está bem? Ele viu-o, e ultimamente isso não tem trazido muita sorte para ninguém.

— Não se preocupe comigo. — Hugh olhava pensativo para o guarda-chuva que tinha na mão. — Quanto deu àquele funcionário do hotel?

Eu ri, apesar da minha falta de fôlego.

— Sim, pode ficar com ele.

Apertamos as mãos cordialmente e Hugh desapareceu na rua, na direção do seu hotel que não ficava longe. Não me agradava a idéia de vê-lo ir embora sozinho, mas havia outras pessoas na rua, a passear e a conversar. De qualquer maneira, sabia que ele sempre seguiria o seu próprio caminho; era esse tipo de pessoa.

De volta ao vestibulo do hotel, não havia sinal do aterrorizado funcionário. Talvez o seu turno tivesse acabado, porque um rapaz bem barbeado tomara o lugar dele atrás do balcão. Garantiu-me que a chave do novo quarto de Helen estava pendurada no lugar, portanto ainda devia estar com a tia. O rapaz deixou-me usar o telefone, depois de negociar meticulosamente o preço, e tive de tentar mais de uma vez até conseguir a ligação para Turgut. Não gostava da idéia de ligar do telefone do hotel, que eu sabia que podia estar sob escuta, mas era a única possibilidade àquela hora. Só me restava esperar que a nossa conversa fosse tão peculiar que não pudesse ser compreendida. Por fim, ouvi um clique na linha e a voz de Turgut, muito longe mas jovial, atendendo em turco.

— Professor Bora! — gritei. — Turgut, é Paul, estou a ligar de Budapeste.

— Paul, meu caro! — Pensei que nunca tinha ouvido nada tão reconfortante como aquela voz longínqua e retumbante. — Há um problema qualquer com a linha; dê-me o seu número daí, para o caso de a ligação cair.

O funcionário do hotel deu-me o número e eu gritei-o ao telefone. Turgut respondeu também aos gritos:

— Como estão? Encontraram-no?

— Não! gritei. — Estamos bem, e fiquei a saber um bocado mais, mas aconteceu uma

coisa muito desagradável.

— O que foi? — Pude ouvir a sua consternação, debilmente, através da linha. — Está ferido? E Miss Rossi?

— Não, estamos bem, mas o bibliotecário seguiu-nos até aqui. — Ouvi uma enxurrada de palavras que podiam ser alguma maldição shakespeariana, mas era impossível distinguir através da estática. — O que acha que devíamos fazer?

— Ainda não sei a voz de Turgut estava um pouco mais clara agora. — Ainda tenho consigo o estojo que lhe dei?

— Sim — respondi. — Mas não consigo chegar suficientemente perto desse demônio para o usar. Acho que ele revistou o meu quarto hoje enquanto estávamos na conferência, e aparentemente alguém o ajudou. — Talvez a polícia estivesse a ouvir-nos naquele momento. — Quem sabe o que pensariam de tudo aquilo, afinal?

— Tome muito cuidado, professor — a voz de Turgut soava preocupada. — Não tenho conselhos sábios para lhe dar, mas terei novidades em breve, talvez mesmo antes do seu regresso a Istambul. Estou contente que tenha ligado esta noite. Mr. Aksoy e eu encontramos um novo documento, que nenhum de nós tinha visto antes. Achou-o no arquivo de Mehmed. Esse documento foi escrito por um monge da Igreja Ortodoxa Oriental em 1477, e tem de ser traduzido.

Mais uma vez, a linha foi invadida pela estática e fui forçado a gritar:

— Disse 1477? Em que língua está escrito?

— Não consigo ouvi-lo, meu caro — berrou Turgut, de muito longe. — Houve aqui uma tempestade. Telefone-lhe amanhã à noite.

Uma babel de vozes — não conseguia distinguir se eram húngaras ou turcas interrompeu-nos e engoliu as suas palavras. Seguiram-se mais alguns cliques e a linha caiu de vez. Pousei o telefone devagar, ponderando se deveria ligar outra vez, mas o funcionário já estava a tirar-me o telefone da mão com uma expressão preocupada e a calcular a minha conta num pedaço de papel. Paguei, mal-humorado, e fiquei ali por alguns momentos, sem vontade de subir para o meu novo quarto, para onde só fui autorizado a levar os meus apetrechos de barbear e uma camisa lavada. O meu ânimo estava a diminuir rapidamente afinal, o dia tinha sido muito longo, e o relógio do vestíbulo marcava quase onze horas.

Teria diminuído ainda mais se um táxi não tivesse parado lá fora naquele momento. Helen saiu, pagou ao motorista e entrou pela grande porta. Não reparara que eu me encontrava ali junto do balcão, e o seu rosto estava sério e taciturno, com a intensidade melancólica que eu notara nele algumas vezes. Estava envolta num xale preto e vermelho de lã macia que eu nunca tinha visto antes, talvez um presente da tia. Suavizava-lhe as linhas duras do casaco e dos ombros, e fazia a sua pele brilhar, branca e luminosa, mesmo à luz crua do vestíbulo. Parecia uma princesa, e fiquei a olhar descaradamente para ela por alguns momentos antes que me visse. Não era apenas a sua beleza, realçada pela lã macia e

pelo ângulo nobre do seu queixo, que me mantinha fascinado. Lembrava-me mais uma vez, com um desconfortável estremecimento interior, do retrato no escritório de Turgut — a cabeça orgulhosa, o longo nariz retilíneo, os grandes olhos escuros com as pálpebras pesadas e veladas. Talvez eu estivesse apenas muito cansado, disse a mim próprio, e, quando Helen me viu e sorriu, a imagem desapareceu novamente da minha visão interior.

Acho que se eu não tivesse sacudido Barley para o acordar, ou se ele estivesse sozinho, teria passado a dormir pela fronteira com a Espanha, e o funcionário da alfândega espanhola tê-lo-ia acordado de forma rude. Mas o fato foi que descemos na gare de Perpignan ainda meio adormecidos, por isso fui eu que perguntei o caminho para a rodoviária. O condutor vestido de azul franziu o sobrolho, como se achasse que àquela hora crianças como nós deviam estar a dormir, mas foi suficientemente educado para encontrar as nossas malas abandonadas atrás do balcão da estação. Para onde íamos? Disse-lhe que queríamos um autocarro para Lês Bains, e ele sacudiu a cabeça. Para isso, teríamos de esperar até à manhã seguinte eu não sabia que era quase meia-noite? Havia um hotel asseado no cimo da rua onde eu e o meu... "irmão", acrescentei depressa, poderíamos encontrar um quarto. O condutor olhou-nos de cima a baixo, ao ver-me tão morena e tão nova, supus, enquanto Barley era loiro e alto, mas limitou-se a dar um estalo com a língua e seguiu o seu caminho.

A manhã seguinte surgiu ainda mais clara e mais bonita do que a do dia anterior e, quando encontrei Helen na sala do hotel para o pequeno-almoço, os maus presságios da noite anterior já eram um sonho distante. O sol entrava através das janelas empoeiradas e iluminava as toalhas de mesa brancas e as grossas chávenas de café. Helen estava a tomar notas num pequeno caderno sobre a mesa.

— Bom — dia disse afavelmente, enquanto eu me sentava e me servia de café. — Está pronto para conhecer a minha mãe?

— Não penso noutra coisa desde que chegamos a Budapeste — confessei. — Como vamos chegar até lá?

— A aldeia fica no percurso de um autocarro que passa a norte da cidade. Só há um autocarro para lá nas manhãs de domingo; portanto, não podemos perdê-lo. A viagem dura cerca de uma hora, e atravessa subúrbios muito maçadores.

Duvidava de que alguma coisa nessa viagem me pudesse maçar, mas fiquei calado. No entanto, havia uma coisa que ainda me incomodava.

— Helen, tem a certeza de que quer que eu vá? Podia ir falar com ela sozinha. Talvez assim seja menos embaraçoso para ela do que se aparecer com um completo desconhecido e americano, ainda por cima. E se a minha presença lhe causar problemas?

— É exatamente a sua presença que tornará mais fácil para ela falar — disse Helen com firmeza. — É muito reservada comigo, sabe. Você vai deixá-la encantada.

— Bem, nunca fui acusado de ser encantador antes. — Servi-me de três fatias de pão e de um pires de manteiga.

— Não se preocupe; não é. — Helen fez-me o seu sorriso mais sardônico, mas pense

ter visto um lampejo de afeição nos seus olhos. — É que a minha mãe é fácil de encantar.

Não acrescentou: "Rossi encantou-a, por que não você?" Achei melhor deixar o assunto como estava.

— Espero que a tenha avisado de que vamos visitá-la.

Pensava, olhando para ela do outro lado da mesa, se contaria à mãe o ataque do bibliotecário. O lençinho estava enrolado firmemente em volta do pescoço, e esforcei-me para não olhar para ele.

— A tia Eva mandou-lhe um recado ontem à noite — disse Helen calmamente, e passou-me as compotas.

O autocarro, que apanhamos no extremo norte da cidade, entrava e saía dos subúrbios, como Helen tinha previsto, passando primeiro pelos bairros antigos circundantes, muito danificados pela guerra, e depois por uma infinidade de novos edifícios, altos e brancos como pedras tumulares para gigantes. Era aquele o progresso comunista do qual frequentemente se falava com hostilidade na imprensa ocidental, pensei a aglomeração de milhões de pessoas de todo o Leste Europeu em apartamentos insípidos construídos em altura. O autocarro parava em vários destes complexos habitacionais, e dei por mim a perguntar-me se seriam assim tão insípidos; junto de cada um deles havia jardins acolhedores cheios de vegetais e ervas aromáticas, flores de cores vivas e borboletas. Num banco no exterior de um desses edifícios, perto da paragem do autocarro, dois velhos de camisas brancas e coletes escuros jogavam um jogo de tabuleiro que não consegui identificar àquela distância. Várias mulheres entraram no autocarro com as suas blusas bordadas com cores alegres — seriam trajes domingueiros? e uma delas transportava uma gaiola com uma galinha viva. O motorista meteu a gaiola com a galinha lá dentro com o resto das pessoas e a mulher acomodou-se ao fundo do autocarro com o seu tricô.

Quando deixamos os subúrbios para trás, o autocarro arrastou-se por uma estrada rural, de onde vi campos férteis e estradas largas e poeirentas. Aqui e ali, passamos por uma carroça puxada por um cavalo a carroça feita como um simples cesto de ramos de árvores entrançados conduzidas por camponeses de chapéu de feltro e colete pretos. De vez em quando, cruzávamo-nos com um automóvel que nos Estados Unidos estaria num museu. A terra era linda, verde e viçosa, e salgueiros de folhas amarelas curvavam-se sobre os riachos que a cortavam. De vez em quando, entrávamos numa aldeia; às vezes, conseguia ver as cúpulas em forma de bolbo de uma igreja ortodoxa no meio das torres de outras igrejas. Helen debruçava-se sobre mim para ver também.

— Se continuássemos nesta estrada, chegaríamos a Esztergom, a primeira capital dos reis húngaros. Vale com certeza a pena vê-la. Se tivéssemos tempo...

— Fica para a próxima — menti. — Por que é que a sua mãe escolheu viver aqui?

— Mudou-se para cá quando eu ainda andava na escola, para ficar perto das montanhas. Não quis vir com ela; fiquei em Budapeste com Eva. A minha mãe nunc gostou da cidade, e dizia que as montanhas Bórszöny, a norte daqui, lhe lembravam a

Transilvânia. Todos os domingos vai para as montanhas com o clube de montanhismo, e não ser quando a neve está muito alta.

Isto juntou um outro pequeno fragmento ao retrato em mosaico da mãe de Helen que eu ia construindo na minha cabeça.

— Por que não se mudou logo para as montanhas?

— Não há trabalho lá, é principalmente um parque nacional. Além disso, a minha tia não teria permitido, e ela sabe ser muito rígida quando quer. Acha que a minha mãe já se isolou demais.

— Onde é que a sua mãe trabalha? — Olhei para fora, para a paragem de autocarro de uma aldeia; a única pessoa que ali estava era uma velha toda vestida de preto, com um lenço preto na cabeça e um ramo de flores vermelhas e cor-de-rosa numa das mãos. Não entrou no autocarro quando paramos nem cumprimentou nenhuma das pessoas que desceram. Quando voltamos a partir, pude vê-la a olhar para nós, segurando o seu ramo.

— Trabalha no centro cultural da aldeia, a preencher papelada, a datilografar umas coisas e a fazer café para os presidentes das câmaras das cidades maiores, quando vêm em visita. Já lhe disse que é um trabalho degradante para alguém com a sua inteligência, mas ela encolhe os ombros e continua. A minha mãe fez da simplicidade uma carreira. — Havia uma nota de amargura na voz de Helen, e perguntei-me se ela pensaria que essa simplicidade prejudicava não só a carreira da mãe, como as oportunidades da filha. Estas tinham-lhe sido abundantemente proporcionadas pela tia Eva, refleti. Helen estava a sorrir o seu sorriso invertido, que era arrepiante. — Vai ver...

A aldeia da mãe de Helen estava indicada por uma placa nos limites da cidadezinha, e em poucos minutos o nosso autocarro parou numa praça cercada de plátanos empoeirados, com uma igreja fechada com tábuas num dos lados. Uma velha, gêmea daquela avó vestida de preto que vira na última aldeia, esperava sozinha sob o abrigo da paragem de autocarro. Olhei inquisitivamente para Helen, mas ela abanou a cabeça e, dito e feito, a velha senhora abraçou um soldado que desceu à nossa frente.

Helen parecia encarar com naturalidade a nossa chegada solitária, e conduziu-me rapidamente por ruas laterais, passando por casas silenciosas com flores nas floreiras das janelas e persianas fechadas contra a forte luz do sol. Um velho sentado numa cadeira de madeira do lado de fora de uma casa fez um gesto com a cabeça e levou a mão ao chapéu. Perto do fim da rua, um cavalo cinzento estava amarrado a um poste, a beber avidamente água de um balde. Duas mulheres com vestidos de trazer por casa e chinelos conversavam em frente de um café que parecia fechado. Para lá dos campos, ouvia-se o toque dos sinos de uma igreja e, mais próximo, o canto dos pássaros nas tilias. Havia por toda a parte um sonolento rumorejar; a natureza estava apenas a um passo de distância, se soubéssemos que direção tomar.

Então, a rua terminou abruptamente num campo invadido por ervas daninhas, e Helen bateu à porta da última casa. Era muito pequena, uma casinha de estuque amarelado

com um telhado de telhas vermelhas, e parecia acabada de pintar por fora. O telhado ultrapassava a frente da casa, formando um alpendre natural, e a porta da frente era de madeira escura, com uma grande aldraba enferrujada. A casa ficava ligeiramente afastada das casas vizinhas, e não havia nenhuma horta colorida ou caminho de pedras recém-colocadas que levassem até ela, ao contrário de muitas outras casas da rua. Devido à pesada sombra do beiral, no primeiro minuto não pude ver o rosto da mulher que respondeu à chamada de Helen. Então pude vê-la claramente, e um momento depois estava a abraçar Helen e a beijá-la no rosto, com calma, quase formalmente, e em seguida virou-se para me apertar a mão.

Não sei exatamente o que esperava; talvez a história da deserção de Rossi e do nascimento de Helen me tivesse levado a imaginar uma beldade envelhecida e de olhos tristes, melancólica ou mesmo desamparada. A mulher real à minha frente tinha a postura direita de Helen, embora fosse mais baixa e mais pesada do que a filha, e um rosto firme e alegre, de faces redondas e olhos escuros. O cabelo escuro e liso estava preso num carrapito. Usava um vestido de algodão às riscas e um avental às flores. Ao contrário da tia Eva, não usava maquiagem ou jóias, e as suas roupas eram semelhantes às das donas de casa que eu tinha visto na rua. Tinha estado a fazer uma tarefa doméstica qualquer, de fato, porque tinha as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Deu um aperto de mão amistoso, sem dizer nada mas olhando-me diretamente nos olhos. E, só por um momento, vislumbrei a rapariga tímida que ela devia ter sido duas décadas antes, escondida nas profundezas daqueles olhos escuros, rodeados de pés-de-galinha.

Levou-nos para dentro e indicou-nos por gestos que nos sentássemos à mesa, onde havia colocado três chávenas lascadas e um prato de pãezinhos.

Senti o aroma do café acabado de fazer. Também tinha estado a cortar verduras, e um forte cheiro a cebolas cruas e batatas flutuava no ar.

Era a sua única divisão, reparei, tentando não olhar em volta de maneira muito evidente funcionava como cozinha, quarto de dormir e zona de estar. Estava imaculadamente limpa, a cama estreita num canto, coberta por uma colcha branca e enfeitada com várias almofadas brancas bordadas com cores vivas. Junto à cama, ficava uma mesinha onde havia um livro, um candeeiro com globo de vidro e uns óculos, e, ao lado dessa mesinha, uma cadeira pequena. Ao pé da cama, via-se um baú de madeira, pintado com flores. A área da cozinha, onde estávamos sentados, consistia num simples fogão e numa mesa com cadeiras. Não havia eletricidade nem casa de banho (só mais tarde fiquei a saber da casinha no jardim das traseiras). Pendurado numa das paredes, havia um calendário com uma fotografia de operários numa fábrica, e, noutra parede, um bordado a vermelho e branco. Havia flores numa jarra e cortinas brancas nas janelas. Uma pequena salamandra ficava, próxima da mesa da cozinha, com toros de lenha cortados e empilhados ao lado.

A mãe de Helen sorria-me, ainda um pouco tímida, e, pela primeira vez, vi a sua

semelhança com a tia Eva, e talvez também algo do que deve ter atraído Rossi. Tinha um sorriso excepcionalmente caloroso, que começava devagar e depois se abria luminoso e completamente aberto para a pessoa a quem se destinava, quase radiante. O sorriso desapareceu também lentamente, enquanto ela se sentava para cortar mais verduras. Olhou para mim outra vez e disse qualquer coisa em húngaro a Helen.

— Ela quer que eu lhe sirva o café. — Helen foi ocupar-se do fogão e encheu uma chávena, tirando açúcar de uma lata e mexendo. A mãe de Helen pousou a faca para empurrar o prato de pãezinhos na minha direção. Peguei num educadamente e agradeci-lhe com as minhas duas desajeitadas palavras de húngaro. Aquele sorriso radioso e lento começou a brilhar novamente e ela olhou de mim para Helen, dizendo mais uma vez à filha algo que eu não conseguia entender. Helen corou e voltou ao café.

— O que foi.

— Nada. São só as idéias provincianas de minha mãe, mais nada. — Veio sentar-se à mesa, colocando uma chávena em frente da mãe e enchendo a sua.

— Agora, Paul, se não se importar, vou perguntar à minha mãe como tem passado e as novidades da aldeia.

Enquanto conversavam, Helen na sua rápida voz de contralto e a sua mãe em respostas murmuradas, deixei o meu olhar passear novamente pela casa. Aquela mulher vivia não só com uma impressionante simplicidade talvez acontecesse o mesmo com os vizinhos, mas também imersa numa grande solidão. Havia só dois ou três livros à vista, nenhum animal, nem sequer uma planta num vaso. Era como a cela de uma freira.

Voltando a olhar para ela, reparei como era nova, muito mais do que a minha mãe. A sua cabeleira tinha uns fios grisalhos no alto da cabeça, onde o cabelo se repartia, e o rosto estava marcado pelos anos, mas havia alguma coisa de extraordinariamente firme e saudável nela, uma capacidade de atração completamente independente da moda ou da idade. Podia ter-se casado muitas vezes, refleti, e no entanto escolhera viver naquele silêncio de convento. Sorriu para mim outra vez, e eu retribuí-lhe o sorriso; o seu rosto era tão caloroso que tive de resistir à vontade de estender a minha mão e segurar uma das dela, que descascava delicadamente uma batata.

— A minha mãe gostaria de saber tudo a seu respeito — disse-me Helen, e, com a ajuda dela, respondi a todas as perguntas o melhor que pude. Cada pergunta foi-me feita em húngaro e em voz baixa, com um olhar inquisitivo da minha interlocutora, como se pudesse fazer-me entender através do poder do seu olhar. De que parte da América era eu? Por que viera até ali? Quem eram os meus pais? Não se importavam que eu viajasse para tão longe? Como conhecera Helen? Nesse ponto, introduziu várias outras perguntas que Helen parecia relutante em traduzir, uma delas acompanhada por uma carícia maternal no rosto de Helen. Helen parecia indignada e eu não a pressionei para que se explicasse. Em vez disso, voltamos aos meus estudos, aos meus planos, aos meus pratos preferidos.

Quando a mãe de Helen se deu por satisfeita, levantou-se e começou a dispor numa travessa grande vegetais e pedaços de carne, que temperou com uma coisa vermelha saída de uma jarra que estava por cima do fogão e depois meteu no forno. Limpou as mãos acidentalmente e sentou-se, olhando de mim para Helen sem dizer nada, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Por fim, Helen mexeu-se e, pelo modo como limpou a garganta, adivinhei que pretendia abordar o objetivo da nossa visita. A mãe observava-a em silêncio, sem alterar a expressão, até que Helen apontou para mim e disse a palavra "Rossi". Tive de recorrer à toda a minha coragem, sentado à mesa de uma aldeia longe de tudo o que me era familiar, para fixar o meu olhar naquele rosto tranquilo sem vacilar. A mãe de Helen pestanejou, uma vez, quase como se alguém tivesse ameaçado bater-lhe, e por um segundo os seus olhos desviaram-se rapidamente para o meu rosto. Então, abanou a cabeça, pensativa, e fez uma pergunta a Helen.

- Ela está a perguntar há quanto tempo conhece o professor Rossi.
- Há três anos - respondi.
- Agora — disse Helen — vou contar-lhe o desaparecimento dele.

Gentil e determinadamente, não tanto como se estivesse a falar com uma criança, mas como se estivesse a forçar-se a continuar contra a sua própria vontade, Helen falou com a mãe, às vezes fazendo um gesto na minha direção e outras vezes formando um desenho no ar com as mãos. Finalmente, captei a palavra "Drácula" e, ao ouvir este som, vi a mãe de Helen empalidecer e segurar a borda da mesa. Helen e eu levantámo-nos e Helen trouxe depressa um copo de água de um jarro. A mãe de Helen disse qualquer coisa rápida e áspera. Helen virou-se para mim.

- Ela diz que sempre soube que isto aconteceria.

Fiquei ali sem saber o que fazer mas, depois de ter bebido uns goles de água, a mãe de Helen parecia ter recuperado. Olhou para mim e, para minha surpresa, pegou-me na mão como eu tivera vontade de fazer com a sua minutos antes, e fez-me sentar de novo. Segurava-me na mão com ternura, com simplicidade, acariciando-a como se estivesse a confortar uma criança. Não conseguia imaginar nenhuma mulher do meu país a fazer aquilo a primeira vez que encontrava um homem, e, no entanto, nada me parecia mais natural. Compreendi o que Helen tinha querido dizer quando me avisou que, das duas mulheres mais velhas da sua família, seria da mãe que eu gostaria mais.

- A minha mãe quer saber se acredita honestamente que o professor Rossi tenha sido raptado por Drácula.

Inspirei profundamente.

- Acredito.

— E quer saber também se gosta muito do professor Rossi. — A voz de Helen era levemente desdenhosa, mas o seu rosto revelava expectativa. Se pudesse ter segurado sem correr risco a mão dela com a minha outra mão, tê-lo-ia feito.

- Daria a vida por ele — disse eu.

Helen repetiu a minha resposta para a mãe, que subitamente apertou a minha mão com toda a força, mais tarde, percebi que aquela força era o resultado de trabalhos infundáveis. Senti a aspereza dos dedos, os calos nas palmas, as articulações inchadas. Olhando para aquela mão pequena mas vigorosa, vi que era muitos anos mais velha do que a mulher a que pertencia.

Depois de alguns instantes, a mãe de Helen soltou-me a mão e foi até ao baú aos pés da cama. Abriu-o lentamente, mexeu em várias coisas no interior, e tirou o que imediatamente identifiquei como um maço de cartas. Os olhos de Helen arregalaram-se e fez uma pergunta em tom ríspido; a mãe não disse nada, limitou-se a voltar em silêncio para a mesa e pôs-me o maço de cartas na mão.

As cartas estavam em envelopes, sem selos, amarelecidas pelo tempo e atadas juntas com um cordão vermelho esfiapado. Enquanto me dava as cartas, a mãe de Helen fechou-me os dedos sobre o cordão com ambas as mãos, como se me exortasse a cuidar delas com carinho. Bastou olhar um segundo para a caligrafia no primeiro envelope para ver que era de Rossi, e para ler o nome a quem estavam endereçadas. O nome já eu conhecia, nos recessos da minha memória, e o endereço era Trinity College, Universidade de Oxford Inglaterra.

Estava profundamente emocionado ao pegar nas cartas de Rossi mas, antes de pensá-las, tinha uma obrigação a cumprir.

— Helen — disse eu, virando-me para ela —, sei que por vezes sentiu que eu não acreditava na história do seu nascimento. É verdade que em certos momentos duvidei. Por favor, perdoe-me

— Estou tão surpreendida como você — respondeu Helen em voz baixa. — A minha mãe nunca me contou que tinha cartas de Rossi. Mas não foram escritas para ela, pois não? Pelo menos, essa primeira não foi.

— Não — disse eu — Mas reconheço o nome. Era um grande historiador da literatura inglesa, escrevia sobre o século dezoito. Li um dos seus livros na faculdade, e Rossi mencionou-o nas cartas que me deu.

Helen parecia confusa.

— O que é que isto tem a ver com Rossi e a minha mãe?

— Tudo, talvez. Não está a ver? Deve ter sido Hedges, o amigo de Rossi, era por esse nome que Rossi o tratava, lembra-se? Rossi deve ter-lhe escrito da Romênia, embora isso não explique por que razão a sua mãe tem estas cartas

A mãe de Helen mantinha-se sentada com as mãos entrelaçadas, olhando para nós com uma expressão de grande paciência, mas pensei ter detectado um rubor de excitação no seu rosto. Depois falou, e Helen traduziu-me.

— Ela diz que vai contar-lhe a sua história toda. — Helen falava com a voz embargada e eu preendi a respiração.

Era um sistema cheio de pausas, a mulher mais velha a falar devagar e Helen a funcionar como tradutora, parando de tempos a tempos para expressar a sua própria surpresa. Aparentemente, Helen só ouvira até então os contornos da história, e agora estava chocada. Quando voltei para o hotel naquela noite, passei-a para o papel, de memória, o melhor que pude, lembro-me de que isso me levou uma boa parte daquela noite. Entretanto, muitas outras coisas estranhas tinham acontecido, e eu devia estar cansado, mas ainda me lembro de a ter registado com uma espécie de meticulosidade exaltada.

— Quando eu era pequena, vivia na aldeia de R, na Transilvânia, muito perto de Arges. Tinha muitos irmãos e irmãs, e a maioria deles ainda vive naquela região. O meu pai sempre dizia que descendíamos de famílias antigas e nobres, mas que os meus antepassados tinham passado por dificuldades, e cresci sem sapatos nem cobertores quentes. Era uma região pobre, e as únicas pessoas que viviam bem eram umas poucas famílias húngaras, nas suas grandes casas junto à margem do rio. O meu pai era terrivelmente severo e nós todos tínhamos medo do seu chicote. A minha mãe estava muitas vezes doente. Eu trabalhava no nosso campo fora da aldeia desde muito pequena. Às vezes, o padre trazia-nos comida

ou mantimentos, mas, em geral, tínhamos de nos governar como podíamos, sozinhos.

Quando eu tinha mais ou menos dezoito anos, uma velha chegou à nossa aldeia vinda de outra aldeia, lá em cima nas montanhas, a montante do rio. Era uma vidente, e disse ao meu pai que tinha um presente para ele e para os seus filhos, que tinha ouvido falar da nossa família e queria dar-lhe algo de mágico que era dele por direito. O meu pai era um homem impaciente, sem tempo para superstições de velhas, embora ele próprio esfregasse sempre alho em todas as aberturas da nossa casa — a chaminé e o batente da porta, o buraco da fechadura e as janelas — para espantar os vampiros. Enxotou a velha rudemente, dizendo que não tinha dinheiro para lhe dar, fosse o que fosse que ela queria impingir-lhe. Mais tarde, quando fui ao poço da aldeia buscar água, encontrei-a lá e dei-lhe um gole de água e um pedaço de pão. Ela abençoou-me e disse que eu era mais bondosa do que o meu pai, e que recompensaria a minha generosidade. Então, tirou de uma bolsa que trazia a cintura uma pequena moeda e pôs-na na mão, dizendo-me que a escondesse e a guardasse em segurança, porque pertencia a nossa família. Também disse que a moeda vinha de um castelo a montante do Arges.

Eu sabia que devia mostrar a moeda ao meu pai, mas não o fiz, porque pensei que ele ficaria zangado por eu ter falado com a velha bruxa. Então, escondi-a no meu canto da cama, que dividia com as minhas irmãs, e não contei a ninguém sobre a moeda. As vezes, pegava nela, quando sabia que ninguém estava a ver. Segurava-a na mão e perguntava-me com que intenção a velha me teria dado. Numa das faces da moeda via-se uma estranha criatura com a cauda enrolada, e, na outra, um pássaro e uma pequena cruz.

Passaram-se alguns anos e eu continuei a trabalhar a terra do meu pai e a ajudar a minha mãe em casa. O meu pai ficava desesperado por ter várias filhas. Dizia que nunca nos casaríamos porque ele era demasiado pobre para nos dar um dote, e que seríamos sempre um problema para ele. Mas a minha mãe contava-nos que todos na aldeia diziam que éramos tão bonitas que alguém acabaria por casar conosco. Eu tentava manter as minhas roupas limpas e o meu cabelo penteado e bem entrançado para que um dia alguém me escolhesse. Não gostava de nenhum dos rapazes que me convidavam para dançar nas festas, mas sabia que em breve teria de me casar com um deles para não me tornar um fardo para os meus pais. A minha irmã Eva partira há muito para Budapeste com a família húngara para quem trabalhava, e às vezes mandava-nos algum dinheiro. Uma vez, mandou-me mesmo um bom par de sapatos, sapatos de couro da cidade, nos quais tinha muito orgulho.

Era essa a minha situação quando conheci o professor Rossi. Não era vulgar que estrangeiros viessem à nossa aldeia, especialmente alguém de tão longe, mas um dia todos comentaram a novidade, que um homem de Bucareste estivera na taberna, e com ele um homem de outro país. Faziam perguntas sobre as aldeias ao longo do rio e sobre o castelo em ruínas nas montanhas mais acima do rio, a um dia de viagem a pé da nossa aldeia. O vizinho que passou lá em casa para nos contar esta novidade também sussurrou qualquer

coisa ao meu pai, que estava sentado no seu banco à porta de casa. O meu pai fez o sinal da cruz e cuspiu no chão de terra.

— Tolice e disparate — disse. — Ninguém devia fazer perguntas dessas. É um convite ao Demônio.

Mas fiquei curiosa. Saí para ir buscar água e poder ouvir mais sobre aquela história e, quando entrei na praça da aldeia, vi os estrangeiros sentados a uma das duas mesas do lado de fora da taberna, a conversar com um velho que estava sempre ali. Um dos estrangeiros era alto e moreno, como um cigano, mas usava roupas de cidade. O outro vestia um casaco castanho de um estilo que eu nunca tinha visto, calças largas enfiadas em botas de caminhar, e um chapéu castanho de abas largas na cabeça. Fiquei do outro lado da praça, perto do poço, e dali não conseguia ver o rosto do estrangeiro. Duas das minhas amigas queriam ver mais de perto, e chamaram-me baixinho para ir com elas. Fui, relutante, sabendo que o meu pai não aprovaria.

Quando passamos em frente da taberna, o homem estrangeiro olhou para mim e vi, para minha surpresa, que era jovem e bonito, com uma barba dourada e brilhantes olhos azuis como as pessoas das aldeias alemãs do nosso país. Estava a fumar cachimbo e a falar em voz baixa com o seu companheiro. No chão, perto dele, havia uma bolsa de lona muito usada, com tiras para os ombros, e ele estava a escrever qualquer coisa num livro com capa de cartão. Tinha um aspecto de que gostei imediatamente era distraído, amável e muito vivo, tudo ao mesmo tempo. Cumprimentou-nos levando a mão ao chapéu e desviou rapidamente o olhar, e o homem feio levou também a mão ao chapéu e olhou para nós, e em seguida voltaram a conversar com o velho Ivan e a anotar coisas. O homem grandalhão parecia estar a falar em romeno com o velho Ivan, e de vez em quando virava-se para o homem mais novo e dizia qualquer coisa numa língua que eu não entendia. Continuei a andar depressa com as minhas amigas, não querendo que o belo estrangeiro pensasse que eu era mais atrevida do que elas.

Na manhã seguinte, dizia-se na aldeia que os estrangeiros tinham dado dinheiro a um jovem na taberna para lhes mostrar o caminho até ao castelo em ruínas chamado Poenari, muito acima do Arges. Ficariam fora até ao dia seguinte. Ouvi o meu pai contar a um amigo que eles estavam à procura do castelo do príncipe Vlad. Lembrava-se de outra vez em que o doido com cara de cigano estivera lá, à procura do castelo.

— Os doidos nunca aprendem — dizia o meu pai, com raiva.

Eu nunca tinha ouvido aquele nome príncipe Vlad — antes. As pessoas da nossa aldeia costumavam chamar ao castelo Poenari ou Arefu. O meu pai disse que o homem que levava os estrangeiros até lá era louco por dinheiro. Juro que dinheiro nenhum no mundo seria capaz de fazer com que ele, o meu pai, passasse lá a noite, porque as ruínas estavam cheias de espíritos malignos. Disse que provavelmente o estrangeiro estava à procura de algum tesouro, o que era uma loucura, porque todo o tesouro do príncipe que vivera ali estava enterrado bem fundo, e havia um feitiço maligno relacionado com ele. O meu pai

disse que, se alguém o encontrasse e o tesouro fosse exorcizado, ele deveria receber uma parte, porque parte daquele tesouro lhe pertencia por direito próprio. Depois, reparou que eu e as minhas irmãs estávamos a ouvir e calou-se.

O que o meu pai disse fez-me lembrar a pequena moeda que a velha me dera, e pensei, cheia de remorsos, que tinha uma coisa que devia ter dado ao meu pai. Mas uma revolta cresceu dentro de mim, e decidi encontrar uma maneira de dar a minha moeda ao belo estrangeiro, já que ele estava à procura do tesouro no castelo. Quando tive uma oportunidade, tirei a moeda do seu esconderijo e atei-a no canto de um lenço, que, por sua vez, amarrei ao meu avental.

O estrangeiro só voltou a aparecer dois dias depois, e então vi-o sentado sozinho à mesma mesa, parecendo muito cansado, com as roupas sujas e rasgadas. As minhas amigas disseram que o cigano da cidade partira naquele dia e que o estrangeiro estava sozinho. Ninguém sabia por que é que ele queria ficar mais tempo. Tinha tirado o chapéu e pude ver os seus cabelos castanho-claros, despenteados. Havia outros homens com ele, e estavam a beber. Não ousei aproximar-me ou falar com o estrangeiro porque aqueles homens estavam com ele, e parei para conversar um pouco com uma amiga. Enquanto conversávamos, o estrangeiro levantou-se e entrou na taberna.

Fiquei muito triste e pensei que seria impossível dar-lhe a minha moeda. Mas eu estava com sorte naquela tarde. Quando ia a sair do campo do meu pai, onde ficara a trabalhar enquanto os meus irmãos e irmãs estavam ocupados com outras tarefas, vi o estrangeiro a caminhar sozinho nos limites do bosque.

Andava ao longo do atalho que levava ao rio, com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Estava completamente sozinho e, agora que tinha oportunidade de falar com ele, senti medo. Para me dar coragem, segurei o nó do lenço onde a moeda estava escondida. Andei na direção dele e parei no atalho, esperando que se aproximasse.

Tive a impressão de que demorou muito tempo, enquanto fiquei ali à espera. Ele não deve ter notado a minha presença até estarmos quase cara a cara. Então, levantou o olhar, parecendo surpreendido e embaraçado. Tirou o chapéu e afastou-se para o lado, como a dar-me passagem, mas fiquei muito quieta, a ganhar coragem, e saudei-o. Ele inclinou-se um pouco e sorriu e ficamos ali a olhar-nos por um momento. Não havia nada no seu rosto ou nas suas maneiras que me fizesse sentir medo, mas estava quase paralisada pela timidez.

Antes de perder a coragem, desamarrei o lenço do meu cinto e desembulhei a moeda. Dei-lha, em silêncio, e ele pegou nela e virou-a, examinando-a com cuidado. De repente um clarão surgiu no seu rosto e olhou para mim novamente com um olhar muito penetrante, como se pudesse ver através do meu coração. Tinha os olhos mais brilhantes, mais azuis que se pode imaginar. Senti-me tremer toda.

— De onde? De onde? — gesticulou ele para me explicar a sua pergunta. Fiquei espantada por ele conhecer algumas palavras na nossa língua. Ele bateu com o pé no chão, e compreendi. Eu tinha tirado a moeda da terra? Sacudi a cabeça.

— *De undé?*

Tentei imitar uma mulher velha, com um lenço na cabeça e apoiada numa bengala — imitei-a a dar-me a moeda. Ele fez que sim com a cabeça, franziu a testa. Depois fez os gestos da mulher e apontou ao longo do atalho na direção da nossa aldeia.

— De lá?

Não sacudi a cabeça de novo e apontei rio acima e para o céu, para onde achava que o castelo ficava, e para a aldeia onde a velha morava. Apontei para ele e imitei os pés a caminhar — lá para cima! O clarão apareceu novamente no seu rosto e ele fechou a mão sobre a moeda. Quis devolver-ma, mas eu recusei, apontando para ele e sentindo que estava a corar. Ele sorriu, pela primeira vez, e inclinou-se para mim, e eu senti-me como se o céu se tivesse aberto diante dos meus olhos por um momento.

— *Multumesc* — disse ele. — Obrigado.

Então, quis ir-me embora a correr, antes que o meu pai desse pela minha falta à mesa do jantar, mas o estrangeiro deteve-me com um gesto rápido. Apontou para si mesmo.

— *Ma numesc Bartolomeo Rossi* —disse. Repetiu, depois escreveu o nome na terra aos nossos pés. Ri ao tentar pronunciar o nome dele. E depois ele apontou para mim.

-*Vot?* — disse. — Qual é o teu nome?

Respondi e ele repetiu, sorrindo de novo.

— Família? — ele parecia estar à procura das palavras.

— O nome da minha família é Getzi — disse-lhe eu.

O seu rosto pareceu encher-se de surpresa. Apontou na direção do rio, depois para mim, e disse qualquer coisa várias vezes, seguida da palavra "Drácula", que compreendi significar "do dragão". Não conseguia entender o que queria dizer. Por fim, abanando a cabeça e suspirando, ele disse: "amanhã". Apontou para mim, para ele, para o lugar onde estávamos, e para o Sol no céu. Percebi imediatamente que estava a pedir-me para estar ali à mesma hora na tarde seguinte. Sabia que o meu pai ficaria muito zangado se descobrisse. Apontei para o chão, depois levei um dedo aos lábios. Não conhecia outra maneira de lhe dizer que não falasse sobre aquilo com ninguém na aldeia. Ele pareceu alarmado, mas depois levou por sua vez o dedo aos lábios e sorriu-me. Até àquele momento, eu ainda sentia um pouco de medo dele, mas o seu sorriso era maravilhosamente gentil e os seus olhos azuis brilhavam. Tentou mais uma vez devolver-me a moeda e, quando voltei a recusar, inclinou-se, pôs o chapéu na cabeça e voltou para o bosque na direção de onde tinha vindo. Percebi que estava a permitir-me voltar sozinha para a aldeia, e parti rapidamente, sem me virar para trás para olhar para ele.

Toda aquela noite, à mesa do meu pai, lavando e limpando a louça com a minha mãe, pensei no estrangeiro. Pensava nas suas roupas estrangeiras, nos seus modos bem-educados, na expressão do seu rosto, que era distraída e alerta ao mesmo tempo, nos seus olhos brilhantes. Pensei nele durante todo o dia seguinte enquanto fiava com as minhas irmãs, preparava o jantar, ia buscar água e trabalhava no campo. A minha mãe

repreendeu-me muitas vezes por não estar a prestar atenção ao que fazia. A tardinha, fiquei por trás a acabar de arrancar as ervas daninhas, e fiquei aliviada quando os meus irmãos e o meu pai desapareceram na direção da aldeia.

Logo que eles se foram embora, corri para a orla do bosque. O estrangeiro estava lá sentado, encostado a uma árvore, e, quando me viu, pôs-se de pé num salto e ofereceu-me um lugar para me sentar num tronco próximo do atalho. Mas eu tinha medo que alguém da aldeia passasse e levei-o mais para dentro do bosque, com o coração a bater com força pelo que estava a fazer. Lá, sentámo-nos em duas pedras. O bosque estava cheio dos sons vespertinos dos pássaros era o início do Verão e tudo estava muito verde e impregnado de calor.

O estrangeiro tirou do bolso a moeda que eu lhe dera e colocou-a no chão, com cuidado. Depois, tirou uns livros da mochila e começou a folheá-los. Mais tarde soube que eram dicionários de Romeno e da língua que ele falava. Muito devagar, consultando frequentemente os seus livros, perguntou-me se eu tinha visto outras moedas como a que lhe dera. Respondi que não. Explicou-me que o animal na moeda era um dragão e perguntou-me se eu já tinha visto aquele dragão em qualquer outro lugar, num edifício ou num livro. Respondi que tinha um igual no meu ombro.

A princípio, não percebeu nada do que eu estava a dizer. Eu orgulhava-me de saber escrever o nosso alfabeto e ler um pouco houvera uma escola na aldeia durante algum tempo, quando eu era pequena, e um padre vinha ensinar-nos. O dicionário do estrangeiro era muito confuso para mim, mas juntos encontramos a palavra "ombro". Ele pareceu intrigado e perguntou-me novamente: "Drákula?" Pegou na moeda. Toquei no meu ombro por cima da blusa e fiz que sim com a cabeça. Ele olhou para o chão, com o rosto a ficar corado, e de repente senti que eu era a mais corajosa dos dois. Desabotoei o meu casaco de lã e despi-o, depois abri a gola da minha blusa. O coração batia-me com força, mas alguma coisa tomara conta de mim e eu não conseguia parar. Ele olhou para o outro lado, mas baixei a manga da blusa e aponteí.

Não conseguia lembrar-me desde quando tinha um pequeno dragão verde-escuro estampado no ombro. A minha mãe dizia que o dragão era marcado num filho de cada geração da família do meu pai, e que ele me escolhera porque pensava que eu provavelmente seria a mais feia de todas quando crescesse. O meu pai dizia que o avô dele lhe contara que aquilo era necessário para manter os espíritos malignos longe da nossa família. Ouvi aquela história apenas uma ou duas vezes, porque normalmente o meu pai não gostava de falar no assunto, e eu não sabia sequer quem era o parente da geração dele que possuía a marca, se estava no seu corpo ou no de um dos seus irmãos ou irmãs. O meu dragão era muito diferente do pequeno dragão da moeda e, por isso, até o estrangeiro me perguntar se eu tinha mais qualquer coisa com a imagem de um dragão, nunca associara os dois.

O estrangeiro examinou com atenção o dragão na minha pele, segurando a moeda

perto dele, mas sem me tocar ou mesmo aproximar-se. O seu rosto continuava corado e pareceu aliviado quando fechei novamente a minha blusa e vesti o casaco. Consultou os seus dicionários e perguntou-me com dificuldade quem pusera o dragão ali. Quando eu disse que fora o meu pai com a ajuda de uma velha da aldeia, uma curandeira, perguntou se podia falar com o meu pai sobre aquilo. Eu neguei com tanta força que ele ficou muito vermelho outra vez. Então disse-me, com muita dificuldade, que a minha família descendia de um príncipe maligno que construíra o castelo a montante do rio. Esse príncipe tinha sido chamado "o filho do dragão", e havia morto muitas pessoas. Disse que o príncipe se tornara um *pricolic*, um vampiro. Fiz o sinal da cruz e pedi à Virgem Maria que me protegesse. Perguntou se eu conhecia aquela história e eu respondi que não. Perguntou-me a idade, se tinha irmãos e irmãs e se havia outras pessoas na aldeia com o nosso apelido.

Finalmente, apontei para o Sol, que já se tinha quase posto, para mostrar que tinha de voltar para casa, e ele levantou-se rapidamente, com uma expressão séria. Deu-me a mão e ajudou-me a levantar. Quando segurei na sua mão, o coração saltou-me para os dedos. Fiquei embaraçada e voltei-me rapidamente. Mas refleti que ele estava demasiado interessado nos espíritos malignos e poderia correr algum perigo. Talvez eu devesse dar-lhe alguma coisa que o protegesse. Apontei para o chão e para o Sol. "Venha amanhã", disse-lhe. Ele hesitou por um instante e finalmente sorriu. Pôs o chapéu e levou a mão à aba. Depois desapareceu no bosque.

Na manhã seguinte, quando fui ao poço, ele estava sentado na taberna com os velhos, a escrever outra vez qualquer coisa. Pensei tê-lo visto olhar para mim, mas ele não deu qualquer sinal de me reconhecer. Eu estava muito feliz por dentro, porque vi que ele tinha mantido o nosso segredo. À tarde, quando o meu pai, a minha mãe, e os meus irmãos e irmãs estavam fora de casa, fiz uma coisa feia. Abri o baú de madeira dos meus pais e tirei dele uma pequena adaga de prata que vira lá muitas vezes. A minha mãe tinha-me dito uma vez que servia para matar vampiros se eles viessem incomodar as pessoas ou os rebanhos. Também peguei num punhado de cabeças de alho da horta da minha mãe. Escondi tudo no lenço quando fui para o campo.

Daquela vez, os meus irmãos trabalharam durante muito tempo ao meu lado e eu não conseguia livrar-me deles, mas finalmente disseram que iam voltar para a aldeia e queriam que eu fosse com eles. Eu disse-lhes que ia apanhar umas ervas no bosque e já voltava. Estava muito nervosa quando finalmente cheguei junto do estrangeiro, que encontrei no fundo do bosque, no nosso ressalto de pedras. Estava a fumar o seu cachimbo, mas, quando me aproximei, pô-lo de lado e levantou-se rapidamente. Sentei-me junto dele e mostrei-lhe o que trouxera. Ficou espantado quando viu a faca, e muito interessado quando lhe expliquei que poderia usá-la para matar *pricoliri*. Não queria aceitá-la, mas insisti com tanta veemência para que a levasse, que ele parou de sorrir e guardou-a com ar pensativo na mochila, embrulhando-a primeiro no meu lenço. A seguir, entreguei-lhe as cabeças de alho

e mostrei-lhe que devia ter sempre algumas no bolso do casaco.

Perguntei-lhe quanto tempo ficaria na nossa aldeia e ele mostrou-me cinco dedos mais cinco dias. Deu-me a entender que visitaria várias aldeias nas redondezas, indo a pé para cada uma delas a partir da nossa aldeia, para conversar com as pessoas sobre o castelo. Perguntei-lhe para onde iria quando deixasse a nossa aldeia ao fim dos cinco dias. Disse que iria para um país chamado Grécia, de que eu já tinha ouvido falar antes, e depois para a sua cidade, no seu país. Fez um desenho no chão da floresta, mostrando-me que o seu país, que se chamava Inglaterra, era uma ilha muito longe dali. Mostrou-me também onde ficava a sua universidade não percebi o que ele quis dizer e escreveu o nome dela na terra. Ainda me lembro daquelas letras: OXFORD. Eu escrevia-as às vezes, mais tarde, para poder olhar para elas outra vez. Era a palavra mais estranha que eu já vira.

De repente, tomei consciência de que ele partiria em breve e que eu nunca mais o veria, ou a alguém como ele, e os meus olhos encheram-se de lágrimas. Eu não queria chorar nunca tinha chorado pelos rapazes enfadonhos da aldeia —, mas as minhas lágrimas não me obedeciam e desciam-me pela cara. Ele parecia muito aflito e tirou um lenço branco do bolso do casaco e deu-mo. O que acontecera? Sacudi a cabeça. Ele levantou-se devaga e deu-me a mão para me ajudar a levantar, como tinha feito na noite anterior. Enquanto eu me levantava, tropecei e caí em cima dele sem querer, e, quando ele me segurou, beijámo-nos. Depois, virei-me e corri pelo bosque. Quando cheguei ao atalho, olhei para trás. Lá estava ele, de pé, imóvel como uma árvore, a olhar para mim. Fui a correr até à aldeia e fiquei toda a noite acordada com o lenço dele escondido na mão.

Na tarde seguinte, ele estava no mesmo lugar, como se nunca tivesse saído de onde eu o tinha deixado. Corri para ele, que abriu os braços e me recebeu neles. Quando não podíamos mais beijar-nos, ele estendeu o casaco no chão e deitámo-nos juntos. Durante essa hora, aprendi sobre o amor, um momento de cada vez. De perto, os olhos dele eram tão azuis como o céu. Pôs-me flores nas tranças e beijou-me os dedos. Surpreendi-me com muitas coisas que fez, e com outras que eu fiz, e sabia que era errado, um pecado, mas sentia a alegria do céu abrir-se à nossa volta.

Depois daquilo, houve três tardes antes de ele partir. Encontrávamo-nos cada dia mais cedo. Dava qualquer desculpa que conseguia inventar ao meu pai e à minha mãe e chegava sempre à casa com ervas do bosque, como se tivesse ido lá para as colher. Todas as tardes, Bartolomeo dizia que me amava e implorava que eu me fosse embora com ele quando ele deixasse a aldeia. Eu queria, mas tinha medo do grande mundo de onde ele vinha, e não conseguia imaginar como escaparia ao meu pai. Todas as tardes lhe perguntava por que é que ele não podia ficar comigo na aldeia, e ele sacudia a cabeça e dizia que tinha de voltar para a sua casa e para o seu trabalho.

No último dia antes de ele deixar a aldeia, comecei a chorar assim que nos tocamos. Ele abraçou-me e beijou-me o cabelo. Eu nunca tinha conhecido um homem tão gentil e bondoso. Quando parei de chorar, ele tirou do dedo um pequeno anel de prata com um

brasão. Não tenho a certeza, mas hoje acho que era o brasão da universidade dele. Usava no dedo mindinho da mão esquerda. Tirou-o e colocou-o no meu anular. E pediu-me em casamento. Devia ter andado a estudar o dicionário, porque eu percebi imediatamente.

A princípio, parecia uma idéia tão impossível que comecei outra vez a chorar eu era muito jovem, mas depois aceitei. Ele fez-me entender que voltaria para me buscar daí a quatro semanas. Iria à Grécia para resolver qualquer coisa eu não conseguia entender o que era. Depois, voltaria para me buscar e daria dinheiro ao meu pai para ele ficar feliz. Tentei explicar-lhe que não tinha dote, mas ele não ouvia. Sorrindo, mostrou-me a adaga e a moeda que eu lhe dera, fez um círculo com as mãos em volta do meu rosto e beijou-me.

Eu devia ter ficado feliz, mas tinha a sensação de que havia espíritos malignos presentes e tive medo de que acontecesse alguma coisa que o impedisse de voltar. Cada momento que passamos juntos naquela tarde foi muito doce, porque eu pensava que cada um seria o último. Ele estava tão confiante, tão seguro de que nos voltaríamos a ver em breve. Não consegui dizer-lhe adeus enquanto não ficou quase escuro no bosque, mas comecei a ter medo da raiva do meu pai e por fim beijei Bartolomeo uma última vez, certificando-me de que o alho estava no seu bolso, e deixei-o. Virei-me uma vez, e mais outra. A cada vez que eu olhava para trás, avistava-o parado no bosque, segurando o chapéu nas mãos. Parecia muito solitário.

Chorei a medida que andava, e tirei o anelzinho do meu dedo, beijando-o, e atei-o no meu lenço. Quando cheguei a casa, o meu pai estava zangado e queria saber onde é que eu tinha estado depois do pôr do Sol sem autorização. Disse-lhe que a minha amiga Maria tinha perdido um cabrito e que eu tinha andado a ajudá-la a procurá-lo. Fui para a cama com o coração pesado, sentindo-me ora esperançada, ora triste de novo.

Na manhã seguinte, ouvi dizer que Bartolomeo tinha deixado a aldeia, viajando com um lavrador na carroça deste, na direção de Târgoviste. O dia foi muito longo e triste para mim, e à tardinha fui ao nosso ponto de encontro no bosque para aí ficar sozinha. Ver aquele lugar fez-me chorar outra vez. Sentei-me nas nossas pedras e finalmente deitei-me no mesmo sítio onde nos tínhamos deitado todas as tardes. Encostei a cara à terra e solucei. Então, senti que a minha mão esbarrava em qualquer coisa entre as avencas, e, para minha surpresa, encontrei um pacote de cartas em envelopes. Não conseguia ler o que estava escrito no lugar onde estavam endereçados a alguém, mas no remetente de cada envelope estava estampado o lindo nome dele, como num livro. Abri algumas cartas e beijei a escrita dele, embora pudesse ver que não me eram dirigidas. Por um momento, perguntei-me se não teriam sido escritas para outra mulher, mas afastei imediatamente esta idéia da cabeça. Percebi que as cartas deviam ter caído da mochila quando ele a abria para me mostrar a adaga e a moeda que eu lhe dera.

Pensei em tentar enviar-lhas para Oxford, na ilha da Inglaterra, mas não era capaz de encontrar nenhuma maneira de as enviar sem dar nas vistas. Também não sabia como poderia pagar para enviar fosse o que fosse. Devia custar dinheiro enviar um pacote para

aquela ilha distante, e eu nunca tivera nenhum dinheiro além da pequena moeda que dera a Bartolomeo. Decidi guardar as cartas para lhes devolver quando ele voltasse para mim.

Quatro semanas passaram, muito, muito devagar. Eu fazia cortes numa árvore perto do nosso local secreto para poder contar os dias. Trabalhava no campo, ajudava a minha mãe, fiava e tecia para as nossas roupas do próximo Inverno, ia à igreja e ficava de ouvido alerta onde era possível, esperando notícias de Bartolomeo. A princípio, os velhos falavam um pouco dele, e sacudiam as cabeças por causa do seu interesse por vampiros. "Nada de bom pode vir daquilo", dizia um deles, e os outros concordavam. Ouvir isso causava-me uma mistura terrível de felicidade e dor. Ficava feliz ao ouvir alguém falar dele, já que não podia dizer uma palavra a ninguém, mas também sentia um arrepio ao pensar que ele podia estar a atrair a atenção dos *pricolici*.

Imaginava constantemente o que aconteceria quando ele voltasse. Iria até a porta do meu pai, bateria e pediria ao meu pai a minha mão em casamento? Imaginava como a minha família ficaria surpreendida. Haviam de se reunir todos à porta e ficariam a olhar enquanto Bartolomeo lhes dava presentes e eu lhes dava beijos de despedida. Então, ele levava-me embora numa carroça que estaria à nossa espera, talvez até num automóvel. Partiríamos da aldeia e atravessaríamos terras que eu nem podia imaginar, para lá das montanhas, para lá da grande cidade onde a minha irmã Eva vivia. Esperava que pudéssemos parar para visitar Eva, pois sempre gostara mais dela que dos outros. Bartolomeo também haveria de gostar dela, porque era forte e corajosa, uma viajante como ele.

Passei quatro semanas desta maneira e, no fim da quarta semana, estava cansada e pouco conseguia comer ou dormir. Quando já tinha feito quase quatro semanas de talhos na árvore, comecei a ficar à espera de um indício do seu regresso. Todas as vezes que uma carroça chegava à aldeia, o som das rodas fazia o meu coração dar um salto. Ia buscar água ao poço três vezes por dia, de olhos e ouvidos atentos, à espera de notícias. Dizia a mim mesma que ele provavelmente não viria depois de quatro semanas exatas, e que eu devia esperar mais uma semana. Depois da quinta semana, adoei e tive a certeza de que o príncipe dos *pricolici* o matara. Uma vez, cheguei mesmo a pensar que o meu amado poderia voltar para mim sob a forma de um vampiro. Corri para a igreja em pleno dia e rezei em frente do ícone da Virgem para me livrar daquela idéia horrível.

Na sexta e na sétima semanas, comecei a perder as esperanças. Na oitava semana soube, através de muitos sinais de que tinha ouvido falar as mulheres casadas, que ia ter um filho. Então, chorei em silêncio na cama das minhas irmãs, à noite, e senti que o mundo inteiro, até mesmo Deus e a Mãe Santíssima, se tinha esquecido de mim. Não sabia o que acontecera com Bartolomeo, mas pensava que devia ter sido algo terrível, porque sabia que ele me amava de verdade. Em segredo, colhi as ervas e raízes que sabia que impediam uma criança de vir ao mundo, mas foi inútil. O meu bebê estava forte dentro de mim, mais forte do que eu, e comecei a amar aquela força, mesmo sem querer. Quando levava a mão

discretamente à barriga, sentia o amor de Bartolomeo e acreditava que ele não podia ter-se esquecido de mim.

Sabia que teria de abandonar a aldeia antes de trazer vergonha à minha família e desencadear a ira do meu pai sobre mim. Pensei em tentar encontrar a velha mulher que me dera a moeda. Talvez ela me acolhesse e me deixasse cozinhar e limpar a casa. Ela viera de uma das aldeias acima do Arges, perto do castelo *dopricolic*, mas não sabia que aldeia era, nem se ela ainda estava viva. Havia ursos e lobos nas montanhas e muitos espíritos malignos, e eu não me atrevia a deambular pela floresta sozinha.

Finalmente, resolvi escrever à minha irmã Eva, o que fizera uma ou duas vezes antes. Tirei papel e um envelope da casa do padre, onde às vezes trabalhava na cozinha. Na carta, contei-lhe a minha situação e implorei-lhe que viesse buscar-me. A resposta dela demorou outras cinco semanas a chegar. Graças a Deus, o lavrador que a trouxe, juntamente com alguns mantimentos, entregou-me e não ao meu pai, e eu li-a em segredo, no bosque. A parte do meio do meu corpo já estava a crescer e a arredondar-se, provocando-me uma sensação estranha quando me sentava num tronco, embora ainda conseguisse esconder a barriga com o avental.

Havia algum dinheiro na carta, dinheiro romeno, mais do que eu alguma vez vira, e o bilhete de Eva era curto e prático. Dizia que eu deveria deixar a aldeia a pé, caminhar até à próxima aldeia, a cerca de cinco quilómetros de distância, e aí arranjar boleia numa carroça ou num caminhão até Târgoviste. Dali, poderia conseguir transporte até Bucareste, e, em Bucareste, apanhar o comboio até à fronteira com a Hungria. O marido dela iria esperar-me no posto fronteiriço de T. no dia vinte de Setembro ainda me lembro da data. Dizia-me para eu programar a minha viagem da melhor maneira possível para chegar lá nesse dia. Dentro da carta, encontraria um convite timbrado do Governo da Hungria que me ajudaria a entrar no país. Despedia-se com afeto, dizia para eu ter muito cuidado e desejava-me uma viagem segura. Quando cheguei ao fim da carta, beije a assinatura dela e abençoei-a com todo o meu coração.

Arrumei os meus poucos pertences numa pequena bolsa, incluindo os meus sapatos bons, guardados para a viagem de comboio, as cartas que Bartolomeo perdera e o seu anel de prata. Uma manhã, ao sair da nossa casa, abracei e beije a minha mãe, que estava a ficar velha e mais doente. Queria que ela soubesse, mais tarde, que de alguma forma eu me despedira dela. Acho que ficou surpreendida, mas não me fez nenhuma pergunta. Nessa manhã, em vez de ir para o campo, atravessei o bosque, evitando a estrada. Parei para me despedir do lugar secreto no bosque onde me deitara com Bartolomeo. As quatro semanas de cortes na árvore já estavam a desaparecer. Naquele mesmo sítio, pus o anel de prata no dedo e ate um lenço à cabeça, como uma mulher casada. Sentia o Inverno a chegar nas folhas amareladas e no ar fresco. Fiquei ali parada por alguns momentos e depois parti ao longo do atalho até à aldeia mais próxima.

Não me lembro de toda a viagem, apenas de que estava muito cansada e às vezes

ficava com muita fome. Uma noite, dormi em casa de uma senhora idosa que me deu uma boa sopa e disse que o meu marido não devia deixar-me viajar sozinha. Outra vez, tive de dormir num celeiro. Finalmente, consegui transporte até Târgoviste, e depois para Bucareste. Quando podia, comprava pão, mas, como não sabia de quanto dinheiro precisaria para o comboio, fui muito cuidadosa. Bucareste era muito grande e bonita, mas assustava-me porque havia tantas pessoas, todas muito bem vestidas, e homens que me olhavam com ousadia nas ruas. Tive de dormir na estação de caminho-de-ferro. O comboio também era assustador, um enorme monstro negro. Depois de me sentar lá dentro, junto de uma janela, senti o meu coração ficar mais leve. Passamos por muitas paisagens maravilhosas montanhas e rios e campos de girassóis, todos a virar as cabeças na mesma direção.

Na estação da fronteira, fiquei a saber que era dezenove de Setembro e dormi num banco até que um dos guardas me deixou entrar na sua barraca e me deu café quente. Perguntou onde estava o meu marido e eu disse-lhe que ia para a Hungria para me encontrar com ele. Na manhã seguinte, um homem de fato e chapéu pretos veio procurar-me. Tinha um rosto muito bondoso, beijou-me nas duas faces e chamou-me irmã. Amei o meu cunhado desde aquele momento até ao dia em que ele morreu, e ainda o amo. Foi mais meu irmão do que qualquer outro irmão da minha família. Tomou conta de tudo, ofereceu-me um jantar quente no comboio, que comemos a uma mesa com toalha. Comíamos e olhávamos pela janela do comboio para todas as coisas que passavam.

Eva estava à nossa espera na estação de Budapeste. Usava um fato de saia e casaco e um lindo chapéu, e achei que ela parecia uma rainha. Abraçou-me e beijou-me muitas vezes. O meu bebê nasceu no melhor hospital de Budapeste. Eu queria chamar-lhe Eva mas Eva disse que preferia ser ela a escolher o nome, e chamou-lhe Elena. Era um bebê adorável, com grandes olhos escuros, e sorriu muito cedo, com apenas cinco dias de vida. Todos diziam que nunca tinham visto um bebê sorrir tão cedo. Tivera esperanças que nascesse com os olhos azuis de Bartolomeo, mas parecia-se apenas com a minha família.

Esprei para lhe escrever até que o bebê nascesse, porque queria contar-lhe de um bebê verdadeiro, e não falar apenas sobre a minha gravidez. Quando Elena fez um mês pedi ao meu cunhado que me ajudasse a encontrar a morada da universidade de Bartolomeo, Oxford, e fui eu própria que escrevi aquela estranha palavra no envelope. O meu cunhado escreveu-me a carta em alemão e assinei-a com a minha mão. Na carta, contei a Bartolomeo que tinha esperado três meses por ele, e que deixara a aldeia porque sabia que esperava um filho seu. Contei-lhe as minhas viagens e da casa da minha irmã em Budapeste. Contei-lhe de Elena, como ela era doce, como era feliz. Disse que o amava e que tinha medo de que algo de terrível tivesse acontecido que o tivesse impedido de voltar. Perguntei-lhe quando o veria, e se ele podia vir a Budapeste buscar-nos, a mim e a Elena. Disse-lhe que, fosse o que fosse que tivesse acontecido, o amaria até ao fim da minha vida.

Então, esprei de novo, dessa vez por um longo, longo tempo e, quando Elena já

estava a dar os primeiros passos, chegou uma carta de Bartolomeo. Vinha da América, e não da Inglaterra, e estava escrita em alemão. O meu cunhado traduziu-me com uma voz muito gentil, mas percebi que ele era demasiado honesto para alterar o que ela dizia. Na sua carta, Bartolomeo dizia que recebera uma carta minha que tinha seguido primeiro para a sua antiga morada em Oxford. Dizia-me, educadamente, que nunca tinha ouvido falar em mim nem vira o meu nome antes, e que nunca estivera na Romênia, de maneira que a criança que eu descrevia não podia ser dele. Lamentava muito ouvir uma história tão triste e desejava-me boa sorte. Era uma carta curta e muito delicada, não ríspida, e não havia nela qualquer indício de que ele realmente me conhecesse.

Chorei durante muito tempo. Era jovem e não percebia que as pessoas podem mudar, que as suas mentes e os seus sentimentos podem mudar. Quando já estava na Hungria há vários anos, comecei a compreender que é possível ser-se uma pessoa na sua terra e uma pessoa diferente quando se está num país diferente. Percebi que alguma coisa desse género tinha acontecido com Bartolomeo. No fim, o meu único desejo era que ele não tivesse mentido, não tivesse dito que não me conhecia. Queria isso porque, quando estávamos juntos, tinha sentido que ele era uma pessoa honrada, uma pessoa de confiança, e não queria pensar mal dele.

Eduquei Elena com a ajuda dos meus parentes e ela tornou-se uma rapariga linda e brilhante. Tenho a certeza disto porque ela tem o sangue de Bartolomeo. Conte-lhe sobre o pai nunca lhe menti. Talvez não tenha contado o suficiente, mas ela era demasiado nova para entender que o amor torna as pessoas cegas e tolas. Foi para a universidade e eu tinha muito orgulho nela, e contou-me que ouvira dizer que o pai era um grande letrado na América. Eu tinha esperança de que um dia ela pudesse encontrá-lo. Mas não sabia que ela estava na universidade para onde foste — acrescentou a mãe de Elena, virando-se quase com censura na voz para a filha, e foi desse modo abrupto que terminou a sua história.

Helen murmurou o que podia ser uma desculpa ou uma manifestação de autodefesa, e abanou a cabeça. Parecia tão atordoada como eu. Durante toda a história, tinha ficado quieta, traduzindo como se mal respirasse, murmurando qualquer coisa só quando a mãe descreveu o dragão no seu ombro. Muito mais tarde, Helen contou-me que a mãe nunca se despiria na sua presença, e também nunca a levava aos banhos públicos como Eva fazia.

A princípio, ficamos em silêncio sentados à mesa, mas depois Helen virou-se para mim, e fez um gesto de impotência na direção do pacote de cartas à nossa frente, em cima da mesa. Eu percebi; estava a pensar a mesma coisa. Por que razão não enviara algumas daquelas cartas a Rossi para provar que ele estivera com ela na Romênia?

Helen olhou para a mãe com uma profunda hesitação no olhar, pareceu-me e então aparentemente fez a pergunta. A resposta da mãe, quando a traduziu, trouxe-me um nó à garganta, um sofrimento que era em parte por ela e, em parte, pelo meu pérfido mentor.

— Pensei em fazê-lo, mas a carta dele fez-me compreender que mudara completamente de idéia. Concluí que para mim não faria qualquer diferença mandar-lhe

estas cartas, só me traria mais dor, e teria perdido as poucas coisas que possuía dele. — Estendeu a mão como para tocar a letra dele, depois recolheu-a. — Só lamentava não lhe devolver o que de fato lhe pertencia. Mas ele tinha ficado com tanto de mim, talvez não fosse errado eu ficar com as cartas? — E olhava de Helen para mim, os olhos subitamente menos tranquilos. Não era desafio o que via neles, pensei, mas o fogo de uma paixão antiga, muito antiga. Desviei o olhar.

Helen era desafiadora, embora a mãe não o fosse.

— Então, por que é que, pelo menos, não me mostrou as cartas há mais tempo? — A pergunta era ameaçadora, e ela disparou-a à mãe no instante seguinte. A mulher mais velha sacudiu a cabeça.

— Ela disse — relatou Helen, o rosto a endurecer — que sabia que eu odiava o meu pai, e estava à espera de alguém que o amasse. — Como ela mesma ainda o ama, poderia eu ter completado, pois o meu próprio coração estava tão cheio que parecia dar-me uma percepção acrescida do amor enterrado durante anos naquela casinha despojada.

Os meus sentimentos não eram só por Rossi. Sentado ali à mesa, peguei a mão de Helen com uma das minhas mãos, e a da sua mãe, gasta pelo trabalho, com a outra, e segurei-as com força. Naquele momento, o mundo em que eu crescera, a sua discrição e os seus silêncios, os seus usos e costumes, o mundo em que eu estudara e obtivera sucesso e ocasionalmente tentara amar, pareceu-me tão remoto como a Via Láctea. Não teria conseguido dizer uma palavra mesmo que quisesse, mas, se a minha garganta não estivesse tão apertada, talvez tivesse encontrado uma maneira de dizer a essas duas mulheres, ligadas a Rossi de maneiras tão diferentes mas igualmente intensas, que sentia a presença dele entre nós.

Depois de um momento, Helen soltou discretamente a sua mão da minha, mas a mãe inclinava-se para mim, fazendo uma pergunta com a sua voz suave.

— Ela quer saber como pode ajudá-lo a encontrar Rossi.

Diga-lhe que já me ajudou, e que vou ler estas cartas assim que partirmos para ver se podem levar-nos mais longe. Diga-lhe que a avisaremos quando o encontrarmos.

A mãe de Helen curvou a cabeça humildemente e levantou-se para vigiar o guisado no fogão. Cheirava maravilhosamente e até Helen sorriu, como se este regresso a um lar que não era o seu tivesse as suas compensações. A paz do momento deu-me coragem.

— Por favor, pergunte-lhe se sabe alguma coisa a respeito de vampiros que possa ajudar-nos nas nossas buscas.

Quando Helen traduziu isto, vi que acabava de quebrar a nossa frágil calma. A mãe desviou o olhar e fez o sinal da cruz, mas um momento depois pareceu estar a reunir forças para falar. Helen ouviu com atenção e abanou a cabeça.

— Ela diz que não se deve esquecer de que um vampiro pode mudar de forma. Pode vir até si de muitas formas.

Eu queria saber exatamente o que aquilo queria dizer, mas a mãe de Helen já se

levantara para nos servir com mãos trêmulas. O calor do fogão e o aroma da carne e do pão encheram a pequena casa e todos comemos com vontade, embora em silêncio. De vez em quando, a mãe de Helen oferecia-me mais pão, tocando-me no braço, ou servia-me de chá. A comida era simples mas deliciosa e abundante, e a luz do sol entrava pelas janelas da frente para iluminar a nossa refeição.

Quando acabamos, Helen foi lá para fora com um cigarro, e a mãe fez-me sinal para que eu a seguisse, contornando a casa. Na parte de trás, havia uma casota com algumas galinhas debicando à volta e uma coelheira com dois coelhos de orelhas compridas. A mãe de Helen pegou num dos coelhos e ficamos juntos amigavelmente, como num filme mudo, coçando a cabeça macia do animal enquanto ele piscava e esperneava um pouco. Através de uma das janelas, ouvia Helen a lavar a louça dentro de casa. O sol batia-me, morno, na cabeça e, para lá da casa, os campos verdejantes rumorejavam e ondulavam com um inesgotável otimismo.

Chegou a hora de partirmos, de caminharmos de volta ao autocarro, e guardei as cartas de Rossi na minha pasta. Ao sairmos, a mãe de Helen deteve-se à porta; não parecia querer atravessar a aldeia a pé para nos acompanhar até ao autocarro. Segurou as minhas mãos nas suas e apertou-as calorosamente, olhando-me no rosto.

— Ela diz que lhe deseja só viagens seguras, e que encontre o que deseja — explicou Helen.

Olhei para dentro das trevas dos olhos da mulher mais velha e agradeci-lhe de todo o meu coração. Ela abraçou Helen, segurando-lhe o rosto tristemente entre as mãos por um momento e em seguida deixou-nos ir.

No fim da rua, virei-me para trás para a ver outra vez. Estava parada à porta, uma das mãos apoiada na ombreira, como se a nossa visita a tivesse enfraquecido. Larguei a pasta no chão poeirento e corri para ela tão depressa que, por um momento, nem me dei conta de que me estava a mover. Então, lembrando-me de Rossi, abracei-a e beijei-lhe o rosto macio e marcado pelo tempo. Ela agarrou-se a mim, uma cabeça mais baixa do que eu, e escondeu o rosto no meu ombro. Subitamente, afastou-se e desapareceu dentro de casa. Pensei que quisesse ficar sozinha com as suas emoções e virei-me também, mas um segundo depois ela estava de volta. Para minha surpresa, agarrou na minha mão e fechou-a em torno de um objeto pequeno e duro.

Quando abri os dedos, vi um anel de prata com um pequeno brasão. Compreendi logo que era o anel de Rossi, que ela estava a devolver-lhe por meu intermédio. O seu rosto estava radiante por cima do anel; os seus olhos escuros brilhavam. Inclinei-me e beijei-a novamente, desta vez nos lábios. Os seus lábios eram quentes e doces. Quando a deixei dirigindo-me rapidamente para onde deixara Helen e a minha pasta, vi no rosto da mulher o brilho de uma única lágrima. Li algures que não há uma lágrima única, essa velha metáfora poética. E talvez não haja mesmo, porque a lágrima dela era companheira da minha.

Assim que nos sentamos no autocarro, tirei as cartas de Rossi e abri a primeira, com cuidado. Ao contar isto, honrarei o desejo de Rossi de proteger a privacidade do seu amigo com um *nom-de-plume* um *nom-de-guerre*, como ele lhe chamara. Foi muito estranho ver de novo a escrita de Rossi aquela sua versão mais jovem e menos comprimida nas folhas amareladas.

- Vai ler as cartas aqui? — Helen, debruçada no meu ombro, parecia chocada.
- Porquê, você consegue esperar?
- Não — admitiu.

20 de Junho de 1930

Meu caro amigo,

Não tenho ninguém no mundo com quem falar neste momento, e estou com a caneta na mão desejando a sua companhia em particular, ficaria espantado se visse o panorama que está diante de mim agora. Eu próprio fiquei hoje num estado de incredulidade como você ficaria se pudesse ver onde estou num comboio, embora isto, por si só, não seja uma pista. Mas o comboio está a resfolegar em direção a Bucareste. "Meu Deus, homem", quase posso ouvi-lo dizer no meio do apitos do comboio. Mas é verdade. Eu não tinha planejado vir para aqui, mas algo de muito importante me trouxe. Estava em Istambul há poucos dias, a pesquisar uma coisa que tenho mantido escondida na manga, e o que lá encontrei fez-me querer vir até aqui. Ou não querer, na verdade: seria mais correto dizer que estou apavorado por ir, mas ao mesmo tempo sinto-me impelido. Você, que é um racionalista à antiga, não vai ligar nenhuma a tudo isto, mas quem me dera ter o seu cérebro comigo nesta minha empreitada; vou precisar de cada bocado do meu, e não vai chegar, para encontrar o que procuro.

Estamos a diminuir a velocidade em direção a uma cidadezinha onde temos uma hipótese de tomar o pequeno-almoço vou interromper a carta agora e voltar a escrever mais tarde.

Tarde Bucareste

Estaria a dormir uma sesta se a minha mente não estivesse num tal estado de inquietude e excitação. Está amaldiçoadamente quente aqui julgava que fosse uma terra de montanhas frescas, mas se assim é, ainda não cheguei a nenhuma. Bonito hotel, Bucareste é uma espécie de pequena Paris do Leste, grandiosa e pequena e um pouco decadente, tudo ao mesmo tempo. Deve ter sido deslumbrante nos anos oitenta e noventa. Levei séculos para encontrar um táxi, e depois um hotel, mas o meu quarto é bastante confortável e posso descansar, tomar banho e pensar no que fazer. Estou quase tentado a não escrever nesta carta o que estou a fazer aqui, mas você vai ficar tão perplexo com os meus delírios se eu não escrever, que acho melhor fazê-lo. Para tornar a história mais curta e chocante, estou numa espécie de missão, um historiador atrás de Drácula não o conde Drácula dos palcos românticos, mas um Drácula real. Drácula, Vlad III, um tirano do século XV que viveu na Transilvânia e na Valáquia e se dedicou a manter o Império Otomano fora das suas terras tanto tempo quanto possível. Parei em Istambul durante quase uma semana para visitar um arquivo que contém alguns documentos sobre ele reunidos pelos Turcos, e lá descobri um extraordinário conjunto de mapas que acredito serem pistas para a localização da sua tumba. Quando voltar para casa, vou tentar explicar-lhe mais pormenorizadamente o que me levou a esta perseguição, e neste meio-tempo peço-lhe apenas que seja paciente comigo. Pode culpar a minha juventude, seu velho sábio, por eu ter partido nesta expedição.

De qualquer maneira, a minha permanência em Istambul ensombrou-se no final e assustou-me bastante, embora tudo isso possa vir a parecer ridículo no futuro. Mas não desisto facilmente de uma missão depois de a ter começado, como muito bem sabe, e não pude deixar de vir para aqui com as cópias que fiz daqueles mapas para procurar mais informações sobre a tumba de Drácula. Devo explicar-lhe, pelo menos, que em teoria ele foi enterrado num mosteiro localizado numa ilha do lago Snagov, na Romênia Ocidental, Valáquia é o nome da região. Os mapas que encontrei em Istambul, em que a sua tumba está claramente assinalada, não mostram nenhuma ilha, nenhum lago, e, tanto quanto sei, nada que se assemelhe à Romênia Ocidental. Parece-me

sempre boa idéia verificar o óbvio primeiro, já que o óbvio às vezes é a resposta certa. Estou decidido, portanto mas tenho a certeza de que você está a sacudir a cabeça para o que considera uma teimosia insensata a ir até o lago Snagov com os mapas e certificar-me pessoalmente de que a tumba não está lá. Como vou fazê-lo, ainda não sei, mas não vou ficar satisfeito procurando noutros lugares enquanto não eliminar essa possibilidade. E, talvez, afinal, os meus mapas sejam uma espécie de antigo embuste, e encontrarei inúmeras provas de que o tirano está sepultado ali, como sempre esteve.

Tenho de estar na Grécia pelo dia cinco, ou seja, tenho pouquíssimo tempo para toda esta excursão. Só quero saber se os meus mapas condizem com alguma coisa no local da tumba. Poi que preciso descobrir isto, não lhe sei dizer nem mesmo a si, meu caro eu próprio gostaria de saber. Pretendo concluir a minha viagem à Romênia visitando o máximo que puder da Valáquia e da Transilvânia. O que lhe vem à cabeça quando pensa na palavra "Transilvânia", se é que pensa sequer nisso? Sim, como imaginei sabiamente, não pensa. Mas o que me vem à cabeça, a mim, são montanhas de beleza selvagem, castelos antigos, lobisomens e feitiçeras — uma terra de mágica obscuridade. Resumindo, como acreditar que ainda estamos na Europa, ao entrar numa região assim? Dir-lhe-ei se é Europa ou terra de conto-de-fadas quando lá chegar. Primeiro Snagov parto amanhã.

Seu devotado amigo, Bartholomew Rossi

22 de Junho Lago Snagov

Meu caro amigo,

Ainda não vi lugar nenhum de onde possa enviar a minha primeira carta ou melhor, de onde possa enviá-la com a certeza de que chegará às suas mãos mas apesar disso vou continuar aqui, e com esperanças, já que muitas coisas aconteceram. Passei todo o dia de ontem em Bucareste a tentar encontrar bons mapas agora tenho pelo menos alguns mapas rodoviários da Valáquia e da Transilvânia e a conversar com todos os que encontrei na universidade que pudessem ter algum interesse pela história de Vlad Tepes. Ninguém aqui parece querer discutir o assunto, e tenho a sensação de que fazem o sinal da cruz por dentro, quando não por fora, sempre que menciono o nome de Drácula. Depois das minhas experiências em Istambul, isto deixa-me um tanto nervoso, confesso, mas por agora vou continuar a insistir.

De qualquer maneira, ontem encontrei um jovem professor de arqueologia na universidade que teve a gentileza de me informar que um dos seus colegas, um senhor Georgescu, se especializou na história de Snagov e está lá a escavar neste Verão. Claro que fique tremendamente excitado ao saber isto, e decidi entregar-me, com mapas, malas e tudo, aos cuidados de um motorista que possa levar-me até lá hoje; fica apenas a algumas horas de carro de Bucareste, diz ele, e partiremos à uma da tarde. Agora tenho de ir almoçar num sítio qualquer antes de partir os pequenos restaurantes daqui são incrivelmente bonitos, com uma cozinha que conserva traços de um certo luxo oriental.

Noite

Meu caro amigo,

Não consigo interromper esta nossa correspondência espúria espero que um dia ela se revele

aos seus olhos porque hoje foi um dia tão memorável que simplesmente preciso falar com alguém. Deixei Bucareste numa espécie de pequeno táxi bem cuidado, dirigido por um homenzinho tão bem cuidado como o seu carro, com quem mal troquei duas palavras (sendo que uma delas foi Snagov). Depois de uma breve consulta aos meus mapas rodoviários e muitas palmadinhas tranquilizadoras no ombro (no meu ombro, quero dizer), partimos. Levamos a tarde inteira. Percorremos estradas quase sempre asfaltadas mas muito poeirentas, e atravessamos uma paisagem linda, na sua maioria agrícola, mas de vez em quando coberta de florestas, até chegarmos ao lago Snagov.

O meu primeiro contato com o local foi através do motorista, que agitava a mão, excitado, pelo que olhei para fora, mas só vi floresta. Mas aquilo era apenas uma introdução. Não se muito bem o que esperava; acho que tenho estado tão embrenhado na minha curiosidade de historiador que não me detive para esperar qualquer coisa em particular. Fui arrancado da minha obsessão pela primeira visão do lago. É um lugar excepcionalmente belo, meu amigo, bucólico e irreal. Imagine um espelho d'água comprido e cintilante, que se deixa entrever da estrada por entre o denso arvoredo. Aninhadas aqui e ali dentro do bosque, há bonitas casas de campo muitas vezes só conseguimos ver uma chaminé elegante ou um muro em curva, muitas das quais parecem ser do início do século passado, ou mais antigas.

Quando se chega a uma clareira na floresta estacionamos perto de um pequeno restaurante com três barcos atracados nas traseiras, vê-se no lago a ilha onde fica o mosteiro, e ali, finalmente tem-se diante dos olhos um panorama que com certeza mudou muito pouco através dos séculos. A ilha fica a uma curta viagem de barco a partir da margem e é cheia de árvores, como as margens do lago. Acima dessas árvores, elevam-se as esplêndidas cúpulas bizantinas da igreja do mosteiro e, por cima da água, chega o som dos sinos tocados (soube mais tarde) pelo maço de madeira de um monge. O som dos sinos, flutuando através da água, fez-me estremecer o coração; pareceu-me exatamente uma daquelas mensagens do passado que gritam para serem ouvidas ao longe, mesmo que ninguém tenha a certeza do que dizem. O meu motorista e eu, ali parados à luz do entardecer refletida na água, podíamos ter sido espiões do exército turco, observando aquele bastião de uma fé estrangeira, em vez de dois homens modernos e empoeirados encostados a um automóvel.

Eu teria ficado ali a olhar e a ouvir durante muito mais tempo sem me impacientar, mas a minha determinação em encontrar o arqueólogo antes do cair da noite fez com que me dirigisse para o restaurante. Usei um pouco de linguagem gestual e o meu melhor latim coxo para conseguir um barco até à ilha. Sim, sim, havia lá um homem de Bucareste a cavar com uma pá, conseguiu informar-me o proprietário, e vinte minutos depois desembarcávamos no litoral da ilha. O mosteiro era ainda mais bonito visto de perto, e bastante ameaçador, com os seus muros antigos e cúpulas altas, cada uma coroada por uma cruz de sete pontas ornamentada. O barqueiro guiou-nos até lá por degraus íngremes, e eu teria entrado imediatamente pelas grandes portas de madeira, mas o indivíduo indicou-nos a parte de trás.

Enquanto contornava aqueles belos muros antigos, ocorreu-me que, pela primeira vez, estava realmente a seguir os passos de Drácula. Até então, seguira o seu rastro através de um emaranhado de documentos, mas agora estava a pisar um solo que se eu fosse do gênero de fazer o sinal da cruz, tê-lo-ia feito naquele momento; como não era o caso, tive uma vontade repentina de bater no ombro do barqueiro, vestido de lã áspera, e pedir-lhe que nos levasse de volta em segurança para a margem do lago. Mas, como pode imaginar, não o fiz, e espero não vir a arrepender-me de ter reprimido esse gesto.

Atrás da igreja, no meio de uma grande ruína, encontramos de fato um homem com uma pá. Era um homem de meia-idade, de aspecto vigoroso, com cabelos pretos e crespos, com a camisa

branca para fora das calças e as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Dois garotos trabalhavam ao lado dele, revolvendo cuidadosamente o solo com as mãos, e de vez em quando ele pousava a pá e fazia o mesmo. Estavam concentrados em volta de uma área muito pequena, como se tivessem encontrado algo de interessante ali, e só levantaram os olhos quando o nosso barqueiro gritou uma saudação.

O homem da camisa branca aproximou-se, examinando-nos com uns olhos escuros muito vivos, e o barqueiro fez uma espécie de apresentação, ajudado pelo motorista. Estendi a mão e tentei uma das minhas poucas frases em romeno antes de cair no inglês: "Ma numesc Bartolomeu Rossi. Nu vá suparati..." Apreendi esta frase deliciosa, com a qual se interrompem estranhos com um pedido de informação, com o porteiro do meu hotel em Bucareste. Significa, literalmente, "Não fique zangado" consegue imaginar uma frase do dia-a-dia com mais reminiscências de História? "Não puxe da sua adaga, amigo só estou perdido neste bosque e preciso de indicações para sair." Não sei se foi a maneira como usei a frase ou o meu sotaque provavelmente horrível, mas o arqueólogo deu uma gargalhada e apertou-me a mão.

Visto de perto, era um sujeito robusto, bronzado, com uma teia de rugas em volta dos olhos e da boca. Ao seu sorriso faltavam dois dentes de cima e a maioria dos outros brilhava com obturações de ouro. A mão era prodigiosamente forte, seca e áspera como a de um camponês. "Bartolomeo Rossi", disse, com uma voz cheia, ainda a rir-se. "Ma numesc Velior Georgescu. Como vai? Em que posso ajudá-lo?" Por um momento, fui transportado à nossa excursão a p do ano passado; ele poderia ter sido qualquer um daqueles Highlanders curtidos pelo tempo a quem estávamos sempre a pedir informações, só que de cabelos escuros em vez de loiros.

Fala inglês? perguntei, estupidamente embaraçado.

Um pouco disse Mr. Georgescu. Já lá vai muito tempo desde que tive oportunidade de praticar, mas vai acabar por voltar à minha língua. Falava com fluência, arranhando os erres de vez em quando.

Desculpe apressei-me a dizer. Vejo que tem um interesse especial por Vlad III, e gostari muito de conversar consigo. Sou um historiador da Universidade de Oxford.

Ele acenou com a cabeça.

Fico contente por saber do seu interesse. O senhor veio de tão longe só parra verre esse túmulo?

Bem, esperava...

Ah, o senhor esperrava, o senhor esperrava disse Mr. Georgescu, batendo-me no ombro não sem gentileza. Mas tenho de abalar um pouco as suas esperranças, meu rapaz. O meu coração deu um pulo — seria possível que aquele homem também pensasse que Vlad não estava enterrado ali? Mas decidi esperar e ouvir com atenção antes de fazer mais perguntas. Ele estava a observar-me com curiosidade e sorriu novamente. Venha, vou levá-lo parra uma volta a pé. Deu rápidas instruções aos seus assistentes, que aparentemente significavam que deviam interromper o trabalho, porque eles limpavam as mãos e foram sentar-se debaixo de uma árvore. Apoiando a sua pá num muro meio escavado, chamou-me com um gesto. Avisei o motorista e o barqueiro que ficava por minha conta, e dei uma moeda de prata ao barqueiro. Ele levou a mão ao chapéu e desapareceu, e o motorista sentou-se numa das ruínas e tirou uma garrafinha do bolso.

Muito bem. Primeiro vamos andar pelo lado de forra. Mr. Georgescu fez um gesto amplo com a mão em volta. Conhece a história desta ilha? Um pouco? Havia uma igreja aqui no século catorze, e o mosteiro foi construído um pouco mais tarde, também no mesmo século. A primeira igreja erra de madeira, e a segunda de pedrra, mas a igreja de pedrra afundou-se no lago em 1453. Notafel, não acha? Drácula subiu ao poder na Valáquia pela segunda vez em 1462, e tinha

idéias próprias. Acredito que gostava deste mosteiro porque uma ilha é mais fácil de proteger; ele andava sempre à procura de lugares que pudesse fortificar contra os Turcos. Este é um bom lugar, não acha?

Concordei, tentando não olhar muito para ele. O inglês do homem era tão fascinante que eu tinha dificuldade em concentrar-me no que ele dizia, mas o seu último argumento tinha calado fundo. Bastava olhar em volta para imaginar apenas um quantos monges a defender aquela fortaleza contra invasores. Velior Georgescu também estava a olhar em redor com aprovação.

Portanto, Vlad transformou o mosteiro existente numa fortaleza. Construiu muralhas em volta, uma prisão e uma câmara de tortura. Também um túnel de fuga e uma ponte até à margem. Erra um sujeito astuto, Vlad. A ponte já se foi há muito tempo, é claro, e estou a escavar o resto. O que estamos a escavar agora erra a prisão. Já encontramos vários esqueletos. Fez um grande sorriso e os seus dentes de ouro reluziram ao sol.

Então esta era a igreja de Vlad? Apontei para a linda construção próxima, com as suas cúpulas altas e as árvores escuras farfalhando à volta dos seus muros.

Não, lamento dizer que não — disse Georgescu. — O mosteiro foi parcialmente queimado pelos Turcos em 1462, quando Radu, irmão de Vlad, um títtere dos Turcos, estava no trono da Valáquia. E logo depois que Vlad foi enterrado aqui, uma terrível tempestade atirou a sua igreja parra o lago.

Vlad estava enterrado ali? Estava cheio de vontade de perguntar, mas mantive a boca firmemente fechada.

Os camponeses devem ter pensado que erra uma punição de Deus pelos pecados dele. A igreja foi reconstruída em 1517; levou três anos, e pode ver os resultados. Os muros externos do mosteiro são um restauro, datado de há apenas trinta anos.

Tínhamos caminhado até junto da igreja e ele acariciava a alvenaria friável como se fosse o dorso de um cavalo preferido. Enquanto estávamos ali, um homem contornou subitamente a esquina da igreja e veio na nossa direção um velho curvado, de barba branca, com uma túnica preta e um chapéu preto de copa cilíndrica e longas abas que lhe desciam até aos ombros. Caminhava com a ajuda de uma bengala e a sua túnica estava atada com uma corda fina da qual pendia um molho de chaves. Ao pescoço, numa corrente, balançava uma cruz muito bonita, igual às que eu tinha visto sobre as cúpulas da igreja.

Fiquei tão surpreendido com aquela aparição que quase caí para trás; não lhe posso descrever o efeito que me causou, só posso dizer que era como se Georgescu tivesse invocado um fantasma e este se tivesse materializado. Mas o meu novo conhecido dirigiu-se, sorrindo, para o monge, e curvou-se para a sua mão nodosa, onde brilhava um anel de ouro que Georgescu beijou respeitosamente. O velho parecia gostar dele também, porque pousou os seus dedos por um momento sobre a cabeça do arqueólogo e sorriu, um sorriso leve e sereno, que exibia ainda menos dentes do que o de Georgescu. Ouvi o meu nome no meio das apresentações e inclinei-me para o monge tão amavelmente quanto pude, embora não tenha chegado ao ponto de lhe beijar o anel.

Este é o abade — explicou-me Georgescu. — É o último, e só há outros três monges a viver com ele agora. Está aqui desde que erra muito jovem, e conhece a ilha melhor do que eu alguma vez conhecerrei. Ele dá-lhe as boas-vindas e a sua bênção. Se tiver alguma pergunta parra lhe fazer, diz ele, tentará responder-lhe.

Agradei com uma vénia, e o velho seguiu vagarosamente o seu caminho. Alguns minutos depois, avistei-o sentado em silêncio na beira do muro em ruínas atrás de nós, como um corvo repousando à luz do sol da tarde.

Vivem aqui o ano inteiro? — perguntei a Georgescu.

Ah, sim. Passam aqui mesmo os invernos mais difíceis. — O meu guia abanou a cabeça. —

Vai ouvi-los cantar a missa, se não for emborra muito cedo.

Assegurei-lhe que não tinha intenção de perder uma experiência daquelas.

Vamos entrar na igreja agora.

Demos a volta até às portas da frente, grandes portas de madeira entalhada, e penetrei num mundo que me era completamente desconhecido, completamente diferente das nossas capelas anglicanas.

Fazia frio lá dentro e, antes de conseguir divisar alguma coisa na escuridão espessa do interior, senti um fumo aromático no ar e uma emanação úmida vinda das pedras, como se elas estivessem a respirar. Quando os meus olhos se adaptaram à penumbra, só consegui perceber ténues reflexos de metal dourado e chamas de vela. A luz do dia filtrava-se, turva, através dos vidros pesados, de cores escuras. Não havia bancos nem cadeiras, apenas alguns assentos altos, de madeira, ao longo de uma das paredes. Perto da entrada, havia um pedestal cheio de velas acesas que pingavam intensamente e exalavam um cheiro a cera queimada; algumas estavam presas a uma coroa de latão no alto e outras colocadas num pote de areia em volta da base.

Os monges acendem-nas todos os dias, e de vez em quando há outros visitantes que também o fazem — explicou Georgescu. — As que estão no alto são parraos vivos, e as que estão em baixo são parra as almas dos mortos. Queimam até se apagarrem sozinhas.

No centro da igreja, apontou para cima e vi um rosto indistinto, flutuando acima de nós, no meio da cúpula.

Conhece as nossas igrejas bizantinas? — perguntou Georgescu, olhando para mim com uma curiosidade sincera. — Cristo fica sempre no centro, olhando para baixo. — Esse candelabro uma enorme coroa descia, pendendo do peito de Cristo, preenchendo o espaço principal da igreja, mas as velas ali tinham-se consumido também é típico.

Andamos até ao altar. De repente, senti-me como um invasor, mas não havia sinal dos monges e Georgescu prosseguia com a alegria de um proprietário. O altar estava enfeitado com panos bordados, e diante dele havia uma porção de tapetes e passadeiras de lã com motivos folclóricos que eu teria pensado serem turcos, se estivesse menos bem informado. A parte superior do altar estava adornada com muitos objetos ricamente decorados, entre eles um crucifixo esmaltado e um ícone da Virgem e do Menino emoldurado em ouro. Por detrás do altar erguia-se uma parede coberta de santos de olhos tristes e anjos ainda mais tristes e, no meio, havia um par de portas de ouro martelado com cortinas de veludo roxo, que levavam a algum lugar completamente escondido e misterioso.

Distingui tudo isto com dificuldade, à meia-luz, mas a beleza melancólica da cena comoveu-me. Virei-me para Georgescu:

Vlad rezava aqui? Na igreja anterior, quero dizer?

Ah, com certeza. — O arqueólogo riu-se. — Erra um homem piedoso e um assassino. Construiu muitas igrejas e outros mosteiros parra ter a certeza de que haveria muita gente a rezar pela sua salvação. Este erra um dos seus lugares preferidos e ele erra muito chegado aos monges daqui. Não sei o que eles pensavam das suas más ações, mas apreciavam o apoio que ele dava ao mosteiro. Além disso, protegia-os dos Turcos. Mas os tesouros que rê aqui foram trazidos de outras igrejas; os camponeses roubaram tudo o que havia de valioso no século passado, quando a igreja foi fechada. Olhe aqui: era isto que lhe queria mostrar. — Agachou e afastou os tapetes em frente do altar. Ali mesmo, vi uma longa pedra retangular, lisa e sem decorações, mas sem dúvida a laje de um túmulo. O meu coração começou a bater com força.

A tumba de Vlad?

De acordo com a lenda, sim. Alguns dos meus colegas e eu escavamos aqui há alguns anos e encontramos um burraco vazio. Continha apenas alguns ossos de animais.

Sustive a respiração.

Ele não estava aqui?

De maneira nenhuma. — Os dentes de Georgescu reluziram como o latão e o ouro que no rodeavam. — Os registros escritos dizem que ele foi enterrado aqui, diante do altar, e que a nova igreja foi construída sobre as mesmas fundações da antiga, de modo que a sua tumba não foi mexida. Pode imaginar como ficamos decepcionados quando não o encontramos.

Decepcionados? pensei comigo. Achar a idéia da tumba vazia muito mais assustadora do que decepcionante.

De qualquer modo, decidimos esquadrihar mais um pouco e, ali adiante levou-me outra vez para a nave, até um ponto próximo da entrada principal e levantou outro tapete do chão encontramos uma segunda pedra exatamente igual à primeira. — Olhei para a pedra. Era realmente do mesmo tamanho e forma da outra, e também não era ornamentada. Então escavamos aqui também — explicou Georgescu, tocando na pedra.

E encontraram...?

Ah, um esqueleto muito bom — contou, obviamente satisfeito. — Num caixão que ainda tinha parte da mortalha, o que é incrível, depois de cinco séculos. A mortalha era cor de púrpura com bordados a ouro, e o esqueleto lá dentro estava em boas condições. Lindamente vestido, também, de brocado roxo com mangas vermelho-escuros. A coisa mais maravilhosa era que, cosido numa das mangas, encontramos um pequeno anel. O anel é muito simples, mas um dos meus colegas acredita que tenha sido parte de um adereço maior que ostentava o símbolo da Ordem do Dragão.

Confesso que naquele momento o meu coração parou de bater. O símbolo?

Sim, um dragão com longas garras e uma cauda enrolada. Os que eram investidos na Ordem usavam esta imagem em todos os momentos, geralmente como um broche ou fivela para a capa. O nosso amigo Vlad fazia sem dúvida parte dela, provavelmente levado pelo pai quando chegou à idade adulta. — Georgescu sorriu-me. — Mas tenho a impressão de que já sabia disto, Professor.

Eu lutava com emoções antagônicas de desapontamento e alívio.

Então este era o seu túmulo, e as lendas apenas identificavam erradamente o local exato.

Ah, não, não acho. — Voltou a estender o tapete sobre a pedra. — Nem todos os meus colegas concordam comigo, mas acho que as evidências vão claramente contra isso.

Não pude deixar de olhar para ele com surpresa.

Mas, e as roupas reais, e o anel?

Georgescu fez que não com a cabeça.

Esse sujeito provavelmente erra também um membro da Ordem, um nobre de alta estirpe, e talvez estivesse vestido com as melhores roupas de Drácula para a ocasião. Talvez tivesse sido mesmo convidado a morrer para que houvesse um corpo para ocupar a tumba... sabe-se lá quando.

Voltaram a enterrar o esqueleto? — Tive de perguntar, a pedra estava mesmo ali, aos nossos pés.

Ah, não, enviámo-lo para o Museu de História de Bucareste, mas não é possível tê-lo trancarmos nas reservas, com as suas belas roupas. Foi uma pena.

Georgescu não parecia muito contristado, como se o esqueleto fosse interessante mas não importante, pelo menos quando comparado com a sua verdadeira presa

Não compreendo — disse eu, olhando para ele. — Com tantas provas, por que é que não acredita que o esqueleto seja de Vlad Drácula?

É muito simples — replicou Georgescu alegremente, acariciando o tapete. — Aquele sujeito

ainda estava com a cabeça no lugar. A cabeça de Drácula foi cortada e levada para Istambul pelos Turcos como um troféu. Todas as fontes estão de acordo sobre isso. Por isso agora estou a escavar na antiga prisão, à procura de outra tumba. Acho que o corpo foi removido da sepultura diante do altar para despistar os ladrões de túmulos, ou talvez para o proteger das invasões turcas subsequentes. Ele está algures nesta ilha, o velho safado.

Eu estava paralisado, tantas eram as perguntas que queria fazer a Georgescu, mas ele levantou-se e espreguiçou-se.

Não quer atravessar o lago até ao restaurante para jantar? Estou com tanta fome que sou capaz de devorvar um carneiro inteiro Mas podemos ouvir o início da missa antes, se quiser. Onde está hospedado?

Confessei que ainda não tinha a menor idéia, e que também precisava de arranjar alojamento para o meu motorista.

— Há muitas coisas sobre as quais gostaria de conversar consigo — acrescentei.

E eu consigo — concordou ele. — Podemos fazê-lo durante o jantar.

Eu precisava falar com o motorista, de modo que voltamos para a prisão em ruínas. Acontece que o arqueólogo tinha um bote perto da igreja que nos levaria para o outro lado, e disse quealaria com o dono do restaurante para nos arranjar quartos ali por perto. Georgescu guardou o seu equipamento, dispensou os assistentes e voltamos à igreja a tempo de ver o abade e os seus três monges, identicamente trajados de preto, a entrar em fila na igreja pelas portas do santuário. Dois dos monges eram idosos, mas o terceiro ainda tinha a barba castanha e mantinha-se firmemente direito. Deram a volta lentamente até ficarem de frente para o altar, o abade à frente com uma cruz nas mãos. Os seus ombros curvados estavam cobertos por um manto roxo e dourado que captava o brilho das chamas das velas.

Os monges inclinaram-se perante o altar e, em seguida, prostraram-se no chão de pedra durante alguns instantes exatamente sobre a tumba vazia, reparei. Por um momento, tive a sensação horrível de que não se inclinavam para o altar, mas para a tumba do Empalador.

De repente, surgiu um som misterioso; parecia vir da própria igreja e emanar das paredes e da cúpula como uma névoa. Os monges salmodiavam. O abade passou pelas pequenas portas atrás do altar tentei não esticar o pescoço para espreitar o interior do sacrário e trouxe um livro grande com capa esmaltada, fazendo o sinal da cruz sobre ele. Pousou-o sobre o altar. Um dos monges entregou-lhe um incensório com uma longa corrente que ele balançou sobre o livro, envolvendo-o num fumo aromático A nossa volta, acima, atrás e abaixo, elevou-se aquela música sagrada e dissonante com a sua ladainha monótona e os seus sons altos e ondulantes. A minha pele arrepiou-se, porque percebi naquele momento que estava mais perto do coração de Bizâncio do que jamais estivera em Istambul. A música antiga e o ritual que a acompanhava provavelmente pouco tinham mudado desde que haviam sido executadas para o imperador, em Constantinopla.

A missa é muito longa — sussurrou-me Georgescu. — Não se importarão se nos formos embora. — Tirou uma vela do bolso, acendeu-a num pavio que ardia no suporte perto da entrada e colocou-a na areia, na parte de baixo.

No restaurante na margem do lago, um lugar pequeno e encardido, comemos com apetite ensopados e saladas servidos por uma rapariga tímida com trajes de aldeã. Havia um frango inteiro e uma garrafa de pesado vinho tinto, que Georgescu servia com generosidade. Aparentemente, o meu motorista fizera amigos na cozinha, de maneira que nos encontramos completamente sozinhos na sala revestida de madeira, com a vista do lago e da ilha a desvanecer-se pouco a pouco.

Tendo saciado em grande parte a nossa fome, interroguei o arqueólogo sobre o seu

maravilhoso domínio do inglês. Ele riu-se com a boca cheia.

Devo-o ao meu pai e à minha mãe, Deus tenha as suas almas — disse ele. — O meu pai errou um arqueólogo e medievalista escocês e ela uma cigana escocesa. Cresci num celeiro em Forl William e trabalhei com o meu pai até ele morrer. Então, uns parentes da minha mãe pediram-lhe que viajasse com eles para a Romênia, de onde tinham vindo. Ela nascera e crescera numa aldeia no Oeste da Escócia mas, quando o meu pai morreu, ela só pensava em ir-se embora. A família do meu pai não foi muito boa para ela, sabe. Ela trouxe-me para cá quando eu tinha só quinze anos, e desde então vivo aqui. Quando viemos para cá, adotei o apelido dela. Para me integrar melhor.

Aquela história deixou-me sem palavras por um momento, e ele sorriu.

É bastante forra do comum, eu sei. E quanto a si?

Contei-lhe, por alto, a minha vida e os meus estudos e falei-lhe do livro misterioso que me tinha vindo parar às mãos. Ele ouviu-me com as sobranceiras franzidas e, quando acabei, abanou lentamente a cabeça.

Uma história estranha, sem dúvida.

Tirei o livro da bolsa e estendi-lho. Examinou-o com atenção, parando para olhar demoradamente a xilogravura no centro.

Sim — disse ele, muito sério. — É muito parecido com muitas imagens associadas à Ordem. Já vi dragões semelhantes em jóias; naquele anelzinho, por exemplo. Mas nunca tinha visto um livro como este. Não tem nenhuma idéia de onde possa ter vindo?

Nenhuma admiti. Espero poder levá-lo um dia para ser examinado por um especialista, talvez em Londres.

É uma peça admirável. — Georgescu devolveu-me o livro com delicadeza. — E agora que já viu Snagov, para onde pretende ir? Voltar a Istambul?

Não. — Estremeci, mas não queria explicar-lhe porquê. — Tenho de voltar à Grécia para participar de uma escavação, na verdade, dentro de duas semanas, mas pensei em dar uma olhadela a Târgoviste, já que era a principal capital de Vlad. Já lá esteve?

Ah, sim, é claro. — Georgescu limpou o prato como um menino faminto. — "É um lugar interessante para quem quer que ande atrás de Drácula. Mas o mais interessante realmente é o castelo dele.

O castelo dele? Ele tem realmente um castelo? Quer dizer, ainda existe?

Bem, está em ruínas, mas são umas belas ruínas. Uma fortaleza em ruínas. Fica a alguns quilómetros a montante do rio Argês a partir de Târgoviste, e é fácil chegar lá por estrada, com uma subida a pé até ao cimo no final. Drácula preferia os lugares que pudessem ser facilmente defendidos dos Turcos, e aquele ali é um primor. Vou dizer-lhe uma coisa... — Estava à procura de qualquer coisa nos bolsos e encontrou um pequeno cachimbo de barro, que começou a encher com tabaco aromático. Dei-lhe lume. — Obrigado, meu rapaz. Vou dizer-lhe uma coisa: vou consigo até lá. Só posso ficar uns dias, mas poderia ajudá-lo a encontrar a fortaleza. É muito mais fácil quando se tem um guia. Não vou lá há séculos e gostaria de voltar a vê-la.

Agradei-lhe do fundo do coração; admito que a idéia de partir para os confins da Romênia sem um intérprete me deixava inquieto. Concordamos em partir no dia seguinte se o meu motorista pudesse levar-nos até Târgoviste. Georgescu conhece uma aldeia perto do Argês onde podemos dormir por pouco dinheiro; não é a mais próxima da fortaleza, mas ele não quer ir até à mais próxima, porque uma vez foi quase expulso de lá. Despedimo-nos com um boa-noite cordial, e agora, meu amigo, preciso de apagar a minha vela e dormir até a próxima aventura, sobre a qual o manterei informado.

Com afeto, Bartholomew

Meu querido amigo,

O meu motorista conseguiu de fato levar-nos hoje a Târgoviste, no Norte, depois do que voltou para junto da família, em Bucareste, enquanto nós nos instalamos numa velha estalagem para passar a noite. Georgescu é um excelente companheiro de viagem, durante o percurso, regalou-me com a história da região rural que íamos atravessando. Os seus conhecimentos são muito amplos e os seus interesses incluem a arquitetura e a botânica locais, de modo que hoje aprendi imensas coisas.

Târgoviste é uma linda cidade, de carácter ainda medieval, e conta pelo menos com esta boa estalagem onde um viajante pode lavar o rosto com água limpa. Estamos agora no coração da Valáquia, numa terra de colinas entre montanhas e planície. Vlad Drácula reinou na Valáquia várias vezes durante as décadas de 1450 e 1460; Târgoviste era a sua capital, e esta tarde percorremos as importantes ruínas do seu palácio, com Georgescu a indicar-me as diversas divisões e a descrever-me os seus prováveis usos. Drácula não nasceu aqui, mas na Transilvânia, numa cidade chamada Sighisoara. Não vou ter tempo de a visitar, mas Georgescu esteve lá várias vezes e contou-me que a casa em que o pai de Drácula vivia, o lugar onde Vlad nasceu, ainda está de pé.

O mais impressionante dos muitos locais impressionantes que aqui vimos hoje, enquanto vagueávamos pelas velhas ruas e ruínas, foi a torre de vigia de Drácula, ou melhor, um belo restauro dessa torre, realizado no século dezenove. Georgescu, como bom arqueólogo, torce o seu nariz escocês-romeno aos restauros, explicando que neste caso as ameias em volta da parte superior não estão muito corretas; mas o que se pode esperar, perguntou-me, mordaz, quando os historiadores resolvem usar a imaginação. Restauro impecável ou não, o que Georgescu me contou sobre a torre provocou-me calafrios. Era usada por Vlad Drácula não só como posto de vigia naquela era de frequentes invasões turcas, mas também como bom ponto de observação de onde podia assistir aos empalamentos que eram realizados no pátio em baixo.

Tomamos a nossa refeição da noite num pequeno bar perto do centro da cidade. Dal podíamos ver as muralhas exteriores do palácio em ruínas e, enquanto comíamos o pão e o ensopado, Georgescu contou-me que Târgoviste é o lugar ideal para partir até à fortaleza de Drácula nas montanhas.

Na segunda vez em que ele tomou o trono da Valáquia, em 1456 explicou, decidiu construir um castelo acima do Argês, parra o qual pudesse fugir no caso de invasões vindas da planície. As montanhas entre Târgoviste e a Transilvânia — e as terras selvagens da própria Transilvânia sempre foram um local de refúgio para os Valaquianos

Partiu um pedaço de pão e encharcou-o no molho do ensopado, sorrindo.

Drácula sabia que acima do rio havia já algumas fortalezas em ruínas, datadas no mínimo do século onze. Decidiu reconstruir uma delas, o antigo Castelo Argês. Precisava de mão-de-obra barrata essas coisas não se resumem sempre a ter alguém parra ajudar? Então, com o seu habitual espírito generoso, convidou todos os seus boiardenos os seus vassallos, sabe, para uma pequena celebração da Páscoa. Chegaram com as suas melhores roupas àquele grande pátio aqui mesmo em Târgoviste, e ele deu-lhes comida e bebida com furturra. Depois matou os que achava mais incómodos e fez marchar os restantes com as mulheres e os filhos cinquenta quilómetros montanha acima, parra reconstruir o Castelo Arges.

Georgescu esquadrinhou a mesa com os olhos, aparentemente à procura de outro pedaço de pão.

Bem, na verdade a coisa é mais complicada do que isso, a história romena é sempre. O irmão mais velho de Drácula, Mircea, tinha sido assassinado anos antes por inimigos políticos em Târgoviste. Quando Drácula subiu ao poder, mandou desenterrar o caixão do irmão e descobriu que o pobre homem forra enterrado vivo. Foi então que mandou os convites parra a festa de Páscoa, e assim vingou o irmão, além de ter conseguido mão-de-obra barrata para erguer o seu castelo nas montanhas. Mandou construir olarias perto da fortaleza original, e quem sobreviveu à viagem foi forçado a trabalhar noite e dia, a carregar tijolos e a construir as muralhas e as torres. As antigas canções desta região dizem que as belas roupas dos boiardos lhes caíam do corpo em farrapos antes de terem acabado o trabalho. — Georgescu rapou o prato. — Já reparrei que Drácula era também um sujeito muito prático, além de cruel.

E então amanhã, meu amigo, partiremos seguindo o caminho desses infelizes fidalgos, mas de carroça, pelas montanhas que eles subiram penosamente a pé.

É notável ver os camponeses andarem por aí com as suas roupas típicas entre os trajes mais modernos das pessoas da cidade. Os homens usam camisas brancas com coletes escuros e umas sandálias de couro amarradas até aos joelhos por tiras também de couro, em tudo idênticos a pastores romanos que voltassem à vida. As mulheres, que na sua maioria são tão morenas como os homens e geralmente muito bonitas, usam saias e blusas pesadas, com um carpete fechado firmemente por cima de tudo, e as suas roupas são bordadas com motivos vistosos. Parecem ser um povo alegre, rindo e falando alto enquanto regateiam no mercado, que visitei ontem de manhã logo que cheguei.

É mais difícil do que nunca encontrar maneira de enviar esta carta, por isso, por enquanto, vou mantê-la em segurança na minha bolsa.

Com afeto, Bartholomew

Meu querido amigo,

Para minha felicidade, conseguimos chegar até uma aldeola nas margens do Argês, uma viagem de um dia através de montanhas íngremes, míticas, na carroça de um lavrador cuja mão enchi generosamente de moedas. Como resultado, hoje estou dorido até aos ossos, mas feliz. Esta aldeola é para mim um lugar de maravilhas, como se tivesse saído de um conto dos irmãos Grimm, e não da vida real, e gostaria que você pudesse tê-la nem que fosse por uma hora para sentir a imensa distância que a separa de todo o mundo europeu ocidental. As casinhas, algumas pobres e em mau estado, mas a maioria com aparência bastante alegre, têm beirais compridos e baixos e grandes chaminés, em cujo cimo se vêem os gigantescos ninhos das cegonhas que passam o Verão aqui.

Visitei tudo hoje à tarde com Georgescu e descobri que uma praça no centro da aldeia é o ponto de reunião deles, com um poço para os moradores e um grande bebedouro para os animais, que são conduzidos através da aldeia duas vezes por dia. Debaixo de uma árvore periclitante fica a taberna, um sítio barulhento onde tive de pagar rodadas e mais rodadas de uma aguardente horrrosa aos bebedores locais pense nisto quando estiver no Golden Wolf com o seu meio litro de suave cerveja preta! Há um ou dois homens entre os habitantes com quem consigo comunicar um pouco.

Alguns destes homens também se lembram de Georgescu, da última vez que aqui veio, há seis anos, e cumprimentaram-no com grandes palmadas nas costas quando entramos na taberna pela primeira vez hoje à tarde, se bem que outros parecessem evitá-lo. Georgescu diz que a

viagem de ida e volta à fortaleza demora um dia, e ninguém ainda se mostrou disposto a levar-nos até lá. Falam de lobos, de ursos e, claro, de vampiros pricolici, como lhes chamam na sua língua. Estou a começar a compreender algumas palavras de romeno, e o meu francês, o meu italiano e o meu latim são uma grande ajuda quando tento adivinhar as coisas. Enquanto entrevistávamos alguns dos bebedores de cabelos brancos esta noite, a maior parte da aldeia apareceu para olhar para nós, nada discretamente donas de casa, lavradores, grupos de crianças de pés descalços, e as jovens donzelas, que, de modo geral, são beldades de olhos escuros. Num dado momento, encontrei-me tão rodeado de aldeãos a fingir que iam buscar água ou varrer os degraus da frente ou conversar com o dono da taberna que tive de dar uma gargalhada, o que os fez olhar para mim, espantados.

Amanhã há mais o que eu gostaria de ter uma boa hora de conversa consigo! e na minha na nossa língua!

Seu amigo devotado, Rossi.

Meu querido amigo,

Estivemos, para meu assombro, na fortaleza de Vlad. Agora sei porque queria tê-la; tornou-me um pouco real em vida afigura assustadora que procuro na morte ou estarei em breve a procurar, de alguma maneira, num lugar qualquer, se os meus mapas forem de alguma ajuda. Tentarei descrever-lhe a nossa excursão porque gostaria que pudesse imaginar a cena, e porque quero conservar um registro dela.

Partimos ao nascer do dia na carroça de um jovem lavrador daqui, que parece ser um indivíduo próspero e é o filho de um dos velhos que frequentam a taberna. Tudo indica que tenha recebido ordens do pai para nos levar, e não gostou muito da incumbência. Quando subimos para a carroça, à primeira claridade do dia, na praça da aldeia, apontou para as montanhas umas poucas de vezes, sacudindo a cabeça e fazendo: "Poenart? Poenan?" Finalmente, pareceu resignar-se à tarefa e deu rédeas aos cavalos, dois grandes animais castanhos, afastados do trabalho nos campos por aquele dia.

O homem propriamente dito era um sujeito de aspecto formidável, alto e de ombros imensamente largos sob a camisa e o colete de lã, e com o chapéu posto, era com certeza duas cabeças mais alto que nós. Isto fez-me parecer as suas reservas sobre a excursão um tanto cômicas, embora eu certamente não devesse rir-me dos medos destes camponeses depois do que vi em Istambul (sobre isto, como já lhe disse, falaremos pessoalmente). Georgescu tentou envoltê-lo na conversa durante o nosso percurso na floresta densa, mas o pobre homem segurava as rédeas num desespero silencioso (pareceu-me), como um prisioneiro a ser levado para o patíbulo. De vez em quando, a sua mão deslizava para dentro da camisa como se trouxesse ali algum tipo de amuleto protetor imaginei isto por causa da tira de couro que tinha ao pescoço, e tive de resistir à tentação de lhe pedir para dar uma olhadela. Senti pena do homem e daquilo por que o estávamos a fazer passar, contra todos os interditos da sua cultura, e decidi que lhe daria uma pequena remuneração suplementar no fim da viagem.

Tínhamos a intenção de passar ali a noite para termos tempo de examinar tudo e tentar conversar com camponeses que encontrássemos e que vivessem perto dali, e para isso o pai do homem tinha-nos fornecido mantas de viagem e cobertores, e a mãe dera-nos pão, queijo e maçãs, tudo amarrado numa trouxa e colocado no fundo da carroça. Assim que entramos na floresta, senti uma excitação pouco acadêmica, e lembrei-me do herói de Bram Stoker partindo para as florestas da Transilvânia uma versão ficcionada delas, de qualquer maneira, de diligência, e quase

desejei que tivéssemos partido à noite, para que também eu pudesse ter visões de misteriosas fogueiras na floresta e ouvir lobos a uivar. Era uma pena, pensei, que Georgescu nunca tivesse lido o livro, e decidi tentar enviar-lhe um exemplar de Inglaterra, se algum dia voltar àquele lugar enfadonho. E então, lembrei-me do meu encontro em Istambul, o que me trouxe de volta à razão.

Atravessamos a floresta lentamente, porque a estrada estava toda sulcada por rodas de carroças e cheia de buracos e porque quase imediatamente começava uma subida. Estas florestas são muito profundas, sombrias mesmo ao meio-dia mais quente, com a frescura sobrenatural do interior de uma igreja. Ao viajarmos por dentro delas, vemo-nos totalmente cercados de árvores e de um silêncio palpitante; da carroça, nada se avista durante quilômetros a fio a não ser os infundáveis troncos e a vegetação rasteira, uma densa mistura de abetos e diversos tipos de madeiras duras. Muitas árvores são descomunamente altas e as suas copas tapam o céu. E como passar entre os pilares de uma vasta catedral, mas uma catedral escura, uma catedral assombrada onde ninguém espera vislumbrar a Madona Negra ou santos martirizados em cada nicho. Vi pelo menos uma dúzia de espécies de árvores, entre as quais altos castanheiros e um tipo de carvalho que nunca tinha visto.

Num determinado ponto, onde o chão se endireitava, penetramos numa nave de troncos prateados, um bosque de faias do tipo dos que ainda encontramos mas raramente nos terrenos mais arborizados de certos solares ingleses. Sem dúvida que já os deve ter visto. Aquele poderia servir de salão de festas para o casamento do próprio Robin dos Bosques, com enormes troncos sustentando um teto de milhões de diminutas folhas verdes, e a folhagem do ano anterior estendendo-se como um tapete castanho-claro sob os nossos pés. O nosso condutor não parecia reparar em nada de toda aquela beleza — quando se vive a vida inteira entre paisagens assim, talvez deixem de ser vistas como “beleza”, mas como o próprio mundo e permanecia sentado, curvado, imerso no mesmo silêncio reprovador. Georgescu estava ocupado a tomar notas sobre o seu trabalho em Snagov, de modo que eu não tinha ninguém com quem trocar uma palavra sobre aquele deslumbramento que nos rodeava.

Depois de viajarmos durante quase meio dia, chegamos a um campo aberto, verde e dourado à luz do sol. Constatei que tínhamos subido bastante desde a aldeia, e tínhamos uma vista cerrada das copas das árvores, que desciam de forma tão íngreme nas extremidades do campo que dar um passo na sua direção significaria cair abruptamente. Dali, a floresta afundava-se num desfiladeiro, e vi pela primeira vez o rio Arges, uma tira de prata lá em baixo. Da margem oposta, erguiam-se enormes encostas cobertas de florestas, aparentemente impossíveis de escalar. Era uma região para águias, não para pessoas, e pensei com espanto nos muitos combates travados ali entre Otomanos e Cristãos. Que um império, por mais ousado que fosse, tentass penetrar naquela paisagem, parecia-me o cúmulo da loucura. Compreendi melhor por que razão Vlad Drácula escolhera aquela região para seu baluarte; quase não precisava de uma fortaleza para a tornar mais inexpugnável.

O nosso guia saltou da carroça e desembrulhou a nossa refeição do meio-dia, que comemos sentados na relva, sob carvalhos e bétulas esparsos. Depois, estendeu-se debaixo de uma árvore e tapou a cara com o chapéu, e Georgescu estendeu-se debaixo de outra árvore, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e dormiram durante uma hora enquanto eu passeava pelo prado. O silêncio era maravilhoso, a não ser pelo gemido do vento naquelas florestas sem limites. O céu, de um azul-vivo, estendia-se por cima de tudo. Ao caminhar para o outro lado do campo, avistei uma clareira semelhante muito mais abaixo, presidida por um pastor com roupas brancas e um largo chapéu acastanhado. O seu rebanho de ovelhas, parecia-me movia-se à sua volta como nuvens, e conjecturei que ele poderia estar ali de pé, exatamente daquela maneira, apoiado no seu

cajado, desde os dias de Trajano. Senti uma grande paz descer sobre mim. A natureza macabra da nossa missão evaporou-se da minha mente, e achei que seria capaz de ficar naquela campina perfumada durante uma ou duas eras, como o pastor.

Na parte da tarde, o nosso caminho levou-nos a estradas cada vez mais íngremes e finalmente a uma aldeia que Georgescu disse ser a mais próxima da fortaleza; lá, sentámo-nos por algum tempo na taberna local com copos desse conhaque muito revigorante a que eles chamam pãlincă. O nosso guia tornou claro que pretendia ficar com os cavalos enquanto nós seguíamos a pé até à fortaleza; em nenhuma circunstância ele subiria até lá, muito menos passaria a noite conosco nas ruínas. Quando insistimos, ele resmungou: "Pentru nimicăîn lime", e levou a mão à tira de couro que usava ao pescoço. Georgescu disse que aquilo significava "De maneira nenhuma". O homem mostrava-se tão obstinado que Georgescu acabou por dar uma gargalhada, dizendo que a caminhada não era assim tão grande e que de qualquer maneira a última parte teria de ser feita a pé. A admirava-me que Georgescu quisesse dormir a céu aberto em vez de voltar para a aldeia e, para ser sincero, também não me agradava muito a idéia de passar lá a noite, embora não tenha dito nada.

Acabamos por deixar o indivíduo com o seu conhaque, os cavalos com a sua água e retomamos o nosso caminho com as trouxas de comida e os cobertores às costas. Enquanto percorríamos a rua principal, lembrei-me novamente da história dos boiardos de Târgoviste, a caminharem trôpeços para a fortaleza original em ruínas lá no alto, depois pensei no que vira ou acreditava ter visto em Istambul, e senti uma pontada de inquietação.

A vereda depressa se estreitou até se transformar num pequeno caminho para carroças e em seguida num atalho que subia à nossa frente através da floresta. Apenas a última parte nos valeu uma escalada íngreme, que superamos com facilidade. De repente, estávamos no cimo de um cume batido pelo vento, um espinhaço de pedra que saía da floresta. No ponto mais elevado desse espinhaço, numa vértebra mais alta do que as outras, agarravam-se duas torres em ruínas e destroços de muralhas, tudo o que restava do Castelo Drácula. A vista era de tirar o fôlego estávamos a uma enorme altitude, com o rio Argês a reluzir distante no desfiladeiro lá em baixo e pequenas aldeias espalhadas aqui e ali ao longo das suas margens. Para sul, vi colinas baixas que Georgescu disse serem as planícies da Valáquia, e para norte montanhas altíssimas, algumas com os picos cobertos de neve. Tínhamos chegado ao poleiro de uma águaia.

Georgescu foi a frente na escalada sobre as rochas caídas, e finalmente vimo-nos no meio das ruínas. Vi imediatamente que a fortaleza tinha sido pequena, e que fora abandonada aos elementos há muito tempo, flores silvestres de todas as espécies, líquenes, musgo cogumelos e árvores retorcidas, deformadas pelo vento, tinham-se instalado ali há muito. As duas torres ainda de pé eram silhuetas ossudas contra o céu. Georgescu explicou que originalmente a fortaleza tivera cinco torres, de onde os homens de Drácula podiam manter a vigilância contra incursões turcas. O pátio onde nos encontrávamos fora outrora um poço profundo para possíveis cercos, e também segundo a lenda uma passagem secreta que levava a uma caverna na margem do Arges, muito mais abaixo. Através dessa passagem, Drácula escapara aos Turcos em 1462, depois de utilizar a fortaleza de modo intermitente durante cerca de cinco anos. Tanto quanto se sabia, nunca mais ali voltara. Georgescu acreditava ter identificado a capela do castelo numa das extremidades do pátio, onde espreitamos para o interior de uma abóbada desmoronada. Pássaros voavam para dentro e para fora das paredes da torre, cobras e pequenos animais desapareciam com leves ruídos a nossa frente, e tive a sensação de que a natureza estava prestes a apossar-se do que restava da cidadela.

Quando a nossa lição de arqueologia acabou, o Sol pendia mesmo por cima das colinas a ocidente e as sombras das rochas, das árvores e das torres tinham-se alongado a nossa volta

Podíamos voltar parra a aldeia — disse Georgescu, pensativo. — Mas aí vamos ter d subir outra vez se quisermos explorrar mais amanhã de manhã Por mim, prefirro acampar aqui, e você?

Naquela altura, sem dúvida que eu preferia não acampar, mas Georgescu parecia tão prosaico, tão científico, sorrindo-me com o seu caderno de desenhos na mão, que eu não quis dizer o que preferia. Começou a juntar madeira seca, eu ajudei-o, e em breve tínhamos uma fogueira a estalar sobre as lajes de pedra do antigo pátio, cujo musgo tínhamos raspado cuidadosamente com esse propósito. Georgescu parecia estar a apreciar enormemente a fogueira, assobiando, ajeitando os galhos soltos, e instalando uma armação primitiva para a panela que tirou da mochila. Depressa estava a preparar um ensopado e a cortar o pão, sorrindo para as chamas, e lembrei-me de que ele era, afinal, tão cigano como escocês.

O Sol pôs-se antes que o nosso jantar ficasse pronto e, quando desapareceu por detrás das montanhas, as ruínas mergulharam na escuridão, as torres a destacarem-se contra um crepúsculo perfeito. Alguma coisa — corujas, morcegos esvoaçavam através dos buracos vazios das janelas, de onde haviam voado flechas na direção das tropas turcas tanto tempo antes. Peguei na minha manta de viagem e coloquei-a o mais perto possível do fogo. Georgescu serviu uma refeição miraculosamente boa e, enquanto comíamos, falou mais uma vez sobre a história do lugar.

Uma das histórias mais tristes sobre Drácula aconteceu aqui Já ouviu falar da primeira mulher de Drácula?

Fiz que não com a cabeça.

Os camponeses que vivem aqui à volta contam uma história sobre ela que penso que deve ser verdadeira. Sabe-se que, no Outono de 1462, Drácula foi expulso desta fortaleza pelos Turcos, que não voltou aqui quando reinou novamente sobre a Valáquia em 1476, pouco antes de ser assassinado. As canções das aldeias das redondezas dizem que, na noite em que o exército turco alcançou aquele penhasco ali em frente — e ele apontou para o veludo escuro da floresta, — os soldados acampam na velha florresta de Poenari e tentaram deitar abaixo o castelo de Drácula disparando com os seus canhões por cima do rio. Não foram bem sucedidos, por isso o seu comandante deu ordens parra um grande assalto ao castelo na manhã seguinte

Georgescu fez uma pausa para atizar o fogo, a luz dançava-lhe no rosto moreno e nos dentes de ouro, e os seus caracóis escuros tomavam a forma de chifres

Durante a noite, um escravo que estava no acampamento turco e que erra parrente de Drácula, atirrou secretamente uma flecha parra a aberturra da torre deste castelo, no ponto onde sabia que ficavam os aposentos pessoais de Drácula. Amarrado à flecha, havia um aviso a Drácula parra que fugisse do castelo antes que ele e a sua família fossem feitos prisioneiros. O escravo conseguiu ver o vulto da mulher de Drácula a ler a mensagem à luz das velas Os camponeses contam nas suas velhas canções que ela disse ao marido que preferia ser devorrada pelos peixes do Arges a tornar-se escrava dos Turcos. Os Turcos não erram muito simpáticos com os prisioneiros, sabe? — Georgescu sorriu-me com ar demoníaco por cima do ensopado. — Então, ela subiu a correr os degraus da torre provavelmente aquela ali e atirou-se lá de cima. E Drácula, é claro, escapou através da passagem secreta. — Abanou a cabeça com ar óbvio. — Esta parte do Arges ainda é chamada de Riul Doamnei, que significa o rio da Princesa.

Senti um calafrio, como pode imaginar eu tinha olhado naquela tarde para o precipício. A queda até ao rio lá em baixo é quase inimaginavelmente longa.

Drácula teve filhos dessa esposa?

Ah, sim — Georgescu serviu-me um pouco mais de ensopado. — O filho deles foi Mihnea Mau, que reinou na Valáquia no início do século dezesesseis. Outro sujeito encantador. A sua linhagem deu orrigem a toda uma série de Mihneas e Mirceas, todos desagradáveis. E Drácul

casou-se de novo, a segunda vez com uma húngarra que era parrente de Máthyás Corvinus, rei da Hungria. Produziram uma quantidade de Dráculas

Ainda há Dráculas na Valáquia ou na Transilvânia?

Creio que não. Eu tê-lo-ia encontrado, se existissem. — Partiu um pedaço de pão e deu-mo. — Essa segunda linhagem possuía terras na região de Szekler, e misturraram-se com os Húngaros. O último deles casou-se com alguém da nobre família dos Getzi, e estes também desapareceram

Anotei tudo no meu caderno entre uma garfada e outra, embora não acreditasse que aquilo pudesse levar-me a alguma tumba. Isto sugeriu-me uma última pergunta, que não me agradava muito fazer naquela escuridão enorme e cada vez mais profunda.

Não é possível que Drácula esteja enterrado aqui, ou que o seu corpo tenha sido trazido de Snagov para cá como medida de segurança?

Georgescu riu.

Ainda esperançoso, não é? Não, o sujeito está num lugar qualquer em Snagov, ouça o que lhe digo. É claro, aquela capela ali tinha uma cripta; existe uma árrea afundada, com uns degraus até abaixo. Escavei ali há anos, quando vim aqui pela primeira vez. — Fez-me um sorriso aberto. — Os aldeões ficaram semanas sem falar comigo. Mas a cripta estava vazia. Nem uns poucos ossos encontrei.

Pouco depois, começou a dar grandes bocejos. Puxamos os nossos mantimentos para junto do fogo, enrolámo-nos nas nossas mantas de viagem e ficamos em silêncio. A noite estava fria e eu felizmente vestira as minhas roupas mais quentes. Fiquei a olhar para as estrelas durante algum tempo pareciam maravilhosamente próximas daquele precipício negro e a ouvir Georgescu a ressonar.

Devo ter adormecido também porque, quando acordei, o fogo estava baixo e um fiapo de nuvem cobria o topo da montanha. Eu tremia de frio, e estava prestes a levantar-me para deitar mais lenha na fogueira quando um ruído me fez gelar o sangue. Não estávamos sozinhos nas ruínas, e o que quer que fosse que partilhava conosco aquele lugar escuro e agreste estava muito perto. Levantei-me devagar, pensando em acordar Georgescu se fosse necessário e conjecturando se ele teria alguma arma na sua bolsa cigana, junto com as panelas. Um silêncio mortal havia descido sobre nós mas, depois de uns segundos, o suspense tornou-se demasiado para mim. Tirei um ramo da pilha de lenha e pu-lo na fogueira e, quando pegou fogo, fiquei com uma tocha, que ergui com cuidado.

De repente, nas profundezas do local da capela, coberto de vegetação, a luz da minha tocha deparou-se com o brilho vermelho de um par de olhos. Estaria a mentir, meu amigo, se dissesse que não fiquei com os cabelos em pé. Os olhos aproximaram-se um pouco mais e eu não conseguia determinar a distância a que estavam do chão. Por um longo momento, olharam para mim, e senti, irracionalmente, que havia neles uma espécie de reconhecimento, que sabiam quem eu era e que me avaliavam. Então, com um restolhar seco da vegetação rasteira, avistei metade do corpo de um grande animal, que virou a cabeça para um lado e para o outro e se afastou, trotando, para a escuridão. Era um lobo de um tamanho assustador; àquela luz precária, consegui ver por um segundo o seu pelo desganhado e a sua grande cabeça antes que se esgueirasse para fora das ruínas e desaparecesse.

Deitei-me novamente, sem querer acordar Georgescu, agora que o perigo parecia ter passado, mas não consegui dormir. Via, uma e outra vez na minha mente, pelo menos aqueles olhos penetrantes, astutos. Acredito que acabei por dormir mas, ali deitado, apercebi-me de um som distante, que parecia vir do negrume da floresta. Por fim, senti-me demasiado agitado para ficar debaixo das mantas, levantei-me outra vez e atravessei furtivamente o pátio coberto de

mato para olhar por cima da muralha. O declive mais abrupto do precipício era o que acabava no Arges, como já descrevi, mas à minha esquerda havia uma área onde as florestas desciam mais suavemente, e dali ouvi subir um murmurar de muitas vozes, e vi um clarão que poderia ser de fogueiras de acampamento. Não sabia se os ciganos acampavam naquelas florestas; teria de perguntar a Georgescu de manhã. Como se este pensamento o tivesse chamado, o meu novo amigo apareceu de repente, indistinto, ao meu lado, arrastando os pés, cheio de sono.

Algun problema? — e espreitou por cima da muralha. Apontei para baixo.

Será um acampamento cigano? — Ele riu.

Não, é demasiado longe da civilização. — Um bocejo seguiu-se à frase, mas os seus olhos, à luz do nosso fogo moribundo, mostravam-se brilhantes e atentos. — Mas é esquisito. Vamos verificar.

Não gostei nada da idéia, mas minutos depois tínhamos calçado as nossas botas e movíamos-nos em silêncio, descendo o atalho na direção do som. Este foi ficando cada vez mais forte, subindo e descendo, numa cadência misteriosa não eram lobos, refleti, mas vozes de homens. Eu tentava não pisar nenhum ramo. Uma vez, vi Georgescu meter a mão dentro do casaco — afinal, tinha uma arma, concluí, satisfeito. Em breve avistamos a luz de fogueiras a tremer entre as árvores e, com um gesto, ele mandou-me agachar e depois estender-me ao seu lado no mato rasteiro.

Chegáramos a uma clareira na floresta que, surpreendentemente, estava cheia de homens. Estavam de pé em dois círculos em volta de uma fogueira brilhante, de frente para ela, e cantavam uma ladainha monótona. Um deles, aparentemente o líder, estava perto do fogo, e todas as vezes que o cântico subia até atingir um crescendo, todos levantavam um braço esticado para o saudarem, apoiando a outra mão no ombro do homem ao lado. Os seus rostos, de um estranho tom alaranjado à luz do fogo, eram duros e não sorriam, e os olhos brilhavam. Usavam uma espécie de uniforme, casacos escuros por cima de camisas verdes e gravatas pretas.

O que é isto? — murmurei para Georgescu. — O que estão eles a dizer?

"Tudo pela Pátria!" segredou-me ao ouvido. — Fique quieto e calado, ou estamos mortos. Acho que é a Legião do Arcanjo Miguel.

O que é isso? — tentei mover apenas os lábios.

Era difícil imaginar qualquer coisa menos angélica do que aqueles rostos petrificados e os braços rígidos estendidos. Georgescu fez-me sinal para nos irmos embora e voltamos sorrateiramente para a floresta. Antes de nos virarmos, porém, percebi um movimento do outro lado da clareira e, para meu crescente espanto, vi um homem alto e de ombros largos envolto numa capa, o cabelo escuro e o rosto lívido entrevistados por um segundo à luz da fogueira. Estava de pé fora dos círculos dos homens uniformizados, o rosto alegre; na verdade, parecia mesmo estar a rir-se. No segundo seguinte deixei de o ver e pensei que devia ter-se esgueirado por entre as árvores, e então Georgescu puxou-me ladeira acima.

Quando estávamos em segurança nas ruínas ironicamente, as ruínas pareciam agora seguras, por contraste, Georgescu sentou-se junto do fogo e acendeu o cachimbo, como que aliviado.

Meu Deus, homem — disse ele, e respirou fundo. — Podia ter sido o nosso fim!

Quem são?

Ele atirou o fósforo para a fogueira.

Criminosos — disse secamente. — Também são conhecidos por Guarda de Ferro. Passam d roldão pelas aldeias desta parte do país, recrutando rapazes e convertendo-os ao ódio. Odeiam os judeus em particular, e querem livrar o mundo deles. — Sorveu com força o cachimbo. — Nós, ciganos, sabemos que quando matam judeus, os ciganos são sempre assassinos também.

E depois, em geral, mais uma quantidade de gente.

Descrevi a figura bizarra que vira do lado de fora do círculo.

Ah, com certeza — murmurou Georgescu. — Eles atraem todo o tipo de estranho admiradores. Não vai demorar muito parra que todos os pastores das montanhas decidam juntar-se a eles.

Demorou algum tempo até adormecermos novamente, mas Georgescu garantiu-me que a Legião dificilmente escalaria a montanha uma vez iniciados os seus rituais. Consegui cair apenas num sono leve e desconfortável, e fiquei aliviado ao ver que a aurora chegava cedo àquele ninho de águias. Tudo estava silencioso, ainda bastante enevoado, e nenhum vento fazia mexer as árvores em redor. Assim que a luz ficou suficientemente forte, caminhei com cautela até às abóbadas desmoronadas da capela e examinei as pegadas do lobo. Eram claramente visíveis no lado mais próximo da capela, grandes e pesadas, marcadas na terra. O estranho é que havia apenas um conjunto de pegadas, que saía da área da capela, diretamente das camadas afundadas da cripta, sem nenhum vestígio de como o lobo lá chegara ou talvez fosse eu que não conseguia interpretar bem as suas marcas no mato atrás da capela. Pensei muito aquilo, mesmo depois de termos tomado o pequeno-almoço, feito mais alguns desenhos e começado a descer a montanha.

Mais uma vez, tenho de parar aqui, mas envio-lhe o meu afeto desta terra longínqua

Rossi

Meu querido amigo,

Não consigo imaginar o que irá pensar desta correspondência estranha e unilateral quando finalmente lhe chegar às mãos, mas sinto-me impelido a continuar, ainda que seja apenas para tomar notas para mim mesmo. Ontem à tarde, regressamos à aldeia no Arges de onde iniciamos a nossa viagem até à fortaleza de Drácula, e Georgescu partiu para Snagov, com um abraço caloroso, um abanão nos meus ombros e o desejo de que possamos um dia retomar o contato um com o outro. Foi o mais bem-humorado dos guias e certamente vou sentir a sua falta. No último momento, senti uma pontada de culpa por não lhe ter contado tudo o que vi em Istambul, mas não consegui romper o meu próprio silêncio. De qualquer forma, ele não teria acreditado, portanto não valeria a pena contar-lhe. Podia imaginar muito bem a sua risada franca, o seu científico sacudir de cabeça, a sua troça da minha fantástica imaginação.

Pedi-me que viajasse com ele até Târgoviste, mas eu já tinha resolvido ficar mais alguns dias nesta região para visitar algumas igrejas e mosteiros locais e aprender, talvez, um pouco sobre a área que circundava o baluarte de Vlad. Esta foi pelo menos a justificação que dei a mim mesmo e a Georgescu, e ele recomendou-me vários locais que Drácula sem dúvida terá visitado em vida. Penso que tinha outra motivação, meu amigo, que é a sensação de que talvez nunca mais volte a um lugar assim, tão remoto, tão distante das minhas pesquisas habituais e tão pungentemente belo. Tendo decidido passar aqui os meus últimos dias livres em vez de correr para a Grécia antes do previsto, tenho-me descontraído um pouco na taberna, tentando melhorar os meus conhecimentos de Romeno, tentando com pouco sucesso conversar com os mais velhos sobre as lendas da região. Hoje passei pelos bosques próximos da aldeia e cheguei a um altar solitário, debaixo de uma árvore. Foi construído com pedras antigas e tem um telhado de colmo, e penso que a sua parte original deve estar ali desde muito antes de as tropas de Drácula galoparem por estas estradas. As flores no interior tinham murchado há pouco, e cera derretida de velas acumulava-se por baixo do crucifixo.

Quando regressava à aldeia, deparei com uma visão igualmente impressionante: uma rapariga da aldeia, parada no meu caminho com o seu traje de camponesa, parecendo uma figura saída da História. Como não dava sinais de se afastar, parei para falar com ela e, para minha surpresa, deu-me de presente uma moeda. Era visivelmente muito antiga, medieval e numa das faces mostrava a figura de um dragão. Tive a certeza, embora não tivesse provas, de que deve ter sido cunhada para a Ordem do Dragão. É claro que a rapariga só falava Romeno, mas consegui entender que a moeda lhe fora dada por uma mulher que descera a esta aldeia vinda dos penhascos do rio próximo do castelo de Vlad. A rapariga também me contou que o seu nome de família é Getzi, se bem que ela aparentemente não tenha qualquer noção do que isso significa. Pode imaginar a minha excitação perante isto: havia uma grande probabilidade de estar frente a frente com uma descendente de Vlad Drácula. A ideia era ao mesmo tempo espantosa e assustadora (ainda que os traços puros da rapariga e as suas maneiras graciosas estivessem o mais longe possível de qualquer coisa monstruosa ou cruel). Quando tentei devolver-lhe a moeda, insisti para que eu ficasse com ela, o que fiz até agora, mas certamente tentarei de novo devolver-lha. Combinamos conversar mais amanhã, e agora tenho de parar de escrever para fazer um desenho da moeda e estudar o meu dicionário, na esperança de conseguir perguntar-lhe mais informações sobre a sua família e as origens dela.

Meu querido amigo,

Ontem à noite, fiz mais um pequeno progresso ao conversar com a rapariga de quem lhe falei o seu apelido é realmente Getzi, e ela soletrou-o do mesmo modo que Georgescu fizera ao ditá-lo para as minhas anotações. Fiquei admirado com a rapidez com que ela me compreendia à medida que tentávamos conversar, e descobri que, além dos seus grandes talentos naturais de percepção, sabe ler e escrever e conseguiu ajudar-me a encontrar palavras no dicionário. Gostei de observar o seu rosto vivo e os seus olhos escuros, brilhantes, a abrir-se a cada nova coisa que compreendia. Nunca aprendeu outro idioma, é claro, mas não tenho dúvidas de que poderia fazê-lo com facilidade se tivesse o ensino adequado.

Isto pareceu-me um fenómeno extraordinário, encontrar uma tal inteligência neste lugar remoto e simples; talvez seja mais uma prova de que ela é descendente de gente nobre, educada, inteligente. A família do pai veio para cá há tanto tempo que já ninguém se lembra disso, mas alguns eram húngaros, pelo que consegui entender. Ela disse-me que o pai acredita ser o herdeiro do príncipe do Castelo Argês, e que há lá um tesouro enterrado, o que aparentemente todos os camponeses daqui também acham. Com dificuldade, deduzi que acreditam que nos dias de alguns santos uma luz sobrenatural ilumina o local do tesouro enterrado, mas nas aldeias todos têm demasiado medo para ir procurá-lo. As qualidades da rapariga, tão nitidamente superiores ao seu meio, fazem-me lembrar a maravilhosa Tese de D'Urberville, de Hardy. Sei que não s'aventura para lá de 1800, meu amigo, mas reli o livro o ano passado e recomendo-lho como um desvio às suas deambulações habituais. Já agora, duvido que haja algum tesouro, ou Georgescu já o teria encontrado.

Ela também me explicou o fato surpreendente de que um membro de cada geração da sua família tem, marcado na pele, um pequeno dragão. Isto, tanto como o seu nome e a história do seu pai sobre ele, convenceu-me de que ela faz parte de um ramo vivo da Ordem do Dragão. Gostaria de conversar com o pai dela, mas, quando o sugeri, mostrou-se tão aflita que seria grosseiro da minha parte insistir. Esta é uma cultura tradicional, extremamente tradicional, e tomo o maior cuidado para não colocar em risco a reputação dela perante a sua gente — tenho certeza de que já se arriscou só por falar comigo sozinha, e estou-lhe muito grato pelo seu interesse e pela sua ajuda.

Agora vou passear um pouco nos bosques, tenho tanto em que pensar que sinto necessidade de arejar um pouco a cabeça.

Meu querido amigo, meu único confidente,

Passaram-se dois dias e não sei bem como escrever-lhe sobre eles, ou se algum dia mostrarei isto a alguém. Estes dois dias fizeram para mim a diferença de uma vida. Encheram-me, em doses iguais, de esperança e de medo. Sinto que, no seu decurso, atravesssei uma linha e entrei numa nova vida. O que tudo isto vai significar, no fim, não sei dizer. Sou ao mesmo tempo o homem mais feliz da Criação e o mais ansioso.

Há dois dias, ao cair da tarde, depois de lhe ter escrito pela última vez, encontrei mais uma vez a rapariga angelical que já lhe descrevi, e a nossa conversa, desta vez, levou a uma mudança repentina, um beijo, na verdade — antes que ela fugisse. Passei a noite sem dormir e, quando a manhã chegou, saí do meu quarto na aldeia e ao vaguear pelo bosque. Andei um pouco, sentando-me de vez em quando numa pedra ou tronco de árvore, sob a luminosidade esverdeada e cambiante do começo da manhã, vendo o seu rosto por entre as árvores ou na própria luz e interrogando-me muitas vezes se deveria deixar a aldeia imediatamente, pois podia tê-la já

ofendido.

O dia inteiro passou-se desta maneira, enquanto eu caminhava por aqui e por ali, voltando à aldeia apenas para a refeição do meio-dia, com medo de a encontrar a cada instante e ao mesmo tempo esperando que isso acontecesse. Mas não vi sinal dela, e à tardinha voltei ao nosso ponto de encontro, pensando que, se ela aparecesse, lhe diria, da melhor maneira possível, que lhe devia um pedido de desculpas e que não a incomodaria mais. Quando já estava a perder a esperança de a ver e tinha concluído que a ofendera profundamente e devia deixar a aldeia na manhã seguinte, ela surgiu entre as árvores. Vi-a por um segundo com as suas saias pesadas e o carpete preto, a cabeça descoberta e escura como madeira polida, a trança sobre o ombro. Os seus olhos também escuros estavam assustados, mas a radiosa inteligência do seu rosto atingiu-me em cheio.

Abri a boca para falar com ela, mas nesse momento ela voou na minha direção, atravessando a distância que nos separava, e lançou-se nos meus braços. Para minha surpresa, parecia entregar-se-me completamente, e os nossos sentimentos em breve nos levaram a uma intimidade completa, tão terna e pura quanto fora espontânea. Descobri que podíamos falar livremente um com o outro em qual das nossas línguas já não tenho a certeza e que eu podia interpretar o mundo e talvez todo o meu futuro na escuridão dos olhos dela, com as suas pestanas espessas e a delicada dobra asiática nos cantos.

Quando ela foi embora e fiquei sozinho com as minhas emoções, tentei considerar o que tinha feito, o que tínhamos feito, mas a minha sensação de plenitude e felicidade interferiam no meu raciocínio. Hoje voltarei lá para esperar por ela de novo, porque não consigo evitar, porque todo o meu ser parece estar agora ligado a um ser tão diferente de mim e ao mesmo tempo tão estranhamente familiar que dificilmente posso compreender o que aconteceu.

Meu querido amigo (se é ainda para si que escrevo),

Vivi os últimos quatro dias no paraíso, e o meu amor pelo anjo que lhe preside parece ser exatamente isso amor. Nunca senti por nenhuma mulher o que sinto agora, neste lugar estrangeiro. Com apenas mais alguns dias para refletir, evidentemente que tenho procurado considerar a situação de todos os ângulos. A ideia de a deixar e nunca mais a ver parece-me tão impossível como a de nunca mais voltar a ver a minha terra. Por outro lado, tenho pensado muito sobre o que significaria levá-la comigo ou seja: em primeiro lugar, iria afastá-la cruelmente do seu lar e da sua família, e não sei quais seriam as consequências se ela fosse comigo para Oxford. Este último pensamento é extremamente complicado, mas a crueza da situação está muito clara para mim: se eu me fosse embora sem ela, partiria os nossos dois corações, além de ser também um ato covarde e vil depois do que se passou entre nós.

Decidi finalmente fazer dela minha esposa o mais depressa possível. As nossas vidas tomarão sem dúvida um caminho singular, mas tenho a certeza de que a natural graciosidade dela e a sua inteligência aguda vão ajudá-la a superar o que quer que se nos depare. Não posso deixá-la aqui e passar toda a minha vida a imaginar como poderia ter sido, nem posso abandoná-la numa situação como esta. Decidi que esta noite vou pedir-lhe que se case comigo daqui a um mês. Penso voltar primeiro à Grécia, onde posso pedir emprestado aos meus colegas ou mandar vir por telégrafo dinheiro suficiente para dar ao pai dela como compensação por a levar daqui; tenho pouco dinheiro comigo, e não ousaria enfrentar esta situação de outro modo. Além disso, sinto que devo apresentar-me na escavação arqueológica para que fui convidado, o túmulo de um nobre, perto de Cnossos. O meu trabalho no futuro pode estar relacionado con

esses colegas, e com ele poderei mantê-la e a mim na vida que construiremos juntos.

Depois, voltarei para a vir buscar e como serão longas essas quatro semanas de separação. Quero ver se os padres de Snagov nos podem casar lá, e assim Georgescu poderia ser nossa testemunha. Evidentemente, se os pais dela insistirem que devemos casar-nos antes de deixar a aldeia, estou disposto a fazê-lo. Em qualquer dos casos, viajará comigo como minha mulher. Penso mandar um telegrama aos meus pais da Grécia, e depois levá-la-ei para passar uma temporada com eles quando chegarmos a Inglaterra. E você, querido amigo, se já estiver a ler estas linhas, poderia tentar saber alguma coisa sobre a questão das acomodações fora da universidade? Muito discretamente e levando em conta que o preço é muito importante. Gostaria também que ela começasse a aprender inglês o mais breve possível, tenho a certeza de que se sairá muito bem. Talvez o Outono o encontre sentado à nossa lareira, meu amigo, e então há-de compreender a razão da minha loucura. Até lá, é a única pessoa com quem me sinto a vontade para comentar este assunto, logo que eu conseguir enviar-lhe estas cartas, e peço-lhe que me julgue com benevolência, com toda a grandeza do seu coração

Seu amigo, feliz e ansioso, Rossi

Esta foi a última das cartas de Rossi, provavelmente a última que escrevera ao seu amigo. Sentado ao lado de Helen no autocarro de regresso a Budapeste, voltei a dobra cuidadosamente as páginas e peguei-lhe na mão só por um segundo.

— Helen — disse, hesitante, porque senti que um de nós, pelo menos, tinha de o dizer em voz alta. — Você é descendente de Vlad Drácula.

Ela olhou para mim, depois para fora da janela do autocarro, e pareceu-me ter visto no seu rosto que ela própria não sabia como se sentir em relação àquilo, mas que sabê-lo fazia todo o seu sangue retorcer-se, revirar-se nas suas veias.

Já era quase noite quando Helen e eu descemos do autocarro em Budapeste, mas apercebi-me, com uma sensação de choque, de que tínhamos saído da estação rodoviária naquele mesmo dia, naquela manhã. Era como se tivesse vivido alguns anos desde então. As cartas de Rossi estavam em segurança na minha pasta e o seu conteúdo enchia-me a cabeça de imagens comoventes; também via um reflexo delas nos olhos de Helen. Ela mantinha uma das suas mãos aninhada no meu braço, como se as revelações daquele dia tivessem abalado a sua segurança. A minha vontade era passar o meu braço em volta dela, abraçá-la e beijá-la ali na rua, dizer-lhe que nunca a deixaria e que Rossi nunca deveria... nunca deveria ter deixado a sua mãe, é isso. Contentei-me em apertar firmemente a mão dela contra o meu corpo e deixar que ela nos guiasse de regresso ao hotel.

No momento em que entramos no vestíbulo, tive outra vez a sensação de que tínhamos estado ausentes durante um longo tempo como era estranho que estes lugares desconhecidos comessem a parecer-me familiares em poucos dias, refleti. Havia um bilhete para Helen, da tia, que ela leu ansiosa.

— Eu já imaginava. Ela quer que jantemos com ela esta noite, aqui no hotel. Suponho que vem despedir-se de nós.

— Vai contar-lhe?

— Sobre as cartas? Provavelmente sim. Conto sempre tudo a Eva, mais cedo ou mais tarde.

Perguntei-me se teria contado à tia alguma coisa sobre mim que eu não soubesse, depois tirei a idéia da cabeça. Tínhamos pouco tempo para nos lavarmos e vestirmos nos nossos quartos antes do jantar, vesti a camisa mais limpa das duas sujas que tinha, fiz a barba no lavatório requintado e, quando descí novamente, Eva já lá estava, mas Helen não. Eva estava de pé diante da janela da frente, de costas para mim, o rosto virado para a rua e para a luz do entardecer que aos poucos se desvanecia. Vista assim, não mostrava toda a vigilância e intensidade do seu comportamento em público; as suas costas, num casaco verde-escuro, estavam relaxadas, mesmo um pouco curvadas. Virando-se de repente, poupou-me ao problema de decidir chamá-la ou não, e vi preocupação no seu rosto antes que o seu maravilhoso sorriso se acendesse na minha direção. Apressou-se a apertar-me a

mão, e eu a beijar a sua. Não trocamos uma palavra, mas mesmo assim era como se fôssemos velhos amigos que se reencontrassem depois de uma separação de meses ou anos.

Logo a seguir Helen apareceu, para meu alívio, e conduziu-nos para a sala de jantar com as suas toalhas brancas engomadas e a sua porcelana feia. A tia Eva fez os pedidos por todos nós, como anteriormente, e recostei-me, cansado, enquanto elas conversavam um pouco. De início, pareceram gracejar entre si afetuosamente, mas logo a seguir o rosto de Eva turvou-se e vi-a pegar no garfo e rodá-lo, taciturna, entre o polegar e o indicador. Então, sussurrou qualquer coisa a Helen que a fez também franzir a testa.

— Qual é o problema? — perguntei, inquieto. Já tinha a minha conta de segredos e mistérios.

— A minha tia fez uma descoberta. — Helen baixou o tom de voz, embora poucas das pessoas que jantavam ali pudessem saber inglês. — Uma coisa que pode ser desagradável para nós.

— O quê?

Eva fez um gesto com a cabeça e falou de novo, outra vez em voz muito baixa, e a testa de Helen franziu-se ainda mais.

— Isto é mau — sussurrou ela. — A minha tia foi interrogada sobre si... sobre nós. Disse que recebeu uma visita esta tarde, de um detetive da polícia que ela conhece há muito tempo. Ele pediu desculpa e disse que era só uma questão de rotina, mas interrogou-a sobre a sua presença na Hungria, os seus interesses, e o nosso... o nosso relacionamento. A minha tia é muito esperta nestes assuntos e, quando por sua vez o interrogou, ele acabou por revelar que tinha sido... como é que se diz... posto no caso por Géza József. — A sua voz baixou para um murmúrio quase inaudível.

— Géza! — Exclamei, olhando para ela.

— Eu disse-lhe que ele é uma peste! Tentou fazer-me perguntas também durante a conferência, mas ignorei-o. Aparentemente, isso deixou-o mais zangado do que eu imaginava. — Fez uma pausa. — A minha tia diz que ele pertence a polícia secreta e que pode ser muito perigoso para nós. Eles não gostam das reformas liberais do governo e estão a tentar manter os velhos métodos. — Alguma coisa no seu tom de voz fez-me perguntar:

— Você já sabia disto? Da posição que ele ocupa?

Ela fez que sim com a cabeça, culpada.

— Conto-lhe isso mais tarde.

Eu não tinha a certeza de quanto mais queria saber, mas a idéia de sermos perseguidos pelo belo gigante era-me sem dúvida desagradável.

— O que é que ele quer?

— Parece que ele acha que você está envolvido em algo mais do que pesquisas históricas. Acredita que veio aqui procurar outra coisa.

— E tem razão — observei em voz baixa.

— Está determinado a descobrir o que é. Tenho certeza de que sabe aonde fomos hoje,

e espero que não vá interrogar também a minha mãe. A minha tia desviou o detetive... do nosso rastro o melhor que pôde, mas agora está preocupada.

— A sua tia sabe do que... de quem... estou à procura?

Helen ficou em silêncio por um momento e, quando levantou o olhar, havia como que um apelo nos seus olhos.

— Sim. Pensei que ela pudesse ajudar-nos de alguma forma.

— Ela tem algum conselho para nos dar?

— Só diz que é bom sairmos da Hungria amanhã. Disse para não falarmos com estranhos quando formos embora.

— É claro — disse eu, irritado. — Talvez József queira estudar os documentos de Drácula conosco, no aeroporto.

— Por favor — a voz dela era um mero sussurro. — Não brinque com isto, Paul. Pode ser muito sério. Se eu quiser voltar para cá um dia...

Remeti-me a um silêncio cheio de culpa. Não tivera a intenção de dizer uma piada, estava apenas a manifestar a minha irritação. O criado acabava de trazer a sobremesa doces e café que a tia Eva nos obrigou a comer com uma preocupação maternal, como se, ao engordar-nos um pouco, pudesse proteger-nos dos males do mundo. Enquanto comíamos, Helen contou a tia sobre as cartas de Rossi, e Eva assentia movimentando devagar a cabeça, atenta, mas não disse nada. Quando as nossas chávenas se esvaziaram, virou-se deliberadamente para mim, e Helen traduziu com os olhos baixos.

— Meu caro jovem — disse Eva, apertando a minha mão exatamente como a sua irmã fizera antes. — Não sei se nos veremos outra vez, mas tenho esperança de que sim. Entretanto, tome conta da minha querida sobrinha, ou pelo menos deixe-a tomar conta de si — e lançou um olhar malicioso a Helen, que esta fingiu não notar — e certifique-se de que ambos voltam em segurança para os vossos estudos. Helen contou-me sobre a sua missão, e é uma missão meritória, mas, se não a realizar em breve, volte para casa com a convicção de que fez tudo o que podia. E daí em diante terá de continuar com a sua vida, meu amigo, porque você é jovem e tem a vida pela frente.

Limpou os lábios com o guardanapo e levantou-se. À porta do hotel, abraçou Helen em silêncio e inclinou-se para me dar um beijo em cada face. A sua expressão era grave e nenhuma lágrima brilhava nos seus olhos, mas vi-lhe no rosto uma tristeza profunda e silenciosa. O carro elegante estava à espera. A minha última visão dela foi o seu aceno discreto pelo vidro de trás.

Por alguns segundos, Helen pareceu incapaz de falar. Virou-se para mim, virou-se para o outro lado. Então recompôs-se e olhou para mim, decidida.

— Vamos, Paul. Esta é a nossa última hora de liberdade em Budapeste. Amanhã vamos ter de ir cedo para o aeroporto. Quero dar uma volta.

— Uma volta? — disse eu. — E quanto à polícia secreta e ao seu interesse por mim?

— Eles querem saber o que você sabe, e não esfaqueá-lo num beco escuro. E não seja

vaidoso — disse, sorrindo. — Estão interessados em si tanto como em mim. Vamos ficar apenas em lugares bem iluminados, ao longo da rua principal, mas quero que veja a cidade mais uma vez.

A idéia não podia agradar-me mais, sabendo que poderia ser a minha última visão de Budapeste em toda a vida, e saímos novamente para a noite fragrante. Caminhamos na direção do rio, permanecendo, como Helen prometera, nas ruas de maior tráfego. Ao chegar a grande ponte, paramos, e então Helen entrou nela, fazendo deslizar uma das mãos pelo parapeito, pensativa. Acima da vastidão da água, paramos novamente, olhando para os dois lados de Budapeste, e novamente senti a sua majestade e a violência da guerra que quase a destruíra. As luzes da cidade brilhavam em toda a parte, tremulando na superfície negra da água. Helen ficou junto ao parapeito por um momento e depois virou-se, relutantemente, para voltar para Peste. Tinha tirado o casaco e, quando se virou, vi uma forma irregular nas costas da sua blusa. Ao chegar mais perto, percebi que era uma aranha enorme. Tecera uma teia de um lado ao outro das costas dela; viam-se nitidamente os filamentos brilhantes. Lembrei-me então de ter visto teias de aranha ao longo de todo o parapeito da ponte, onde ela passara a mão.

— Helen — disse-lhe suavemente. — Não fique nervosa... tem uma coisa nas costas.

— O quê? — Perguntou, petrificada.

— Vou tirá-la — disse eu calmamente. — É só uma aranha.

Um calafrio percorreu-a, mas ficou parada, obediente, enquanto eu tirava a aranha das suas costas com um piparote. Admito que também senti um arrepio, porque era a maior aranha que eu já vira, quase metade da largura da minha mão. Caiu sobre o parapeito junto de nós com um ruído audível e Helen gritou. Nunca a ouvira expressar medo antes, e aquele grito curto fez-me querer agarrá-la e sacudi-la, até mesmo bater-lhe.

— Está tudo bem — disse eu depressa, segurando-lhe o braço, tentando ficar calmo. Para minha surpresa, ela deu um ou dois soluços antes de conseguir recompor-se. Admirava-me que uma mulher capaz de disparar contra vampiros ficasse tão abalada por causa de uma aranha, mas o dia tinha sido longo e tenso. Voltou a surpreender-me ao virar-se para o rio dizendo, em voz baixa:

— Prometi contar-lhe o que sei sobre Géza.

— Não precisa me contar nada.

Esperava que a minha voz não tivesse soado irritada.

— Não quero mentir por omissão. — Afastou-se alguns passos, como para deixar a aranha completamente para trás, embora o animal tivesse desaparecido, talvez caído no Danúbio. — Quando era estudante universitária, estive apaixonada por ele durante algum tempo, ou pensei que estava, e em troca ele ajudou a minha tia a conseguir-me uma bolsa de estudo e o passaporte para deixar a Hungria.

Recuei, olhando fixamente para ela.

— Ah, não foi assim tão óbvio — disse ela. — Ele não disse "Dormes comigo, e depois

podes ir para Inglaterra." Na verdade, ele é bastante sutil. Também não conseguiu de tudo o que queria. Mas quando deixei de estar apaixonada por ele, já tinha o meu passaporte na mão. Foi assim que aconteceu e, quando percebi, já possuía um bilhete para a liberdade, para o Ocidente, e não estava disposta a desistir dele. E eu pensava que tudo aquilo valia a pena para encontrar o meu pai. Então, fiz o jogo de Géza até conseguir escapar para Londres e deixei-lhe uma carta a cortar os meus laços com ele. Queria ser honesta sobre isso, pelo menos. Ele deve ter ficado muito zangado, mas nunca me escreveu.

— E como é que soube que ele pertencia à polícia secreta? — Ela riu.

— Ele era demasiado vaidoso para guardar o segredo só para si, queria impressionar-me. Não lhe disse que fiquei mais assustada do que impressionada, e mais enojada do que assustada. Ele contou-me de pessoas que mandara para a prisão ou para a tortura, e insinuava que havia coisas piores. Em última análise, é impossível não odiar uma pessoa assim.

— Não fico contente por saber isso, já que ele está interessado nos meus movimentos — disse eu. — Mas fico contente por saber que é isso que sente por ele.

— O que é que pensava? — perguntou ela. — Tenho tentado ficar longe dele desde o momento em que aqui chegamos.

— Mas reparei que havia algum sentimento complicado em si quando o vi na conferência — admiti. — Não consegui deixar de pensar que talvez o tivesse amado, ou ainda o amasse, qualquer coisa assim.

— Não — sacudiu a cabeça, olhando para a corrente escura lá em baixo. — Nunca poderia amar um interrogador, um torturador, provavelmente um assassino. E se não o rejeitei por tudo isso, no passado e mais ainda agora, haveria outras coisas pelas quais o rejeitaria. Virou-se ligeiramente na minha direção, mas sem encontrar o meu olhar. São coisas menores, mas ainda assim muito importantes. Ele não é gentil. Não sabe quando deve dizer palavras de conforto ou quando deve ficar calado. Não se interessa realmente por História. Não tem olhos cinzentos suaves nem sobancelhas espessas, nem arregaça as mangas até aos cotovelos. — Olhei para ela, e então ela olhou-me diretamente no rosto com uma espécie de coragem determinada. — Em suma, o maior problema dele é não ser você.

O olhar dela era praticamente indecifrável, mas depois de um momento começou a sorrir, quase sem querer, como se estivesse a lutar contra si mesma, e era o lindo sorriso de todas as mulheres da sua família. Olhei-a fixamente, ainda incrédulo, e então tomei-a nos meus braços e beijei-a apaixonadamente.

— O que é que pensavas? — sussurrou ela, assim que consegui soltá-la por um segundo. — O que é que pensavas?

Ficamos ali durante longos minutos pode ter sido uma hora e então de repente afastou-se com um gemido e levou a mão ao pescoço.

— O que foi? — perguntei imediatamente. Ela hesitou.

— A minha ferida — disse ela, devagar. — Já sarou, mas às vezes ainda dói, por um momento. E agora mesmo pensei que... talvez não devesse ter-te tocado.

Entreolhámo-nos.

— Deixa-me ver — disse eu. — Helen, deixa-me ver.

Em silêncio, ela desamarrou o lenço e levantou o queixo, à luz do candeeiro da rua. Na pele do seu pescoço vigoroso vi duas marcas roxas, quase completamente fechadas. Os meus receios diminuíram um pouco; era evidente que não fora mordida novamente desde o primeiro ataque. Inclinei-me e toquei o sítio com os meus lábios.

— Oh, Paul, não! — Exclamou ela, afastando-se.

— Não me importo — disse eu. — Sou eu que vou curar isso. — Examinei-lhe o rosto — Ou o meu beijo fez-te doer?

— Não, aliviou-me — admitiu ela, mas cobriu a ferida com uma das mãos, de modo quase protetor, e logo a seguir amarrou novamente o lenço. E concluí que, embora a sua contaminação tivesse sido ligeira, precisava de a observar com mais cuidado do que nunca. Procurei uma coisa no bolso.

— Devíamos ter feito isto há muito tempo. Quero que uses isto. — Era um dos pequenos crucifixos que tínhamos comprado na Igreja de Saint Mary, nos Estados Unidos. Coloquei-lho no pescoço, de maneira que pendesse discretamente por baixo do lenço. Ela deu um suspiro que pareceu de alívio, tocando-lhe com os dedos.

— Não sou religiosa, como sabes, e sentia-me demasiado intelectual para...

— Eu sei. Mas e aquela vez na Igreja de Saint Mary?

— Saint Mary? — Ela franziu a testa.

— Nos Estados Unidos, perto da universidade. Quando foste ler as cartas de Ros comigo, puseste água benta na testa.

Ela pensou um minuto.

— Sim, é verdade. Mas isso não era fé. Eram saudades de casa. — Caminhamos vagarosamente pela ponte e ao longo das ruas escuras, sem nos tocarmos. Ainda sentia os braços dela em volta de mim.

— Deixa-me ir contigo para o teu quarto — murmurei quando avistamos o hotel.

— Aqui não — pensei ver os seus lábios a tremer. — Estamos a ser observados.

Não repeti o meu pedido e fiquei agradecido pela distração que nos aguardava na recepção do hotel. Quando pedi a minha chave, o recepcionista deu-me também um pedaço de papel rabiscado em alemão: Turgut tinha telefonado e queria que eu lhe ligasse. Helen esperou enquanto enfrentei o ritual de implorar por um telefone e dar ao porteiro um pequeno incentivo para que me ajudasse — eu tinha caído muito baixo naqueles últimos dias ali — e então marquei os números sem grande esperança durante algum tempo até que ouvi os toques, muito longe. Turgut respondeu com um brado indistinto e rapidamente mudou para o inglês.

— Paul, meu caro! Graças aos deuses que telefonou. Tenho novidades para si..

novidades importantes!

O coração caiu-me aos pés.

— Encontrou... um mapa? A tumba? Rossi?

— Não, meu amigo, nada tão miraculoso. Mas a carta que Selim encontrou foi traduzida, e é um documento estarrecedor. Foi escrita por um monge de fé ortodoxa, em Istambul, em 1477. Está a ouvir-me?

— Estou, estou! gritei, — fazendo com que o recepcionista me fulminasse com um olhar e Helen ficasse ansiosa. — Continue.

— Em 1477. Há muito mais. Acho que é importante seguirem as informações desta carta. Vão vê-la quando voltarem, amanhã. Está bem?

— Sim! — berrei. — Mas a carta diz se o enterraram em Istambul?

Helen estava a abanar a cabeça, e pude ler os seus pensamentos: a linha podia estar a ser vigiada.

— Pela carta, não sei dizer — bradou Turgut. — Ainda não tenho certeza onde é que ele está sepultado, mas é muito pouco provável que seja aqui. Acho que devem preparar-se para outra viagem. É possível que precisem outra vez dos préstimos da boa tia, também. — Apesar da estática, percebi uma certa dureza na voz dele.

— Outra viagem? Mas para onde?

— Para a Bulgária — gritou Turgut, de muito longe. Olhei para Helen, o telefone a escorregar-me da mão.

— Bulgária?

Parte III



*Mais majestoso do que os restantes, erguia-se um túmulo enorme,
bem proporcionado, onde só estava escrito um nome:
DRÁCULA.*

Bram Stoker, — DRÁCULA, 1897

Há alguns anos encontrei, no meio da papelada do meu pai, um bilhete que não teria lugar nesta história a não ser pelo fato de ser a única recordação do seu amor por Helen que me chegou às mãos, além das suas cartas para mim. Não mantinha diários propriamente ditos, e as anotações ocasionais que fazia para si próprio eram quase inteiramente relacionadas com o seu trabalho reflexões sobre problemas diplomáticos, ou sobre História, sobretudo se estivessem relacionados com algum conflito internacional. Estas reflexões, e as palestras e artigos que evoluíram a partir delas, estão agora na biblioteca da sua fundação e, depois de tudo, só fiquei com um fragmento que ele redigiu apenas para si mesmo — para Helen. Conheci o meu pai como um homem dedicado aos fatos e aos ideais, mas não à poesia, o que torna este documento ainda mais importante para mim. Por este não ser um livro para crianças, e porque gostaria que fosse um registro tão completo quanto possível, incluí aqui o bilhete, apesar dos meus escrúpulos. É bem possível que ele tenha escrito outras cartas como esta, mas teria sido típico dele destruí-las — talvez queimá-las no pequeno jardim nas traseiras da nossa casa em Amsterdã, onde, quando eu era pequena, encontrava às vezes pedaços de papel queimados e ilegíveis na pequena grelha de pedra e esta pode ter sobrevivido por acaso. A carta não está datada, por isso hesitei um pouco quanto a onde inseri-la nesta cronologia. Apresento-a agora porque se refere aos primeiros dias do amor deles, embora a angústia que está presente nela me leve a acreditar que o meu pai a escreveu quando já não era possível enviá-la a Helen.

Ah, meu amor, queria dizer-te como tenho pensado em ti. A minha memória pertence-te inteiramente, porque volta constantemente, nestes últimos tempos, aos nossos primeiros momentos juntos, a sós. Perguntei-me muitas vezes por que razão não podem outros afetos substituir a tua presença, e volto sempre à ilusão de que ainda estamos juntos, e depois sem querer à consciência de que estou refém da tua recordação. Quando menos espero, sou invadido pela lembrança das tuas palavras. Sinto o peso da tua mão sobre a minha, ambas as nossas mãos escondidas debaixo do meu casaco, o meu casaco dobrado sobre o banco entre nós, a extraordinária leveza dos teus dedos, o teu perfil virado para o lado oposto, a tua exclamação quando entramos na Bulgária juntos, quando sobrevoamos pela primeira vez as montanhas búlgaras.

Desde a nossa juventude, minha querida, houve uma revolução sexual, uma bacanal de proporções míticas que não viveste para ver agora, pelo menos no mundo ocidental, os jovens parecem encontrar-se sem preliminares. Mas lembro-me das nossas restrições com quase tanta saudade como me lembro da sua consumação legal, muito mais tarde. É este tipo de lembranças que não posso partilhar com ninguém: a intimidade que tínhamos com as roupas um do outro, numa situação em que tínhamos de adiar a satisfação plena, a maneira como o despir uma peça de roupa era uma pergunta ardente entre nós, de forma que me lembro, com uma clareza angustiante e quando menos desejo lembrar-me, tanto da delicada base do teu pescoço como da gola delicada da tua blusa, aquela blusa cujos contornos eu já conhecia de cor antes de os meus dedos tocarem o seu tecido ou os seus botões em forma de pérola. Lembro-me do cheiro da viagem

de comboio e do sabonete barato no ombro do teu casaco preto, da ligeira aspereza do teu chapéu de palha preta tanto quanto me lembro da suavidade dos teus cabelos, que eram quase exatamente da mesma cor do chapéu. Quando ousávamos passar meia hora juntos no meu quarto de hotel em Sofia antes de descermos para outra refeição soturna, sentia que o meu desejo iria acabar por me destruir. Quando pendurava o teu casaco numa cadeira e a blusa por cima dele, lenta e deliberadamente, quando te viravas para mim com um olhar que nunca se desviava do meu, eu ficava paralisado pelo fogo do meu desejo. Quando punhas as minhas mãos na tua cintura e elas tinham de escolher entre a textura pesada da sua saia e a outra, mais fina, da tua pele, quase tinha vontade de chorar.

Talvez tenha sido então que descobri a tua única mácula o único ponto, talvez, que nunca beijei o pequeno dragão retorcido no teu ombro. As minhas mãos devem ter passado por ele antes de o ver. Lembro-me de que preendi a respiração e tu também quando o descobri e o acariciei com um dedo relutantemente curioso. Com o tempo, o dragão tornou-se para mim parte da geografia das tuas costas lisas, mas naquele primeiro momento veio misturar temor ao meu desejo. Tenha isto acontecido ou não no nosso hotel em Sofia, devo tê-lo sabido mais ou menos na época em que estava a memorizar a borda dos teus dentes de baixo e o seu fino serrilhado, e a pele em volta dos teus olhos, com os primeiros sinais da idade, como teias de aranha...

Neste ponto as anotações de meu pai interrompem-se, e só posso remeter-me às cartas mais contidas que me escreveu.

Turgut Bora e Selim Aksoy estavam à nossa espera no aeroporto de Istambul. Paul Turgut abraçou-me e beijou-me e deu-me palmadinhas nos ombros.

— Senhora Professora — E apertou a mão de Helen nas suas. — Graças aos céus, estão sãos e salvos. Bem-vindos ao vosso retorno triunfal!

— Bem, eu não diria triunfal — disse eu, rindo a contragosto.

— Havemos de conversar, havemos de conversar! — exclamou Turgut, batendo-me nas costas. Selim Aksoy acompanhou tudo isto com uma saudação menos efusiva. Uma hora mais tarde, estávamos à porta do apartamento de Turgut, onde Mrs Bora se mostrou visivelmente satisfeita por voltar a ver-nos. Tanto Helen como eu expressamos a nossa admiração em voz alta quando a vimos: naquele dia, estava vestida de um azul muito pálido, como uma pequena flor primaveril. Ela olhou-nos sem compreender.

— Gostamos do seu vestido — explicou Helen, apertando a pequena mão de Mrs. Bora na sua mão comprida. Ela riu.

— Obrigada — disse. — Sou eu própria que faço todas as minhas roupas.

Em seguida, ela e Selim Aksoy serviram-nos café e uma coisa que ela explicou *seňborek*, um rolinho de massa com recheio de queijo salgado, além de um jantar de cinco ou seis outros pratos.

— Agora, meus amigos, contem-nos o que descobriram.

Era um pedido difícil, porque havia muito a dizer, mas juntos contamos-lhes o que se tinha passado na conferência em Budapeste, o meu encontro com Hugh James, a história da mãe de Helen, as cartas de Rossi. Turgut escutou com os olhos arregalados a narrativa de como Hugh James encontrara o seu livro do dragão. Ao relatar tudo isto, achei que de fato tínhamos descoberto muita coisa. Infelizmente, nada que levasse à localização de Rossi.

Turgut contou-nos, por sua vez, que tinham acontecido coisas graves durante a nossa ausência de Istambul; duas noites antes, o seu bom amigo, o arquivista, fora atacado pela segunda vez, no apartamento onde estava a repousar. O primeiro homem que tinham a vigiá-lo adormecera em serviço e não vira nada. Agora tinham um novo guarda, que, esperavam, seria mais cuidadoso. Estavam a tomar todas as precauções, mas o pobre bibliotecário estava muito mal.

Também tinham notícias de outro gênero. Turgut engoliu a segunda chávena de café e apressou-se a ir buscar uma coisa ao seu inquietante escritório na porta ao lado. (Foi um alívio não ter sido convidado a entrar lá de novo.) Reapareceu trazendo um caderno e voltou a sentar-se perto de Selim Aksoy. Olharam ambos para nós com ar sério.

— Eu contei-lhe ao telefone que encontramos uma carta na sua ausência — disse Turgut. — A carta original está em Eslavómo, a antiga língua das igrejas cristãs. Como lhe contei, foi escrita por um monge dos Cárpatos e refere-se às suas viagens a Istambul. O meu amigo Sehm ficou surpreendido ao ver que a carta não está em latim, mas talvez este

monge fosse eslavo. Querem que a leia de imediato?

— É claro — disse eu, mas Helen levantou a mão.

— Um momento, por favor. Como e onde a encontraram?

Turgut fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Na verdade, Mr. Aksoy encontrou-a no arquivo, o mesmo que os senhores visitaram conosco. Passou três dias lá a examinar todos os manuscritos do século quinze que o arquivo contém. Encontrou esta carta junto com uma pequena coleção de documentos das igrejas infiéis, ou seja, das igrejas cristãs que foram autorizadas a permanecer abertas em Istambul durante o reinado do Conquistador e dos seus sucessores. Não há muitas cartas como esta no arquivo porque, em geral, eram guardadas pelos mosteiros, principalmente pelo Patriarcado de Constantinopla. Mas alguns documentos dessas igrejas chegaram às mãos do sultão, sobretudo os que diziam respeito a novos acordos para as igrejas sob o Império — a um acordo desse tipo chamava-se um "firmão". Às vezes, o sultão recebia cartas de... como se diz?... petição sobre algum assunto relacionado com as igrejas, e essas também estão no arquivo.

Ele traduziu rapidamente para Aksoy, que queria que ele explicasse mais uma coisa.

— Sim; o meu amigo dá-nos uma boa informação sobre este assunto. Está a lembrar-me de que, logo depois que o Conquistador tomou a cidade, nomeou um novo patriarca para os cristãos, o patriarca Gennadius. — Ao ouvir o nome, Aksoy fez que sim vigorosamente com a cabeça. — E o sultão e Gennadius tinham uma amizade muito cordial. Como já lhes disse, o Conquistador era tolerante com os cristãos no seu Império depois da conquista. O sultão Mehmed pediu a Gennadius que lhe escrevesse uma explicação da fé ortodoxa e depois a mandasse traduzir, para a sua biblioteca pessoal. Há uma cópia dessa tradução no arquivo. Também há cópias de alguns forais das igrejas, que tinham de ser submetidos ao Conquistador, e esses também lá estão. O meu amigo estava a examinar um desses documentos, de uma igreja da Anatólia, e entre duas das suas páginas encontrou esta carta.

— Obrigada Helen — reclinou-se novamente nas almofadas.

— Infelizmente, não lhes posso mostrar o original, mas é evidente que não podíamos retirá-lo dos arquivos. Se quiserem, podem ir vê-los pessoalmente enquanto aqui estiverem. É uma carta escrita em bela caligrafia, numa pequena folha de pergaminho, com um dos cantos rasgado. Agora, vou ler-lhes a nossa tradução, que foi feita em inglês. Por favor, tenham em conta que se trata da tradução de uma tradução, e que um pouco do sentido pode ter-se perdido no caminho.

E leu-nos o seguinte:

A Sua Excelência, Abade-mor Maxim Eupraxius:

Um humilde pecador implora a vossa atenção. Como já relatei, houve grande controvérsia

nesta companhia desde que a nossa missão falhou ontem. A cidade não é um lugar seguro para nós, e no entanto acreditávamos que não a podíamos deixar sem descobrir o que aconteceu com o tesouro que procuramos. Esta manhã, pela graça do Todo-Poderoso, um novo caminho se abriu de que vos devo informar aqui. O abade de Panachrantos, ao ouvir do abade nosso hospedeiro, seu bom amigo, a nossa amarga e particular aflição, veio em pessoa até nós, em Santa Irina. É um afável e santo homem de cinquenta anos, que viveu a sua longa vida primeiramente no mosteiro de Grande Lavra em Athos, e agora, há muitos anos, como monge e abade em Panachrantos. Ao chegar, reuniu-se a nós com o nosso hospedeiro, e em seguida falaram conosco nos aposentos do nosso hospedeiro, em completo segredo, tendo antes todos os noviços e servos deixado os aposentos. Disse-nos que até àquela manhã não ouvira falar da nossa presença aqui e, ao tomar conhecimento dela, viera junto do seu amigo para dar-lhe notícias que não compartilhara com ninguém até então, não o querendo pôr em perigo a ele ou aos seus monges. Em suma, revelou-nos que o que procuramos já foi transportado para fora da cidade, para um refúgio nas terras ocupadas dos Búlgaros. Transmitiu-nos as mais secretas instruções para a nossa segurança durante a viagem até lá e deu-nos o nome do santuário que devemos encontrar. Nós esperaríamos um pouco aqui de bom grado para entrar em contacto com Vossa Senhoria, aguardar as vossas ordens sobre este assunto, mas estes abades disseram-nos também que algum janizaros da corte do sultão já vieram junto do patriarca para o questionarem sobre o desaparecimento daquilo que procuramos. É muito perigoso para nós agora demorarmo-nos nem que seja mais um dia aqui, e estaremos mais seguros mesmo durante a nossa viagem através das terras infiéis do que estamos aqui. Excelência, perdoai-nos a nossa obstinação em partir sem esperarmos as vossas instruções, e que a bênção de Deus e a vossa estejam conosco nesta nossa decisão. Se necessário, destruirei mesmo este registro antes que chegue às vossas mãos e virei contar-vos tudo acerca da nossa busca com a minha própria língua, se não for cortada antes.

O humilde pecador Irmão Kiril Abril do Ano 6985 de Nosso Senhor

Fez-se um silêncio profundo quando Turgut acabou. Selim e Mrs. Bora permaneceram sentados em silêncio, e Turgut esfregou a cabeleira cor de prata com uma mão agitada. Helen e eu entreolhamo-nos.

— O ano 6985 de Nosso Senhor? — disse eu, por fim. — O que significa isso?

— Os documentos medievais eram datados a partir de um cálculo da data da Criação no Génesis — explicou Helen.

— Sim — concordou Turgut. — 6985, pela datação atual, corresponde a 1477.

Não consegui evitar um suspiro.

— É uma carta muito vívida, e revela uma grande preocupação com alguma coisa. Mas ainda estou perdido confessei, pesaroso. A data, evidentemente, faz suspeitar que haja alguma relação entre esta carta e o trecho que Mr. Aksoy encontrou antes. Mas que prova temos de que o monge que escreveu esta nova carta vinha dos Cárpatos? E por que é que acham que isto está relacionado com Vlad Drácula?

Turgut sorriu.

— Excelentes perguntas, como sempre, meu jovem cético. Deixe-me tentar responder-lhes. Como já lhe contei, Selim conhece muito bem a cidade e quando encontrou esta carta

e compreendeu o suficiente dela para ver que poderia ser útil, levou-a a um amigo seu que é o responsável pela antiga biblioteca do mosteiro de Santa Irina, que ainda existe. Esse amigo traduziu-a para turco a seu pedido e ficou muito interessado na carta, porque mencionava o seu mosteiro. No entanto, na biblioteca deste não encontrou qualquer registro dessa visita em 1477 ou a visita não foi registrada, ou quaisquer documentos sobre ela desapareceram há muito tempo.

— Se a missão que eles descrevem era secreta e perigosa — observou Helen, — é pouco provável que a tenham registrado.

— Muito verdadeiro, cara senhora. — Turgut fez-lhe um gesto com a cabeça. — De qualquer maneira, o amigo monástico de Selim ajudou-nos numa questão importante: procurou as mais antigas histórias de igrejas que estão ali guardadas e descobriu que o abade a quem a carta era dirigida, esse Maxim Eupraxius, foi numa fase mais tardia da sua vida um grande abade no monte Athos. Mas, em 1477, quando a carta lhe foi escrita, era abade do mosteiro do lago Snagov. — Turgut proferiu estas últimas palavras com uma ênfase triunfante.

Por alguns instantes, ficamos mergulhados num silêncio excitado. Finalmente, Helen quebrou-o:

— "Somos homens de Deus, homens dos Cárpatos" — murmurou ela.

— Como disse? — Turgut olhou-a com interesse.

— Sim! — retomei a frase de Helen. — "Homens dos Cárpatos." É de uma canção, um canção folclórica romena que Helen encontrou em Budapeste.

Descrevi-lhes a hora que passáramos a folhear o antigo livro de canções na biblioteca da Universidade de Budapeste, a bela xilogravura no alto da página, de um dragão e uma igreja escondidos entre as árvores. As sobranceiras de Turgut subiram quase até aos seus cabelos desgrehados quando a mencionei, e vasculhei rapidamente a minha papelada.

— Onde é que está isso? — Um momento depois tinha encontrado a minha tradução manuscrita, entre os papéis da minha pasta. Meu Deus, pensei, se eu algum dia perder esta pasta! e li-a em voz alta, fazendo pausas para que Turgut traduzisse para Selim e Mrs. Bora:

Chegaram aos portões, às portas da grande cidade. Chegaram à grande cidade vindos da terra da morte. "Somos homens de Deus, homens dos Cárpatos. Somos monges e homens santos: mas trazemos más notícias. Trazemos notícias de uma peste na grande cidade. Servindo o nosso mestre, vimos chorar a sua morte." Chegaram aos portões e a cidade chorou com eles Quando nela entraram.

— Céus, como é peculiar e assustador — disse Turgut. — Todas as vossas canções locais são assim, minha senhora?

— Sim, a maioria — disse Helen, sorrindo.

Notei que na minha excitação me esquecera, por dois minutos, de que ela estava sentada junto de mim. Com dificuldade, forcei-me a não estender a minha mão para pegar

na dela, a não olhar fixamente para o seu sorriso ou para a melena de cabelo escuro que lhe caía para a cara.

— E o nosso dragão no cimo, escondido entre árvores... Deve haver alguma relação.

— Gostaria de saber qual — suspirou Turgut. Então, bateu com a mão na beira da mesa de latão, tão subitamente que todas as nossas chávenas tremelicaram. Mrs. Bora pôs-lhe suavemente a mão no braço e ele acariciou-a, tranquilizando-a. — Não... vejam bem: a peste! — Virou-se para Selim e os dois trocaram uma rápida saraivada de palavras em turco.

— O quê? — Helen apertara os olhos, concentrada. — A peste citada na canção?

— Sim, minha cara — Turgut penteou os cabelos para trás com a mão. — Além da carta, encontramos outro fato sobre Istambul nesse exato período, algo que na verdade o meu amigo Aksoy já sabia. No final do Verão de 1477, sob um calor intenso, houve o que os nossos historiadores chamam Pequena Peste. Ceifou muitas vidas no antigo bairro Pêra, que agora, chamamos Gaiata. Os corpos eram empalados no coração antes de serem queimados. Isto é muito pouco habitual, diz ele, porque normalmente os corpos dos infelizes eram simplesmente queimados fora dos portões da cidade, para evitar outras infecções. Mas foi uma epidemia breve e não levou muitas pessoas.

— Acha que estes monges, se é que eram os mesmos, trouxeram a peste à cidade?

— É claro que não podemos saber — admitiu Turgut. — Mas se a sua canção descrever o mesmo grupo de monges..

— Estive a pensar numa coisa — Helen pousou a chávena. — Não me lembro, Paul, se já te contei, mas Vlad Drácula foi um dos primeiros estrategas militares na História a usar, como se diz... doenças na guerra.

— Armas biológicas — ajudei-a — Hugh James contou-me.

— Sim. — Ela encolheu os pés debaixo do corpo. — Durante as invasões da Valáquia pelo sultão, Drácula gostava de enviar pessoas doentes de peste ou varíola para os campos otomanos disfarçadas de turcos. Infectavam o maior número possível de pessoas antes de morrerem ali mesmo.

Se aquilo não fosse tão horrível, eu teria sorrido. O príncipe da Valáquia era tão formidavelmente criativo como era destrutivo, um inimigo extremamente inteligente. Um segundo depois, percebi que acabara de pensar nele no presente.

— Percebo — assentiu Turgut. — A senhora quer dizer que talvez esse grupo de monges, se eram realmente os mesmos monges, tenha trazido a peste consigo, da Valáquia.

— Mas no entanto isso não explica uma coisa — Helen franziu a testa. — Se alguns deles estivessem doentes com a peste, por que teria o abade de Santa Inna permitido que se hospedassem lá?

— Minha senhora, isso é verdade — admitiu Turgut. — Entretanto, se não fosse a peste, mas outro tipo de contaminação... Mas não há maneira de saber.

Ficamos ali sentados, frustrados, meditando sobre a questão.

— Muitos monges ortodoxos passavam por Constantinopla em peregrinação, mesmo depois da conquista — disse Helen, por fim — Talvez fossem simplesmente um grupo de peregrinos.

— Mas estavam à procura de alguma coisa que, aparentemente, não encontraram na sua peregrinação, pelo menos não em Constantinopla — observei.

— E o irmão Kinl diz que estavam a caminho da Bulgária disfarçados de peregrinos como se não fossem realmente peregrinos. Pelo menos é o que ele parece estar a dizer.

Turgut coçou a cabeça.

— Mr. Aksoy pensou nisso — disse. — Explicou-me que a maior parte das relíquias cristãs importantes das igrejas de Constantinopla foram destruídas ou roubadas durante a invasão: ícones, cruzes, ossos de santos. E evidentemente, não havia aqui tantos tesouros em 1453 como na época em que Bizâncio era uma grande potência, porque as mais belas coisas antigas foram roubadas pela Cruzada Latina de 1204 — sem dúvida que sabem isso — e levadas para Roma e Veneza e outras cidades do Ocidente. — Turgut abriu as mãos a sua frente, com um gesto de reprovação. — O meu pai falou-me dos maravilhosos cavalos da Basílica de São Marcos em Veneza, roubados de Bizâncio por cruzados. Os invasores cristãos eram tão maus como os otomanos, sabem. De qualquer modo, meus amigos, durante a invasão de 1453, certos tesouros das igrejas foram escondidos e alguns foram mesmo levados para fora da cidade, antes do cerco do sultão Mehmed, e escondidos em mosteiros fora das muralhas ou levados em segredo para outras terras. Se os nossos monges fossem peregrinos, talvez tivessem vindo à cidade na esperança de visitar um objeto sagrado e então descobriram que já lá não estava. Talvez o que o abade do segundo mosteiro lhes contou tenha sido a história de um grande ícone levado em segurança para a Bulgária. Mas não temos maneira de saber só com esta carta.

— Agora percebo por que é que quer que a gente vá à Bulgária. — Resisti novamente à vontade de pegar na mão de Helen. — Embora eu não consiga imaginar como poderemos descobrir mais pormenores dessa história quando lá chegarmos, e muito menos como conseguiremos entrar no país. O senhor tem a certeza de que não há outro lugar em Istambul onde possamos procurar?

Turgut fez que não com a cabeça, sombrio, e pegou na sua chávena de café abandonada.

Usei todas as fontes de informação que me ocorreram, incluindo algumas, sinto muito dizer-lhes, que não posso mencionar. Mr. Aksoy procurou em todos os lugares, nos seus próprios livros, nas bibliotecas dos seus amigos, nos arquivos da universidade. Conversei com todos os historiadores que encontrei, inclusive um que estuda os cemitérios de Istambul, os senhores já viram os nossos belos cemitérios. Não conseguimos encontrar uma única referência a um enterro fora do comum de um estrangeiro naquele período. Pode ser que tenhamos deixado escapar alguma coisa, mas não sei onde procurar mais em pouco tempo. Olhou para nós com seriedade. Sei que seria muito difícil ir à Bulgária. Eu próprio

iria, mas para mim seria ainda mais difícil, meus amigos. Sendo turco, não poderia participar sequer numa das suas conferências acadêmicas. Ninguém odeia mais os descendentes do Império Otomano do que os Búlgaros.

— Ah, os Romenos fazem o melhor que podem — assegurou-lhe Helen, mas as suas palavras foram amenizadas por um sorriso que ele lhe retribuiu.

— Mas... meu Deus — recostei-me outra vez nas almofadas do sofá, sentindo-me submergir em mais uma daquelas ondas de irrealidade que ultimamente passavam por mim com uma frequência cada vez maior. — Não sei como vamos conseguir.

Turgut inclinou-se e colocou à minha frente a tradução em inglês da carta do monge.

— Ele também não sabia.

— Quem? — gemi.

— O irmão Kiril. Escute, meu amigo, quando é que Rossi desapareceu?

— Há mais de duas semanas --admiti.

— Não têm tempo a perder. Sabemos que Drácula não está no seu túmulo em Snagov. Pensamos que não foi sepultado em Istambul. Mas — e bateu no papel com um dedo temos aqui um indício. — De quê, não sabemos, mas em 1477 alguém do mosteiro de Snagov foi à Bulgária; ou tentou ir. Vale a pena tentar saber mais. Se não encontrarem nada, pelo menos terão feito o que estava ao vosso alcance. E então podem voltar para casa e chorar o vosso mestre com o coração limpo, e nós, os vossos amigos, honraremos para sempre a vossa coragem. Mas se não tentarem, passarão toda a vida a interrogarem-se e a mortificarem-se, sem alívio.

Pegou novamente na tradução, correu um dedo sobre ela e leu em voz alta:

"É muito perigoso para nós agora demorarmo-nos nem que seja mais um dia aqui, e estaremos mais seguros mesmo durante a nossa viagem através das terras infiéis do que estamos aqui." Tome, meu amigo. Coloque-a na sua bolsa. Esta cópia é para si, a tradução em inglês. E aqui está uma cópia em Eslavónio, que o monge amigo de Mr. Aksoy transcreveu.

Turgut inclinou-se para a frente.

— Ouvi dizer que há um estudioso na Bulgária a quem os senhores podem pedir ajuda. O seu nome é Anton Stoichev. O meu amigo Aksoy admira muito o trabalho dele, já publicado em muitas línguas. — Ao ouvir o nome, Selim Aksoy assentiu com a cabeça. — Stoichev sabe mais sobre os Balcãs medievais do que qualquer outra pessoa viva principalmente sobre a Bulgária. Vive perto de Sofia: terão de perguntar por ele.

Helen agarrou-me de repente na mão, às claras, surpreendendo-me; tinha pensado que iríamos manter a nossa relação em segredo, mesmo aqui, entre amigos. Vi Turgut a olhar de relance para o gesto dela. As linhas calorosas em volta dos seus olhos e da sua boca aprofundaram-se e Mrs. Bora sorriu-nos abertamente, com as suas mãos de menina enlaçadas em torno dos joelhos. Era evidente que ela aprovava a nossa união, e senti-a subitamente abençoada por aquelas pessoas de bom coração.

— Nesse caso, vou telefonar para a minha tia — disse Helen com firmeza, apertando-me os dedos.

— Eva? O que pode ela fazer?

— Como sabes, pode fazer tudo — Helen sorriu-me. — Não, não sei exatamente o que pode e o que estará disposta a fazer. Mas ela tem amigos, e inimigos, na polícia secreta do nosso país — baixou a voz, quase involuntariamente — e eles tem amigos em todo o Leste Europeu. E inimigos, evidentemente, eles espiam-se todos uns aos outros. É possível que venha a correr algum perigo, e é só isso que me preocupa. E vamos precisar de uma grande, grande quantia para o suborno.

— *Bakshish* — assentiu Turgut — Com certeza Selim Aksoy e eu já pensamos no assunto. Encontramos vinte mil liras que podem utilizar. E embora eu não possa ir convosco, meus amigos, dar-lhes-ei toda a ajuda que puder, assim como Mr Aksoy.

Olhei fixamente para ele e para Aksoy — sentados a nossa frente, com as suas chávenas de café esquecidas, muito direitos e sérios. Alguma coisa nos seus rostos — o largo e corado de Turgut, o delicado de Aksoy, ambos de olhos penetrantes, ambos calmos mas alerta de uma forma quase ameaçadora — não me era estranha. Uma sensação que não conseguia identificar invadiu-me, por um segundo travou-me a pergunta na boca. Então apertei mais a mão de Helen na minha — aquela mão forte, rija e já amada — e olhei de frente os olhos escuros de Turgut.

— Quem são os senhores? — perguntei.

Turgut e Selim entreolharam-se e algo pareceu passar silenciosamente entre eles. E Turgut falou, numa voz baixa e clara.

— Nós trabalhamos para o sultão.

Helen e eu recuamos ao mesmo tempo. Por um segundo, pensei que Turgut e Selim pudessem estar associados a algum poder oculto, e lutei contra a tentação de agarrar a minha pasta e o braço de Helen e sair a correr do apartamento. Como, a não ser através de forças ocultas, podiam aqueles dois homens, que eu considerava nossos amigos, trabalhar para um sultão morto há tanto tempo? Na realidade, há muito tempo que todos os sultões estavam mortos, portanto qualquer um a que Turgut se estivesse a referir já não podia ser deste mundo. E não nos teriam também mentido sobre uma quantidade de outros assuntos?

A minha confusão mental foi interrompida pela voz de Helen. Inclinou-se para a frente, pálida, os olhos muito abertos, mas fez uma pergunta calma e eminentemente prática, dada a situação — tão prática que levei uns instantes para a compreender.

— Professor Bora — disse ela, devagar —, que idade tem?

Ele sorriu-lhe.

— Ah, minha querida senhora, se quer saber se tenho quinhentos anos, a resposta é, felizmente, não. Trabalho para o Majestoso e Esplêndido Refúgio do Mundo, o sultão Mehmed II, mas nunca tive a honra incomparável de o conhecer.

— Então, que diabo de história é esta? — explodi.

Turgut sorriu de novo e Selim inclinou gentilmente, a cabeça na minha direção.

— Não pretendia contar-lhes nada disto — disse Turgut. — Contudo, depositaram tanta confiança em nós em tantas coisas, e como fez essa pergunta tão perspicaz, cara amiga, vamos explicar-lhes tudo. Nasci normalmente em 1911 e espero morrer normalmente na minha cama em... digamos, por volta de 1985. — Deu uma risadinha. — No entanto, a minha família vive sempre muito, muito tempo, por isso vou ser condenado a ficar sentado neste divã quando for velho demais para ser respeitável. — Passou um braço em torno dos ombros de Mrs. Bora. — Mr. Aksoy também tem a idade que aparenta. Não há nada de estranho em nós. O que vamos contar-lhes, que é o maior segredo que eu podia confiar a alguém e que devem guardar aconteça o que acontecer, é que somos parte da Guarda do Crescente do sultão.

— Creio que nunca ouvi falar dela — disse Helen, franzindo o sobrolho.

— Não, Senhora Professora, de fato nunca ouviu.

Turgut lançou um olhar a Selim, que estava a ouvir pacientemente, tentando acompanhar a nossa conversa, os olhos verdes tranquilos como um lago.

— Acreditamos que ninguém ouviu falar de nós, exceto os nossos membros. Formamos uma guarda secreta com membros selecionados nas unidades de elite dos janízaros.

Vieram-me à mente aqueles rostos jovens de olhos brilhantes e duros como pedra que eu vira nas pinturas do Topkapi Saray, as suas sólidas fileiras agrupadas junto do trono do sultão, suficientemente próximos para saltar sobre um potencial assassino ou, já agora, sobre

qualquer um que repentinamente perdesse as graças do sultão.

Turgut pareceu ler-me os pensamentos, pois abanou a cabeça.

— Vejo que já ouviram falar dos janízaros. Bem, meus caros, em 1477, Mehmed, o *Magnífico e Glorioso*, reuniu vinte oficiais que eram os mais dignos de confiança e os mais instruídos de todas as suas tropas, e concedeu-lhes secretamente o novo símbolo da Guarda do Crescente. Receberam uma única missão, que deveriam cumprir mesmo que lhes custasse a vida. A missão era evitar que a Ordem do Dragão trouxesse mais sofrimentos ao nosso grande Império, e perseguir e matar os seus membros onde quer que se encontrassem.

Helen e eu tomamos fôlego ao mesmo tempo para falar, mas por uma vez falei antes dela.

— A Guarda do Crescente foi formada em 1477, no mesmo ano em que os monges vieram para Istambul! — Tentei encaixar os fatos à medida que ia falando. — Mas a Ordem do Dragão foi fundada muito antes disso, pelo imperador Segismundo em 1400, não é assim?

Helen concordou com um gesto.

— Em 1408, para ser mais preciso, meu amigo. Evidentemente. Por volta de 1477, os sultões já estavam a ter problemas sérios com a Ordem do Dragão e com as suas guerras contra o Império. Em 1477, porém, o nosso Glorioso Refúgio do Mundo concluiu que a Ordem do Dragão poderia vir a realizar ataques ainda piores no futuro.

— O que quer dizer com isso?

A mão de Helen estava imóvel dentro da minha, e fria.

— Nem mesmo o nosso estatuto diz isso diretamente — admitiu Turgut, — mas estou certo de que não é coincidência o sultão ter fundado a Guarda poucos meses depois da morte de Vlad Tepes. — Juntou as mãos, como se rezasse, embora eu me lembrasse bem que os seus antepassados rezavam prosternados, com o rosto no chão. — O estatuto diz que Sua Magnificência fundou a Guarda do Crescente para perseguir a Ordem do Dragão, inimigos desprezíveis do seu majestoso império, por todos os tempos e lugares, por terra e por mar, mesmo para lá da morte.

Turgut inclinou-se para a frente, os olhos fulgurantes e a cabeleira prateada projetando-se para cima desordenadamente.

— A minha teoria é que o Glorioso teve o pressentimento, ou o conhecimento, do perigo que Vlad Drácula poderia representar para o Império depois da morte de Drácula — Penteou o cabelo para trás com os dedos. — Como vimos, o sultão também fundou nessa época o seu arquivo de documentos sobre a Ordem do Dragão, arquivo esse que não era segredo mas era usado em segredo pelos nossos membros, e ainda continua a ser. E agora, essa carta maravilhosa que Selim encontrou, e a sua canção folclórica, madame, são provas adicionais de que o Glorioso tinha boas razões para se preocupar.

A minha cabeça ainda fervilhava de perguntas.

— Mas como é que o senhor e Mr. Aksoy vieram a fazer parte dessa Guarda?

— O direito de pertencer à Guarda passa do pai para o filho mais velho. Cada filho faz a sua... como se diz em inglês?... a sua iniciação aos dezenove anos. Se um pai tem apenas filhos indígnos, ou se não tem filhos, deixa o segredo morrer com ele. — Turgut agarrou finalmente sua chávena de café esquecida e Mrs. Bora levantou-se para a encher. — A Guarda do Crescente foi mantida de tal modo em segredo que nem os outros janízaros sabiam que alguns companheiros das suas fileiras pertenciam a tal grupo. O nosso amado *fatih* morreu em 1481, mas a sua Guarda continuou. Os janízaros tiveram um grande poder em certas épocas, sob sultões mais fracos, mas o sigilo foi mantido. Quando o Império finalmente se desvaneceu, mesmo de Istambul, ninguém sabia da nossa existência e assim permanecemos. O nosso estatuto foi mantido em segurança pelo pai de Selim Aksoy durante a Primeira Guerra Mundial e por Selim durante a Segunda. Ele é agora o seu guardião, num lugar secreto que faz parte da nossa tradição.

Turgut respirou fundo e bebeu um gole do seu café.

— Julguei que tinha dito que o seu pai era italiano — disse Helen, um tanto desconfiada. — Como poderia ele pertencer à Guarda do Crescente?

— Sim, minha senhora — Turgut assentiu com a cabeça por cima da chávena. O meu avô materno, na realidade, era um membro muito ativo da Guarda e não se conformou que a linhagem terminasse com ele, já que só tinha uma filha. Quando viu que o Império acabaria para sempre durante a sua vida...

— A sua mãe! — exclamou Helen.

— Sim, minha cara — Turgut sorriu com ar melancólico. — Não é a única entre nós que pode gabar-se de ter uma mãe extraordinária. Como julgo ter-lhes já dito, ela foi uma das mulheres mais instruídas do seu tempo no nosso país. Na verdade, uma das únicas a ter recebido uma educação verdadeiramente extraordinária. E o meu avô não se poupou a esforços para incutir nela todos os seus conhecimentos e ambições a fim de a preparar para servir na Guarda. Ela interessou-se por engenharia quando isso ainda era uma ciência nova aqui e, depois da sua iniciação na Guarda, o meu avô permitiu que ela fosse estudar para Roma — ele tinha amigos lá. Ela dominava a matemática mais avançada e sabia ler em quatro línguas, incluindo Grego e Árabe. — Turgut disse alguma coisa em turco para Selim e para Mrs. Bora e ambos fizeram um gesto de concordância. — Montava tão bem com qualquer cavaleiro dos sultões e, embora pouca gente soubesse, disparava igualmente tão bem como eles. — Ele quase piscou o olho a Helen, e lembrei-me do pequeno revólver dela — afinal, onde é que ela o guardava? — Aprendeu muito com o meu avô sobre a lenda do vampiro e sobre como proteger os vivos das suas maléficas estratégias. Tenho um retrato dela aqui, se quiserem ver.

Levantou-se e trouxe o retrato, de uma mesa de madeira trabalhada, a um canto, colocando-o com muito cuidado na mão de Helen. Era uma imagem admirável, com aquela maravilhosa e delicada nitidez dos retratos do princípio do século. A dama que posara para a prolongada sessão num estúdio fotográfico de Istambul tinha um ar paciente e composto,

mas o fotógrafo, escondido debaixo do grande pano preto da máquina, captara um certo divertimento no seu olhar. O sépia da sua pele destacava-se, imaculado, acima do vestido escuro. O rosto era igual ao de Turgut, mas com o nariz e o queixo finos, enquanto os dele eram pesados, e abria-se como uma flor sobre o caule do seu pescoço esguio — o rosto de uma princesa otomana. O cabelo, sob um sofisticado chapéu de plumas, estava penteado para cima, formando ondas castanhas. Os seus olhos fitaram os meus com aquele lampejo de humor e subitamente lamentei os anos que nos separavam.

Turgut pegou outra vez com carinho na pequena moldura.

— O meu avô tomou uma sábia decisão quando rompeu com as tradições e a tornou um membro da Guarda. Foi ela que encontrou alguns documentos dispersos do nosso arquivo noutras bibliotecas e os trouxe de novo para a coleção. Quando eu tinha cinco anos, ela matou um lobo na nossa casa de Verão e, quando eu tinha onze, ensinou-me a montar e a disparar. O meu pai era-lhe muito devotado, embora ela o assustasse com o seu destemido — ele dizia sempre que viera atrás dela de Roma para a Turquia para a convencer a deixar de lado tanta bravura. Tal como as esposas mais fidedignas dos membros da nossa Guarda, o meu pai sabia do compromisso dela e preocupava-se constantemente com a sua segurança. Ele está ali adiante — e apontou para um retrato a óleo em que eu reparara anteriormente, pendurado junto às janelas. O homem que nos olhava era uma pessoa sólida, segura de si, de uma elegância antiquada, vestido com um fato escuro, de olhos e cabelos negros e uma expressão de brandura no rosto, Turgut dissera nos que o pai tinha sido um historiador especializado na Renascença italiana, mas não era difícil imaginar o homem do retrato a jogar ao berlinde com o filho pequeno enquanto a mãe cuidava da parte mais séria da educação do rapaz.

Helen mexeu-se ao meu lado, estendendo discretamente as pernas

— Disse que o seu avô era um membro ativo da Guarda do Crescente O que é que isso significa? Quais são as vossas atividades?

Turgut sacudiu a cabeça, pesaroso

— Sobre isso, minha cara amiga, não posso entrar em pormenores, nem mesmo convosco. Algumas coisas têm de permanecer secretas. Se vos contamos tudo isto foi porque perguntaram, na verdade, quase adivinharam, e por que gostaríamos que confiassem plenamente na nossa ajuda. É de grande interesse para a Guarda que sigam para a Bulgária, e quanto mais cedo melhor. Hoje em dia a Guarda é pequena, restam só poucos membros. — Suspirou. — Pela minha parte, infelizmente, não tenho filho nem filha a quem passar a minha missão, no entanto, Mr Aksoy está a educar um sobrinho dentro das nossas tradições. Mas podem estar certos de que toda a força da determinação otomana vos acompanhará, de uma forma ou de outra.

Resisti novamente ao impulso de suspirar alto. Poderia talvez discutir a questão com Helen, mas discutir com a força secreta do Império Otomano estava para lá da minha capacidade. Turgut levantou um dedo.

— Tenho de fazer lhes uma advertência, e muito séria, caros amigos Depositamos nas vossas mãos um segredo que tem sido mantido com cuidado e com sucesso, quero crer durante quinhentos anos. Não temos razões para suspeitar de que o nosso antigo inimigo tenha conhecimento dele, embora ele certamente odeie e tema a nossa cidade como o fez em vida. Nos estatutos da Guarda, Sua Magnificência estabeleceu a sua regra. Quem trair o segredo da Guarda aos nossos inimigos será punido com execução imediata. Isto nunca ocorreu, que eu saiba. Mas peço lhes que tenham cuidado, tanto para o vosso bem, como para o nosso.

Não havia qualquer vestígio de maldade ou de ameaça na sua voz, apenas uma profunda gravidade, e percebi nela a inexorável lealdade que fizera do seu sultão o conquistador da Grande Cidade, a antes inexpugnável e arrogante cidade dos Bizantinos Quando tinha dito "Trabalhamos para o sultão", queria dizer exatamente isso, mesmo tendo nascido meio milénio depois da morte de Mehmed. O Sol já ia baixo do lado de fora da janelas da sala de visitas e uma luz rosada banhava o rosto largo de Turgut, enchendo o subitamente de nobreza. Ocorreu-me que Rossi teria ficado fascinado por Turgut, que teria visto nele a história viva, e imaginei que perguntas, perguntas que eu não podia sequer começar a formular, Rossi lhe teria feito.

Todavia, foi Helen quem disse o que tinha de ser dito. Pondo-se de pé, o que fez com que todos nos levantássemos com ela, estendeu a mão a Turgut.

— Sentimo-nos honrados pelo que nos contou — disse ela, olhando-o no rosto, orgulhosa. — Vamos guardar o seu segredo e os desejos do sultão com as nossas próprias vidas.

Turgut beijou-lhe a mão, visivelmente emocionado, e Selim Aksoy curvou-se para ela.

Eu não precisava de acrescentar mais nada; pondo de lado momentaneamente o ódio tradicional do seu povo pelos opressores otomanos, Helen falara por nós dois.

Podíamos ter ficado assim o resto do dia, olhando uns para os outros sem palavras enquanto o crepúsculo caía, se o telefone de Turgut não tivesse subitamente tocado, estridente. Ele inclinou-se, pedindo licença, e atravessou a sala para ir atender, enquanto Mrs. Bora começava a colocar os restos da nossa refeição numa bandeja. Turgut ouviu o seu interlocutor durante alguns minutos, falou com uma certa agitação, depois desligou de modo abrupto. Dirigiu a Selim rápidas palavras em turco e Selim vestiu rapidamente o seu casaco coçado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Sim, lamentavelmente — Turgut deu uma pancada no peito com a mão, punindo-se. — Foi o bibliotecário, o meu bom amigo bibliotecário. O homem que deixei a tomar conta dele saiu por um momento e agora ligou a dizer que o meu amigo foi atacado de novo. Erozan está inconsciente e o homem vai à procura de um médico. Isto é muito sério. É o terceiro ataque, e exatamente ao pôr do Sol

Abalado, peguei também no meu casaco, e Helen calçou os sapatos, apesar de Mrs

Bora ter pousado a mão suplicante no seu braço. Turgut beijou a esposa e, quando saíamos, apressados, virei-me uma vez e vi-a, pálida e assustada, de pé à porta do apartamento.

— Onde vamos dormir? — perguntou Barley, indeciso. Estávamos no nosso quarto do hotel em Perpignan, um quarto de casal que nos foi dado pelo idoso funcionário da recepção quando lhe dissemos, também a ele, que éramos irmãos. Dera-nos o quarto sem titubear, embora lançasse olhares duvidosos de um para o outro. Não tínhamos dinheiro para quartos separados, e ambos sabíamos isso.

— E então? — disse Barley, meio impaciente.

Olhamos para a cama. Não havia outro lugar, nem sequer um tapete no chão nu e encerado. Finalmente, Barley tomou uma decisão — para si próprio, pelo menos. Enquanto eu permanecia paralisada, foi para a casa de banho com umas roupas na mão e uma escova de dentes, surgindo minutos depois vestido com um pijama de algodão de uma cor tão clara como o seu cabelo.

Algo sobre a cena toda e o esforço inútil dele para parecer descontraído fez-me rir alto, mesmo com as faces coradas de embaraço, e ele começou a rir também. Rimo-nos até as lágrimas nos correrem pela cara, Barley com o corpo dobrado, os braços cruzados por cima da cintura magra e eu agarrada ao deprimente e velho guarda-fatos do quarto. Rindo histericamente, aliviámos toda a tensão da viagem, os meus receios, a desaprovação de Barley, as cartas angustiadas do meu pai, as nossas discussões. Anos mais tarde, aprendi a expressão *fou rire* um louco ataque de riso e aquele foi o meu primeiro, ali naquele hotel francês. O meu primeiro *fou rire* foi seguido de outras primeiras coisas quando caímos um por cima do outro. Barley agarrou-me pelos ombros com tão pouca elegância como eu me tinha agarrado ao guarda-fatos pouco antes, mas o seu beijo foi angelicamente gracioso, a sua jovem experiência pressionando suavemente a minha absoluta falta de experiência. Tal como as nossas gargalhadas, deixou-me sem fôlego.

Todo o meu conhecimento prévio das práticas amorosas fora tirado de filmes decentes e livros confusos, e quase não sabia como continuar. Barley, entretanto, continuou por mim, e eu segui-o agradecida, embora desajeitada. Quando nos vimos deitados na cama bafienta, eu já tinha aprendido alguma coisa da negociação entre os amantes e as suas roupas. Cada peça parecia-me uma decisão importante, o casaco de pijama de Barley antes de tudo; ao tirá-lo, revelou um torso de alabastro e ombros surpreendentemente musculosos. O despir da minha blusa e do meu feio *soutien* branco foi uma decisão tanto minha como dele. Ele disse que gostava muito da cor da minha pele porque era completamente diferente da dele, e era verdade que o meu braço nunca pareceu tão moreno como ao descansar ao lado do braço cor de neve de Barley. Ele percorreu com a palma da mão o meu corpo e o que restava da minha roupa e, pela primeira vez, fiz-lhe o mesmo, descobrindo os contornos desconhecidos do corpo masculino; parecia estar a tatear timidamente as crateras da Lua. O coração batia-me com tanta força dentro do peito que tive medo de que ele o sentisse bater de encontro ao seu peito.

De fato, havia tanto a fazer, a ocupar-nos, que não tiramos mais nenhuma peça de roupa, e um grande período de tempo pareceu transcorrer até Barley se aconchegar a mim com um suspiro engasgado, murmurando:

— Tu és só uma miúda — e passou um braço possessivo sobre os meus ombros e pescoço.

Quando ele disse isto, dei-me conta de repente de que ele também era só um miúdo — um miúdo honesto. Acho que o amei mais naquele momento do que em qualquer outro.

O apartamento emprestado onde Turgut deixara Mr. Erozan ficava talvez a uns de: minutos de caminhada ou uns dez minutos de corrida, porque todos corremos, mesmo Helen, em cima dos seus saltos altos. Turgut resmungava (e praguejava, acho eu) em voz baixa. Levava consigo uma maleta preta, que presumi conter material de primeiros socorros, caso o médico não aparecesse, ou não chegasse a tempo. Por fim, subimos as escadas de madeira de uma casa velha, em tropel atrás de Turgut, que escancarou uma porta ao chegar ao cimo.

A casa parecia ter sido dividida em pequenos apartamentos encardidos; naquele, uma cama, cadeiras e uma mesa mobilavam o quarto principal, iluminado por uma única lâmpada. O amigo de Turgut estava deitado no chão com um cobertor por cima e, ao seu lado, um homem balbuciante de cerca de trinta anos levantou-se para nos receber. Estava quase histérico de pavor e arrependimento; não parava de torcer as mãos e repetia incessantemente a mesma frase para Turgut. Turgut empurrou-o para o lado e ele e Selim ajoelharam-se junto de Mr. Erozan. O rosto da pobre vítima estava cor de cinza, os olhos fechados e a respiração saía-lhe em estertores. Tinha um corte muito feio no pescoço, maior do que aquele que tínhamos visto na última vez, mas mais horrível porque estava estranhamente limpo, embora com as bordas rasgadas, e apenas um traço de sangue nas pontas. Ocorreu-me que uma ferida tão profunda deveria sangrar copiosamente, e a percepção disso provocou-me uma onda de náusea no estômago. Passei um braço pelos ombros de Helen e ficamos a olhar, sem conseguirmos desviar os olhos.

Turgut examinou a ferida sem lhe tocar e depois olhou rapidamente para nós.

— Há minutos atrás, esse desgraçado saiu para ir procurar um médico desconhecido sem me consultar, mas o médico não estava. Isso, pelo menos, é uma sorte, porque não queremos um médico aqui agora. Mas ele deixou Erozan sozinho exatamente ao pôr do Sol — Falou com Aksoy, que se levantou inopinadamente e, com uma força que eu não teria imaginado, agrediu o infeliz vigia e arremessou-o para fora do quarto. O homem recuou e em seguida ouvimos os seus passos apavorados a descer depressa a escada. Selim trancou a porta depois de ele sair e foi à janela espreitar a rua, como se quisesse ter certeza de que o pobre coitado não voltaria. Depois, ajoelhou-se junto de Turgut e os dois conferenciaram em voz baixa.

Momentos depois, Turgut procurou qualquer coisa na bolsa que trouxera. Vi-o tirar de dentro dela um objeto que já se me tornara familiar: era um estojo de caça aos vampiros semelhante ao que ele me dera no seu gabinete mais de uma semana antes, só que este estava numa caixa mais requintada, ornamentada com caligrafia árabe e com o que me pareceu incrustações de madrepérola. Abriu-o e percorreu com o olhar os instrumentos no seu interior. Depois, levantou outra vez os olhos para nós.

— Senhores — disse ele, controlado, — o meu amigo foi mordido pelo vampiro pelo

menos três vezes e está a morrer. Se morrer naturalmente nesta situação, tornar-se-á um morto-vivo. — Enxugou a testa com a mão enorme. — Este é um momento terrível, e tenho de pedir-lhes que saiam do quarto. Minha senhora, não deve assistir a isto.

— Por favor, deixe-nos fazer qualquer coisa para o ajudarmos — comecei, hesitante, mas Helen deu um passo adiante.

— Deixe-me ficar — disse a Turgut em voz baixa. — Quero saber como se faz.

Por um momento, perguntei a mim próprio para que queria ela saber, e dei por mim a lembrar-me — pensamento surreal que, afinal de contas, ela era antropóloga. Ele lançou-lhe um olhar penetrante, depois pareceu concordar sem palavras e curvou-se de novo sobre o amigo. Eu ainda esperava que o que adivinhava não fosse verdade, mas Turgut estava a murmurar qualquer coisa ao ouvido do amigo. Pegou na mão do homem e afagou-a.

Então e isso foi talvez a pior de todas as coisas terríveis que se seguiram Turgut apertou a mão do amigo contra o seu próprio coração e rompeu num lamento fúnebre, com palavras que pareciam chegar-nos das profundezas de uma história não só demasiado antiga, mas que me era demasiado estranha para me permitir distinguir as suas sílabas, um gemido de dor semelhante à chamada do *muezzin* para a oração, que tínhamos ouvido sair dos minaretes na cidade, com a diferença de que o pranto de Turgut soava mais como uma inumação ao inferno, uma fiada de notas trespassadas de horror que pareciam erguer-se da memória de mil acampamentos otomanos, de um milhão de soldados turcos. Vi os seus estandartes a esvoaçar, os salpicos de sangue nas pernas dos seus cavalos, a lança e o crescente, o brilho do sol nas cimitarras e nas cotas de malha, as magníficas cabeças, rostos e corpos jovens mutilados; ouvi os gritos dos homens entregando a alma a Alá e os queixumes distantes das suas mães e dos seus pais; senti o cheiro fétido das casas incendiadas e de sangue fresco, do enxofre dos tiros de canhão, dos rebentamentos de tendas e pontes e de carne de cavalo.

O que me causou mais estranheza foi ouvir, no meio desse clamor, um grito que eu compreendia muito bem: "*Kaziklu Bey! O Empalador!*" E, no centro do caos, parecia ver uma figura diferente das outras, um homem a cavalo com um manto escuro girando entre as cores vivas, o rosto contraído num esgar de concentração e a sua espada a fazer a colheita de cabeças otomanas, que rolavam pesadas dentro dos seus elmos pontiagudos.

A voz de Turgut extinguiu-se e vi-me de pé junto dele, os olhos postos no homem agonizante. Helen estava ao meu lado, uma presença abençoadamente real. Abri a boca para lhe fazer uma pergunta e vi que ouvira o mesmo horror na ladainha monótona de Turgut. Sem querer, veio-me à cabeça que o sangue do Empalador lhe corria nas veias. Virou-se para mim por um segundo, a fisionomia abalada mas firme; e ocorreu-me no mesmo instante que a herança de Rossi — branda, patricícia, toscana e anglo-saxônica — também existia dentro dela, e vi nos seus olhos a incomparável bondade de Rossi. Naquele momento, creio eu e não mais tarde, no meu país, na insípida igreja castanha dos meus

pais, diante de um pastor —, casei-me com ela, despossei-a no meu coração, uni-me a ela para o resto da vida.

Turgut, agora calado, pousara a fieira de contas de oração sobre a garganta do amigo, o que fez o corpo estremecer um pouco, e escolheu no cetim manchado do interior da caixa um instrumento mais comprido do que a minha mão e feito de prata brilhante.

— Nunca tinha tido de fazer isto antes, Deus me perdoe, em toda a minha vida — disse ele, baixinho.

Abriu a camisa do amigo e vi a pele envelhecida, os pêlos do peito encaracolados e grisalhos, cor de cinza, subindo e descendo de modo irregular. Selim procurou pelo quarto com silenciosa eficiência e trouxe a Turgut um tijolo que aparentemente fora usado para prender a porta, e este segurou o grosseiro objeto na mão, sopesando-o por um segundo. Apoiou a extremidade aguda da estaca no lado esquerdo do peito do homem e entoou um cântico em voz baixa, no qual percebi palavras de que me lembrava de algum lugar — livro, filme, conversa? "*Allahu akbar, Allahu akbar*: Alá é grande." Sabia que não podia forçar Helen a sair do quarto nem podia eu mesmo sair, mas puxei-a um passo para trás quando o tijolo desceu. A mão de Turgut era grande e firme. Selim manteve a estaca a prumo e, com um golpe surdo, de sucção e estilhaço, ela penetrou no corpo. O sangue espalhou-se lentamente em torno do ponto atingido e manchou a pele pálida. O rosto do bibliotecário contorceu-se horivelmente por um segundo e os seus lábios arreganharam-se, mostrando os dentes amarelados, como os de um cão. Helen não despregara os olhos dele e eu não me atrevi a desviar a vista; não queria que ela visse alguma coisa que eu não pudesse ver com ela. O corpo do bibliotecário estremeceu, a estaca de prata desceu subitamente até ao punho e Turgut endireitou o corpo e sentou-se, como se esperasse. Os lábios tremiam-lhe e o suor espalhara-se por todo o seu rosto.

Em seguida, o corpo relaxou, depois o rosto; os lábios desceram pacificamente e a boca fechou-se; um suspiro brotou-lhe do peito; os pés, dentro das meias pateticamente gastas, contraíram-se levemente e ficaram imóveis. Eu segurava Helen com firmeza e senti-a tremer de encontro a mim, mas ela manteve-se em silêncio. Turgut ergueu a mão sem vida do amigo e beijou-a. Vi as lágrimas descenderem-lhe pelo rosto avermelhado, escorrerem-lhe para o bigode, e ele cobriu os olhos com uma das mãos. Selim tocou na testa do bibliotecário morto, depois levantou-se e apertou o ombro de Turgut.

Pouco depois, Turgut recuperou-se o suficiente para se pôr de pé e assoar-se com um lenço.

— Era muito bom homem — disse-nos, com a voz trêmula. — Um homem generoso, amável. Agora, descansa na paz de Maomé, em vez de fazer parte das legiões do inferno — Virou-se para enxugar os olhos. — Companheiros, temos de tirar este corpo daqui. Há um médico num dos hospitais que... pode ajudar-nos. Selim vai permanecer aqui com a porta trancada enquanto eu chamo o médico, que virá com a ambulância e assinará os certificados necessários.

Turgut tirou vários dentes de alho do bolso e colocou-os delicadamente dentro da boca do homem morto. Selim removeu a estaca, lavou-a no lavatório que havia num canto e guardou-a com todo o cuidado na bonita caixa. Turgut limpou todos os vestígios de sangue, enfaixou o peito do homem com um pano da louça e abotoou de novo a camisa, depois retirou um lençol da cama e deixou que eu o ajudasse a estendê-lo sobre o corpo, cobrindo o rosto já sereno.

— E agora, meus caros amigos, peço-vos um favor. Viram do que os mortos-vivos são capazes, e sabemos que estão aqui. Devem procurar proteger-se cada minuto. E precisam ir para a Bulgária o mais cedo possível nos próximos dias, se conseguirem. Telefonem-me para o meu apartamento quando tiverem feito os vossos planos. — Olhou intensamente para mim. — Se não nos virmos antes de partirem, desejo-vos a melhor sorte e a maior segurança possíveis. Vou pensar em ambos a cada momento. Por favor, liguem-me logo que voltarem para Istambul, se voltarem para cá.

Tinha esperança que esta frase significasse: "se forem esses os vossos planos de viagem", e não "se sobreviverem à Bulgária". Apertou-nos calorosamente a mão e Selim fez o mesmo, beijando em seguida a mão de Helen muito timidamente.

— Vamos embora, agora — disse Helen simplesmente, dando-me o braço, e saímos daquele quarto triste e descemos as escadas para a rua.

A minha primeira impressão da Bulgária e a lembrança que guardei dela para sempre foi a de montanhas vistas do ar, montanhas altas e profundas, de vegetação escura e quase intocada por estradas, embora aqui e ali uma tira castanha corresse entre aldeias ou ao longo de súbitos penhascos a pique. Helen estava sentada em silêncio ao meu lado, os olhos fixos na pequena janela do avião, a mão dentro da minha debaixo do meu casaco dobrado. Sentia o calor da palma da sua mão, os dedos finos ligeiramente frios e a ausência de anéis. Avistávamos de vez em quando veios cintilantes nas fendas das montanhas, que deviam ser rios, pensava eu, e esforçava-me sem grandes esperanças para distinguir o formato de uma cauda ondulante de dragão que pudesse ser a resposta ao nosso enigma. Nada, evidentemente, se ajustava aos contornos que eu já conhecia de olhos fechados.

E provavelmente nada se ajustaria, lembrei a mim próprio, quanto mais não fosse para mitigar aquela esperança que renascia incontrolavelmente dentro de mim à vista daquelas antigas montanhas. A sua própria obscuridade, a impressão que davam de não terem sido tocadas pela história moderna, a misteriosa ausência de cidades ou industrialização alimentava essa esperança. Tinha a vaga sensação de que, naquele país, quanto mais escondido estivesse o passado, maior a probabilidade de ter sido preservado. Os monges, cujo rastro perdido sobrevoávamos agora, tinham viajado através de montanhas como aquelas talvez passado por aqueles mesmos picos, apesar de não sabermos qual teria sido o seu percurso. Comentei isto com Helen, querendo ouvir-me expressar as minhas esperanças em voz alta. Ela abanou a cabeça.

— Não sabemos se de fato chegaram à Bulgária ou até se se dirigiram para lá — lembrou-me ela, mas amenizou o inexpressivo tom académico com uma carícia na minha mão sob o casaco.

— Não sei nada sobre a história da Bulgária — confessei. — Vou ficar perdido lá.

Helen sorriu.

— Também não sou perita no assunto, mas posso dizer-te que os Eslavos migraram do Norte para esta região nos séculos seis e sete, e uma tribo turca conhecida por Búlgaros veio para cá no século sete, creio. Uniram-se sabiamente contra o Império Bizantino e o seu primeiro governante foi um búlgaro chamado Asparuh. O czar Boris I fez do Cristianismo religião oficial no século nove. Apesar disso, é considerado um grande herói no país. Os Bizantinos governaram do século onze ao princípio do século treze, e então a Bulgária tornou-se muito poderosa até que os Otomanos a esmagaram, em 1393.

— Quando é que os Otomanos foram expulsos? — perguntei, interessado. Parecíamos deparar com eles em toda a parte

— Só em 1878 — admitiu Helen — A Rússia ajudou a Bulgária a expulsá-los

E depois a Bulgária apoiou o Eixo nas duas guerras

— Sim, e o exército soviético trouxe uma revolução gloriosa logo depois da guerra. — C

que faríamos sem o exército soviético? Helen fez-me o seu sorriso mais brilhante e amargo, mas apertei-lhe a mão

— Fala baixo — pedi — Se não tiveres cuidado, vou precisar ter cuidado pelos dois.

O aeroporto de Sófia era diminuto, eu esperava um palácio do moderno comunismo, mas descemos numa pista modesta e atravessamo-la a pé juntamente com os outros passageiros. Quase todos eram búlgaros, presumi, tentando captar alguma coisa das suas conversas. Eram pessoas bonitas, algumas extremamente bonitas, e os seus rostos variavam dos eslavos de pele clara e olhos escuros para os de um bronzeado típico do Médio Oriente, um caleidoscópio de ricas colorações e fartas sobranceiras desgrenhadas, narizes longos e de narinas largas, ou aquilinos, ou muito aduncos, raparigas com cabelos negros encaracolados e testas majestosas, homens idosos quase sem dentes mas cheios de energia. Sorriam ou riam e conversavam animadamente uns com os outros, um homem alto gesticulava para o companheiro com um jornal dobrado. As suas roupas eram claramente não ocidentais, embora me fosse difícil apontar o que havia nos cortes dos fatos e das saias, nos sapatos pesados e nos chapéus escuros que não me era familiar

Também tive a impressão de que havia uma alegria mal disfarçada nessas pessoas quando os seus pés tocaram no solo ou asfalto búlgaro, o que não correspondia a uma imagem que levava comigo, a de uma nação inabalavelmente aliada aos Soviéticos, ainda a principal aliada de Stalin, mesmo agora, um ano depois da sua morte, um país sem alegria preso a ilusões de que talvez nunca despertasse. As dificuldades para obter um visto búlgaro em Istambul, uma etapa oleada em grande parte pelos fundos fornecidos por Turgut provenientes da Guarda do Sultão e pelos telefonemas da homônima búlgara da tia Eva em Sofia só fizeram aumentar a minha ansiedade em relação ao país, e os desalentados burocratas que finalmente e de má vontade tinham carimbado a sua aprovação nos nossos passaportes em Budapeste pareceram-me já embalsamados em opressão. Helen confidenciara-me que o próprio fato de a embaixada búlgara nos ter concedido os vistos a deixava inquieta.

Os Búlgaros de carne e osso, contudo, pareciam ser uma raça inteiramente diferente. Ao entrar no edifício do aeroporto, vimo-nos nas filas da alfândega, e ali o alarido de risadas e conversas era mais alto ainda, com parentes a acenar por cima das barreiras e a gritar saudações. Em torno de nós, as pessoas declaravam às autoridades pequenas quantidades de dinheiro e lembranças trazidas de Istambul e de destinos anteriores. Quando chegou a nossa vez, fizemos o mesmo.

As sobranceiras do jovem funcionário da alfândega desapareceram sob o boné ao ver os nossos passaportes, que pôs de lado por uns minutos para consultar outro funcionário.

— Não é bom sinal — disse Helen, baixinho.

Vários homens uniformizados cercaram-nos, e o mais velho e de aparência mais imponente começou a interrogar-nos em alemão, depois em francês e finalmente num inglês rudimentar. Seguindo as instruções de tia Eva, apresentei calmamente a nossa carta

da Universidade de Budapeste, que solicitava ao governo da Bulgária que nos deixasse entrar no país para uma importante atividade acadêmica e a outra carta que a tia Eva conseguira de um amigo na embaixada búlgara.

Não sei que efeito causou no funcionário a carta acadêmica com a sua extravagante mistura de inglês, húngaro e francês, mas a carta da embaixada estava escrita em búlgaro e ostentava o selo da embaixada. O funcionário leu-a em silêncio, as suas imensas sobrancelhas escuras a juntar-se acima do nariz, e em seguida o seu rosto assumiu uma expressão de surpresa, mesmo de assombro, e olhou para nós com espanto. Isto pôs-me ainda mais nervoso do que a sua hostilidade anterior, e ocorreu-me que a tia Eva tinha sido muito vaga sobre o teor daquela carta da embaixada. Evidentemente, eu não podia perguntar agora ao homem de que se tratava, e senti-me desorientado, aflito, quando o funcionário abriu um sorriso e me deu umas palmadinhas no ombro. Encaminhou-se para um telefone numa das pequenas cabinas da alfândega e, depois de um esforço considerável, conseguiu entrar em contacto com alguém. Não gostei da maneira como ele sorria para o telefone e relanceava o olhar para nós de vez em quando. Helen mexia-se, inquieta, junto de mim e eu sabia que ela devia estar a interpretar ainda melhor do que eu o significado de tudo aquilo. Por fim, o funcionário desligou o telefone com um floreado, ajudou-nos a reencontrar as nossas malas empoeiradas e levou-nos para um bar dentro do aeroporto, onde nos ofereceu pequenas doses de uma aguardente fortíssima chamada *rakiya*, que ele próprio também ia bebendo. Perguntou-nos nos seus vários idiomas estropiados há quanto tempo estávamos envolvidos com a revolução, quando tínhamos entrado para o Partido, e assim por diante, nenhuma das perguntas contribuindo para me deixar mais à vontade. Tudo isto me fez ponderar mais do que nunca nas possíveis incorreções da nossa carta de apresentação, mas segui o exemplo de Helen e limitei-me a sorrir ou a fazer observações neutras. Ele brindou à amizade entre os operários de todas as nações, voltando a encher os nossos copos e o dele. Se um de nós dizia alguma coisa alguma trivialidade sobre visitar o seu bonito país, por exemplo —, abanava a cabeça de um lado para outro com um sorriso aberto, como se discordasse das nossas afirmações. Aquilo estava a deixar-me nervoso até Helen me sussurrar que lera algures sobre aquela idiossincrasia cultural: os Búlgaros abanavam a cabeça para os lados quando concordavam e sacudiam-na para cima e para baixo quando discordavam.

Quando já havíamos tomado mais *rakiya* do que eu podia impunemente aguentar, fomos salvos pelo aparecimento de um homem de ar austero com um fato escuro e chapéu. Parecia ser apenas um pouco mais velho do que eu e teria sido considerado bonito se alguma expressão de prazer tivesse alguma vez aflorado ao seu rosto. Tal como era, o seu bigode escuro mal escondia os lábios apertados de modo desaprovador e a melena de cabelo negro não disfarçava a sua testa franzida. O funcionário cumprimentou-o com deferência e apresentou-o como sendo o guia que nos fora sido designado na Bulgária, explicando que era um privilégio porque K Rassimir Ranov era muito respeitado no governo búlgaro, estava

associado à Universidade de Sofia e conhecia como ninguém os pontos turísticos mais interessantes do seu antigo e glorioso país.

Através da névoa do álcool, apertei a mão do homem, fria como um peixe morto, e implorei aos céus que pudéssemos ver a Bulgária sem um guia. Helen parecia menos surpreendida com o fato e cumprimentou-o, pareceu-me, com a mistura certa de enfado e desprezo. Mr. Ranov ainda não tinha pronunciado sequer uma palavra, mas deu-me a impressão de antipatizar profundamente com Helen antes mesmo que o funcionário informasse que ela era húngara e estava a estudar nos Estados Unidos. A explicação fez o bigode dele retorcer-se por cima de um sorriso soturno.

— Professor, minha senhora — disse ele, falando conosco pela primeira vez e virando-nos as costas logo de seguida.

O funcionário da alfândega sorriu radiante, apertou-nos a mão, deu-me uma palmada no ombro, como se já fôssemos velhos amigos e depois fez um gesto a indicar que devíamos seguir Ranov.

Fora do aeroporto, Ranov chamou um táxi, que possuía o interior mais antiquado que já vi num automóvel, um tecido preto estofado com um recheio que presumi ser crina de cavalo, e comunicou-nos do banco da frente que nos tinham sido reservados quartos num hotel com uma excelente reputação.

— Acredito que vão achá-lo confortável, e tem um excelente restaurante. Amanhã encontrar-nos-emos lá para o pequeno-almoço e poderão explicar-me a natureza da vossa pesquisa e de que maneira posso ajudá-los a levá-la a cabo. Certamente vão querer encontrar-se com os vossos colegas na Universidade de Sofia e os ministérios convenientes. Depois, providenciaremos uma rápida excursão por alguns locais históricos da Bulgária.

Sorriu um sorriso azedo e fiquei a olhar para ele com um horror crescente. O inglês dele era bom demais; apesar do sotaque acentuado, tinha o som correto e sem inflexões de um desses discos com que se aprende um idioma em trinta dias.

O rosto dele tinha também algo de familiar. Evidentemente, nunca o vira antes, mas fazia-me lembrar alguém que eu conhecia, com a frustração inerente de não conseguir identificar quem diabo poderia ser. Essa sensação persistiu durante aquele primeiro dia em Sofia, atormentando-me durante a nossa visita excessivamente guiada pela cidade. Sofia era singularmente bela, contudo uma mistura de elegância do século dezenove, esplendor medieval e brilhantes monumentos novos no estilo socialista. No centro da cidade, percorremos um lúgubre mausoléu que guardava o corpo embalsamado do ditador estalinista Georgi Dimitrov, que morrera cinco anos antes. Ranov tirou o chapéu antes de entrar no edifício e fez Helen e eu passarmos à sua frente. Entramos numa fila de búlgaros silenciosos que desfilavam diante do caixão aberto de Dimitrov. O rosto do ditador era como de cera, com um espesso bigode escuro como o de Ranov. Pensei em Esfaime, cujo corpo se dizia ter ido para junto do de Lenin, num mausoléu semelhante na Praça Vermelha. Estas culturas ateístas ainda preservavam diligentemente as relíquias dos seus santos, disso não

havia dúvida.

Os meus maus pressentimentos em relação ao nosso guia aumentaram quando lhe perguntei se poderia pôr-nos em contacto com Anton Stoichev e o vi recuar.

— Mr. Stoichev é um inimigo do povo — assegurou-nos com a sua voz irritada. — Por que é que querem vê-lo? — E depois, estranhamente: — Evidentemente, se assim o desejam, posso providenciar. Ele já não dá aulas na universidade; com os seus pontos de vista religiosos, não oferece confiança para lidar com a nossa juventude. Mas é famoso, e talvez seja por esse motivo que desejam encontrar-se com ele?

— Ranov foi instruído para fazer tudo o que quisermos — disse-me Helen em voz baixa quando tivemos um momento a sós, fora do hotel. — Por que será? Por que é que alguém pensa que é uma boa idéia?

Entreolhamo-nos, receosos.

— Eu gostaria muito de saber — disse eu.

— Temos de ter muito cuidado aqui — o rosto de Helen estava sério, a voz, baixa, e eu não me atrevia a beijá-la em público. — Vamos combinar que, de agora em diante, só vamos revelar os nossos interesses académicos, e mesmo assim o mínimo possível, se tivermos de falar do nosso trabalho na frente dele.

— Combinado.

Nesses últimos anos, dei por mim várias vezes a rememorar a primeira visão que tive da casa de Anton Stoichev. Talvez essa imagem me tenha deixado uma impressão tão duradoura por causa do contraste entre a Sofia urbana e o refúgio dele fora da cidade, exatamente nos seus limites, ou talvez a lembrança seja tão recorrente por causa do próprio Stoichev — da natureza especial e sutil da sua presença. Acredito, contudo, que sinto uma expectativa tensa, quase arrebatadora, ao evocar a imagem do portão da frente da casa de Stoichev porque o nosso encontro com ele foi o ponto de viragem na nossa busca de Rossi.

Muito tempo depois, quando li em voz alta sobre os mosteiros situados fora das muralhas da Constantinopla bizantina onde às vezes os seus habitantes buscavam asilo, a fim de escapar a editais que impunham dentro do perímetro urbano um ou outro ponto do ritual da igreja, e onde não contavam com a proteção das grandes muralhas da cidade mas ficavam um grau mais distantes do alcance tirânico do Estado, pensei em Stoichev — no seu jardim, nas suas macieiras e cerejeiras salpicadas de branco, na casa instalada dentro de um pátio comprido, nas folhagens novas e nas colmeias azuis, no velho portão duplo de madeira com um postigo que nos mantinha do lado de fora, na atmosfera calma do lugar, no clima de devoção, de retiro deliberado.

Paramos diante do portão enquanto a poeira assentava em volta do carro de Ranov. Helen foi a primeira a tentar abrir um dos ferrolhos antigos, Ranov deixara-se ficar para trás com ar rabugento, como se detestasse ser visto ali, até mesmo por nós, e eu tinha a estranha sensação de estar colado ao chão. Por um momento, fiquei hipnotizado pela vibração matinal de folhas e abelhas e por uma apreensão inesperada e nauseante. Podia ser que Stoichev afinal não contribuísse para coisa alguma, que ali fosse o fim da linha, e nesse caso voltaríamos para casa depois de percorrermos um longo caminho para nada. Já imaginara a cena milhares de vezes o voo em silêncio para Nova Iorque de Sofia ou de Istambul eu iri querer ver Turgut uma vez mais, pensei e a reorganização da minha vida sem Rossi, as perguntas sobre onde eu estivera, os problemas com o departamento causados pela minha ausência prolongada, o retomar do meu trabalho sobre os mercadores holandeses aquelas pessoas plácidas, prosaicas — sob a supervisão de algum novo orientador imensamente inferior, e a porta fechada do escritório de Rossi. Acima de tudo, receava encontrar aquela porta fechada, e a investigação em curso, o interrogatório medíocre da polícia "Quer dizer, senhor... hum... Paul, não é? Quer dizer que foi viajar dois dias depois do desaparecimento do seu orientador?" a reunião de um pequeno grupo de pessoas perplexas numa cerimônia qualquer em sua memória, eventualmente a questão das obras de Rossi, dos seus direitos de autor, da sua herança.

Voltar com a minha mão entrelaçada na de Helen seria um grande consolo, é claro. Pretendia pedir-lhe que se casasse comigo quando todo aquele pesadelo terminasse; teria de economizar algum dinheiro, se pudesse, e levá-la a Boston para conhecer os meus pais.

Sim, voltaria com a mão dela na minha, mas não haveria um pai a quem pedi-la em casamento. Vi Helen abrir o portão de Stoichev através de uma névoa difusa de tristeza.

Passado o portão, a casa de Stoichev afundava-se mansamente num terreno irregular — em parte um pátio, em parte um pomar. As fundações da casa tinham sido construídas com uma pedra castanho-acinzentada assentada com argamassa branca; mais tarde, soube que essa pedra era uma espécie de granito com que a maioria dos velhos edifícios da Bulgária fora construída. Por cima das fundações, as paredes eram de tijolos, mas tijolos de um suave e ameno vermelho-dourado, como se tivessem estado mergulhadas na luz do sol durante gerações. O telhado era de telhas de canudo de barro vermelho. Tanto o telhado como as paredes estavam um tanto dilapidados. A casa inteira parecia ter brotado lentamente da terra e estar agora a voltar lentamente para dentro dela, como se as árvores tivessem crescido por cima dela apenas para lhe dar sombra a esse processo. O andar térreo desenvolvera-se numa ala mais elevada num dos lados e prolongara-se para o outro num caramanchão coberto pelas tenras gavinhas de uma parreira no cimo e por uma trepadeira de rosas pálidas na parte de baixo. Debaixo da treliça do caramanchão havia uma mesa de madeira e quatro cadeiras toscas, e imaginei como a sombra da parreira se iria adensando ali à medida que o Verão avançasse. Adiante, e debaixo da mais venerável das macieiras, pairavam duas colmeias fantasmagóricas; perto delas, sob o sol a pique, estendia-se um pequeno canteiro onde alguém plantara verduras translúcidas em filas ordenadas. Senti o cheiro de ervas aromáticas, talvez de lavanda, de relva fresca e de cebolas a serem fritas. Alguém tratava com carinho daquele lugar antigo que se ia afundando devagar, e quase esperei vislumbrar Stoichev metido num hábito de monge, ajoelhado na terra com um sachó de jardineiro na mão. Então, uma voz começou a cantar lá dentro, talvez perto da chaminé arruinada e das janelas do andar térreo. Não era a voz de barítono de um eremita, mas uma voz feminina, doce e forte, uma melodia enérgica que fez até Ranov, de mau humor junto de mim com o seu cigarro, parecer interessado.

— *Izvinetel* — chamou ele. — *Dobarden*.

O canto parou abruptamente e seguiu-se um estrépito e um baque surdo. A porta da frente de Stoichev abriu-se e a rapariga que estava ali parada ficou a olhar para nós, espantada, como se a última coisa que pudesse imaginar aparecer no pátio da sua casa fossem pessoas.

Eu ia adiantar-me mas Ranov passou-me à frente, tirando o chapéu, curvando a cabeça, inclinando-se e cumprimentando-a com uma torrente de palavras em búlgaro. A rapariga pusera a mão na cara, olhando para Ranov com uma curiosidade que me pareceu misturada com desconfiança. Olhando-a melhor, não era tão nova como eu tinha pensado, mas havia nela uma energia e um vigor que me fizeram supor que talvez fosse a autora do luminoso jardimzinho e dos aromas agradáveis que vinham da cozinha. Tinha o cabelo penteado para trás, mostrando o rosto redondo; tinha um sinal escuro na testa. Os olhos, queixo e boca pareciam os de uma bonita criança. Usava um avental por cima da blusa

branca e da saia azul. Examinou-nos com uma expressão perspicaz que nada tinha a ver com a inocência dos seus olhos e vi que, no seguimento das suas rápidas perguntas, Ranov tinha mesmo aberto a carteira e mostrara-lhe um cartão. Fosse ela filha de Stoichev ou sua governanta os professores universitários aposentados teriam governantas nos países comunistas?, não era nenhuma parva. Ranov parecia estar a fazer um esforço extraordinário para agradar; virou-se, sorridente, para nos apresentar.

— Esta é Irina Hristova — explicou, enquanto trocávamos apertos de mão. — É a sobrinha do professor Stoichev. A filha da irmã dele disse Ranov.

Acendeu outro cigarro e ofereceu um a Irina Hristova, que recusou com um gesto decidido da cabeça. Quando ele explicou que éramos da América, ela arregalou os olhos e examinou-nos com todo o cuidado. Depois deu uma risada, que eu nunca soube o que significava. Ranov ficou de novo carrancudo, acho que só conseguia parecer agradável poucos minutos de cada vez e ela virou-se e fez-nos sinal para entrarmos.

A casa apanhou-me novamente de surpresa; podia ser uma velha e encantadora quinta vista de fora, mas lá dentro, imersa numa penumbra que contrastava fortemente com a luz do sol da entrada, era um museu. A porta abria-se diretamente para uma grande sala com uma lareira, onde a luz do sol batia nas pedras em vez do fogo. A mobília cômodas de madeira escura com ricos trabalhos de entalhe e guarnecidas de espelhos, cadeiras e bancos principescos teria sido impressionante por si só, mas o que chamou a minha atenção e despertou murmúrios de admiração em Helen foi a rara mistura de tecidos tradicionais e pinturas primitivas ícones, sobretudo, de uma qualidade que em muitos casos parecia superar o que tínhamos visto nas igrejas de Sófia. Havia madonas de olhar luminoso e santos tristonhos de lábios finos, grandes e pequenos, ornamentados com pinturas douradas ou emoldurados em prata batida, apóstolos de pé em barcos e mártires suportando pacientemente os seus martírios. As cores ricas, antigas, patinadas, repetiam-se por todos os lados em tapeçarias e painéis tecidos com padrões geométricos e até num colete bordado e um par de estolas orlados de pequeninas moedas. Helen apontou para o colete, que tinha filis horizontais de bolsos cosidos de cada lado

— Para balas — disse ela, simplesmente

Junto ao colete, estava pendurado um par de adagas. Eu queria perguntar quem tinha usado o colete, quem juntara aquelas balas, quem manejara as adagas. Alguém enchera uma jarra de cerâmica numa mesa por baixo destas peças com rosas e folhagem, que pareciam sobrenaturalmente vivas no meio de todos aqueles tesouros desbotados. O soalho estava perfeitamente encerado. Percebi que mais adiante havia outra sala parecida com aquela.

Ranov também olhava em volta, e fungou, desdenhoso

— Na minha opinião, deixam o professor Stoichev guardar propriedades nacionais em excesso. Deviam ser vendidas para benefício do povo.

Ou Irin não compreendia inglês ou não se dignou responder-lhe, virou-lhe as costas e

levou-nos até um estreito lanço de escada fora da sala. Não sei o que esperava ver lá em cima Talvez fosse encontrar um cubículo atravancado, uma caverna onde o velho professor hibernasse, ou talvez, pensei — com aquela pontada de sofrimento a que já me ia acostumando —, encontrássemos um escritório arrumado, organizado, igual ao que camuflava a esplêndida e tumultuosa mente do professor Rossi. Mal pusera de lado essa imagem quando a porta no cimo dos degraus se abriu e um homem de cabeça branca, baixo mas direito, saiu para o patamar da escada. Irina correu para ele, agarrando-lhe o braço com as mãos e dirigindo-lhe rápidas palavras em búlgaro entremeadas de um riso excitado.

O velho voltou-se para nós, calmo, calado, o rosto profundamente absorto, tanto que tive a impressão de que olhava para baixo, para o chão, embora estivesse a olhar diretamente para nós. Adiantei-me então e estendi-lhe a mão. Ele apertou a gravemente virou se para Helen e apertou-lhe também a mão. Era educado, formal, demonstrava o tipo de deferência que não é de fato deferência mas dignidade, e os seus grandes olhos escuros iam de um de nós para o outro, até que deparou com Ranov, que ficara atrás a observar a cena. Nesse ponto, Ranov aproximou se e trocou também um aperto de mão com ele com condescendência, pensei, gostando cada vez menos do nosso guia. Desejava ardentemente que nos deixasse para podermos falar a sós com o professor Stoichev. Perguntava a mim próprio como poderíamos ter uma conversa franca com Stoichev, receber alguma informação da sua parte, com Ranov a rondar a nossa volta como uma mosca.

O professor Stoichev virou-se devagar e convidou-os a entrar no aposento. Este era um dos muitos do andar de cima da casa. Nunca ficou claro para mim, durante as nossas duas visitas, onde dormiam os seus habitantes. Até onde podia ver, o andar superior continha apenas a comprida e estreita sala de estar onde acabávamos de entrar e diversas pequenas divisões que davam para ela. As portas dessas divisões estavam escancaradas, e a luz do sol filtrava-se para dentro delas através das folhas verdes das árvores diante das janelas do lado oposto, acariciando as capas dos incontáveis livros, livros que cobriam as paredes, repousavam dentro de caixas no chão ou amontoavam-se por cima das mesas. No meio deles, nas prateleiras, havia documentos soltos de todos os tamanhos e formatos, muitos deles visivelmente muito antigos. Não, não era igual ao gabinete organizado de Rossi, e sim um laboratório desordenado, o depósito da mente de um colecionador. Por toda a parte, via o sol tocando o velino antigo, couro antigo, capas e lombadas filetadas, traços de ouro, folhas gastas, encadernações nodosas livros maravilhosos, vermelhos, castanhos e cor de osso livros e rolos e manuscritos numa desordem laboriosa. Nenhum deles empoeirado, nada que fosse pesado apoiado em algo frágil, e no entanto esses livros, esses manuscritos, estavam absolutamente em toda a parte nos aposentos de Stoichev, e tive a sensação de estar cercado por eles de uma maneira que ninguém pode estar nem mesmo num museu, onde esses preciosos objetos teriam ficado dispostos mais espaçadamente, mais metodicamente.

Numa das paredes da sala de estar estava pendurado um mapa, pintado, para minha

surpresa, em couro. Não pude deixar de me aproximar dele, e Stoichev sorriu.

— Gosta? — perguntou. — É o Império Bizantino em cerca de 1150. — Era a primeira vez que falava, e usou um inglês pausado e correto.

Quando a Bulgária ainda era um dos seus territórios — disse Helen, contemplando-o pensativa.

Stoichev lançou-lhe um olhar rápido, claramente satisfeito.

— Sim, exatamente. Penso que esse mapa foi feito em Veneza ou Génova e depois levado para Constantinopla, talvez como presente para o imperador ou para alguém da sua corte. Este é uma cópia que um amigo me fez.

Helen sorriu, tocando o queixo e refletindo. Então, quase lhe piscou o olho.

— O imperador Manuel I Comnenus, talvez?

Fiquei pasmado e Stoichev também pareceu espantado. Helen deu uma risada.

— Bizâncio costumava ser quase um passatempo para mim.

O velho historiador abriu um largo sorriso e curvou-se diante dela, cortês. Apontou para as cadeiras em torno de uma mesa no meio da sala e sentamo-nos. De onde estava, podia ver o quintal atrás da casa, o terreno a descer gradualmente até à orla de um bosque e as árvores de fruto, algumas já carregadas de pequenos frutos verdes. As janelas estavam abertas e o mesmo zumbir de abelhas e restolhar de folhas chegava até nós. Pensei como deveria ser agradável para Stoichev, mesmo no exílio, sentar-se ali com os seus manuscritos e ler ou escrever enquanto ouvia aqueles sons, que nenhum governo opressivo podia abafar, ou de que nenhum burocrata resolvera afastá-lo ainda. Era uma prisão feliz e talvez mais voluntária do que tínhamos maneira de saber.

Stoichev não disse mais nada por algum tempo, apesar de olhar atentamente para nós, e tive curiosidade em saber o que pensava do fato de termos aparecido ali, e se planeava descobrir quem éramos.

Depois de alguns minutos, achando que ele nunca se dirigiria a nós, dirigi-me a ele.

— Professor Stoichev, perdoe-nos por invadirmos a sua solidão. Estamos muito grato ao senhor e à sua sobrinha por permitirem que os visitemos.

Ele olhou para as próprias mãos sobre a mesa eram finas e cobertas de manchas da idade — e depois para mim. Os seus olhos, como já disse, eram muito escuros, e eram os olhos de um rapaz, apesar de o seu rosto bem barbeado e moreno ser velho. As orelhas eram extraordinariamente grandes e sobressaíam dos lados da cabeça no meio do cabelo branco bem aparado; captavam um pouco da luz das janelas, de modo que ficavam translúcidas, com os contornos rosados como as de um coelho. Aqueles olhos, em que a brandura e a cautela se combinavam, tinham também algo de animal. Os dentes eram amarelados e tortos, e um deles, na frente, estava coberto de ouro. Mas estavam todos no lugar, e o seu rosto tornava-se quando sorria iluminado e surpreendente, como se um animal selvagem assumisse subitamente uma expressão humana. Era um rosto maravilhoso, um rosto que na juventude devia ter tido um brilho invulgar, um grande e visível entusiasmo — devia ter

sido um rosto irresistível.

Depois Stoichev sorriu, com tanta intensidade que nos fez sorrir também, a mim e a Helen. Irina olhou para nós. Sentara-se numa cadeira debaixo de um ícone de um santo — presumo que fosse S. Jorge que atravessava vigorosamente com a espada um dragão subnutrido.

— Estou muito contente que tenham vindo ver-me — disse Stoichev. — Não costumamos receber muitas visitas, e visitas que falem inglês são ainda mais raras. Estou satisfeito por poder praticar o meu inglês convosco, embora receie que já não seja tão bom como era dantes.

— O seu inglês é excelente — disse eu. — Onde o aprendeu, se não se importa que pergunte?

— Oh, não me importo — disse o professor Stoichev. — Tive a sorte de estudar no estrangeiro quando era novo, e alguns desses estudos foram feitos em Londres. Há alguma coisa em que possa ajudá-los ou desejam apenas visitar a minha biblioteca?

Disse aquilo com tanta simplicidade que me apanhou de surpresa.

— Ambas as coisas — respondi. — Gostaríamos de visitar a sua biblioteca e de lhe fazer algumas perguntas para a nossa pesquisa. — Fiz uma pausa, procurando as palavras. — Miss Rossi e eu estamos muito interessados na história do seu país na Idade Média, embora eu saiba muito menos desse assunto do que devia, e estamos a escrever uns... — e comecei a gaguejar porque me ocorreu que, apesar da breve preleção de Helen no avião, eu nada sabia sobre a história da Bulgária, ou sabia tão pouco que tudo o que dissesse só pareceria absurdo àquele homem erudito que era o guardião do passado do seu país; e também porque o que tínhamos a discutir era extremamente pessoal, terrivelmente improvável e de maneira alguma algo que eu quisesse mencionar diante de Ranov, que nos observava com o seu sorriso escarninho por cima da mesa.

— Quer dizer que estão interessados na Bulgária medieval? — perguntou Stoichev, e tive a impressão de que também ele relanceava os olhos na direção de Ranov.

— Sim — disse Helen, vindo rapidamente em meu auxílio. — Estamos interessados na vida monástica da Bulgária medieval, que temos vindo a pesquisar o melhor que podemos para alguns artigos que gostaríamos de escrever. Mais especificamente, gostaríamos de saber sobre a vida nos mosteiros da Bulgária no último período medieval, e sobre algumas rotas que trouxeram peregrinos à Bulgária, bem como sobre as rotas que os peregrinos da Bulgária seguiam quando viajavam para outras terras.

Stoichev iluminou-se, sacudindo a cabeça com prazer evidente, de tal modo que as suas grandes orelhas delicadas captaram a luz.

— É um tema muito bom — declarou. O seu olhar perdeu-se ao longe, e imaginei que estivesse a ver um passado tão longínquo que era realmente o poço do tempo, e a ver com mais clareza do que qualquer outra pessoa no mundo o período a que nos referíamos. — Há alguma coisa em especial sobre a qual querem escrever? Tenho muitos manuscritos aqui

que lhes podem ser úteis, e terei o maior prazer em deixar que os examinem, se quiserem.

Ranov mexeu-se na cadeira e pensei de novo como me aborrecia tê-lo ali a observarnos. Felizmente a sua atenção concentrava-se no lindo perfil de Irina, do lado oposto da sala.

— Bem — disse eu —, gostaríamos de saber mais sobre o século quinze, o final do século quinze, e a doutora Rossi fez um bom trabalho sobre esse período no país natal da sua família...

— Que é a... Romênia — completou Helen. Mas fui criada e educada na Hungria.

— Ah, sim, então é nossa vizinha. — O professor Stoichev voltou-se para Helen e dirigiu-lhe o mais amável dos sorrisos. — E é da Universidade de Budapeste?

— Sou — respondeu Helen.

— Talvez conheça um amigo meu lá. O professor Sándor.

— Oh, sim, é o diretor do nosso departamento de História. É muito meu amigo.

— Ah, isso é ótimo, ótimo — disse o professor Stoichev. — Por favor, transmita-lhe os meus mais calorosos cumprimentos quando tiver oportunidade.

— Com prazer — e Helen sorriu-lhe.

— E quem mais? Acho que não conheço mais ninguém que esteja lá agora. Mas o seu nome, professora, é muito interessante. Conheço esse nome. Nos Estados Unidos — voltou-se para mim outra vez, e novamente para Helen; inquieto, vi os olhos de Ranov fixos em nós —, há um famoso historiador chamado Rossi. Será parente seu?

Para minha surpresa, Helen corou violentamente. Pensei que talvez ela não gostasse de admitir isso em público, ou ainda sentisse um resto de dúvida se devia fazê-lo ou não, ou talvez tivesse notado o súbito interesse de Ranov na conversa.

— Sim — respondeu ela, lacônica. — É o meu pai, Bartholomew Rossi. — Pensei que seria muito natural Stoichev interrogar-se por que razão a filha de um historiador inglês alegava ser romena e ter sido criada na Hungria. Entretanto, se ele tinha essas dúvidas guardou-as para si.

— Sim, é esse mesmo o nome dele. Escreveu livros muito bons. E abrangendo um espectro tão amplo de assuntos! — Passou a mão pela testa. — Quando li alguns dos seus primeiros trabalhos, pensei que daria um ótimo historiador dos Balcãs, mas vi que abandonou essa área e foi para muitas outras.

Foi um alívio ouvir que Stoichev conhecia o trabalho de Rossi e tinha boa opinião dele; isso podia dar-nos credibilidade aos seus olhos e também tornar mais fácil conquistar a sua simpatia.

— É verdade — disse eu. — Na realidade, o professor Rossi não só é o pai de Helen como também é o meu orientador. Estou a trabalhar com ele na minha tese de doutoramento.

— Que sorte a sua — Stoichev dobrou uma das mãos cobertas de veias sobre a outra. — E a respeito de que é a sua tese?

— Bem — comecei, e dessa vez fui eu quem corou; esperava que Ranov não estivesse a observar estas mudanças de cor com muita atenção —, é sobre os mercadores holandeses do século dezessete.

— Excelente — disse Stoichev. — É um tema muito interessante. Então, o que o trouxe à Bulgária?

— É uma longa história — respondi. — Miss Rossi e eu estamos interessados em fazer algumas pesquisas sobre as ligações entre a Bulgária e a comunidade ortodoxa de Istambul depois da conquista otomana da cidade. Mesmo sendo um desvio do assunto da minha tese, temos escrito alguns artigos sobre isso. Na verdade, acabei de fazer uma palestra na Universidade de Budapeste sobre a história de... certas partes da Romênia sob o domínio dos Turcos. — Imediatamente, percebi que cometera um erro, talvez Ranov ainda não soubesse que tínhamos estado em Budapeste, além de Istambul. Helen estava tranquila porém, e segui-lhe o exemplo. — Gostaríamos muito de terminar a nossa pesquisa aqui na Bulgária e achamos que o senhor talvez nos possa ajudar.

— Claro — disse Stoichev, pacientemente. — Talvez pudessem dizer-me exatamente o que lhes interessa mais na história dos nossos mosteiros medievais e das rotas de peregrinação, e no século quinze em particular. É um século fascinante da história da Bulgária. Sabem que, depois de 1393, a maior parte do nosso país estava sob o jugo otomano, se bem que algumas partes da Bulgária só tenham sido conquistadas quando o século quinze já ia bem avançado. A nossa cultura intelectual nativa foi preservada a partir dessa época em grande parte nos mosteiros. Fico contente que se interessem pelos mosteiros porque são uma das fontes mais ricas da nossa herança na Bulgária. — Fez uma pausa e dobrou de novo as mãos uma sobre a outra, como se esperasse para ver até que ponto essa informação nos era familiar.

— Sim — concordei. Não havia outra maneira. Teríamos de conversar sobre algum aspecto da nossa pesquisa com Ranov sentado mesmo à nossa frente. Se eu lhe pedisse para sair, ficaria logo desconfiado dos nossos objetivos. A nossa única esperança era fazer as perguntas soarem tão acadêmicas e impessoais quanto possível. — Acreditamos que existam certas ligações interessantes entre a comunidade ortodoxa de Istambul no século quinze e os mosteiros da Bulgária.

— Sim, isso é certamente verdade — disse Stoichev, — sobretudo desde que a Igreja búlgara foi colocada sob a jurisdição do patriarca de Constantinopla por Mehmed o Conquistador. Antes disso, é claro, a nossa igreja era independente, com o seu próprio patriarca em Veliko Trnovo.

Senti uma onda de gratidão por aquele homem com a sua maravilhosa erudição. Os meus comentários tinham sido pouco mais que frívolos, e contudo ele respondera com uma delicada além de informativa circunspeção.

— Exatamente — disse eu. — E estamos especialmente interessados... encontramos uma carta... isto é, estivemos recentemente em Istambul — tive o cuidado de não olhar

para Ranov — e descobrimos uma carta que tem a ver com a Bulgária... com um grupo de monges que viajou de Constantinopla para um mosteiro na Bulgária. Para os objetivos de um dos nossos artigos, estamos interessados em reconstituir o percurso deles através da Bulgária. Talvez andassem em peregrinação, não temos certeza.

— Entendo — disse Stoichev. Os seus olhos estavam cheios de cautela e mais luminosos do que nunca. — Há alguma data nessa carta? Podem falar-me um pouco sobre o seu teor ou sobre quem a escreveu, se é que sabem quem foi, e onde a encontraram? A quem estava endereçada, e assim por diante, se souberem essas coisas?

— Certamente — disse eu — De fato, temos aqui uma cópia. O original está em Eslávomo, e um monge em Istambul copiou-o para nós. Está guardado no arquivo estatal de Mehmed II. Talvez queira ler a carta pessoalmente. — Abri a minha pasta e tirei a cópia da carta, entregando-lha e esperando que Ranov não pedisse para a ver depois

Stoichev pegou na carta e vi os seus olhos dispararem pelas primeiras linhas

— Interessante — disse, e, para minha decepção, colocou a em cima da mesa. Talvez ao fim e ao cabo não fosse ajudar-nos, nem ao menos ler a carta

— Minha querida — disse ele, virando-se para a sobrinha. — Acho que não podemos examinar velhas cartas sem oferecer as visitas alguma coisa para comer e beber. Podes trazer nos *raktya* e um almoço leve? — E curvou a cabeça com especial cortesia para Ranov

Irina levantou-se prontamente, sorrindo

— Claro, tio — disse ela, num bonito inglês. Nunca mais acabavam, pensei, as surpresas naquela casa — Mas preciso de ajuda para trazer tudo aqui para cima — Olhou de relance para Ranov com os seus olhos claros e ele levantou-se, ajeitando o cabelo

— Terei muito prazer em ajudá-la — disse ele, e os dois desceram juntos, Ranov batendo ruidosamente com os pés nos degraus e Irina tagarelando com ele em búlgaro

Logo que a porta se fechou atrás deles, Stoichev inclinou-se para a frente e leu a carta com ávida concentração. Quando terminou, ergueu os olhos para nós. O seu rosto perdera uns dez anos, mas estava tenso.

— Isto é extraordinário — disse, em voz baixa. Instintivamente, eu e Heler levantamo-nos ao mesmo tempo e fomos sentar-nos junto dele na extremidade da mesa comprida. — Estou espantado por ver esta carta

— Sim como? — disse eu, ansioso — Tem alguma idéia do que ela pode significar?

— Alguma. — Os olhos de Stoichev estavam enormes e olhou firmemente para mim — Sabe — acrescentou —, eu também tenho uma das cartas do irmão Kiril.

Lembrava-me muito bem da estação rodoviária de Perpignan, onde estivera com o meu pai no ano anterior, esperando pelo autocarro empoeirado que ia para as aldeias. Agora, o autocarro encostou novamente e Barley e eu entramos nele. A nossa viagem a Lès Bains, percorrendo largas estradas rurais, também me era familiar. As cidades pelas quais passávamos eram circundadas por plátanos com as copas aparadas em quadrado. Árvores, casas, campos, carros velhos, tudo parecia ser feito da mesma poeira, uma nuvem *café-au-lait* que cobria tudo.

O hotel em Lès Bains também era como me lembrava, com os seus quatro andares revestidos de estuque, grades de ferro nas janelas e floreiras com flores rosadas. Dei por mim ansiando pelo meu pai, ficando sufocada só de pensar que o veríamos em breve, talvez dentro de poucos minutos. Desta vez, fui eu que guiei Barley, empurrando a pesada porta e depositando a minha mala em frente ao balcão com tampo de mármore da recepção do hotel. Mas aquele balcão pareceu-me tão alto e cheio de dignidade que me senti novamente tímida, e tive de me forçar a dizer ao empertigado senhor de idade atrás dele que pensava que o meu pai podia estar hospedado ali. Não me lembrava daquele senhor da nossa visita anterior, mas ele foi paciente, e depois de um minuto disse que de fato havia um *monsieur* estrangeiro com aquele nome hospedado ali, mas que a chave dele não estava no lugar, e portanto devia ter saído. Mostrou-nos o ganchinho vazio. O meu coração deu um salto, e logo depois outro quando um homem de quem me lembrava abriu a porta atrás do balcão. Era o *maître* do pequeno restaurante, cerimonioso, amável e apressado. O velho deteve-o com uma pergunta e ele virou-se para mim, *étomné*, e disse imediatamente que ali estava a jovem menina, e como estava crescida, e adorável. E o seu amigo.

Cousin — corrigiu Barley

— Mas *monsieur* não mencionara que a sua filha e o seu sobrinho viriam juntar-se-lhe, que bela surpresa! Tínhamos de jantar lá todos juntos naquela noite.

Perguntei-lhe onde estava o meu pai, se alguém sabia, mas ninguém sabia. Saíra cedo, interrompeu o mais velho, talvez para uma caminhada matinal. O *maître* disse que ainda estavam cheios mas, se precisássemos de outros quartos, ele tomaria providências. Por que não subíamos para o quarto do meu pai, pelo menos para deixar a nossa bagagem? O meu pai estava numa suite com uma bela vista e uma pequena sala de estar. E ele o *maître* ia dar-nos a outra de fazermos um café. O meu pai provavelmente voltaria em breve. Agradecidos, concordamos com todas as sugestões. O elevador barulhento levou-nos para cima tão devagar que me perguntei se não seria o próprio *maître* que estava a puxar os cabos no porão.

O quarto do meu pai, quando abrimos a porta, era espaçoso e agradável, e eu teria apreciado cada recanto dele se não tivesse sentido, constrangida, que estava a invadir o

seu santuário pela terceira vez numa semana. Pior ainda foi a inesperada visão da mala do meu pai, das suas roupas familiares espalhadas pelo quarto, o seu velho estojo de barbear em couro e os seus sapatos de boa qualidade. Eu vira aqueles objetos apenas alguns dias antes, no quarto dele na casa do reitor James em Oxford, e a sua familiaridade atingiu-me em cheio.

Mas mesmo isto foi eclipsado por outro choque. O meu pai era um homem naturalmente organizado; qualquer quarto ou escritório que ocupava, por mais curto que fosse o período, era um modelo de ordem e método. Ao contrário de muitos solteiros, viúvos ou divorciados que vim a conhecer mais tarde, o meu pai nunca descera àquele estado que faz com que homens sozinhos despejem o conteúdo dos bolsos em pilhas sobre mesas e escrivaninhas, ou guardem as suas roupas em pilhas sobre os espaldares das cadeiras. Nunca vira os objetos pessoais do meu pai em tal desordem. A sua mala estava meio desfeita junto à cama. Aparentemente, revirara-a para tirar uma ou duas peças, deixando pelo chão um rastro de meias e roupa interior. O seu casaco leve de linho estava esparramado em cima da cama. De fato, mudara de roupa muito à pressa e largara o fato num monte junto da mala. Ocorreu-me que talvez aquilo não fosse obra do meu pai, que o quarto tivesse sido revistado na sua ausência. Mas aquele fato amontoado, despido como uma pele de cobra no chão, fez-me mudar de idéias. Os seus sapatos de caminhada não estavam no lugar habitual na mala, e as formas de cedro para sapatos que mantinha dentro deles tinham sido atiradas para o lado. Evidentemente, nunca estivera com tanta pressa na vida.

No momento em que Stoichev nos contou que possuía uma das cartas do irmão Kinc Helen e eu entreolhamo-nos, pasmados.

— O que quer dizer? — disse ela, por fim.

Stoichev bateu com os dedos excitados na cópia de Turgut

— Tenho um manuscrito que me foi dado em 1924 pelo meu amigo Atanas Angelov. Descreve uma parte diferente da mesma viagem, tenho certeza. Não sabia da existência de outros documentos sobre essas viagens. Na verdade, o meu amigo morreu repentinamente logo a seguir a ter-mo dado, pobre tipo. Esperem — levantou-se, cambaleando com a pressa, e tanto eu como Helen levantamo-nos de um salto para o amparar, se caísse. No entanto, ele endireitou-se sem ajuda e entrou numa das divisões menores, fazendo um gesto para que o seguissemos e tentássemos não tropeçar nas pilhas de livros que o contornavam. Examinou as prateleiras e depois esticou-se para agarrar numa caixa que eu ajudei a trazer para baixo. Dela tirou uma pasta de cartão atada com um cordão desfiado. Levou a pasta até a mesa e abriu-a sob os nossos olhos ansiosos, retirando um documento tão frágil que estremeci só de o ver manipulá-lo. Ficou ali a olhar para ele por um longo minuto, como que paralisado, e então suspirou

— Este é o original, como podem ver. A assinatura.

Inclinamo-nos sobre ele e, com um arrepio que me percorreu os braços e o pescoço, vi um nome em cirílico, caligrafado com tanto esmero que até eu era capaz de o ler — Kiril e o ano 6985. Olhei para Helen, e ela mordeu o lábio. O nome desbotado daquele monge era terrivelmente real. Assim como real era o fato de que outrora estivera tão vivo como nós e tinha apoiado uma pena sobre aquele pergaminho com a sua mão quente, viva.

Stoichev parecia quase tão impressionado como eu, embora a visão de um manuscrito tão antigo devesse ser o seu quinhão quotidiano.

— Traduzi-o para o Búlgaro — disse, depois de um momento, e puxou outra folha, esta datilografada em papel vegetal. Sentámo-nos — Vou tentar lê-la.

Aclarou a garganta e deu nos uma versão tosca mas adequada de uma carta que desde então foi amplamente traduzida.

A Sua Excelência, Abade-mor Eupraxius:

Tomo da pena para cumprir a tarefa de que na vossa sabedoria me incumbísteis, e para vos relatar os particulares da nossa missão conforme chegarmos a eles. Possa eu fazer-lhes jus e aos vossos desejos, com a ajuda de Deus. Dormimos esta noite perto de Virbius, a dois dias de viagem de vós, no mosteiro de S. Vladimir, onde os santos irmãos nos deram as boas-vindas em vosso nome. De acordo com as vossas instruções, fui sozinho junto do abade-mor e contei-lhe a nossa missão em grande segredo, sem que nenhum noviço ou criado estivesse presente. Ele deu ordens para que a nossa carroça ficasse trancada nos estábulos dentro do pátio, com dois guardas de

entre os seus monges e dois dos nossos. Espero que possamos encontrar muitas vezes tanta compreensão e proteção, pelo menos até entrarmos em terras infieis. Como me instruísteis, deixei o livro nas mãos do senhor abade com as vossas recomendações e vi que ele o escondeu imediatamente, sem sequer o abrir na minha frente.

Os cavalos estão cansados depois da subida através das montanhas e dormiremos aqui outra noite ainda, depois desta. Nós próprios estamos agora refeitos pelos serviços da sua igreja aqui, na qual dois ícones da mais pura Virgem realizaram milagres apenas há oitenta anos. Um deles ainda mostra as lágrimas milagrosas que Ela chorou por um pecador e que se transformaram em pérolas raras. Rezamos-lhe preces fervorosas para que nos proteja na nossa missão, para que possamos alcançar em segurança a grande cidade e que até mesmo na capital do inimigo possamos encontrar um abrigo a partir do qual desempenharmos a nossa tarefa.

O vosso mais humilde servo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,

Irmão Kiril

Abril do ano 6985 de Nosso Senhor

Acho que Helen e eu mal respirávamos enquanto Stoichev lia isto em voz alta. Traduziu lenta e metodicamente, e com significativa habilidade. Eu já estava a ponto de exclamar em voz alta sobre a inquestionável relação entre as duas cartas quando um ruído de pés lá em baixo na escada de madeira nos fez levantar os olhos.

— Estão a voltar — disse Stoichev, em voz baixa. Guardou a carta, e eu juntei-lhe a nossa, provisoriamente, por segurança. — O senhor Ranov... foi designado como vosso guia.

— Sim — disse eu depressa. — E parece estar demasiado interessado no nosso trabalho aqui. Há muito mais coisas que gostaríamos de lhe contar sobre a nossa pesquisa, mas é muito privado e também... — fiz uma pausa.

— Perigoso? perguntou Stoichev, voltando o seu velho e maravilhoso rosto na nossa direção.

— Como adivinhou? — Não conseguia esconder a minha surpresa. Nada do que disséramos até àquele momento dava a entender que houvesse algum tipo de perigo.

Ali abanou a cabeça, e no seu suspiro havia uma profundidade de experiência e pesar que eu não podia sequer imaginar.

— Há algumas coisas que também lhes quero contar. Nunca pensei que veria outra destas cartas. Falem com o senhor Ranov o menos possível.

— Não se preocupe — Helen abanou a cabeça e os dois entreolharam-se por um segundo com um sorriso.

— Silêncio disse Stoichev em voz baixa. — Tomarei providências para que possamos voltar a conversar.

Irina e Ranov entraram na sala de estar fazendo barulho com os pratos, e Irina começou a distribuir copos e uma garrafa com um líquido cor de âmbar. Ranov veio atrás dela trazendo um pão e um prato de feijões brancos. Estava a sorrir e parecia quase domesticado. Desejei poder agradecer à sobrinha de Stoichev. Ela sentou o ti

confortavelmente na sua cadeira e convidou-nos a sentar, e percebi que a excursão daquela manhã me tinha deixado com uma fome terrível.

— Por favor, ilustres hóspedes, fiquem à vontade. — Stoichev fez um amplo gesto com a mão sobre a mesa, como se ela pertencesse ao imperador de Constantinopla. Irina encheu os copos de bebida — só o cheiro seria suficiente para matar um animal de pequeno porte e ele brindou-nos, galante, com o seu sorriso de dentes amarelos, mas aberto e franco. — Bebo à amizade entre estudiosos de todo o mundo.

Todos retribuímos o seu brinde com entusiasmo, exceto Ranov, que levantou o copo ironicamente e olhou em volta para nós.

— Que os vossos estudos façam avançar o conhecimento do Partido e do povo — disse, inclinando-se ligeiramente para mim. Aquilo quase me tirou o apetite; estaria ele a falar de um modo geral ou queria fazer avançar o conhecimento do Partido através de algo em especial que nós sabíamos? Mas retribuí a saudação e engoli a minha *raktya*. Decidi que não havia outra maneira de a beber a não ser rapidamente, e que a queimadura de terceiro grau que recebia no fundo da garganta era logo substituída por uma ardência agradável. Mais um pouco desta bebida, pensei, e corro o risco de começar a gostar ligeiramente de Ranov.

— Estou feliz por ter a oportunidade de conversar com alguém interessado na nossa história medieval — disse-me Stoichev. — Talvez seja interessante o senhor e Miss Ross presenciarem uma festa que celebra duas das nossas grandes figuras medievais. Amanhã é o dia de Kiril e Methodii, criadores do grande alfabeto eslavónico. Em inglês, diz-se Cyril e Methodius e chamam ao alfabeto cirílico, não é? Nós chamamos-lhe *kirilitsa*, em homenagem a Kiril, o monge que o inventou.

Por um momento fiquei confuso, pensando no nosso irmão Kiril, mas quando Stoichev voltou a falar percebi o que ele tinha em mente, e como era engenhoso.

— Hoje à tarde estou muito ocupado com os meus escritos — disse, — mas se quiserem voltar amanhã, alguns dos meus antigos alunos estarão aqui para comemorar a data, e poderei contar-lhes mais sobre Kiril.

— É muito gentil da sua parte — disse Helen. — Não queremos abusar muito do seu tempo, mas seria uma honra estar aqui com o senhor. É possível, camarada Ranov?

Ranov não ignorou aquele "camarada", e franziu a testa por trás do seu segundo copo de *rakiya*.

— Certamente — disse. — Se é assim que desejam realizar a vossa pesquisa, fico feliz por poder ajudar.

— Muito bem — disse Stoichev. — Encontramo-nos aqui cerca de uma e meia, e Irina terá alguma coisa boa para o nosso almoço. É sempre um grupo agradável. Poderão conhecer alguns estudiosos cujo trabalho acharão interessante.

Agradecemos profusamente e obedecemos a Irina, que insistia para que comêssemos embora eu notasse que Helen também estava a evitar o resto da *rakiya*. Quando acabamos a

nossa refeição simples, Helen levantou-se imediatamente e todos a imitamos.

— Não queremos cansá-lo mais, professor — disse ela, pegando-lhe na mão.

— De maneira nenhuma, minha querida. — Stoichev apertou-lhe as mãos calorosamente, mas pensei que ele parecia realmente cansado. — Aguardo com ansiedade o nosso encontro amanhã.

Irina acompanhou-nos de novo até ao portão, através da horta e do jardim.

— Até amanhã — disse, sorrindo-nos, e acrescentou alguma coisa mais atrevida em búlgaro que fez com que Ranov alisasse o cabelo com a mão antes de voltar a pôr o chapéu.

— É uma rapariga muito bonita — observou, complacentemente, enquanto caminhávamos até ao carro, e Helen revirou os olhos para mim, nas costas dele.

Foi só à noite que tivemos alguns minutos a sós. Ranov tinha-se retirado após um jantar interminável na tristonha sala de jantar do hotel. Helen e eu subimos as escadas juntos e o elevador estava outra vez avariado e ficamos um pouco no vestibulo junto do meu quarto, momentos de doçura roubados à nossa peculiar situação. Quando achamos que Ranov tinha ido embora, descemos novamente as escadas, fomos até um café numa rua transversal ali perto e sentámo-nos sob as árvores.

— Alguém está a vigiar-nos aqui também — disse Helen em voz baixa, enquanto nos sentávamos a uma das mesas. Por prudência, pousei a minha pasta no colo; já desistira até de a deixar no chão por baixo das mesas dos cafés. Helen sorriu. — Mas pelo menos aqui as nossas conversas não são interceptadas, como no meu quarto. E no teu. — Olhou para os ramos verdes por cima de nós. — Tílias — disse. — Dentro de poucos meses, vão estar cobertas de flores. Na minha terra, as pessoas fazem chá com elas; provavelmente aqui também. Quando nos sentamos numa mesa ao ar livre, como aqui, temos primeiro de limpar a mesa porque as flores e o pólen caem por toda a parte. Cheiram a mel, muito doces e frescas. — E fez um movimento leve, como se estivesse a afastar milhares de flores de um verde pálido.

Peguei-lhe na mão e virei-a de modo a poder ver-lhe a palma, com as suas linhas graciosas. Esperava que significassem uma vida longa e boa sorte, ambas partilhadas comigo.

— O que pensas do fato de Stoichev ter aquela carta?

— Pode ser um golpe de sorte para nós — ponderou ela. — No início, pensei que fosse apenas uma peça de um quebra-cabeças histórico, uma peça maravilhosa, mas como iria ajudar-nos? Mas quando Stoichev adivinhou que a nossa carta era perigosa, senti uma grande esperança de que ele saiba qualquer coisa importante.

— Também pensei o mesmo — admiti. — Mas também pensei que ele podia simplesmente estar a querer dizer que era material politicamente sensível, como grande parte do seu trabalho, porque envolve a história da Igreja.

— Eu sei — Helen suspirou. — Pode significar só isso.

— E isso seria suficiente para ele preferir não discutir o assunto na presença de Ranov.

— Sim. Temos de esperar até amanhã para descobrir o que ele quis dizer. — Entrelaçou os seus dedos nos meus. — Esta espera diária é terrível para ti, não é?

Fiz que sim com a cabeça, lentamente.

— Se conhecesses Rossi... — disse, e parei.

Os seus olhos estavam fixos nos meus e lentamente empurrou para trás uma melena de cabelo que tinha escapado dos ganchos. O gesto foi tão triste que deu um enorme pescoço ao que disse em seguida.

— Estou a começar a conhecê-lo, através de ti.

Naquele momento, uma empregada de blusa branca aproximou-se e perguntou qualquer coisa. Helen virou-se para mim.

— O que pedimos para beber? — A empregada olhava com curiosidade para nós criaturas que falavam uma língua estranha.

— Como sabes o que pedir? — perguntei, provocando-a.

— Chá — disse ela, apontando para si mesma e para mim. — Chá, por favor. *Molya*.

— Estás a aprender depressa — disse eu, quando a empregada voltou para dentro.

Ela encolheu os ombros.

— Estudei um pouco de russo. O búlgaro é muito parecido.

Quando a empregada voltou com o nosso chá, Helen mexeu-o, o rosto sombrio.

— É um alívio tão grande estar longe de Ranov que nem posso pensar em voltar a vê-lo amanhã. Não vejo como vamos conseguir fazer uma pesquisa séria com ele nos nossos calcanhares.

— Se eu soubesse que ele realmente suspeita de algo sobre a nossa pesquisa, acho que me sentiria melhor — confessei. — O que é estranho é que ele me lembra alguém que já encontrei antes, mas parece que tenho amnésia e não sei quem é.

Olhei para o rosto sério e lindo de Helen e no mesmo segundo senti o meu cérebro a tatear em busca de alguma coisa, esvoaçando no limiar de um enigma, e não era a questão de existir ou não um possível gêmeo de Ranov. Tinha a ver com o rosto de Helen no crepúsculo, e com o ato de levantar a chávena de chá para beber, e com a estranha palavra que eu escolhera. O meu espírito já tinha esbarrado ali antes, mas desta vez a idéia irrompeu de súbito.

— Amnésia — disse. — Helen, Helen, amnésia.

— O quê? — ela franziu a testa, espantada com a minha veemência.

— As cartas de Rossi! — Praticamente gritei. Abri a minha pasta com tanta pressa que o nosso chá se derramou por cima da mesa. — A carta, a viagem à Grécia!

Levei vários minutos para encontrar o raio da coisa entre a minha papelada, e depois para encontrar o excerto, e depois para o ler em voz alta para Helen, cujos olhos lentamente se arregalaram, enormes, escuros, chocados.

— Lembra-te da carta sobre como ele voltou para a Grécia, para Creta, depois de o seu mapa ter sido roubado em Istambul, e de como a sua sorte mudou para pior e tudo

começou a correr mal? — Sacudi a página em frente dela.

— Ouve isto: "Os velhos nas tabernas de Creta mostravam-se mais inclinados a contar-me as suas mil e uma histórias de vampiros do que a indicar-me onde poderia encontrar outros fragmentos de cerâmica como aquele, que navios antigos os seus avós tinham feito naufragar para depois os pilharem. Certa noite, deixei que um estranho me oferecesse uma rodada de uma especialidade local chamada, extravagantemente, amnésia, que me pôs doente durante todo o dia seguinte."

— Oh, meu Deus — disse Helen, baixinho.

— "Deixei que um estranho me oferecesse uma bebida chamada amnésia." — Parafraseei, tentando não levantar a voz. — Quem diabo achas que o estranho era? E foi por isso que Rossi se esqueceu...

— Ele esqueceu — Helen parecia hipnotizada pela palavra. — Ele esqueceu a Romênia...

— Esqueceu completamente que tinha estado lá. As suas cartas para Hedges dizem que estava a sair da Romênia para a Grécia, para conseguir algum dinheiro e participar da escavação arqueológica...

— E ele esqueceu a minha mãe Helen — terminou a frase, de modo quase inaudível.

— A tua mãe — repeti, com a súbita imagem da mãe de Helen parada à porta de casa, vendo-nos partir. — Ele nunca teve a intenção de não voltar. Esqueceu-se de tudo. E foi por isso que me disse que nem sempre conseguia lembrar-se claramente da sua pesquisa.

O rosto de Helen ficou pálido, as mandíbulas contraídas, os olhos com uma expressão dura e enchendo-se de lágrimas.

— Odeio-o — disse em voz baixa, e eu sabia que não estava a referir-se ao pai.

Chegamos ao portão de Stoichev na manhã seguinte pontualmente a uma e meia. Helen apertou a minha mão, ignorando a presença de Ranov, e o próprio Ranov parecia estar em clima de festa, estava menos carrancudo do que habitualmente e vestira um pesado fato castanho que ainda não lhe tínhamos visto. De trás do portão, vinham sons de conversas e risadas, e sentíamos o cheiro de lenha a arder e de uma carne deliciosa a ser cozinhada. Se tirasse firmemente da cabeça todos os pensamentos sobre Rossi, também eu conseguiria sentir-me festivo. Sentia que naquele dia, entre todos os outros, alguma coisa aconteceria para me ajudar a encontrá-lo, e resolvi celebrar a festa de Kiril e Methodii com todo o entusiasmo possível.

No pátio, víamos grupos de homens e algumas mulheres reunidos sob o caramanchão. Irma borboleteava aqui e ali por trás da mesa, enchendo os pratos das pessoas e servindo copos daquele líquido poderoso cor de âmbar. Quando nos viu, veio rapidamente na nossa direção, os braços estendidos como se já fôssemos velhos amigos. Trocou apertos de mão comigo e com Ranov e beijou Helen.

— Fico muito feliz por terem vindo Obrigada — disse. — O meu tio não conseguiu dormir nem comer nada desde que estiveram aqui ontem. Espero que lhe digam que precisa de comer — e franziu o seu rosto bonito.

— Por favor, não se preocupe — disse Helen. — Faremos o possível para o convencer.

Encontramos Stoichev a receber a sua corte debaixo das macieiras. Alguém tinha disposto várias cadeiras de madeira em semicírculo e ele estava sentado na maior delas, com os homens mais jovens a sua volta.

— Ah, olá — exclamou, pondo-se de pé com esforço. Os outros levantaram-se imediatamente para o ajudarem e esperaram para nos cumprimentar. — Sejam bem vindos, meus amigos. Por favor, conheçam os meus outros amigos. — Com um aceno frágil indicou os rostos em torno de si. — Estes são alguns dos meus alunos de antes da guerra, e são muito simpáticos em voltar aqui para me visitar. — Muitos daqueles homens, com as suas camisas brancas e fatos escuros coçados, só eram jovens se comparados com Ranov, a maioria estava pelo menos na faixa dos cinquenta anos. Sorriam e apertavam-nos a mão calorosamente, e um deles inclinou-se para beijar a mão de Helen com uma cortesia formal. Gostei dos olhos deles, escuros, vivos, dos seus sorrisos silenciosos em que cintilavam dentes de ouro.

Irina chegou por trás de nós; parecia estar a insistir para que todos comessem novamente, porque logo a seguir fomos arrastados por uma onda de convidados para as mesas instaladas debaixo do caramanchão. Ali encontramos uma refeição realmente farta, e também a origem do cheiro maravilhoso, que provou ser um carneiro inteiro a assar sobre uma cova aberta no quintal junto da casa. A mesa estava posta com pratos de cerâmica com batatas às rodelas, salada de tomate e pepino, queijo branco fresco, fatias de pão e

travessas dos mesmos folhados de queijo que tínhamos comido em Istambul. Havia guisados de carne, tigelas de iogurte, beringelas e cebolas grelhadas. Irina não nos deixou em paz enquanto os nossos pratos não ficaram quase pesados de mais para os segurarmos, e seguiu-nos de volta ao pequeno pomar levando copos de *rakiya*.

Entretanto, os alunos de Stoichev estavam claramente a competir uns com os outros para ver quem lhe levava mais comida, e depois encheram-lhe o copo até à borda, e ele pôs-se lentamente de pé. Por todo o pátio as pessoas gritaram a pedir silêncio, e ele então brindou-as com um breve discurso, no qual distingui os nomes de Kiril e Methodii, bem como o meu e o de Helen. Quando terminou, uma saudação elevou-se de todo o grupo:

— *Stoichev! Za zdraveto na Profesor Stoichev! Nazdrave!*

Os aplausos soavam à nossa volta. Todos os rostos estavam voltados para Stoichev toda a gente estava virada para ele com um sorriso e um copo levantado, e alguns tinham lágrimas nos olhos. Lembrei-me de Rossi, de como ouvira com tanta modéstia as saudações e os discursos com que tínhamos comemorado o seu vigésimo ano na universidade. Virei a cara, com um nó na garganta. Ranov, reparei, andava por ali, debaixo do caramanchão, segurando um copo.

Quando o grupo sossegou e começou a comer e a conversar, Helen e eu encontrámo-nos nos lugares de honra, ao lado de Stoichev. Ele sorria e assentia com a cabeça.

— Estou muito feliz por terem podido vir juntar-se a nós hoje. Sabem, este é o meu feriado preferido. Temos muitos dias dedicados a santos no calendário eclesiástico, mas este é particularmente caro a todos os que ensinam e aprendem, porque é quando honramos a herança eslavónia do alfabeto e da literatura, e o ensino e a aprendizagem de muitos séculos que tiveram a sua origem com Kiril e Methodii e a sua grande invenção. Além disso, neste dia, todos os meus alunos e colegas preferidos vêm interromper o trabalho do seu velho professor. E estou-lhes muito grato pela interrupção. — Olhou em volta com aquele sorriso cheio de afeto e deu uma palmadinha no ombro do colega mais próximo. Vi com uma pontada de tristeza como a sua mão parecia frágil, fina e quase translúcida

Algum tempo depois, os alunos de Stoichev começaram a dispersar, dirigindo-se para a mesa onde o carneiro assado tinha acabado de ser trinchado, ou passeando no jardim em grupos de dois e três. Logo que se afastaram, Stoichev virou-se para nós com um ar ansioso

— Venham — disse — Vamos conversar enquanto podemos. A minha sobrinha prometeu manter Mr. Ranov afastado tanto tempo quanto possível. Tenho algumas coisas para lhes contar e acredito que também tenham muito para me dizer

— Com certeza — puxei a minha cadeira para mais perto dele, e Helen fez o mesmo

— Em primeiro lugar, meus amigos — disse Stoichev, — li novamente com atenção a carta que deixaram comigo ontem. Aqui está a vossa cópia. — Tirou-a do bolso da camisa — Devolvo-a agora para a manter em segurança. Li-a muitas vezes e creio que foi escrita pela mesma mão que escreveu a carta que possuo o irmão Kiril, quem quer que tenha sido, escreveu as duas. Não tenho o original para estudar, é claro, mas se a cópia for exata, c

estilo de composição é o mesmo e os nomes e datas coincidem. Acho que podemos ter poucas dúvidas de que essas cartas faziam parte da mesma correspondência, e que, ou foram entregues separadamente, ou separadas uma da outra por circunstâncias que jamais conheceremos. Agora, tenho algumas outras reflexões para ambos, mas primeiro tem de me contar mais sobre a vossa pesquisa. Tenho a impressão de que não vieram a Bulgária apenas para aprender mais sobre os nossos mosteiros. Como encontraram esta carta?

Contei-lhe que tínhamos iniciado a nossa pesquisa por motivos que seriam demasiado difíceis de explicar, porque não pareciam muito racionais.

— O senhor disse que leu os trabalhos do professor Bartholomew Rossi, o pai de Heler. Ele desapareceu recentemente, em circunstâncias muito estranhas.

Do modo mais rápido e claro que pude, resumi a Stoitchev a minha descoberta do livro do dragão, o desaparecimento de Rossi, o conteúdo das cartas e as cópias dos estranhos mapas que levávamos conosco, e a nossa pesquisa em Istambul e Budapeste, incluindo a canção folclórica e a xilogravura com a palavra *Ivireanu*, que tínhamos visto na biblioteca da universidade em Budapeste. Deixei de fora apenas o segredo da Guarda do Crescente. Não me atrevi a tirar nenhum documento da minha pasta com tantas outras pessoas à vista, mas descrevi-lhe os três mapas e a semelhança do terceiro com o dragão dos livros. Ele ouviu com a máxima paciência e interesse, a testa contraída sob os finos cabelos brancos, os olhos escuros muito abertos. Apenas me interrompeu uma vez, para me pedir com ar urgente uma descrição mais exata de cada um dos livros do dragão — o meu, o de Rossi, o de Hugh James, o de Turgut. Vi que, por causa dos seus conhecimentos sobre manuscrito e publicações antigas, os livros deviam ter um especial interesse para ele.

— Tenho o meu aqui — acrescentei, tocando na pasta que tinha no colo. Ele teve um sobressalto, olhando fixamente para mim.

— Gostaria de ver esse livro logo que possível — disse.

Mas o assunto que mais pareceu chamar-lhe a atenção foi a descoberta, por Turgut e Selim, de que o abade a quem as cartas do irmão Kiril eram endereçadas tinha presidido ao mosteiro de Snagov, na Valáquia.

— Snagov — disse ele num sussurro. O seu velho rosto tornou-se violáceo e por um momento perguntei-me se iria desmaiar. — Eu devia ter percebido. E aquela carta está na minha biblioteca há trinta anos!

— Eu esperava ter a oportunidade de lhe perguntar, também, onde encontrara a sua carta.

— Como vê, há indicações bastante seguras de que os monges do grupo do irmão Kiril viajaram da Valáquia para Constantinopla antes de virem para a Bulgária — disse eu.

— Sim — ele sacudiu a cabeça. — Sempre achei que a carta se referia a uma viagem de monges de Constantinopla em peregrinação à Bulgária. Nunca percebi... Maxin Eupraxius... o abade de Snagov... — Parecia dominado por rápidos raciocínios, que se refletiam no seu velho rosto expressivo como a passagem de um golpe de vento e o faziam

piscar os olhos rapidamente. — E essa palavra *Ivireanu* que encontraram, e também Mr. Hugh James, em Budapeste...

— Sabe o que significa? — perguntei, ansioso.

— Sim, sim, meu filho. — Stoichev parecia estar a olhar através de mim, sem me ver — É o nome de Antim Ivireanu, um estudioso e impressor de Snagov do final do século dezessete. Muito posterior a Vlad Tepes. Já estudei o trabalho de Ivireanu. Foi um nome muito considerado entre os estudiosos do seu tempo e atraiu muitos visitantes ilustres a Snagov. Imprimiu o Evangelho em Romeno e em Árabe, e a sua prensa foi a primeira da Romênia, muito provavelmente. Mas, meu Deus, talvez não tenha sido a primeira, se os livros do dragão forem muito mais antigos. Há muita coisa que preciso de lhes mostrar! — E balançou a cabeça, os olhos abertos. — Vamos para os meus aposentos, rápido.

Helen e eu olhamos em volta.

— Ranov está ocupado com Irma — disse eu, em voz baixa.

— Sim — Stoichev pôs-se de pé. — Vamos por aquela porta lateral da casa. Rápido, por favor.

Não precisávamos de incentivo. Só a expressão do seu rosto teria sido suficiente para que eu o seguisse até ao alto de um penhasco. Subiu as escadas com dificuldade e nós seguimo-lo lentamente. Sentou-se para descansar diante da mesa grande. Notei que estava coberta de livros e manuscritos espalhados que não se encontravam lá na véspera.

— Nunca tive muitas informações sobre aquela carta, nem sobre as outras — disse Stoichev, quando conseguiu recuperar o fôlego.

— As outras? — Helen sentou-se ao seu lado.

— Sim. Há outras duas cartas do irmão Kiril, com a minha e com a de Istambul, são quatro. Precisamos ir ao mosteiro de Rila imediatamente para ver as outras. É uma descoberta incrível, poder reuni-las. Mas não era isso que eu queria mostrar-lhes. Nunca estabeleci nenhuma relação... — mais uma vez parecia demasiado perturbado para falar por muito tempo.

Após um momento, entrou num dos outros quartos e voltou trazendo um volume forrado a papel, que se revelou ser uma antiga revista académica impressa na Alemanha.

— Eu tinha um amigo — deteve-se. — Se ao menos ele tivesse vivido para ver este dia! Já lhes falei dele, o seu nome era Atanas Angelov. Sim, era um historiador búlgaro e foi um dos meus primeiros mestres. Em 1923, estava a fazer uma pesquisa na biblioteca de Rila que é um dos nossos grandes repositórios de documentos medievais preciosos. Lá, encontrou um manuscrito do século quinze; estava escondido dentro da capa de madeira de um folio do século dezoito. Esse manuscrito que ele queria publicar... é a Crônica de uma viagem da Valáquia a Bulgária. Morreu enquanto ainda estava a elaborar as notas para ele, e eu acabei-as e publiquei-o. O manuscrito original ainda está em Rila e eu nunca soube... — deu uma pancada na testa com a sua mão frágil. — Aqui, rápido. Foi publicado em Búlgaro mas vamos examiná-lo e eu falo-lhes dos pontos mais importantes.

Abriu a desbotada revista com uma mão trêmula, e a sua voz também tremia a medida que nos fazia um resumo da descoberta de Angelov. O artigo que tinha escrito a partir das notas de Angelov e o documento propriamente dito já foram desde então publicados em inglês, com muitas atualizações e infundáveis notas de rodapé. Mas até hoje não posso olhar para a edição impressa sem ver o rosto envelhecido de Stoichev, os fiapos de cabelo caindo sobre as orelhas protuberantes, os grandes olhos voltados para a página com ardente concentração e sobretudo a sua voz vacilante.

A "CRÔNICA" DE ZACHARIAS DE OGRAPHOU

Por Atanas Angelov e Anton Stoichev OGRAPHOU

INTRODUÇÃO

A "Crônica" de Zacharias como Documento Histórico

Apesar da sua reconhecidamente frustrante incompletude, a "Crônica" de Zacharias com a "História de Stefan, o Andarilho" incluída, é uma importante fonte de confirmação das rotas de peregrinação cristãs nos Balcãs no século quinze, assim como de informações sobre o destino do corpo de Vlad III "Tepes" da Valáquia, que há muito se acredita ter sido sepultado no mosteiro do lago Snagov (na atual Romênia). Também nos oferece um raro relato sobre os neomártires valáquios (embora não possamos saber com certeza as origens nacionais dos monges de Snagov, com exceção de Stefan, o tema da "Crônica"). Há registros de apenas sete outros neomártires de origem valáquia, e nenhum destes, tanto quanto se sabe, foi martirizado na Bulgária.

A "Crônica", como ficou conhecido o documento sem título, foi escrita em Eslavônico em 1479 ou 1480 por um monge chamado Zacharias, no mosteiro búlgaro do monte Athos, Zographou. Zographou, "o mosteiro do pintor", originalmente fundado no século dez e adquirido pela Igreja búlgara na década de 1220, está localizado próximo do centro da península Atônita. Assim como no mosteiro sérvio de Hilandar e no russo Panteleimon, a nacionalidade da população de Zographou não se limitava à do seu patrono; este fato e a falta de qualquer outra informação sobre Zacharias tornam impossível determinar a sua origem: pode ter sido búlgaro, sérvio, russo ou talvez grego, embora o fato de ter escrito em Eslavônico conte a favor de uma origem eslava. A "Crônica" conta-nos apenas que nasceu do decurso do século quinze e que os seus talentos eram apreciados pelo abade de Zographou, uma vez que o abade o escolheu para ouvir a confissão de Stefan, o Andarilho em pessoa e registrá-la, para um importante objectivo burocrático e talvez teológico.

As rotas de viagem mencionadas por Stefan na sua história correspondem a diversas rotas de peregrinação bem conhecidas. Constantinopla era o destino supremo para os peregrinos valáquios, como o era para todo o mundo cristão oriental. A Valáquia, e particularmente o mosteiro de Snagov, também era um local de peregrinação e não era invulgar que a rota de um peregrino tocasse, nos seus pontos mais distantes, tanto Snagov como Athos. O fato de os monges terem passado por Haskovo a caminho da região de Bachkovo indica que provavelmente escolheram uma rota por terra partindo de Constantinopla, atravessando Edirne (atual Turquia) até ao Sudeste da Bulgária, os portos habituais da costa do mar Negro tê-los-iam deixado muito a norte para uma paragem em Haskovo

O aparecimento de destinos tradicionais de peregrinação na "Crônica" de Zachana levanta a questão de a história de Stefan ser ou não um documento de peregrinação. No entanto, as duas supostas razões para as deambulações de Stefan — exílio da cidade de Constantinopla conquistada após 1453 e o transporte de relíquias e a busca de um "tesouro" na Bulgária depois de 1476 — tornam-na pelo menos uma variante da clássica crônica do peregrino. Além disso, apenas a partida de Stefan de Constantinopla quando era ainda um jovem monge parece ter sido originalmente motivada pelo desejo de visitar lugares sagrados no estrangeiro.

Um segundo tópico sobre o qual a "Crônica" fornece informações são os últimos dias de Vlad III da Valáquia (1428-476), popularmente conhecido como Vlad Tepes — o Empalador — ou Drácula. Embora diversos historiadores que foram seus contemporâneos façam descrições das suas campanhas contra os Otomanos e das suas lutas para tomar e manter o trono da Valáquia, nenhum deles trata com pormenores do tema da sua morte e do seu enterro. Vlad III fez contribuições generosas para o mosteiro de Snagov, com afirma a narrativa de Stefan, reconstruindo a sua igreja. Também é provável que tenha pedido para ser sepultado ali, mantendo a tradição dos fundadores e dos grandes doadores a instituições de todo o mundo ortodoxo.

Na "Crônica", Stefan afirma que Vlad visitou o mosteiro em 1476, o último ano da sua vida, talvez poucos meses antes da sua morte. Em 1476, o trono de Vlad III sofria uma imensa pressão do sultão otomano Mehmed II, com o qual Vlad estivera em guerra intermitente desde cerca de 1460. Ao mesmo tempo, o seu poder sobre o trono da Valáquia estava ameaçado por um grupo dos seus boiados, prontos para se aliar a Mehmed se Vlad preparasse uma nova invasão da Valáquia.

Se a "Crônica" de Zachanas estiver correta, Vlad III fez uma visita a Snagov que não foi registrada em nenhuma outra fonte e que deve ter sido extremamente perigosa para ele, em termos pessoais. A "Crônica" relata que Vlad levou um tesouro para o mosteiro, o fato de o ter feito com enorme risco pessoal mostra a importância da sua ligação a Snagov. Devia estar bem ciente das constantes ameaças à sua vida, tanto da parte dos Otomanos como do seu principal rival valáquio durante aquele período, Basarab Laiota, que ocupou o trono da Valáquia por um breve período de tempo após a morte de Vlad. Uma vez que havia poucas vantagens políticas decorrentes da sua visita a Snagov, é razoável especular que Snagov era importante para Vlad III por razões espirituais ou pessoais, talvez porque planejasse fazer dele o seu último lugar de repouso. De qualquer forma, a "Crônica" de Zacharias confirma que, perto do fim da sua vida, Vlad III deu particular atenção a Snagov.

As circunstâncias da morte de Vlad III são muito pouco claras, e tornaram-se ainda mais nebulosas devido às contradições entre lendas tradicionais e estudos mal conduzidos. No final de Dezembro de 1476 ou no início de Janeiro de 1477, sofreu uma emboscada provavelmente armada pelo exército turco na Valáquia, e foi morto na batalha que se

seguuiu. Algumas tradições afirmam que foi morto pelos seus próprios homens, que o confundiram com um oficial turco quando subiu a uma colina para ter uma melhor visão da batalha em curso. Uma variante desta lenda afirma que alguns dos seus homens já esperavam por uma oportunidade para o assassinar, como castigo pela sua infame crueldade. A maioria das fontes que relatam a sua morte estão de acordo sobre o fato de o corpo de Vlad ter sido decapitado e a sua cabeça levada ao sultão Mehmed em Constantinopla como prova da queda de um grande inimigo.

Em qualquer dos casos, de acordo com a história de Stefan, alguns dos homens de Vlad III ainda lhe deviam ser leais, já que correram um grande risco ao levar o seu corpo para Snagov. Durante muito tempo, acreditou-se que o cadáver sem cabeça tivesse sido sepultado na igreja de Snagov, em frente ao altar.

Se pudermos confiar na história de Stefan, o Andarilho, o corpo de Vlad III foi secretamente transportado de Snagov para Constantinopla, e dali para um mosteiro chamado Sveti Georgi, na Bulgária. Não é claro o objetivo desta deportação, nem qual seria o "tesouro" que os monges procuravam, primeiro em Constantinopla e mais tarde na Bulgária. A história de Stefan afirma que o tesouro "apressaria a salvação da alma do príncipe", o que indica que o abade deve ter pensado que essa providência fosse teologicamente necessária. É possível que estivessem à procura de alguma relíquia sagrada de Constantinopla, poupada tanto pelas conquistas latinas como otomanas.

Também é possível que ele não tenha querido assumir a responsabilidade de destruir o corpo em Snagov, ou mutilá-lo de acordo com as crenças sobre a prevenção de vampiros, ou correr o risco de que isso fosse feito pelos aldeões locais. Teria sido uma relutância natural, tendo em vista a posição social de Vlad e o fato de que os membros do clero ortodoxo eram dissuadidos de participar em mutilações de corpos.

Infelizmente, nunca foi encontrado qualquer local provável do sepultamento de Vlad III na Bulgária, e mesmo a localização do mosteiro chamado Svetl Georgl, tal como a do mosteiro búlgaro de Parona, é desconhecida; foi provavelmente abandonado ou destruído durante a era otomana, e a "Crônica" é o único documento que dá indicações sobre uma localização, mesmo geral. A "Crônica" diz que os monges percorreram apenas uma curta distância "não muito além" do mosteiro de Bachkovo, localizado a cerca de trinta e cinco quilómetros a sul de Asenovgrad, junto de Chepelarska. Svetl Georgl certamente ficava algures no Centro-Sul da Bulgária. Essa área, que inclui grande parte dos montes Ródope, foi uma das últimas regiões búlgaras a serem conquistadas pelos Otomanos, parte do terreno particularmente acidentado da região nunca ficou totalmente sob o domínio otomano. Se Svetl Georgl ficava nas montanhas, a sua localização pode ter sido um dos factores que o levou a ser escolhido como local de repouso relativamente seguro para os restos mortais de Vlad III.

Embora a "Crônica" afirme que Svetl Georgl se tornou um local de peregrinação depois que os monges de Snagov se instalaram ali, o local não aparece noutras fontes primárias

daquele período, nem em nenhuma fonte mais tardia, o que pode indicar que o lugar desapareceu ou foi abandonado relativamente pouco tempo depois da partida de Stefan. No entanto, sabemos alguma coisa sobre a fundação de Sveti Georgi a partir de uma única cópia do seu *typikon*, conservada na biblioteca do mosteiro de Bachkovo. De acordo com esse documento, Sveti Georgi foi fundado por Georgios Komnenos, um primo distante do imperador bizantino Alexios I Komnenos, em 1101. A "Crônica" de Zacharias afirma que os monges eram "velhos e poucos" quando o grupo de Snagov chegou; presumivelmente, esses poucos monges haviam preservado o regime estabelecido pelo *typikon*, e a eles juntaram-se os monges valáquios.

Vale a pena assinalar que a "Crônica" destaca a viagem dos Valáquios através da Bulgária de dois modos diferentes: descrevendo com alguns pormenores o martírio de dois monges às mãos de oficiais otomanos e registrando a atenção que a população búlgara dava ao seu avanço através do país. Não há maneira de saber o que terá levado os Otomanos na Bulgária, geralmente tolerantes com as atividades religiosas dos cristãos, para considerarem os monges valáquios como uma ameaça. Stefan relata, através de Zacharias, que os seus amigos foram "interrogados" na cidade de Haskovo antes de serem torturados e assassinados, dando a entender que as autoridades otomanas acreditavam que eles possuíam algum tipo de informação politicamente sensível. Haskovo está localizada no Sudeste da Bulgária, uma região sob sólido controle otomano no século quinze. Estranhamente, os monges martirizados receberam as tradicionais punições otomanas para o roubo (amputação das mãos) e para a tentativa de fuga (amputação dos pés). A maioria dos neomártires sob o domínio otomano era torturada e morta através de outros métodos. Essas formas de punição, assim como a busca efetuada na carroça dos monges, segundo o que é descrito por Stefan na sua história, tornam claras as acusações oficiais de Haskovo, embora aparentemente estas acusações não tenham sido provadas.

Stefan relata uma ampla atenção da população búlgara ao longo do trajeto, o que poderia ter explicado a curiosidade dos Otomanos pelos monges. No entanto, apenas oito anos antes, em 1469, as relíquias de Sveti Ivan Rilski, o eremita fundador do mosteiro de Rila, haviam sido trasladadas de Veliko Tрноvo para uma capela em Rila, numa procissão testemunhada e descrita por Vladislav Gramatik na sua "Narrativa do Transporte dos Restos Mortais de Sveti Ivan". Durante esse traslado, os oficiais otomanos toleraram a atenção que os búlgaros locais davam às relíquias e a viagem serviu como um importante símbolo e evento unificador para os cristãos búlgaros. Tanto Zacharias como Stefan decerto tinham conhecimento da famosa viagem das ossadas de Ivan Rilski, e é possível que Zacharias tivesse tido acesso a algum relato escrito sobre ela em Zographou por volta de 1479.

Essa tolerância anterior e muito recente de uma procissão religiosa semelhante através da Bulgária torna a preocupação dos Otomanos com a viagem dos monges valáquios particularmente significativa. A inspeção da sua carroça provavelmente conduzida por

oficiais da guarda de um paxá local indica que provavelmente alguma informação sobre o objetivo da viagem tivesse chegado aos oficiais otomanos na Bulgária. Sem dúvida que as autoridades búlgaras não estariam ansiosas por hospedar na Bulgária os restos mortais de um dos seus maiores inimigos políticos, nem iriam tolerar a veneração dos mesmos. Mais desconcertante, no entanto, é o fato de nada ter sido encontrado na revista à carroça, já que a história de Stefan mais tarde menciona a inumação do corpo em Sveti Georgi. Podemos apenas especular sobre como teriam escondido um corpo (ainda que sem cabeça), se é que estavam na realidade a transportá-lo.

Finalmente, um ponto de interesse tanto para historiadores como para antropólogos é a referência que a "Crônica" faz às crenças dos monges de Snagov face ao que viram ali mesmo na igreja. Não chegaram a acordo sobre o que aconteceu com o corpo de Vlad II durante o seu velório, e referiram-se a muitos métodos tradicionalmente citados como base da transformação de um cadáver em morto-vivo, um vampiro, o que aponta para uma crença geral entre eles de que corria o risco de tal destino. Alguns deles acreditavam ter visto um animal a saltar sobre o cadáver, e outros que uma força sobrenatural, sob a forma de uma névoa ou vento, entrara na igreja e fizera com que o corpo se sentasse. O caso de um animal é amplamente documentado no folclore dos Balcãs sobre a gênese dos vampiros, assim como a crença de que os vampiros podem transformar-se em névoa ou bruma. Os notórios hábitos sanguinários de Vlad III e a sua conversão ao catolicismo na corte do rei húngaro Mátyás Corvinus eram provavelmente conhecidos dos monges, a crueldade sendo do conhecimento comum na Valáquia e a conversão porque deve ter sido motivo de preocupação na comunidade ortodoxa local (e em particular no mosteiro preferido de Vlad, onde o abade era provavelmente o seu confessor).

Os Manuscritos

A "Crônica" de Zacharias é conhecida através de dois manuscritos, *Athos 1480* e *R.VII.132*: este último também chamado a "Versão do Patriarca". *Athos 1480*, um manuscrito *in quarto* e em escrita semiuncial, está na biblioteca do mosteiro de Rila, na Bulgária, onde foi descoberto em 1923. Este, que é a versão mais antiga das duas versões da "Crônica", foi quase certamente escrito pelo próprio Zacharias em Zographou, talvez a partir de anotações feitas no leito de morte de Stefan. Apesar de alegar ter "anotado cada palavra", Zacharias deve ter feito essa cópia depois de uma considerável composição, pois reflete um esmero que não poderia ter sido obtido de imediato e contém apenas uma correção. Esse manuscrito original foi provavelmente mantido na biblioteca de Zographou pelo menos até 1814, pois é mencionado por título numa bibliografia de manuscritos dos séculos quinze e dezesseis em Zographou, com data desse ano. Reapareceu na Bulgária em 1923, quando o historiador búlgaro Atanas Angelov o descobriu escondido na capa de um fólio do século quinze, um tratado sobre a vida de S. Jorge (*Georgi 1364.21*), na biblioteca do

mosteiro de Rila. Em 1924, Angelov confirmou que não havia nenhuma cópia em Zographou. Não se sabe exatamente quando ou como esse original saiu de Athos para Rila embora a ameaça de incursões piratas em Athos durante os séculos dezoito e dezenove tenham influído na sua remoção (e na de muitos outros documentos e artefatos preciosos) da Montanha Sagrada.

A segunda e única outra cópia ou versão conhecida da "Crônica" de Zacharias – R.VH. 132 ou da "Versão do Patriarca" — está na biblioteca do Patriarcado Ecuménico, em Constantinopla, e foi paleograficamente datada como sendo de meados ou do final do século dezesseis. É possivelmente uma versão posterior de uma cópia enviada ao patriarca pelo abade de Zographou, na época de Zacharias. O original dessa versão presumivelmente acompanhava uma carta do abade ao patriarca, alertando-o para a possibilidade de heresia no mosteiro búlgaro de Sveti Georgi. A carta já não existe, mas é provável que, por motivo de eficiência e discrição, o abade de Zographou tenha pedido a Zacharias que copiasse a sua Crônica para enviar a Constantinopla, mantendo o original na biblioteca de Zographou. Cinquenta a cem anos depois de ter sido recebida, a "Crônica" ainda era considerada tão importante para a biblioteca patriarcal que foi preservada através de novas cópias.

A "Versão do Patriarca", além de ser provavelmente uma cópia posterior de uma missiva de Zographou, difere de *Athos 1480* noutro aspecto importante: elimina a parte da história que narra o que os monges afirmam ter testemunhado durante o velório na igreja de Snagov, mais precisamente da linha "Um monge viu um animal" à linha "o corpo sem cabeça do príncipe mexeu-se e tentou levantar-se". Esse trecho pode ter sido eliminado na cópia posterior, numa tentativa de poupar os utilizadores da biblioteca patriarcal a um desnecessário acesso a informações sobre a heresia descrita por Stefan, ou talvez para minimizar o acesso a superstições sobre as origens dos mortos-vivos, um conjunto de crenças ao qual a administração religiosa geralmente se opunha. A "Versão do Patriarca" é difícil de datar, embora seja quase certamente a cópia listada num catálogo de 1605 da biblioteca patriarcal.

Uma semelhança final que surpreende e causa perplexidade existe entre os dois manuscritos existentes da "Crônica". Ambos foram rasgados à mão mais ou menos no mesmo ponto da história. *Athos 1480* termina com "Vim a saber", enquanto a "Versão do Patriarca" continua com "que não era uma peste comum, mas", ambas rasgadas com precisão após uma linha completa, presumivelmente removendo a parte da história de Stefan que dava indicações de uma possível heresia ou outro mal no mosteiro de Svet Georgi.

Uma pista para a datação dessa destruição pode ser encontrada no catálogo da biblioteca acima mencionado, que refere a "Versão do Patriarca" como "incompleta". Podemos, portanto, pressupor que o final desta versão foi rasgado antes de 1605. No entanto, não há maneira de saber se os dois atos de vandalismo ocorreram no mesmo período, ou se um terá inspirado um leitor muito posterior a cometer o outro, ou até que

ponto os dois finais dos documentos eram realmente semelhantes. A fidelidade da "Versão do Patriarca" ao manuscrito de Zographou, à exceção do trecho sobre o velório acima mencionado, indica que a história provavelmente terminava de modo idêntico, ou pelo menos muito semelhante, nas duas versões. Além disso, o fato de a "Versão do Patriarca" ter sido rasgada, apesar da eliminação do trecho sobre os eventos sobrenaturais na igreja de Snagov, apoia a idéia de que a citada versão ainda terminava com uma descrição da heresia ou do mal em Sveti Georgi. Até ao momento, não há outros exemplos, entre manuscritos medievais dos Balcãs, de alterações sistemáticas de duas cópias do mesmo documento distantes centenas de quilômetros entre si.

Edições e Traduções

A "Crônica" de Zacharias de Zographou foi publicada duas vezes. A primeira edição foi uma tradução para o grego, com comentários limitados, incluída na *História das Igrejas Bizantinas* de Xanthos Constantinos, 1849. Em 1931, o Patriarcado Ecumênico publicou o original eslavônico num opúsculo. Atanas Angelov, que descobriu a versão de Zographou em 1923, planejava publicá-la, com extensos comentários, mas foi impedido de realizar o seu projeto por ter morrido em 1924. Algumas das suas notas foram publicadas postumamente em *Balkanski istoncheski pregled*, em 1927.

A "CRÔNICA" DE ZACHARIAS DE ZOGRAPHOU

Esta história foi-me contada a mim, Zacharias o penitente, pelo meu irmão em Cristo Stefan, o Andarilho de *Tsarigrão*. Ele chegou ao nosso mosteiro de Zographou no ano de 6987 (1479). Aqui, contou-nos os estranhos e maravilhosos eventos da sua vida. Stefan, o Andarilho, tinha cinquenta e três anos de idade quando chegou, um homem sábio e devoto que vira muitas terras. Damos graças à Santa Mãe que o guiou até nós vindo da Bulgária onde tinha deambulado com um grupo de monges da Valáquia e suportado muitos sofrimentos às mãos dos turcos infiéis, e visto dois dos seus amigos martirizados na cidade de Haskovo. Ele e os seus irmãos levavam consigo através das terras infiéis certas relíquias de maravilhoso poder. Com essas relíquias, seguiram em procissão pelo interior do país dos Búlgaros e ficaram famosos em toda a região, de modo que homens e mulheres cristãos vinham à beira das estradas quando a procissão passava para se curvarem para eles ou beijar os lados da carroça. E essas relíquias sagradas foram assim levadas ao mosteiro chamado Sveti Georgi e ali foram guardadas num escrínio. E assim, embora o mosteiro fosse um lugar pequeno e tranquilo, desde então muitos peregrinos passaram a visitá-lo no seu caminho para os mosteiros de Rila e de Bachkovo ou de regresso do sagrado Athos. Mas Stefan, o Andarilho, foi o primeiro que conhecemos aqui que tinha estado em Sveti Georgi.

Depois de ter vivido conosco por alguns meses, percebemos que ele não falava

livremente do seu mosteiro de Sveti Georgi, embora nos contasse muitas histórias de outros lugares abençoados que visitara, compartilhando-as conosco, com a sua piedade natural, para que nós, que sempre vivêramos num só país, pudéssemos ter algum conhecimento das maravilhas da Igreja de Cristo em terras diferentes. Sendo assim, contou-nos uma vez de uma capela numa ilha na Baía de Maria, no mar dos Venezianos, uma ilha tão pequena que as ondas lambiam cada uma das suas quatro paredes, e também da ilha mosteiro de Sveti Stefan, a dois dias de viagem pela costa a sul dessa capela, onde ele assumiu o nome do seu patrono e abdicou do seu próprio nome. Disse-nos isso e muitas outras coisas, até mesmo a visão de temíveis monstros no mar de Mármara.

E contava-nos mais amiúde sobre as igrejas e mosteiros da cidade de Constantinopla antes que as tropas infiéis do sultão as profanassem. Descrevia-nos com reverência os seus ícones valiosos e milagrosos, como a imagem da Virgem na grande igreja de Santa Sofia, e o seu ícone velado no santuário de Blachernae. Tinha visto a tumba de S. João Crisóstomo dos imperadores, e a cabeça do abençoado S. Basílio na igreja do Panachrantos, assim como numerosas outras relíquias sagradas. Que felicidade para ele, e para nós, que ouvimos as suas histórias, ele ter deixado ainda jovem a cidade para deambular, de modo que estava bem distante quando o demônio Muhammad construiu perto dela uma fortaleza diabolicamente forte com o objetivo de atacar a cidade, e logo depois derrubou as grandes muralhas de Constantinopla e matou ou escravizou o seu nobre povo. Então, quando Stefan estava muito longe e ouviu estas notícias, chorou com o resto da Cristandade pela cidade martirizada.

E trouxe consigo para o nosso mosteiro livros raros e maravilhosos no alforge do seu cavalo, que ele havia recolhido e dos quais tirava inspiração divina, sendo ele próprio mestre nas línguas grega, latina e eslava, e provavelmente noutras além destas. Contou-nos todas essas coisas e guardou os seus livros na nossa biblioteca para lhe trazerem glória para sempre, o que, embora quase todos nós soubéssemos ler apenas uma língua e alguns de nós nenhuma, assim o fizemos. Deu-nos esses presentes dizendo que também ele havia concluído as suas viagens e que permaneceria para sempre, tal como os seus livros, em Zographou.

Apenas eu e outro irmão observamos que Stefan não falou da sua estada na Valáquia exceto para dizer que fora lá noviço, e muito menos falou do mosteiro búlgaro chamado Sveti Georgi até ao fim da sua vida. Pois quando chegou até nós já estava doente, e sofreu muito de febre nos membros, e depois de menos de um ano contou-nos que esperava em breve ajoelhar-se perante o trono do Salvador, se Aquele que perdoa a todos os verdadeiros penitentes pudesse fazer vista grossa aos seus pecados. Quando recolheu ao leito na sua última doença, pediu para se confessar com o nosso abade, porque testemunhara males na posse dos quais não devia morrer, e o abade, muito abalado pela confissão dele, pediu que eu o escutasse novamente e anotasse tudo o que dissesse, porque ele, o abade, queria enviar uma carta sobre a confissão a Constantinopla. Fi-lo rapidamente e sem errar, sentado ac

lado do leito de Stefan e ouvindo com o coração cheio de terror a história que pacientemente me contou, após a qual lhe foi dada a sagrada comunhão. E ele morreu durante o sono e foi sepultado no nosso mosteiro.

A história de Stefan de Snagov, fielmente transcrita por Zacharias, o pecador

Eu, Stefan, após anos de deambulação e também após a perda da minha amada e sagrada cidade natal, Constantinopla, parti em busca de repouso a norte do grande rio que divide o país dos Búlgaros da Dácia. Vagueei pela planície e depois pelas montanhas e finalmente encontrei o meu caminho para o mosteiro que fica na ilha do lago Snagov, um local esplendidamente seguro e defensável. Ali, o bom abade recebeu-me e tomei lugar à mesa com monges tão humildes e dedicados à prece como não encontrara outros em todas as minhas viagens. Chamaram-me irmão e dividiram livremente comigo a comida e a bebida das suas refeições, e senti-me mais em paz no meio do seu silêncio devoto do que não me sentia havia muitos meses. Trabalhava arduamente e seguia com humildade todas as instruções do abade, de modo que este depressa me deu permissão para permanecer entre eles. A igreja não era grande, mas de insuperável beleza, com sinos famosos cujas badaladas ressoavam sobre as águas.

Esta igreja e o mosteiro haviam recebido o maior auxílio e favorecimento por parte do príncipe da região, Vlad, filho de Vlad Drácula, duas vezes expulso do seu trono pelo sultão e por outros inimigos. Também foi uma vez aprisionado durante longo tempo por Mátyás Corvinus, rei dos Magiares. Esse príncipe Drácula era muito corajoso, e em ousadas batalhas saqueava ou resgatava dos infiéis muitas terras por eles roubadas, e dava ao mosteiro os seus espólios de guerra, e desejava constantemente que orássemos por ele e pela sua família e pela sua segurança, o que nós fazíamos. Alguns dos monges murmuravam que ele havia pecado por excessiva crueldade e ainda que, enquanto prisioneiro do rei magiar, se havia convertido à fé latina. Mas o abade recusava-se a ouvir palavras desfavoráveis sobre ele, e mais de uma vez o escondera e aos seus homens no santuário da igreja quando outros nobres o procuravam para o matar.

No último ano da sua vida, Drácula veio ao mosteiro, como costumava fazer com mais frequência em épocas anteriores. Não o vi então, porque o abade me mandara a mim e a outro monge a uma incumbência noutra igreja, onde tinha assuntos a resolver. Quando regresssei, ouvi dizer que o lorde Drácula estivera ali e deixara novos tesouros. Um irmão que obtinha os nossos mantimentos negociando com os camponeses da região e que ouvia muitas histórias no campo, murmurou que Drácula seria bem capaz de apresentar um sacco cheio de orelhas e narizes como se fosse um tesouro, mas quando o abade soube desse comentário puniu o maldizente com muito rigor. De modo que nunca vi Vlad Drácula em vida, mas vi-o morto, o que em breve relatarei.

Quatro meses mais tarde, talvez, chegaram-nos notícias de que ele havia sido cercado durante uma batalha e capturado e assassinado pelos soldados infiéis, matando antes mais

de quarenta deles com a sua grande espada. Depois da sua morte, os soldados do sultão cortaram-lhe a cabeça e levaram-na com eles para a mostrarem ao seu senhor.

Tudo isso os homens do acampamento do príncipe Drácula sabiam e, apesar de muitos se terem escondido depois da sua morte, alguns trouxeram essas notícias e também o seu corpo para o mosteiro de Snagov, fugindo depois. O abade chorou ao ver o corpo a ser retirado do barco e rezou em voz alta pela alma do lorde Drácula e pela proteção de Deus porque o crescente dos infiéis estava agora muito próximo. Depois, o abade ordenou que o corpo fosse exposto em câmara ardente na igreja.

Foi uma das visões mais apavorantes que já tive, o corpo sem cabeça trajado de escarlate e púrpura e rodeado pelas chamas tremeluzentes de muitas velas. Fizemos o santo velório na igreja, revezando-nos em turnos por mais três dias e três noites. Fiquei de vigília na primeira noite, e tudo estava em paz na igreja, a não ser pela visão do corpo mutilado. Na segunda, tudo continuou em paz assim disseram os irmãos que participaram da vigília dessa noite. Mas, na terceira noite, alguns dos irmãos adormeceram, cansados, e algo ocorreu que levou o terror ao coração dos outros. Sobre o que se passou, não puderam chegar a acordo mais tarde, cada um tendo visto uma coisa diferente. Um monge viu um animal saltar das sombras do coro e por cima do caixão, mas não pôde afirmar com certeza que forma tinha o animal. Outros sentiram uma rajada de vento ou viram uma neblina espessa entrar na igreja e apagar muitas velas, e juraram pelos santos e pelos anjos, em especial pelos arcanjos Miguel e Gabriel, que, na escuridão, o corpo sem cabeça do príncipe se mexeu e tentou levantar-se. Houve grande alarido entre os irmãos na igreja, que levantaram as suas vozes cheios de terror, e assim toda a comunidade foi despertada. Esses monges, correndo para fora da igreja, contaram as suas visões com grandes discordâncias entre si.

Então o abade veio e vi, à luz da tocha que ele segurava, que ficou muito pálido e assustado com as histórias que eles contavam, fazendo o sinal da cruz muitas vezes. Lembrou a todos que a alma daquele nobre senhor estava nas nossas mãos e que devíamos agir à altura. Levou-nos para a igreja, acendeu novamente as velas, e vimos que o corpo estava no seu caixão, tão tranquilo como antes. O abade ordenou que a igreja fosse revistada, mas nenhum animal ou demônio foi encontrado em nenhum lugar. Então, instou-nos para que nos recompuséssemos e tornássemos às nossas celas e, quando chegou a hora da primeira missa, esta foi rezada como sempre, e tudo estava calmo.

Mas, na noite seguinte, ele reuniu oito monges, honrando-me ao incluir-me entre eles, e disse que apenas fingiríamos sepultar o corpo do príncipe na igreja, mas que, em vez disso, o cadáver deveria ser levado daquele lugar imediatamente. Disse que contaria só a um de nós, em segredo, para onde o levaríamos e porquê, de modo que os outros permanecessem protegidos durante o maior tempo possível pela ignorância, e assim fez, escolhendo um monge que estivera com ele ali durante muitos anos mas dizendo aos restantes (de nós) apenas para seguirmos obedientemente e não fazer perguntas.

Desta forma, eu, que havia pensado nunca mais vaguar de novo pelo mundo, tornei-me outra vez um viajante e atravessei grandes distâncias, entrando com os meus companheiros na minha cidade natal, que se tornara a capital do reino dos infiéis, e vi que muito havia mudado lá. A grande igreja de Santa Sofia fora transformada em mesquita e não podíamos entrar. Muitas igrejas tinham sido destruídas ou deixadas cair em ruínas, e outras transformadas em casas de adoração para os Turcos, mesmo o Panachranton. E ali fiquei a saber que estávamos a procura de um tesouro que poderia apressar a salvação da alma deste príncipe, e que este tesouro já tinha sido obtido, com grande risco, por dois monges santos e corajosos do mosteiro de São Salvador, e levado secretamente para fora da cidade. Mas alguns dos janízaros do sultão ficaram desconfiados, e por causa disto fomos postos em perigo e forçados novamente a vaguar pelas estradas para o encontrar, viajando desta vez pelo velho reino dos Búlgaros.

Conforme atravessávamos o país, parecia que alguns búlgaros já sabiam da nossa missão, pois mais e mais apareciam ao longo das estradas, inclinando-se em silêncio para a nossa procissão, e alguns seguiam-nos durante muitos quilômetros, tocando a nossa carroça com as mãos ou beijando os seus lados. Durante esta viagem, uma coisa terrível aconteceu. Quando passávamos pela cidade de Haskovo, alguns dos guardas da cidade vieram até nós e detiveram-nos com violência e palavras duras. Revistaram a nossa carroça, declarando que encontrariam o que quer que estivessemos a transportar e, tendo descoberto dois pacotes, apoderaram-se deles e abriram-nos. Quando viram que se tratava de comida, os infiéis deitaram-nos à estrada com raiva e prenderam dois do nosso grupo. Esses bons monges, ao protestarem que nada sabiam e assim encolerizando os malvados, tiveram as mãos e os pés cortados e foi-lhes polvilhado sal nas suas feridas antes de morrerem. Aos que restávamos deixaram-nos vivos, mas despacharam-nos com maldições e chicotadas. Mais tarde, conseguimos recuperar os corpos e os membros dos nossos queridos amigos e reuni-los para um enterro cristão no mosteiro de Bachkovo, cujos monges oraram durante muitos dias e noites pelas suas almas devotas.

Depois desse episódio, ficamos assaz entristecidos e aterrorizados, mas continuamos a nossa viagem, não muito longe e sem incidentes, até ao mosteiro de Sveti Georgi. Ali, os monges, embora fossem velhos e poucos, receberam-nos bem e disseram-nos que de fato o tesouro que procurávamos fora levado até eles por dois peregrinos alguns meses antes e que tudo estava bem. Não podíamos pensar em voltar à Dácia tão cedo e passando por tantos perigos e, assim sendo, instalámo-nos ali. As relíquias que tínhamos trazido foram secretamente guardadas em Sveti Georgi e a sua fama entre os cristãos trazia muitos deles para orar ali, e também eles mantinham o silêncio. Por algum tempo, vivemos em paz naquele lugar e o mosteiro foi muito melhorado em grande parte com o nosso trabalho. Depressa, porém, uma peste se abateu nas aldeias em redor, embora de início não tivesse contaminado o mosteiro. Vim a saber (que não era uma peste comum, mas)

Neste ponto, o manuscrito foi cortado ou rasgado.

Quando Stoichev terminou, Helen e eu ficamos mudos por alguns minutos. O próprio Stoichev sacudia a cabeça de vez em quando, levando a mão ao rosto como para se forçar a acordar de um sonho. Por fim Helen falou.

— É a mesma viagem. Tem de ser a mesma viagem. — Stoichev virou-se para ela.

— Acredito que sim. E com certeza os monges do irmão Kiril estavam a transportar os despojos de Vlad Tepes.

— E isso significa que, exceto os dois que foram assassinados pelos Otomanos, chegaram ao mosteiro búlgaro em segurança. Sveti Georgi: onde fica?

Era a pergunta que eu mais queria fazer, de todos os enigmas que pesavam sobre mim. Stoichev levou a mão à testa.

— Quem me dera saber — murmurou. — Ninguém sabe. Não há nenhum mosteiro chamado Sveti Georgi na região de Bachkovo, e nenhum vestígio de que algum dia tenha existido ali algum. Sveti Georgi é um dos muitos mosteiros medievais da Bulgária que sabemos que existiram, mas que desapareceram durante os primeiros séculos do jugo otomano. É provável que tenha sido queimado e as pedras espalhadas ou usadas para outras construções. — Olhou-nos com tristeza. — Se os Otomanos tinham algum motivo para odiar ou temer esse mosteiro, provavelmente foi completamente destruído. E certamente não permitiram que fosse reconstruído, como o mosteiro de Rila foi. Houve uma época em que estive muito interessado em descobrir a localização de Sveti Georgi. — Ficou um momento em silêncio. — Depois da morte do meu amigo Angelov, tente continuar as suas pesquisas durante um certo período. Fui a *Bachkovski manastir* e falei com os monges, interroguei muitas pessoas na região, mas ninguém sabia de um mosteiro chamado Sveti Georgi. Também nunca o encontrei em nenhum dos mapas antigos que examinei. Pensei se Stefan não teria dado a Zacharias um nome falso para o mosteiro. Imaginei que, no mínimo, haveria alguma lenda entre a gente da região se as relíquias de uma figura tão importante como Vlad Drácula tivessem sido enterradas ali. Queria ir a Snagov, antes da guerra, para ver o que podia descobrir ali...

— Se tivesse ido, talvez tivesse conhecido Rossi, ou pelo menos aquele arqueólogo Georgescu — exclamei.

— Talvez — sorriu de modo estranho. — Se Rossi e eu nos tivéssemos realmente conhecido lá, talvez pudéssemos ter juntado os nossos conhecimentos antes que fosse tarde demais.

Não sabia se o que ele queria dizer era "antes da revolução na Bulgária, antes de eu ser exilado aqui"; preferi não perguntar. Logo a seguir, no entanto, ele explicou.

— Sabem, interrompi as minhas pesquisas de modo muito repentino. No dia em que voltei da região de Bachkovo, com a cabeça cheia de planos de ir à Romênia, entrei no meu apartamento em Sofia e deparei com uma cena terrível.

Fez outra pausa e fechou os olhos.

— Tento não pensar naquele dia. Primeiro, devo dizer-lhes que tinha um pequeno apartamento perto de *Rimskaya stena*, a muralha romana de Sofia, uma zona muito antiga, e gostava muito dele por causa da história da cidade à sua volta. Saíra para fazer compras e deixara os meus papéis e os meus livros sobre Bachkovo e outros mosteiros abertos em cima da minha escrivaninha. Quando voltei, vi que alguém tinha revirado todas as minhas coisas, tirado livros das prateleiras e remexido no meu armário. Sobre a escrivaninha, por cima dos meus papéis, havia um pequeno rastro de sangue. Sabem como a tinta... mancha... uma página... — Fez uma pausa, olhando-nos com o seu olhar penetrante. — No meio da escrivaninha, estava um livro que eu nunca tinha visto antes...

Inesperadamente, levantou-se e foi novamente até ao outro quarto, e ouvimos o seu andar arrastado lá dentro, tirando e pondo livros no lugar. Deveria ter-me levantado para o ajudar, mas em vez disso fiquei sentado a olhar sem ação para Helen, que também parecia petrificada.

Um momento depois, Stoichev voltou com um grande fólio nos braços. Estava encadernado em couro muito gasto. Colocou-o a nossa frente e observamos enquanto cabria com as suas velhas mãos vacilantes e nos mostrava, sem dizer palavra, as muitas páginas em branco, a grande imagem no centro. O dragão parecia menor ali, porque as páginas maiores do fólio deixavam um considerável espaço vazio à sua volta, mas com certeza era a mesma xilogravura, até com a mancha que eu notara no livro de Hugh James. Havia outra mancha, também, na borda amarelada perto das garras do dragão. Stoichev apontou para ela, mas parecia tão dominado por alguma emoção — repulsa, medo que se esqueceu momentaneamente de falar inglês conosco.

— *Kr'v* — disse. — Sangue. — Debrucei-me sobre o papel. A mancha acastanhada era visivelmente uma impressão digital.

Meu Deus eu estava a lembrar-me do meu pobre gato, e de Hedges, o amigo de Rossi.

— Havia alguém ou alguma coisa na sala? O que fez, quando viu aquilo?

— Não havia ninguém na sala — disse ele em voz baixa. — A porta tinha sido trancada, e ainda estava trancada quando voltei, entrei e vi aquela cena terrível. Chamei a polícia e eles vasculharam tudo e por fim... como se diz... analisaram... uma amostra do sangue fresco e fizeram algumas comparações. Facilmente descobriram de quem era o tipo de sangue.

— De quem? — Helen inclinou-se para a frente.

A voz de Stoichev baixou ainda mais, de modo que eu também me curvei para ouvir as palavras dele. Gotas de suor brotavam-lhe no rosto enrugado.

— Era meu — disse.

— Mas...

— Não, é claro que não. Eu não estivera ali. Mas a polícia achou que eu próprio tinha montado toda a cena. A única coisa que não condizia era a impressão digital. Disseram que

nunca tinham visto uma impressão humana como aquela: tinha muito poucas linhas. Devolveram-me o livro e os meus papéis e fizeram-me pagar uma multa por ter brincado com a lei. E quase perdi o meu lugar de professor.

— E desistiu da sua pesquisa? — adiantei.

Stoichev encolheu os seus ombros magros, impotente.

— Foi o único projeto a que não dei continuidade. E eu poderia ter prosseguido, mesmo assim, a não ser por isto. — Lentamente, virou a segunda folha do fólho. — Isto — repetiu ele, e vimos na página uma única palavra escrita em bela caligrafia arcaica, com tinta antiga e de cor suave. Por essa altura, eu já conhecia o suficiente do famoso alfabeto de Kiril para a decifrar, embora a primeira letra me deixasse confuso por um segundo.

Helen leu em voz alta:

— STOICHEV — murmurou ela. — Oh, o senhor encontrou o seu próprio nome ne. Que horror.

— Sim, o meu próprio nome, e numa caligrafia e com uma tinta que eram nitidamente medievais. Sempre me arrependi de ter sido covarde em relação a esse projeto, mas tive medo. Pensei que me podia acontecer alguma coisa... como o que aconteceu ao seu pai, minha senhora.

— Teve razão para ter medo — disse eu ao velho estudioso. — Mas temos esperanças de que ainda não seja tarde demais para o professor Rossi.

Ele endireitou-se na cadeira.

— Sim. Se de alguma maneira conseguirmos encontrar Sveti Georgi. Primeiro, devemos ir a Rila e examinar as outras cartas escritas pelo irmão Kiril. Como já disse, nunca até agora fiz qualquer ligação entre elas e a "Crônica" de Zacharias. Não tenho cópias delas aqui, e as autoridades de Rila não permitiram que fossem publicadas, embora vários historiadores, inclusivamente eu, tenham pedido autorização para o fazer. E há alguém em Rila com quem gostaria que falassem. No entanto, pode não adiantar nada.

Stoichev olhava-nos como se tivesse mais qualquer coisa para dizer, mas naquele momento ouvimos passos vigorosos na escada. Ele tentou levantar-se, depois lançou-me um olhar suplicante. Agarrei no fólho com o dragão e voei com ele para o quarto ao lado, onde o escondi o melhor que pude, atrás de uma caixa. Juntei-me a Stoichev e Helen : tempo de ver Ranov abrir a porta da biblioteca.

— Ah — disse, — uma conferência de historiadores. O senhor está a perder a sua própria festa, professor. — Examinou descaradamente os livros e papéis sobre a mesa e por fim pegou na velha revista de que Stoichev nos lera partes da "Crônica" de Zachanas. — Este é o alvo da vossa atenção? — Quase sorriu para nós. — Talvez eu também o devesse ler, para me instruir. Há muita coisa que ainda desconheço sobre a Bulgária medieval. E a sua sobrinha, que tanto me tem distraído, não está tão interessada em mim como eu pensava. Fiz-lhe um convite sério no canto mais bonito do seu jardim, e ela foi bastante reticente.

Stoichev corou de raiva, e parecia estar a ponto de falar mas, para minha surpresa,

Helen salvou-o.

— Mantenha as suas mãos sujas e burocráticas longe daquela rapariga — disse, olhando Ranov nos olhos. — O senhor está aqui para nos incomodar, e não a ela. — Toquei-lhe no braço, esperando que ela não irritasse o homem; a última coisa que queríamos era uma complicação política. Mas ela e Ranov trocaram simplesmente um olhar longo calculado, e em seguida cada um virou-se para o seu lado.

Entretanto, Stoichev tinha recuperado.

— Seria uma grande ajuda para a pesquisa desses visitantes se pudesse organizar uma viagem a Rila — disse ele com toda a calma a Ranov. — Eu gostaria de ir com eles também e será uma honra para mim mostrar-lhes pessoalmente a biblioteca de Rila.

— Rila? — Ranov sopesou a revista na mão. — Muito bem. Será a nossa próxima excursão. Talvez possamos ir depois de amanhã. Mandar-lhe-ei uma mensagem, professor, para o informar de quando poderá juntar-se a nós lá.

— Não podemos ir amanhã — tentei parecer despreocupado.

— Então está com pressa? — Ranov arqueou as sobrancelhas. — Leva tempo a da seguimento a um pedido tão importante.

Stoichev assentiu.

— Esperaremos com paciência, e até lá os professores podem apreciar as vistas de Sofia. Agora, meus amigos, foi uma agradável troca de idéias, mas Kiril e Methode não se importarão se nós também comermos, bebermos e nos divertirmos, como se costuma dizer. Venha, Miss Rossi — estendeu a sua mão frágil a Helen, que o ajudou a levantar-se. — Dê-me o seu braço e vamos celebrar um dia de ensino e aprendizagem.

Os outros convidados tinham começado a reunir-se sob o caramanchão, e logo vimos porquê: três dos homens mais jovens estavam a tirar instrumentos musicais das suas malas, e a instalar-se junto das mesas. Um sujeito magricela com uma cabeleira escura e emaranhada testou as teclas de um acordeão preto e prateado. Um outro homem segurava um clarinete. Tocou algumas notas enquanto o terceiro músico tirava do estojo um grande tambor de pele e um longo bastão com a ponta acolchoada. Sentaram-se em três cadeiras próximas umas das outras, sorriram entre si, tocaram um acorde ou dois, acomodaram-se nos assentos. O clarinetista tirou o casaco.

Então entreolharam-se e começaram a tocar, tecendo do nada a música mais animada que eu já ouvira. Stoichev sorria abertamente no seu trono colocado atrás do assado de carneiro, e Helen, sentada ao meu lado, apertava-me o braço. Era uma melodia que rodopiava no ar como um ciclone, e depois seguia aos arrancos num ritmo que não me era familiar, mas irresistível assim que o meu pé o apanhou. O acordeão fechava-se e abria-se e as notas saltavam dos dedos do acordeonista. Fiquei surpreso com a velocidade e a energia com que tocavam. O som arrancou à plateia gritos de alegria e incentivo.

Apenas poucos minutos depois, alguns dos homens puseram-se de pé, cada um segurando a parte de trás do cinto do que estava à frente, e começaram uma dança tão

animada como a música. Os seus sapatos, muito lustrosos, subiam e depois batiam na relva. Logo a seguir, juntaram-se-lhes várias mulheres com vestidos discretos, que dançavam com a parte superior do corpo direita e imóvel e os pés tão ligeiros que só se via uma mancha. Os rostos dos dançarinos estavam radiantes; todos sorriam como se não pudessem evitar, e os dentes do acordeonista reluziam em resposta. O homem na frente da fila tinha tirado do bolso um lenço branco, que agitava acima da cabeça para guiar os outros, fazendo-o rodar de um lado para o outro. Os olhos de Helen brilhavam muito, e batia com a mão na mesa como se não conseguisse ficar parada. Os músicos tocaram e tocaram, enquanto nós aplaudíamos e brindávamos e bebíamos, e os dançarinos não davam sinal de querer parar. Finalmente, a canção acabou e a fila desmanchou-se, cada dançarino a enxugar o suor e a rir alto. Os homens vieram encher os copos outra vez, e as mulheres procuravam lenços e ajeitavam os cabelos, trocando risadinhas entre si.

Então o acordeonista começou a tocar novamente, mas desta vez era uma lenta sucessão de trinados, notas arrastadas num tom de lamento. Atirava a cabeça desgrenhada para trás, mostrando os dentes ao cantar. Na verdade era metade música e metade uivo, uma melodia para voz de barítono tão dolente que o meu coração se contraiu com a lembrança das perdas, de todas as perdas da minha vida.

— O que é que ele está a cantar? — perguntei a Stoichev, para disfarçar a minha emoção.

— É uma canção antiga, muito antiga. Acho que tem pelo menos trezentos ou quatrocentos anos. Conta a história de uma linda donzela búlgara que é perseguida pelos invasores turcos. Querem-na para o harém do paxá local, e ela recusa. Foge, subindo uma alta montanha próxima da sua aldeia, e eles galopam atrás dela nos seus cavalos. No alto da montanha há um penhasco Ali, ela grita que prefere morrer a tornar-se concubina de um infiel e atira-se do penhasco. Mais tarde, uma fonte nasce no sopé da montanha, e é a água mais pura e doce daquele vale.

Helen fez um gesto com a cabeça.

— Temos canções com temas semelhantes na Romênia.

— Há canções destas onde quer que o jugo otomano tenha pesado sobre os povos balcânicos, — penso eu disse Stoichev gravemente. — No folclore búlgaro, temos milhares de canções desse tipo, com temas variados. Todas são um grito de protesto contra a escravidão do nosso povo.

O acordeonista pareceu sentir que já tinha feito os nossos corações apertarem-se suficientemente, pois no fim da canção fez um sorriso malicioso e explodiu de novo numa música para dançar. Desta vez, a maioria dos convidados levantou-se para se juntar à fila, que serpenteava em redor do terraço. Um dos homens chamou-nos e um segundo depois Helen seguiu-o, embora eu tenha permanecido firme na minha cadeira, ao lado de Stoichev. Mas era um prazer olhar para ela. Bastou uma pequena demonstração para ela aprender o passo da dança. Devia haver algum tipo de dança no seu sangue, a sua postura

tinha uma dignidade natural, os pés moviam-se com segurança ao ritmo marcado. Acompanhando com os olhos a sua figura esbelta vestida de blusa clara e saia preta, o rosto luminoso com as madeixas escuras do cabelo soltas em volta dele, dei comigo quase a rezar para que nada de mal lhe acontecesse, perguntando-me, também, se ela me deixaria mantê-la em segurança.

Se a minha primeira visão da casa de Stoichev me enchera de súbito desalento, a minha primeira visão do Mosteiro de Rila encheu-me de uma admiração reverente. O mosteiro estava encravado num vale espetacularmente profundo ocupando-o quase por inteiro, naquele ponto e acima das suas muralhas e cúpulas elevavam-se as montanhas de Rila, que são muito escarpadas e cobertas de altas bétulas. Ranov estacionou o carro à sombra, fora do portão principal, e entramos juntamente com vários grupos de outros turistas. O dia estava quente e seco; o verão dos Balcãs parecia avançar de todos os lados, e a poeira do chão nu rodopiava à volta dos nossos tornozelos. As grandes portas de madeira estavam abertas e passamos por elas para dar com uma visão que nunca poderei esquecer. À nossa volta, erguiam-se as muralhas listadas da fortaleza do mosteiro, com os seus padrões alternados de preto e vermelho sobre reboco branco, contornadas por compridas galerias de madeira. Ocupando um terço do enorme pátio, havia uma igreja de requintadas proporções, com pórtico pesadamente revestido de frescos, as cúpulas de um verde pálido iluminadas pelo Sol do meio-dia. Ao lado, uma torre robusta, quadrada, de pedra cinzenta visivelmente mais antiga do que tudo o resto ali. Stoichev disse-nos que se tratava da Torre H relyo, construída por um nobre da Idade Média para lhe servir de refúgio contra os seus inimigos políticos. Era a única parte remanescente do antigo mosteiro que existiu naquele lugar, queimado pelos Turcos e reconstruído séculos depois no seu esplendor listado. Enquanto ali estávamos, os sinos da igreja começaram a tocar, espantando um bando de pássaros. Voaram todos, assustados, e, ao acompanhá-los com os olhos, vi de novo os picos quase inimaginavelmente altos acima de nós um dia inteiro, pelo menos, para serem escalados. Sustive a respiração; estaria Rossi algures aqui, neste lugar antigo?

Helen, de pé junto de mim com um lenço fino amarrado sobre o cabelo, passou o braço pelo meu e lembrei aquele momento em Hagia Sophia, aquele entardecer em Istambul que parecia ser já história mas que na realidade acontecera apenas dias antes, em que ela apertara a minha mão com força. Os Otomanos tinham conquistado aquela terra muito antes de tomarem Constantinopla; logicamente, devíamos ter começado a nossa viagem ali, e não em Hagia Sophia. Por outro lado, antes disso ainda, as doutrinas do Bizantinos, a sua arte e a sua arquitetura elegantes tinham vindo de Constantinopla para dar sabor à cultura búlgara. Agora, Santa Sophia era um museu entre mesquitas, enquanto aquele vale fantásticamente isolado transbordava de cultura bizantina.

Stoichev, ao nosso lado, não disfarçava o seu prazer pelo nosso assombro. Irma, com um chapéu de abas largas, segurava-lhe firmemente o braço. Só Ranov se mantinha à parte, contemplando a bela cena com uma expressão carrancuda, virando a cabeça, desconfiado, quando um grupo de monges encapuzados de preto passou por nós a caminho da igreja. Fora uma luta persuadi-lo a ir buscar Stoichev e Inna no seu carro e trazê-los conosco; queria que Stoichev tivesse a honra de nos mostrar Rila, mas não via

razão para que não apanhasse o autocarro como o resto do povo búlgaro. Controlei-me para não comentar que ele próprio, Ranov, não parecia andar muito de autocarro. A nossa vontade prevalecera, o que não impedira Ranov de resmungar sobre o velho professor durante quase todo o percurso de Sofia até à casa de Stoichev. Stoichev usara a sua fama para incentivar a superstição e idéias antipatrióticas, toda a gente sabia que ele se recusara a abandonar a sua muito pouco científica fidelidade à igreja ortodoxa; tinha um filho a estudar na Alemanha Oriental que era quase tão mau como ele. Mas tínhamos ganho a batalha, Stoichev pôde vir conosco e Irma, durante a nossa paragem para almoçar numa taberna das montanhas, sussurrou-nos, agradecida, que teria tentado impedir que o tio viesse, se tivessem mesmo de apanhar o autocarro, ele não aguentaria uma viagem tão incomoda com aquele calor

— Aqui é a ala onde os monges ainda vivem — disse Stoichev. — E lá adiante, daquele lado, é a hospedaria onde vamos dormir. Verão como é tranquilo à noite, apesar de todos estes visitantes durante o dia. Este é um dos nossos grandes tesouros nacionais e muita gente vem vê-lo, sobretudo no Verão. Mas à noite torna-se muito sossegado outra vez. Venham — acrescentou —, vamos entrar para ver o abade. Telefonei-lhe ontem e está à nossa espera.

E seguii à nossa frente com um vigor surpreendente, olhando em volta com animação, como se o local lhe desse uma vida nova.

As salas de audiência do abade, quando lá chegamos, ficavam no andar térreo da ala monástica. Um monge de túnica negra com uma comprida barba castanha segurou a porta para nos dar passagem e entramos, Stoichev tirando o seu chapéu e entrando primeiro. O abade levantou-se de um banco perto da parede e adiantou-se para nos receber. Ele e Stoichev cumprimentaram-se com muita cordialidade. Stoichev beijou a mão do abade e este abençoou o velho professor. O abade era um homem magro e direito de uns sessenta anos, a barba grisalha e os olhos azuis fiquei bastante surpreendido ao constatar que havia búlgaros de olhos azuis muito serenos. Apertou-nos a mão de uma forma bem moderna, assim como a Ranov, que o tratou com óbvio desdém. Depois, fez sinal para nos sentarmos e um monge entrou com uma bandeja com copos — que naquele lugar não estavam cheios de *rakiya*, mas de água fresca, acompanhada de pratinhos daquela pasta com cheiro a rosas que já havíamos provado em Istambul. Notei que Ranov não bebeu a sua água, como se desconfiasse que estava envenenada.

O abade mostrou-se claramente encantado por ver Stoichev, e imaginei que a visita fosse um prazer especial para ambos. Perguntou-nos, por intermédio de Stoichev, de que parte da América éramos, se tínhamos visitado outros mosteiros na Bulgária, o que podia fazer para nos ajudar, quanto tempo poderíamos ficar. Em seguida Stoichev falou com ele lentamente, traduzindo de bom grado para que pudéssemos responder às perguntas do abade. Poderíamos usar a biblioteca tanto quanto desejássemos, disse o abade; poderíamos dormir na hospedaria; recomendava que assistíssemos às cerimônias na igreja; éramos bem-

vindos em toda a parte, exceto nas dependências reservadas aos monges isto com uma delicada inclinação de cabeça para Helen e Irina e estava fora de questão que os amigos do professor Stoichev pagassem a hospedagem. Agradecemos efusivamente e Stoichev pôs-se de pé.

— Agora — declarou ele, — já que dispomos dessas amáveis autorizações, vamos à biblioteca.

Estava já a dirigir-se para a porta, depois de ter beijado a mão do abade, inclinando-se para ele.

— O meu tio está muito excitado — sussurrou-nos Irina. — Disse-me que a vossa carta é uma grande descoberta para a história da Bulgária.

Perguntei a mim próprio se ela saberia o que estava em jogo naquela pesquisa, que sombras havia no nosso caminho, mas era-me impossível ler fosse o que fosse na sua expressão. Ajudou o tio a sair e nós seguimo-los ao longo das descomunais galerias de madeira que contornavam o pátio, Ranov na retaguarda com um cigarro aceso na mão.

A biblioteca consistia numa comprida galeria no piso térreo, quase defronte dos aposentos do abade. À entrada, um monge de barba negra recebeu-nos; era um homem alto, de rosto macilento, e pareceu-me que olhou intensamente para Stoichev antes de nos cumprimentar com um gesto da cabeça.

— Este é o irmão Rumen — apresentou-nos Stoichev. — É atualmente o monge bibliotecário. Vai mostrar-nos o que precisamos ver.

Alguns livros e manuscritos estavam expostos em vitrinas e etiquetados, para os turistas; eu teria gostado de os examinar, mas encaminhá-vamo-nos para um recanto ao fundo que se abria para a parte mais recuada da sala. O ar era um milagre de frescura nas profundezas do mosteiro, e mesmo as poucas e cruas lâmpadas elétricas não conseguiam dissipar a profunda escuridão dos cantos mais recônditos. Neste santuário interior, armários e prateleiras de madeira estavam carregados de caixas e bandejas de livros. Num dos cantos havia um pequeno altar com um ícone da Virgem com o menino, rígido e precoce, ladeados por dois anjos de asas vermelhas, iluminado por uma candeia dourada e cravejada de pedras preciosas. As paredes muito, muito velhas estavam caiadas de branco e o cheiro que nos envolvia era o odor familiar de pergaminho, velino e veludo em lenta decomposição. Fiquei satisfeito ao ver que Ranov tivera pelo menos a delicadeza de apagar o cigarro antes de penetrar conosco naquela casa do tesouro.

Stoichev bateu com o pé no chão de pedra como se conjurasse espíritos.

— Aqui — disse ele, — estão a contemplar o coração do povo búlgaro. Foi aqui que durante centenas de anos os monges preservaram a nossa herança, muitas vezes em segredo. Gerações de monges dedicados copiaram estes manuscritos, ou esconderam-nos quando o mosteiro era atacado pelos infiéis. Esta é uma pequena percentagem do legado do nosso povo; grande parte foi destruída, é claro. Mas estamos gratos pelo que restou.

Falou com o bibliotecário, que começou a examinar com cuidado as caixas etiquetadas

nas prateleiras. Minutos depois, trouxe para baixo uma caixa de madeira e tirou de dentro dela diversos volumes. O de cima estava decorado com uma extraordinária pintura representando Cristo ou o que achei que fosse Cristo — com um globo numa mão e um cetro na outra, o rosto ensombrecido pela melancolia bizantina. Para minha decepção, as cartas do irmão Kiril não estavam guardadas naquele esplêndido volume, mas num mais simples, com aspecto de osso antigo. O bibliotecário levou-o para uma mesa e Stoichev sentou-se ansioso diante dele, abrindo-o com grande satisfação. Helen e eu pegamos nos nossos cadernos de anotações e Ranov deambulou por entre as estantes da biblioteca, como se estivesse demasiado entediado para ficar parado no mesmo lugar.

— Tanto quanto me lembro — disse Stoichev —, há duas cartas aqui, e não se sabe se haveria mais, se o irmão Kiril escreveu outras que não subsistiram. — Apontou para a primeira página. Estava coberta por uma caligrafia apertada, arredondada, e o pergaminho estava muito velho, quase castanho. Stoichev virou-se para o bibliotecário e fez-lhe uma pergunta. — Sim — disse-nos, contente. — Eles datilografaram estes documentos em Búlgaro e mais alguns outros documentos raros desse período. O bibliotecário colocou uma pasta diante dele e Stoichev ficou calado por algum tempo, examinando as páginas datilografadas e voltando a olhar para o antigo manuscrito. Fizeram um excelente trabalho declarou, por fim. — Vou traduzir-vos o melhor que puder, para poderem tomar notas.

E leu-nos uma versão, intercalada por pequenas pausas, das duas cartas:

A Sua Excelência, Abade-Mor Eupraxius:

Faz hoje três dias que saímos de Laota e estamos a viajar pela estrada principal em direção a Vin. Uma noite dormimos no estábulo de um bom lavrador e outra noite na ermida de S Miguel, onde nenhum monge vive agora mas que nos ofereceu pelo menos o abrigo seco de uma gruta. Na última noite fomos obrigados pela primeira vez a acampar na floresta, espalhando mantas no chão rústico e deitando-nos dentro de um círculo formado pelos cavalos e pela carroça. Os lobos chegaram suficientemente perto durante a noite para escutarmos os seus uivos, o que fez os cavalos, apavorados, tentarem fugir. Com grande dificuldade os controlamos. Agora estou sinceramente feliz com a presença dos irmãos Ivan e Theodosius, com a sua força e a sua altura, e bendigo a vossa sabedoria ao colocá-los entre nós.

Esta noite fomos bem recebidos na casa de um pastor com alguns meios de fortuna e também um homem piedoso, possui três mil ovelhas nesta região, segundo nos diz, e fomos instados a dormir nas suas peles de carneiro e colchões macios, embora eu, pelo meu lado, tenha escolhido o chão, mais apropriado as nossas orações. Estamos fora da floresta aqui, entre colinas abertas que ondulam de todos os lados, onde podemos caminhar com igual bênção a chuva ou ao sol. O bom homem da casa contou-nos que por duas vezes foram vítimas dos ataques do infiel vindo do outro lado do rio, que agora fica apenas a uns poucos dias de caminho, se o irmão Angelus sarar e conseguir acompanhar-nos. Pensei em deixá-lo montar um dos cavalos, embora o sagrado peso que carregam seja já demasiado para eles. Felizmente, não vimos sinal de soldados infiéis na estrada

Vosso mui humilde servo em Cristo,

*Abril do ano 6985 de Nosso Senhor
A Sua Excelência, Abade-Mor Eupraxius*

Deixamos a cidade para trás há algumas semanas e estamos agora a avançar abertamente pelo território dos infieis. Não ousou escrever a nossa localização para o caso de virmos a ser capturados. Talvez devêssemos, afinal, ter escolhido a rota do mar, mas Deus será o nosso Protetor ao longo do caminho que escolhemos. Vimos os restos queimados de dois mosteiros e uma igreja. A igreja ainda fumegava. Cinco monges foram ali enforcados por conspirarem para uma rebelião e os seus irmãos sobreviventes já estão dispersos por outros mosteiros. Estas foram as únicas notícias que soubemos, pois não podemos conversar muito com as pessoas que se aproximam da nossa carroça. Contudo, não há motivos para crer que um destes mosteiros seja aquele que buscamos. Lá, o sinal será claro, o monstro iguala o santo. Se esta missiva puder servir-vos entregue, meu senhor, será o mais breve possível

Vosso mui humilde servo em Cristo,

*Irmão Kiril
Junho do ano 6985 de Nosso Senhor*

Quando Stoichev terminou, permanecemos em silêncio. Helen estava ainda a tomar notas, o rosto concentrado na tarefa. Irma estava sentada com as mãos entrelaçadas, Ranov encostara-se negligentemente a um armário, coçando o pescoço sob o colarinho da camisa. Eu, por minha vez, desistira de registrar os acontecimentos descritos na carta, de qualquer modo, Helen anotaria tudo. Não havia ali qualquer indicação clara de um destino em particular, nem menção de uma tumba, nenhuma cena de funeral — o meu desapontamento sufocava-me.

Mas Stoichev não parecia nada desanimado

— Interessante — disse ele, depois de longos minutos de pausa. — Interessante. Vejamos bem, cronologicamente, a vossa carta de Istambul deve estar entre estas duas. Na primeira e na segunda cartas, eles estão a viajar através da Valáquia na direção do Danúbio, como os topónimos deixam claro. Depois, vem a vossa carta, que o irmão Kiril escreveu em Constantinopla, talvez esperando enviá-la de lá juntamente com as anteriores. Mas não pôde ou teve medo de as enviar — a não ser que estas sejam apenas cópias — não temos maneira de saber. E a última carta está datada de Junho. Eles fizeram um percurso por terra igual ao que é descrito pela "Crônica" de Zachanas. Na verdade, deve ter sido o mesmo percurso, de Constantinopla passando por Edirne e Haskovo, por que essa era a principal estrada de Tsangrado para a Bulgária

Helen levantou a cabeça

— Mas como podemos ter certeza de que é de fato a Bulgária que esta última carta descreve?

— Não podemos ter certeza absoluta — admitiu Stoichev — No entanto, creio que é bastante provável Se eles viajaram de Tsangrado, ou seja, Constantinopla, para uma região onde mosteiros e igrejas estavam a ser queimados no final do século quinze, É muito provável que seja a Bulgária. Além disso, na vossa carta de Istambul, ele declara que pretendem ir para a Bulgária

Não consegui deixar de manifestar a minha frustração

— Mas não há mais nenhuma informação sobre a localização do mosteiro de que eles estavam a procura Presumindo que era mesmo Sveti Georgi

Ranov instalara-se a mesa conosco e estava a contemplar os polegares, ponderei se deveria esconder dele o meu interesse por Sveti Georgi, mas de que outra maneira poderíamos interrogar Stoichev sobre isso?

— Não — concordou Stoichev — O irmão Kiril certamente não escreveria nas cartas o nome do lugar para onde se dirigiam, assim como não citou Snagov juntamente com os títulos de Eupraxius no início delas. Se fossem apanhados, esses mosteiros poderiam sofrer posteriormente ainda mais perseguições, ou pelo menos serem revistados.

— Há aqui uma frase interessante — Helen terminara as suas anotações. — Não se importa de a ler outra vez? A frase que diz que o sinal no mosteiro que procuravam era um monstro que iguala um santo. O que pensa que isto significa?

Lancei um rápido olhar para Stoichev; aquela frase também me chamara a atenção Ele suspirou.

Pode referir-se a um fresco ou um ícone que haveria no mosteiro. Em Sveti Georgi, o destino deles era mesmo esse. É difícil imaginar o que uma imagem assim poderia ter sido. E mesmo se pudéssemos encontrar o próprio Sveti Georgi, não há muita esperança de que um ícone que estava lá no século quinze ainda permaneça no mesmo lugar, sobretudo se levarmos em conta que o mosteiro foi provavelmente queimado pelo menos uma vez. Não sei o que significa. Talvez seja até uma referência teológica que o abade compreenderia mas que nós não, ou talvez se refira a alguma combinação secreta entre eles. No entanto, precisamos ter isso presente, pois o irmão Kiril refere-se-lhe como sendo o sinal que lhes indicará que chegaram ao lugar certo.

Eu ainda estava a lutar com a minha decepção; apercebi-me de que esperava que aquelas cartas, nos seus invólucros desbotados, contivessem a chave definitiva da nossa busca, ou pelo menos lançassem alguma luz sobre os mapas que eu ainda esperava usar.

— Há uma questão mais ampla que é muito estranha — Stoichev passou a mão no queixo. — A carta de Istambul diz que o tesouro que eles procuram, talvez uma relíquia sagrada de Tsangrado, está num determinado mosteiro na Bulgária, e que é por isso que precisam de ir para lá. Por favor, professor, faça-me a gentileza de ler aquela passagem outra vez.

Eu tirara da pasta o texto da carta de Istambul para o ter ao meu lado enquanto estudávamos as outras missivas do irmão Kiril.

— A passagem diz: "... o que procuramos já foi transportado para fora da cidade, para um refúgio nas terras ocupadas dos Búlgaros."

— É esse o trecho — disse Stoichev. — A questão é... — tamborilou com o longo dedo indicador na mesa à sua frente — por que motivo uma relíquia sagrada, por exemplo, teria sido levada clandestinamente para fora de Constantinopla em 1477? A cidade era otomana desde 1453 e a maior parte das suas relíquias foi destruída durante a invasão. Por que razão o mosteiro de Panachrantos enviaria uma relíquia para a Bulgária vinte e quatro anos depois, e por que seria essa relíquia em especial que os monges teriam ido procurar em Constantinopla?

— Bem — lembrei-lhe —, sabemos pela carta que os janízaros estavam à procura da mesma relíquia, portanto também devia ter valor para o sultão.

Stoichev considerou o argumento. —

Certo, mas os janízaros procuraram-na depois de já ter sido levada em segurança para fora do mosteiro.

— Devia ser um objeto sagrado com significado político para os Otomanos e, ao mesmo tempo, um tesouro espiritual para os monges de Snagov.

Helen franzia a testa, batendo de leve com a caneta na cara.

— Um livro, talvez?

— Sim — disse eu, animado. — E se fosse um livro contendo informações que os Otomanos quisessem e de que os monges precisassem?

Ranov, do lado oposto da mesa, lançou-me subitamente um olhar duro.

Stoichev sacudiu a cabeça devagar, mas lembrei-me um segundo depois que isso significava desacordo.

— Os livros desse período geralmente não continham informações políticas, eram textos religiosos, copiados várias vezes para serem usados nos mosteiros ou nas escolas religiosas islâmicas ou nas mesquitas, se fossem otomanos. É pouco provável que os monges empreendessem uma viagem tão perigosa mesmo por uma cópia dos Evangelhos. E já deviam possuir livros assim em Snagov.

— Só um minuto — os olhos de Helen estavam muito abertos, imersos em pensamentos. — Esperem. Deve ter sido alguma coisa relacionada com as necessidades de Snagov, ou da Ordem do Dragão, ou talvez sobre o velório de Vlad Drácula; lembram-se de "Crônica"? O abade queria que Drácula fosse enterrado noutro lugar.

— Isso mesmo — Stoichev meditava. — Ele queria mandar o corpo para Tsarigrado mesmo pondo em risco as vidas dos seus monges.

— Sim — concordei. Acho que estava prestes a dizer alguma coisa, a enveredar por outra linha de investigação, mas Helen virou-se subitamente para mim e sacudiu-me o braço.

— O que foi? — perguntei, mas nessa altura ela já se recompusera por completo.

— Nada — disse baixinho, sem olhar para mim ou para Ranov.

Pedi a Deus que ele se levantasse e saísse para fumar, ou se cansasse da conversa para que Helen pudesse falar à vontade. Stoichev lançou um olhar perspicaz a Helen e então começou a explicar num tom monótono como eram feitos os manuscritos medievais, como eram copiados por monges que muitas vezes eram analfabetos e introduziram neles gerações de pequenos erros e como as suas diferentes caligrafias foram sistematizadas pelos especialistas modernos. Intrigava-me o motivo por que ele se estendia tanto neste assunto, embora o que ele dizia me interessasse muito. Felizmente, fiquei calado durante a sua explanação, pois daí a pouco Ranov começou de fato a bocejar. Finalmente, levantou-se e saiu da biblioteca, procurando um maço de cigarros no bolso do casaco. Logo que ele saiu, Helen agarrou-me o braço de novo. Stoichev olhava atentamente para ela.

— Paul — disse ela, e o seu rosto estava tão estranho que a segurei pelos ombros, pensando que ia desmaiar. — A cabeça dele! Não vê? Drácula voltou para Constantinopla para recuperar a sua cabeça!

Stoichev tossiu, mas era tarde demais. Naquele momento, ao olhar em volta, vi o rosto anguloso do irmão Rumen junto a extremidade de uma estante. Voltara silenciosamente para a sala e, apesar de estar de costas enquanto tirava qualquer coisa de uma prateleira, estava a ouvir. Momentos depois, o bibliotecário saiu, ainda silencioso, e nós ficamos sentados sem dizer palavra. Helen e eu entreolhamo-nos, sem poder fazer nada, e levantamo-nos para verificar a parte mais escura da sala. O homem tinha ido embora, mas era apenas uma questão de tempo antes que alguém — Ranov, por exemplo — soubesse da exclamação de Helen. E que uso poderia Ranov fazer daquela informação?

Houve poucas ocasiões em todos os meus anos de pesquisa, escrita e pensamento em que tivesse sido acometido por um acesso tão repentino de lucidez como no momento em que Helen formulou a sua hipótese em voz alta na biblioteca de Rila. Vlad Drácula tinha voltado a Constantinopla por causa da sua cabeça — ou, antes, o abade de Snagov enviara o seu corpo para lá com o intento de o reunir à cabeça. Teria Drácula pedido de antemão que isto fosse feito, sabendo a recompensa que em vida fora prometida pela sua famosa cabeça, conhecendo o pendor do sultão para exibir a cabeça dos seus inimigos à população? Ou teria o abade chamado a si essa missão, não querendo que o corpo sem cabeça do seu possivelmente herético ou perigoso patrono permanecesse em Snagov? Sem dúvida que um vampiro sem cabeça não era uma grande ameaça — a cena era quase cómica, mas as perturbações entre os seus monges podiam ter convencido o abade a dar a Drácula um enterro cristão apropriado noutro lugar. Era pouco provável que o abade se tivesse incumbido da destruição do corpo do seu príncipe. E quem sabe que promessas o abade fizera a Drácula anteriormente?

Uma imagem singular voltou-me à mente: o palácio Topkapi em Istambul, onde for: passear naquela recente manhã ensolarada, e os portões onde os carrascos otomanos tinham exibido as cabeças dos inimigos do sultão. A cabeça de Drácula teria merecido uma das estacas mais altas, pensei — o Empalador finalmente empalado. Quantas pessoas teriam ido vê-la, aquela prova do triunfo do sultão? Helen contou-me certa vez que mesmo os habitantes de Istambul tinham temido Drácula, receando que ele pudesse fazer chegar as suas tropas à própria cidade. Já nenhum acampamento turco precisaria tremer à sua aproximação; o sultão assumira finalmente o controle daquela região conturbada e podia instalar um vassalo otomano no trono da Valáquia, como quisera fazer anos antes. Tudo o que restava do Empalador era um horrível trofeu, com os seus olhos baços e o cabelo e o bigode emaranhados, cobertos de sangue coagulado.

O nosso companheiro parecia estar a meditar sobre uma imagem semelhante. Logo que nos certificamos de que o irmão Rumem saíra, ele disse em voz baixa:

— Sim, é bem provável. Mas como é que os monges de Panachrantos tiraram a cabeça de Drácula do palácio do sultão? Era de fato um tesouro, como a definiu Stefan na sua narrativa.

— Como é que nós conseguimos vistos para entrar na Bulgária? — perguntou Helen levantando as sobancelhas. — *Bakshish*. Uma quantia enorme. Os mosteiros estavam bastante empobrecidos depois da conquista, mas alguns deles poderiam ter reservas escondidas: moedas de ouro, jóias, que tentariam até mesmo os guardas do sultão.

Ponderei a questão.

— O nosso guia de Istambul dizia que as cabeças dos inimigos do sultão eram atiradas ao Bósforo depois de ficarem algum tempo expostas. Talvez alguém de Panachrantos tenha

interceptado a cabeça nessa etapa do processo. Seria menos perigoso do que tentar tirá-la dos portões do palácio.

— Não temos maneira de saber a verdade quanto a isso — disse Stoichev, mas acho que o palpite de Miss Rossi é muito bom. Resgatar a cabeça dele seria o objetivo mais provável dos monges em Tsarigrado. Há uma boa razão teológica, igualmente, para terem feito isso. De acordo com as nossas crenças ortodoxas, o corpo deve estar, tanto quanto possível, inteiro na morte — não praticamos a cremação, por exemplo porque no Dia do Juízo Final ressuscitaremos nos nossos corpos.

— E quanto aos santos, com as suas relíquias espalhadas por toda a parte? — perguntei, com ceticismo. — Como serão ressuscitados inteiros? Sem falar que, há alguns anos, vi cinco mãos de S. Francisco em Itália.

Stoichev achou graça.

— Os santos têm privilégios especiais — respondeu. — Mas Vlad Drácula, apesar de ser um excelente matador de Turcos, não era certamente um santo. De fato, pelo menos de acordo com a narrativa de Stefan, Eupraxius estava bastante preocupado com a alma imortal de Drácula.

— Ou com o seu corpo imortal — observou Helen.

— Quer dizer — resumi — que talvez os monges de Panachrantos tenham levado a cabeça para dar a Drácula um enterro apropriado, com o risco das suas vidas, e os janízaros descobriram o roubo e começaram a procurar, e por isso o abade mandou-a para fora de Istambul em vez de a enterrar ali. Talvez houvesse peregrinos que iam à Bulgária de tempos a tempos — relanceei os olhos para Stoichev esperando a sua confirmação — e a cabeça foi enviada para ser enterrada em, digamos, Sveti Georgi, ou em qualquer outro mosteiro búlgaro onde eles tinham contatos. E então os monges de Snagov chegaram, mais tarde demais para juntar o corpo à cabeça, e o abade de Panachrantos soube disso e foi falar com eles, e os monges de Snagov decidiram completar a sua missão indo atrás dos outros com o corpo. Além do mais, tinham de partir antes que os janízaros se interessassem também por eles.

— Muito bom, como especulação — Stoichev dirigiu-me um largo sorriso. — Como eu disse, não podemos saber com certeza porque são fatos que os nossos documentos apenas insinuam. Mas não há dúvida de que traçou um esboço convincente deles. Vamos acabar por fazer com que deixe os mercadores holandeses de lado.

Senti o meu rosto corar, em parte por prazer e em parte por vergonha, mas o sorriso dele era cordial.

— Então, a rede otomana foi alertada pela presença e pela partida dos monges de Snagov — Helen deu seguimento à possível história — e talvez tenham revistado os mosteiros e descoberto que os monges tinham estado em Santa Irina, e mandaram informações sobre a viagem dos monges para os seus homens ao longo do percurso deles — talvez para Edirne e depois para Haskovo. Haskovo foi a primeira grande cidade búlgara

onde os monges entraram, e é lá que são qual é o termo? Detidos.

— Sim — terminou Stoichev. — Os funcionários otomanos torturaram dois deles para obter informações, mas os dois corajosos monges nada disseram. E os oficiais revistaram a carroça e só encontraram comida. Mas isto levanta uma questão: por que é que os soldados otomanos não encontraram o corpo?

Hesitei.

— Talvez não estivessem à procura de um corpo. Talvez ainda estivessem à procura da cabeça. Se os janízaros não tivessem descoberto muita coisa em Istambul sobre toda a questão, poderiam pensar que os monges de Snagov transportavam a cabeça. A "Crônica de Zacharias diz que os Otomanos ficaram muito zangados quando abriram umas trouxas e só encontraram comida. O corpo poderia ter sido escondido nos bosques dos arredores se os monges tivessem sido avisados de que haveria uma busca.

— Ou talvez tenham construído a carroça de tal modo que houvesse um lugar especial para o esconder — sugeriu Helen.

— Mas um cadáver iria cheirar mal — lembrei, sem rodeios.

— Depende daquilo em que acredita. — E fez-me o seu sorriso zombeteiro encantador.

— Daquilo em que acredito?

— Sim. Estás a ver, um corpo que corre o risco de se transformar num morto-vivo, ou que já se transformou, não se deteriora, decompõe-se mais lentamente. De acordo com a tradição, quando os aldeões da Europa Oriental suspeitavam de vampirismo, desenterravam os cadáveres para verificar a decomposição e destruíam ritualmente os que não estavam a decompor-se da maneira adequada. Ainda fazem isso às vezes. Mesmo agora.

Stoichev estremeceu.

— Uma atividade bem peculiar. Ouvi falar disso até na Bulgária, se bem que hoje, é claro, seja ilegal. A Igreja sempre censurou a profanação de túmulos, e agora o nosso governo desencoraja todas as superstições... tanto quanto pode.

Helen quase encolheu os ombros.

— É mais estranho isso do que esperar pela ressurreição dos corpos? — perguntou ela, mas sorriu para Stoichev e também ele ficou encantado.

— Minha senhora — disse ele —, temos interpretações muito diferentes da nossa herança cultural, mas cumprimento-a pela sua agilidade mental. E agora, meus amigos, gostaria de ter algum tempo para estudar os vossos mapas. Ocorreu-me que há material nesta biblioteca que pode auxiliar-me na leitura deles. Dêem-me uma hora o que vou fazer agora vai ser aborrecido para vocês e demorado de explicar.

Ranov acabara de entrar outra vez, desassossegado, e ficou a olhar em volta da sala. Eu esperava que ele não tivesse ouvido a referência aos nossos mapas. Stoichev pigarreou.

— Talvez queiram visitar a igreja e admirar a sua beleza.

Stoichev olhou de relance para Ranov. Helen levantou-se imediatamente e dirigiu-se a Ranov para o envolver numa complicação qualquer, enquanto eu procurava discretamente na minha pasta e tirava as minhas cópias dos mapas. Quando vi a sofreguidão com que Stoichev lhes pegou, o meu coração deu um salto de esperança.

Infelizmente, Ranov parecia mais interessado em bisbilhotar o trabalho de Stoichev e confabular com o bibliotecário do que em seguir-nos, embora eu desejasse ardentemente que conseguíssemos arrastá-lo para fora.

— Pode ajudar-nos a encontrar um sítio para jantar? — perguntei-lhe. O bibliotecário permaneceu calado, observando-me com cuidado. Ranov sorriu.

— Está com fome? Ainda não são horas da refeição aqui, que é uma ceia às seis horas. Vamos esperar por ela. Infelizmente, temos de comer com os monges.

Virou-nos as costas e começou a examinar uma prateleira de volumes encadernados em couro, encerrando a conversa.

Helen seguiu-me até à porta e agarrou-me na mão.

— Vamos dar uma volta? — propôs, assim que saímos.

— Não tenho certeza se ainda sei fazer alguma coisa sem Ranov por perto — disse eu mordaz. — De que é que vamos conversar, sem a companhia dele?

Ela riu, mas reparei que também estava preocupada.

— Será melhor eu voltar e tentar novamente distraí-lo?

— Não — decidi. — É melhor não. Quanto mais fizermos isso, mais ele vai querer saber de que é que Stoichev está à procura. Não podemos livrar-nos dele, é como querer livrar-se de uma mosca.

— Ele dava uma boa mosca.

Helen deu-me o braço. O sol estava ainda brilhante no pátio, e quente, quando saímos da sombra das imensas muralhas e galerias do mosteiro. Ao olhar para cima, avistava as encostas cobertas de florestas em volta do mosteiro, e os picos rochosos verticais acima delas. No alto, ao longe, uma águia inclinou-se para um lado e volteou no céu. Monges vestidos com pesadas túnicas negras e cintos, chapéus negros de copa alta e compridas barbas negras, iam e vinham entre a igreja e o piso térreo do mosteiro, ou varriam os soalhos de madeira das galerias, ou sentavam-se num triângulo de sombra perto do pórtico da igreja. Perguntava-me como é que eles suportavam o calor do Verão com aqueles trajes. O interior da maravilhosa igreja esclareceu-me um pouco: tinha a frescura de uma daquelas construções erguidas em cima de riachos para refrigerar os alimentos, iluminada apenas por velas tremeluzentes e o cintilar do ouro, do latão dourado, das jóias. As paredes interiores tinham motivos decorativos em dourado e pinturas com imagens de santos e profetas.

— Trabalho do século dezenove — disse Helen, segura; e eu fiz uma pausa diante de uma imagem particularmente sóbria, um santo com uma longa barba comprida e cabelo branco impecavelmente dividido ao meio, que olhava diretamente para nós. Helen soletrou a inscrição perto do seu halo: — "Ivan Rilski."

— Aquele cujos ossos foram trazidos para cá oito anos antes de o nosso amigo valáquio ter entrado na Bulgária? A "Crônica" menciona-o.

— Sim. — Helen demorou-se diante da imagem, como se achasse que poderia falar conosco caso ela esperasse o suficiente.

A espera infundável estava a dar-me cabo dos nervos.

— Helen, vamos fazer uma caminhada — sugeri. — Podemos subir a montanha ali e ver a paisagem.

Se não fizesse um pouco de exercício, ficaria maluco de tanto pensar em Rossi.

— Está bem Helen — concordou e olhou-me atentamente, como se adivinhasse a minha impaciência. — Se não for demasiado longe. Ranov nunca permitiria que nos afastássemos muito.

O caminho montanha acima serpenteava através de uma densa floresta que nos protegia do calor da tarde tanto como a igreja o fizera. Era tão bom ficar livre de Ranov que, durante alguns minutos, balancei com simplicidade a mão de Helen para a frente e para trás enquanto andávamos.

— Achas que foi difícil para ele escolher entre nós e Stoichev?

— Ah, não — respondeu Helen, categórica. — Ele certamente mandou alguém seguir nos. Vamos encontrar essa pessoa, seja quem for, daqui a algum tempo, principalmente se ficarmos longe mais de meia hora. Provavelmente, tem ordens para não nos deixar sozinhos e tem de vigiar Stoichev para descobrir aonde nos vai levar a nossa pesquisa.

— Falas de uma maneira tão óbvia — disse-lhe, contemplando o seu perfil enquanto ela caminhava pelo caminho de terra. Empurrara o chapéu para trás e o rosto estava um pouco afogueado. — Não consigo imaginar como deve ter sido crescer sabendo todas essas coisas cínicas, viver sob vigilância.

Helen encolheu os ombros.

— Não parecia tão terrível porque eu não conhecia nada de diferente.

— E no entanto quiseste sair do teu país e ir para o Ocidente.

— Sim — disse ela, olhando-me de esguelha. — Eu quis sair do meu país. — Paramo para descansar por alguns minutos numa árvore caída perto do caminho.

— Tenho pensado na razão por que nos deixaram vir à Bulgária — confessei. Até ali, no meio do bosque, eu baixava a voz. — E por que razão nos deixam vaguear por aí sozinhos. — Ela assentiu. — Já pensaste nisso? Tenho a impressão — disse eu devagar — de que, se não nos estão a impedir de encontrar o que quer que seja que estamos a procurar, o que poderiam fazer facilmente, é porque querem que encontremos o que procuramos.

— Muito bem, Sherlock. Estás a aprender umas coisas.

— Portanto, digamos que eles de fato sabem ou desconfiam do que estamos à procura. O que os levaria a pensar que fosse possível que Vlad Drácula fosse um morto-vivo? — Foi me difícil dizer isto em voz alta, embora a minha voz não passasse de um sussurro. — Tu mesma me disseste muitas vezes que os governos comunistas desprezam as superstições

dos camponeses. Por que é que eles nos encorajariam desta maneira, não nos impedindo de agir? Pensarão que podem obter alguma espécie de poder sobrenatural sobre o povo búlgaro se encontrarmos a tumba dele aqui?

Helen sacudiu a cabeça.

— Não deve ser isso. O interesse deles tem certamente a ver com poder, mas tem sempre uma abordagem científica. Além disso, se houver alguma descoberta interessante, não vão querer que seja um Americano a receber os louros por ela. — Refletiu um pouco. — Pensa bem, o que poderia ser mais importante para a ciência do que a descoberta de que os mortos podem ser trazidos de regresso à vida ou à morte em vida, em todo o caso? Sobretudo para o Bloco de Leste, com os seus grandes líderes embalsamados nos seu mausoléus?

A visão do rosto cor de cera de Georgi Dimitrov no mausoléu de Sofia veio-me à mentum relance.

— Mais uma razão para destruir Drácula — disse eu, mas podia sentir a transpiração a brotar-me na testa.

— E eu pergunto-me — disse Helen, sombria — se destruí-lo faria assim tanta diferença no futuro. Vê o que Stalin fez com o seu povo, e Hitler. Não precisaram vive quinhentos anos para cometer aqueles horrores.

— Eu sei — disse eu. — Também já pensei nisso.

— O mais estranho, sabes, é que Stalin admirava abertamente Ivan, o Terrível. Dois líderes dispostos a esmagar e a matar o seu próprio povo, a fazer qualquer coisa para consolidar o seu poder. E quem achas que Ivan, o Terrível, admirava?

Senti o sangue a fugir-me do coração.

— Disseste-me que há muitas histórias russas sobre Drácula.

— Sim. Exatamente.

Olhei fixamente para ela.

— Podes imaginar um mundo em que Stalin vivesse durante quinhentos anos? — Raspou com a unha um pedaço macio do tronco da árvore. — Ou talvez para sempre?

Dei comigo a cerrar os punhos.

— Achas que podemos encontrar um túmulo medieval sem indicar o caminho a mais ninguém?

— Vai ser muito difícil, talvez impossível. Eles têm gente por toda a parte. — Nesse momento, um homem surgiu de uma curva do caminho. Apanhei um susto tão grande com a sua aparição repentina que quase deixei escapar um palavrão em voz alta. Mas era uma pessoa de aspecto simples, vestido com trajes grosseiros e com um feixe de ramos secos ao ombro, que acenou jovialmente para nós e prosseguiu o seu caminho. Olhei para Helen.

— Viste? — disse ela em voz baixa.

Encontramos um afloramento rochoso no meio da subida para a montanha.

— Vamos sentar-nos aqui uns minutos — disse Helen.

O vale alcantilado e coberto de vegetação encontrava-se muito abaixo de nós, quase todo ocupado pelos muros e telhados vermelhos do mosteiro. Agora, víamos claramente as enormes dimensões do conjunto de edifícios. Formava uma concha angulada em torno da igreja, cujas cúpulas reluziam à luz da tarde, e a torre Hrelyo elevava-se no meio.

— Vê-se bem aqui de cima como o lugar era bem fortificado. Imagina quantas vezes os inimigos devem ter olhado lá para baixo, como estamos a fazer.

— Ou os peregrinos — lembrou Helen. — Para eles, devia ser um destino espiritual não um desafio militar.

Encostou-se a um tronco de árvore, alisando a saia. Tinha largado a bolsa, tirado o chapéu e arregaçado as mangas da blusa clara para aliviar o calor. Uma leve transpiração aparecia-lhe na testa e nas faces. O seu rosto tinha a expressão de que eu mais gostava estava absorta nos seus pensamentos, olhando para dentro e para fora ao mesmo tempo, os olhos muito abertos e atentos, o queixo firme; por qualquer razão, eu gostava ainda mais daquele olhar do que dos que ela me dirigia diretamente. Usava o lenço em volta do pescoço, embora a marca do bibliotecário se tivesse reduzido a uma contusão, e o pequeno crucifixo brilhava abaixo dela. Senti uma pontada de tristeza ao contemplar a sua beleza severa, não só de desejo físico, mas de algo próximo da admiração reverente perante a sua perfeição. Ela era intocável, minha mas perdida para mim.

— Helen — disse eu, sem segurar a mão dela. Não tivera intenção de falar, mas não podia conter-me. — Gostaria de te perguntar uma coisa.

Ela concordou com um gesto da cabeça, os olhos e os pensamentos ainda virados para o imenso santuário lá em baixo.

— Helen, queres casar comigo?

Ela virou-se lentamente para mim e eu não sabia se era espanto, vontade de rir ou prazer o que via no seu rosto.

— Paul — disse ela, com ar sério. — Há quanto tempo nos conhecemos?

— Vinte e três dias — admiti.

Apercebi-me naquele momento que não pensara com cuidado no que faria se ela dissesse que não, mas era demasiado tarde para retirar o pedido, para o deixar para outra altura. E, se ela dissesse não, eu não podia atirar-me do alto de uma montanha no meio da minha tentativa para encontrar Rossi, ainda que ficasse tentado a fazê-lo.

— Achas que me conheces?

— De maneira nenhuma — respondi, lealmente.

— E achas que eu te conheço?

— Não tenho certeza.

— Temos tão pouca experiência um do outro. Pertencemos a mundos completamente diferentes. — Ela sorriu desta vez, como para amenizar a crueza das palavras. — Além disso, sempre achei que não me casaria. Não sou do gênero de casar. E quanto a isto? — Tocou no lenço que tinha ao pescoço. — Casavas-te com uma mulher que foi marcada pelo

demônio?

— Eu protegia-te de qualquer demônio que se aproximasse de ti.

— E isso não seria um fardo demasiado pesado? E como poderíamos ter filhos — o seu olhar era duro e direto — sabendo que poderiam ser, de alguma forma, afetados por esta contaminação?

Era-me difícil falar, de tal modo tinha a garganta apertada.

— Então, a tua resposta é não, ou devo perguntar-te outra vez, noutra altura?

A mão dela eu não podia imaginar a vida sem aquela mão, com as suas unhas de pontas quadradas e a pele macia sobre os ossos duros fechou-se sobre a minha e pensei de repente que não tinha um anel para colocar nela.

Helen lançou-me um olhar grave.

— A resposta é que, evidentemente, quero casar contigo.

Depois de semanas procurando em vão a outra pessoa que eu mais amava no mundo, estava demasiado atordoado pela facilidade desta descoberta para dizer fosse o que fosse ou sequer beijá-la. Ficamos sentados em silêncio, olhando para os vermelhos e dourados e cinzentos do vasto mosteiro.

Barley ficou ao meu lado no quarto de hotel do meu pai, contemplando a desordem, mas foi mais rápido do que eu e viu o que eu não vi os papéis e livros em cima da cama. Encontramos um exemplar muito usado do *Drácula* de Bram Stoker, uma nova história das heresias medievais do Sul da França e um volume que parecia muito antigo sobre lendas europeias referentes a vampiros.

No meio dos livros, havia papéis, incluindo anotações com a letra dele, e entre estes, bilhetes-postais espalhados, escritos com uma caligrafia que me era completamente estranha, fina, com tinta escura, ordenada e miúda. Barley e eu começamos espontaneamente e mais uma vez fiquei contente por não estar sozinha a vasculhar tudo, e o meu primeiro instinto foi juntar os bilhetes-postais. Estavam enfeitados com selos de um arco-íris de países: Portugal, França, Itália, Mónaco, Finlândia, Áustria. Os selos estavam imaculados, sem carimbos. As vezes, a mesma mensagem num bilhete continuava em mais quatro ou cinco outros, cuidadosamente numerados. E o mais espantoso é que todos estavam assinados "Helen Rossi". E todos me estavam endereçados a mim. Barley espreitando por cima do meu ombro, percebeu a minha perplexidade e sentámo-nos juntos na beira da cama. O primeiro era de Roma; uma fotografia a preto e branco das ruínas esquálidas do Fórum.

Maio de 1962

Minha querida filha;

Em que língua devo escrever para ti, a filha do meu coração e do meu corpo, que não vejo há mais de cinco anos? Devíamos ter estado a falar uma com a outra durante todo este tempo, uma não-língua de pequenos sons e beijos, olhares, murmúrios. É-me tão difícil pensar sobre isto, lembrar o que perdi, que tenho de parar de escrever hoje, quando apenas comecei a tentar.

Com todo o amor da tua mãe Helen Rossi

O segundo era um postal colorido, já desbotado, de flores e vasos "jardins de Boboli. Boboli".

Maio de 1962

Minha querida filha:

Vou contar-te um segredo: detesto o Inglês. O Inglês é um exercício de Gramática ou um aula de Literatura. No meu coração, sinto que poderia falar melhor contigo na minha própria língua, o Húngaro, ou mesmo na língua que flui dentro do meu Húngaro — o Romeno. O Romeno é a língua do demônio que estou a procurar, mas, para mim, nem mesmo isso a estragou. Se estivesses sentada ao meu colo esta manhã admirando estes jardins, ensinava-te a primeira

lição: "Ma numesc..." E, depois, sussurraríamos o teu nome, repetindo-o várias vezes na doce língua que também é a tua língua materna. Eu explicava-te que o Romeno é a língua de gente boa, corajosa, triste, de pastores e camponeses, e da tua avó, cuja vida ele arruinou à distância. Contava-te todas as coisas bonitas que ela me contou, as estrelas à noite no céu da aldeia dela, as lanternas no rio. "Ma numesc..." Contar-te tudo isto seria uma felicidade insuportável para um único dia.

Com todo o amor da tua mãe Helen Rossi

Barley e eu entreolhámo-nos e ele passou o braço suavemente em volta do meu pescoço.

Encontramos Stoichev num estado de grande excitação diante da mesa da biblioteca. Ranov estava sentado em frente dele, tamborilando com os dedos e de vez em quando relanceando os olhos para um documento que o velho estudioso punha de lado. Parecia mais irritado do que eu alguma vez o vira, o que fazia presumir que Stoichev não tinha estado a responder às suas perguntas. Quando entramos, Stoichev levantou a cabeça animado.

— Acho que descobri — disse, num sussurro.

Helen sentou-se junto dele e eu debrucei-me sobre os manuscritos que ele estava a examinar. Eram semelhantes às cartas do irmão Kiril na concepção e execução, escritos com uma bela caligrafia compacta e precisa, em folhas desbotadas e com os cantos gastos. Reconheci a escrita eslavónica das cartas. Ao lado deles, Stoichev tinha aberto os nossos mapas. Fiquei quase sem respiração, esperando ardentemente que nos fosse dizer algo de importante. Talvez a tumba fosse ali mesmo, em Rila, pensei de repente; talvez fosse por essa razão que Stoichev insistira em vir ali, porque suspeitava disso. Fiquei surpreendido e apreensivo, porém, por ele querer anunciar o que quer que fosse na presença de Ranov.

Stoichev olhou em volta, lançou um olhar rápido a Ranov, esfregou a testa enrugada com a mão e disse em voz baixa:

— Acredito que a tumba não esteja na Bulgária. — Senti a cabeça esvaziar-se de sangue.

— O quê?

Helen olhava fixamente para Stoichev e Ranov virou-nos as costas, batendo com os dedos na mesa como se não estivesse a prestar muita atenção.

— Lamento desapontá-los, meus amigos, mas com base neste manuscrito, que já não examinava há muitos anos, é muito claro que um grupo de peregrinos viajou de regresso à Valáquia saindo de Sveti Georgi cerca de 1478. Este manuscrito é um documento de alfândega; dava-lhes autorização para levar uma determinada relíquia cristã de origem valáquia de regresso ao país de origem. Lamento muito. Talvez possam viajar até lá um dia e examinar melhor essa questão. No entanto, se quiserem continuar a vossa pesquisa sobre as rotas dos peregrinos na Bulgária, terei muito prazer em ajudá-los.

Arregalei os olhos para ele, sem palavras. Não era possível irmos à Romênia depois de tudo isto, pensei. Já era um milagre termos chegado até ali.

— Recomendo-vos que obtenham autorização para visitar alguns outros mosteiros e as rotas em que estão localizados, em particular o mosteiro Bachkovo. É um belo exemplo do nosso estilo bizantino búlgaro e as construções são muito mais antigas do que as de Rila. Além disso, têm lá alguns manuscritos muito raros que monges em peregrinação levaram para o mosteiro como presente. Será muito interessante para vocês, e dessa forma poderão reunir material para os vossos artigos.

Para meu espanto, reparei que Helen parecia concordar completamente com o plano dele.

— Pode-se conseguir isso, senhor Ranov? — perguntou ela. — Talvez o professor Stoichev deseje também acompanhar-nos.

— Ah, receio bem ter de voltar para casa — disse Stoichev, desculpando-se. — Tenho muito trabalho para fazer. Gostaria de poder ajudá-los em Bachkovo, mas posso dar-vos uma carta de apresentação para o abade. O senhor Ranov pode ser vosso intérprete e o abade vai ajudá-los com qualquer tradução de manuscritos que pretendam fazer. É um grande estudioso da história do mosteiro.

— Muito bem — Ranov pareceu satisfeito ao ouvir que Stoichev nos ia deixar.

Não havia nada que pudéssemos dizer sobre aquela terrível situação, pensei; tínhamos de continuar simplesmente com um pedido para pesquisar noutro mosteiro e decidir no caminho o que fazer em seguida. Romênia? A imagem da porta de Rossi na universidade surgiu diante de mim outra vez: estava fechada, trancada. Rossi nunca mais voltaria a abri-la. Entorpecido, observei Stoichev enquanto ele colocava outra vez os manuscritos na respectiva caixa e fechava a tampa. Helen levou a caixa para uma prateleira em vez dele e ajudou-o a sair. Ranov vinha atrás de nós em silêncio um silêncio que presumi cheio de maldosa satisfação. O que quer que tivéssemos vindo procurar estava agora fora do nosso alcance, e ficaríamos novamente sozinhos com o nosso guia. Depois ele faria com que terminássemos de vez a nossa pesquisa e deixássemos a Bulgária o mais depressa possível.

Irina aparentemente estivera na igreja; quando saímos, veio na nossa direção através do pátio muito quente e, ao vê-la, Ranov afastou-se para fumar numa das galerias, depois dirigiu-se para o portão principal e saiu por ele. Pareceu-me que apressava o passo ao chegar ao portão; talvez ele também precisasse de uma pausa. Stoichev sentou-se pesadamente num banco de madeira próximo do portão, com a mão protetora de Irina pousada no seu ombro.

— Ouçam — disse ele, muito baixo, sorrindo-nos como se estivéssemos apenas a conversar. — Temos de falar depressa enquanto o nosso amigo não pode ouvir-nos. Não foi minha intenção assustá-los. Não há nenhum documento sobre uma peregrinação de regresso à Valáquia com relíquias. Lamento dizer que estava a mentir. Vlad Drácula está mesmo enterrado em Sveti Georgi, onde quer que isso fique, e descobri uma coisa muito importante. Na "Crônica", Stefan diz que Sveti Georgi era perto de Bachkovo. Não há qualquer relação entre a região de Bachkovo e os vossos mapas, mas há aqui uma carta do abade de Bachkovo para o abade de Rila do princípio do século dezesseis. Não me atrevi a mostrá-la na frente do nosso companheiro. Essa carta declara que o abade de Bachkovo já não precisa da ajuda do abade de Rila, ou de quaisquer outros religiosos, para acabar com a heresia em Sveti Georgi, porque o mosteiro foi queimado e os seus monges dispersos. Recomenda que o abade de Rila fique muito atento a quaisquer monges vindos de lá ou a quaisquer monges que espalhem a idéia de que o dragão matou Sveti Georgi. São Jorg

porque este é o sinal da heresia deles.

— O dragão matou... espere — disse eu. — O senhor refere-se àquela frase sobre o monstro e o santo? Kiril diz que estavam à procura de um mosteiro com um sinal de que o santo e o monstro eram iguais.

— São Jorge é uma das figuras mais importantes na iconografia búlgara — explicou Stoichev, baixinho. — Seria de fato uma estranha inversão se o dragão vencesse São Jorge. Mas lembrem-se de que os monges valáquios procuravam um mosteiro que já tivesse aquele sinal, porque seria o lugar adequado para juntar o corpo de Drácula à sua cabeça. Agora estou a começar a considerar se não teria havido uma heresia maior sobre a qual não temos conhecimento, uma heresia que já fosse conhecida em Constantinopla, na Valáquia, ou que talvez o próprio Drácula conhecesse. Teria a Ordem do Dragão as suas próprias crenças espirituais, fora dos preceitos da Igreja? Poderia de alguma maneira ter criado uma heresia? Nunca tinha pensado nesta possibilidade, até hoje. Sacudiu a cabeça. Têm de ir a Bachkovo e perguntar ao abade de lá se sabe alguma coisa a respeito dessa igualdade ou inversão de monstro e santo. Têm de lhe perguntar isso em segredo. A minha carta para ele que o vosso guia vos vai levar e ler vai dar a entender que apenas desejam fazer uma pesquisa sobre rotas de peregrinação, mas vão ter de encontrar uma maneira de falar com ele em segredo. Além disso, há um monge lá que foi um estudioso, um conhecido investigador da história de Sveti Georgi. Trabalhou com Atanas Angelov e foi a segunda pessoa a ver a "Crônica" de Zacharias. O nome dele era Pondev quando o conheci, mas não sei como se chama agora, que é monge. O abade pode ajudá-los a identificá-lo. Há mais uma coisa. Não tenho aqui um mapa da região próxima de Bachkovo, mas acho que algures a noroeste do mosteiro há um longo vale sinuoso onde provavelmente existiu um rio. Lembro-me de o ter visto uma vez, e de ter falado com os monges sobre isso quando visitei a região, apesar de não me lembrar agora como lhe chamavam. Poderia ser a cauda do nosso dragão? Mas o que seriam então as asas do dragão? As montanhas, talvez. — Têm de as procurar, também.

Tive vontade de me ajoelhar diante de Stoichev e beijar-lhe os pés.

— Mas o senhor não quer vir conosco?

— Eu enfrentaria até a minha sobrinha para isso — replicou, sorrindo para ela, — mas receio que isso só fosse levantar mais suspeitas. Se o vosso guia pensar que ainda estou interessado nesta pesquisa, vai ficar mais atento. Venham visitar-me logo que voltem para Sofia, se puderem. Vou pensar em vocês todo o tempo e desejar que façam uma viagem segura e descubram o que procuram. Tomem, têm de levar isto. — Pôs um pequeno objeto na mão de Helen, mas ela fechou a mão tão depressa que não vi o que era nem onde se escondeu.

— O senhor Ranov desapareceu durante muito tempo, para os padrões dele — comentou ela, em voz baixa. Olhei-a rapidamente.

— Achas que eu vá procurá-lo? — Eu aprendera a confiar nos instintos de Helen e sa

em direção ao portão principal sem esperar resposta.

Do lado de fora do grande mosteiro, vi Ranov a falar com um homem junto de um carro azul e comprido. O outro indivíduo era alto e elegante, no seu fato de Verão e chapéu, e algo nele fez com que me detivesse à sombra do portão. Os dois estavam no meio de uma discussão acalorada, que foi subitamente interrompida. O homem elegante deu uma palmada nas costas de Ranov e entrou no carro. Senti o impacto da palmada amigável: conhecia aquele gesto, já acertara no meu ombro uma vez. Sem a menor dúvida, por incrível que fosse, o homem que agora conduzia habilmente pelo estacionamento empoeirado era Géza József. Recuei para o pátio, para junto de Helen e Stoichev, o mais depressa que pude. Helen estudou-me com um olhar penetrante, talvez estivesse também a aprender a confiar nos meus instintos. Puxei-a para um lado por um instante e Stoichev, embora parecesse curioso, era demasiado bem-educado para fazer perguntas.

— Acho que József está aqui — segredai-lhe depressa. — Não lhe vi a cara, mas alguém que se parecia com ele estava agora mesmo a falar com Ranov

— Merda — disse Helen, baixinho. — Acho que foi a primeira e a última vez que ouvi dizer um palavrão.

Logo depois, surgiu Ranov, apressado.

— Está na hora da ceia — disse ele, peremptório, e suspeitei de que estivesse arrependido de nos ter deixado a sós com Stoichev por alguns minutos. Pelo seu tom de voz, tive a certeza de que não me vira lá fora. — Venham comigo. Vamos comer.

A silenciosa ceia do mosteiro estava deliciosa, uma refeição caseira servida por dois monges. Um pequeno grupo de turistas estava aparentemente instalado na hospedaria juntamente conosco, e notei que alguns falavam outras línguas além de Búlgaro. Os que falavam alemão deviam ser pessoas da Alemanha Oriental, em férias, pensei, e talvez a outra língua fosse tcheco. Comemos com apetite, sentados a uma comprida mesa de madeira, com os monges alinhados noutra mesa próxima, e eu antevia com prazer as camas estreitas que nos aguardavam. Helen e eu não tínhamos tido um momento só para nós, mas eu sabia que ela devia estar a pensar na presença de József. O que queria ele de Ranov? Ou, antes, o que queria de nós? Lembrei-me da advertência de Helen sobre estarmos a ser seguidos. Quem lhe dissera que estávamos ali?

Fora um dia muito cansativo, mas eu estava tão ansioso para chegar a Bachkovo que teria partido a pé de boa vontade, se isso me fizesse chegar lá mais depressa. Em vez disso, iríamos dormir, para nos prepararmos para a viagem do dia seguinte. Misturadas com os roncos de Berlim Oriental e de Praga, ouviria a voz de Rossi a dissertar sobre algum ponto controverso do nosso trabalho e a de Helen, parecendo achar graça à minha falta de perspicácia e dizendo: "Claro que quero casar contigo."

Junho de 1962

Minha querida filha:

Somos ricos, sabes, por causa de umas coisas terríveis que aconteceram comigo e com o teu pai. Deixei quase todo esse dinheiro com o teu pai, para ele cuidar de ti, mas tenho o suficiente para gastar durante uma longa busca, um cerco. Troquei algum desse dinheiro em Zurique há quase dois anos e abri lá uma conta bancária sob um nome que nunca direi a ninguém. A minha conta bancária é grande. Retiro dinheiro dela uma vez por mês para pagar o aluguel dos quartos, as taxas dos arquivos, as refeições em restaurantes. Gasto o mínimo possível para um dia poder dar-te tudo o que restar, minha pequenina, quando fores uma mulher.

A tua mãe que te adora, Helen Rossi

Junho de 1962

Minha querida filha:

Hoje foi um dos dias maus. (Nunca enviarei este postal. Se um dia enviar algum, não vai se este.) Hoje foi um daqueles dias em que não sou capaz de me lembrar se estou à procura daquele demônio ou simplesmente a fugir dele. Fico diante do espelho, um espelho velho no meu quarto no Hotel d'Este; o espelho tem manchas que parecem musgo, subindo furtivamente pela sua superfície curva. Tiro o lenço e fico ali, a tocar com o dedo a cicatriz no meu pescoço, uma vermelhidão que nunca sara inteiramente. Não sei se vais encontrar-me antes de eu conseguirmos encontrá-lo. Não sei se ele vai encontrar-me antes de eu o encontrar a ele. Não sei se já me encontrou. Não sei se algum dia te voltarei a ver.

A tua mãe que te adora, Helen Rossi

Agosto de 1962

Minha querida filha:

Quando nasceste, o teu cabelo era negro e os caracóis colavam-se na tua cabeça pegajosa. Depois de te lavarem e enxugarem, transformou-se numa penugem macia em volta do teu rosto, o teu cabelo escuro como o meu, mas também acobreado como o do teu pai. Eu estava mergulhada num lago de morfina, e segurei-te e vi os reflexos no teu cabelo de recém-nascida mudarem do escuro dos ciganos para o claro, e outra vez para o escuro. Tudo em ti era lustroso e brilhava; eu dera-te forma e dera-te brilho dentro de mim sem saber o que estava a fazer. Os teus dedos eram dourados, as tuas faces eram rosadas, as tuas pestanas e sobrancelhas eram como as plumas de um corvo acabado de nascer. A minha felicidade sobrepunha-se mesmo à morfina.

A tua mãe que te adora, Helen Rossi

Acordei cedo no meu catre na camarata para homens em Rila; a luz do sol começava a entrar pelas janelas pequenas, que davam para o pátio, e alguns dos turistas ainda dormiam profundamente nos outros catres. Tinha ouvido o primeiro chamamento do sino da igreja, no escuro, e agora o sino tocava de novo. O meu primeiro pensamento ao acordar foi que Helen aceitara casar-se comigo. Queria vê-la outra vez, vê-la o mais cedo possível para lhe perguntar se o dia anterior fora ou não um sonho. A luz do sol que banhava todo o pátio lá fora era um eco da minha súbita felicidade, e o ar da manhã parecia-me incrivelmente fresco, cheio de séculos de frescura.

Mas Helen não apareceu para o pequeno-almoço. Ranov estava lá, carrancudo como sempre, a fumar, até que um monge veio delicadamente pedir-lhe para ir fumar lá para fora. Assim que a refeição terminou, segui pelo corredor para a ala das mulheres, onde Helen e eu nos tínhamos separado na noite da véspera, e encontrei a porta do quarto escancarada. As outras mulheres, as tchecas e alemãs, já tinham saído, deixando as camas feitas. Pelos vistos, Helen ainda estava a dormir; podia ver-se a sua forma no catre mais próximo da janela. Estava virada para a parede, e eu entrei, sem fazer barulho, raciocinando que ela agora era minha noiva e eu tinha o direito de lhe dar um beijo de bons-dias, mesmo num mosteiro. Fechei a porta atrás de mim, esperando que nenhum monge aparecesse.

Helen estava de costas para o resto do quarto, na sua cama junto da janela. Quando me aproximei, virou o corpo ligeiramente na minha direção, como se pressentisse a minha presença. A cabeça estava inclinada para trás, os olhos fechados, os caracóis escuros espalhados na almofada. Dormia um sono profundo e um som audível, quase estertoroso, saía-lhe dos lábios. Pensei que devia estar cansada das nossas viagens e da caminhada do dia anterior, mas alguma coisa no abandono da sua posição fez-me aproximar, preocupado. Debrucei-me sobre ela, pensando que a beijaria antes que acordasse e então, num único e terrível momento, vi a palidez esverdeada do seu rosto e o sangue fresco no seu pescoço. No sítio onde estivera a ferida quase cicatrizada, na parte mais funda do pescoço, dois pequenos cortes sangravam, vermelhos e abertos.

Havia um pouco de sangue na dobra do lençol branco, também, e mais algum na manga da camisa de dormir de aparência barata, ao ter estendido o braço para trás durante o sono. A frente da camisa fora puxada para o lado e um pouco rasgada, e um dos seus seios estava descoberto quase até ao mamilo escuro. Vi tudo isso num instante imóvel, e o meu coração pareceu parar de bater dentro de mim. Então, puxei o lençol levemente sobre a sua nudez, como se tapasse uma criança para dormir. Não me ocorreu fazer mais nada naquele momento. Um soluço denso encheu-me a garganta, uma raiva que ainda não sentia completamente.

— Helen! — sacudi-lhe levemente o ombro, mas o seu rosto não se alterou. Reparava

agora como parecia abatida, como se sentisse dor mesmo a dormir. Onde estava o crucifixo? Lembrei-me dele de repente e procurei em volta. Encontrei-o junto do meu pé: a corrente fina estava rebentada. Alguém a arrancara ou ela própria a rebentara a dormir? Sacudi-a novamente.

— Helen! Acorda!

Desta vez ela mexeu-se, mas aflita, e tive receio de poder fazer-lhe algum mal trazendo-a de volta à consciência demasiado depressa. Um segundo depois, entretanto, ela abriu os olhos, franzindo a testa. Os seus movimentos eram muito fracos. Quanto sangue teria perdido naquela noite, enquanto eu dormia pesadamente no corredor ao lado? Por que a deixara sozinha exatamente naquela noite, e em todas as noites?

— Paul — disse ela, intrigada. — O que estás a fazer aqui? — Fez um esforço para sentar e descobriu o rasgão na camisa de dormir. Levou a mão ao pescoço, enquanto eu a observava numa angústia muda, e afastou-a devagar. Havia sangue pegajoso, que ainda não secara de todo, nos seus dedos. Ela olhou para os dedos, depois para mim. — Oh, meu Deus — disse. Sentou-se muito direita e senti uma primeira ponta de alívio, apesar do seu rosto horrorizado; se tivesse perdido muito sangue, estaria fraca demais até para aquele gesto.

— Ah, Paul — murmurou.

Sentei-me na beira da cama, peguei-lhe na outra mão e apertei-a.

— Estás completamente acordada? — perguntei. Ela fez que sim com a cabeça. — E sabes onde estás?

— Sei — respondeu, mas em seguida abaixou a cabeça por cima da mão suja de sangue e rompeu em soluços baixos, ásperos, um som horripilante. Nunca a ouvira chorar alto. O som penetrou-me no corpo como uma lufada de ar gelado.

— Estou aqui — consolei-a, e beijei-lhe a mão.

Ela apertou-me os dedos, chorando, depois tentou recompor-se.

— Temos de pensar o que... esse é o meu crucifixo?

É — e levantei-o, observando-a com cuidado, mas, para meu infinito alívio, não houve sinal de repulsa no seu rosto. — Tiraste-o?

— Não, claro que não — ela sacudiu a cabeça e uma lágrima que restava desceu-lhe pela face. — E não me lembro de ter rebentado a corrente. Não acredito que eles... ele... ousasse fazer isto, se a lenda estiver correta. — Enxugou o rosto, mantendo a mão longe da ferida no pescoço. — Devo tê-la rebentado enquanto dormia.

— Acho que sim, considerando o lugar onde o encontrei mostrei-lhe o lugar, no chão. E não te faz sentir... desconfortável... tê-lo perto de ti?

— Não — respondeu, pensativa. — Pelo menos, ainda não. — A frieza daquele ainda não fez-me sustar a respiração.

Ela estendeu a mão e tocou no crucifixo, primeiro hesitante, depois pegou nele. Soltei o ar dos pulmões. Helen suspirou também.

— Adormeci a pensar na minha mãe e num artigo que gostaria de escrever sobre os motivos dos bordados da Transilvânia são famosos, sabes e só acordei agora. — Franzia as sobranceiras. — Tive um sonho mau, mas a minha mãe estava sempre nele, e estava... a espantar um grande pássaro negro. Depois de o ter espantado, inclinou-se para mim e beijou-me na testa, como costumava fazer quando eu era pequena e ia dormir, e vi a marca... — fez uma pausa, como se pensar a fizesse sofrer. — Vi a marca do dragão no ombro dela, mas pareceu-me que era só uma coisa que fazia parte dela, e não algo de terrível. E quando recebi o beijo dela na minha testa, já não tive tanto medo.

Senti uma pontada de um estranho terror, lembrando-me da noite no meu apartamento em que aparentemente mantivera à distância o assassino do meu gato, quando passara a meia-noite lendo sobre as vidas dos mercadores holandeses de que tinha acabado por gostar. Algo protegera Helen, também, pelo menos até certo ponto; fora cruelmente ferida, mas o seu sangue não fora todo sugado. Entreolhámo-nos em silêncio.

— Podia ter sido muito pior — disse ela.

Abricei-a e senti o tremor dos seus ombros sempre tão firmes. Eu também estava a tremer.

— Sim — sussurrei. — Mas temos de te proteger de qualquer outra coisa. — Ela abanou a cabeça, de repente, perplexa.

— E isto é um mosteiro! Não consigo entender. Os mortos-vivos odeiam estes lugares — Apontou para a cruz por cima da porta, o ícone e a lamparina pendurada no canto. — Aqui, diante da Virgem?

— Também não entendo — disse eu, devagar, virando a mão dela dentro da minha. — Mas sabemos que houve monges que viajaram com os restos mortais de Drácula, e que ele provavelmente foi enterrado num mosteiro. Só isso já é um bocado estranho. Helen — e apertei-lhe a mão, — estou a pensar noutra coisa. O bibliotecário americano: ele encontrou-nos em Istambul e depois em Budapeste. Poderá ter-nos seguido até aqui, também? Poderá ter-te atacado a noite passada?

Ela sobressaltou-se.

— Eu sei. Ele mordeu-me uma vez na biblioteca, portanto pode querer-me outra vez, não é? Mas senti intensamente no meu sonho que não era isso, que era uma coisa muito mais poderosa. Mas como é que um deles entraria aqui, mesmo que não tivesse medo de um mosteiro?

— Essa parte é simples — e aponte para a janela mais próxima, que estava ligeiramente entreaberta, a um metro e meio de distância da cama de Helen. — Ah, meu Deus, por que é que te deixei ficar aqui sozinha?

— Eu não estava sozinha — lembrou ela. — Havia mais cinco pessoas a dormir neste quarto comigo. Mas tens razão. Ele pode mudar de forma, como a minha mãe disse. Um morcego, uma névoa...

— Ou um grande pássaro negro.

O sonho dela voltara à minha mente.

— E agora fui mordida duas vezes, ou quase isso — disse ela, como se sonhasse.

— Helen! — sacudi-a. — Nunca mais te vou deixar sozinha, nem por uma hora sequer.

— Nunca mais vou ter uma hora só para mim? — O seu velho sorriso, sarcástico e carinhoso, voltou por um momento.

— E quero que me prometas: se sentires alguma coisa que eu não possa sentir, se sentires que alguma coisa te procura...

— Eu digo-te, Paul, se sentir alguma coisa assim. — Falou com veemência, e a promessa pareceu despertá-la para a ação. — Vem, por favor. Preciso comer qualquer coisa e de um pouco de vinho tinto ou conhaque, se conseguir encontrar. Traz-me uma toalha, aquela, e a bacia: vou lavar o pescoço e enfaixá-lo. — O seu ardente sentido prático era contagiante e obedeci imediatamente. — Mais tarde, vamos à igreja limpar a ferida com água benta, quando ninguém estiver a olhar. Se eu aguentar, podemos ter esperanças. Ora, vejam só — fiquei contente ao ver o seu velho sorriso cínico outra vez —, sempre achei todos esses rituais das igrejas um disparate, e ainda acho.

— Mas pelos vistos ele não acha que sejam um disparate — disse eu, sério.

Ajudei-a a lavar o pescoço com uma esponja, tendo o cuidado de não tocar nas feridas abertas, e fiquei atento à porta enquanto ela se vestia. Ver as feridas de perto foi tão terrível para mim que cheguei a pensar que teria de sair do quarto para dar vazão às minhas lágrimas. No entanto, apesar da fraqueza visível dos seus movimentos, via-lhe a determinação no rosto. Amarrou o lenço do costume ao pescoço e encontrou na bagagem uma fita para pendurar o crucifixo mais forte, esperava eu. Os seus lençóis estavam irremediavelmente manchados, mas apenas em pequenos pontos.

— Vamos deixar os monges pensarem... bem, que houve mulheres na camarata — disse Helen, com a sua maneira direta. — Não será com certeza a primeira vez que terão lavado algum sangue.

Quando saímos da igreja, Ranov estava a andar indolentemente pelo pátio. Apertou o olhos para Helen.

— Acordou muito tarde hoje — disse ele, em tom acusador.

Olhei com atenção para os seus caninos superiores quando ele falou, mas não me pareceram mais pontiagudos que habitualmente. Quando muito, estavam gastos e cinzentos no seu sorriso desagradável.

Tinha achado exasperante a relutância de Ranov em levar-nos a Rila, mas era muito mais preocupante ver o entusiasmo dele em levar-nos a Bachkovo. Durante a viagem de carro, foi apontando todas as vistas possíveis, muitas das quais eram interessantes, apesar dos seus comentários contínuos sobre elas. Helen e eu tentávamos não olhar um para o outro, mas eu sabia que ela sentia a mesma desagradável apreensão que eu. Agora, tínhamos também József com que nos preocupar. A estrada de Plovdiv era estreita e contornava um arroio pedregoso de um lado e penhascos escarpados do outro. Estávamos a avançar aos poucos para as montanhas outra vez na Bulgária, nunca se está longe das montanhas, comentei para Helen, que olhava pela janela do outro lado, no banco de trás do carro de Ranov, e ela concordou.

— *Balkan* é uma palavra turca que significa montanha.

O mosteiro não tinha uma entrada grandiosa saímos simplesmente da estrada para um espaço de terra batida, onde paramos, e percorremos a pé uma pequena distância até ao portão. *Bachkovski manastir* situava-se entre altas colinas áridas, em parte arborizadas e em parte rocha nua, junto ao rio estreito; mesmo no início do Verão, a paisagem já estava seca, e era fácil imaginar como os monges deviam dar valor àquela fonte de água que lhes ficava próxima. Os muros exteriores tinham sido feitos com a mesma pedra de cor parda das colinas que os cercavam. Os telhados do mosteiro eram de telhas de barro iguais às que eu vira na velha casa de Stoichev e em centenas de casas e igrejas que ladeavam as estradas. A entrada para o mosteiro era uma passagem em arco na muralha, tão escura como um buraco no chão.

Podemos entrar? — perguntei a Ranov.

Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro, o que significava sim, e penetramos na fria escuridão do arco.

Avançamos devagar para chegar ao pátio ensolarado e, durante esses segundos dentro da espessa muralha do mosteiro, só se ouvia o ruído dos nossos passos.

Talvez eu esperasse encontrar outro grande espaço público, como o de Rila; a intimidade e a beleza do pátio principal de Bachkovo trouxeram-me um suspiro aos lábios, e Helen também murmurou algo. A igreja do mosteiro ocupava quase todo o pátio, e as suas torres eram vermelhas, angulosas, bizantinas. Não havia cúpulas douradas ali, só uma antiga elegância os materiais mais simples dispostos em formas harmoniosas. Trepadeiras subiam pelas torres da igreja; árvores aninhavam-se nelas; um magnífico cipreste elevava-se como um campanário. Três monges de túnicas negras e chapéus de copa alta conversavam do lado de fora da igreja. As árvores lançavam manchas de sombra no pátio brilhantemente ensolarado e uma brisa suave começava a chegar, fazendo mexer as folhas. Para minha surpresa, galinhas corriam aqui e ali, debicando nas antigas lajes de pedra do pavimento, e um gatinho malhado caçava qualquer coisa numa fenda do muro.

Como em Rila, as paredes interiores do mosteiro eram constituídas de compridas galerias, pedra e madeira. As partes inferiores das paredes de pedra de algumas galerias, assim como o pórtico da igreja, estavam cobertas de frescos desbotados. Além dos três monges, das galinhas e do gatinho, não havia mais ninguém à vista. Estávamos ali sozinhos, sozinhos em Bizâncio.

Ranov dirigiu-se aos monges e começou a conversar com eles enquanto Helen e eu esperávamos. Um momento depois, voltou.

— O abade não está, mas o bibliotecário está aqui e pode ajudar-nos. Não goste daquele nos, mas fiquei calado.

— Podem ver a igreja enquanto vou procurá-lo.

— Nós vamos consigo — disse Helen com firmeza, e seguimos um dos monges entrando nas galerias.

O bibliotecário estava a trabalhar numa sala do piso térreo; levantou-se da sua escrivaninha para nos cumprimentar quando entramos. O espaço estava vazio, à exceção de uma salamandra de ferro e de um tapete colorido no chão. Perguntei-me onde estariam os livros, os manuscritos. Além de uns dois livros na escrivaninha de madeira, não vi qualquer sinal de uma biblioteca ali.

— Este é o irmão Ivan — explicou Ranov.

O monge inclinou-se para nós sem nos estender a mão; na realidade, as suas mãos não se viam, enfiadas nas longas mangas da túnica, que ele mantinha cruzadas sobre o corpo. Ocorreu-me que não quisesse tocar em Helen. O mesmo deve ter ocorrido a Helen, porqu recuou e colocou-se quase atrás de mim. Ranov trocou algumas palavras com ele.

— O irmão Ivan pede que se sentem, por favor.

Sentámo-nos obedientemente. O irmão Ivan tinha um rosto sério e comprido acima da barba, e analisou-nos por uns instantes.

— Podem fazer-lhe perguntas — disse Ranov, incentivando-nos.

Aclarei a garganta. Não havia outra maneira; teríamos de fazer as nossas perguntas em frente de Ranov. Eu tinha de tentar fazê-las parecer puramente académicas.

— Pode perguntar ao irmão Ivan se ele sabe alguma coisa sobre peregrinos vindos da Valáquia para aqui?

Ranov fez a pergunta ao monge e, à menção da palavra *Valáquia*, o rosto do irmão Ivan iluminou-se.

— Ele diz que o mosteiro teve uma ligação importante com a Valáquia, que começou no final do século quinze.

O meu coração começou a bater com força, embora eu tentasse manter-me calmamente sentado.

— Ah, sim? E qual foi essa ligação?

Conferenciaram um pouco mais, o irmão Ivan fazendo um gesto com a mão na direção da porta. Ranov assentiu.

— Ele diz que, nessa época, os príncipes da Valáquia e da Moldávia passaram a dar grande apoio a este mosteiro. Existem manuscritos na biblioteca que comprovam esse apoio.

— Ele sabe a razão por que fizeram isso? — perguntou Helen, em voz baixa. Ranov perguntou ao monge.

— Não — disse ele. — Só sabe que os manuscritos atestam esse apoio.

— Pergunte-lhe — disse eu — se tem conhecimento de algum grupo de peregrinos que tenha vindo da Valáquia para cá mais ou menos nessa época.

O irmão Ivan sorriu.

— Sim transmitiu Ranov, — houve muitos. O mosteiro era uma paragem importante nas rotas de peregrinação da Valáquia. Muitos peregrinos iam daqui para Athos ou para Constantinopla.

Quase rangi os dentes.

Mas um grupo em especial de peregrinos da Valáquia, transportando um... uma espécie de relíquia, ou à procura de uma relíquia. Ele sabe alguma história dessas?

Ranov parecia estar a esforçar-se para conter um sorriso triunfante.

— Não — disse. — Ele não viu nenhum relato de tais peregrinos. Houve muito peregrinos durante aquele século. *Bachkovski manastir* era muito importante então. O patriarca da Bulgária foi exilado aqui do cargo que ocupava em Veliko Trnovo, a antiga capital, quando os Otomanos tomaram o país. Morreu aqui em 1404 e aqui foi sepultado. A parte mais antiga do mosteiro, e a única parte que é original, é o ossário.

Helen falou novamente.

— Pode perguntar-lhe, por favor, se entre os irmãos há um monge que anteriormente se chamava Pondev?

Ranov transmitiu a pergunta e o irmão Ivan pareceu espantado, depois cauteloso.

— Ele diz que deve ser o velho irmão Angel. Chamava Vasil Pondev e foi historiador. Mas já não está... bem da cabeça. Não vão conseguir saber nada se conversarem com ele. O abade é, presentemente, o nosso grande especialista, e é uma pena que esteja ausente agora que estão aqui.

— Ainda assim, gostaríamos de falar com o irmão Angel — disse eu a Ranov.

E assim foi feito, se bem que depois de muito cenho franzido por parte do bibliotecário, que nos levou de volta ao pátio, fulgurante à luz do sol, e através de uma segunda passagem em arco. Desembocamos noutro pátio, que tinha uma construção muito antiga no meio. Esse segundo pátio não estava tão bem cuidado como o primeiro, e tanto os edifícios como o piso de pedra, tinham uma aparência de ruína e abandono. Havia ervas daninhas entre as lajes e vi uma árvore a crescer num canto do telhado; com o tempo, se a deixassem ficar, iria aumentar de tamanho e destruir aquela extremidade da estrutura. Podia imaginar facilmente que restaurar aquela casa de Deus não era a maior prioridade do governo búlgaro. Tinham Rila como montra, com a sua história búlgara "pura" e as suas ligações à rebelião contra os Otomanos. Por sua vez, este lugar antigo, bonito como era,

criara raízes sob os Bizantinos, sob invasores e ocupantes como os últimos otomanos, e fora ainda arménio, georgiano, grego não tínhamos acabado de ouvir que fora também independente sob os Otomanos, ao contrário dos outros mosteiros búlgaros? Não era de admirar que o governo deixasse árvores crescerem nos seus telhados.

O bibliotecário levou-nos a um quarto de esquina.

— A enfermaria — explicou Ranov.

Aquela versão cooperativa de Ranov estava a deixar-me cada vez mais nervoso. C O bibliotecário abriu uma porta de madeira instável e lá dentro vimos uma cena tão patética que nem gosto de a recordar. Dois velhos monges estavam abrigados ali. Toda a mobília do quarto consistia unicamente nos seus catres, uma cadeira de madeira e uma salamandra de ferro; mesmo com a salamandra, o local devia ser extremamente frio durante os invernos na montanha. O chão era de pedra, as paredes caiadas de branco e nuas, à exceção de um altar a um canto: uma lamparina pendurada, uma prateleira profusamente esculpida, um ícone desbotado da Virgem.

Um dos velhos estava deitado na cama estreita e não olhou para nós quando entramos. Após um momento, vi que os seus olhos estavam permanentemente fechados, inchados e vermelhos, e que o homem virava o queixo de vez em quando como se tentasse ver com ele. Estava quase todo coberto com um lençol branco, uma das mãos a tatear na beira da cama, parecendo procurar o limite do espaço, o ponto onde poderia cair se não tomasse cuidado, enquanto a outra mão remexia na pele flácida do seu próprio pescoço.

O residente mais funcional do quarto encontrava-se sentado na única cadeira, um cajado encostado à parede perto dele, como se a sua viagem do catre para a cadeira tivesse sido longa. Estava vestido com uma túnica negra, que lhe caía sem o cinto sobre a barriga protuberante. Os olhos estavam abertos, imensamente azuis, e voltaram-se para nós com uma expressão interrogativa quando entramos. O cabelo e as suíças projetavam-se como um matagal branco em torno dele, e tinha a cabeça descoberta. De certa forma, isto fazia-o parecer mais doente e anómalo do que qualquer outra coisa, aquela cabeça descoberta num mundo em que todos os monges usavam constantemente os seus chapéus altos e negros. Aquele monge de cabeça nua poderia ter servido de modelo para a ilustração de um profeta numa Bíblia do século dezanove, exceto pelo fato de a sua expressão ser tudo menos visionária. Franzi o grande nariz para cima, como se cheirássemos mal, mastigava os cantos da boca e apertava e arregalava os olhos constantemente. Não sabia dizer se ele parecia assustador, sarcástico ou diabolicamente divertido, porque a sua expressão mudava constantemente. O corpo e as mãos repousavam na cadeira gasta, como se todos os movimentos que pudessem fazer fossem sugados para cima pelos espasmos do rosto. Desviei o olhar.

Ranov falava com o bibliotecário, que gesticulava apontando para o quarto.

— O homem na cadeira é Pondev — declarou Ranov, categórico. — O bibliotecário avisa que não esperemos dele um discurso muito normal.

Ranov aproximou-se do monge com cuidado, como se o irmão Angel pudesse morder e encarou-o. O irmão Angel Pondev — girou a cabeça para olhar para ele, um gesto que imitava o de um animal numa jaula do jardim zoológico. Ranov parecia estar a tentar fazer apresentações, e, segundos depois, os olhos surrealmente azuis do irmão Angel vaguearam pelos nossos rostos. O dele contraía-se e contorcia-se. Então falou, e as palavras vieram em tropel, seguidas de um emaranhado rangente de sons, um grunhido. Uma das suas mãos ergueu-se no ar e fez um sinal que tanto poderia ser uma cruz como uma tentativa de nos manter à distância.

— O que está ele a dizer? — perguntei a Ranov em voz baixa.

— Só disparates — respondeu Ranov, interessado. — Nunca ouvi nada assim. Parecem ser orações, em parte, alguma superstição da liturgia deles, e em parte algo sobre o sistema de elétricos de Sofia.

— Pode tentar fazer-lhe uma pergunta? Diga-lhe que somos historiadores como ele e que queremos saber se um grupo de peregrinos veio da Valáquia para cá passando por Constantinopla no final do século quinze, trazendo uma relíquia sagrada.

Ranov encolheu os ombros, mas fez a tentativa, e o irmão Angel respondeu com um rosnado de sílabas, sacudindo a cabeça. Aquilo queria dizer sim ou não? perguntei a mim mesmo.

— Mais disparates — observou Ranov. — Desta vez, é alguma coisa sobre a invasão de Constantinopla pelos Turcos; portanto, pelo menos isso ele compreendeu.

De repente, os olhos do ancião clarearam, como se o seu foco cristalino reconhecesse a nossa presença pela primeira vez. No meio do bizarro fluxo de sons seria de fato um idioma?, ouvi distintamente o nome *Atanas Angelov*.

— Angelov! — exclamei, falando diretamente com o velho monge. — O senhor conheceu Atanas Angelov? Lembra-se de ter trabalhado com ele?

Ranov ouvia com atenção.

— Os disparates continuam, em geral, mas vou tentar transmitir-lhes o que ele está a dizer. Ouçam bem.

Começou a traduzir, rápida e desapaixonadamente; por muito que não gostasse dele, tive de admirar a sua habilidade.

"Trabalhei com Atanas Angelov. Há anos, séculos, talvez. Ele era maluco. Apagu aquela luz ali, incomoda as minhas pernas. Ele queria saber tudo sobre o passado, mas o passado não quer que o conheçamos. Ele diz não não, não. O passado levanta-se e insulta-nos. Eu queria apanhar o número onze, mas esse já não passa no nosso bairro. De qualquer maneira, o camarada Dimitrov cancelou o pagamento que íamos receber, para bem do povo. Bom povo."

Ranov parou para tomar fôlego, e nesse meio tempo devemos ter perdido alguma coisa, porque o fluxo de palavras continuou. O velho ainda estava imóvel do pescoço para baixo na sua cadeira, mas abanava a cabeça e contraía o rosto.

— "Angelov encontrou um lugar perigoso, encontrou um lugar chamado Sveti Georgi ele ouviu a cantoria. Foi onde enterraram um santo e dançaram sobre o seu túmulo. Posso oferecer-lhe café, mas é só trigo moído, uma porcaria. Nem pão temos."

Ajoelhei-me diante do velho monge e segurei-lhe na mão, embora Helen fizesse menção de me deter. A mão dele estava mole como um peixe morto, branca e inchada, as unhas amareladas e grotescamente compridas.

— Onde é Sveti Georgi? — supliquei. Tive a sensação de que no minuto seguinte poderia começar a chorar, na frente de Ranov e Helen e daquelas duas criaturas dessecadas na sua prisão.

Ranov agachou-se ao meu lado, tentando captar os olhos errantes do monge.

— *K de e Sveti Georgi?*

Mas o irmão Angel fora outra vez atrás do seu olhar perdido para outro mundo distante.

"Angelov foi para o Athos e viu *otypikon*, foi para as montanhas e encontrou o lugar terrível. Eu apanhava o número onze para ir para o apartamento dele. Ele disse: "Venha depressa, encontrei uma coisa. Vou voltar lá para desenterrar o passado." Eu dava-vos café, mas é intragável. Oh, oh, ele estava morto no seu quarto, e depois o corpo dele não estava no necrotério."

O irmão Angel abriu um sorriso que me fez recuar. Tinha dois dentes e as suas gengivas estavam deformadas. O bafo que saiu da sua boca teria morto o próprio demônio. Começou a cantar numa voz alta e trêmula.

*O dragão desceu ao nosso vale
E queimou as colheitas e tomou as donzelas,
E assustou o turco infiel e protegeu as nossas aldeias
O seu sopro secou os rios e nós atravessámo-los a pé*

Quando Ranov acabou de traduzir, o irmão Ivan, o bibliotecário, falou com uma certa animação. Ainda conservava as mãos dentro das mangas, mas o rosto estava cheio de vivacidade e interesse.

— O que está ele a dizer? — perguntei depressa. Ranov sacudiu a cabeça.

— Ele diz que já ouviu essa canção antes. Ouviu-a a uma velha na aldeia de Dimov, chamada Baba Yanka, que é uma grande cantora lá, onde o rio secou há muito tempo. Têm várias festividades nessa aldeia, onde cantam essas velhas canções, e ela é a líder dos cantores. Uma dessas festas vai acontecer daqui a dois dias, a festa de S. Petko, talvez queiram ir ouvi-la.

— Mais canções folclóricas — resmunguei — Por favor, pergunte ao senhor Pondev ao irmão Angel se sabe o que essa canção significa.

Ranov fez a pergunta com considerável paciência, mas o irmão Angel ficou a fazer caretas e a contrair o rosto sem dizer nada.

Depois de um momento, o silêncio levou-me ao mais fundo dos meus sentimentos.

— Pergunte-lhe se sabe alguma coisa sobre Vlad Drácula. — gritei. — Vlad Tepes. Ele está enterrado nesta região? Já ouviu esse nome alguma vez? O nome *Drácula*?

Helen segurou-me o braço, mas eu estava fora de mim. O bibliotecário olhou-me fixamente, apesar de não parecer alarmado, e Ranov lançou-me o que poderia ser considerado um olhar de pena, se eu quisesse prestar-lhe atenção.

Mas o efeito em Pondev foi impressionante. Ficou muito pálido, os olhos giraram na órbitas como dois grandes berlindes azuis. O irmão Ivan precipitou-se para a frente e agarrou-o quando ele escorregou da cadeira, e ele e Ranov esforçaram-se para o levarem para a cama. Ele formava um volume desajeitado, com os pés brancos inchados a saírem da roupa de cama, os braços a pender em volta do pescoço de ambos. Quando conseguiram deitá-lo, o bibliotecário tirou água de uma jarra e deitou um pouco no rosto do pobre homem. Eu estava consternado, não tivera a intenção de causar tanta angústia, e talvez tivesse morto uma das nossas únicas fontes de informação que restavam. Depois de um momento interminável, o irmão Angel mexeu-se e abriu os olhos, mas agora eram olhos desvairados, vigilantes como os de um animal acuado, e percorriam o quarto, vacilantes, cheios de terror, como se não nos vissem. O bibliotecário afagou-lhe o peito e tentou acomodá-lo com mais conforto na cama, mas o ancião empurrou-lhe as mãos, tremendo.

— Vamos deixá-lo — disse Ranov, sombrio. — Ele não vai morrer. Disto, pelo menos.

Saímos do quarto atrás do bibliotecário, calados e preocupados.

— Sinto muito — disse eu, na claridade tranquilizadora do pátio. Helen dirigiu-se a Ranov:

— Pode perguntar ao bibliotecário se ele sabe mais alguma coisa sobre aquela canção, ou de que vale é oriunda?

Ranov e o bibliotecário conferenciaram, o bibliotecário lançando-nos olhares rápidos.

— Ele diz que a canção vem de Krasna Polyana, o vale que fica do outro lado desta montanha, na direção noroeste. Podem ir com ele à festa do santo dentro de dois dias, se quiserem ficar aqui. Pode ser que a velha cantora saiba alguma coisa sobre essa canção. No mínimo, poderá dizer onde a aprendeu.

— Achas que podia ser útil? — murmurei a Helen. Ela olhou para mim com um ar sensato.

— Não sei, mas é tudo o que temos. Já que menciona um dragão, devíamos verificar. Entretanto, podemos explorar Bachkovo de alto a baixo, e talvez usar a biblioteca, se este bibliotecário nos ajudar.

Sentei-me, desalentado, num banco de pedra ao fundo da galeria.

— Está bem — concordei.

Setembro de 1962
Minha querida filha

Maldito Inglês! Mas quando tento escrever-te em Húngaro, umas poucas frases, sei d imediato que não estás a ouvir. Tu estás a crescer em Inglês. O teu pai, que pensa que morri, fala contigo em Inglês quando te põe aos ombros. Fala Inglês contigo quando te calça os sapatos já deves usar sapatos a sério há anos e fala Inglês quando te agarra a mão para passear no parque. No entanto, se falo contigo em Inglês, tenho a impressão de que não consegues ouvir-me. Não t escrevo há muito tempo porque não conseguia ouvir-te a aprender em língua nenhuma. Sei que o teu pai pensa que morri porque nunca tentou encontrar-me. Se tivesse tentado, teria conseguido. Mas ele não consegue ouvir-me em língua nenhuma

A tua mãe que te adora, Helen

Maio de 1963
Minha querida filha

Não sei quantas vezes te expliquei em silêncio que, nos primeiros meses, tu e eu fomos muito felizes juntas. Ver-te acordar do teu sono, as tuas mãos a mexerem-se antes que qualquer outra parte de ti despertasse, as tuas pestanas escuras a palpitarem em seguida e depois o teu espreguiçar, o teu sorriso, enchia-me completamente o coração. Então, alguma coisa aconteceu. Não era nada fora de mim, nem uma ameaça externa a ti. Era dentro de mim. Comecei a procurar constantemente no teu corpo perfeito algum sinal preocupante. Mas o mal estava em mim, muito antes desta ferida no meu pescoço, e nunca iria sarar completamente. Passei a ter medo de te tocar, meu anjo perfeito

A tua mãe que te adora, Helen

Julho de 1963
Minha querida filha:

Hoje, tenho a impressão de que sinto a tua falta mais do que nunca. Estou nos arquivos universitários de Roma. Já aqui estive sete vezes nos últimos dois anos. Os guardas conhecem-me, os arquivistas conhecem-me, o empregado do café do outro lado da rua conhece-me, e gostaria de me conhecer melhor se eu não lhe virasse as costas com frieza, fingindo que não noto o interesse dele. Este arquivo contém registros de uma peste de 1517, cujas vítimas apresentavam apenas uma chaga, um ferimento vermelho no pescoço. O Papa ordenou que fossem enterradas com estacas cravadas no coração e alho dentro da boca. Em 1517. Estou a tentar fazer um mapa dos movimentos dele através dos tempos ou já que é impossível saber a diferença, os movimentos dos seus sercos. Esse mapa, na verdade uma lista no meu caderno de anotações, já enche muitas páginas. Mas ainda não sei como vou usá-lo. Enquanto trabalho, estou à espera de tentar descobrir.

A tua mãe que te adora, Helen

Setembro de 1963

Minha querida filha:

Estou prestes, ou quase, a desistir e a voltar para ti. O teu aniversário é este mês. Como posso perder outro aniversário teu? Voltaria para ti imediatamente, mas sei que, se o fizer, vai acontecer a mesma coisa. Vou sentir a minha impureza, como senti há seis anos vou sentir o horror dessa impureza, vou ver a tua perfeição. Como posso ficar perto de ti, sabendo que estou maculada? Que direito tenho de tocar na tua face macia?

A tua mãe que te adora, Helen

Outubro de 1963

Minha querida filha:

Estou em Assis. Estas extraordinárias igrejas e capelas, subindo a colina, dão-me uma sensação de desespero. Podíamos ter vindo aqui, tu com o teu vestidinho e o teu chapéu, e eu, e o teu pai, os três de mãos dadas, como turistas. Em vez disso, estou a trabalhar no meio do po de uma biblioteca monástica, a ler um documento de 1603. Dois monges morreram aqui em Dezembro desse ano. Foram encontrados caídos na neve com as gargantas só ligeiramente feridas. O meu latim ainda resiste muito bem, e o meu dinheiro compra toda a ajuda de que preciso para interpretar, traduzir, lavar a minha roupa. Serve também para comprar vistos, passaportes, bilhetes de comboio, um bilhete de identidade falso. Nunca tive dinheiro quando estava a crescer. A minha mãe, na aldeia, mal sabia o que isso era. Agora estou a aprender que o dinheiro compra tudo. Não, nem tudo. Nem tudo o que quero.

A tua mãe que te adora, Helen

Aqueles dois dias passados em Bachkovo foram dos mais compridos da minha vida. Por mim, teria corrido para a tal festa imediatamente, queria que estivesse a acontecer naquele exato momento, para podermos tentar seguir aquela única palavra da cantiga dragão até ao seu antro. Também receava o momento que, pensava eu, chegaria inevitavelmente, quando também essa pista se dissipasse como fumo ou acabasse por não se relacionar com coisa nenhuma. Helen já me advertira de que as canções folclóricas eram notoriamente ardilosas neste sentido; as suas origens costumavam perder-se nos séculos, as suas letras mudavam e evoluíam, os seus cantores raramente sabiam de onde ou de que época datavam.

— É o que faz delas canções folclóricas — resumiu, melancólica, alisando o colarinho da minha camisa enquanto estávamos sentados no pátio, no nosso segundo dia no mosteiro.

Ela não era dada a pequenas carícias domésticas como aquela, portanto deduzi que devia estar preocupada. Os olhos ardiam-me e a cabeça doía-me quando olhava em volta para o chão de seixos rolados batidos pelo sol onde as galinhas debicavam. Era um lugar lindo, raro e, para mim, exótico, e ali estávamos nós vendo a sua vida fluir como sempre desde o século onze: as galinhas procuravam insetos para comer, o gatinho rebolava aos nossos pés, a luminosidade brilhante pulsava no primoroso trabalho de cantaria em vermelho e branco que nos rodeava. Eu já quase não conseguia aperceber-me da sua beleza.

Na segunda manhã, acordei muito cedo. Pareceu-me que talvez tivesse ouvido os sinos da igreja a tocar, mas não conseguia decidir se isso tinha feito parte do meu sonho. Da janela de minha cela, com a sua cortina tosca, vi quatro ou cinco monges a caminho da igreja. Vesti as minhas roupas. — Meu Deus, estavam um bocado sujas, mas não podia preocupar-me com a lavagem de roupas e descí sem fazer barulho as escadas da galeria para o pátio. Era mesmo muito cedo, ainda madrugada lá fora, e a Lua estava a desaparecer por cima das montanhas. Por um momento, pensei em entrar na igreja e parei junto da porta, que estava aberta; de dentro, derramava-se a luz das velas e um cheiro a cera e incenso a arder, e o interior do santuário, que me parecera profundamente escuro ao meio-dia, estava aconchegante e caloroso àquela hora. Ouvi os monges entoarem os seus cânticos. A melancolia ondulante do som penetrou no meu coração como uma adaga. Os monges deviam estar a fazer exatamente o mesmo na penumbra de uma certa manhã em 1477, quando os irmãos Kiril e Stefan e os outros monges deixaram para trás os túmulos dos seus amigos mortos estariam no ossário? E partiram através das montanhas, protegendo o tesouro na sua carroça. Mas que direção teriam tomado? Virei-me para leste, depois para oeste — onde a Lua desaparecia muito depressa, e então para sul. Uma brisa começara a agitar de leve as folhas das tília e, minutos depois, vi os primeiros raios de sol alcançarem as encostas distantes e o alto dos muros do mosteiro. Então, atrasado, um galo cantou algures

nos confins do mosteiro. Aquele teria sido um momento de intenso prazer, o tipo de imersão na história com que sempre sonhei, se tivesse ânimo para isso. Dei comigo a virar-me devagar, forçando-me a adivinhar para que direção seguira o irmão Kiril. Num lugar qualquer havia talvez uma tumba cuja localização se perdera há tanto tempo que até o conhecimento dela desaparecera. Podia estar a um dia de viagem a pé, ou três horas, ou uma semana. "Não muito mais longe e sem incidentes", dissera Zacharias. Quão longe seria "não muito mais longe"? Aonde eles teriam ido? A terra estava agora a despertar aquelas montanhas e os seus bosques, os seus afloramentos de rocha cobertos de pó, o pátio de seixos rolados aos meus pés, a quinta e os prados do mosteiro, mas guardava o seu segredo.

Cerca das nove horas da manhã, partimos no carro de Ranov, tendo o irmão Ivar como co-piloto no banco da frente. Tomamos a estrada ao longo do rio durante perto de dez quilómetros, e depois o rio pareceu desaparecer e a estrada acompanhou um comprido vale seco que serpenteava abruptamente em torno das colinas. A vista daquela paisagem agitou alguma coisa na minha memória. Dei uma leve cotovelada a Helen e ela olhou para mim com ar interrogador.

— Helen, o vale do rio.

O seu rosto desanuviou-se e ela deu uma pancadinha no ombro de Ranov.

— Pergunte ao irmão para onde foi o rio. Atravessamo-lo em algum lugar? — Ranov falou com o irmão Ivan sem se virar e transmitiu-nos a resposta.

— Ele diz que o rio secou aqui. Está atrás de nós agora, onde atravessamos a última ponte. Aqui era o vale do rio há muito tempo, mas já não há água no vale.

Helen e eu entreolhamo-nos em silêncio. À nossa frente, no final do vale, avistei dois picos agudos salientando-se das colinas, duas montanhas solitárias parecidas com asas angulosas. E entre elas, ainda distantes, víamos as torres de uma pequena igreja. Subitamente, Helen agarrou a minha mão com toda a força.

Minutos depois, enveredamos por uma estrada de terra batida por dentro de amplas colinas, seguindo uma placa para uma aldeia a que chamarei Dimovo. Em seguida, a estrada ficou mais estreita e Ranov parou o carro em frente da igreja, apesar de Dimovo não estar à vista.

— A igreja de Sveti Petko, o Mártir, era muito pequena — uma capela revestida de estuque e gasta pelo tempo — e erguia-se sozinha num prado onde devia ter havido uma ceifa tardia. Dois carvalhos retorcidos formavam um abrigo por cima dela e ao lado comprimia-se um cemitério de um tipo que eu ainda não vira túmulos de camponeses, alguns datados do século dezoito, como explicou Ranov cheio de orgulho.

— Isto é tradicional, há muitos lugares como este, onde os trabalhadores rurais ainda hoje são enterrados.

Os marcos das sepulturas eram de pedra ou de madeira com uma cobertura triangular no cimo, e muitas tinham pequenas lamparinas colocadas na base.

— O irmão Ivan disse que a cerimônia não vai começar antes das onze e meia — disse

Ranov enquanto andávamos por ali. — Estão agora a preparar a igreja. Ele vai levar-nos a visitar Baba Yanka primeiro, depois voltamos para assistir a tudo.

Ele olhou intensamente para nós, como se quisesse verificar o que nos interessava mais.

— O que está a acontecer ali?

Apontei para um grupo de homens a trabalhar no campo junto à igreja. Alguns estavam a arrastar madeira troncos e grandes ramos e a fazer uma pilha, enquanto outros dispunham tijolos e pedras em volta dela. Já tinham recolhido um vasto arsenal da floresta.

— O irmão Ivan diz que é para a fogueira. Não me tinha apercebido, mas vai haver o ritual de caminhar sobre o fogo.

— Caminhar sobre o fogo! — exclamou Helen.

— Sim — disse Ranov, inexpressivo. — Conhece esse costume? É raro na Bulgária nesta era moderna, e mais raro ainda nesta parte do país. Só ouvi falar deste ritual na região do mar Negro. Mas esta é uma região pobre e supersticiosa que o Partido ainda está a trabalhar para desenvolver. Não tenho dúvidas de que estas coisas acabarão por ser eliminadas.

— Já ouvi falar disso — Helen voltou-se entusiasmada para mim. — Era um costume pagão e tornou-se cristão nos Balcãs quando as pessoas se converteram. Em geral, é mais dançar do que caminhar. Estou muito contente por saber que vamos assistir a uma coisa dessas.

Ranov encolheu os ombros e conduziu-nos para a igreja, mas não sem antes eu ter visto um dos homens que trabalhavam perto do bosque inclinar-se e acender a pilha de lenha. O fogo pegou depressa, uma labareda subiu, depois espalhou-se e começou a rugir. A lenha estava seca e as chamas depressa atingiram o alto da pilha, fazendo todos os galhos faiscar. Até Ranov parou. Os homens que tinham preparado a fogueira recuaram uns passos, depois mais outros, e ficaram parados a limpar as mãos nas calças. Subitamente, o fogo cresceu de vez, vivo. As chamas eram quase tão altas como o telhado da igreja próxima, apesar de estarem a uma distância segura. Contemplamos o fogo a devorar aquela enorme refeição até que Ranov se virou e recomeçou a andar.

— Vão deixá-la arder e apagar-se durante as próximas horas — disse ele. — Nem os mais supersticiosos dançariam ali agora.

Quando entramos na igreja, um homem novo, aparentemente o padre, adiantou-se para nos cumprimentar. Apertou-nos a mão com um sorriso agradável e ele e o irmão Ivan curvaram-se cordialmente um para o outro.

— Ele diz que é uma honra tê-los aqui para o dia do seu santo — transmitiu Ranov com uma certa secura.

— Diga-lhe que é uma honra para nós poder assistir à festa. Pode perguntar-lhe quem é Sveti Petko?

O padre explicou que se tratava de um mártir local, morto pelos Turcos durante a ocupação por se recusar a abdicar da sua fé. Sveti Petko foi o padre de uma igreja anterior

que havia naquele local e que os Turcos queimaram e, mesmo depois de a sua igreja ter sido destruída, negou-se a aceitar a fé muçulmana. Esta igreja foi construída mais tarde e as relíquias dele foram sepultadas na antiga cripta. Naquele dia, muita gente viria ajoelhar-se ali. O seu ícone e dois outros de grande poder seriam transportados em procissão em volta da igreja e através do fogo. Ali estava Sveti Petko, pintado na fachada da igreja e apontou para um fresco desbotado atrás dele, que mostrava um rosto barbado não muito diferente do seu. Devíamos voltar para visitar a igreja quando ele tivesse acabado todos os preparativos. Éramos bem-vindos para assistir a toda a cerimónia e receber a bênção de Sveti Petko. Não seríamos os primeiros peregrinos de outras terras que tinham vindo até ele e recebido alívio de doenças e dores. O padre sorriu-nos docemente.

Por intermédio de Ranov, perguntei-lhe se já ouvira falar de um mosteiro chamado Sveti Georgi. Ele balançou a cabeça.

— O mosteiro mais próximo é *Bachkovski* — respondeu. — De vez em quando, ao longo dos anos, monges de outros mosteiros também vinham aqui em peregrinação; mas isso foi há muito tempo.

A minha interpretação era que as peregrinações tinham provavelmente cessado desde o domínio comunista, e tomei nota mentalmente para fazer a pergunta a Stoichev quando voltássemos para Sofia.

— Vou pedir-lhe que procure Baba Yanka — disse Ranov depois de um momento.

O padre sabia exatamente qual era a casa dela. Explicou que gostaria de ir conosco, mas a igreja ficara fechada durante meses ele só ali vinha nas festividades e, portanto, ele e o seu auxiliar tinham muito que fazer.

A aldeia situava-se numa depressão do terreno mesmo por trás do prado onde ficava a igreja, e era a comunidade mais pequena que eu já vira desde que chegara ao Bloco Oriental: não mais de quinze casas agrupadas quase medrosamente juntas, com macieiras e hortas verdejantes nas cercanias, caminhos de terra apenas suficientemente largos para deixar passar uma carroça, um poço antigo com um poste de madeira e um balde pendurado nele. A absoluta ausência de modernidade impressionou-me, e vi-me a esquadrinhar tudo à procura de sinais do século vinte. Tudo indicava que este século não estava a decorrer ali. Senti-me quase traído quando vi um balde de plástico branco no quintal de uma das casas de pedra. Aquelas casas pareciam ter crescido em cima das pilhas de pedra cinzenta, os andares de cima feitos de alvenaria como se resultassem de uma reflexão posterior, os telhados de finas e lisas telhas de ardósia. Algumas delas exibiam belas estruturas antigas de madeira aparente entre os vãos de alvenaria, que ficariam perfeitamente adequadas numa aldeia de estilo Tudor.

Quando entramos na única rua de Dimovo, as pessoas começaram a sair das suas casas e celeiros para nos cumprimentar na maior parte, anciãos, muitos incredivelmente deformados pelo trabalho duro, as mulheres de pernas grotescamente arqueadas, os homens curvados como se carregassem perpetuamente um saco invisível de qualquer coisa

pesada. Os seus rostos eram morenos, com bochechas coradas sorriam e davam as boas-vindas, e eu via de relance as gengivas sem dentes ou as obturações de metal a brilhar-lhe nas bocas. Pelo menos, tinham acesso a algum tratamento dentário, pensei, ainda que fosse difícil imaginar onde e como. Alguns adiantaram-se para se curvarem para o irmão Ivan, ele abençoou-os e parecia estar a fazer-lhes perguntas a respeito deles. Andamos até à casa de Baba Yanka no meio de uma pequena multidão, cujos membros mais novos deviam ter setenta anos, embora Helen me dissesse mais tarde que esses camponeses teriam talvez vinte anos menos do que aparentavam.

A casa de Baba Yanka era muito pequena, quase uma cabana, e apoiava-se pesadamente num pequeno palheiro. Ela própria viera à porta da frente para ver o que estava a acontecer; o que primeiro notei nela foi a mancha viva do seu lenço de cabeça estampado de flores vermelhas, depois o seu corpete e o avental às riscas. Ela olhou para nós e alguns do aldeões gritaram o seu nome, o que a fez balançar rapidamente a cabeça. A pele do rosto dela era cor de mogno, tinha o nariz e o queixo pontiagudos, e os olhos à medida que chegávamos mais perto dela pareciam ser castanhos, mas estavam escondidos nas dobras das rugas.

Ranov gritou-lhe qualquer coisa eu só podia esperar que não fosse nada de autoritário ou desrespeitoso e, depois de nos examinar durante uns instantes, fechou a porta de madeira. Esperamos em silêncio do lado de fora e, quando ela a abriu novamente, verifiquei que não era tão baixinha como eu imaginara; chegava solidamente ao ombro de Helen e os seus olhos eram alegres no rosto cauteloso. Beijou a mão do irmão Ivan e trocamos apertos de mão com ela, o que a princípio pareceu embaraçá-la. Depois, enxotou-nos para dentro da casa como se fôssemos um bando de galinhas.

A casa era muito pobre por dentro, mas limpa, e reparei com uma ponta de simpatia que ela a enfeitara com uma jarra de flores silvestres frescas, colocada sobre a mesa riscada mas imaculada. A casa da mãe de Helen era uma mansão comparada com aquele aposento arrumado e decrépito, com uma escada para o piso superior pregada numa parede. Perguntei-me durante quanto tempo ainda Baba Yanka conseguiria usar a escada, mas ela movimentava-se pela casa com tanta energia que, gradualmente, comecei a compreender que não era de fato velha. Fiz esse comentário em voz baixa a Helen, que concordou.

— Deve ter uns cinquenta anos — respondeu ela.

Fiquei impressionado. A minha mãe, em Boston, tinha cinquenta e dois anos, e poderia passar por neta daquela mulher. As mãos de Baba Yanka eram tão nodosas como os seus pés eram ligeiros; observei-a a trazer pratos cobertos com panos e a colocar copos à nossa frente e imaginei o que teria feito com aquelas mãos a vida inteira para ficarem daquela maneira. Abatido árvores, talvez, cortado lenha, trabalhado nas colheitas, ao frio e ao calor. Deu uma ou duas olhadelas para nós enquanto trabalhava, cada uma acompanhada de um rápido sorriso, e por fim serviu-nos uma bebida — uma coisa branca e espessa que Ranov engoliu de um trago, sacudindo a cabeça para ela e limpando a boca com o lenço. Eu fiz o mesmo e

a bebida quase me matou; era morna e sabia nitidamente a estábulo. Fiz um esforço para esconder as náuseas enquanto Baba Yanka me piscava o olho. Helen bebeu a sua dose com dignidade e Baba Yanka afagou-lhe a mão.

— Leite de ovelha misturado com água — esclareceu Helen. — Pensa nisso como um batido de leite.

— Agora, vou pedir-lhe para cantar — disse-nos Ranov. — É isso que querem, não é?

Conferenciou com o irmão Ivan, que se dirigiu a Baba Yanka. A mulher recusou-se sacudindo a cabeça desesperadamente. Não, não ia cantar; não queria, era evidente. Fez um gesto na nossa direção e pôs as mãos debaixo do avental. Mas o irmão Ivan era persistente.

— Vamos pedir-lhe para cantar primeiro o que quiser — explicou Ranov. — Depois podem pedir a canção que vos interessa.

Baba Yanka parecia ter-se resignado, e interroguei-me se todo aquele protesto não teria sido um ritual de modéstia, porque ela já estava a sorrir de novo. Suspirou, depois levantou os ombros sob a blusa bastante usada de flores vermelhas. Olhou para nós muito séria e abriu a boca. O som que saiu de lá era espantoso; antes de tudo, era espantosamente alto, tanto que todos os copos chocalharam sobre a mesa e as pessoas do lado de fora da porta aberta, metade da aldeia devia estar ali reunida puseram as cabeças para dentro. Vibrava das paredes e sob os nossos pés, e fazia as réstias de cebolas e pimentos balançarem por cima do fogão velho. Segurei a mão de Helen às escondidas. Primeiro, uma nota atingiu-nos depois outra, cada uma longa e lenta, cada uma um lamento de saudade e desesperança. Lembrei-me da donzela que preferira saltar do alto de um penhasco a ser levada para o harém do paxá e imaginei que aquele fosse um tema semelhante. Baba Yanka, entretanto, sorria a cada nota, aspirando enormes quantidades de ar e sorrindo, exultante, para nós. Ouvimos num silêncio atordoados até que ela de repente acabou; a última nota pareceu perdurar muito tempo na casa pequenina.

— Por favor, peça-lhe para nos repetir a letra da música — disse Helen. Com um certo esforço aparente que não diminuiu o seu sorriso, Baba

Yanka recitou a letra da canção e Ranov traduziu.

*O herói estava a morrer no alto da verde montanha,
O herói estava a morrer com nove feridas no corpo.
Ó falcão, voa até ele e diz-lhe que os seus homens estão salvos,
Salvos nas montanhas, todos os seus homens.
O herói tinha nove feridas no corpo
Mas foi a décima que o matou.*

Quando terminou, Baba Yanka esclareceu um ou outro ponto com Ranov, ainda a sorrir e sacudindo um dedo para ele. Tive a sensação de que ela lhe daria umas palmadas e o mandaria dormir sem jantar se ele fizesse alguma coisa errada na sua casa.

— Pergunte-lhe se a canção é muito antiga — pediu Helen — e onde a aprendeu.

Ranov fez a pergunta e Baba Yanka explodiu em gargalhadas, fazendo um gesto por cima do ombro, acenando com as mãos. Ranov chegou mesmo a sorrir.

— Ela diz que a canção é velha como as montanhas e nem a sua bisavó sabia quão velha era. Aprendeu-a com a bisavó, que viveu até aos noventa e três anos.

Em seguida, Baba Yanka quis fazer-nos perguntas. Quando fixou os olhos em nós, v que eram maravilhosos, amendoados, sob o desgaste do sol e do vento, e castanhodourados, quase cor de âmbar, mais claros sob o vermelho do lenço. Sacudiu a cabeça, incrédula, quando soube que éramos da América.

— *Amérika?* — Pareceu ponderar. — Isso deve ser para lá da montanha.

— Ela é uma velha muito ignorante — comentou Ranov. — O governo está a fazer o melhor que pode para elevar o padrão de educação aqui. É uma prioridade importante.

Helen tinha pegado num papel e depois agarrou na mão da mulher.

— Pergunte-lhe se conhece uma canção com esta letra. Vai ter de lha traduzir. "*O dragão desceu ao nosso vale. E queimou as colheitas e tomou as donzelas.*"

Ranov traduziu as palavras para Baba Yanka. Ela ouviu, atenta, por um momento, mas depois o seu rosto contraiu-se de medo e desagrado; recuou na cadeira de madeira e fez rapidamente o sinal da cruz.

— *Ne!* disse com veemência, tirando a mão da mão de Helen. — *Ne, ne.*

Ranov encolheu os ombros.

— Vocês compreenderam. Ela não a conhece.

— É claro que conhece — disse eu, baixo. — Pergunte-lhe por que está com medo de nos falar sobre isso.

Desta vez, o rosto da mulher assumiu um ar severo.

— Ela não quer falar sobre isso disse Ranov.

— Diga-lhe que lhe daremos uma recompensa.

As sobranceiras de Ranov ergueram-se outra vez, mas apresentou a proposta a Baba Yanka.

— Ela diz que temos de fechar a porta. — Ranov levantou-se e fechou sem ruído as portas e as janelas de madeira, isolando-nos dos espectadores na rua. — Ela vai cantar agora.

Não podia haver maior contraste entre o desempenho de Baba Yanka da primeira canção e o da segunda. Tínhamos a impressão de que ela se encolhia na cadeira, baixando-se no assento e olhando para o chão. O seu sorriso jovial desaparecera e os seus olhos ambarinos estavam fixos nos nossos pés. A melodia que produzia era certamente melancólica, embora a última frase da estrofe parecesse terminar numa nota de desafio. Ranov traduziu meticulosamente. Por que razão, perguntei-me de novo, estaria a ser tão colaborante?

*O dragão desceu ao nosso vale.
E queimou as colheitas e tomou as donzelas,
E assustou o turco infiel e protegeu as nossas aldeias.
O seu sopro secou os rios e nós atravessámo-los a pé.
Agora, temos de nos defender.
O dragão era o nosso protetor,
Mas agora defendemo-nos dele.*

— Bem — disse Ranov. — Não é o que queriam ouvir?

— Sim — Helen acariciou a mão de Baba Yanka e a velha começou a falar em tom de repreensão. — Pergunte-lhe de onde é esta canção e por que motivo ela a receia tanto — pediu Helen.

Ranov precisou de alguns minutos para se desvincular das queixas de Baba Yanka.

— Ela aprendeu esta canção em segredo com a bisavó, que lhe disse para nunca a cantar depois de escurecer. É uma canção que traz má sorte. Não parece, mas é. Eles nunca a cantam aqui, a não ser no dia de São Jorge. É o único dia em que pode ser cantada sem perigo, sem atrair a má sorte. Ela espera que vocês não tenham feito a sua vaca morrer, ou coisa pior, por causa disto.

Helen sorriu.

— Diga-lhe que tenho uma recompensa para ela, um presente que afasta a má sorte e traz boa sorte. — Abriu a mão calejada de Baba Yanka e pôs dentro dela um medalhão de prata. — Isto pertence a um homem muito devoto e sábio, e ele mandou-o para a senhora, para a proteger. Mostra Sveti Ivan Rilski, um grande santo búlgaro.

Percebi que deveria ser o objeto que Stoichev pusera na mão de Helen. Baba Yanka olhou para ele um instante, virando-o na grossa palma da mão, depois levou-o aos lábios e beijou-o. Em seguida, enfiou-o nalgum compartimento secreto do avental.

— *Blagodarya* — disse, e beijou a mão de Helen, também, afagando-a como se tivesse encontrado uma filha há muito perdida.

Helen dirigiu-se outra vez a Ranov.

— Por favor, pergunte-lhe só se sabe o que significa a canção e de onde veio. E por que é cantada no dia de São Jorge?

Baba Yanka encolheu os ombros.

— A canção não significa nada. É só uma velha canção que dá azar. A minha bisavó dizia que algumas pessoas achavam que tinha vindo de um mosteiro. Mas não é possível, porque os monges não cantam canções como essa, cantam louvores a Deus. Nós cantamo-la no dia de São Jorge porque ela chama Sveti Georgi para matar o dragão e pôr fim às torturas que ele inflige ao povo.

— Que mosteiro? — perguntei, exaltado. — Pergunte-lhe se sabe de um mosteiro chamado Sveti Georgi, que desapareceu há muito tempo.

Mas Baba Yanka só balançou a cabeça e deu estalidos com a língua.

— Não há nenhum mosteiro aqui. O mosteiro é em Bachkovo. Só temos a igreja, onde vou cantar com a minha irmã esta tarde.

Resmunguei e fiz Ranov tentar uma vez mais. Dessa vez, ele também estalou a língua.

— Ela diz que não. Não conhece nenhum mosteiro. Nunca houve nenhum mosteiro aqui.

— Quando é o dia de São Jorge? — perguntei.

— Dia seis de Maio — Ranov olhou-me com desdém. — Já passou, perderam-no, foi há semanas.

Fiquei calado, mas entretanto Baba Yanka animou-se de novo. Apertou-nos as mãos, beijou Helen e fez-nos prometer que iríamos ouvi-la cantar naquela tarde.

— É muito melhor com a minha irmã. Ela faz a segunda voz.

Dissemos que estaríamos lá. Ela insistiu em oferecer-nos do almoço que estava a preparar quando chegamos; consistia em batatas, uma espécie de papa e mais leite de ovelha, a que eu pensei que poderia acabar por me habituar, se ficasse uns meses ali. Comemos tão agradecidos quanto foi possível, elogiando a sua habilidade culinária, até Ranov dizer que devíamos voltar para a igreja se quiséssemos ver o início da cerimónia. Baba Yanka separou-se de nós com relutância, apertando-nos as mãos e os braços e dando palmadinhas no rosto de Helen.

Naquela altura a fogueira junto à igreja tinha quase acabado de arder, embora alguns troncos ainda chamejassem por cima das brasas, num fogo pálido sob o forte sol da tarde. Os aldeões já começavam a reunir-se perto da igreja, antes mesmo que os sinos comessem a tocar. E os sinos tocaram e tocaram no cimo da pequena torre de pedra, e o jovem padre veio à porta. Estava agora vestido de vermelho e ouro, com um comprido manto bordado por cima da túnica e um xale negro enrolado em volta do chapéu. Segurava um incensório preso a uma corrente de ouro, que balançou em três direcções fora da porta da igreja.

As pessoas ali reunidas, mulheres vestidas como Baba Yanka, com riscas e flores ou de preto dos pés à cabeça, os homens de calças e coletes de áspera lã castanha, com camisas brancas atadas ou abotoadas até ao pescoço recuaram quando o padre surgiu. Este dirigiu-se para eles, abençoando-os com o sinal da cruz, e alguns deles curvavam a cabeça e inclinavam-se diante dele. Atrás dele vinha um homem mais velho, vestido como um monge, todo de preto, que deduzi ser o seu auxiliar. O homem segurava nos braços um ícone envolto em seda púrpura. Consegui vislumbrá-lo rapidamente um rosto rígido, pálido, de olhos escuros. Aquele devia ser Sveti Petko, pensei. Os aldeões seguiram o ícone em silêncio em torno da igreja numa única massa ondulante, muitos deles andando com bengalas ou apoiando-se nos braços dos mais jovens. Baba Yanka encontrou-nos e deu-me o braço, orgulhosa, como se quisesse mostrar aos vizinhos como era bem relacionada. Todos olhavam para nós; pensei que estávamos a ser alvo de pelo menos tanta atenção como o ícone.

Os dois padres conduziram-nos a todos em silêncio em volta da parte de trás da igreja

e ao longo do outro lado, de onde víamos o anel de fogo a uma curta distância e sentíamos o cheiro do fumo que subia dele. As chamas estavam a morrer, sem serem aticadas, os últimos grandes toros e os ramos já com uma profunda cor alaranjada, num enorme braseiro. Fizemos essa procissão três vezes à volta da igreja, quando o padre se deteve outra vez diante do pórtico da igreja e começou a entoar um cântico. De vez em quando, o auxiliar mais velho respondia, outras vezes a assembleia de fiéis murmurava uma resposta, benzendo-se ou curvando-se. Baba Yanka largara o meu braço, mas mantinha-se junto de nós. Reparei que Helen observava tudo com enorme interesse, assim como Ranov.

No fim dessa cerimónia ao ar livre, seguimos os fiéis para dentro da igreja, que estava escura como um túmulo depois da claridade dos campos e dos bosques. Era uma igreja pequena, mas o seu interior tinha uma harmonia de proporções de que as igrejas maiores que tínhamos visto não se podiam gabar. O jovem padre pousou o ícone de Sveti Petko em lugar de honra na frente, reclinado num suporte esculpido. Avistei o irmão Ivan curvando-se diante do altar. Como de costume, não havia bancos, as pessoas ficavam de pé ou ajoelhavam-se no frio chão de pedra, e algumas mulheres idosas prostraram-se no meio da igreja. As paredes laterais tinham nichos pintados com frescos ou abrigavam ícones, e num deles escancarava-se uma abertura escura que presumi ser a entrada para a cripta. Era fácil imaginar séculos de devoção dos camponeses neste lugar e na antiga igreja que existira ali antes desta.

Depois do que me pareceu uma eternidade, os cânticos cessaram. As pessoas curvaram-se novamente e começaram a sair da igreja, alguns parando aqui e ali para beijar ícones ou acender velas, que colocavam nos candelabros de ferro perto da entrada. Os sinos da igreja soaram e seguimos os aldeões para o lado de fora outra vez, onde recebemos sem aviso o impacto do sol, da brisa e dos campos cheios de luz. Uma mesa comprida tinha sido instalada sob uma árvore e já havia mulheres a destapar travessas e a servir bebidas de jarros de cerâmica. Vi então que havia um segundo braseiro daquele lado da igreja, este pequeno, onde um cordeiro estava a ser assado num espeto. Dois homens giravam o espeto por cima das brasas com uma manivela e o cheiro trouxe um aguar primitivo à minha boca. Baba Yanka encheu ela própria os nossos pratos e levou-nos para uma manta estendida afastada da multidão. Lá, conhecemos a irmã, que se parecia muito com ela, só que era mais alta e mais magra, e todos nos regalamos com a excelente comida. Até Ranov, dobrando com cuidado em cima da manta de lã as pernas enfiadas no fato citadino, parecia quase contente. Outros aldeões pararam para nos cumprimentar e perguntar a Baba Yanka e à irmã quando iriam cantar, uma atenção que elas recebiam com um aceno e a dignidade de estrelas de ópera.

Quando o cordeiro já tinha sido completamente devorado e as mulheres estavam a limpar os pratos para uma selha de madeira, vi que três homens tinham pegado em instrumentos musicais e preparavam-se para tocar. Um deles tinha o instrumento mais esquisito que já vi de perto uma bolsa feita de pele curtida de animal e flautas de madeira a

saírem dela. Era claramente um tipo de gaita-de-foles, e Ranov contou-nos que se tratava de um antigo instrumento da Bulgária, chamado *gaida*, feito de pele de cabra. O velho que o tinha nos braços inflou-o aos poucos como um grande balão; este processo levou uns bons dez minutos, e ele já estava com a cara de um vermelho intenso ainda antes de acabar. Encaixou-o sob um dos braços, soprou uma das flautas e todos deram vivas e aplaudiram. O som era também o de um animal, um balido alto, um guincho, e Helen deu uma risada.

— Sabes — contou-me ela —, há sempre uma gaita-de-foles em todas as culturas pastoris do mundo.

Então o velho começou a tocar e logo a seguir os seus amigos acompanharam-no, um com uma comprida flauta de madeira, cujo som girava em torno de nós como uma fita fluida, o outro a bater num tambor de pele macia com um bastão acolchoado. Algumas mulheres puseram-se de pé e formaram uma fila, e um homem com um lenço branco, como tínhamos visto na casa de Stoichev, conduziu-as pelo campo fora. Os que eram muito velhos ou doentes para poder dançar permaneciam sentados, sorrindo com os seus dentes terríveis e gengivas nuas, ou batiam com a mão no chão ao seu lado, ou marcavam o ritmo com as bengalas.

Baba Yanka e a irmã ficaram quietas onde estavam, como se o seu momento ainda não tivesse chegado. Esperaram até que o flautista as chamasse, fazendo gestos e sorrindo, e depois até que a sua plateia se lhe juntasse chamando-as. Só então, fingindo uma certa relutância, levantaram-se finalmente e, de mãos dadas, juntaram-se aos músicos. Todos ficaram em silêncio e a *gaida* tocou uma pequena introdução. As duas velhas começaram a cantar, os braços entrelaçados na cintura uma da outra, e o som que produziram uma harmonia de revirar o estômago, áspera e bela parecia vir de um só corpo. O som da *gaida* cresceu em torno e as três vozes, as das duas mulheres e a da cabra, elevaram-se juntas e espalharam-se sobre nós como o gemido da própria terra. Os olhos de Helen estavam subitamente marejados de lágrimas, o que era tão pouco o seu gênero que pus o braço à volta dela em frente de todos.

Depois de as mulheres terem cantado cinco ou seis canções, intercaladas pelos vivas da multidão, todos se levantaram, obedecendo não sei a que sinal, até que vi o padre a aproximar-se outra vez. Transportava o ícone de Sveti Petko, agora envolto em veludo vermelho, e atrás dele vinham dois meninos, ambos vestidos com túnicas escuras e cada um trazendo um ícone inteiramente coberto de seda branca. Esta procissão abriu caminho em torno do outro lado da igreja, com os músicos atrás a tocar uma melodia soturna, e deteve-se entre a igreja e o grande anel de fogo. O fogo extinguiu-se por completo; só restava um círculo de brasas, infernalmente vermelhas e profundas. Fiapos de fumo desprendiam-se delas de vez em quando, como se algo por baixo estivesse vivo e a respirar. O padre e os seus acólitos ficaram parados junto da parede da igreja, segurando os seus tesouros à sua frente.

Por fim, os músicos começaram a tocar uma nova melodia — viva e sombria ao mesmo

tempo, pensei e, um a um, os aldeões que podiam dançar, ou pelo menos andar, formaram uma longa fila sinuosa que lentamente se foi colocando em torno do fogo. Quando a fila serpenteou em frente da igreja, Baba Yanka e outra mulher não era a irmã, desta vez, mas uma mulher ainda mais gasta pelo tempo cujos olhos enevoados pareciam quase cegos adiantaram-se e curvaram-se para o padre e para os ícones. Tiraram os sapatos e as meias e acomodaram-nos com cuidado junto aos degraus da igreja, beijaram o rosto austero de Sveti Petko e receberam a bênção do padre. Os jovens acólitos do padre deram um ícone a cada mulher, retirando-lhes as suas capas de seda. A música soou mais alta, o tocador de *gaida* suava profusamente, o rosto escarlate, as bochechas enormes.

Em seguida, Baba Yanka e a mulher de olhos enevoados avançaram dançando, sem perder o ritmo, e então, enquanto eu me mantinha imóvel a assistir, elas dançaram descalças sobre o fogo. Cada uma das mulheres segurava o seu ícone bem alto à sua frente ao entrar no anel de brasas; as duas tinham a cabeça erguida, o olhar cheio de dignidade perdido noutro mundo. A mão de Helen apertou tanto a minha que os dedos me doíam. Os pés delas subiam e desciam sobre as brasas ardentes, levantando fagulhas; a certa altura, vi a bainha da saia às riscas de Baba Yanka ser chamuscada. Dançaram sobre as brasas ao ritmo misterioso do tambor e da gaita-de-foles, e cada uma seguia uma direção diferente dentro do círculo de fogo.

Eu não tinha conseguido ver os ícones quando elas entraram no círculo, mas agora reparava que um deles, nas mãos da mulher cega, mostrava a Virgem Maria com o filho nos joelhos, a cabeça inclinada sob uma pesada coroa. Só vi o ícone que Baba Yanka transportava quando ela completou o círculo outra vez. O rosto de Baba Yanka era impressionante, os olhos enormes e fixos, os lábios frouxos, a pele curtida a reluzir com o tremendo calor. O ícone que ela trazia devia ser muito antigo, como o da Virgem, mas através das suas manchas de fumo e da reverberação do calor, consegui distinguir nitidamente uma imagem: mostrava duas figuras frente a frente numa espécie de dança só delas, duas criaturas igualmente dramáticas e ameaçadoras. Uma era um cavaleiro de armadura e manto vermelho, a outra, um dragão com uma longa cauda enrolada.

Dezembro de 1963

Minha querida filha:

Estou agora em Nápoles, Este ano, estou a tentar ser mais sistemática na minha pesquisa. Nápoles é quente em Dezembro e ainda bem, porque estou com uma gripe forte. Nunca soube o que significava estar só antes de vos deixar, porque nunca tinha sido amada como o teu pai me amou e tu também, penso eu. Agora, sou uma mulher sozinha numa biblioteca, a assoar o nariz e a tomar notas. Não sei se alguém alguma vez se sentiu tão solitário como eu estou aqui, e no meu quarto de hotel. Em público, uso a minha écharpe ou uma camisola de gola alta. Enquanto almoço, sozinha, alguém sorri para mim e eu retribuo o sorriso. Depois, desvio o olhar. Tu não és a única pessoa com quem não me posso relacionar.

A tua mãe que te adora, Helen

Fevereiro de 1964

Minha querida filha:

Atenas é suja e barulhenta, e tenho dificuldade em conseguir acesso aos documentos de que preciso no Instituto para a Grécia Medieval, que me parece ser tão medieval como o seu conteúdo. Mas, esta manhã, sentada na Acrópole, quase posso imaginar que um dia a nossa separação vai acabar, e vamos sentar-nos tu, uma mulher adulta, talvez nestas pedras caídas e contemplar a cidade de cima. Vejamos: vais ser alta como eu e como o teu pai, cabelos escuros muito curtos, ou presos numa grossa trança? e usas óculos escuros e sapatos próprios para caminhar, talvez um lenço na cabeça, se o vento estiver forte como hoje. E eu estarei a envelhecer, enrugada, orgulhosa só de ti. Os empregados dos cafés vão olhar para ti e não para mim, eu vou rir-me com orgulho e o teu pai vai olhar para eles por cima do jornal.

A tua mãe que te adora, Helen

Março de 1964

Minha querida filha:

A minha fantasia sobre a Acrópole ontem foi tão forte que voltei aqui esta manhã só para te escrever. Entretanto, quando estava aqui sentada contemplando a cidade, a ferida no meu pescoço começou a latejar, e pensei que uma presença próxima estava a alcançar-me, portanto só pude olhar à volta constantemente, tentando ver alguém suspeito no meio da multidão de turistas. Não consigo compreender por que razão esse demónio ainda não veio através dos séculos para me encontrar. Já sou presa dele, já fui conspurcada, e de certo modo anseio por ele. Por que não dá ele a estocada final e acaba com esta minha desgraça? Mas, quando penso assim, percebo que tenho de continuar a resistir-lhe, rodeando-me e protegendo-me com todos os amuletos contra ele, e encontrar os seus muitos covis na esperança de o encontrar num deles, apanhá-lo tão completamente desprevenido que talvez eu possa fazer história destruindo-o. Tu, meu anjo perdido, és o fogo que está por detrás desta ambição desesperada.

A tua mãe que te adora, Helen

Quando vimos o ícone que Baba Yanka transportava, não sei quem sufocou um grito primeiro, se Helen ou eu, mas ambos nos controlamos no mesmo instante. Ranov estava encostado a uma árvore a menos de dez metros dali e, aliviado, notei que ele olhava para longe, na direção do vale, entediado e desdenhoso, ocupado com o seu cigarro, e tudo indicava que nem tinha reparado no ícone. Segundos depois, Baba Yanka afastara-se e ela e a outra mulher, mantendo o mesmo passo ligeiro e altivo, saíram do fogo a dançar, dirigindo-se para o padre. Devolveram os ícones aos dois meninos, que os voltaram a cobrir imediatamente. Não perdi Ranov de vista. O padre abençoou as mulheres e em seguida estas foram levadas pelo irmão Ivan, que lhes deu água a beber. Baba Yanka lançou-nos um olhar orgulhoso quando passou por nós, corada, sorridente, quase a piscar-nos o olho, e Helen e eu curvamo-nos para ela, cheios de reverência. Prestei atenção aos seus pés quando ela passou; os pés nus, maltratados, pareciam não ter sofrido nenhum dano, assim como os da outra mulher. Só os rostos delas revelavam os efeitos do calor do fogo, como se estivessem queimados pelo sol.

— O dragão — segredou-me Helen enquanto as víamos afastar-se.

— Sim — disse eu. — Temos de descobrir onde eles guardam esse ícone e de que época é. Vamos. O padre prometeu mostrar-nos a igreja.

— E quanto a Ranov?

— Só podemos rezar para que ele não decida seguir-nos — respondi. — Acho que ele não viu o ícone.

O padre estava a voltar para a igreja e as pessoas começavam, pouco a pouco, a ir-se embora. Fomos atrás dele devagar e encontramos-lo a repor o ícone de Sveti Petko no seu suporte. Os outros dois ícones não estavam à vista. Agradei-lhe, inclinando-me, e disse-lhe em inglês como achara bonita a cerimônia, fazendo gestos com as mãos e apontando para fora. Ele pareceu contente. Depois, fiz um gesto abrangendo a igreja e levantei as sobrancelhas, dizendo:

— Podemos dar uma volta?

— Volta? — Ele franziu a testa por um segundo, depois sorriu de novo e fez um sinal significando: "Esperem." Ia apenas tirar a túnica. Quando voltou, na sua roupa preta de todos os dias, levou-nos a ver cada um dos nichos, apontando e dizendo *ikoni*, e *Hristos*, e outras coisas que mais ou menos entendemos. Parecia saber bastante sobre o lugar e a sua história, se ao menos tivéssemos sido capazes de o compreender. Por fim, perguntei-lhe onde estavam os outros ícones, e ele apontou para o buraco escuro que eu vira anteriormente numa das capelas laterais. Aparentemente, tinham sido levados de novo para a cripta, onde eram guardados. Ele pegou na sua lanterna, obsequioso, e guiou-nos para baixo.

Os degraus de pedra eram íngremes e o sopro frio que vinha do subterrâneo fazia a

própria igreja parecer quente. Segurei a mão de Helen com firmeza enquanto descíamos atrás da lanterna do padre, que iluminava as velhas pedras em volta. O pequeno aposento lá em baixo, porém, não estava totalmente às escuras; havia dois suportes com velas acesas junto a um altar e pouco depois conseguimos vislumbrar, ainda que pouco distintamente, que não se tratava de um altar mas de um relicário de latão dourado trabalhado, em parte coberto por um pano ricamente bordado de damasco vermelho. Em cima dele, encontravam-se os dois ícones com molduras de prata, a Virgem e dei um passo adiante — o dragão e o cavaleiro.

— Sveti Petko — disse o padre, jovial, tocando o relicário.

Apontei para a Virgem, e ele disse alguma coisa que parecia ter a ver com *Bachkwski manastir*, que foi só o que compreendemos. Depois, apontei para o outro ícone e o padre sorriu largamente.

— Sveti Georgi — disse ele, indicando o cavaleiro. Apontou para o dragão.

— *Drákula*.

— Isso provavelmente só quer dizer — dragão advertiu-me Helen. Concordei.

— Como podemos — perguntar-lhe de que época será?

— *Star f Staro?* -arriscou Helen.

O padre balançou a cabeça, concordando.

— *Mnogo star* — respondeu, solene.

Olhamos para ele. Levantei a mão e mostrei os dedos: três? Quatro? Cinco? Ele sorriu. Cinco. Cinco dedos — cerca de quinhentos anos.

— Ele acha que é do século quinze — disse Helen. — Meu Deus, como vamos perguntar-lhe de onde veio?

Apontei para o ícone, fiz um gesto à volta da cripta, apontei para a igreja acima de nós. Quando ele compreendeu, fez o gesto universal de quem ignora: os ombros e as sobranceiras subiram e desceram juntos. Não sabia. Pareceu tentar dizer-nos que o ícone estava ali em Sveti Petko há centenas de anos mais do que isso, não sabia.

Por fim, virou-se, sorridente, e preparámo-nos para o seguir e à sua lanterna de volta pelos degraus íngremes acima. E teríamos deixado para sempre aquele lugar, em completa desesperança, se Helen não tivesse prendido o salto fino do sapato entre duas pedras do piso. Ela resmungou, aborrecida eu sabia que não trouxera outro par de sapatos — e baixei-me depressa para a ajudar. O padre quase desaparecera, mas as velas acesas junto do relicário proporcionavam-me luz suficiente para ver o que estava gravado na parte vertical do último degrau, ao lado do pé de Helen. Era um pequeno dragão, tosco mas inconfundível, e inegavelmente com o mesmo desenho do dragão do meu livro. Caí de joelhos no chão de pedra e acompanhei o seu contorno com a mão. Helen baixou-se junto de mim, esquecendo o sapato.

— Meu Deus disse ela, lentamente. — Que lugar é este?

— Sveti Georgi — disse eu, devagar. Aqui deve ser Sveti Georgi.

Ela olhou-me de perto na penumbra, o cabelo a cair-lhe nos olhos.

— Mas a igreja é do século dezoito — objetou. Depois, o seu rosto abriu-se. — Acha que...

— Muitas igrejas têm fundações muito mais antigas, não é verdade? E sabemos que esta foi reconstruída depois de os Turcos queimarem a original. Não poderia ter sido uma igreja de mosteiro, de um mosteiro esquecido por todos há muito tempo? — Eu sussurrava, cheio de excitação. — Podia ter sido reconstruída décadas ou séculos mais tarde, e recebido o nome do mártir de quem se lembravam.

Helen virou-se, atterrada, e olhou para o relicário de latão atrás de nós.

— Também achas que...

— Não sei — respondi devagar. — Não me parece provável que tivessem confundido um conjunto de relíquias com outro, mas há quanto tempo achas que essa caixa foi aberta pela última vez?

— Não me parece suficientemente grande — observou ela. E não conseguiu dizer mais nada.

— Não parece mesmo — concordei, — mas temos de experimentar. Pelo menos, eu tenho. Quero que fiques fora disto, Helen.

Ela lançou-me um olhar interrogativo, como se estivesse espantada por eu pensar sequer em mandá-la embora.

— É muito grave invadir uma igreja e profanar o túmulo de um santo.

— Eu sei — disse eu. — Mas, e se não for o túmulo de um santo?

Havia dois nomes que nenhum de nós dois tinha coragem de pronunciar ali naquele lugar escuro e frio, com as suas luzes bruxuleantes e o cheiro a cera de vela e a terra. Um desses nomes era o de Rossi.

— Agora mesmo? Ranov deve estar à nossa procura — disse Helen. Quando saímos da igreja, as sombras das árvores junto dela estavam a alongar-se, e Ranov procurava-nos, impaciente. O irmão Ivan encontrava-se ao lado dele, embora eu notasse que mal se falavam.

— A sesta foi boa? — perguntou Helen, gentil.

— Está na hora de voltarmos para Bachkovo — a voz de Ranov era outra vez brusca. perguntei-me se estaria desapontado por aparentemente não termos encontrado ali nada.

— Vamos voltar para Sofia amanhã cedo. Tenho assuntos para resolver lá. Espero que estejam satisfeitos com a vossa pesquisa.

— Quase — disse eu. — Gostaria de visitar Baba Yanka de novo e agradecer a ajuda dela.

— Muito bem.

Ranov parecia aborrecido, mas seguiu à frente quando nos dirigimos de regresso à aldeia, o irmão Ivan andando calado atrás de nós. A rua estava quieta à luz dourada do entardecer e por toda a parte havia cheiro a comida a ser cozinhada. Vi um homem idoso

aproximar-se da bomba de água central e encher um balde. Na extremidade da pequenina rua de Baba Yanka, um rebanho de cabras e carneiros estava a ser conduzido para o redil; ouvimos os seus balidos lamentosos e vimo-los a amontoar-se entre as casas até surgir um rapazinho que os fez desaparecer numa esquina.

Baba Yanka ficou encantada por nos ver. Cumprimentámo-la, através de Ranov, pelo seu maravilhoso canto e pela dança no fogo. O irmão Ivan abençoou-a com um gesto mudo.

— Como é possível que não se queime? — perguntou-lhe Helen.

— Ah, é o poder de Deus — disse ela mansamente. — Nunca me lembro depois como aconteceu. Às vezes, sinto os pés quentes depois, mas nunca os queimo. É o dia mais bonito do ano para mim, apesar de não me lembrar muito bem do que se passa. Durante meses, fico tão calma como um lago.

Tirou uma garrafa sem rótulo do armário e serviu-nos um licor castanho-claro. Dentro da garrafa, flutuavam ervas compridas, que Ranov explicou servirem para dar sabor. O irmão Ivan recusou, mas Ranov aceitou um copo. Depois de uns goles, começou a interrogar o irmão Ivan sobre qualquer coisa com uma voz tão amistosa como um braço de urtigas. Depressa estavam mergulhados num debate que não podíamos acompanhar, e no qual eu captava frequentemente a palavra *politicheski*.

Depois de estarmos sentados a ouvir durante algum tempo, interrompi a conversa para pedir a ajuda de Ranov e perguntar a Baba Yanka se podíamos usar a casa de banho. Ele riu-se de maneira desagradável. Voltara sem dúvida ao seu velho humor, pensei.

— Receio que não seja muito confortável disse ele.

Baba Yanka riu também e apontou para a porta das traseiras. Helen disse que iria também e esperaria a sua vez. A pequena construção onde ficava a casa de banho, no quintal de Baba Yanka, era ainda mais precária do que a sua cabana, mas suficientemente larga para ocultar a nossa fuga silenciosa por entre as árvores e colmeias até ao portão do fundo. Não se via ninguém, mas afrouxamos o passo quando chegamos à estrada, entramos sorrateiros no meio dos arbustos e escalamos a colina. Felizmente, também já não havia ninguém em volta da igreja, que estava imersa em sombras densas. O braseiro reluzia fracamente sob as árvores.

Nem tentamos a porta da frente, onde poderíamos ser vistos da estrada, e corremos para as traseiras. Havia ali uma janela baixa, tapada por dentro com cortinas roxas.

— Deve ir dar ao interior do santuário — disse Helen.

A moldura de madeira da janela não estava trancada, apenas fechada com um trinco, e bastou um empurrão para a abrimos e deslizarmos para dentro por entre as cortinas, fechando tudo cuidadosamente atrás de nós. Ao entrarmos, verifiquei que Helen tinha razão: estávamos atrás do *iconóstase*.

— As mulheres não podem entrar aqui — disse ela em voz baixa, mas olhava à sua volta com uma curiosidade de académica enquanto falava.

O aposento atrás do *iconóstase* era dominado por um grande altar coberto de finos tecidos e de velas. Dois livros antigos repousavam num suporte de latão junto dele e, de ganchos nas paredes, pendiam as vestes deslumbrantes que tínhamos visto o padre usar anteriormente. Tudo estava terrivelmente parado, terrivelmente silencioso. Encontrei o portal sagrado através do qual o padre aparecia perante a sua congregação, e penetramos cheios de culpa na igreja às escuras. Entrava alguma luz pelas janelas estreitas, mas todas as velas tinham sido apagadas, provavelmente para evitar incêndios, e demorei a encontrar uma caixa de fósforos numa prateleira. Escolhi uma vela para cada um de nós de um dos candelabros e acendi-as. Depois, descemos as escadas com grande cautela.

— Detesto isto — ouvi Helen murmurar atrás de mim, mas sabia que ela não queria dizer que desistia, fossem quais fossem as circunstâncias. — Quanto tempo pensas que Ranov vai demorar a dar pela nossa falta?

A cripta era o lugar mais escuro em que já alguma vez estive, com todas as suas velas apagadas, e fiquei satisfeito pelos dois pontos de luz que trazíamos. Acendi as velas com a que tinha na mão. A chama delas ergueu-se, fazendo cintilar os bordados a ouro do relicário. As minhas mãos tinham começado a tremer bastante, mas consegui tirar a pequena adaga de Turgut do meu bolso, onde a guardava desde que saíra de Sofia. Pousei-a no chão junto do relicário, e Helen e eu tiramos delicadamente os dois ícones dos seus lugares dei comigo a desviar os olhos do dragão e São Jorge e encostamo-los a uma parede. Removemos o pesado tecido e Helen dobrou-o e pô-lo de lado. Durante todo esse tempo eu estava atento com todas as fibras do meu corpo a qualquer ruído, ali ou na igreja por cima, até que o próprio silêncio começou a zumbir e a sibilar nos meus ouvidos. Houve um momento em que Helen agarrou na minha manga e ficamos a ouvir juntos, mas nada se mexeu.

Quando o relicário ficou descoberto, olhamos trêmulos para ele. A parte de cima era maravilhosamente esculpida em baixo-relevo um santo de cabelos compridos com uma das mãos levantada para nos abençoar, presumivelmente uma representação do mártir cujos ossos poderíamos encontrar lá dentro. Dei por mim a esperar que de fato só encontrássemos uns fragmentos de ossos e depois fechássemos tudo outra vez. Mas então seria o vazio que viria em seguida a falta de Rossi, a ausência de vingança, a perda. A tampa do relicário parecia estar pregada, ou trancada, e tentei tudo para a abrir, em vão. Enquanto tentávamos, torcemo-lo um pouco e qualquer coisa deslizou lá dentro, assustadoramente, parecendo bater contra as paredes internas. Na verdade, o relicário era pequeno demais, nele só caberia um corpo de criança, ou pedaços soltos, mas era muito pesado. Ocorreu-me, durante um medonho instante, que talvez só a cabeça de Vlad tivesse afinal acabado ali, embora isso deixasse muitas outras coisas por explicar. Comecei a suar e a pensar se não deveria subir para procurar uma ferramenta qualquer na igreja, mesmo sem muita esperança de encontrar qualquer coisa

— Vamos tentar pô-lo no chão — disse eu através dos dentes cerrados, e juntos

conseguimos fazer a caixa descer em segurança.

Ali, poderia ver melhor as argolas e dobradiças da parte de cima, pensei, ou até tentar abri-la com um puxão forte. Estava quase a tentar isso quando Helen deu um grito breve.

— Paul, olha!

Virei-me depressa e vi que o mármore empoeirado sobre o qual o relicário estivera pousado não constituía um bloco sólido; a parte de cima deslocara-se um pouco com o nosso esforço para remover o relicário. Creio que já nem respirava, mas juntos, sem palavras, conseguimos remover a laje de mármore. Não era grossa mas pesava tremendamente, e estávamos ambos ofegantes quando a apoiamos na parede do fundo. Por baixo, havia uma comprida lousa de pedra, da mesma pedra do chão e das paredes, uma pedra do comprimento de um homem. A efígie que vimos ali era extremamente rude, cinzelada diretamente na superfície dura não era o rosto de um santo mas de um homem verdadeiro, um homem de traços duros com olhos amendoados abertos, nariz comprido, um longo bigode um rosto cruel encimado por um chapéu triangular que conseguia ter uma aparência garbosa mesmo naquele traço rudimentar.

Helen recuou, os lábios brancos à luz das velas, e lutei contra o impulso de lhe agarrar no braço e subir as escadas a correr.

— Helen — comecei a falar, baixinho, mas não havia mais nada a dizer.

Peguei na adaga e Helen enfiou a mão algures dentro da sua roupa nunca cheguei a saber onde — e tirou a pistola diminuta, que colocou ao seu alcance, perto da parede. Então, agarramos na borda da pedra tumular e levantamo-la. A lápide deslizou para fora até meio, uma estrutura maravilhosamente construída. Estávamos ambos a tremer visivelmente, tanto que quase deixamos cair a lápide. Quando acabamos de a tirar, olhamos para o corpo no interior, os olhos pesadamente fechados, a pele amarelada, os lábios excessivamente vermelhos, a respiração oca, sem ruído. Era o professor Rossi.

Gostaria de poder dizer que tive um gesto de bravura, ou fiz alguma coisa útil, ou tomei Helen nos braços para ter a certeza de que ela não iria desmaiar, mas não foi o que aconteceu. Há pouca coisa pior do que ver um rosto muito amado transformado pela morte, ou pela degeneração física, ou por uma horrível doença. Esses rostos são monstros da espécie mais aterradora a dos amados intoleráveis.

— Oh, Rossi — disse eu, e as lágrimas vieram-me aos olhos tão repentinamente que nem as senti chegar.

Helen chegou-se mais perto e olhou para ele. Vi que estava vestido com as mesmas roupas que usava na noite em que eu falara com ele pela última vez, quase um mês antes; estavam rasgadas e sujas, como se ele tivesse sofrido um acidente. A gravata tinha desaparecido. Um fio de sangue enchera os vincos de um lado do seu pescoço e formara um estuário escarlate no colarinho manchado. A boca frouxa e inchada deixava escapar uma respiração fraca e, além do movimento do subir e descer da sua camisa, estava imóvel. Helen estendeu a mão.

— Não lhe toques — disse eu, asperamente, o que só fez aumentar o meu próprio horror.

Mas Helen parecia tomada pelo mesmo transe em que ele se encontrava e, com os lábios trémulos, acariciou de leve a face dele com os dedos. Não sei dizer se era ainda pior ele abrir os olhos, mas foi o que fez. Ainda eram muito azuis, mesmo à luz imprecisa das velas, mas o branco dos olhos estava injetado de sangue e as pálpebras inchadas. Aqueles olhos estavam horrivelmente vivos, também, e perplexos, indo de um lado para outro como se tentassem assimilar os nossos rostos, enquanto o corpo permanecia mortalmente parado. Então, o olhar pareceu concentrar-se em Helen, curvada para ele, e o azul dos olhos clareou com tremenda força, abrindo-se como se quisesse vê-la inteira.

— Oh, meu amor — disse ele, muito baixo. Os seus lábios estavam gretados e espessos, mas a voz era a que eu amava, com o sotaque acentuado.

— Não... a minha mãe — disse Helen, esforçando-se por encontrar as palavras. Pousou a mão na face dele. — Pai, sou a Helen... Elena. Sou a sua filha.

Ele então levantou uma das mãos, como se a controlasse apenas de maneira vacilante, e segurou na dela. A sua mão estava ferida, as unhas muito compridas e amareladas. Eu queria dizer-lhe que íamos tirá-lo dali num instante, que íamos para casa, mas já sabia que não havia esperança, ele estava demasiado ferido.

— Rossi — disse eu, debruçando-me. — É o Paul. Estou aqui.

O seu olhar desnordeado ia de Helen para mim e outra vez para Helen, e depois fechou os olhos com um suspiro que percorreu todo o seu corpo inchado.

— Ah, Paul — disse ele. — Veio à minha procura. Não devia ter feito isso. — Olhou de novo para Helen, com os olhos a enevoarem-se, e pareceu querer dizer mais alguma coisa.

— Lembro-me de si — murmurou depois de um momento.

Remexi no bolso interior do meu casaco e tirei de lá o anel que a mãe de Helen me dera. Segurei-o perto dos olhos dele, mas não demasiado perto, e ele largou a mão de Helen e tocou no anel de modo desajeitado.

— Para si — disse a Helen. Ela pegou no anel e colocou-o no dedo.

A minha mãe — disse ela, agora com a boca a tremer visivelmente. — Lembra-se dela? Conheceu-a na Romênia.

Ele olhou para ela com algo semelhante ao seu entusiasmo de outrora e sorriu, o rosto torto.

— Sim — sussurrou finalmente. — Eu amei-a. Para onde foi ela?

— Está em segurança na Hungria.

— Você é filha dela? — Havia uma espécie de assombro na sua voz.

— Sou sua filha.

As lágrimas vieram-lhe lentamente à superfície dos olhos, como se já não fluíssem com facilidade, e escorreram-lhe pelas rugas nos cantos. Os sulcos que deixaram brilhavam à luz das velas.

— Por favor, tome conta dela, Paul — disse ele, fracamente.

— Vou casar-me com ela contei-lhe. Pousei a mão no peito dele. Havia um certo chia inumano por dentro, mas forcei-me a manter ali a mão.

— Isso é... bom — disse ele finalmente. — A mãe dela está viva, está bem?

— Sim, pai — o rosto de Helen contraiu-se. — Ela está na Hungria, segura.

— Sim, já me disse isso — e fechou de novo os olhos.

— Ela ainda o ama, Rossi — e afaguei o peito da camisa dele com a mão vacilante. — Mandou-lhe esse anel e... um beijo.

— Tentei tantas vezes lembrar-me onde ela estava, mas alguma coisa...

— Ela sabe que tentou. Descanse um pouco.

A respiração dele tornara-se alarantemente estertorosa.

De repente, os seus olhos escancararam-se e esforçou-se por se levantar. O esforço era doloroso de ver, sobretudo porque não produziu praticamente nenhum resultado.

— Filhos, têm de sair daqui agora — arquejou. — É muito perigoso ficarem aqui. Ele va voltar e matá-los — e lançava olhares rápidos de um lado para o outro.

— Drácula? perguntei baixinho.

O seu rosto ficou transtornado por um instante à menção do nome.

— Sim. Ele está na biblioteca.

— Biblioteca? — perguntei, olhando em volta espantado, apesar do pavor no rosto de Rossi. — Que biblioteca?

— A biblioteca é ali dentro — e tentou apontar para uma parede.

Ross — disse eu, com urgência na voz. -Diga-nos o que aconteceu e o que devemos fazer.

Ele pareceu lutar com a sua própria visão por um segundo, focalizando-a em mim e piscando rapidamente os olhos. O sangue seco no seu pescoço moveu-se com o esforço para respirar.

— Ele veio buscar-me de repente, ao meu gabinete, e levou-me numa longa viagem. Eu não estava... consciente durante uma parte dela, portanto não sei que lugar é este.

— Bulgária — disse Helen, segurando na mão inchada dele com ternura. Os seus olhos faiscaram de novo com um velho interesse, um lampejo de curiosidade.

— Bulgária? Então, é por isso que... — e tentou umedecer os lábios.

— O que é que ele lhe fez?

Ele trouxe-me para cá para cuidar da sua... diabólica biblioteca. Resisti de todas as maneiras que pude. A culpa foi minha, Paul. Eu tinha começado a fazer uma pesquisa outra vez, para um artigo... — lutou para respirar. — Queria mostrá-lo como parte de uma... tradição. Que começou com os Gregos. Eu... eu ouvi dizer que havia um novo investigador na universidade a escrever sobre ele, apesar de não ter conseguido descobrir o nome do homem.

Nisso, ouvi Helen prender subitamente a respiração. Os olhos de Rossi palpitaram na direção dela.

— Pareceu-me que devia finalmente publicar...

Ele respirava com um ruído sibilante, e fechou um pouco os olhos. Helen, segurando-lhe na mão, tremia encostada a mim; mantive o braço firme na sua cintura.

— Está bem — disse eu. — Descanse.

Mas Rossi estava decidido a acabar.

— Não está bem — quase sufocou, os olhos ainda fechados. — Ele deu-lhe o livro a si. Eu soube então que ele viria buscar-me, e veio. Lutei com ele, mas ele quase me fez... gostei dele... — Parecia incapaz de levantar a outra mão, e virou o pescoço e a cabeça, desajeitadamente, de modo que pudemos ver uma ferida redonda e profunda no lado do seu pescoço. Ainda estava aberta, e, quando ele se mexeu, abriu-se mais e sangrou. O nosso olhar fixo na ferida agitou-o novamente, e olhou para mim, suplicante.

— Paul, está a ficar escuro lá fora?

Uma onda de terror e desespero invadiu-me até à ponta dos dedos.

— Consegue sentir isso, Rossi?

— Sim, sei quando a escuridão está a chegar, fico... faminto. Por favor. Ele vai ouvi-los. Depressa... saiam.

— Diga-nos como encontrá-lo — disse eu, angustiado. — Vamos matá-lo agora.

— Sim, matem-no, se puderem fazer isto sem pôr as vossas vidas em perigo. Matem-no por mim — sussurrou, e, pela primeira vez, vi que ainda podia sentir raiva. — Escute, Paul, há um livro lá dentro. A vida de São Jorge — ele começou a lutar com a respiração. — Muito antigo, com uma capa bizantina... nunca ninguém viu um livro assim. Ele tem muitos livros excelentes, mas esse é... — pensamos que tivesse desmaiado, e Helen apertou

a mão dele nas suas, chorando sem poder conter-se. Quando ele voltou a si, murmurou: — Escondi-o atrás do primeiro armário à esquerda. Leve-o consigo, se puder. Escrevi uma coisa... guardei uma coisa dentro dele. Depressa, Paul. Ele está a acordar. Estou a acordar com ele.

— Oh, meu Deus olhei em volta, procurando uma ajuda qualquer, — não sabia qual. — Ross, por favor... não posso deixá-lo ficar consigo. Vamos matá-lo e você vai curar-se. Onde é que ele está?

Agora, porém, Helen estava mais calma e pegou na adaga e mostrou-lha.

Ele pareceu deixar escapar um longo suspiro, misturado com um sorriso. Vi então como os seus dentes tinham crescido, como os de um cão, e como os cantos da sua boca já estavam em carne viva. As lágrimas corriam-lhe livremente dos olhos e escorriam-lhe pelas faces magoadas.

— Paul, meu amigo...

— Onde é que ele está? Onde é a biblioteca? — Fiz a pergunta com mais insistência, ainda, mas Rossi não conseguia falar.

Helen fez um gesto rápido, e eu compreendi e arranquei depressa uma pedra de um canto do chão. Levei um longo momento a soltá-la, e durante esse momento receei ter ouvido um movimento na igreja por cima de nós. Helen desabotoou a camisa dele e abriu-a com delicadeza. Depois apoiou a ponta da adaga de Turgut sobre o coração dele.

Ele manteve os olhos fixos em nós por uns segundos, confiante, e estavam tão azuis como os de uma criança, depois fechou-os. Assim que eles se fecharam, reuni todas as minhas forças e arremessei de encontro ao punho da adaga aquela pedra antiga, uma pedra assentada pelas mãos de um monge anônimo ou de um camponês qualquer, algum habitante desaparecido do século doze ou treze. É provável que aquela pedra estivesse ali há séculos, a ser pisada pelos monges que traziam ossos para o seu ossário ou vinho para a sua adega. Aquela pedra não se movera quando o cadáver de um matador de Turcos estrangeiro fora transportado secretamente por cima dela e escondido num túmulo novo no chão ali perto, nem quando os monges valáquios celebraram uma missa herética em cima dela, nem quando a polícia otomana veio procurar em vão o corpo, nem quando os cavaleiros otomanos avançaram sobre a igreja com as suas tochas, nem quando uma nova igreja cresceu sobre ela, nem quando os ossos de Sveti Petko foram trazidos no seu relicário para repousarem perto dela, nem quando os peregrinos se ajoelharam nela para receberem a bênção do mártir. Permanecera ali todos aqueles séculos até eu a arrancar rudemente do seu lugar e dar-lhe um novo uso, e é tudo o que posso escrever sobre isto.

Maio, 1954

Não tenho ninguém a quem escrever isto e nenhuma esperança de que algum dia isto seja encontrado, mas parece-me um crime não tentar registrar aquilo que sei enquanto ainda sou capaz de o fazer, e só Deus sabe por quanto tempo ainda serei.

Fui levado do meu gabinete na universidade há alguns dias não sei muito bem quantos, mas suponho que ainda estejamos no mês de Maio. Nessa noite, despedi-me do meu querido aluno e amigo, que me mostrou o seu exemplar do livro demoníaco que tentei esquecer durante anos. Vi-o sair com toda a ajuda que me fora possível dar-lhe. Depois, fechei o meu gabinete e sentei-me um pouco, tomado de grande remorso e medo. Sabia que era eu o culpado. Recomeçara em segredo a minha pesquisa sobre a história dos vampiros e pretendia de fato recuperá-la gradualmente e expandir os meus conhecimentos sobre a lenda de Drácula, talvez até resolver finalmente o mistério da localização da sua tumba. Deixara que o tempo, a racionalidade e o orgulho me iludissem e me fizessem acreditar que não haveria consequências se retomasse a minha investigação. Admiti para mim mesmo a minha culpa logo naquele primeiro momento de solidão.

Custou-me terrivelmente dar a Paul as anotações da minha pesquisa e as cartas que escrevera sobre as minhas experiências, não porque ainda as quisesse qualquer vontade de continuar a pesquisa desapareceu no segundo em que ele me mostrou o seu livro. Apenas lamentava profundamente ter de passar todos aqueles conhecimentos horripilantes para as mãos dele, apesar de ter certeza de que, quanto mais ele soubesse, melhor poderia proteger-se. Só esperava que, se alguma punição houvesse, fosse eu a sofrê-la e não Paul, com o seu jovem otimismo, o seu passo ligeiro, o seu brilhantismo ainda não posto aprova. Paul não deve ter mais de vinte e sete anos; eu já vivi décadas de vida e de muita felicidade imerecida. Este foi o meu primeiro pensamento. Os seguintes foram de ordem prática. Mesmo que quisesse proteger-me, não tinha qualquer meio para fazer de imediato, a não ser a minha fé na razão. Guardara as minhas notas, mas nenhum dos meios tradicionais para repelir o mal crucifixos, balas de prata, alho. Nunca lançara mão de nenhum deles, mesmo no auge da minha pesquisa, mas agora começava a arrepender-me de ter aconselhado Paul a usar apenas os recursos da sua própria mente.

Esses pensamentos exigiram o espaço de um minuto ou dois, e, de fato, como as coisas aconteceram, tive apenas um minuto ou dois à minha disposição. Então, com uma lufada repentina de ar frio e fétido, uma imensa presença precipitou-se sobre mim, de tal modo que eu mal podia ver, e o meu corpo inteiro pareceu soltar-se da sua carne, de tanto medo, envolvido, ceguei por um instante, e pensei que devia estar a morrer, embora não soubesse de quê. No meio disto, tive a mais estranha visão de juventude e beleza física, uma sensação mais do que uma visão, uma noção de mim mesmo muito mais jovem e cheio de amor por alguma coisa ou por alguém. Talvez seja assim que se morre. Se for, quando chegar a minha hora e virá em breve, de uma forma terrível, não duvido, espero que essa visão esteja comigo outra vez no último momento.

Depois disto, não me lembro de nada, mas um nada que se prolongou por um período que não pude então, e ainda não posso, calcular. Quando voltei a mim, fiquei surpreso ao constatar que estava vivo. Não vi nem ouvi nada nos primeiros segundos. Era como sair de uma grande e brutal cirurgia, e o meu despertar foi imediatamente seguido da compreensão de que sentia dor, de que todo o meu corpo estava extremamente fraco e me doía intensamente, que tinha um ardor na perna direita, assim como na garganta e na cabeça. O ar era frio e úmido e o

lugar onde eu estava deitado, fosse qual fosse, era frio, de modo que me sentia completamente gelado. A esta sensação, seguiu-se a da luz uma luz fraca mas suficiente para me convencer de que não estava cego e de que os meus olhos estavam abertos. Essa luz e a dor, mais do qualquer outra coisa, foram a confirmação de que estava vivo. Comecei a recordar o que de início pensei ter acontecido na noite anterior Paul a vir ao meu gabinete com a sua chocante descoberta. E então compreendi, com um súbito aperto no coração, que devia estar prisioneiro do mal; era a razão por que o meu corpo fora agredido e por que me parecia estar rodeado pelo próprio cheiro do mal.

Movimentei os membros com a maior cautela possível e consegui, apesar de toda a minha fraqueza, virar a cabeça, depois levantá-la. A minha visão estava bloqueada por uma parede indistinta a menos de dez centímetros de distância, mas a luz ténue que eu já vislumbraa vinha de algum ponto acima dela. Suspirei e ouvi o meu próprio suspiro; isto fez-me acreditar que também ainda podia ouvir, e que tinha sido o fato de estar num lugar tão silencioso que me dera a ilusão de surdez. Fiz um grande esforço para ouvir com a maior atenção possível e, não tendo escutado nada, levantei o corpo com cuidado para me sentar. O gesto espalhou uma dor e uma fraqueza atrozes por todos os meus membros, e senti a cabeça a latejar. Sentado, recuperei um pouco o sentido do tacto e descobri que estava deitado em cima de uma superfície de pedra, e as paredes baixas dos dois lados serviram-me de apoio para me soerguer. Sentia um forte zumbido na cabeça, que parecia encher todo o espaço à minha volta. Era um espaço sombrio, como já disse, silencioso, e mais escuro ainda nos cantos. Tateei à minha volta. Estava seminu.

Esta descoberta provocou-me uma onda de náusea, mas ao mesmo tempo reparei que ainda usava a roupa que vestia no meu gabinete, embora a camisa e o casaco tivessem um rasgão numa das mangas e a gravata tivesse desaparecido. O fato de estar vestido com as minhas próprias roupas, porém, tranquilizou-me um pouco; aquilo não era a morte, nem mera insanidade, e eu não despertara noutra era, a não ser que tivesse transportado as minhas roupas para lá comigo. Apalpei a roupa e encontrei a minha carteira no bolso da frente das calças. Foi um choque senti aquele objeto conhecido sob as minhas mãos. O meu relógio, descobri com tristeza, não estava no meu pulso, nem a minha caneta no bolso interior do casaco.

Então, levei a mão à garganta e ao rosto. O rosto parecia inalterado, a não ser por um ferimento muito ligeiro na testa, mas no músculo da garganta encontrei uma perfuração funda, pagajosa ao toque dos meus dedos. Quando virava a cabeça ou engolia com força, a ferida fazia um ruído de sucção que me aterrorizava além de toda a racionalidade. A área perfurada estava também inchada, e latejava e doía-me quando lhe tocava. Pensei que iria desmaiar de novo de tanto horror e desesperança, mas lembrei-me de que tivera forças para me sentar. Talvez não tivesse perdido tanto sangue como a princípio receara, e isto talvez significasse que apenas tivesse sido mordido uma vez. Senti-me eu mesmo, não um demônio; não ansiava por sangue, não sentia maldade no coração. Então, uma enorme tristeza abateu-se sobre mim. Que importava que eu ainda não sentisse sede de sangue? Onde quer que estivesse, seria apenas uma questão de tempo antes de ser completamente contaminado. A não ser, é claro, que conseguisse fugir.

Virei a cabeça devagar, olhando à minha volta, tentando ver com mais clareza, e então fui capaz de distinguir a origem da luz. Era um brilho avermelhado à distância no escuro embora eu não conseguisse saber a que distância e entre mim e esse brilho havia grandes formas escuras. Com as mãos pela face exterior da minha casa de pedra. O sarcófago parecia estar rente ao chão, ou a um piso de pedra, e tateei em volta até concluir que poderia descer dali no escuro sem cair de uma grande altura. Era um longo passo até ao chão e as minhas pernas tremiam terrivelmente, por isso caí de joelhos assim que saí do sarcófago. Agora também conseguia ver um pouco melhor. Dirigi-me para a fonte de luz avermelhada com as mãos estendidas à frente, tropeçando no caminho no que me pareceu ser outro sarcófago, que encontrei vazio, e num móvel de madeira.

Quando colidi com o móvel, ouvi algo macio cair, mas não pude ver o que era.

Aquele tatear no escuro era assustador, e eu esperava a qualquer segundo ser atacado pela Coisa que me trouxera ali. Considerei outra vez a possibilidade de estar mesmo morto se aquela não seria alguma horrenda versão da morte, que eu momentaneamente confundira com uma continuação da vida. Mas nada me atacou, a dor nas minhas pernas era suficientemente convincente e eu estava a chegar mais perto da luz, que dançava e tremeluzia numa extremidade da longa câmara. Antes do seu brilho, apercibia-me agora, sobressaía um volume imóvel e escuro. Quando estava a poucos metros dele, vi um lume aceso, a arder baixo e vermelho. Estava emoldurado por uma lareira em arco feita de pedra, e dava luz suficiente para revelar diversas pesadas peças de mobiliário antigo uma grande escrivaninha coberta de papéis, uma arca entalhada, uma ou duas cadeiras altas e angulosas. Numa das cadeiras, de costas para mim e de frente para o fogo, alguém estava sentado muito quieto, vi um vulto escuro acima do encosto da cadeira. Desejei então ter seguido na direção oposta, longe da luz e mais perto de algum ponto por onde fosse possível fugir, mas estava tremendamente atraído por aquela forma escura e pela majestosa cadeira em que se sentava e pelo vermelho suave do fogo. Por um lado, precisei de toda a minha força de vontade para andar naquela direção, e, por outro, não poderia ter voltado atrás ainda que tentasse.

Aproximei-me devagar do fogo com as minhas pernas doloridas e, quando contornei a grande cadeira, uma figura levantou-se lentamente e virou-se para mim. Porque ele estava de costas para o fogo e porque havia tão pouca luz à nossa volta, não podia ver o seu rosto, ainda que por um segundo tenha vislumbrado uma face branca como osso e um olhar rutilante. Tinha cabelos escuros compridos e crespos, que lhe caíam pelos ombros como um manto curto. Havia algo nos seus movimentos que era diferente dos de um homem vivo, mas se eram mais rápidos ou mais lentos, não sei. Era só um pouco mais alto do que eu, mas dava uma impressão de grande estatura e volume, e eu via como os seus ombros largos se destacavam contra a luz da lareira. Então, ele pegou em qualquer coisa, curvando-se para o fogo. Imaginei que estivesse prestes a matar-me e permaneci muito quieto, esperando morrer com uma certa dignidade, o que quer que acontecesse. Mas ele estava apenas a acender no fogo uma vela fina e comprida e, quando o fez, acendeu com ela outras num candelabro junto da sua cadeira, virando-se de novo de frente para mim.

Agora, via-o melhor, embora o seu rosto ainda continuasse na sombra. Usava um chapéu pontiagudo verde e ouro ornamentado com um pesado broche cravejado de pedras preciosas sobre a testa e uma túnica de ombros muito volumosos feita de veludo dourado com uma gola verde e alta atada sob o queixo largo. A jóia na sua testa e os fios dourados da gola cintilavam à luz do fogo. Um manto de pele branca estava enrolado em volta dos seus ombros e preso com um dragão de prata. Os seus trajes eram extraordinários; assustaram-me quase tanto como a sua estranha presença de morto-vivo. Era roupa de verdade, viva, nova, não as peças desbotadas de uma exposição de museu. Ele usava-as com um luxo e uma elegância excepcionais, parado em silêncio à minha frente, de tal modo que o manto caía em torno dele como uma capa ondulada de neve. A luz do fogo revelava a sua mão de dedos de pontas achatadas, cheia de cicatrizes, apoiada no punho da adaga, e mais adiante uma perna vigorosa de calções verdes e pé calçado de bota. Ele deslocou-se um pouco, virando-se para a luz, mas permaneceu calado. Agora, podia ver melhor o seu rosto, e a sua força cruel fez-me recuar, os grandes olhos negros sob as vastas sobrancelhas juntas, o nariz reto e comprido, as faces amplas e ossudas. A sua boca, via agora, estava fechada com um sorriso duro, cor de rubi e curvada sob o bigode escuro e cerdoso. Num dos cantos da sua boca, vi uma mancha de sangue seco, oh, meu Deus, como aquilo me abalou.

Só a visão do sangue naquela boca já era suficientemente terrível, mas a percepção imediata de que era provavelmente meu, o meu próprio sangue, pôs-me a cabeça à roda.

Ele levantou-se, ainda mais orgulhoso, e olhou-me diretamente no rosto através da penumbra que nos separava.

Sou Drácula disse.

As palavras soaram frias e claras. Tive a impressão de que vinham numa língua que eu não conhecia, apesar de as compreender perfeitamente. Incapaz de falar, fiquei a olhar para ele, paralisado. O seu corpo estava apenas a três metros do meu e era inegavelmente real e poderoso, quer estivesse vivo ou morto.

Venha disse ele no mesmo tom frio, puro. Está cansado e com fome depois da nossa viagem. Preparei-lhe uma ceia. Os seus gestos eram delicados, cortesies mesmo, com um brilho de jóias nos grandes dedos brancos.

Vi uma mesa perto do fogo cheia de travessas cobertas. Senti também cheiro a comida, comida humana, boa, verdadeira e o aroma fez-me sentir fraco. Drácula dirigiu-se sem ruído para a mesa e encheu um copo com um líquido vermelho de uma garrafa, algo que, pensei por um instante, devia ser sangue,

Venha repetiu ele, mais suavemente.

Afastou-se e sentou-se na sua cadeira, como se pensasse que eu me aproximaria da mesa com mais facilidade se ele se conservasse a uma certa distância. Dirigi-me, vacilante, para a cadeira vazia junto da mesa, com as pernas a tremer de pura fraqueza e também de medo. Sentei-me nas almofadas escuras, prostrado, e olhei para os pratos. Por que razão, refleti, queria tanto comer quando poderia morrer a qualquer momento? Era um mistério que só o meu corpo compreendia. Drácula contemplava agora o fogo; vi o perfil agressivo, o nariz longo e o queixo forte, o cabelo negro encaracolado por cima do ombro. Apertava as mãos uma na outra, pensativo, de modo que o seu manto e as mangas bordadas pendiam, mostrando punhos de veludo verde e uma grande cicatriz nas costas de uma das mãos. A sua atitude era calma e melancólica; comecei a sentir que devia estar a sonhar, e não sob ameaça, e atrevi-me a levantar as tampas de algumas travessas.

Subitamente, estava tão faminto que mal podia conter a vontade de comer selvaticamente com as duas mãos, mas controlei-me e peguei no garfo de metal e na faca de osso que estavam em cima da mesa para cortar primeiro uma fatia de galinha assada, depois um pedaço de uma carne escura de caça. Havia tigelas decerâmica com batatas e papas, um pão rijo, uma sopa quente cheia de verduras. Comi vorazmente, tentando não me apressar para evitar que o estômago me doesse. A taça de prata junto ao meu cotovelo estava cheia de um forte vinho tinto, não de sangue, e bebi-o todo. Drácula não se moveu durante a minha refeição, embora eu não pudesse evitar olhar de relance para ele de vez em quando. Quando acabei, sentia-me quase pronto para morrer, contente por um longo minuto. Era então este o motivo por que se oferece uma última refeição a alguém que vai ser executado. Foi a primeira coisa em que pensei com clareza desde que acordara dentro do sarcófago. Devagar, voltei a colocar as tampas nas travessas vazias, tentando fazer o mínimo de ruído, e recostei-me na cadeira, à espera.

Depois de um longo momento, o meu companheiro virou-se na cadeira.

Já acabou o seu jantar disse calmamente. Então, talvez possamos conversar um pouco, e vou contar-lhe por que o trouxe aqui. A sua voz era clara e fria como anteriormente, mas desta vez percebi uma leve crepitação nas suas profundezas, como se o mecanismo que a produzia fosse infinitamente velho e gasto. Ele permanecia sentado a olhar pensativamente para mim, e senti-me encolher sob o seu olhar.

Tem alguma idéia de onde está?

Eu tinha esperado não ter de falar com ele, mas achei que não ganharia nada em ficar calado, o que poderia irritá-lo, embora ele parecesse bastante calmo naquele momento. Também me ocorrera que, se respondesse, se o entretivesse de alguma forma, poderia ganhar algum tempo para avaliar o que me rodeava para uma possível fuga, ou para descobrir uma maneira de o destruir, se tivesse coragem, ou até as duas coisas. Devia ser noite, ou ele não estaria acordado, se a lenda estivesse certa. A manhã acabaria por chegar e, se eu estivesse vivo nessa altura, ele teria de dormir enquanto eu ficaria acordado.

Tem alguma idéia de onde está? repetiu, quase pacientemente.

Sim respondi. Não fui capaz de me dirigir a ele usando qualquer título. Pelo menos, acho que sim. Esta é a sua tumba.

Uma delas sorriu. A favorita, em todo o caso.

Estamos na Valáquia? Não pude deixar de perguntar.

Ele abanou a cabeça e a luz do fogo passou-lhe pelo cabelo escuro e pelos olhos brilhantes. Havia algo que não era humano naquele gesto, o que fez o meu estômago contrair-se. Ele não se movimentava como uma pessoa viva e, no entanto, mais uma vez, eu não sabia definir com exatidão qual era a diferença.

A Valáquia tornou-se demasiado perigosa. Eu devia ter podido descansar lá para sempre, mas não foi possível. Imagine: depois de lutar tanto pelo meu trono, pela nossa liberdade, não pude sequer deixar lá os meus ossos.

Onde estamos, então? Tentei, mais uma vez em vão, considerar aquilo como uma conversa normal. Depois apercebi-me de que não queria apenas fazer a noite passar depressa ou de modo seguro, se houvesse alguma possibilidade disso.

Queria também aprender alguma coisa sobre Drácula. O que quer que aquela criatura fosse tinha vivido quinhentos anos. As suas respostas morreriam comigo, é claro, mas este fato não impedia que eu sentisse uma ponta de curiosidade.

Ah, onde estamos repetiu Drácula. Não importa, penso eu. Não estamos na Valáquia, que ainda é governada por loucos.

Olhei para ele, abismado.

Você... você conhece o mundo moderno?

Ele olhou para mim com um ar de divertida surpresa que fez o seu rosto terrível crispá-lo. Pela primeira vez, vi os dentes compridos, as gengivas recuadas, que lhe davam a aparência de um cão velho quando sorria. A visão foi-se tão depressa como viera, não, a sua boca era normal, excetuando aquela pequena mancha do meu sangue, ou de alguém sob o bigode preto.

Sim disse ele, e por um segundo receei ter de ouvi-lo rir, conheço o mundo moderno. É o meu orgulho, a minha obra favorita.

Senti que algum tipo de ataque frontal poderia ser do meu interesse, se o ocupasse.

Então, o que quer de mim? Evitei a modernidade durante muitos anos; ao contrário de si vivo no passado.

Ah, o passado e juntou as pontas dos dedos outra vez diante do fogo. O passado é muito útil, mas só pelo que pode ensinar-nos sobre o presente. O presente é que erijo. Mas gosto muito do passado. Venha. Por que não mostrar-lhe, uma vez que já comeu e descansou?

Levantou-se, outra vez com aqueles movimentos que pareciam determinados por alguma força que não a dos membros do seu corpo, e eu levantei-me depressa com ele, temendo que se tratasse de um ardil, que ele fosse agora lançar-se sobre mim. Mas ele virou-se devagar e tirou uma das velas do suporte próximo da sua cadeira, erguendo-a bem alto.

Leve uma vela consigo disse, afastando-se da lareira e penetrando na escuridão do vasto aposento.

Peguei numa segunda vela e segui-o, ficando longe dos seus estranhos trajes e arrepiantes movimentos. Esperava que não fosse levar-me outra vez para o meu sarcófago.

À luz fraca das nossas velas, comecei a ver coisas que não pudera ver antes coisas maravilhosas. Distinguia agora compridas mesas a minha frente, mesas de uma solidez antiga. E em cima delas havia pilhas e pilhas de livros volumes velhíssimos e gastos encadernados em couro, e capas cujos dourados captavam o brilho da chama da minha vela. Havia outros objetos ainda eu nunca tinha visto um tinteiro como aquele, nem penas e aparos tão extravagantes. Havia uma pilha de folhas de pergaminho, que vislumbrei à luz da vela e uma velha máquina de escrever com um papel muito fino inserido nela. Entrei os reflexos de encadernações e caixas recamadas de pedras preciosas, rolos de manuscritos pousadas em bandejas de latão dourado. Havia grandes fôlios e in-quartos revestidos de couro macio e filas de volumes mais modernos em compridas estantes. Na realidade, estávamos cercados: todas as paredes pareciam estar cobertas de livros. Segurando a minha vela, comecei a decifrar títulos aqui e ali, às vezes um elegante desabrochar de escrita árabe no centro de uma capa de couro vermelho, às vezes uma língua ocidental que eu conseguia ler. A maioria dos volumes, todavia, era antiga demais para ter títulos. Tratava-se de um acervo incomparável, e, contrafeito, comecei a ansiar por abrir alguns daqueles livros, por tocar os manuscritos nas suas bandejas.

Drácula voltou-se para mim, segurando a sua vela com o braço levantado, e a luz fez cintilar as jóias no seu chapéu topázio, esmeralda, pérola. Os seus olhos estavam muito brilhantes.

O que acha da minha biblioteca?

Parece ser uma... coleção excepcional. Um tesouro reconheci.

Uma espécie de prazer passou pelo seu rosto terrível.

Tem razão disse suavemente. Esta biblioteca é a melhor do seu gênero no mundo. É o resultado de séculos de uma seleção cuidadosa. Mas vai ter tempo de sobra para explorar as maravilhas que reuni aqui. Agora, deixe-me mostrar-lhe outra coisa.

Dirigiu-se para um lado da sala de que ainda não nos tínhamos aproximado e ali dei com uma prensa tipográfica muito antiga, como as que vemos em ilustrações do fim da Idade Média: um pesado aparelho de metal negro e madeira escura com um enorme parafuso em cima. A placa redonda era de obsidiana com o polimento da tinta, captava a nossa luz como um espelho demoníaco. Havia uma folha de papel espesso estendida na prateleira da prensa. Aproximei-me e vi que estava impressa em parte, uma experiência posta de parte, e que estava escrita em inglês. "O Fantasma na Ânfora", dizia o título. "Vampiros, da Tragédia Grega à Tragédia Moderna" E o nome do autor: "Bartholomew Rossi."

Drácula devia estar à espera da minha manifestação de espanto, e eu não o decepcionei.

Como vê, estou a par do que há de melhor em pesquisa moderna. Bem informado, como se diz. Quando não posso obter uma obra publicada ou quando a quero imediatamente, às vezes imprimo-a eu mesmo. Mas eis uma coisa que sem dúvida lhe vai igualmente interessar.

Apontou para uma mesa atrás da prensa. Em cima dela, havia uma fila de blocos xilográficos. O maior deles era o dragão dos nossos livros do meu e do de Paul invertido, é claro. Com dificuldade, controlei-me para não soltar uma exclamação em voz alta.

Está surpreendido disse Drácula, segurando a sua vela perto do dragão. As linhas da figura eram-me tão familiares que poderia tê-las talhado com as minhas próprias mãos. Conhece esta imagem muito bem, presumo.

Sim segurei a minha vela com firmeza. Imprime os livros pessoalmente? E quantos deles existem?

Os meus monges imprimiram alguns, e eu continuei o trabalho deles disse ele em voz baixa,

olhando para as matrizes. Quase realizei a minha ambição de imprimir mil quatrocentos e cinquenta e três, mas devagar, para poder distribuí-los enquanto trabalhava. Este número significa alguma coisa para si?

Sim respondi, depois de um momento. É o ano da queda de Constantinopla

Achei que saberia observou ele com o seu sorriso amargo. É a pior data da História.

Parece-me que há muitas concorrentes a essa honra objetei, mas ele sacudiu a sua grande cabeça sobre os seus grandes ombros.

Não disse ele. Levantou bem alto a vela e à sua luz vi os olhos dele inflamarem-se, vermelhos nas suas profundezas, como os de um lobo, e cheios de ódio. Foi como ver um olhar morto de repente ganhar vida; eu tinha achado os seus olhos brilhantes antes, mas agora estavam ferozmente iluminados. Eu não conseguia falar; não conseguia desviar os olhos. Depois de um segundo, ele voltou-se outra vez para o dragão e, contemplando-o, disse, pensativo: Foi um bom mensageiro.

Foi você que me levou o meu? O meu livro?

Digamos que tomei as providências para isso estendeu os dedos cheios de cicatrizes de batalha para tocar no bloco entalhado. Sou muito cuidadoso quanto à sua distribuição. Vão apenas para os académicos mais promissores, e para aqueles que julgo serem suficientemente persistentes para seguir o dragão até ao seu covil, E você foi o primeiro a fazê-lo, de fato. Cumprimento-o por isso. Os meus outros assistentes, deixo-os no mundo, para fazerem a minha pesquisa.

Não estou a perceber arrisquei-me a dizer. Foi o senhor que me trouxe para cá.

Ah... de novo aquela curvatura nos lábios cor de rubi, a contração do longo bigode. Você não estaria aqui se não quisesse vir. Nunca ninguém ignorou a minha advertência duas vezes na vida. Foi você que se trouxe a si mesmo.

Olhei para a prensa muito velha e para o bloco entalhado com o dragão.

Por que me quer aqui?

Eu não queria despertar a sua ira com as minhas perguntas; amanhã à noite ele poderia matar-me, se quisesse, se eu não encontrasse nenhum meio de escapar durante as horas do dia. Mas não podia deixar de lhe perguntar aquilo.

Há muito tempo que espero por alguém para catalogar a minha biblioteca disse ele, com simplicidade. Amanhã, poderá ver tudo o que há nela à vontade. Esta noite, vamos conversar.

Dirigiu-se de novo para as nossas cadeiras com o seu passo imponente e lento. As suas palavras deram-me uma boa dose de esperança aparentemente, não pretendia matar-me naquela noite e, além disso, a curiosidade crescia dentro de mim. Eu não estava a sonhar, parecia-me; estava a falar com alguém que vivera através de mais História do que qualquer historiador poderia imaginar estudar numa só vida, mesmo que de modo rudimentar. Segui-o a uma distância prudente e sentamo-nos diante do fogo outra vez. Enquanto me instalava, reparei que a mesa com os pratos vazios da minha ceia desaparecera, e no seu lugar surgira uma confortável otomana, sobre a qual apoiei os pés com cuidado. Drácula sentou-se majestosamente direito na sua grande cadeira. Enquanto a cadeira dele era alta, de madeira medieval, a minha era confortavelmente estofada, como a otomana, como se ele tivesse pensado em proporcionar ao seu hóspede algo adequado à fraqueza moderna.

Ficamos sentados em silêncio durante longos minutos, e eu já começava a perguntar-me se ele teria a intenção de ficar assim a noite inteira quando ele falou novamente.

Em vida, eu amava os livros disse. Virou-se um pouco para mim, e via o clarão do seu olhar e o brilho da sua densa cabeleira. Talvez não saiba que eu era de certo modo um estudioso. Isso não parece ser muito conhecido falou com indiferença. Mas sabe que os livros da minha época

eram muito limitados quanto aos campos de interesse. Na minha vida mortal, vi sobretudo os textos que a Igreja sancionava os Evangelhos e o comentário ortodoxo deles, por exemplo. Essa obras não tinham qualquer utilidade para mim, no final. E quando ocupei pela primeira vez o meu trono legítimo, as grandes bibliotecas de Constantinopla tinham sido destruídas. O que restou delas, nos mosteiros, nunca pude ver com os meus próprios olhos o seu olhar estava profundamente perdido no fogo. Mas eu possuía outros recursos. Mercadores traziam-me livros estranhos e maravilhosos de muitos lugares do Egito e da Terra Santa, dos grandes mosteiros do Ocidente. Nesses livros, aprendi sobre o antigo ocultismo. Como sabia que não podia alcançar um paraíso celestial de novo aquele tom de voz indiferente, tornei-me um historiador para preservar a minha própria história para sempre.

Calou-se por algum tempo e eu tinha medo de lhe fazer mais perguntas. Finalmente, pareci sair da apatia, batendo com a mão larga no braço da cadeira.

Foi o princípio da minha biblioteca.

Eu estava demasiado curioso para ficar calado, apesar de achar a pergunta extremamente difícil de formular.

Mas depois da sua... morte, continuou a colecionar estes livros?

Oh, sim. Virou-se então para olhar para mim, talvez por eu ter feito espontaneamente a pergunta, e sorriu, soturno. Os seus olhos, encovados à luz da lareira, eram aterrorizadores de fixar. Como já lhe disse, no fundo sou um estudioso, como sou um guerreiro, e aqueles livros fizeram-me companhia durante os meus longos anos. Há também muita coisa de natureza prática que se aprende nos livros a arte de governar, por exemplo, e as batalhas dos grandes generais. Mas tenho muitos tipos de livros. Vai ver amanhã.

E o que deseja que eu faça pela sua biblioteca?

Como disse, catalogá-la. Nunca fiz um registro completo do que possuo, das suas origens e do seu estado. Esta será a sua primeira tarefa, e vai realizá-la com mais rapidez e brilhantismo do que qualquer outro o faria, devido ao seu domínio de muitas línguas e à vastidão dos seus conhecimentos. No decorrer desse trabalho, vai manusear alguns dos livros mais maravilhosos e mais poderosos alguma vez produzidos. Muitos deles já não existem em nenhum outro lugar. Talvez saiba, professor, que só um milésimo da literatura já publicada até hoje ainda existe... Empenhei-me na tarefa de elevar essa fração ao longo dos séculos.

Enquanto ele falava, notei outra vez a clareza e a frieza peculiares da sua voz, e também aquele crepitar no fundo como o guizo de uma cobra, ou de água fria a correr sobre pedras.

A sua segunda tarefa será muito mais ampla. Na verdade, vai durar para sempre. Quando conhecer a minha biblioteca e os seus objetivos tão intimamente como eu, irá pelo mundo, sob o meu comando, à procura de novas aquisições e antigas também, porque nunca irei parar de colecionar as obras do passado. Colocarei muitos arquivistas à sua disposição os melhores e você trará outros mais para o nosso poder.

As dimensões da sua visão e o seu pleno significado, se eu os compreendia corretamente, caíram sobre mim como um suor frio. Recuperei a minha voz, mas insegura.

Por que não continua a fazer isso pessoalmente?

Ele sorriu para o fogo e vi outra vez aquele lampejo de um rosto diferente o cão, o lobo.

Vou ter outras coisas a que dar atenção agora. O mundo está a mudar e pretendo mudar com ele. Talvez em breve não precise mais desta forma e mostrou com um gesto lento da mão a sua elegância medieval, a grande força letal dos seus membros para realizar as minhas ambições. Mas a biblioteca é-me preciosa e gostaria de a ver crescer. Além disso, há já algum tempo que acho que está cada vez menos segura aqui. Vários historiadores quase a encontraram, e você mesmo tê-la-ia encontrado se eu o tivesse deixado mais tempo entregue aos seus próprios

recursos. Mas eu precisava de si aqui com urgência. Pressinto um perigo que se aproxima, e a biblioteca tem de ser catalogada antes de ser levada daqui.

Ajudou-me, por um momento, fingir outra vez que estava a sonhar, e perguntei:

Para onde vai levá-la? E a mim juntamente com ela, podia ter acrescentado.

Para um antigo lugar, mais velho ainda que este, do qual tenho excelentes lembranças. Um lugar remoto, mas próximo das grandes cidades modernas, onde posso ir e vir com facilidade. Vamos instalar a biblioteca, e vou ampliá-la imensamente olhou para mim com uma espécie de confiança que poderia ser afeição num rosto humano. Então levantou-se, com os seus movimentos vigorosos, peculiares.

Já conversamos o suficiente por uma noite vejo que está cansado. Vamos utilizar estas horas para ler um pouco, como costume fazer, e depois vou-me embora. Quando amanhecer, deve pegar no papel e nas canetas que vai encontrar junto da prensa e começar o seu catálogo. Os meus livros já estão separados por categorias, em vez de séculos ou décadas. Depois verá. Há uma máquina de escrever, também, que providenciei para si. Pode querer compilar o catálogo em Latim, mas deixo isso ao seu critério. E, claro, tem toda a liberdade, agora e em qualquer ocasião, para ler o que desejar.

Com isto, afastou-se da cadeira e escolheu um livro em cima da mesa, depois voltou a sentar-se com ele. Tive receio de não fazer o mesmo e peguei no primeiro livro que encontrei. Era uma das primeiras edições de O Príncipe, de Maquiavel, acompanhado de uma série de discursos sobre moral que eu nunca vira nem ouvira falar antes. Não consegui começar a decifrá-lo, no estado de espírito em que me encontrava, e fiquei a olhar para as letras, ou virava uma página ao acaso. Drácula parecia profundamente concentrado no seu livro. Lançando-lhe um olhar rápido, perguntava a mim próprio como é que ele se habituara àquela existência noturna, subterrânea, a vida de um estudioso, depois de uma vida inteira de batalhas e de ação.

Finalmente, levantou-se e pôs o livro de lado, silenciosamente. Sem dizer palavra, entrou na escuridão da grande sala, e deixei de poder distinguir as suas formas. Então, ouvi um rangido seco, como o de um animal a andar em cima de terra solta, ou de um fósforo a ser riscado, embora nenhuma luz aparecesse, e senti-me imensamente sozinho. Apurei os ouvidos, mas não consegui saber para que lado ele fora. Não iria banquetear-se comigo naquela noite, pelo menos. Perguntei-me, temeroso, com que objetivo estaria a poupar-me, quando poderia ter feito de mim seu servo muito mais depressa e ao mesmo tempo saciado a sua sede. Fiquei algumas horas sentado na minha cadeira, levantando-me de vez em quando para esticar o meu corpo dolorido. Não me atrevi a dormir enquanto era noite, mas sem querer devo ter dormitado um pouco antes do alvorecer, porque acordei de repente sentindo uma mudança no ar, embora nenhuma luz penetrasse naquela câmara sombria, e vi o vulto de Drácula envolto no seu manto aproximando-se da lareira.

Bom dia disse ele, em voz baixa, e encaminhou-se para a parede escura onde ficava o meu sarcófago. Pusera-me de pé, impelido pela sua presença. Então, mais uma vez, deixei de o ver e um profundo silêncio encheu-me os ouvidos.

Muito tempo depois, peguei na minha vela e voltei a acender o candelabro, assim como algumas velas que encontrei em candelabros fixos nas paredes. Em cima das muitas mesas, descobri candeeiros de cerâmica ou pequenas lamparinas de ferro, e acendi também alguns deles. O fato de haver mais iluminação foi um alívio para mim, mas perguntei a mim mesmo se veria a luz do dia outra vez, ou se já teria iniciado uma eternidade de trevas e chamas tremeluzentes de velas, isto por si só estendia-se à minha frente como uma versão do inferno. Pelo menos, podia ver agora um pouco mais da sala; era muito funda em todas as direções e as paredes estavam revestidas de grandes armários e prateleiras. Por toda a parte via livros, caixas, rolos de

pergaminhos, manuscritos, as pilhas e filas da vasta coleção de Drácula. Ao longo de uma parede, percebi as formas indistintas de três sarcófagos. Aproximei-me com a minha luz. Os dois menores estavam vazios um deles devia ter sido aquele em que eu acordara.

Então, vi o maior sarcófago de todos, um grande túmulo mais majestoso que tudo o resto; imenso à luz das velas, e de nobres proporções. Num dos lados, havia apenas uma palavra, escrita em caracteres latinos: DRÁCULA. Ergui a vela e olhei para dentro, quase contra a minha vontade. O grande corpo jazia ali, inerte. Pela primeira vez, via com clareza o rosto fechado, cruel, e fiquei a olhar para ele apesar da repulsa. O cenho estava ligeiramente franzido como se um mau sonho o perturbasse, os olhos abertos e fixos, de tal modo que parecia mais morto do que a dormir, a pele de um amarelado cor de cera, as longas pestanas negras imóveis, os traços fortes, quase bonitos, translúcidos Um emaranhado de comprido cabelo escuro caía-lhe em torno dos ombros, enchendo os lados do sarcófago. O mais impressionante para mim era o colorido vivo das suas faces e lábios, e a aparência saciada que o rosto e o corpo não tinham à luz da lareira. E ele poupava-me por algum tempo, era verdade, mas lá fora, na noite, arranjara maneira de se satisfazer. A pequena mancha de sangue desaparecera dos seus lábios; agora, vicejavam, cor de rubi, sob o bigode escuro. Parecia tão cheio de uma vida e saúde artificiais que o meu sangue gelou quando vi que não respirava o seu peito não subia nem descia um milímetro sequer. Outra coisa estranha: usava um novo conjunto de roupas, tão rico e requintado como o que eu já vira, uma túnica e botas de um vermelho intenso, um manto e uma boina de veludo púrpura. O manto estava um pouco gasto nos ombros, o chapéu ostentava uma pluma castanha. A gola faiscava de jóias.

Fiquei a olhar para ele até a estranheza da visão quase me fazer desfalecer, e recuei um passo para tentar organizar os meus pensamentos. Ainda era muito cedo eu dispunha de horas até ao pôr do Sol. Antes de mais nada, iria procurar uma forma de fugir e depois um meio de destruir a criatura enquanto ela dormia, para poder fugir imediatamente, fosse ou não bem sucedido. Segurei a minha luz com firmeza. Não é preciso dizer que esquadrinhei durante mais de duas horas a grande sala de pedra sem encontrar uma única saída. Numa das extremidades, do lado oposto à lareira, havia uma grande porta de madeira com uma tranca de ferro, que empurrei, e puxei até ficar exausto e dolorido. Não se desviou um milímetro; de fato, acredito que estivesse fechada há muitos anos talvez séculos. Não havia outras formas de saída nenhuma outra porta, túnel, ou pedra solta, ou abertura de qualquer tipo. Não havia janelas, sem dúvida, e tinha certeza de que nos encontrávamos num subterrâneo bastante fundo. O único nicho nas paredes era aquele onde estavam os três sarcófagos, e, também lá, as pedras não saíam do lugar. Foi um tormento para mim examinar aquela parede diante do rosto parado de Drácula com os seus enormes olhos abertos; mesmo que os olhos nunca se mexessem, eu sentia que deviam ter um poder secreto de vigiar e amaldiçoar.

Sentei-me de novo junto ao fogo para recuperar as minhas forças que se esvaíam. O lume nunca estivera tão baixo, reparei, estendendo as mãos por cima dele, embora consumisse lenha de verdade e produzisse um calor palpável e reconfortante. Reparei também pela primeira vez que não deitava fumo; teria estado aceso a noite inteira? Passei a mão pela cara, para me aquecer. Precisava da mais ínfima parcela da minha saúde mental. Na verdade naquele momento, tome uma decisão firme, empenhar-me-ia em manter intactas a minha mente e a minha fibra moral até ao meu último momento. Seria o meu amparo, o último que merecia.

Quando me recompus, comecei a minha busca outra vez, sistematicamente, procurando uma forma possível de destruir o meu monstruoso anfitrião. Se o conseguisse, evidentemente, morreria de qualquer maneira sozinho aqui, sem escapatória, mas ele nunca mais sairia desta câmara para se lançar como uma ave de rapina sobre o mundo exterior. Pensei fugazmente, e não pela

primeira vez, no conforto do suicídio mas não podia permitir-me isso. Já estava em risco de me tornar igual a Drácula, e a lenda afirmava que qualquer suicida pode tornar-se um morto-vivo mesmo sem a contaminação adicional que eu já recebera, uma lenda cruel, mas ainda assim eu tinha de levá-la em conta. Esse caminho estava fechado para mim. Investiguei cada recanto e cada fenda da sala, abrindo gavetas e caixas, verificando prateleiras, segurando a vela bem alto. Não era provável que o astucioso príncipe tivesse deixado alguma arma que pudesse ser usada contra ele, mas eu tinha de procurar. Não encontrei nada, nem um pedaço de madeira que pudesse afiar e transformar numa estaca. Quando tentei puxar um toro de lenha da lareira, as labaredas reanimaram-se subitamente, queimando-me a mão. Fiz a tentativa diversas vezes, sempre com o mesmo resultado demoníaco.

Por fim, voltei ao grande sarcófago central, temendo o último recurso que havia ali: a adaga que o próprio Drácula usava no cinto. A sua mão marcada por cicatrizes estava fechada no punho da arma. A adaga podia muito bem ser de prata, e nesse caso enterrá-la-ia no coração dele, se conseguisse tirar-lha do corpo. Sentei-me por um momento para reunir coragem para esse esforço e para superar a minha aversão. Então levantei-me e pus a mão com cuidado perto da adaga, segurando a vela bem alto na outra mão. O meu leve toque não causou nenhuma palpação de vida no rosto rígido, constatei, embora a crueldade da expressão, aprofundada contração do nariz parecessem intensificar-se. Mas descobri, para meu pavor, que a mão estava fechada sobre a adaga por algum motivo. Eu teria de a abrir à força para tirar a adaga. Coloquei a minha mão sobre a de Drácula e a sensação foi tão medonha que não quero descrevê-la aqui, nem que seja só para mim. A mão dele estava fechada como uma pedra sobre o punho da adaga. Eu não conseguia abri-la nem fazê-la mexer-se; seria o mesmo que tentar arrancar uma adaga de mármore da mão de uma estátua. Os olhos mortos pareceram acender-se de ódio. Lembrar-se-ia daquilo mais tarde, ao acordar? Cá para trás, exausto e enojado para lá das minhas forças, e senti-me outra vez no chão durante algum tempo com a minha vela.

Por fim, não vendo possibilidade de sucesso para os meus planos, decidi agir de outra maneira. Primeiro, tentaria dormir um pouco, já que devia ser perto do meio-dia, no máximo, para poder acordar muito antes de Drácula, e para que ele não acordasse primeiro e me encontrasse a dormir. Assim fiz durante uma hora ou duas, creio tenho de encontrar uma maneira melhor de calcular ou medir o tempo neste vácuo, deitando-me diante da lareira com o casaco dobrado sob a cabeça. Nada me teria convencido a voltar para dentro daquele sarcófago, mas consegui receber algum conforto do calor das pedras da lareira sob o meu corpo doído.

Quando acordei, fiquei atento aos sons, mas a câmara estava mortalmente silenciosa. Encontrei a mesa próxima da minha cadeira novamente abastecida com uma saborosa refeição, embora Drácula ainda permanecesse no mesmo estado de paralisia dentro da sua tumba. Então, fui procurar a máquina de escrever que vira mais cedo. Aqui estou a escrever desde então, o mais rapidamente possível, para registrar tudo o que observei. Desta maneira, reencontrei também uma certa medida de tempo, pois conheço o ritmo do meu trabalho de dactilografia e sei quantas páginas posso fazer numa hora. Estou agora a escrever estas últimas linhas à luz de uma vela, apaguei as outras para as economizar. Estou faminto e enregelado, na fria unidade distante do lume. Agora vou esconder estas páginas, comer alguma coisa e dedicar-me ao trabalho que Drácula me determinou, para que ele me encontre ocupado nisso quando acordar. Amanhã vou tentar escrever mais, se ainda estiver vivo e ainda me sentir suficientemente eu mesmo para o fazer.

Depois de ter escrito as minhas notas anteriores, dobrei as páginas e meti-as atrás de um armário próximo, de onde posso tirá-las outra vez e onde não são visíveis de ângulo nenhum. Então, peguei numa vela nova e avancei lentamente por entre as mesas. Haveria dezenas de milhares de livros na sala grande, calculei talvez centenas de milhares, contando com todos os rolos de pergaminho e outros manuscritos. Estavam não apenas sobre as mesas, mas em pilhas dentro dos pesados armários antigos e ao longo das paredes em prateleiras toscas. Livros medievais pareciam estar misturados com magníficos fólhos renascentistas e publicações modernas. Encontrei um antigo in-quarto de Shakespeare, histórias ao lado de um volume de São Tomás de Aquino. Havia obras maciças sobre alquimia do século dezesseis ao lado de um armário inteiro de rolos em escrita árabe com iluminuras otomanas, presumi, sermões puritanos sobre bruxaria, e pequenos volumes de poesia do século dezanove, e longos trabalhos sobre filosofia e criminologia do nosso século. Não, não havia um padrão de tempo, mas vi outro padrão a emergir claramente.

Organizar os livros como deveriam estar arrumados na coleção de História de uma biblioteca normal levaria semanas ou meses, mas, uma vez que Drácula os considerava já organizados de acordo com os seus próprios interesses, deixá-los-ia como estavam e tentaria apenas distinguir um tipo de coleção de outro. Deduzi que a primeira coleção começava na parede da câmara perto da porta inamovível e espalhava-se por três armários e duas grandes mesas: poderia classificá-la como a arte de governar e estratégia militar.

Ali encontrei mais Maquiavel, em extraordinários fólhos de Pádua e de Florença. Encontrei uma biografia de Aníbal escrita por um inglês do século dezoito e um manuscrito grego enrolado, datando talvez da época da Biblioteca de Alexandria: Heródoto, sobre as guerras de Atenas. Comecei a sentir um novo arrepio à medida que ia de um livro para outro, de um manuscrito para outro, cada um mais espantoso do que o anterior. Havia uma primeira edição muito folheada de *Mein Kampf* e um diário em francês manuscrito, manchado aqui e ali com um bolo castanho que parecia, pelas datas iniciais e relatos, ser uma Crônica do reinado do Terror do ponto de vista de um funcionário do governo. Teria de examiná-lo melhor mais tarde aparentemente, o autor não mencionava o nome em lugar algum. Encontrei um grande volume sobre as táticas das primeiras campanhas militares de Napoleão, impresso enquanto ele estava em Elba, segundo os meus cálculos. Numa caixa em cima de uma das mesas, dei com um texto datilografado no alfabeto cirílico num papel amarelado; o meu Russo é rudimentar, mas tinha a certeza, pelos cabeçalhos, de que se tratava de um memorando interno de Stalin para alguém do exército russo. Não fui capaz de perceber muita coisa, mas continha uma longa lista de nomes russos e polacos.

Houve alguns livros que não consegui identificar; houve também muitos livros e manuscritos cujos autores ou temas eram completamente novos para mim. Tinha iniciado uma lista de tudo o que pude identificar, fazendo uma divisão aproximada por século, quando senti o frio aumentar, como um vento onde não havia vento, e, ao levantar a cabeça, vi a estranha figura a poucos metros de distância, do outro lado de uma das mesas.

Trajava as esplêndidas roupas em tons de vermelho e violeta com as quais o vira dentro do sarcófago e estava maior e mais sólido do que eu me lembrava da noite anterior. Esperei, sem fala, para ver se me atacaria de imediato será que se lembrava da minha tentativa de lhe tirar a adaga? Mas ele inclinou a cabeça ligeiramente, como se me cumprimentasse.

Vejo que iniciou o seu trabalho. Com certeza, deve ter perguntas a fazer-me. Primeiro, vamos tomar o pequeno-almoço e depois falaremos sobre as minhas coleções.

Vi uma centelha no seu rosto, na meia-luz do salão, talvez um lampejo do brilho dos seus olhos. Seguiu à minha frente com o seu passo inumano, mas imperioso, na direção da lareira, e lá

encontrei de novo comida quente e bebidas, incluindo um chá fumegante que trouxe algum alívio ao meu corpo gelado. Drácula sentou-se contemplando o fogo sem fumo, a cabeça ereta sobre os ombros altivos. Sem querer, pensei na decapitação do seu cadáver sobre este ponto, todas as narrativas da sua morte coincidiam. Como é que ele conservava a cabeça agora, ou era tudo uma ilusão? A gola da sua bela túnica subia-lhe até ao queixo, e os caracóis escuros caíam à volta dela até aos ombros.

Agora disse ele, vamos dar um breve passeio. Acendeu outra vez todas as velas e eu segui-o de uma mesa para outra enquanto ele acendia as lanternas pousadas nelas. Vamos ter luz suficiente para ler. Não gostei da maneira como a luz incidia no seu rosto quando se curvava sobre cada nova chama, e procurei concentrar-me nos títulos dos livros em vez de olhar para ele. Veio pôr-se ao meu lado quando parei diante dos rolos de pergaminhos e livros em escrita árabe que anteriormente me tinham chamado a atenção. Para meu alívio, ainda estava a cerca de um metro e meio de distância, mas um cheiro acre emanava da sua presença e lutei contra uma leve tontura. Tenho de manter as minhas faculdades mentais, refleti; não havia maneira de prever o que a noite traria.

Vejo que encontrou uma das minhas preciosidades disse ele. Havia uma nota de satisfação na sua voz fria. Estes são os meus bens otomanos. Alguns documentos são muito antigos, dos primeiros dias desse império diabólico, e esta prateleira aqui contém volumes da sua última década. E sorriu, à luz vacilante. Não pode imaginar a satisfação que foi para mim ver a civilização deles morrer. A sua fé não está morta, é claro, mas os sultões foram-se para sempre, e eu sobrevivi-lhes. Pensei por um instante que fosse dar uma gargalhada, mas as suas palavras seguintes foram proferidas em tom grave. Aqui estão grandes livros feitos para o sultão sobre as suas muitas terras. Aqui e tocou na ponta de um rolo de pergaminho está a história de Mehmed, que ele apodreça no inferno, por um historiador cristão que se tornou um seu adúltero. Que também apodreça no inferno. Tentei encontrar pessoalmente esse historiador, mas morreu antes que eu chegasse até ele. Aqui estão os relatos sobre as campanhas de Mehmed pelos seus próprios bajuladores, e sobre a queda da Grande Cidade. Você não lê árabe?

Muito pouco confessei.

Ah parecia divertido. Tive a oportunidade de aprender a língua e a escrita deles quando fui seu prisioneiro. Sabe que estive cativo lá?

Assenti com a cabeça, tentando não olhar para ele.

Sim, o meu próprio pai entregou-me ao pai de Mehmed, como penhor de que não declararia guerra ao Império. Imagine, Drácula, um peão nas mãos do infiel. Não perdi o meu tempo aprendi tudo o que foi possível sobre eles para poder ultrapassá-los a todos. Foi quando jurei fazer história, e não ser vítima dela. A voz soava tão feroz que instintivamente relanceei os olhos para ele e vi o terrível fulgor do seu rosto, o ódio, a boca sinistramente curvada sob o bigode longo. E de fato deu uma risada, e o som foi igualmente horripilante. Triunfei, e eles foram-se. Pousou a mão numa capa de couro finalmente trabalhada. O sultão tinha tanto medo de mim que fundou uma ordem entre os seus cavaleiros para me perseguir. Ainda existem uns quantos, algures em Tzarigrado, um aborrecimento. Mas são cada vez menos, as suas fileiras reduzem-se a nada, enquanto os meus servos se multiplicam pelo globo. Endireitou o corpo vigoroso. Venha. Vou mostrar-lhe os meus outros tesouros, e tem de dizer-me como se propõe catalogá-los a todos.

Conduziu-me de uma seção para outra, apontando algumas raridades especiais, e verifiquei que a minha conjectura sobre os padrões da sua coleção estava correta. Ali estava um grande armário cheio de manuais de tortura, alguns datando do mundo antigo. Iam desde as prisões da Inglaterra medieval, passando pelas câmaras de tortura da Inquisição até às experiências de

Terceiro Reich, Algumas obras da Renascença continham xilogravuras mostrando instrumento de tortura, outras, diagramas do corpo humano. Outra parte da sala era constituída pelos anais das heresias religiosas para as quais muitos daqueles manuais de tortura haviam sido usados. Um outro canto era dedicado à alquimia, outro à feitiçaria, outro à filosofia do gênero mais inquietante.

Drácula parou diante de uma grande estante e pousou a mão sobre ela de modo afetuosamente.

Esta tem um especial interesse para mim, e terá para si também, penso. Estas obras são biografias minhas.

Cada um dos livros estava de alguma forma relacionado com a sua vida. Havia obras de historiadores bizantinos e otomanos algumas delas originais muito raros e as suas muitas reimpressões através dos tempos. Havia opúsculos medievais da Alemanha, Rússia, Hungria Constantinopla, todos documentando os seus crimes. Muitos deles nunca os tinha visto nem os vira referidos no decorrer da minha pesquisa, e senti uma onda irracional de curiosidade antes de me lembrar que já não tinha motivo, nesta altura, para completar a pesquisa. Havia também numerosos volumes sobre folclore, a partir do século dezessete, que se referiam à lenda dos vampiros — achei estranho e terrível que os incluísse tão abertamente entre as suas próprias biografias. Apoiou a mão larga numa das primeiras edições do romance de Bram Stoker e sorriu mas nada disse. Depois passou em silêncio para outra seção.

Isto é de especial interesse para si também disse. São obras de História sobre o seu século, o século vinte. Um ótimo século, aguardo ansioso pelo seu final. Na minha época, um príncipe só conseguia eliminar os elementos indesejáveis um de cada vez. Vocês fazem isso com um alcance infinitamente maior. Pense, por exemplo, no aperfeiçoamento que houve desde o maldito canhão que derrubou as muralhas de Constantinopla até ao fogo divino que o seu país de adoção lançou contra as cidades japonesas há alguns anos. E esboçou uma vénia, cortês, congratulatório. Já lei muitas dessas obras, professor, mas talvez vá examiná-las agora sob uma nova perspectiva.

Finalmente, convidou-me a sentar novamente junto ao fogo, e encontrei mais chá quente à minha espera. Quando estávamos ambos a descansar nas nossas cadeiras, virou-se para mim.

Daqui a pouco, devo alimentar-me também disse, com calma. Mas antes, vou fazer-lhe uma pergunta. As minhas mãos começaram a tremer contra a minha vontade. Até então, eu tentara falar com ele o mínimo possível sem despertar a sua raiva. Você desfrutou da minha hospitalidade, nas condições em que posso oferecê-la aqui, e da minha confiança ilimitada nos seus talentos. Vai desfrutar da vida eterna que só uns poucos seres podem ambicionar. Tem livre acesso àquele que é certamente o melhor arquivo do gênero à face da terra. Estão à sua disposição obras raras que, sem dúvida, não podem ser vistas em nenhum outro lugar. Tudo isto é seu. Mexeu-se na sua cadeira, sem conseguir manter o seu grande corpo morto-vivo completamente parado muito tempo. Além do mais, você é um homem de uma sensibilidade e imaginação sem paralelo, de grande rigor e de profunda capacidade de julgamento. Tenho muito a aprender com os seus métodos de pesquisa, a sua síntese das fontes, a sua imaginação. Foi por todas essas qualidades, bem como pela grande erudição que delas resulta, que o trouxe para aqui, para o depósito dos meus tesouros.

Fez uma nova pausa. Observei o seu rosto, incapaz de desviar o olhar. Ele contemplava o fogo.

Com a sua inflexível honestidade, pode ver qual é a lição da História disse. A História ensinou-nos que a natureza do homem é má, de uma maldade sublime. O bem não é aperfeiçoável, o mal sim. Por que não pôr a sua mente privilegiada ao serviço do que é aperfeiçoável? Peço-lhe, meu amigo, que se junte a mim por vontade própria na minha pesquisa. Se o fizer, vai evitar uma grande angústia para si mesmo e vai poupar-me um considerável aborrecimento. Juntos, vamos

fazer o trabalho do historiador avançar para lá de qualquer coisa que o mundo alguma vez já viu. Não há pureza como a pureza dos sofrimentos da História. Terá o que todo o historiador quer: a história será realidade para si. Limparemos as nossas mentes com sangue.

Então concentrou todo o fluxo do seu olhar em mim, os olhos resplandecentes de um antigo conhecimento, os lábios entreabertos. Teria sido um rosto refinadamente inteligente, ocorreu-me de repente, se não estivesse deformado por tanto ódio. Lutei para não fraquejar, para não concordar com ele no mesmo instante e atirar-me de joelhos aos seus pés, para não me colocar sob o seu poder. Era um líder, um príncipe. Não tolerava desobediências. Invoquei o amor por tudo o que tivera na minha vida e pronunciei a palavra com a maior firmeza que pude:

Nunca.

O seu rosto inflamou-se, pálido, as narinas e os lábios contraídos.

Vai morrer aqui, professor Rossi disse, como se tentasse controlar a voz. Nunca vai sair vivo destas câmaras, embora vá deixá-las numa nova vida. Não seria melhor poder escolher?

Não respondi o mais suavemente que pude. Ele levantou-se, ameaçador, e sorriu.

Então, vai trabalhar para mim contra a sua vontade declarou.

Uma escuridão começou a tomar forma diante dos meus olhos e agarrei-me interiormente à minha reserva de... de quê? A minha pele começou a formigar e apareceram estrelas à minha frente nas paredes indistintas do aposento. Quando ele se aproximou, vi o seu rosto sem máscara, uma visão tão hedionda que não consigo lembrar-me dela agora, embora tenha tentado. Depois, perdi a consciência por longo tempo.

Acordei no meu sarcófago, no escuro, e pensei de novo que fosse o primeiro dia, o meu primeiro despertar ali, até que me apercebi de que desta vez tinha sabido imediatamente onde estava. Sentia-me muito fraco, muito mais fraco desta vez, e a ferida no meu pescoço sangrava e latejava. Tinha perdido sangue, mas não tanto que me incapacitasse completamente. Depois de algum tempo consegui movimentar-me e sair, a tremer, da minha prisão. Lembrei-me do momento em que perdera os sentidos. À luz das velas que restavam, vi que Drácula dormia novamente na sua grande tumba. Os olhos estavam abertos, vidrados, os lábios vermelhos, a mão fechada na adaga virei-lhe as costas, imerso no mais profundo horror de corpo e alma, e fui agachar-me junto ao fogo e tentar comer a refeição que lá encontrei.

Tudo indica que pretende destruir-me gradualmente, talvez deixar-me em aberto até ao último momento a opção que me apresentou ontem à noite, para que eu possa ainda trazer-lhe todo o poder de uma mente que trabalha de boa vontade. Tenho agora apenas um propósito não, dois: morrer com o máximo de mim intacto, na esperança de que isso sirva mais tarde para refrear um pouco os atos execráveis que cometerei quando for um morto-vivo, e ficar vivo tempo suficiente para registrar aqui tudo o que puder, embora pense que provavelmente estes papéis se transformarão em pó sem ser lidos. Estas ambições são agora o meu único sustentáculo. É um destino muito para lá de qualquer coisa pela qual pudesse chorar.

Terceiro Dia

Já não estou absolutamente certo do dia em que estou; começo a sentir que podem ter passado mais dias, ou que sonhei durante várias semanas, ou que o meu rapto ocorreu há um mês. Seja como for, esta é a terceira vez que escrevo. Passei o dia a examinar a biblioteca, não com a intenção de aceder aos desejos de Drácula para que a catalogue, mas para aprender o que puder sobre ela que possa ser benéfico a alguém, mas é inútil. Vou apenas assinalar que descobri hoje que dois dos generais de Napoleão foram assassinados durante o seu primeiro ano como imperador, mortes essas que nunca vi registradas em sítio algum. "Também analisei uma breve

obra de Anna Comnena, uma historiadora bizantina, intitulada *A Tortura Encomendada* pelo Imperador para o Bem do Povo se o meu Grego estiver correto. Encontrei um volume fabulosamente ilustrado da cabala, talvez oriundo da Pérsia, na seção de alquimia. Entre as prateleiras da coleção sobre heresias, deparei com um Evangelho de S. João da época bizantina mas há qualquer coisa de errado no começo do texto é sobre as trevas, não sobre a luz. Vou ter de examiná-lo com cuidado. Encontrei também um livro inglês de 1521 está datado chamado *Filosofia do Terror*, uma obra a respeito dos Cárpatos sobre a qual tinha lido mas que pensava já não existir.

Estou demasiado cansado e alquebrado para estudar estes textos como devia ou queria, mas, sempre que vejo algo novo ou extravagante, agarro-o com uma urgência desproporcionada ao meu total desamparo aqui. Agora preciso dormir um pouco outra vez, enquanto Drácula também dorme, para poder enfrentar a minha próxima provação mais repousado, aconteça o que acontecer.

Quarto Dia?

Sinto que o meu espírito começa também a desintegrar-se; por mais que tente, não consigo manter uma noção satisfatória do tempo ou dos meus esforços para examinar o conteúdo da biblioteca. Não só me sinto fraco mas também doente, e hoje tive uma sensação que trouxe um novo sofrimento ao que resta do meu coração. Estava a olhar para uma obra no incomparável arquivo de Drácula sobre a tortura e encontrei, num excelente in-quarto francês, o projeto de uma nova máquina destinada a separar instantaneamente cabeças dos respectivos corpos. Havia uma gravura a ilustrar isto as partes da máquina, o homem em trajes elegantes cuja cabeça teoricamente acabara de ser separada do corpo. Enquanto olhava para o desenho, senti não apenas repugnância pela sua finalidade, não apenas admirei o maravilhoso estado em que se encontrava o livro, mas também senti um desejo súbito de assistir à cena verdadeira, de ouvir os gritos da multidão e ver o sangue jorrar sobre aquela gola de renda e aquele casaco de veludo. Qualquer historiador conhece a ânsia de ver a realidade do passado, mas isto era qualquer coisa de novo para mim, uma espécie diferente de avidez. Atirei o livro para o lado, apoiei a cabeça latejante em cima da mesa e chorei pela primeira vez desde o início do meu encarceramento. Há anos que não chorava, de fato, desde o funeral da minha mãe. O sal das minhas lágrimas reconfortou-me, de tão vulgar que era.

Dia

O monstro dorme, mas não falou comigo ontem, durante todo o dia, exceto para perguntar como vai o catálogo e para examinar o meu trabalho durante alguns minutos. Neste momento estou demasiado cansado para continuar a tarefa, ou sequer para datilografar muito. Vou sentar-me em frente do fogo e tentar reunir um pouco do meu velho eu.

Dia

A noite passada ele sentou-se outra vez comigo diante do fogo, como se ainda mantivéssemos um diálogo civilizado, e contou-me que vai mudar a biblioteca em breve, mais cedo do que pretendia originalmente, porque se aproxima alguma coisa que a ameaça.

Esta será a sua última noite, e depois vou deixá-lo aqui por algum tempo disse, mas virá até

mim quando eu o chamar. Nessa altura, poderá retomar o seu trabalho num lugar novo e mais seguro. Pense o mais que puder em quem vai trazer-me, para nos ajudar na nossa tarefa. Para já, em todo o caso, vou deixá-lo onde não será encontrado. Sorriu, o que me toldou a visão, e tentei desviar a vista para o fogo. — Tem sido muito obstinado. Talvez seja melhor disfarçá-lo de relíquia sagrada.

Não tinha qualquer desejo de lhe perguntar o que queria dizer com isso.

Portanto, é só uma questão de tempo antes que ele acabe com a minha vida mortal. Agora, toda a minha energia vai ser canalizada para me fortalecer para os últimos momentos. Tenho o cuidado de não pensar nas pessoas que amei, na esperança de que assim pense menos nelas no meu próximo e amaldiçoado estado. Vou esconder este registo dentro do livro mais maravilhoso que aqui encontrei uma das poucas obras da biblioteca que não me provoca um prazer sinistro — e depois vou esconder também o livro, para que deixe de pertencer a este arquivo. Se ao menos eu pudesse entregar-me ao pó com ele. Sinto o crepúsculo a aproximar-se, algures no mundo lá fora onde luz e trevas ainda existem, e vou usar toda a energia que me resta para me manter eu próprio até ao último momento. Se algum bem existe na vida, na História, no meu próprio passado, invoco-o agora. Invoco-o com toda a paixão com que vivi.

Helen tocou na testa do pai com dois dedos, como se o abençoasse. Lutava contra os soluços.

— Como é que podemos tirá-lo daqui? Quero enterrá-lo.

— Não há tempo — disse eu, com amargura. — Ele preferia que saíssemos vivos daqui, tenho certeza.

Tirei o meu casaco e abri-o suavemente por cima dele, cobrindo-lhe o rosto. A tampa de pedra era demasiado pesada para voltar a ser posta no seu lugar. Helen pegou na sua pequena pistola, verificando-a com cuidado mesmo no meio da sua emoção.

— A biblioteca — sussurrou. — Precisamos encontrá-la imediatamente. E não ouviste qualquer coisa agora mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Acho que ouvi, mas não sei de onde veio o ruído.

Ficamos imóveis, atentos, à escuta. O silêncio pairava imperturbado acima de nós. Helen estava a tentar encontrar alguma coisa nas paredes, apalpando-as, com a pistola na outra mão. A luz das velas era imprecisa demais, frustrante. Fomos de um lado para o outro, pressionando, batendo. Não havia reentrâncias, nem pedras salientes, nenhuma possível abertura, nada que parecesse suspeito.

— Já deve estar escuro lá fora — murmurou Helen.

— Eu sei. Temos provavelmente só mais dez minutos, e a partir daí não devíamos estar aqui, tenho certeza absoluta.

Percorremos o pequeno aposento de novo, verificando cada centímetro. O ar estava frio, sobretudo agora que já não tinha o meu casaco, mas o suor começou a escorrer-me pelas costas.

— Talvez a biblioteca fique noutra parte da igreja, ou nas fundações.

— Tem de estar completamente escondida, provavelmente debaixo do chão — sussurrou Helen. — De outra maneira, alguém já teria conhecimento dela há muito tempo. Além disso, se o meu pai está nesta tumba... — não terminou a frase, mas aquela era a pergunta que me tinha atormentado mesmo no primeiro momento de choque, ao ver Rossi, onde estava Drácula?

— Não há aqui alguma coisa fora do comum? — Helen olhava para o teto baixo e abobadado, tentando alcançá-lo com as pontas dos dedos.

— Não vejo nada — mas uma idéia repentina fez-me tirar uma vela do suporte e agachar-me. Helen imitou-me, ligeira.

— Isso mesmo — murmurou.

Eu estava a tocar no dragão esculpido na parte vertical do degrau mais baixo. Tinha passado um dedo sobre ele de leve durante a nossa primeira visita à cripta; desta vez, empurrei-o com força, usando todo o meu peso. Estava firme na parede. Mas as mãos

sensíveis de Helen tatearam nas pedras à volta e encontraram uma pedra solta; veiu simplesmente na mão dela, como um dente, do sítio onde estava encaixada junto ao dragão entalhado. Uma pequena abertura escura apareceu. Introduzi a mão lá dentro e rodei-a em volta, mas só encontrei espaço vazio. Helen fez a dela deslizar, entretanto, e introduziu-a na direção do dragão, atrás do entalhe.

— Paul! — exclamou, baixinho.

Segui a indicação dela no escuro. Havia ali uma maçaneta, uma grande maçaneta fria de ferro, e, quando a empurrei, o dragão deslocou-se facilmente para fora do seu espaço sob o degrau sem afetar nenhuma das outras pedras à sua volta nem o degrau que ficava por cima. Era uma peça habilmente cinzelada, víamos agora, com uma maçaneta de ferro em forma de um animal com chifres presa nela, presumivelmente para que se pudesse fechar a abertura atrás de si ao descer os estreitos degraus de pedra que se abriam diante de nós. Helen pegou numa segunda vela e eu peguei nos fósforos. Entramos de gatas lembrei-me do aspecto de Rossi, arranhado e contuso, com as roupas rasgadas, e imaginei que tivesse sido arrastado mais de uma vez através daquela abertura, mas logo a seguir conseguimos ficar de pé nos degraus.

O ar que veio ao nosso encontro era frio, úmido e extremamente desagradável, e esforcei-me por controlar um tremor ao entrarmos, e agarrar firmemente Helen, que também tremia, durante a descida íngreme. Ao fim de quinze degraus, havia um corredor infernalmente escuro, ainda que a luz das nossas velas revelasse candelabros de ferro presos no alto das paredes, como se um dia aquele lugar tivesse sido bem iluminado. No fim do corredor mais uma vez, pareceu-me que tinha um comprimento de quinze passos, e tivera o cuidado de os contar, havia uma pesada porta de madeira visivelmente muito velha, já a lascar-se na parte de baixo, e outra vez aquela maçaneta lúgubre, uma criatura com longos chifres trabalhados em ferro. Senti, mais do que vi, Helen levantar a pistola. A porta estava firmemente trancada, mas, olhando de perto, descobri que a tranca ficava do lado em que nos encontrávamos. Fiz força com todo o meu peso por baixo da pesada tranca e depois empurrei e abri a porta, com um medo lento que quase me derretia os ossos.

Lá dentro, a luz das nossas velas, embora fraca, projetou-se numa enorme câmara. Havia mesas perto da porta, compridas mesas de uma solidez antiga, e estantes vazias. O ar era surpreendentemente seco depois do frio do corredor, parecendo ter alguma ventilação secreta ou ter sido escavado numa funda camada protegida da terra. Paramos, agarrados um ao outro, e ficamos à escuta, mas não havia qualquer som. Desejei ardentemente que pudéssemos ver para lá da escuridão. A próxima coisa que a nossa luz alcançou foi um candelabro com vários braços cheio de velas meio gastas, que acendi. Iluminou vários armários altos e eu olhei cautelosamente para dentro de um deles. Estava vazio.

— Isto é a biblioteca? — perguntei. — Não há aqui nada.

Ficamos parados de novo, à escuta, e a pistola de Helen reluziu com o aumento da luz. Pensei que devia ter-me oferecido para lhe pegar e usá-la se fosse preciso, mas nunca tinha

pegado numa arma e ela, como eu sabia muito bem, era uma atiradora exímia.

— Paul, olha — apontou com a mão livre e vi o que atraía a sua atenção.

— Helen — chamei, mas ela afastara-se.

Um segundo depois, a minha luz alcançou uma mesa que não tinha sido iluminada antes, uma grande mesa de pedra. Não era uma mesa, vi no instante seguinte, mas um altar não, não era um altar, mas um sarcófago. Havia outro junto dele, seria aquele lugar uma continuação da cripta do mosteiro, onde os abades podiam descansar em paz, longe das tochas bizantinas e das catapultas otomanas? Então, vimos mais adiante o maior sarcófago de todos. Num dos seus lados, havia uma palavra talhada na pedra: DRÁCULA. Helen levantou a pistola e eu agarrei na minha estaca. Ela avançou um passo e eu mantive-me junto dela.

Naquele momento, ouvimos uma agitação atrás de nós, à distância, barulho de passos e um atropelo de gente a correr, que quase escondeu o ligeiro ruído na escuridão atrás da tumba, o de terra seca a cair aos poucos. Precipitámo-nos ambos para a frente ao mesmo tempo e olhamos o sarcófago maior não tinha nenhuma lápide a cobri-lo e estava vazio, como os outros dois. E aquele ruído: algures nas trevas, uma pequena criatura abria caminho entre as raízes das árvores.

Helen disparou para o escuro e houve um estrondo de terra e pedras a deslocar-se, e corri nessa direção com a minha luz. O fundo da biblioteca não tinha saída, e algumas raízes saíam do teto abobadado. Num nicho na parede do fundo onde outrora talvez houvesse um ícone, vi um fio de limo negro nas pedras nuas, sangue? Uma infiltração de umidade vinda da terra?

A porta atrás de nós abriu-se com violência e Helen e eu viramo-nos ao mesmo tempo a minha mão no braço livre dela. A luz das nossas velas juntou-se à de um forte lampião, lanternas, formas apressadas, um grito. Era Ranov, e com ele uma figura alta cuja sombra se projetou para a frente para nos engolir: Géza József, e, atrás dele, aterrorizado, o irmão Ivan. Era seguido por um burocrata baixinho, magro e rijo, vestido com um fato e chapéu escuros, com um espesso bigode negro. Havia ainda outra figura, que se movimentava com passos incertos e cujo lento avanço, apercebia-me agora, devia ter sido um grande estorvo para os demais: Stoichev. O rosto dele era uma singular mistura de medo, pena e curiosidade, e tinha uma nódoa negra na face. Os seus velhos olhos encontraram os nossos durante um longo e penoso momento, e ele mexeu os lábios, como se agradecesse a Deus por estarmos vivos.

Géza e Ranov caíram sobre nós numa fração de segundo, Ranov apontando-me um revólver e Géza apontando outro a Helen, enquanto o monge assistia a tudo, boquiaberto, e Stoichev esperava, calado e cauteloso, atrás deles. O burocrata de fato escuro mantinha-se afastado da luz.

— Largue essa arma — disse Ranov para Helen, que deixou a pistola cair no chão obediente.

Passei o meu braço à volta dela, mas lentamente. À luz fraca das velas, os rostos deles pareciam mais do que sinistros, exceto o de Stoichev. Vi que teria arriscado um sorriso para nós se não estivesse tão assustado.

— Que raio está a fazer aqui? — perguntou Helen a Géza antes que eu a pudesse impedir.

Que raio está você a fazer aqui, minha cara? — Foi a sua única resposta. Parecia mais alto do que nunca, vestido com uma camisa e calças claras e grossas botas de caminhar. Na conferência, não me apercebera como me era antipático.

— Onde está ele? — rosou Ranov. Olhou de mim para Helen.

— Está morto — disse eu. — Vocês vieram pela cripta. — Devem tê-lo visto.

A expressão de Ranov endureceu.

— De que é que está a falar?

Alguna coisa, um instinto qualquer que aprendera com Helen, talvez, impediu-me de falar mais.

— A quem se refere? — perguntou Helen, fria. Géza apontou melhor o revólver para ela.

— Sabe muito bem a quem me refiro, Elena Rossi. Onde está Drácula?

Isto era mais fácil de responder, e deixei Helen falar primeiro.

— Não está aqui, evidentemente — disse ela, com a sua voz mais ríspida. — Pode examinar a tumba.

Com isto, o pequeno burocrata deu um passo à frente e pareceu prestes a dizer alguma coisa.

— Fique com eles — disse Ranov a Géza. Ranov avançou com cuidado por entre as mesas, olhando em volta para tudo; era claro que nunca estivera ali antes. O burocrata de fato escuro seguia-o sem dizer uma palavra. Quando chegaram ao sarcófago, Ranov levantou a lanterna e o revólver e percorreu com os olhos o interior.

Está vazio — gritou para Géza. Dirigiu-se para os dois sarcófagos menores.

— O que é isto? Venham cá, ajudem-me.

O burocrata e o monge adiantaram-se, submissos. Stoichev aproximou-se mais devagar e vislumbrei uma luz no seu rosto enquanto olhava para as mesas vazias e para os armários. Só podia imaginar o que ele pensava daquele lugar.

Ranov examinou o interior dos sarcófagos menores.

— Vazios — disse, mal-humorado. — Ele não está aqui. Procurem na sala. — Géza já percorria a sala a passos largos, passando entre as mesas, iluminando cada uma das paredes com a lanterna, abrindo armários.

— Vocês viram-no ou ouviram-no?

— Não — respondi, mais ou menos sinceramente.

Prometi a mim mesmo que, se eles não ferissem Helen, se a deixassem partir, eu consideraria aquela excursão um sucesso. Não iria querer mais nada da vida. Também

pensei, agradecido, que Rossi estava livre daquela situação.

Géza disse alguma coisa que deve ter sido um palavrão em húngaro, porque Helen quase sorriu, apesar do revólver apontado ao seu coração.

— É escusado — disse ele, depois de um momento. — A tumba da cripta está vazia e esta daqui também. E ele nunca mais vai voltar a este lugar, agora que o encontramos.

Demorei um instante a assimilar a informação. A tumba na cripta estava vazia? Então onde estava o corpo de Rossi, que tínhamos acabado de deixar lá? Ranov dirigiu-se a Stoicev.

— Fale-nos sobre o que está aqui.

Tinham finalmente baixado as armas e puxei Helen para junto de mim, o que fez Géza lançar-me um olhar azedo, embora sem dizer nada.

Stoicev levantou a lanterna, como se estivesse à espera daquele momento. Dirigiu-se para a mesa mais próxima e bateu nela com os nós dos dedos.

— Estas mesas são de carvalho, creio — disse lentamente, — e pelo seu desenho poderiam ser medievais. — Olhou para baixo da mesa, para o encaixe de um dos pés, tamborilou os dedos num armário. — Mas não sei muito sobre mobiliário.

Todos aguardamos, em silêncio.

Géza deu um pontapé na perna de uma das mesas antigas.

— O que é que eu vou dizer ao ministro da Cultura? Aquele Valáquio pertencia-nos. Era um prisioneiro húngaro e o seu país era território nosso.

— Por que não discutimos isso quando o encontrarmos? — resmungou Ranov.

Apercebi-me subitamente de que a única língua que tinham em comum era o Inglês, e que ambos se detestavam. E descobri quem é que Ranov me fazia lembrar. Com o seu rosto de traços largos e grossos bigodes, parecia-se com as fotografias que eu tinha visto do jovem Stalin. Pessoas como Ranov e Géza só causavam danos mínimos porque tinham poderes mínimos.

— Diga à sua tia para ter mais cuidado com os telefonemas — Géza desferiu um olhar maldoso para Helen e senti-a contrair-se. — Agora, deixem esse maldito monge a tomar conta do lugar — acrescentou ele, falando com Ranov, que por sua vez deu uma ordem que fez o pobre irmão Ivan tremer.

Nesse momento, a luz da lanterna de Ranov incidiu subitamente noutra direção. Ele tinha estado a erguê-la de um lado para o outro, examinando as mesas. E a luz incidiu no rosto do pequeno burocrata vestido de escuro, com o seu chapéu austero, de pé em silêncio junto ao sarcófago vazio de Drácula. Talvez não tivesse reparado no rosto dele se não fosse a sua expressão bizarra um olhar de dor pessoal, que a lanterna de repente iluminou. Vi claramente o rosto ossudo, o bigode desleixado e o conhecido brilho dos olhos.

— Helen! — gritei. — Olha! — e ela também viu.

— O quê? — Géza virou-se para ela no mesmo momento.

— Este homem... — Helen estava assustada, — aquele homem ali... é...

— É um vampiro — declarei, sem rodeios. — Seguiu-nos desde a nossa universidade, nos Estados Unidos.

Mal eu acabara de falar, a criatura levantou voo. Teve de vir diretamente na nossa direção para sair, desviando-se de Géza, que tentou segurá-lo, e empurrando Ranov. Ranov foi mais rápido, agarrou o bibliotecário, os dois chocaram com força, depois Ranov afastou-se dele com um grito e o bibliotecário voou novamente. Ainda a poucos metros de distância, Ranov fez pontaria e disparou na direção da criatura, que não vacilou um segundo foi como se Ranov tivesse disparado para o ar. E o perverso bibliotecário desapareceu tão de repente que não tive certeza se chegara ao corredor ou se tinha desaparecido diante dos nossos olhos. Ranov correu atrás dele pela porta fora, mas voltou quase de imediato. Ficamos todos a olhar para ele; o seu rosto estava branco e, no ponto onde segurava o tecido rasgado do casaco, um fio de sangue escorria-lhe por entre os dedos.

— Que raio de coisa é esta? — exclamou com voz trémula. Géza sacudiu a cabeça.

— Meu Deus — disse, — ele mordeu-lhe. Deu um passo para trás, afastando-se de Ranov. — E eu fiquei sozinho com aquele homem várias vezes. Disse-me que sabia onde encontrar os americanos, mas nunca me disse que era...

— Claro que nunca lhe disse — interrompeu Helen, com ar de desprezo, apesar de eu tentar fazê-la calar-se. — Queria encontrar o seu senhor, seguir-nos para chegar até ele, e não matá-lo a si. Você era-lhe mais útil desta maneira. Ele deu-lhe as nossas anotações?

— Cale-se — Géza parecia estar com vontade de lhe bater, mas senti o medo e o assombro na voz dele e levei-a silenciosamente para longe.

— Venham — Ranov arrebanhava o grupo com o seu revólver outra vez, uma das mãos no ombro ferido. — Vocês ajudaram muito pouco. Quero-os de volta a Sofia e dentro de um avião o mais cedo possível. Têm sorte por não termos autorização para os fazermos desaparecer, seria demasiado inconveniente.

Pensei que fosse dar-nos um pontapé, como Géza fizera à perna da mesa, mas, em vez disso, fez-nos sair da biblioteca com gestos bruscos. Obrigou Stoichev a ir à frente; imaginei consternado, o que o velho devia ter passado no decorrer daquela caçada forçada. Claramente, Stoichev não tinha querido que fôssemos seguidos; tive certeza disso assim que o vi, pela aflição no seu rosto. Teria conseguido voltar para Sofia antes que o obrigassem a dar meia volta e vir atrás de nós? Esperava que a reputação internacional de Stoichev o protegesse contra futuros maus tratos, como no passado. Mas Ranov era o pior de tudo. Provavelmente voltaria, contaminado, para as suas obrigações na polícia secreta. Gostaria de saber se Géza pretendia tomar alguma providência em relação a isso, mas o húngaro estava com uma cara tão carrancuda que não me atrevi a perguntar.

Olhei uma vez para trás, da porta, para o principesco sarcófago que ali estivera durante quase quinhentos anos. O seu ocupante podia estar em qualquer lugar agora, ou a caminho de qualquer lugar. No topo da escadaria, arrastamo-nos, um a um, através da

abertura eu rezava para que nenhum daqueles revólveres disparasse e, ao sair do outro lado, vi algo de muito estranho. O relicário de S. Petko estava aberto em cima do seu pedestal. Eles deviam ter algumas ferramentas, pois tinham conseguido abri-lo onde nós não tínhamos conseguido. A lápide de mármore, por baixo do relicário, estava de novo no seu lugar e coberta com o seu pano bordado, imperturbada. Helen lançou-me um olhar desconcertado. Quando passamos pelo relicário, vi uns fragmentos de osso, um crânio lustroso tudo o que restava do mártir local.

Fora da igreja, na noite densa, havia uma confusão de carros e pessoas aparentemente, Géza chegara com uma comitiva, e dois dos homens estavam de guarda à porta da igreja. Drácula certamente não tinha fugido por ali, pensei. As montanhas elevavam-se em torno de nós, mais escuras do que o céu escuro. Alguns aldeões tinham tomado conhecimento da chegada daquelas pessoas todas e vindo para a igreja com tochas acesas; recuaram quando Ranov surgiu, pasmados com o casaco rasgado e sujo de sangue, os rostos tensos na luz incerta. Stoichev segurou-me no braço e aproximou a cabeça do meu ouvido.

— Nós fechamo-lo — murmurou.

— O quê? — curvei-me para o ouvir.

— O monge e eu descemos primeiro para a cripta, enquanto esses... esses sicários vasculhavam a igreja e os bosques à vossa procura. Vimos o homem no túmulo não era Drácula e percebemos que vocês tinham estado ali. Então, fechamos o túmulo e, quando eles desceram, só abrimos o relicário. Estavam tão zangados que achei que iriam atirar fora os ossos do pobre santo.

O irmão Ivan parecia bastante robusto, mas a fragilidade de Stoichev devia esconder uma força extraordinária. Stoichev virou-se para mim e perguntou, incisivo:

— Mas quem estava naquele túmulo, se não era...?

— Era o professor Rossi — murmurei.

Ranov estava a abrir as portas do carro, mandando-nos entrar. Stoichev deitou-me um olhar rápido, eloquente.

— Sinto muitíssimo.

E foi assim que deixamos o meu mais querido amigo a repousar na Bulgária, que possa dormir lá em paz até ao fim do mundo.

Depois da nossa aventura numa cripta, a sala de estar dos Bora era o paraíso. Era um alívio imenso estar lá de novo, com uma chávena de chá quente na mão a temperatura tinha estado surpreendentemente mais fresca naquela semana, embora já fosse Junho — e Turgut a sorrir para nós das almofadas do divã. Helen tinha descalçado os sapatos à porta do apartamento e calçado chinelos vermelhos enfeitados com borlas que Mrs. Bora lhe trouxe. Selim Aksoy também lá estava, sentado num canto, calado, e Turgut procurou fazer com que ele e Mrs. Bora tivessem uma boa tradução de tudo o que tinha acontecido.

— Tem mesmo certeza de que a tumba estava vazia? — Turgut já tinha feito aquela pergunta, mas não conseguia parar de a repetir.

— Certeza absoluta — lancei um olhar para Helen. — O que não sabemos é se o ruído que ouvimos era o som de Drácula a escapar de alguma maneira quando entramos. Provavelmente já estava escuro lá fora e, portanto, era-lhe fácil movimentar-se.

— E podia ter mudado de forma, é claro, se a lenda estiver correta. — Turgut suspirou. — Maldição! Vocês estiveram muito perto de o apanhar, meus amigos, mais perto que a Guarda do Crescente conseguiu chegar em cinco séculos. Estou extremamente feliz por não terem sido mortos, mas também lamento muitíssimo que não tenham podido destruí-lo.

— Para onde lhe parece que ele tenha ido? — Helen inclinou-se para a frente, os olhos intensos e escuros.

Turgut esfregou o seu queixo largo.

— Bem, minha querida, não faço idêia. Ele pode viajar rapidamente e para longe, embora não saiba precisar até que distância iria. Para outro lugar antigo, tenho certeza, algum esconderijo que tenha permanecido intocado durante séculos. Deve ter sido um duro golpe ter de abandonar Sveti Georgi, mas ele sabe que esse local agora será vigiado durante muito tempo. Dava a minha mão direita para saber se ele ainda está algures na Bulgária ou se saiu mesmo do país. Fronteiras e política não significam muito para ele, tenho certeza.

A expressão carrancuda de Turgut não combinava com o seu rosto amável.

— Acha que ele pode ter-nos seguido? — perguntou Helen simplesmente, mas qualquer coisa no formato dos seus ombros fez-me pensar que a própria simplicidade com que formulara a pergunta lhe custara um esforço.

Turgut fez que não com a cabeça.

— Espero que não, Senhora Professora. Eu diria que a esta altura ele deve estar com algum medo de vocês os dois, pois encontraram-no, coisa que nunca ninguém conseguira.

Helen ficou calada, mas não gostei da dúvida no seu rosto. Selim Aksoy e Mrs. Bora também a olhavam com um carinho especial, pensei; talvez estivessem a perguntar a si próprios como é que eu permitira que ela se expusesse a uma situação tão perigosa, mesmo que tivéssemos conseguido voltar ilesos.

Turgut voltou-se para mim.

— E sinto profundamente pelo seu amigo Rossi. Gostaria de o ter conhecido.

— E sei que teriam gostado muito da companhia um do outro — afirmei com sinceridade, segurando a mão de Helen. Os olhos dela enchiam-se de lágrimas sempre que o nome de Rossi surgia, e desviou o olhar, como se procurasse privacidade.

— Também gostaria de ter conhecido o professor Stoichev.

Turgut suspirou novamente e pousou a chávena na mesa de metal dourado diante de nós.

— Teria sido magnífico — disse eu, sorrindo à imagem dos dois estudiosos comparando anotações. — Você e Stoichev poderiam ter explicado o Império Otomano e os Balcãs medievais um ao outro. Quem sabe, talvez um dia se encontrem.

Turgut abanou a cabeça.

— Acho que não — e completou: — As barreiras entre nós são tão altas e... espinhosas... como as que existiam entre um czar e um paxá. Mas se algum dia voltar a falar com ele, ou se lhe escrever, faça-me o favor de lhe transmitir as minhas saudações.

Era uma promessa fácil de cumprir.

Selim Aksoy queria que Turgut nos fizesse uma pergunta, e Turgut ouviu-o com ar sério.

— Gostávamos de saber — disse-nos — se, no meio de todo aquele perigo e caos, viram o livro que o professor Rossi descreveu, a vida de São Jorge, não era? Os Búlgaros levaram-no para a universidade em Sofia?

Helen conseguia dar uma surpreendente risada de menina quando estava realmente alegre, e tive de me controlar para não a beijar em frente de todos. Ela mal sorrisa desde que deixáramos a sepultura de Rossi.

— Está na minha pasta — respondi. — Por enquanto.

Os olhos de Turgut dilataram-se, deslumbrados, e precisou de um minuto para retomar os seus deveres de intérprete.

— E como é que o livro encontrou abrigo aí?

Helen estava muda, sorridente, portanto eu expliquei.

Não tinha voltado a pensar no livro até chegarmos a Sofia, ao hotel. Não, não podia contar-lhes a verdade toda, por isso dei-lhes uma versão educada.

A verdade toda era que, quando finalmente conseguimos ficar sozinhos durante dez minutos no quarto de hotel de Helen, segurei-a nos meus braços e beijei o seu cabelo escuro, puxei-a de encontro ao meu peito, encaixando-a no meu corpo através das nossas roupas sujas da viagem como se ela fosse a outra parte de mim a metade ausente de Platão, pensei e, então, não só senti o alívio de termos sobrevivido juntos para nos abraçarmos naquele momento, e a beleza do seu corpo alto, e a respiração dela no meu pescoço, mas também algo inexplicavelmente errado naquele corpo, algo compacto e duro. Afastei-me, olhei para ela, assustado, e vi o seu sorriso esquisito. Levou o dedo aos lábios. E era apenas um lembrete.

nós dois sabíamos que num lugar qualquer do quarto devia haver um microfone.

Num segundo, ela levou as minhas mãos aos botões da sua blusa, que agora estava amarrotada e suja das nossas aventuras. Desabotoei-a sem me atrever sequer a pensar, e tirei-a. Já disse que as roupas interiores das mulheres eram mais complicadas nessa época, com arames secretos e ganchos e estranhos compartimentos uma armadura interna. Embrulhado num lenço e aquecido pela pele de Helen, havia um livro não o grande fólic que eu imaginei quando Rossi nos falou da sua existência, mas um livro suficientemente pequeno para caber na minha mão. A sua capa tinha um desenho muito elaborado a ouro sobre madeira pintada e couro. Engastadas no ouro, havia esmeraldas, rubis, safiras, lápis-lazúlis, pérolas excepcionais um pequeno firmamento de jóias, todas para glorificar o rosto do santo colocado no centro. As suas delicadas feições bizantinas pareciam ter sido pintadas alguns dias antes, e não séculos, e os olhos grandes, tristes, capazes de perdoar dragões, davam a impressão de seguir os meus. As sobrancelhas subiam em finos arcos sobre eles, o nariz era longo e direito, a boca de uma severidade tristonha. O retrato tinha uma harmonia, uma plenitude, um realismo que eu nunca vira antes na arte bizantina, um ar de ancestralidade romana. Se não estivesse já apaixonado, diria que aquele era o rosto mais bonito que alguma vez vira: humano mas também celestial, ou celestial mas também humano. Na gola da túnica, vi palavras delicadamente escritas com tinta.

— Grego — disse Helen. A sua voz era menos que um sussurro, pairando no meu ouvido. — São Jorge.

No interior, havia pequenas folhas de pergaminho em condições impressionantemente boas, todas cobertas por uma elegante letra medieval, um texto também em grego. Aqui e ali, primorosas páginas de ilustrações: São Jorge a atravessar com a sua lança o pescoço de um dragão que se contorcia, com uma multidão de nobres a assistir à cena; São Jorge a receber uma minúscula coroa dourada de Cristo, que se inclinava no seu trono divino; São Jorge no seu leito de morte, cercado por anjos de asas vermelhas. Cada ilustração estava repleta de extasiantes pormenores em miniatura. Helen abanou afirmativamente a cabeça e aproximou novamente a sua boca do meu ouvido, mal respirando.

— Não sou perita nisto — sussurrou, — mas acho que pode ter sido feito para o imperador de Constantinopla, resta saber para qual deles. Esta é a insígnia dos últimos imperadores.

De fato, no lado interno da capa, fora pintada uma águia bicéfala, a ave que olhava para trás, para o augusto passado bizantino, e para a frente, para o seu futuro sem limites; o olhar não tinha sido suficientemente aguçado para vislumbrar o colapso do Império causado por um infiel presunçoso.

— Isso significa que data, pelo menos, da primeira metade do século quinze — soprei. — Antes da conquista.

— Ah, não, acho que é muito mais antigo do que isso — sussurrou Helen, tocando de leve na insígnia. — O meu pai... o meu pai disse que era muito antigo. E repara que a

insígnia menciona Constantino Porphyrogenitus, que reinou em... — e Helen procurou num arquivo interior — na primeira metade do século dez. Reinou antes de *Bachkovski manastir* ter sido fundado. A águia deve ter sido acrescentada depois.

Mal consegui articular as palavras.

— Estás a querer dizer que isto tem mais de mil anos?

Segurando o livro nas duas mãos com todo o cuidado, sentei-me na beira da cama ao lado de Helen. Nenhum de nós emitiu qualquer som; falávamos mais ou menos com o olhar.

— Está num estado quase perfeito. E pretendes contrabandear este tesouro para fora da Bulgária Helen? — falei-lhe com o olhar, — perdeste o juízo. E quanto ao fato de pertencer ao povo da Bulgária?

Ela beijou-me, tirou-me o livro das mãos e abriu-o.

— Foi um presente do meu pai — sussurrou. O lado interno da capa tinha uma fundação de couro sobreposta, e ela pôs a mão com delicadeza no interior. — Esperei para ver isto até podermos fazê-lo juntos.

Tirou um maço de folhas de papel fino dactilografado com um texto compacto. Então lemos juntos, em silêncio, o doloroso diário de Rossi. Quando acabamos, nenhum de nós falou, estávamos ambos a chorar. Por fim, Helen embrulhou o livro novamente no lenço e colocou-o de novo no seu esconderijo, contra a própria pele.

Turgut sorriu quando terminei uma versão diluída desta história.

— Mas ainda tenho mais coisas para contar, e é muito importante — disse. Descrevi o terrível encarceramento de Rossi na biblioteca. Escutaram com os rostos sérios e, quando mencionei o fato de que Drácula sabia da existência de uma guarda permanente formada pelo sultão para o perseguir, Turgut prendeu a respiração.

— Sinto muito — disse eu.

Ele traduziu depressa para Selim, que baixou a cabeça e depois disse qualquer coisa numa voz muito suave. Turgut assentiu.

— Ele diz o que também sinto. Essas notícias terríveis significam apenas que devemos ser mais diligentes a perseguir o Empalador e a afastar a sua influência da nossa cidade. Seria o que o Glorioso Refúgio do Mundo nos mandaria fazer, se estivesse vivo. É verdade? E o que fará com o livro quando voltar para casa?

— Conheço uma pessoa que tem um contato com uma casa de leilões — respondi. — Seremos muito cautelosos, é claro, e vamos esperar algum tempo antes de fazer qualquer coisa. Espero que algum museu o compre, mais cedo ou mais tarde.

— E o dinheiro? — Turgut balançou a cabeça. — O que fará com tanto dinheiro?

— Ainda estamos a refletir sobre isso — respondi. — Alguma coisa ao serviço do bem — Ainda não sabemos o quê.

O nosso avião para Nova Iorque partia às cinco, e Turgut começou a olhar para o relógio assim que acabamos o nosso último enorme almoço nos divãs. Ele tinha uma aula

para dar à noite, "ai de mim, que pena", mas Mr. Aksoy iria levar-nos ao aeroporto de táxi. Quando nos levantamos para sair, Mrs. Bora trouxe uma *écharpe* da mais fina seda, de cor creme bordada a prata, e colocou-a à volta do pescoço de Helen. Escondeu o mau aspecto do seu casaco preto muito gasto e da gola encardida, e todos abafamos uma exclamação — pelo menos eu fi-lo, e não posso ter sido o único. O rosto que emergia da *écharpe* era o semblante de uma imperatriz.

— Para o dia do casamento — disse Mrs. Bora, pondo-se em bicos de pés para a beijar.

Turgut beijou a mão de Helen.

— Pertenceu à minha mãe — disse ele com simplicidade, e Helen não conseguiu dizer nada.

Falei por nós dois enquanto lhes apertava as mãos. Nós escreveríamos, nós pensaríamos neles. Sendo longa a vida, voltaríamos a ver-nos.

A última parte da minha história é para mim talvez a mais difícil de contar, já que começa com tanta felicidade, apesar de tudo. Voltamos discretamente para a universidade e retomamos o nosso trabalho. Fui interrogado pela polícia outra vez, mas pareciam satisfeitos pelo fato de a minha viagem ao estrangeiro estar relacionada com pesquisa e não com o desaparecimento de Rossi. Por essa altura, os jornais já se tinham apoderado do seu desaparecimento, transformando-o num mistério local, que a universidade fez o possível por ignorar. O meu diretor também me interrogou, evidentemente, e é claro que não lhe contei nada, apenas lhe disse que lamentava muito o que acontecera a Rossi, como toda a gente. Helen e eu casamo-nos naquele Outono na igreja dos meus pais em Boston no meio da cerimônia, não pude deixar de reparar como era despojada e insípida, como o incenso fazia falta.

Os meus pais ficaram um pouco atordoados com tudo isto, mas por fim não puderam deixar de gostar de Helen. Nada da sua aspereza natural se manifestava quando estava perto deles e, quando os visitávamos em Boston, costumava encontrar Helen a rir-se com a minha mãe na cozinha, ensinando-a a preparar pratos da culinária húngara, ou a discutir antropologia com o meu pai no escritório atravancado dele. Quanto a mim, mesmo sentindo a dor da morte de Rossi e a melancolia frequente que parecia provocar em Helen, achei aquele primeiro ano cheio de uma felicidade transbordante. Acabei a minha tese com um segundo orientador, cujo rosto foi para mim uma espécie de mancha indistinta durante todo o processo. Não é que me interessasse já pelos mercadores holandeses; só queria completar a minha formação para nos podermos instalar confortavelmente num lugar qualquer. Helen publicou um longo artigo sobre as superstições nas aldeias da Valáquia, que foi bem recebido, e iniciou uma tese sobre os vestígios dos costumes da Transilvânia na Hungria.

Escrevemos ainda outra coisa, assim que voltamos para os Estados Unidos: um bilhete para a mãe de Helen, ao cuidado da tia Eva. Helen não se atreveu a incluir muita informações no bilhete, mas contou à mãe em poucas linhas que Rossi morrera recordando-a e amando-a. Helen fechou a carta com uma expressão de desespero no rosto.

— Um dia hei-de contar-lhe tudo — disse —, quando puder segredar ao ouvido dela.

Nunca tivemos certeza se a carta chegou ao seu destino, porque nem a tia Eva nem a mãe de Helen responderam e, naquele ano, as tropas soviéticas invadiram a Hungria.

Eu pretendia firmemente ser feliz para sempre, e disse a Helen logo depois do nosso casamento que esperava que tivéssemos filhos. A princípio, ela sacudia a cabeça, tocando de leve com os dedos a cicatriz no pescoço. Eu sabia o que ela queria dizer. Mas fora exposta a uma contaminação mínima, lembrei; estava bem, forte e saudável. À medida que o tempo passava, parecia mais tranquila com a sua completa recuperação e eu via-a a olhar, pensativa, para os carrinhos de bebê que passavam por nós na rua.

Helen terminou o doutoramento em Antropologia na Primavera depois de nos termos casado. A rapidez com que escreveu a sua tese embarçou-me; muitas vezes naquele ano, eu acordava às cinco da manhã e descobria que ela já se levantara da nossa cama e fora para a secretária trabalhar. Estava pálida e cansada e, no dia seguinte à defesa da tese, acordei com os lençóis cheios de sangue e Helen deitada a meu lado, fraca e torcida com dores: um aborto. Tinha esperado para me surpreender com a boa notícia. Depois disso ficou doente durante semanas, e muito calada. A sua tese recebeu os maiores louvores, mas ela nunca falou sobre o assunto.

Quando consegui o meu primeiro emprego como professor, em Nova Iorque, ela insistiu para que o aceitasse e mudámo-nos. Fomos morar em Brooklyn Heights, num *brownstone*, um prédio de tijolos de arenito castanho, agradavelmente antiquado. Fazíamos caminhadas à beira da água para ver os rebocadores a navegar pelo porto e os grandes navios de passageiros os álamos da sua estirpe a partir para a Europa. Helen dava aulas numa universidade tão boa como a minha e os alunos adoravam-na; havia um equilíbrio magnífico nas nossas vidas, e ganhávamos o nosso sustento fazendo aquilo de que mais gostávamos.

De vez em quando, pegávamos na *Vida de São Jorge* e folheávamo-lo devagar, e chegou o dia em que o levamos a uma discreta casa de leilões, e o inglês que o abriu quase desmaiou. Foi vendido particularmente, mas acabou por ir parar ao museu *The Cloisters*, na parte alta de Manhattan, e uma grande quantia em dinheiro acabou por ir parar a uma conta bancária que abrimos para esse fim. Helen, tal como eu, gostava de viver de maneira simples e, além da tentativa de enviar pequenas quantias para os seus parentes na Hungria, não mexemos no dinheiro naquela época.

O segundo aborto de Helen foi mais dramático que o primeiro, e mais perigoso. Volte para casa um dia e encontrei pegadas de sangue no soalho da entrada. Helen conseguira chamar uma ambulância e estava quase fora de perigo quando cheguei ao hospital. Mais tarde, a lembrança daquelas pegadas fazia-me acordar várias vezes a meio da noite. Comecei a recear que nunca tivéssemos um filho saudável e a imaginar como isso iria afetar a vida de Helen em particular. Então, ela ficou grávida de novo e os meses seguintes sucederam-se sem qualquer incidente. O olhar de Helen suavizou-se, como o de uma madona, as formas arredondaram-se sob o vestido azul de lã, o andar ficou um pouco pesado. Estava sempre a sorrir: este, dizia, era o que vinha para ficar.

Tu nasceste num hospital que dava para o rio Hudson. Quando vi que eras morena e tinhas a bela testa da tua mãe, que era perfeita como uma moeda nova, e que os olhos de Helen estavam rasos de lágrimas de prazer e dor, peguei em ti, apertada no teu casulo de roupa, e mostrei-te os navios lá em baixo. Fiz isto, em parte, para esconder as minhas próprias lágrimas. Demos-te o nome da mãe de Helen.

Helen estava encantada contigo; gostaria que soubesses isto mais do que quase tudo sobre as nossas vidas. Ela tinha deixado de dar aulas durante a gravidez e parecia contente

por passar horas em casa a brincar com os teus dedinhos e os teus pés, que dizia, com um sorriso travesso, serem completamente transilvanos, ou embalando-te na grande cadeira de balanço que lhe comprei. Tu sorriste cedo e os teus olhos seguiam-nos por toda a parte. Eu às vezes deixava o gabinete num impulso para ir para casa e certificar-me de que vocês duas — as minhas mulheres morenas ainda estavam deitadas juntas a dormir no sofá.

Certo dia, cheguei a casa cedo, às quatro, levando algumas caixinhas de comida chinesa e flores para tu ficares a olhar. Não estava ninguém na sala de estar, e encontrei Helen debruçada sobre o teu berço enquanto dormias. A tua carinha estava perfeitamente tranquila no teu sono, mas o rosto de Helen estava banhado em lágrimas e, por um segundo, não pareceu aperceber-se da minha presença. Abracei-a e senti, com um arrepio, que só uma parte dela retribuía o meu abraço. Não quis dizer-me o que a perturbava e, depois de algumas tentativas em vão, desisti de continuar a perguntar. À noite, já brincava a propósito da comida chinesa e dos cravos, mas na semana seguinte encontrei-a outra vez em pranto, outra vez calada, folheando um dos livros de Rossi, que ele me autografara logo que iniciamos o nosso trabalho juntos. Era o seu enorme livro sobre a civilização minóica, e estava aberto no colo dela na página de uma das fotografias tiradas pelo próprio Rossi de um altar de sacrifícios em Creta.

— Onde está a bebê? — perguntei.

Ela levantou a cabeça devagar e olhou fixamente para mim, como se tentasse lembrar-se em que ano estávamos.

— Está a dormir.

Dei por mim, estranhamente, a resistir à vontade de ir ao quarto ver como estavas.

— Querida, qual é o problema?

Coloquei o livro de lado e abracei-a, mas ela sacudiu a cabeça e não disse nada. Quando finalmente fui ver-te, estavas a acabar de acordar no teu berço, com o teu lindo sorriso, de barriga para baixo, e depois a tentares levantar a cabeça para olhar para mim.

Em breve Helen passou a ficar silenciosa quase todas as manhãs e a chorar sem razão aparente todas as noites. Como se recusava a falar comigo, insisti para que fosse a um médico, e depois a um psicanalista. O médico disse que ela não tinha nada, que as mulheres às vezes ficavam deprimidas durante os primeiros meses de maternidade, que voltaria a ficar bem quando se habituasse ao fato. Descobri, tarde demais, quando um amigo nosso encontrou Helen na Biblioteca Pública de Nova Iorque, que ela não tinha ido pura simplesmente ao psicanalista. Quando a confrontei com isso, respondeu que decidira que um pouco de pesquisa lhe faria melhor, e que estava a usar o tempo da *babysitter* para isso, em vez de ir ao psicanalista. Mas algumas noites estava tão desanimada que concluí que precisava desesperadamente de uma mudança de cenário. Tirei algum dinheiro da nossa reserva e comprei passagens de avião para França, para o início da Primavera.

Helen nunca estivera em França, apesar de ter lido sobre o país a vida inteira e falar um excelente francês de colégio. Mostrou-se alegre em Montmartre, comentando com um

pouco da sua antiga ironia que o *Sacré Coeur* era ainda mais monumentalmente feio do que ela alguma vez sonhara. Gostava de empurrar o teu carrinho pelos mercados de flores e ao longo do Sena, onde nos deixávamos ficar, remexendo as mesas dos vendedores de livros enquanto tu olhavas para a água, sentada dentro do carrinho com o teu gorro vermelho na cabeça. Eras uma ótima viajante aos nove meses, e Helen dizia-te que aquilo era apenas o começo.

A *concierge* da nossa pensão era avó de muitos netos, e assim deixávamos-te a dormir entregue aos cuidados dela enquanto brindávamos um ao outro num bar ou tomávamos café ao ar livre com as luvas calçadas. Acima de tudo, Helen e tu, com os teus olhos brilhantes gostava da abóbada ecoante de Notre Dame, e de vez em quando aventurávamo-nos mais para sul para ver outras cavernosas belezas — Chartres e os seus vitrais; Albi, com a sua peculiar igreja-fortaleza vermelha, centro de heresias; os edifícios públicos de Carcassonne.

Helen queria visitar o antigo mosteiro de Saint-Mathieu-des-Pyrénées-Orientales, e resolvemos passar lá um ou dois dias antes de voltar para Paris e apanhar o avião para casa. Achei que o rosto dela se animara consideravelmente durante a viagem, e gostava da maneira como ela se estendia na nossa cama de hotel em Perpignan, lendo uma história da arquitetura francesa que eu tinha comprado em Paris. O mosteiro fora construído no ano 1000, contou-me, embora soubesse que eu já lera toda aquela parte do livro. Era o exemplo mais antigo da arquitetura românica na Europa.

Quase tão antigo como a *Vida de São Jorge comentei*, mas ao ouvir isto ela fechou o livro e o rosto e ficou deitada a olhar avidamente para ti, a brincar na cama ao lado dela.

Helen insistiu que chegássemos ao mosteiro a pé, como peregrinos. Subimos a estrada de Lès Bains numa fria manhã de Primavera, com as camisolas amarradas à cintura à medida que aquecíamos. Helen levava-te num suporte de veludo cotelê junto ao peito e, quando ela se cansava, levava-te eu ao colo. A estrada estava deserta naquela estação, à exceção de um camponês silencioso de cabelos escuros que passou por nós no seu cavalo, subindo também. Eu disse a Helen que devíamos ter-lhe pedido boleia, mas ela não respondeu; o seu humor depressivo voltara naquela manhã, e notei com ansiedade e frustração que de vez em quando os seus olhos se enchiam de lágrimas. Já sabia que, se lhe perguntasse o que tinha, sacudiria a cabeça e me sacudiria a mim também, portanto contentei-me em segurar-te com carinho enquanto subíamos, mostrando-te as paisagens quando dobramos uma curva na estrada, longas paisagens de campos e aldeias poeirentas lá em baixo. No cimo da montanha, a estrada abria-se num largo estuário de pó, com um ou dois carros velhos estacionados e o cavalo do camponês aparentemente amarrado a uma árvore, embora o homem não se visse em sítio nenhum. O mosteiro erguia-se acima desta área, pesados muros de pedra erguendo-se até ao cume, e subimos até à entrada e à proteção dos monges.

Naquela época, Saint-Mathieu era um mosteiro muito mais ativo do que é hoje, e

devia ter uma comunidade de doze ou treze monges, vivendo a mesma vida que os seus antecessores tinham vivido durante mil anos, à exceção da visita guiada que ocasionalmente ofereciam aos turistas e do automóvel que mantinham estacionado para seu uso fora dos portões. Dois monges acompanharam-nos pelo notável claustro lembro-me da minha surpresa quando me aproximei da extremidade aberta do pátio e vi aquele declive escarpado sobre afloramentos de rocha, aquele despenhadeiro a pique, as planícies lá em baixo. As montanhas em volta do mosteiro eram ainda mais altas do que o pico onde ele se alcandorava, e nas suas vertentes distantes víamos véus brancos que depois percebi serem quedas de água.

Sentamo-nos por algum tempo num banco perto daquele precipício, contigo aninhada entre nós, contemplando o enorme céu do meio-dia e ouvindo a água borbulhar na cisterna do mosteiro no centro do pátio, esculpida em mármore vermelho só Deus sabe como teria sido içada até ali séculos antes. Helen parecia mais alegre ainda, e notei com prazer que havia paz no seu rosto. Embora de vez em quando ficasse triste, a viagem tinha valido a pena.

Por fim, Helen disse que queria ver o mosteiro. Voltamos a pôr-te no teu suporte e fomos visitar as cozinhas, o comprido refeitório onde os monges ainda comiam, a hospedaria onde os peregrinos ainda podiam dormir em catres e o *scriptorium*, uma das partes mais antigas do local, onde tantos grandes manuscritos tinham sido copiados e iluminados. Havia um deles, protegido por um vidro, um Evangelho de S. Mateus, aberto numa página cujas margens eram contornadas por minúsculos demônios, cada um incitando o seguinte a descer. Helen chegou a sorrir ao vê-los. A capela veio a seguir era pequenina, como tudo o resto no mosteiro, mas as suas proporções eram uma melodia em pedra; eu nunca tinha visto um românico assim, tão íntimo e encantador. O nosso guia turístico afirmava que a curvatura da abside era o primeiro momento do românico, um movimento repentino que trouxe luz para o altar. Havia alguns vitrais do século catorze nas janelas estreitas, e o altar em si estava perfeitamente engalanado para a missa, em vermelho e branco, com castiçais dourados. Saímos silenciosamente.

Por fim, o jovem monge que nos servia de guia disse que tínhamos visto tudo menos a cripta, e descemos para lá atrás dele. Era uma pequena cavidade úmida ao lado do claustro, arquitetonicamente interessante por uma abóboda do românico primitivo sustentada por colunas atarracadas e por um sarcófago de pedra com uma ornamentação austera que datava do primeiro século de existência do mosteiro o local de repouso do primeiro abade, explicou o nosso guia. Ao lado do sarcófago, estava sentado um monge idoso absorto nas suas meditações; levantou os olhos, com uma fisionomia amável e confusa, quando entramos, e inclinou a cabeça para nós sem se levantar da cadeira.

— Temos uma tradição aqui há séculos segundo a qual um de nós fica sentado junto ao abade — contou o jovem monge. — Em geral, é um monge mais velho que tem essa honra até ao fim da vida.

— Bastante vulgar — disse eu, mas alguma coisa ali, talvez o frio, fez-te choramingar e espernear junto ao peito de Helen e, vendo que estava cansada, ofereci-me para te levar para o ar livre. Saí daquela gruta úmida com uma sensação de alívio e fui mostrar-te a fonte do claustro.

Esperava que Helen viesse logo atrás de mim, mas ela demorou-se e, quando subiu, o seu rosto estava tão mudado que senti uma onda de preocupação. Parecia animada sim, mais cheia de vivacidade do que a vira nos últimos meses, mas também pálida e com os olhos muito abertos, concentrada em qualquer coisa que eu não via. Dirigi-me para ela da maneira mais natural que consegui; perguntei-lhe se havia alguma coisa interessante lá em baixo e ela respondeu "talvez", mas como se não me ouvisse bem por causa do clamor dos seus próprios pensamentos. Depois virou-se repentinamente para ti e tirou-te dos meus braços, abraçando-te e beijando-te a cabeça e as faces.

— Ela está bem? Ficou assustada?

— Está ótima — disse eu. — Talvez com um pouco de fome.

Helen sentou-se num banco, tirou da bolsa um pote de comida de bebê e começou a dar-te de comer, cantando uma daquelas cantiguinhas que eu não compreendia — em húngaro ou romeno — enquanto tu comias.

— Este lugar é lindo — disse ela, pouco depois. — Vamos ficar aqui uns dois dias.

— Temos de estar em Paris na quinta à noite — objetei.

— Ora, não faz muita diferença ficar uma noite aqui ou em Lês Bains — disse ela calmamente. — Podemos descer a pé amanhã e apanhar o autocarro, se achas que temos de ir tão cedo.

Concordei, pois ela parecia tão estranha, mas senti uma certa relutância mesmo quando fui discutir o assunto com o nosso monge-guia. Este consultou o seu superior, que disse que a hospedaria estava vazia e que éramos bem-vindos. Entre o almoço simples e a ceia ainda mais simples, deram-nos um quarto perto da cozinha, passeamos pelo jardim de rosas, entramos no íngreme pomar do lado de fora dos muros e sentamo-nos ao fundo da capela para ouvir os monges cantar a missa enquanto tu dormias ao colo de Helen. Um monge fez-nos as camas com lençóis limpos e grosseiros. Depois de teres adormecido numa delas, com as nossas encostadas de cada um dos lados para não caíres, deitei-me a ler, fingindo não olhar para Helen. Ela sentou-se na beira da cama, vestida com um vestido preto de algodão, o olhar voltado para a noite. Felizmente as cortinas estavam fechadas, mas ela acabou por se levantar para as abrir e ficou a olhar para fora.

— Deve estar escuro — comentei, — sem nenhuma povoação próxima.

Ela concordou.

— Está muito escuro, mas aqui foi sempre assim, não achas?

— Porque não vens deitar-te? — Estendi o braço por cima de ti e bati de leve com a mão na cama dela.

— Está bem — respondeu, sem qualquer sinal de protesto. Na realidade, sorriu-me e

inclinou-se para me beijar antes de se deitar. Abracei-a por um momento, sentindo a força dos seus ombros, a pele macia do seu pescoço. Depois, ela estendeu-se na cama e tapou-se, e pareceu adormecer muito antes de eu acabar o meu capítulo e apagar a lanterna com um sopro.

Acordei ao amanhecer sentindo uma espécie de brisa passar pelo quarto. Estava tudo muito silencioso; tu respiravas ao meu lado debaixo do teu pequeno cobertor de lã, mas a cama de Helen estava vazia. Levantei-me sem ruído, calcei os sapatos e vesti o casaco. Lá fora, o claustro estava na penumbra, o pátio cinzento, a fonte era um volume sombrio. Ocorreu-me que levaria algum tempo até o sol chegar ali, porque primeiro tinha de passar por cima daqueles picos descomunais a leste. Olhei em volta à procura de Helen sem a chamar, porque sabia que ela gostava de se levantar cedo e podia estar sentada num dos bancos, imersa nos seus pensamentos, esperando que o Sol nascesse. No entanto, não havia sinais dela, e, à medida que o céu ia clareando, comecei a procurar mais rapidamente, indo uma vez ao banco onde nos tínhamos sentado no dia anterior e uma vez à capela deserta, com o seu fantasmagórico cheiro a fumo.

Finalmente, comecei a chamá-la em voz baixa, depois mais alto, depois já alarmado. Poucos minutos depois, um dos monges saiu do refeitório, onde deviam estar a tomar a primeira refeição silenciosa do dia, e perguntou-me se podia ajudar-me, se eu precisava de alguma coisa. Expliquei que a minha mulher tinha desaparecido e ele começou a procurar comigo.

— Talvez a senhora tenha saído para dar um passeio.

Mas não havia sinal dela no pomar, nem no estacionamento, nem na cripta escura. Procuramos por toda a parte enquanto o Sol se elevava acima dos picos, em seguida ele foi buscar outros monges, e um deles disse que iria descer de carro até Lês Bains para investigar. Pedi-lhe, num impulso, para trazer a polícia consigo quando voltasse. Então ouvi-te chorar na hospedaria; corri para lá, com medo que tivesses caído das camas, mas estavas apenas a acordar. Dei-te rapidamente de comer e mantive-te nos braços enquanto procurávamos outra vez nos mesmos sítios.

Por fim, pedi que todos os monges fossem reunidos e interrogados. O abade deu prontamente autorização e levou-os para o claustro. Ninguém vira Helen depois de termos saído da cozinha para a hospedaria na noite anterior. Todos estavam preocupados "*La pauvre*", disse um monge idoso, o que me provocou uma onda de irritação. Perguntei se alguém falara com ela na véspera ou notara alguma coisa estranha.

— Não falamos com mulheres, como regra geral — esclareceu o abade, delicadamente.

Mas um monge adiantou-se, e reconheci imediatamente o velho monge cuja tarefa era ficar sentado na cripta. O seu rosto estava tão sereno e bondoso como estivera à luz da lanterna dentro na cripta, com aquela expressão ligeiramente confusa que eu notara então.

— Madame parou para falar comigo — contou. — Não queria quebrar a nossa regra, mas era uma senhora tão calma e educada que respondi às suas perguntas.

— O que é que ela lhe perguntou? — O meu coração já estava a bater com força, mas naquele momento disparou dolorosamente.

— Perguntou quem estava enterrado ali e expliquei-lhe que era um dos nossos primeiros abades, e que reverenciamos a sua memória. Depois, perguntou que grandes coisas ele tinha feito, e contei-lhe que temos aqui uma lenda... — neste ponto, olhou de soslaio para o abade, que lhe fez um sinal para continuar — temos uma lenda que diz que ele teve uma vida santa, mas foi a infeliz vítima de uma maldição na morte, de modo que se levantava do caixão para causar dano a outros monges, e o seu corpo teve de ser purificado. Quando foi purificado, uma rosa branca nasceu no seu coração, significando o perdão da Santa Mãe.

— É por que é que está sempre alguém de guarda ao túmulo? — perguntei, desvairado.

O abade encolheu os ombros.

— É simplesmente a nossa tradição, para honrar a sua memória. — Virei-me para o velho monge, restando a vontade de o estrangular e ver o seu rosto amável ficar azul.

— Foi essa história que contou à minha mulher?

— Ela pediu-me para lhe contar a nossa história, *monsieur*. Não vi nada de mal em responder às suas perguntas.

— E o que é que ela lhe disse depois de a ouvir?

Ele sorriu.

— Agradeceu-me com a sua voz doce e perguntou-me o meu nome, e eu disse-lhe, *Frère Kiril* — e cruzou as mãos juntas na cintura.

Levei um momento para captar o sentido destes sons, o nome a soar diferente devido à acentuação francófona na segunda sílaba, por aquele inocente *frère*. Então, apertei os meus braços à tua volta para não te deixar cair.

— Disse que o seu nome é Kiril? Foi o que disse? Soletre-o! — O monge, espantado, fez o que lhe pedi. — De onde veio esse nome? — interpelei-o. Não conseguia controlar o tremor da minha voz. — É o seu nome verdadeiro? Quem é o senhor?

O abade interveio, talvez porque o velho estivesse genuinamente perplexo.

— Não é o nome de batismo dele — explicou. — Todos nós adotamos outros nomes quando fazemos os nossos votos. Sempre houve um Kiril, há sempre alguém com esse nome. E um *Frère Michel*, este aqui...

— Está a querer dizer — disse eu, segurando-te firmemente — que houve um irmão Kiril antes deste, e outro antes dele?

— Oh, sim — disse o abade, visivelmente intrigado com o meu interrogatório arrebatado. — Até onde se sabe na nossa história. Temos orgulho nas nossas tradições, não gostamos de mudanças.

— De onde vem essa tradição? — Eu estava quase a gritar naquela altura.

— Não sabemos, *monsieur* — respondeu o abade, paciente. — Foi sempre o nosso

costume aqui.

Dei um passo na sua direção e quase encostei o meu nariz ao dele.

— Quero que abra o sarcófago na cripta — exigiu. Ele recuou, assustado.

— O que está a dizer? Não podemos fazer isso.

— Venha comigo. Tome — entreguei-te ao jovem monge que nos acompanhara na visita ao mosteiro no dia anterior, — por favor, pegue na minha filha. — Ele pegou em ti, não tão desajeitadamente como seria de esperar. Tu começaste a chorar. — Venha — disse eu para o abade. Puxei-o na direção da cripta e ele fez um gesto para os outros monges não nos seguirem. Descemos os degraus rapidamente. Na gruta fria, onde o irmão Kiril deixara duas velas acesas, virei-me para o abade e disse-lhe: — O senhor não precisa de contar isto a ninguém, mas tenho de olhar para dentro do sarcófago — fiz uma pausa, para dar ênfase às palavras seguintes. — Se não me ajudar, vou fazer cair todo o peso da lei sobre o seu mosteiro.

Ele lançou-me um olhar rápido de medo? Rancor? Pena? E dirigiu-se sem falar para uma das extremidades do sarcófago. Juntos, fizemos deslizar para um lado a pesada tampa, apenas o suficiente para ver o interior. Levantei uma das velas. O sarcófago estava vazio. Os olhos do abade estavam enormes, e fez a tampa deslizar outra vez com um vigoroso empurrão. Encaramo-nos. Ele tinha um belo e sagaz rosto gaulês de que eu poderia ter gostado imensamente noutra situação.

— Por favor, não conte isto aos irmãos — pediu em voz baixa, depois virou-me as costas e saímos da cripta.

Segui-o, esforçando-me por pensar o que faria em seguida. Pegaria em ti e voltaria para Lês Bains imediatamente, decidi, e verificaria se a polícia tinha de fato sido avisada. Talvez Helen tivesse resolvido voltar para Paris antes de nós porque, não sabia ou até apanhar um avião de regresso a casa. Sentia um horrível latejar nos ouvidos, no coração e na garganta, um sabor a sangue na boca.

Assim que voltei ao claustro, onde agora o sol inundava a fonte e os pássaros cantavam e pousavam no velho pavimento, soube o que tinha acontecido. Durante uma hora, esforçara-me por não pensar naquela possibilidade, mas agora já nem precisava da notícia, de ver os dois monges a correr para o abade, chamando-o. Lembrei-me de que aqueles dois tinham sido enviados para procurar fora dos muros do mosteiro, no pomar, nas hortas, nos pequenos bosques de árvores secas, nos afloramentos dos rochedos. Tinham acabado de vir do lado escarpado um deles apontava para a extremidade do claustro onde Helen e eu nos tínhamos sentado num banco na véspera contigo entre nós, vendo do alto aquele despenhadeiro insondável.

— Senhor abade! — bradou um deles, como se não conseguisse dirigir-se diretamente a mim. — Senhor abade, há sangue em cima das pedras! Lá em baixo, ali!

Não há palavras para momentos destes. Corri para a extremidade do claustro agarrado a ti, sentindo a pétala macia da tua face no meu pescoço. A primeira das minhas lágrimas

encheu-me os olhos, quente e amarga para lá de qualquer coisa que eu tivesse conhecido. Olhei por cima do muro baixo. Numa saliência de rocha a cinco metros de distância, havia uma mancha escarlate não muito grande, mas nítida ao sol da manhã. E, abaixo dela, escancarava-se o abismo, pairavam as névoas, as águias caçavam, as montanhas recuavam até as suas próprias raízes. Corri para o portão principal, andei aos tropeções em volta da parede exterior dos muros. A encosta era tão íngreme que, mesmo que eu não estivesse contigo ao colo, não poderia ter descido com segurança até àquela primeira saliência. Fiquei parado a ver chegar a onda de perda que veio na minha direção pelo ar celestial, naquela linda manhã. Então a dor atingiu-me, um fogo inominável.

Fiquei ali três semanas, em Lês Bains e no mosteiro, vasculhando os penhascos e as florestas com a polícia local e com uma equipe que contratei em Paris. A minha mãe e o meu pai apanharam um avião para França e passavam horas a brincar contigo, dando-te de comer e empurrando o teu carrinho pela cidade penso que era isso que faziam. Eu preenchia formulários em pequenos escritórios sonolentos. Fazia telefonemas inúteis, procurando as palavras certas em francês para expressar a urgência da minha perda. Dia após dia, esquadrinhava os bosques no sopé do penhasco, às vezes na companhia de um detetive de rosto impassível e da sua equipe, as vezes sozinho com as minhas lágrimas.

De início, só queria ver Helen viva, caminhando na minha direção com o seu habitual sorriso irônico, mas acabei reduzido a um doloroso anseio de encontrar o seu corpo, esperando dar com ele nalgum ponto dos rochedos e arbustos. Se pudesse levar o corpo para os Estados Unidos ou para a Hungria, pensava as vezes, embora o modo como entraria na Hungria controlada pelos Soviéticos fosse um enigma, teria alguma coisa dela para honrar, para enterrar, uma forma de acabar com aquilo e ficar sozinho com a minha dor. Quase não admitia para mim mesmo que queria o seu corpo também por outro motivo para verificar se a sua morte fora completamente natural, ou se precisaria de mim para cumprir a mesma penosa tarefa que levava a cabo por Rossi. Por que não encontrava o seu corpo. Às vezes, sobretudo de manhã, pensava que ela simplesmente caíra, que nunca nos deixaria de propósito. Conseguia então acreditar que repousava num túmulo inocente e elementar algures nos bosques, mesmo que eu nunca o encontrasse. Quando chegava a tarde, porém, só me lembrava das suas depressões, dos seus estranhos humores.

Eu sabia que iria sofrer para o resto da vida, mas aquela falta absoluta, até do seu corpo, atormentava-me. O médico local deu-me um sedativo, que eu tomava a noite para poder dormir e recuperar as forças para procurar nos bosques outra vez no dia seguinte. Quando a polícia ficou ocupada com outras questões, passei a procurar sozinho.

Por vezes, deparava-me com outras relíquias na vegetação rasteira: pedras, chaminés em ruínas e, certa vez, parte de uma gárgula despedaçada teria caído para tão longe como Helen? Havia agora poucas gárgulas nas paredes do mosteiro.

Por fim, a minha mãe e o meu pai convenceram-me de que eu não podia fazer aquilo para sempre, que devia levar-te para Nova Iorque por uns tempos, que poderia sempre voltar e procurar de novo. A polícia por toda a Europa tinha sido alertada, através da rede francesa; se Helen estivesse viva diziam-me, com suavidade na voz, alguém a encontraria. Por fim, desisti, não por causa desses argumentos, mas por causa da própria floresta, da meteórica inclinação dos penhascos, da cerrada vegetação rasteira que me rasgava as calças e o casaco quando andava pelo meio dela, da altura e largura descomunal das árvores, do silêncio que me rodeava sempre que eu parava de me movimentar, de tatear, e ficava parado alguns minutos.

Antes de partirmos, pedi ao abade que dissesse uma bênção por Helen na extremidade do claustro, de onde ela tinha saltado. Ele fez uma celebração, reunindo os monges à sua volta, erguendo um objeto ritual depois do outro — não me importava saber o que eram realmente e entoando cânticos para uma enormidade de espaço que engolia a sua voz. Os meus pais mantiveram-se junto de mim, a minha mãe a enxugar os olhos rapidamente, e tu a agitares-te nos meus braços. Eu segurava-te com força; quase esquecera, durante aquelas semanas, como o teu cabelo escuro era macio, como eram fortes as tuas pernas que protestavam. Acima de tudo, estavas viva; respiravas de encontro ao meu queixo e o teu bracinho abraçava o meu pescoço, afetuosamente. Quando um soluço me sacudiu, agarraste-me o cabelo, puxaste-me a orelha. Enquanto te segurava, jurei que iria tentar recuperar um pouco de vida, de alguma forma de vida.

Bailey e eu olhávamos um para o outro por cima dos postais da minha mãe. Como as cartas do meu pai, interrompiam-se sem me permitir compreender muito do presente. O principal, o que ficara marcado no meu cérebro, eram as datas dos postais. Escrevera-os depois da sua morte.

— Ele foi para o mosteiro — disse eu.

— Foi — concordou Barley.

Juntei os bilhetes-postais e coloquei-os em cima do tampo de mármore do toucador.

— Vamos — chamei-o. Procurei na minha bolsa a pequena faca de prata, desembainhei-a e guardei-a com cuidado no bolso.

Barley curvou-se e deu-me um beijo na cara. Surpreendeu-me.

— Vamos lá — disse ele.

A estrada para Saint-Matthieu era mais comprida do que eu me lembrava, quente e poeirenta mesmo no fim da tarde. Não havia táxis em Lês Bains pelo menos nenhum à vista, portanto partimos a pé, atravessando com passo ligeiro terras cultivadas que subiam e desciam em ondulações suaves, até alcançarmos a orla da floresta. Dali em diante, a estrada começou a subir a montanha. Penetrar no bosque, com a sua mistura de oliveiras e pinheiros, os seus carvalhos gigantes, era como entrar numa catedral; havia sombra e frescura, e baixamos a voz, apesar de não estarmos a falar muito. Eu estava com fome, no meio da ansiedade; não tínhamos esperado sequer pelo café do *maitre*. Barley tirou o boné de algodão da cabeça e enxugou a testa.

— Ela não teria sobrevivido a uma queda daquelas — disse eu, através da garganta apertada.

— Não.

— O meu pai nunca se interrogou, pelo menos, não o fez nas suas cartas se ela foi empurrada por alguém.

— É verdade — concordou Barley, voltando a pôr o boné.

Fiquei calada por um momento. O barulho dos nossos passos no asfalto irregular — a estrada ainda era alcatroada naquele ponto — era o único som que se ouvia. Eu não queria dizer aquelas coisas, mas de alguma maneira elas vinham à tona dentro de mim.

— O professor Rossi escreveu que o suicídio põe a pessoa em risco de se tornar um... de se tornar...

— Lembro-me disso — disse Barley simplesmente. Arrependi-me de ter falado. A estrada sinuosa tornara-se mais íngreme.

— Talvez apareça algum carro — acrescentou ele.

Mas não apareceu nenhum carro e andávamos cada vez mais depressa, de tal maneira que a certa altura arfávamos em vez de conversar. Os muros do mosteiro apanharam-me de surpresa quando saímos do bosque e contornamos a última curva; não me lembrava

daquela curva, nem da inesperada abertura no pico da montanha, a enorme tarde à nossa volta. Mal me lembrava também da área plana e poeirenta abaixo do portão principal, onde desta vez não havia nenhum carro estacionado. Onde estavam os turistas? perguntei-me. No momento seguinte, chegamos suficientemente perto para ler a placa em obras, fechado aos visitantes este mês. Não foi o bastante para diminuir o ritmo dos nossos passos.

— Vamos — disse Barley.

Agarrou-me na mão e ainda bem, porque ela tinha começado a tremer.

Os muros de cada lado do portão estavam agora ornamentados com andaimes. Uma betoneira portátil. Cimento? Ali? Barrava-nos o caminho. As portas de madeira na fachada principal estavam firmemente fechadas mas não trancadas, como descobrimos, experimentando puxar o anel de ferro. Não me agradava entrar daquela maneira; não gostava do fato de não haver qualquer sinal do meu pai. Talvez ele ainda estivesse lá em baixo, em Lês Bains, ou noutro lugar qualquer. Comecei a arrepender-me do nosso impulso de vir diretamente para o mosteiro. Ainda por cima, embora ainda faltasse cerca de uma hora para o verdadeiro crepúsculo, o Sol estava a cair rapidamente a oeste, por detrás dos Pireneus, escondendo-se visivelmente atrás das montanhas mais altas. Os bosques de onde havíamos saído já estavam mergulhados na escuridão e em breve as últimas cores do dia iriam apagar-se dos muros do mosteiro.

Entramos, cautelosos, e seguimos para o pátio e o claustro. A fonte de mármore vermelho borbulhava, ruidosa, ao centro. Havia as delicadas colunas espiraladas de que me lembrava, o claustro comprido e o jardim de rosas no fim. A luz dourada fora-se, substituída por sombras de um tom profundo de ferrugem. Não se via ninguém.

— Acha que devíamos voltar para Lês Bains? — sussurrei a Barley.

Ele ia responder quando percebemos um som cânticos, vindos da igreja do outro lado do claustro. As portas estavam fechadas, mas ouvíamos distintamente uma cerimônia que se desenrolava no interior, com intervalos de silêncio.

— Estão todos lá dentro — disse Barley. — Talvez o seu pai também esteja. — Mas eu duvidava disso.

— Se ele estiver aqui, provavelmente desceu... — fiz uma pausa e olhei à volta do pátio. Tinham passado quase dois anos desde a minha visita ali com o meu pai a minha segunda visita, sabia agora — e não conseguia lembrar-me onde ficava a entrada para a cripta. De repente, vi o portal, como se ele se tivesse aberto na parede do claustro sem eu dar por isso. Agora vinham-me à memória as criaturas extravagantes esculpidas na pedra em volta dele: grifos e leões, dragões e pássaros, estranhos animais que eu não sabia identificar, híbridos do bem e do mal.

Barley e eu olhamos para a igreja, mas as portas mantinham-se bem fechadas, e atravessamos furtivamente o pátio até à entrada da cripta. Parada um instante sob o olhar daqueles animais petrificados, vi apenas as trevas onde teríamos de penetrar, e o meu coração apertou-se dentro de mim. Então, lembrei-me de que o meu pai poderia estar lá em

baixo — e poderia, na realidade, estar em grandes dificuldades. E Barley ainda estava a agarrar-me na mão, magricela e destemido ao meu lado. Quase esperava que ele fosse resmungar a qualquer momento sobre as coisas estranhas em que a minha família se metia, mas ele estava alerta junto de mim, preparado como eu para o que viesse.

— Não temos nenhuma luz — murmurou.

— Bem, não podemos entrar na igreja para ir buscar uma — observei, desnecessariamente.

— Trouxe o meu isqueiro. — Barley tirou-o do bolso. Não sabia que ele fumava. Acendeu-o por um instante, ergueu-o acima dos degraus e descemos juntos para a escuridão.

A princípio estava totalmente escuro, e descemos a tatear os íngremes degraus antigos, depois vi uma luz cintilar fracamente nas profundezas da cripta — não era a do isqueiro de Barley, que ele reacendia com intervalos de segundos e fiquei com um medo terrível. A claridade incerta era pior do que o escuro absoluto. Barley apertou-me a mão até eu sentir quase a circulação parar. A escada fazia uma curva no fim e, quando demos a última volta, lembrei-me de que o meu pai me contara que ali havia sido a nave da primitiva igreja. Lá estava o grande sarcófago de pedra do abade. Lá estava a tenebrosa cruz entalhada na antiga abside, a abóbada baixa por cima de nós, uma das mais antigas manifestações do românico em toda a Europa.

No entanto, apercebi-me de tudo isto apenas de relance, porque naquele exato momento uma sombra do outro lado do sarcófago destacou-se das trevas mais densas e levantou-se: um homem segurando uma lanterna. Era o meu pai. O seu rosto parecia exangue na luz imprecisa. Viu-nos no mesmo instante em que o vimos, creio, e soltou uma exclamação: "Jesus Cristo!" Olhamos um para o outro.

— O que estão aqui a fazer? — perguntou em voz baixa, olhando de mim para Barley, segurando a lanterna diante dos nossos rostos. O seu tom de voz era agressivo cheio de raiva, medo, amor. Larguei a mão de Barley e corri para o meu pai, contornando o sarcófago, e ele recebeu-me nos seus braços. — Jesus — disse, acariciando-me o cabelo por um segundo. — Este é o último lugar onde deverias estar.

— Lemos o capítulo no arquivo de Oxford — sussurrei. — Tive medo que estivesse... — e não consegui terminar a frase. Agora que o tinha encontrado e que ele estava vivo, e parecia o mesmo de sempre, toda eu tremia.

— Saiam daqui — disse, depois puxou-me mais para perto. — Não, é tarde demais, não os quero fora daqui sozinhos. Ainda temos alguns minutos antes que o Sol se ponha. Tome — e entregou-me a lanterna, — segure nisto, e você — para Barley, — ajude-me com a tampa. — Barley adiantou-se prontamente, embora eu tenha a impressão de ter visto as pernas dele a tremer também, e ajudou o meu pai a deslocar lentamente a tampa do grande sarcófago. Vi então que o meu pai encostara uma comprida estaca na parede próxima. Devia estar preparado para encontrar dentro daquele caixão de pedra um horror

que procurava há muito tempo, mas não para o que de fato viu. Levantei a lanterna, querendo e não querendo ver, e olhamos os três para um interior vazio, para o pó.

— Oh, meu Deus — gemeu ele. Havia na sua voz uma nota que eu nunca ouvira antes, de absoluto desespero, e lembrei-me de que ele já tinha visto aquele vazio.

Cambaleou para a frente e ouvi a estaca a bater no chão de pedra. Pensei que ele fosse chorar, ou arrancar os cabelos, ou curvar-se sobre aquele túmulo vazio, mas imobilizou-se na sua dor.

— Meu Deus — repetiu, quase sussurrando. — Pensei que finalmente estivesse num lugar certo, na data certa. Pensei...

Não completou o que dizia porque nesse momento surgiu das sombras do antigo transepto, onde nenhuma luz penetrava, uma figura completamente diferente de tudo que alguma vez tínhamos visto. Era uma presença tão estranha que eu nem teria podido gritar ao vê-la, mesmo que a minha garganta não se tivesse fechado imediatamente. A minha lanterna iluminava-lhe os pés e as pernas, um braço e um ombro, mas não o rosto encoberto, e eu estava demasiado aterrorizada para levantar mais a luz. Encolhi-me junto do meu pai e Barley fez o mesmo, de modo que ficamos os três mais ou menos por detrás da barreira do sarcófago vazio.

A figura chegou mais perto e parou, o rosto ainda escondido. Via agora que tinha a forma de um homem, mas não se movimentava como um ser humano. Os seus pés estavam calçados com estreitas botas negras indescritivelmente diferentes de todas as botas que eu já vira, e produziram um som abafado nas pedras quando ele andou. Em volta deles caía um manto, ou talvez só uma sombra maior, e tinha pernas vigorosas vestidas de veludo escuro. Não era tão alto como o meu pai, mas os seus ombros, sob o manto pesado, eram largos, e algo na sua silhueta indistinta dava a impressão de muito mais altura. O manto devia ter um capuz, porque o seu rosto era todo sombra. Depois do primeiro horrendo instante, vi as suas mãos, brancas como osso junto à roupa escura, e um anel com uma pedra num dos dedos.

Era tão real, estava tão perto de nós que eu mal podia respirar; na verdade, comecei a sentir que, se conseguisse forçar-me a aproximar-me dele, conseguiria respirar outra vez, e então comecei a ansiar por chegar um pouco mais perto. Sentia a faca de prata no bolso, mas nada me teria convencido a pegar-lhe. Algo brilhou onde deveria estar o seu rosto: olhos vermelhos? Dentes, um sorriso e, com um jorro de palavras, ele falou. Digo que foi um jorro porque nunca tinha ouvido um som igual, um fluxo gutural de palavras que poderiam ser muitas línguas juntas ou uma língua estranha que nunca tinha ouvido. Um momento depois, organizou-se em palavras que eu conseguia compreender, e tinha a sensação de que eram palavras que eu conhecia com o meu sangue, não com os meus ouvidos.

Boa noite. Felicito-o

Com isto, o meu pai pareceu voltar à vida. Não sei como encontrou forças para falar.

— Onde está ela? gritou. A sua voz tremia de medo e fúria.

O senhor é um estudioso notável.

Não sei porquê, mas, naquele momento, o meu corpo pareceu mover-se por moto próprio na direção dele. O meu pai levantou a mão no mesmo segundo e agarrou-me no braço com muita força, fazendo a lanterna balançar e fantásticas sombras e luzes dançarem em torno de nós. Na claridade oscilante, vi um pouco do rosto de Drácula, apenas a curva de um bigode caído, uma das faces, que poderia ser só o osso.

Foi o mais determinado de todos. Venha comigo e dar-lhe-ei conhecimento para dez mil vidas.

Eu ainda não sabia como conseguia compreendê-lo, mas pareceu-me que estava a chamar o meu pai.

— Não! — exclamei. Fiquei tão apavorada por ter falado com a criatura que senti a consciência abandonar-me momentaneamente. Tinha a sensação de que aquela figura diante de nós podia estar a sorrir, embora o seu rosto estivesse de novo oculto pelas trevas.

Venha comigo, ou deixe a sua filha vir.

— O quê? — perguntou-me o meu pai, de modo quase inaudível. Foi então que percebi que ele não compreendia as palavras de Drácula, talvez nem ouvisse Drácula. O meu pai estava a responder ao meu grito.

A criatura pareceu pensar, calou-se. Moveu as suas estranhas botas no chão de pedra. Havia alguma coisa nas suas formas dentro das roupas antigas que era ao mesmo tempo horrível e graciosa, um velho hábito do poder.

Esperei muito tempo por um estudioso com os seus talentos.

A voz era agora suave e infinitamente perigosa. Estávamos numa escuridão que parecia fluir da sua tétrica figura.

Venha comigo de livre vontade.

Nessa altura o meu pai pareceu inclinar-se um pouco para ele, sem largar o meu braço. O que não compreendia, parecia aparentemente sentir. O ombro de Drácula contraiu-se transferiu o seu terrível peso de uma perna para a outra. A presença do seu corpo era como a presença da morte, e no entanto ele estava vivo e movia-se.

Não me faça esperar. Se não vier, vou eu buscá-lo.

O meu pai reuniu todas as suas forças.

— Onde está ela? — gritou. — Onde está Helen?

A figura ergueu-se e vi um brilho feroz de dentes, ossos, olhos, a sombra do capuz oscilando novamente acima do seu rosto, a mão inumana crispada no limiar da luz. Tive a pavorosa sensação de estar frente a um animal agachado para desferir o golpe, para saltar sobre nós, mesmo antes que ele se movesse, e então ouvimos passos nas escadas atrás dele e o relâmpago de um gesto, que sentimos no ar porque não o podíamos ver. Levantei a lanterna com um grito que pensei ter vindo de fora de mim, e vi o rosto de Drácula inesquecível para sempre e, para meu total assombro, vi outra figura de pé exatamente atrás dele. Esta segunda pessoa parecia ter acabado de descer as escadas, uma forma escura e incompleta como a dele, mas mais volumosa, a silhueta de um homem vivo. O homem movia-se com rapidez e tinha qualquer coisa brilhante na mão levantada. Mas Drácula

sentira a sua presença, virou-se com o braço estendido e empurrou o homem para longe. A força de Drácula devia ser prodigiosa porque a robusta figura humana colidiu com a parede da cripta. Ouvimos um baque surdo e um gemido. Drácula virou-se para um lado e para o outro, perturbado, furioso, primeiro para nós, depois para o homem que gemia.

Subitamente, houve outra vez som de passos nas escadas mais leves, desta vez, acompanhados pelo feixe de luz de uma forte lanterna. Drácula foi apanhado desprevenido virou-se tarde demais, um borrão de sombra. Alguém esquadrinhou a cena velozmente com a lanterna, levantou uma arma e disparou uma vez.

Drácula não se moveu como eu tinha esperado um momento antes, arremessando-se por cima do sarcófago na nossa direção; em vez disto, caiu, primeiro para trás, de tal modo que o seu rosto pálido e duramente cinzelado emergiu por um instante, depois para a frente, e outra vez para a frente, até à pancada na pedra, o som de ossos que se despedaçam. Teve alguns espasmos rápidos e parou. Depois, o seu corpo voltou ao pó, acuada, até as suas roupas antigas se desfizeram à sua volta, ressequidas na claridade confusa.

O meu pai soltou-me o braço e correu para a luz da lanterna, contornando o volume no chão.

— Helen — chamou, ou talvez chorasse o nome dela, ou o murmurasse. Mas Barley também se precipitou, agarrando a lanterna do meu pai. Um homem corpulento estava caído no piso de pedra, com uma adaga ao lado.

— Oh, Elsie — disse uma trémula voz inglesa. Um pouco de sangue escuro escorria-lhe da cabeça e, enquanto olhávamos para ele, paralisados, o seu olhar imobilizou-se.

Barley ajoelhou-se depressa ao lado daquela forma humana desconjuntada. Com a voz estrangulada de surpresa e pesar, disse:

— Reitor James?

O hotel em Lês Bains orgulhava-se da sua sala de estar com pé-direito alto e lareira, e o *maître* acendeu a lareira e teimou em fechar as portas para impedir a entrada de outros hóspedes.

— A viagem ao mosteiro cansou-o — foi tudo o que disse, colocando uma garrafa de conhaque junto do meu pai e copos: cinco, notei, como se o nosso companheiro que faltava ainda estivesse ali para beber conosco, mas vi, pelo olhar que o meu pai trocou com ele, que muito mais que isso se tinha passado entre ambos.

O *maître* passara a noite ao telefone e, de certa forma, acertara as coisas com a polícia, que nos interrogara apenas no hotel e nos libertara sob o seu olhar benevolente. Suspeitava também que ele tinha entrado em contato com uma morgue ou com uma sala de funerais, qualquer que fosse o costume numa aldeia francesa. Agora que todas as autoridades oficiais se tinham ido embora, eu estava sentada no desconfortável sofá de damasco com Helen, que de vez em quando estendia a mão para me afagar o cabelo, e tentava não pensar no rosto bondoso e no sólido corpo do reitor James inertes sob um lençol. O meu pai sentava-se numa cadeira funda junto à lareira e não tirava os olhos dela, de nós. Barley esticava as suas pernas compridas em cima de uma otomana e tentava, pareceu-me, não olhar fixamente para o conhaque, enquanto o meu pai se recompunha e servia um copo a cada um. Os olhos de Barley estavam vermelhos de chorar em silêncio e aparentemente queria ficar sozinho. Quando olhava para ele, também os meus olhos se enchiam de lágrimas, incontrolavelmente.

O meu pai olhou para Barley e por um momento pensei que ele também fosse chorar.

— Ele foi muito corajoso — disse o meu pai, suavemente. — Foi o ataque dele que permitiu a Helen disparar como disparou. Ela não teria conseguido acertar-lhe no coração se o monstro não tivesse sido apanhado de surpresa. Creio que James, nos últimos momentos, deve ter sabido a diferença que isto fez. E vingou a pessoa que mais amou, além de muitas outras.

Barley assentiu com um gesto, ainda incapaz de falar, e fez-se um curto silêncio entre nós.

— Prometi que contaria tudo a vocês quando pudéssemos nos sentar sossegados — disse Helen por fim, pousando seu copo.

— tem certeza que não preferem que os deixe sozinhos? — falou Barley, relutante.

Helen deu uma risada, e fiquei surpresa com a melodia de seu riso, tão diferente de sua voz ao falar. Mesmo naquele aposento onde pairava uma certa tristeza, sua risada não destoava.

— Não, não, meu caro — disse a Barley. — Não podemos passar sem você.

Eu adorava seu sotaque, aquele inglês dela ao mesmo tempo áspero e doce, que eu achava que já conhecia de tanto tempo que nem lembrava mais desde quando. Ela era

uma mulher alta e magra em um vestido preto, um vestido meio antiquado, com um torcido de cabelo grisalho em torno da cabeça. Seu rosto era admirável — marcado, gasto, mas com olhos juvenis. Vê-la era um choque para mim cada vez que eu me virava — não só porque ela estava ali, de verdade, mas porque eu sempre imaginara somente a jovem Helen. Nunca incluíra em minha imaginação todos os anos que passara longe de nós.

— Contar tudo vai levar muito tempo — disse baixinho —, mas posso adiantar algumas coisas agora, ao menos. Primeiro, que sinto muito. Causei-lhe muita dor, Paul, eu sei. — Olhou para meu pai com a claridade do fogo entre eles. Barley ameaçou levantar-se mas ela o impediu com um gesto firme. — Causei uma dor ainda maior a mim mesma. Segundo, eu já deveria ter dito isto a você, mas agora nossa filha — sorriu com doçura e as lágrimas brilharam em seus olhos —, nossa filha e nosso amigo podem ser minhas testemunhas. Estou viva, não morta-viva. Ele nunca me atacou uma terceira vez.

Eu queria olhar para meu pai, mas não consegui nem virar a cabeça. O momento era só dele. Não o ouvi chorar alto, porém. Ela parou e respirou fundo.

— Paul, quando visitamos Saint-Matthieu e descobri sobre as tradições deles — o abade que se levantara da morte e o irmão Kiril, que o vigiava —, fui tomada pelo desespero mas também por uma terrível curiosidade. Achava que não podia ser coincidência eu querer conhecer o lugar, ansiar por ele. Antes de irmos para a França, eu fizera mais pesquisas em Nova York — sem contar a você, Paul —, esperando encontrar o segundo esconderijo de Drácula e vingar a morte de meu pai. Mas nunca encontrei nada sobre Saint-Matthieu. Minha vontade de ir lá só começou quando li a respeito em seu guia turístico. Foi apenas uma vontade, sem nenhuma base acadêmica.

Olhou em torno para nós, inclinando seu belo perfil.

— Eu retomei minha pesquisa em Nova York porque achava que fora a causa da morte dele — com meu desejo de brilhar mais do que ele, de denunciar para todos sua traição à minha mãe — e não suportava pensar mais naquilo. Então, comecei a achar que era meu sangue ruim, o sangue de Drácula, que me fizera agir assim, e dei-me conta de que passara aquele sangue para meu bebê, mesmo parecendo estar curada do toque dos mortos-vivos.

Ela fez uma pausa para afagar meu rosto e segurar minha mão na dela. Eu estremei ao seu toque, à proximidade daquela mulher estranha e conhecida ao mesmo tempo encostada em meu ombro no divã.

— Sentia-me cada vez mais indigna, e quando ouvi a explicação do irmão Kiril sobre a lenda de Saint-Matthieu, percebi que não descansaria enquanto não soubesse mais. Achava que se encontrasse Drácula e o exterminasse, poderia ficar completamente bem outra vez, ser uma boa mãe, uma pessoa com uma vida nova. Quando adormeceste, Paul, fui para o claustro. Tinha pensado descer à cripta de novo com o meu revólver e tentar abrir o sarcófago, mas achei que não conseguiria fazer isso sozinha. Enquanto estava a tentar decidir se te acordava ou não, para implorar que me ajudasses, sentei-me no banco do claustro, olhando para o precipício. Sabia que não devia estar ali sozinha, mas fui atraída

pelo lugar. Havia um luar maravilhoso, e uma névoa subia devagar pelas encostas das montanhas.

Os olhos de Helen estavam estranhamente abertos, rememorando.

— Sentada ali, senti a pele das costas arrepiar-se, como se houvesse alguma coisa mesmo atrás de mim. Virei-me rapidamente e, do outro lado do claustro, onde não havia luar, pareceu-me distinguir um vulto escuro. O seu rosto estava na sombra, mas eu podia sentir, mais do que ver, uns olhos ardentes pousados em mim. Era só questão de um instante mais antes de ele abrir as asas e alcançar-me, e eu estava completamente sozinha junto à balaustrada. De repente, pareceu-me ouvir vozes, vozes angustiadas na minha cabeça que me diziam que eu nunca poderia vencer Drácula, que aquele era o mundo dele, não o meu. Diziam-me para saltar enquanto ainda era eu própria, e então me levantei como uma pessoa em um sonho e pulei.

Ela estava sentada muito ereta, a olhar para o fogo, e o meu pai passou a mão pelo rosto.

— Eu queria cair livremente, como Lúcifer, como um anjo, mas não tinha visto aquelas rochas. Caí em cima delas, e magoei a cabeça e os braços, mas também havia lá uma espessa camada de erva, e a queda não me matou nem me partiu nenhum osso. Horas depois, penso eu, acordei no frio da noite e senti sangue na cara e no pescoço, e vi a Lua a desaparecer e o abismo lá embaixo. Meu Deus, se eu tivesse rolado em vez de desmaiar... — Fez uma pausa. — Sabia que não te poderia explicar o que tinha tentado fazer, e a vergonha apossou-se de mim como uma espécie de loucura. Achava que, depois daquilo, nunca poderia ser digna de ti ou da tua filha. Quando consegui pôr-me de pé, descobri que não tinha sangrado assim tanto. E apesar de estar muito dolorida, não partira nada e sentia que ele não me atacara — deve ter-me dado como perdida, também, quando saltei. Estava terrivelmente fraca e com dificuldade em andar, mas contornei os muros do mosteiro e desci à estrada no escuro.

Pensei que o meu pai ia chorar de novo, mas ele estava quieto, sem tirar os olhos dos dela.

— Saí pelo mundo. Não foi assim tão difícil. Tinha levado a minha bolsa comigo, po hábito, suponho, e porque tinha lá dentro o meu revólver com as balas de prata. Lembro-me de que quase me ri quando dei com a bolsa ainda presa no braço, no precipício. Tinha dinheiro nela, também, uma quantidade de dinheiro no forro, e usei-o com critério. A minha mãe também andava sempre com todo o seu dinheiro. Suponho que era assim que faziam os camponeses na aldeia dela. Nunca confiou em bancos. Muito mais tarde, quando precisei de mais dinheiro, tirei-o da nossa conta em Nova Iorque e deposei algum num banco suíço. Depois parti da Suíça o mais depressa que pude, para o caso de você tentar me localizar, Paul. Ah, perdoa-me! — exclamou ela de repente, apertando-me mais os dedos, e eu sabia que ela se referia à sua ausência, e não ao dinheiro.

O meu pai cerrou as mãos uma na outra.

— Aquele retirada que você fez me deu esperanças durante uns meses, ou pelo menos levantou-me uma dúvida, mas o meu banco não conseguiu descobrir onde fora feito. Recebi o dinheiro de volta. — Mas não você, podia ter acrescentado, mas não o fez. O seu rosto brilhava, fatigado e contente.

Helen baixou os olhos.

— Seja como for, encontrei um lugar para ficar por uns dias, fora de Lês Bains, até a minhas feridas sararem. Escondi-me até poder voltar ao mundo.

Levou os dedos ao pescoço e vi a pequena cicatriz branca em que já reparara muitas vezes

— Tinha o pressentimento de que Drácula não se esquecera de mim e poderia procurar-me de novo. Enchi os bolsos de alho e a mente de força. Conservava o meu revólver sempre junto de mim, a minha adaga, o meu crucifixo. Onde quer que fosse, parava nas igrejas das aldeias e pedia uma bênção, embora por vezes só o fato de entrar nelas fizesse a minha cicatriz latejar. Tinha o cuidado de manter o pescoço coberto. A certa altura, cortei o cabelo curto e pintei-o, mudei de roupas e passei a usar óculos escuros. Durante muito tempo, procurei ficar longe das cidades, e depois comecei pouco a pouco a frequentar os arquivos onde sempre tinha querido fazer a minha pesquisa

Fui meticulosa. Encontrava-o onde quer que fosse em Roma na década de 1629, em Florença sob os Médici, em Madrid, em Paris durante a Revolução. As vezes era o relato d uma estranha peste, outras um surto de vampirismo num grande cemitério o Père Lachaise, por exemplo. Ele parecia ter sempre gostado de escribes, arquivistas, bibliotecários, historiadores quem quer que lidasse com o passado através dos livros. Procurei deduzir, através dos seus movimentos, onde ficava a sua nova tumba, onde se escondera depois de termos aberto a sua tumba em Sveti Georgi, mas não consegui descobrir qualquer padrão. Eu pensava que, quando o encontrasse, quando o matasse, voltaria e dir-vos-ia como o mundo se tornara mais seguro. Passaria a ser digna de vocês. Vivía com medo de que ele me encontrasse antes de eu conseguir encontrá-lo. E, onde quer que fosse, sentia a vossa falta ah, sentia-me tão só.

Ela pegou novamente na minha mão e acariciou-a como se fosse uma cartomante, uma adivinha, e senti, contra a minha vontade, uma onda de ressentimento todos aqueles anos sem ela.

— Por fim, achei que mesmo não sendo digna, queria pelo menos ver-vos. Aos dois. Eu tinha lido sobre a tua fundação nos jornais, Paul, e sabia que estavas em Amsterdã. Não foi difícil encontrar-te, nem sentar-me num café perto do teu escritório, nem seguir-te numa ou duas viagens — com muito cuidado, muito, muito cuidado. Nunca me permiti ver nenhum de vocês frente a frente, receando que me vissem. Ia e vinha. Se a minha pesquisa corria bem, concedia a mim própria uma visita a Amsterdã e seguia-os a partir de lá. Então, um dia — na Itália, em Monteperduto — eu o vi na *piazza*. Ele estava seguindo vocês, também, observando-os. Foi quando me apercebi de que se tornara suficientemente

forte para sair às vezes em pleno dia. Eu sabia que vocês estavam em perigo, mas pensei que, se os abordasse para os prevenir, talvez levasse o perigo para mais perto. Afinal, ele podia estar à minha procura, e não à vossa, ou podia estar a tentar fazer com que o levasse até vocês. Foi uma agonia. Eu sabia que tu devias estar a fazer algum tipo de pesquisa outra vez que devias estar interessado nele outra vez, Paul, para atrair a atenção dele. Não conseguia decidir o que fazer.

— Fui eu, foi culpa minha — murmurei, apertando a mão dela, sem enfeites, enrugada. — Encontrei o livro.

Ela olhou para mim por um momento, a cabeça inclinada para um lado.

— Tu és uma historiadora — disse. Não era uma pergunta. Depois suspirou.

— Durante vários anos escrevi-te bilhetes-postais, filha, sem os enviar, é claro. Um dia pensei que podia pôr-me em contato convosco à distância, para que soubessem que eu estava viva sem deixar ninguém ver-me. Enviei-os para Amsterdã, para a vossa casa, num pacote dirigido a Paul.

Desta vez, virei-me para o meu pai, surpreendida e zangada.

— Sim — disse-me tristemente. — Achei que não devia mostrar-los a você para não perturbá-la, já que não era capaz de encontrar a tua mãe. Podes imaginar o que esse período foi para mim.

E eu podia. Lembrei-me subitamente do seu terrível cansaço em Atenas, na noite em que o vira meio morto diante da escrivaninha do seu quarto. Mas ele sorriu para nós, e percebi que, de agora em diante, podia sorrir todos os dias.

— Ah! — e ela sorriu também. Vi que tinha vincos fundos à volta da boca e os cantos dos olhos estavam marcados por rugas.

— E comecei a procurar-te. E a procurá-lo. — O seu sorriso tornou-se grave. Ela olhava fixamente para ele. — E então concluí que tinha de parar com a minha pesquisa e simplesmente segui-lo seguindo-te a ti. Via-te de vez em quando, e via-te a fazer a tua pesquisa novamente, observava-te a entrar em bibliotecas, Paul, ou a sair delas, e como eu desejava poder contar-te tudo o que aprendera. Então, foste para Oxford. Eu não tinha estado em Oxford no decorrer das minhas buscas anteriores, apesar de ter lido que houvera lá um surto de vampirismo no fim do período medieval. E, em Oxford, deixaste um livro aberto...

— Mas fechou-o quando me viu — interrompi.

— E a mim — completou Barley com o seu sorriso luminoso. Era a primeira vez que falava, e foi um alívio constatar que ainda podia parecer alegre.

— Bem, da primeira vez que o examinou, esqueceu-se de o fechar. — Helen quase piscou o olho para nós.

— Tens razão — confirmou o meu pai. — Pensando bem, esqueci-me mesmo.

Helen voltou-se para ele com o seu lindo sorriso.

— Sabes que nunca tinha visto aquele livro antes? *Vampires du Moyen Age*?

— Um clássico — afirmou o meu pai, — mas muito raro

— Acho que o reitor James também o deve ter visto — acrescentou Barley pausadamente. — Sabe, eu vi-o lá logo depois de o surpreendermos na sua pesquisa, senhor. — O meu pai parecia perplexo. — Sim — prosseguiu Barley, — eu tinha deixado o meu impermeável no piso inferior da biblioteca e voltei para o ir buscar menos de uma hora depois. E vi o reitor James a sair da saleta na galeria, mas ele não me viu. Achei que parecia tremendamente preocupado, meio zangado e perturbado. Também pensei nisso quando decidi telefonar-lhe.

— Você telefonou ao reitor James? — Eu estava surpreendida, mas longe de me senti indignada. — Porquê? Por que é que fez isso?

— Telefonei-lhe de Paris porque me lembrei de uma coisa — disse Barley com simplicidade, esticando as pernas. Tive vontade de me levantar e pôr o braço a volta do pescoço dele, mas não em frente dos meus pais. Ele olhou para mim. — Eu disse-lhe, no comboio, que estava a tentar lembrar-me de uma coisa, uma coisa sobre o reitor James, e quando chegamos a Paris lembrei-me. Tinha visto uma carta em cima da secretária dele certa vez, quando estava a arrumar uns papéis, um envelope, na realidade, e gostei do selo, por isso examinei-o mais de perto. Era da Turquia, e era antigo; foi o que me fez olhar para o selo. Bem, tinha um carimbo do correio que datava de há vinte anos, de um professor Bora, e pensei para comigo que um dia gostaria de ter uma secretária bem grande, e receber cartas do mundo inteiro. O nome Bora ficou-me gravado na cabeça, mesmo naquela época soava tão exótico. Não abri o envelope nem li a carta, é evidente — acrescentou Barley apressadamente —, nunca faria isso.

— Claro que não — o meu pai fungou levemente, mas pareceu-me que os seus olhos brilhavam de afeto.

— Bem, quando estávamos a descer do comboio em Paris, vi um homem de idade na plataforma, um muçulmano, julgo eu, com um barrete vermelho escuro rematado por uma longa borla na cabeça e uma túnica comprida, como um paxá otomano, que me fez lembrar a carta. Depois foi a história do seu pai, com o nome do professor turco — lançou-me um olhar sombrio — e fui telefonar-lhe. Percebi que o reitor devia ainda estar de alguma forma à caça dele.

— Onde é que eu estava? — perguntei, ciumenta.

— Na casa de banho, suponho. As raparigas estão sempre na casa de banho. — Ele podia muito bem ter-me atirado um beijo, embora não diante dos outros. — O reitor ficou furioso comigo ao telefone, mas quando lhe contei o que se estava a passar, disse que eu podia contar com a gratidão dele para sempre. Os lábios vermelhos de Barley tremeram um pouco. — Não me atrevi a perguntar-lhe o que tencionava fazer, mas agora sabemos.

— Sim, sabemos — repetiu o meu pai tristemente. — Ele também deve ter feito o cálculo ao ler aquele velho livro e concluído que daí a uma semana faria dezesseis anos que Drácula visitara Saint-Mathieu pela última vez. Então deve ter descoberto para onde

que eu ia. Possivelmente andava à minha procura quando entrou naquela sala de livros raros. Em Oxford, insistiu comigo várias vezes para que lhe dissesse o que se estava a passar, preocupado com a minha saúde e o meu estado de espírito. Eu não queria metê-lo naquilo, sabendo os riscos envolvidos.

Helen concordou.

— Deve ter sido isso. Julgo que estive lá pouco antes dele. Encontrei o livro aberto e fiz o cálculo para mim mesma, depois ouvi passos na escada e escapei-me na direção oposta. Tal como o nosso amigo, vi que irias para Saint-Matthieu, Paul, tentar encontrar-me e encontrar aquele demônio, e dirigi-me para lá o mais depressa que pude. Mas não sabia que comboio ias apanhar, e muito menos que a nossa filha também estava a tentar seguir-te.

— Eu vi-a — disse eu, admirada.

Ela olhou para mim, e deixamos o assunto para depois. Haveria tanto tempo para conversar. Notava que ela estava cansada, que estávamos todos exaustos, que nem sequer éramos capazes de começar a dizer uns aos outros, naquela noite, o triunfo que tudo aquilo havia sido. O mundo estaria mais seguro porque estávamos todos juntos ou porque ele finalmente já não fazia parte deste mundo? Vislumbrei um futuro que nunca imaginara antes. Helen passaria a viver conosco e apagaria as velas da mesa da sala de jantar. Iria à minha formatura do curso secundário e ao meu primeiro dia na universidade, e ajudar-me-ia a vestir o vestido de casamento, se eu me casasse. Iria ler-nos em voz alta na sala da frente depois do jantar, voltaria a fazer parte do mundo e daria aulas novamente, iria comigo comprar sapatos e blusas, andaria com o braço à volta da minha cintura.

Eu não podia saber então que de vez em quando ela se distanciaria de nós, sem falar durante horas a fio, a tocar o pescoço com os dedos, nem que uma doença devastadora a levaria definitivamente nove anos mais tarde muito antes de nos habituarmos ao fato de a ter de volta, embora talvez nunca nos habituássemos, nunca nos cansássemos da prorrogação da sua presença. Eu não podia prever que o nosso último presente seria saber que ela repousava em paz, quando poderia ter sido de outra maneira, e que essa certeza seria ao mesmo tempo dolorosa e curativa para nós. Se eu tivesse sido capaz de prever todas essas coisas, também saberia que o meu pai iria desaparecer durante um dia depois do enterro dela, e que a pequena adaga na vitrina da nossa sala iria com ele, e que eu nunca, nunca lhe perguntaria nada sobre isso.

Mas naquele dia, frente à lareira em Lês Bains, os anos que teríamos com ela estendiam-se à nossa frente numa bênção infindável. Começaram minutos mais tarde quando o meu pai se levantou e me beijou, apertou a mão de Barley calorosamente e puxou Helen do divã.

— Vamos — disse, e ela apoiou-se nele, a sua história acabada por agora, o rosto cansado cheio de alegria. Ele juntou as duas mãos dela nas suas. — Vamos para a cama.

Há cerca de dois anos, uma extravagante oportunidade apresentou-se a mim enquanto me encontrava na Filadélfia para uma conferência, uma reunião internacional de historiadores medievais. Nunca tinha estado até então em Filadélfia e estava intrigada pelo contraste entre as nossas reuniões, que mergulhavam num passado feudal e monástico, e a vibrante metrópole à nossa volta, com a sua história mais recente de republicanismo e revolução. A Baixa da cidade, vista do meu quarto de hotel no décimo quarto andar, exibia uma mistura singular de arranha-céus e quarteirões de casas dos séculos dezessete e dezoito, que pareciam miniaturas ao lado deles.

Durante as nossas poucas horas de lazer, fugi de uma interminável palestra sobre artefatos bizantinos para ver alguns verdadeiros no magnífico museu de arte. Lá, peguei num folheto de um pequeno museu literário com uma biblioteca, situado na Baixa, cujo nome ouvira o meu pai citar muitos anos antes, e cuja coleção eu tinha motivos para ir conhecer. Era um centro tão importante para os estudiosos de Drácula que, evidentemente, tinham aumentado consideravelmente desde as primeiras investigações do meu pai como muitos arquivos europeus. Recordei-me que os investigadores podiam ver ali as notas de Bram Stoker para *Drácula*, selecionadas a partir de fontes da Biblioteca do Museu Britânico, bem como um importante opúsculo medieval. A oportunidade era irresistível. O meu pai sempre tinha querido visitar aquela coleção; iria passar lá uma hora em sua homenagem. Ele morrera vítima de uma mina terrestre em Sarajevo há mais de dez anos, trabalhando como mediador no pior conflito europeu das últimas décadas. Só fui informada quase uma semana depois; a notícia, quando a recebi, deixou-me fechada em silêncio durante um ano. Ainda sentia a sua falta todos os dias, às vezes todas as horas.

Foi assim que me vi numa pequena sala com temperatura controlada, num dos prédios de tijolos castanhos construídos na cidade no século dezenove, manuseando documentos que me falavam de um passado distante mas também da premência das pesquisas do meu pai. As janelas davam para a folhagem delicada das árvores da rua e, do lado oposto, para outros prédios do mesmo gênero, com as suas fachadas elegantes intocadas pela mácula de acréscimos modernos. Havia apenas um outro estudioso na pequena biblioteca naquela manhã, uma mulher italiana que falou baixinho ao telemóvel durante alguns minutos antes de abrir os diários manuscritos de alguém, esforcei-me para não esticar o pescoço para espreitar o que era e começar a ler. Quando me instalei com um caderno e um agasalho leve contra o ar condicionado, a bibliotecária trouxe-me primeiro os documentos de Stoker e depois uma pequena caixa de cartão atada com uma fita.

As notas de Stoker foram uma diversão agradável, um estudo sobre a maneira caótica de tomar notas. Algumas estavam escritas com a letra apertada, outras datilografadas em

papel vegetal. No meio delas, havia recortes de jornais sobre acontecimentos misteriosos e folhas da agenda pessoal dele. Pensei como o meu pai teria gostado daquilo, como teria achado graça à maneira ingênua como Stoker lidava com o oculto. Mas depois de meia hora, pu-los de lado e passei para a outra caixa. Continha um livro fino, com uma capa simples e elegante, provavelmente do século dezenove, quarenta páginas impressas num pergaminho do século quinze quase impecável, um tesouro medieval, um milagre do tipo móvel. A estampa da página de rosto era uma xilogravura, um rosto que eu conhecia do meu longo trabalho, com os seus olhos grandes, bem abertos e no entanto dissimulados, olhando penetrantemente para mim, o pesado bigode caindo-lhe pelo queixo quadrado, o nariz longo e fino, porém ameaçador, os lábios sensuais apenas visíveis.

Era um opúsculo de Nuremberg, impresso em 1491, e falava dos crimes de Dracol Waida, da sua crueldade, dos seus banquetes sangrentos. Consegui decifrar as primeiras frases, de tão familiares que eram para mim, escritas em alemão medieval "No Ano de Nosso Senhor 1456, Drákula fez muitas coisas terríveis e curiosas." A biblioteca providenciara uma folha com a tradução, onde reli com um calafrio alguns dos crimes de Drácula contra a humanidade. Ele assou pessoas vivas, esfolou-as, enterrou-as até ao pescoço, empalou bebês no seio das mães. O meu pai tinha examinado outros panfletos como aquele, evidentemente, mas tê-lo-ia apreciado pela sua espantosa frescura, pela firmeza do seu pergaminho, pelo seu estado quase perfeito. Depois de cinco séculos, parecia acabado de imprimir. Essas mesmas qualidades amedrontaram-me e, dentro em pouco, fiquei satisfeita ao guardá-lo e atar a fita novamente, perguntando-me por que desejara ver a coisa em pessoa. Aquele olhar arrogante fitou-me até eu fechar o livro.

Reuni os meus pertences, então, com a sensação de ter completado uma peregrinação, e agradei à amável bibliotecária. Ela mostrou-se contente com a minha visita; aquele opúsculo era um dos seus itens favoritos do acervo; ela própria escrevera um artigo a respeito dele. Despedimo-nos com palavras cordiais e um aperto de mão, desci para a loja de presentes e dali para o calor da rua, com os seus cheiros a escapes dos automóveis e a comida dos restaurantes.

O contraste entre o ar purificado do interior do museu e o alvoroço da cidade do lado de fora fez a porta de carvalho atrás de mim parecer proibitivamente selada, de modo que me espantei ainda mais ao ver a bibliotecária sair a correr por ela.

— Acho que se esqueceu disto — disse-me. — Ainda bem que a apanhei. — Sorri-me com o ar de quem sabe que está a devolver um tesouro: uma carteira, umas chaves, uma bonita pulseira. — Não gostaria com certeza de perder isto aqui.

Agradei e peguei no bloco de notas e no livro que ela me entregava, espantada, abanando a cabeça, aquiescendo, e ela desapareceu dentro do velho prédio tão depressa como surgira à minha frente. O bloco de notas era meu, sem dúvida, embora eu achasse que o tinha metido na minha pasta antes de sair. O livro era... não sei dizer agora o que realmente pensei que fosse naquele primeiro momento, só que a capa era de um veludo

gasto e velho, muito, muito velho, e que me era ao mesmo tempo familiar e desconhecido. O pergaminho do interior não tinha nada da frescura das páginas do opúsculo que eu tinha examinado na biblioteca apesar das páginas vazias, recendia a séculos de manuseamento. A feroz e única imagem no centro abriu-se na minha mão antes que eu pudesse impedir-me e fechou-se outra vez antes que eu pudesse olhar muito tempo para ela.

Fiquei absolutamente imóvel na rua enquanto uma sensação de irrealidade tomava conta de mim; os carros que passavam eram tão sólidos como antes, uma buzina soou algures, um homem com um cão pela trela tentava passar entre mim e uma árvore. Olhei rapidamente para cima, para as janelas do museu, pensando na bibliotecária, mas os vidros das janelas refletiam apenas as casas em frente. Nenhuma cortina de renda se moveu ali, também, e nenhuma porta se fechou silenciosamente quando olhei em volta. Não havia nada de errado naquela rua.

No meu quarto de hotel, pousei o livro em cima do tampo de vidro da mesa e lavei a cara e as mãos. Depois, fui até à janela e fiquei a olhar a cidade de cima. No fim do quarteirão, via a nobre feiura do prédio da prefeitura, o Philadelphia City Hall, com a sua estátua de William Penn, o amante da paz, equilibrada no topo. Vistos dali, os parques eram quadrados verdes de copas de árvores. Luzes piscavam nas torres dos bancos. Mais distante, à minha esquerda, via o edifício federal que fora bombardeado um mês antes, os guindastes vermelhos e amarelos a recolher o entulho no meio dele, e conseguia ouvir o ruído da reconstrução.

Mas não era essa cena que enchia o meu olhar. Estava a pensar, contra a minha vontade, numa outra, que me parecia já ter observado antes. Encostei-me à janela, sentindo o sol do Verão, sentindo-me segura apesar da distância a que estava do solo, como se a insegurança para mim pertencesse a um domínio completamente diferente.

Eu imaginava uma clara manhã de Outono em 1476, apenas suficientemente fria para fazer a névoa levantar-se da superfície do lago. Um barco atraca na extremidade da ilha, por baixo dos muros e cúpulas com as suas cruzeiras de ferro. A proa de madeira arranha levemente as pedras e dois monges vêm a correr por entre as árvores para puxar o barco para terra firme. O homem que desembarca está sozinho, e os pés que pisam o desembarcadouro de pedra estão calçados de botas finamente confeccionadas de couro vermelho, ambas com esporas pontiagudas presas nelas. É mais baixo do que os dois jovens monges, mas dá a impressão de os dominar pela altura. Está vestido de damasco púrpura e vermelho, sob um longo manto de veludo negro preso no peito largo por um broche elaborado. O seu chapéu tem a forma de um cone pontiagudo, negro também, com plumas vermelhas à frente. A sua mão, intensamente coberta de cicatrizes nas costas, brinca com a espada curta que traz no cinto. Os olhos são verdes, extraordinariamente grandes e separados, a boca e o nariz são cruéis, o cabelo e o bigode negros exibem ásperas mechas

brancas.

O abade foi avisado e apressa-se a vir recebê-lo sob as árvores.

— É uma honra, meu senhor — diz ele, estendendo a mão. Drácula beija o anel e o abade faz o sinal da cruz sobre ele. — Deus vos abençoe, meu filho — acrescenta, numa espontânea ação de graças. Sabe que a aparição do príncipe é quase milagrosa. Drácula provavelmente atravessou terras ocupadas pelos Turcos para chegar ali. Não é a primeira vez que o benfeitor do abade aparece como por transporte divino. O abade ouviu dizer que o metropolitano em Curtea de Arges em breve reinvestirá Drácula como governante da Valáquia e então, sem dúvida, o Dragão vai finalmente arrebatá-la toda a Valáquia aos Turcos. O abade toca a larga testa do seu príncipe numa bênção. — Pensamos o pior quando o senhor não veio na primavera. Deus seja louvado.

Drácula sorri mas nada diz, lançando um longo olhar ao abade. Já discutiram sobre a morte anteriormente, lembra-se o abade; Drácula perguntou-lhe diversas vezes em confissão se ele, o homem santo, acha que todo o pecador será admitido no paraíso se verdadeiramente se arrepender. O abade preocupa-se sobretudo que o seu benfeitor receba os últimos sacramentos quando chegar o momento, ainda que tenha receio de lho dizer. Cedendo à suave insistência do abade, Drácula foi entretanto batizado novamente na legítima fé para mostrar o seu arrependimento pela sua conversão temporária à herética Igreja ocidental. O abade perdoou-lhe tudo, em privado tudo. Não dedicou Drácula a sua vida a conter os infieis, o monstruoso sultão que está a derrubar todas as muralhas da cristandade? Mas, também em privado, especula que castigos o Todo-Poderoso irá impor a este estranho homem. Espera que Drácula não toque na questão do paraíso e fica aliviado quando o príncipe pede para ver os progressos que fizeram na sua ausência. Contornam juntos a extremidade do pátio do mosteiro, as galinhas a correr e a espalhar-se à sua passagem. Drácula inspeciona as construções recém-terminadas e as hortas viçosas com um olhar de satisfação, e o abade, pressuroso, mostra-lhe os passadiços entre os edifícios que tinham sido construídos desde a sua última visita.

Nos aposentos do abade tomam chá e então Drácula poussa um saco de veludo à frente do abade.

— Abra-a — diz, alisando o bigode.

As suas pernas musculosas estão afastadas uma da outra na cadeira; a sempre presente espada ainda pende ao lado. O abade gostaria que Drácula fizesse as suas dádivas com maior humildade, mas abre a bolsa em silêncio.

— Tesouro turco — diz Drácula, o sorriso aberto. Falta-lhe um dos dentes de baixo, mas os outros são fortes e brancos.

Dentro da bolsa, o abade encontra jóias de infinita beleza, grandes conjuntos de esmeraldas e rubis, pesados anéis de ouro e broches de feitura otomana e ainda outras peças, entre elas uma esplêndida cruz de ouro com safiras escuras embutidas. O abade não quer saber de onde veio tudo isto.

— Vamos mobiliar a sacristia e mandar fazer uma nova pia batismal — determina Drácula. — Quero que mande vir artesãos de onde quiser. Isto vai pagar facilmente a despesa, e ainda sobra o suficiente para o meu túmulo.

— O vosso túmulo, meu senhor? — O abade olha respeitosamente para o chão.

— Sim, Eminência — a sua mão vai outra vez ao punho da espada. — Tenho vindo a pensar nisso e gostaria de ser colocado diante do altar, com uma pedra de mármore por cima. Celebrareis em minha memória as melhores missas cantadas, evidentemente. Instala um segundo coro para isso. — O abade inclina a cabeça, mas está amedrontado pelo rosto do homem, o lampejo calculista nos olhos verdes. — Em acréscimo, tenho alguns pedidos, que deveis lembrar com cuidado. Quero o meu retrato pintado na pedra tumular, mas não quero nenhuma cruz.

O abade levanta os olhos, atônito.

— Nenhuma cruz, meu senhor?

— Nenhuma cruz — declara o príncipe com firmeza.

Encara o abade, que não ousa perguntar mais nada. Mas ele é o conselheiro espiritual deste homem e, depois de mais um instante, fala.

— Todo o túmulo é marcado com o sofrimento do nosso Salvador, e o vosso deve ter a mesma honra.

O rosto de Drácula fica sombrio.

— Não pretendo sujeitar-me por muito tempo à morte — diz em voz baixa.

— Só existe uma forma de escapar à morte — afirma corajosamente o abade, — é através do Redentor, se Ele nos concede a Sua graça.

Drácula olha fixamente para ele por uns minutos e o abade tenta não desviar o olhar.

— Talvez — diz por fim. — Mas encontrei recentemente um homem, um mercador que viajou para um mosteiro no Ocidente. Disse-me que há um lugar na Gália, a igreja mais velha daquela parte do mundo, onde alguns dos monges latinos venceram a morte por meios secretos. Ofereceu-se para me vender os seus segredos, que escreveu num livro.

O abade estremece.

— Deus nos proteja de tais heresias — diz ele, depressa. — Estou certo, meu filho, de que recusastes essa tentação.

Drácula sorri.

— Sabeis como gosto de livros.

— Só existe um Livro verdadeiro, e é a esse que devemos amar com todo o nosso coração e toda a nossa alma — diz o abade, mas ao mesmo tempo é incapaz de tirar os olhos da mão cheia de cicatrizes do príncipe e do punho da espada com que ela brinca. Drácula usa um anel no dedo mínimo; o abade conhece bem, sem ver de perto, o símbolo que se contorce ferozmente nele.

— Vinde.

Para alívio do abade, Drácula aparentemente cansou-se deste debate e levanta-se

súbita e vigorosamente.

— Quero ver os vossos escribas. Vou ter um trabalho especial para eles em breve.

Seguem juntos para o pequenino *scriptorium*, onde três dos monges estão sentados a copiar manuscritos, de acordo com os velhos costumes, e um esculpe letras para imprimir uma página da vida de Santo António. A prensa propriamente dita está a um canto. É a primeira prensa tipográfica da Valáquia, e Drácula passa a mão nela com orgulho, a sua mão pesada, quadrada. O mais velho dos monges do *scriptorium* está numa mesa próxima da prensa, a cinzelar um bloco de madeira. Drácula inclina-se para ele.

— O que vai ser isso, padre?

— São Miguel a matar o dragão, Excelência — murmura o velho monge. Os olhos que ergue são nebulosos, encobertos pelas espessas sobranceiras brancas pendentes.

— Prefiro o Dragão a matar o infiel — diz Drácula, rindo.

O monge sacode a cabeça, mas o abade estremece por dentro outra vez.

— Tenho uma encomenda especial para vós — diz-lhe Drácula. — Vou deixar um desenho ao abade.

Sob o sol do pátio, faz uma pausa.

— Vou ficar para a missa e receber a comunhão das vossas mãos. — Sorri para o abade — Tendes uma cama para mim numa das celas esta noite?

— Como sempre, senhor. Esta casa de Deus é a vossa casa.

— E agora vamos subir à minha torre.

O abade conhece bem esta prática do seu patrono; Drácula gosta sempre de inspecionar o lago e as margens circundantes do ponto mais alto da igreja, como se verificasse se haveria inimigos. Tem bons motivos para isso, pensa o abade. Os Otomanos pedem a sua cabeça ano após ano, o rei da Hungria guarda-lhe não pouco rancor, os seus próprios boiardos detestam-no e temem-no. Existe alguém que não seja seu inimigo, além dos residentes daquela ilha? O abade segue-o lentamente pela escada em espiral, preparando-se para o repicar dos sinos, que está prestes a começar, e que soa muito alto ali em cima.

O domo da torre tem compridas aberturas de cada lado. Quando o abade chega ao cimo, Drácula já está de pé no seu posto favorito, olhando para a água, as mãos entrelaçadas nas costas num gesto característico de quem pensa, planeja. O abade já o viu assim de pé em frente dos seus guerreiros, dirigindo a estratégia para o ataque do dia seguinte. Não parece de modo nenhum um homem em perigo constante um líder cuja morte pode ocorrer a qualquer hora, que devia ponderar a cada momento a questão da sua salvação. Ao contrário, pensa o abade, ele parece alguém que tem o mundo inteiro diante de si.

Este *Pub* teve como base uma digitalização em
Doc feita por Fátima Tomás pelo grupo **Digital Source**.

Junho de 2014
LeYfor



[\[1\]](#) The Rape of the Lock, de Alexander Pope.

[\[2\]](#) Boswell (1740-1795), ensaísta escocês conhecido pela biografia The Life of Samuel Johnson (1791).